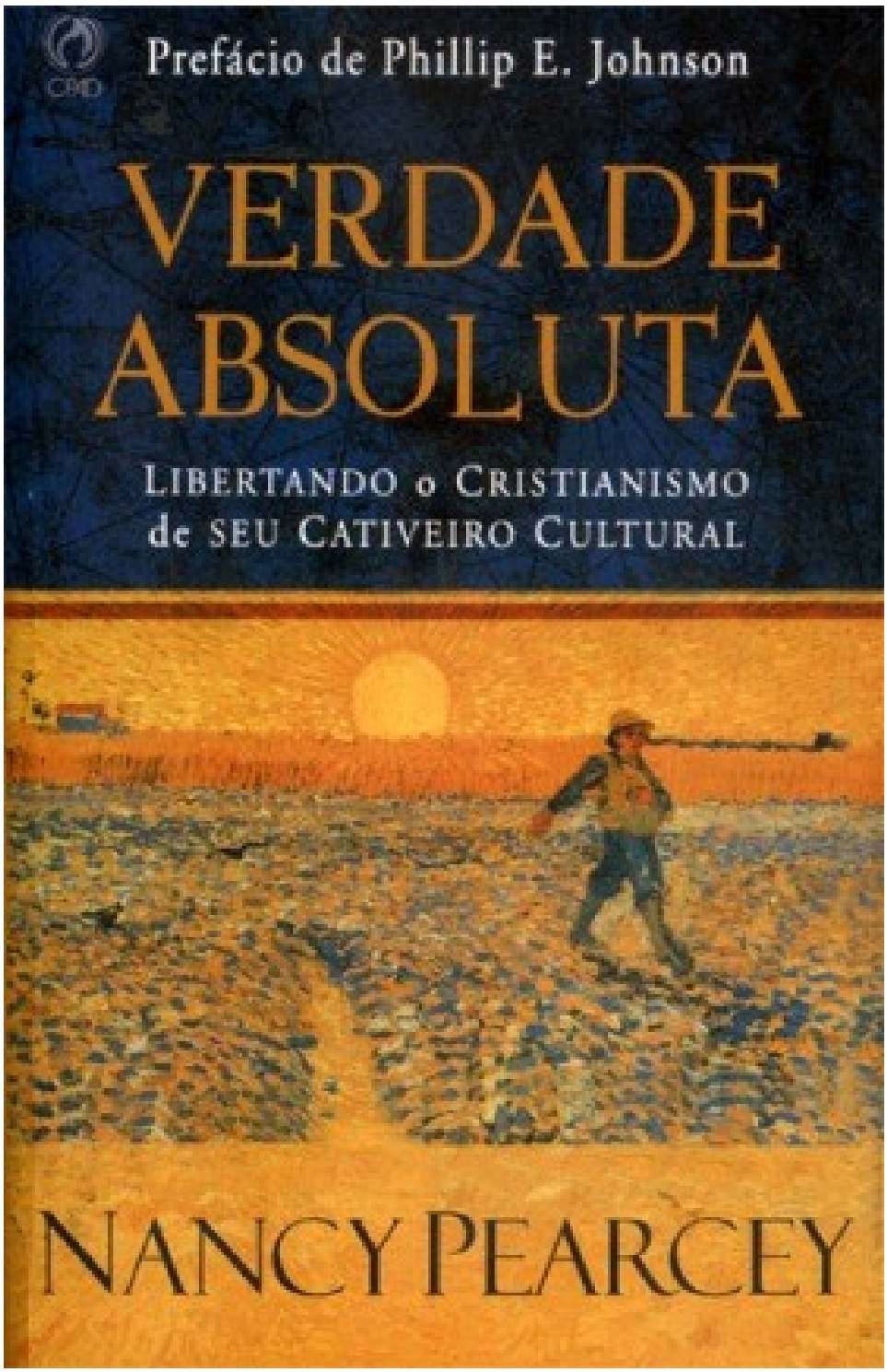


E-book digitalizado por: ***Levita Digital***
Com exclusividade para:

http://ebooksgospel.blogspot.com

www.ebooksgospel.com.br

ANTES DE LER

Estes e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante à aqueles que não tem condições econômicas para comprar.
Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

* * * *

"Se você encontrar erros de ortografia durante a leitura deste e-book, você pode nos ajudar fazendo a revisão do mesmo e nos enviando."
Precisamos de seu auxílio para esta obra. Boa leitura!

E-books Evangélicos

VERDADE ABSOLUTA

Libertando o Cristianismo de seu Cativeiro Cultural

1ª edição
2006

NANCY PEARCEY

Traduzido por Luis Aron

CPAD
Rio de Janeiro

Casa Publicadora das Assembléias de Deus.
Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity*
Crossway Books, Wheaton, Illinois, EUA
Primeira edição em inglês: 2004
Tradução: Luis Aron de Macedo

Preparação dos originais: Luciana Alves
Revisão: Gleyce Duque
Capa: Cláudio Marques
Editoração: Leonardo Marinho

CDD: 201 - Filosofia
ISBN: 978-85-263-0790-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1" edição/2006

O cristianismo não é uma série de verdades no plural,
mas é a Verdade escrita com V maiúsculo.
É a Verdade sobre a realidade total,
não apenas sobre assuntos religiosos.

O cristianismo bíblico é a Verdade concernente à realidade total; é a propriedade intelectual dessa Verdade total,
e então vive segundo essa Verdade.

FRANCIS SCHAEFFER
Em discurso na Universidade de Notre Dame
Abril de 1981

AGRADECIMENTOS

É tarefa prazerosa expressar gratidão às pessoas cujas idéias e vida ajudaram a moldar a mensagem deste livro. Em primeiro lugar, está Francis Schaeffer, por cujo ministério voltei à fé cristã que eu rejeitara em minha adolescência. Após minha primeira visita a L'Abri (que descrevo no Capítulo 1), retornei um ano depois para outro ciclo de estudos, quando também conheci o jovem que se tornou meu marido. Mais tarde, ambos colamos grau pelo Covenant Theological Seminary, em St. Louis, onde Schaeffer lecionava.Visando ter mais estudos de pós-graduação, freqüentamos o Institute for Christian Studies, em Toronto, Canadá, onde fomos embebidos na filosofia dos pensadores holandeses reformados, como Kuyper e Dooyeweerd, cujas idéias foram as sementes para o livro *E Agora, Como Viveremos?,* sobretudo a estrutura global da criação, queda, redenção e restauração. O mesmo plano de fundo se mostra aos leitores deste livro, e, ao fazer referências freqüentes aos seus escritos originais, tenciono inspirar os leitores a descobrir por conta própria estes recursos ricos. Em segundo lugar, devo muito ao Dr. Phillip Johnson, professor emérito de Direito da Universidade da Califórnia, campus Berkeley, que fornece a liderança estratégica para o movimento do desígnio inteligente. Conheço Phil desde 1990, quando o entrevistei para o Bible-Science Newsletter.[1] Seu modo original de moldar o argumento em prol do desígnio revolucionou o debate das origens. De maneira semelhante, seu nome aparece com freqüência ao longo do texto para dirigir os leitores aos seus trabalhos originais. Em meus primeiros anos como jovem cristã, Denis e Margie Haack (fundadores da Ransom Fellowship) deram apoio crucial e estabilidade. No Covenant Theological Seminary, beneficiei-me especialmente dos excelentes ensinos do Dr. Davidjones. No Institute for Christian Studies, um curso de um ano sobre o neoplatonismo mostrou que o Dr. AI Wolters tem o dom raro de dar vida à filosofia grega antiga.Tive também o privilégio de assistir à última aula de filosofia dada pelo neocalvinista Dr. Bernard Zylstra antes de sua morte intempestiva de câncer.

Agradeço a meu tio Bill Overn, físico brilhante, cuja recomendação deu-me uma oportunidade no *Bible-Science Newsletter* em 1977. Nessa instituição, trabalhei por treze anos, escrevendo detalhados artigos mensais para uma seção intitulada "Cosmovisão" sobre a relação entre a ciência e a cosmovisão cristã. Esses longos artigos traçaram o impacto de conceitos evolutivos sobre a educação, psicologia, direito, marxismo, sexualidade, religião da Nova Era e muito mais, material que posteriormente formou a base para grande parte de minha colaboração ao livro *E Agora, Como Viveremos?*[2] como também para o presente livro.

O material para esta obra foi afinado pela interação com várias audiências, e gostaria de agradecer aos seguintes grupos:World Journalism Institute e seu diretor, Bob Case; Faith and Law (associação de integrantes de equipes congressionais); grupos de leitura de *E Agora, Como Viveremos?,* no Capitólio; Regent University of Law; L'Abri, em Rochester, Minnesota; Association of Christian Schools International; Renaissance Group (artistas e apresentadores cristãos); Christian Schools International; Trinity Fórum Academy; e várias faculdades e universidades cristãs. Também me beneficiei da oportunidade de discursar em eventos organizados por grupos de campus cristãos em Princeton, Dartmouth; Universidade Estadual de Ohio; Universidade da Califórnia, campus Santa Bárbara; Universidade de

Minnesota; e Universidade da Califórnia, campus Sul. Sou grata, em especial, a John Mark Reynolds, diretor do Torrey Honors Institute, da Universidade Biola, que me convidou a fazer seminários sobre o livro quando ainda estava em forma de manuscrito, e aos estudantes que contribuíram com avaliações e comentários.

Desejo agradecer ao Discovery Institute's Center for Science and Culture e ao seu diretor, Steve Meyer, por assumirem as despesas da fase inicial de pesquisa do livro. Sua equipe e companheiros formam um grupo altamente profissional de cientistas e estudantes que inspiram e instruem o trabalho uns dos outros de maneiras incontáveis.

Agradeço aos que leram ou discutiram seções do manuscrito: lia Anderson, Lael Arrington, Michael Behe, Katie Braden, David Calhoun, Bob e Kathy Case, Nancy Chan, Roy Clouser, Jim DeKorne, Michael Goheen, Os Guinness, Darryl Hart, Dana Hill, David Jones, Ranald Macaulay, George Marsden.Tim McGrew, Steven Meyer, Udo Middelmann, Kathleen Nielson, J. I. Packer, Dieter Pearcey, Dorothy Randolph, Karl Randolphjay Richards, Jim Skillen, John Vander Stelt, Tyrone Walters, Linda McGinn Waterman, Richard Weikart e AI Wolters.

É uma honra ter como agente Sealy Yates, homem de extrema integridade e coração de servo. O editor da Crossway Books, Lane Dennis, e sua esposa, Ebeth, acolheram o projeto da obra desde o princípio, manifestando entusiasmo fervoroso e sincero. Agradeço muitíssimo à equipe da Crossway, sobretudo ao vice-presidente, Marvin Padgett, e ao editor, Bill Deckard.

Como sempre, a gratidão mais profunda vai para a minha família. Agradeço a meus pais que muito se sacrificaram para enviar seus filhos a escolas luteranas. Tenho uma dívida indescritível para com meu marido, Rick, cujo apoio incansável, perícia editorial e profissional, e formação nos estudos de cosmovisão contribuem para uma proveitosa parceria na escrita. A perspectiva que ele desenvolveu ao longo de anos de experiência editorial no Capitólio mantém-me fundamentada no mundo real. Por fim, dedico o livro a meus dois filhos, Dieter e Michael, na esperança de que eles elaborem uma cosmovisão cristã em seus campos de trabalho, libertando o poder do evangelho para transformar suas vidas e o mundo.

— Nancy Randolph Pearcey
Lake Ridge,Virgínia, EUA
Março de 2004

PREFÁCIO

Quando Nancy Pearcey me convidou para escrever o prefácio do livro de sua cosmovisão, aceitei imediatamente. Senti-me honrado pelo convite, porque se trata de uma obra de importância e habilidade incomum.

Foi um deleite ler e estudar o manuscrito, por isso sinto que presto um serviço a todo leitor em potencial, incentivando-o a ler estas páginas como eu. Nancy Pearcey é uma escritora muito respeitada por todos que conhecem seu trabalho. Espero que, com este livro, ela receba a aclamação que seu pensamento e escritos há muito vêm merecendo, e que os leitores encontrem em sua mensagem de libertação a chave para a renovação espiritual e intelectual.

Seria atenuar os fatos dizer que a cosmovisão ou visão de mundo é um tópico importante. Diria que compreender como são formadas as cosmovisões e como guiam ou limitam o pensamento é o passo essencial para entender tudo o mais. Compreender isso é algo como tentar ver o cristalino do próprio olho. Em geral, não vemos nossa própria cosmovisão, mas vemos tudo olhando por ela. Em outras palavras, é a janela pela qual percebemos o mundo e determinamos, quase sempre subconscientemente, o que é real e importante, ou irreal e sem importância.

Uma cosmovisão é, talvez, uma coletânea de preconceitos. Neste caso, eles são necessários, porque não podemos começar de uma folha em branco, e, sozinhos, investigar tudo do nada. Quando alguém me fala que recebe a orientação de Deus em oração, ou que a ciência é nosso único meio de saber algo com certeza, ou que não há diferença objetiva entre o bem e o mal, preciso ter um quadro de referência verificável para me dizer de imediato se a pessoa está equivocada ou se diz algo que é suficientemente sensato para merecer consideração séria.

De maneira semelhante, quando falo a meus colegas de trabalho, os professores da Berkeley, que não acredito na Teoria da Evolução, preciso saber por que eles acham tão difícil me levar a sério ou acreditar que minha objeção à teoria está baseada em evidências científicas e não no livro de

Gênesis. A razão é que a evolução, com a filosofia que a acompanha, está identificada com sua cosmovisão em níveis tão profundos que eles não conseguem imaginar como a teoria pode ser contrária às evidências.

Cada um de nós tem uma cosmovisão. Esta governa nosso pensamento mesmo quando — ou em especial quando — não estamos percebendo. Não é incomum haver indivíduos bem-intencionados que têm a plena certeza de que são cristãos, pois freqüentam a igreja fielmente e até ocupam um cargo de liderança, mas que absorvem uma cosmovisão que lhes facilita ignorarem os princípios cristãos na vida real. Para eles, seus sinceros preceitos estão mantidos em uma categoria mental, ao passo que a tomada de decisão prática está em outra. Tais pessoas acreditam que Jesus está vindo para julgar o mundo, mas, ao mesmo tempo, vivem como se os padrões deste mundo fossem a única coisa que precisasse ser levada em consideração.

Do mesmo modo, é provável que a educação cristã seja um exercício fútil se não prepara os jovens para sobreviver aos desafios da cosmovisão que seguramente encontrarão — assim que deixarem a segurança do lar cristão —, e também para confrontá-los. Na

verdade, não é inverossímil que ainda em casa e sob educação em ambiente cristão ocorra esse confronto em virtude da influência penetrante da mídia e da Internet. Por exemplo, o jovem é criado em princípios cristãos bastante sadios, mas também é criado entendendo que esses preceitos se ajustam a uma categoria especializada chamada "crença religiosa".

Cedo ou tarde, esse jovem descobrirá que os professores da faculdade (às vezes, até professores cristãos) agem conforme a suposição implícita de que as crenças religiosas são o tipo de coisa que se espera que a pessoa deixe de lado quando se dá conta de como o mundo de fato funciona; e que, em geral, é louvável "crescer" afastando-se gradualmente dessas crenças como parte do processo normal de amadurecimento.

Por que esses professores pensam assim? Claro que são influenciados pelo sistema de crenças dominante em sua cultura universitária, que é também a cultura em vigor em salas de notícias de jornais ou estações de televisão. Mas dizer que as pessoas são influenciadas pelo ambiente cultural não explica como a cultura veio a ser o que é, quando outrora era muito diferente. Para vivermos na cultura moderna ou pós-moderna sem sermos vencidos por seus preconceitos ocultos, precisamos reconhecer tais preconceitos, entender que tipo de pensamento os trouxe à existência e explicar a nós mesmos e aos outros o que está errado com as suposições difundidas que vêm rotuladas de "o modo como todas as pessoas racionais pensam", e que acabará com nossa crença se não estivermos alertas.

Uma boa educação na análise de cosmovisão é elemento tão básico do sistema de defesa do cristão hodierno quanto era o escudo nos dias em que o viajante prudente precisava estar preparado para repelir ataques de ladrões brandindo espadas. Em nossos dias, os bandoleiros intelectuais roubam dos jovens a fé, e o fazem servindo-se de argumentos baseados na areia movediça de "o que todo o mundo sabe" e "o modo como pensamos hoje". Estes jovens precisam encontrar a rocha e saber por que ela é sólida, e por que o mundo prefere a areia movediça.

Só alguém muito talentoso é capaz de escrever um livro sobre análise de cosmovisão que torne a leitura instigante à pessoa comum, mas que também esteja bem fundamentada na erudição para transmitir um entendimento profundo do assunto, em vez de oferecer mero conhecimento superficial. Todos sabem que a cultura mudou muito durante o século XX, porém poucos entendem como a mudança foi provocada por idéias e hábitos que, a princípio, mostravam-se excêntricos ou só de importância secundária, mas que, no fim, acabaram se infiltrando na cultura popular e revelando-se quase irresistíveis. A situação em que nos encontramos hoje tem raízes profundas no pensamento de tempos mais antigos. A conduta que, não faz muito tempo, era considerada perversa ou criminosa, hoje não só é tolerada, mas também é a nova norma. Quem ousa desaprovar esse comportamento, ou apenas não aplaudir a nova norma com entusiasmo suficiente, corre o risco de sentir todo o peso da desaprovação da sociedade. A mudança de conduta foi ocasionada pelas mudanças na cosmovisão, que levou os seguidores do novo método a pensar de forma diferente.

Com esta introdução, convido-o a ler Nancy Pearcey.Você terá leitura prazerosa e achará todos os elementos e informações básicas e necessárias para produzir uma mente cristã com um mapa da realidade que de fato funciona. Quando pais, pastores, pedagogos e líderes cristãos aprenderem a dar a este assunto a importância que merece e a praticá-lo, mesmo quando o ensinam em casa, do púlpito e em sala de aula, os cristãos descobrirão que não são mais medrosos e tímidos quando têm de tratar das declarações da sabedoria mundana. Portanto, comecemos.

— Phillip E. Johnson
Berkeley, Califórnia, EUA

Janeiro de 2004

Sumário

Agradecimentos • 07
Prefácio • 11

Introdução •19
• Política não Basta • Perdendo os Filhos • Coração *versus* Cérebro
• Só Questão de Poder? • Mapas Mentais • Não só Educacional
• Formação em Cosmovisão

Parte Um: O que Há numa Cosmovisão?
Capítulo 1: Destruindo a Grade • 33
• Mentes Divididas • Desistentes de Escolas Bíblicas • Tentação Sutil
• Ídolo do Iluminismo • Duas Cidades • Absolutamente Divino
• A Chave de Fenda de Aristóteles
• Caixa de Ferramentas Bíblicas *(Criação; Queda; Redenção)*
• Siga as Placas • Nascidos para Crescer
• Uma Odisséia Pessoal *(Manifesto de Incredulidade; Como um Fazendeiro Suíço; Deus Vence)*
• Repreensores e Moralistas • Por Amor com Criatividade *(Filósofos Cristãos fora do Gabinete; Religião: Bom para a Saúde; Império Benevolente)*

Capítulo 2: Redescobrindo a Alegria de Viver • 71
O Segredo de Sealy • Culpa Política • Tornando-se Bilíngües • Divisão Maior • Devoção Incoerente • Esquizofrenia Cristã *(Por que Platão é Importante; O Malvado Agostinho; Aristóteles e Aquino; Penugens de Graça; Os Reformadores se Rebelam)* • Fuga do Dualismo *(Criação: As Impressões Digitais de Deus por toda Parte; Queda: Onde Traçar a Linha; Redenção: Depois do Grande Divórcio)* • Cristianismo fora de Equilíbrio *(Mais que Pecadores; Descendência de Deus; Vasos de Barro; Maior Consciência?; O Grande Drama; Servindo a Dois Senhores)* • Agora, Tudo Junto

Capítulo 3: Mantendo a Religião em seu Lugar •109
Razão Solta • Efeito Colateral • Divisão Cartesiana • Contradição Kantiana • Ateus intelectualmente Satisfeitos • Salto de Fé Secular • Guerra de Cosmovisões • Sua Cosmovisão É muito Pequena • "Fatos" Imperialistas • Conflitos Universitários • Sobras do Liberalismo • Evangelismo Hoje • Espírito dos Tempos • O Verdadeiro Mito de C. S. Lewis
• A Verdade Inteira

Capítulo 4: Sobrevivendo no Período espiritualmente Estéril • 139
O Mistério do Proibido • Sem Cortina de Fumaça • Cosmovisão Envolvente *(Consertando as Ruínas; Reequipando a Família com Ferramentas; Por Amor das Crianças;Mobilizando a Trindade)* • Cosmovisão em Prática *(A Heresia de Marx; Rousseau e Revolução; A Religião Sexual de Sanger, Budista no Céu)* • Missionários de Cosmovisão

Parte Dois: Começando do Começo

Capítulo 5: Darwin e os Ursos Berenstain • 171

Ácido Universal • Naturalismo de Jardim de Infância • Fiandeiras em Ciência *(Os Bicos dos Tentilhões de Darwin; Drosófilas com Disjunções Orgânicas; Mariposas Adulteradas; A Fraude mais Famosa)* • Detectores de Bobagens • Cientistas do Equilíbrio Pontuado • Pássaros, Morcegos e Abelhas • O Pé Divino na Porta • A Evolução Alcança a Religião • De Berkeley para a Salvação • Sistema Fechado, Mentes Fechadas • Ganhando um Lugar à Mesa • Toda Criança que Vai à Escola Sabe

Capítulo 6: A Ciência do Bom Senso • 201

Homenzinhos Verdes • Relojoeiro Cego? • Marcas de Desígnio *(A Montanha-Russa nas Células; Behe e a Caixa Preta; Um Universo Construído para Você; Coincidências Cósmicas, Quem Escreveu o Código Genético?, Filtro Explicativo)* • Mais que Acaso • Contra a Lei • Não há Regras para *Hamlet* • O Meio não E a Mensagem *(Teste Positivo; Três Categorias)* • Relativistas Cristãos • Fadas • Da Cadeira do Naturalista

Capítulo 7: Hoje Biologia, amanhã o Mundo • 231

Darwinismo Universal • Evolução para Todos • Fundamentalismo Darwinista sobre o Estupro • Mães como Animais • O Tema *Animais* de Peter Singer • Cultura Darwinizante • O Ácido Ataca de Novo • Dizendo aos Genes que Pulem no Lago • Mapas Mentais • Cuidado com Cientistas que Usam Valores • O Dilema de Leo Strauss • Darwinistas Nascidos de Novo • A Cozinha como Sala de Aula

Capítulo 8: Os Darwins da Mente • 253

Holmes Perde a Fé • A Nova Lógica de Darwin • O Valor Disponível de uma Idéia • O que a Religião Vale para Você? • Dureza *versus* Brandura • Os Discípulos de Darwin • Transformando os Estados Unidos *(Evolua Deus; Por que os Juízes Fazem Leis; Os Dilemas de Dewey)* • Incapacitando os Professores • Inventando a Própria Realidade *(Guardando a Fé com Darwin)* • Tom Wolfe e a Dúvida de Darwin • A Verdade do Cano de Arma • O Deus que Intervém • A Guerra Cognitiva

Parte 3: Como Perdemos a Mente Cristã

Capítulo 9: O que Há de tão Bom no Evangelicalismo? • 279

Denzel Perguntou à Diaconisa • Avançando no Passado • Ficha de Identificação • E o Vencedor É • Quando a Ajuda do Governo Prejudica • A Religião do Velho Oeste • Cavaleiros na Tempestade • Desavença de Fronteira (*Whitefield pelos EstadosUnidos; Coração* versus *Cabeça; Individualismo Desafiador)*

Capítulo 10: Quando os Estados Unidos Encontraram a Cristandade, Adivinhe quem Ganhou? • 305

A Democracia Vai à Igreja *(Um Político por um Sacerdote; Correntes para nossos Filhos?, Meio-Americano; Salvação Agora)* • Estados Unidos, os Naturais • Movendo 1.800 Anos • Cristãos para Jefferson • Sem Guarda de Trânsito • Povo que Vencia por Esforço Próprio • Pregador, Ator, Contador de Histórias • Estilo de Celebridade • Confiamos nas Relações Públicas • Mexendo os Pauzinhos • Não É um Álbum Fotográfico de Tratantes • Subida do Eu Soberano

Capítulo 11: A Verdade dos Evangélicos em Dois Pavimentos • 329
Informação Escocesa • A Ciência das Escrituras • A Sopa Racionalista de Campbell • Livros Antigos para o Homem Moderno • *Sola Scriptura?* • A Visão de Lugar Nenhum • Tornando-se Inconstante *(Uma Ciência do Dever, Matemático Celestial; Cegos por Bacon, Religião nas Horas Vagas)* • Dando Sentido ao Bom Senso • Reid Romanos 1 *(Cores e Formas; Só um Hábito?; Você não É Ninguém?; Mera Química?)* • Ministro da Desinformação • "Trapaça" Filosófica • Sinais de Vida Inteligente • Crentes Compartimentados

Capítulo 12: Como as Mulheres Começaram a Guerra Cultural • 363
As Mulheres e os Despertamentos • Casas Trabalhando • Masculinidade Comunal • O Lar como Porto Seguro • Por que os Homens Saíram de Casa • O Homem Apaixonado • Domesticando Homens • Feminizando a Igreja • Moralidade e Misericórdia • Padrões Femininos, Ressentimento Masculino • Homens Másculos • Pais Brincalhões • A Fúria Feminista • O que as Mulheres Perderam? • Remoralizando os Estados Unidos • Sem Duplo Padrão • Reconstituindo o Lar • Particular e Pessoal • Projeto de Vida

Parte 4: E agora? Vivendo intensamente
Capítulo 13: A Verdadeira Espiritualidade e a Cosmovisão Cristã • 393 A Liberdade de Wurmbrand • A Crise de SchaefFer • ídolos do Coração • A Teologia da Cruz • Rejeitado, Morto, Ressuscitado • Máquinas Produtoras de Vida • Sua Obra, seu Jeito • Ouro, Prata, Pedras Preciosas • Resultados Garantidos • Comercializando a Mensagem • Mais Dinheiro, mais Ministério • Instruções Operacionais • De Bons para Grandes • Amando bastante para Confrontar • Sem Pessoas Comuns • Os Verdadeiros Líderes Servem • Acertando Fazendo "Errado" • A Verdadeira Espiritualidade

Apêndices

Apêndice 1 • 427
Como a Política Americana se Secularizou

Apêndice 2 • 431
O Islamismo Moderno e o Movimento da Nova Era

Apêndice 3 • 437
A Longa Guerra entre o Materialismo e o Cristianismo

Apêndice 4 • 443
Os Ismos em Retirada: Apologética Prática em L'Abri

INTRODUÇÃO

Seu livro diz que os cristãos são chamados para resgatar culturas inteiras e não só indivíduos", comentou um professor que me acompanhava no almoço em uma conferência onde eu havia acabado de palestrar. E acrescentou, com expressão reflexiva no rosto: "Nunca tinha ouvido isso".

O professor estava falando de *E Agora, Como Viveremos?,*[1] e ao ouvir essas palavras encarei-o com surpresa. Ele estava dizendo que *nunca ouvira* falar da idéia de ser uma força redentora em cada área da cultura? Confirmando com a cabeça, respondeu:"E isso mesmo. Sempre pensei em salvação em termos de almas individualmente salvas".

Essa conversa confirmou minha decisão de escrever um livro que continuasse a lidar com os temas da cosmovisão abordados em *E Agora, Como Viveremos?* Há alguns anos, quando comecei meu trabalho naquele livro, usar o termo *cosmovisão* não despertava interesse em boas conversas. Falar às pessoas que alguém estava escrevendo um livro sobre cosmovisão arriscaria receber olhares fixos e mudança rápida de assunto. Mas hoje, ao viajar pelos Estados Unidos, sinto a impaciência entre os evangélicos de ter mais que uma fé puramente privatizada, que aplique princípios bíblicos a áreas como trabalho, negócio e política. Abra ao acaso qualquer publicação cristã e achará meia dúzia de anúncios de conferências sobre cosmovisão, assim como institutos e programas. Claro que nos dias atuais o termo em si tem forte cunho de marketing, fato que assinala fome intensa entre os cristãos de uma estrutura envolvente que traga unidade às suas vidas.

Este livro se dirige a quem tem fome e oferece nova direção para promover o movimento da cosmovisão. Ele ensina a identificar a divisão entre o secular e o sagrado, que mantém a fé trancada na esfera particular da "verdade religiosa". Conduz o leitor por etapas práticas e executáveis para formar habilmente uma cosmovisão cristã na vida e no trabalho, além de ensinar a aplicar uma grade de cosmovisão para sair do labirinto desnorteante de idéias e ideologias que há no mundo pós-moderno.

O propósito dos estudos de cosmovisão não é nada menos que libertar o cristianismo de seu cativeiro cultural, desatrelando seu poder para transformar o mundo.

"O evangelho é como um leão enjaulado", disse o grande pregador batista Charles Spurgeon. "Não precisamos defendê-lo, só precisamos deixar que saia da jaula." Hoje, a jaula é nossa acomodação à divisão secular/ sagrado que reduz o cristianismo a questão de crença pessoal e particular. Para destrancarmos a jaula, precisamos nos convencer de que, como disse Francis Schaeffer, o cristianismo não é mera verdade religiosa, mas a verdade total — a verdade sobre a totalidade da realidade.

POLÍTICA NÃO BASTA

A razão de a mensagem da cosmovisão ser tão atrativa hoje é que ainda estamos emergindo da era fundamentalista de princípios do século XX. Até essa época, os evangélicos tinham desfrutado uma posição de domínio cultural nos Estados Unidos. Entretanto, após o julgamento de Scopes e o surgimento do modernismo teológico, os conservadores religiosos se recolheram em si mesmos:"Fizeram um círculo com as carroças", desenvolveram uma mentalidade de fortaleza e patrocinaram o "separatismo" como estratégia positiva. Depois, nas décadas de 40 e 50, iniciou-se o movimento que

almejava acabar com a fortaleza. Denominando-se *neo-evangélicos,* este grupo argumentava que somos chamados não para fugir da cultura circundante, mas para envolvê-la. O propósito era construir uma visão redentora que englobasse os indivíduos e as entidades e instituições sociais.

Contudo, muitos evangélicos não tinham as ferramentas conceituais para a tarefa, fato que seriamente lhes limitou o sucesso. Por exemplo, nas últimas décadas muitos cristãos reagiram ao declínio moral e social na sociedade americana adotando o ativismo político. Os crentes estão se candidatando a cargos públicos em quantidade cada vez maior; as igrejas estão organizando inscrições eleitorais; grupos públicos de política estão proliferando; grande número de publicações cristãs e programas de rádio oferece comentários sobre assuntos públicos. Este ativismo intensificado deu bons resultados em muitas áreas da vida pública, mas o impacto é menor do que se esperava. Por quê? Porque os evangélicos arriscaram tudo em apenas uma única questão: Lançaram-se ao ativismo político como o modo mais rápido e mais seguro de fazer diferença no cenário público, sem perceber que a política tende a espelhar a cultura e não o contrário.

Nada ilustra com mais clareza a obsessão dos evangélicos pela política que a história relatada por um advogado cristão. Pensando se aceitaria um emprego na capital dos Estados Unidos, ele consultou o líder de um ministério atuante, na região de Washington, que lhe disse:"Você pode ficar onde está e continuar advogando, ou pode ir para Washington e *mudar a cultura".* A implicação era que o único meio de efetuar mudança cultural era pela política nacional. Hoje, guerreiros políticos cansados da batalha estão mais realistas acerca dos limites dessa estratégia. Aprendemos que "a política é o rio abaixo da cultura e não o contrário", diz Bill Wichterman, conselheiro político do líder da maioria do senado, Bill Frist. "A verdadeira mudança tem de começar com a cultura. Tudo que podemos fazer no Capitólio é achar meios em que o governo crie tendências culturais saudáveis".[2]

Em comentário semelhante, um membro do Congresso Americano me disse: "Eu me envolvi com política depois que a lei a favor do aborto foi promulgada em 1973, porque pensei que fosse o caminho mais rápido para a reforma moral. Ganhamos algumas vitórias legislativas, mas *perdemos a cultura".* O trabalho mais eficaz, ele viera a perceber, é feito por cristãos comuns, cumprindo o chamado de Deus para reformar a cultura em suas esferas locais de influência — famílias, igrejas, escolas, bairros, lugares de trabalho, organizações profissionais e instituições cívicas. Para efetuar mudanças duradouras, concluiu o congressista americano, "precisamos desenvolver uma cosmovisão cristã".

Perdendo os Filhos

"Perdemos a cultura" e continuamos perdendo nossos filhos. A história trágica e repetitiva é que os jovens crentes, criados em lares cristãos, vão para a faculdade e abandonam a fé. Por que este padrão é tão comum? Em grande parte, porque eles não foram ensinados a desenvolver uma cosmovisão bíblica. Em vez disso, o cristianismo é restrito a uma área especializada de crença religiosa e devoção pessoal.

Recentemente li um exemplo notável. Em certa escola secundária cristã americana, um professor de teologia colocou-se à frente da sala de aula e, de um lado do quadro-negro, desenhou um coração e, do outro, um cérebro. Os dois desenhos ocupavam partes iguais do quadro. Virando-se para a classe, disse: O coração é o que usamos para a religião, ao passo que fazemos uso do cérebro para a ciência.

Uma história apócrifa? Uma caricatura de anti-intelectualismo cristão? Não, a história foi narrada por uma jovem que naquele dia estava na sala.

Pior, entre uns duzentos alunos, e ela foi a única que contestou. Pelo visto, os demais

não acharam nada incomum restringir a religião ao domínio do "coração".[3]

Na função de pais, pastores, professores e líderes cristãos de grupo de mocidade, vemos constantemente os jovens humilhados pela contracorrente de tendências culturais poderosas. Se tudo que lhes dermos for uma religião do "coração", não serão bastante fortes para se oporem à isca de idéias atraentes e perigosas. Os jovens crentes também precisam de uma religião do "cérebro" — educação em cosmovisão e apologética — para equipá-los na análise e crítica de cosmovisões concorrentes que eles encontrarão no mundo afora. Se estiverem prevenidos e armados, os jovens pelo menos terão a chance de lutar quando forem a minoria entre os companheiros de classe ou colegas de trabalho. Educar os jovens a desenvolver uma mente cristã já não é opção; é parte indispensável do equipamento de sobrevivência.

Coração *versus* Cérebro

O primeiro passo para formar uma cosmovisão cristã é superar esta divisão severa entre "coração" e "cérebro".Temos de rejeitar a divisão de vida em uma esfera sagrada, limitado a coisas como adoração e moralidade pessoal, em oposição a uma esfera secular que inclui ciência, política, economia e o restante do cenário público. Esta dicotomia em nossa mente é a maior barreira para liberar o poder do evangelho por toda a cultura de hoje.

Esse conceito é reforçado por uma divisão muito mais ampla que racha a estrutura da sociedade moderna. Trata-se do que os sociólogos chamam de divisão público/particular. "A modernização provoca uma dicotomização moderna da vida social", escreve Peter Berger."A dicotomia está entre as instituições enormes e imensamente poderosas da esfera pública [com isso, ele quer dizer o estado, a educação, as grandes corporações] [...] e a esfera particular [o âmbito da família, igreja e relações pessoais]".

As grandes instituições públicas afirmam que são "científicas" e "livres de valores", o que significa que são relegadas à esfera particular da escolha pessoal. Como explica Berger:"0 indivíduo conta apenas com dispositivos próprios na extensa gama de atividades que são cruciais para a formação de uma identidade significativa, desde expressar sua preferência religiosa a adotar um estilo de vida sexual".[4] Poderíamos esquematizar a dicotomia assim:

As sociedades modernas estão nitidamente divididas:

ESFERA PARTICULAR
Preferências Pessoais

ESFERA PÚBLICA
Conhecimento Científico

Em suma, a esfera particular é levada pelas ondas do relativismo moral. Note a impressionante expressão de Berger:"preferência religiosa". A religião não é considerada uma verdade objetiva à qual *nos submetemos,* mas trata-se de mera questão de gosto pessoal que *escolhemos.* Por conta disto, a dicotomia chega a ser denominada divisão fato/valor.

Os valores foram reduzidos a decisões arbitrárias e existenciais:

VALORES
Escolha Individual

FATOS
Ligados a Todos

Como explica Schaeffer, o conceito da verdade está dividido — processo que ele ilustra com a imagem de um edifício de dois pavimentos. No pavimento de baixo estão a ciência e a razão, consideradas a verdade pública, atinentes a todo o mundo. Em contrapartida, há o pavimento de cima, da experiência não-cognitiva, que é o lócus do significado pessoal. Este é o reino da verdade particular, onde ouvimos as pessoas dizerem: "Isso é verdade para você, mas não é para mim".[5]

A teoria da verdade em dois pavimentos:

PAVIMENTO DE CIMA
Não Racional, Não-cognitivo

PAVIMENTO DE BAIXO
Racional,Verificável

Quando Schaeffer estava escrevendo, o termo *pós-modernismo* não tinha sido cunhado, mas é lógico que era sobre isso que ele falava. Hoje, diríamos que no pavimento de baixo está o modernismo, que ainda afirma possuir a verdade universal e objetiva, ao passo que no pavimento de cima está o pós-modernismo.

A verdade em dois pavimentos de hoje:

PÓS-MODERNISMO
Subjetivo, Relativo a Grupos Particulares

MODERNISMO
Objetivo, Universalmente Válido

A razão de ser tão importante que aprendamos a reconhecer esta divisão é que se trata da arma mais poderosa que deslegitima a perspectiva bíblica no cenário público de hoje. Veja como funciona: Os secularistas são politicamente muito astutos para atacar a religião de modo frontal ou ridicularizá-la como falsa. Então, o que fazem? Eles consignam a religião à esfera do *valor,* desta forma excluindo-a da esfera do verdadeiro e do falso. Assim, os secularistas podem nos assegurar de que "respeitam" a religião, ao mesmo tempo em que negam haver relevância com a esfera pública.

Como disse Phillip Johnson, a divisão fato/valor "permite que os naturalistas metafísicos apazigúem as pessoas religiosas potencialmente problemáticas, garantindo-lhes que a ciência não descarta a *'crença* religiosa' (uma vez que não almeje ser *conhecimento)"* .[h] Em outras palavras, contanto que todos entendam que é apenas questão de sentimentos

particulares. A grade de dois pavimentos funciona como guardiã que define o que deve ser levado a sério como conhecimento genuíno e o que pode ser rejeitado como simples desejo-satisfação.

Só Questão de Poder?

Esta mesma divisão também explica por que os cristãos têm a dificuldade de comunicar-se no campo da discussão pública. É crucial percebermos que os não-crentes estão constantemente filtrando o que dizemos através da grade mental fato/valor. Por exemplo, quando declaramos a posição sobre o aborto, ou a bioética, ou a homossexualidade, queremos afirmar uma verdade moral objetiva importante para a saúde da sociedade; porém, eles pensam que estamos expressando somente nosso preconceito subjetivo. Quando dizemos que há evidências científicas a favor do desígnio no universo, *nós* queremos demarcar uma verdade examinável; mas *eles* dizem: "O direito religioso está se apoderando do poder político". A grade fato/valor dissolve de imediato o conteúdo objetivo de tudo que dizemos. Não teremos êxito em apresentar o conteúdo de nossa crença na discussão pública, a menos que encontremos meios de primeiro passar por esta guardiã.

É por isso que Lesslie Newbigin advertiu que o conceito dividido da verdade é o fator primário no "cativeiro cultural do evangelho". Mantém preso o cristianismo no pavimento de cima dos valores privatizados, e o impede de causar efeito na cultura pública.[7] Tendo trabalhado como missionário na índia por quarenta anos, Newbigin pôde discernir o que é distintivo no pensamento ocidental com mais clareza que nós, o qual esteve imerso por toda a nossa vida. Ao voltar para o Ocidente, ele ficou surpreso pelo modo como a verdade cristã foi marginalizada. Newbigin viu que toda posição rotulada de *religião* é colocada no pavimento de cima dos valores, onde não é mais considerada conhecimento objetivo.

Para dar um exemplo recente, no debate sobre pesquisa de células-tronco embrionárias, o ator Christopher Reeve disse a um grupo de alunos da Universidade de Yale: "Quando questões de política pública estão em debate, *nenhuma religião deve ter um lugar à mesa"?*

Para recuperar um lugar à mesa do debate público, os cristãos têm de encontrar um meio de vencer a dicotomia entre o público e o particular, o fato e o valor, o secular e o sagrado. Precisamos libertar o evangelho de seu cativeiro cultural e restabelecê-lo ao *status* de verdade pública. "A jaula que forma a prisão para o evangelho na cultura ocidental contemporânea é a acomodação [da igreja] [...] à dicotomia fato/valor", afirma Michael Goheen, professor de estudos sobre cosmovisão.[9] Somente com a recuperação da visão holística da verdade total é que conseguiremos libertar o evangelho para se tornar a força redentora em todas as áreas da vida.

Mapas Mentais

Afirmar que o cristianismo é a verdade sobre a realidade total significa dizer que é uma cosmovisão que envolve tudo. O termo significa, em seu sentido literal, *visão do mundo,* uma perspectiva biblicamente instruída sobre a totalidade da realidade. A cosmovisão é como um mapa mental que nos diz como navegar de modo eficaz no mundo. É a impressão da verdade objetiva de Deus em nossa vida interior.

Poderíamos dizer que cada um de nós tem um modelo do universo dentro da cabeça que nos diz como o mundo é e como viver nele. Um clássico sobre cosmovisões é o livro intitulado O *Universo ao Lado,* que sugere que todos temos um universo mental ou conceituai no qual "vivemos" — uma rede de princípios que explica as questões

fundamentais da vida: Quem somos? De onde viemos? Qual é o propósito da vida? O autor do livrojames Sire, convida os leitores a examinar muitas cosmovisões para entenderem o universo mental mantido pelas outras pessoas — as que vivem no "universo ao lado".

Cosmovisão não é a mesma coisa que filosofia formal; caso contrário, só seria pertinente a filósofos profissionais. Até as pessoas comuns têm um conjunto de crenças sobre como a realidade funciona e como deveriam viver. Por termos sido feitos à imagem de Deus, todos buscamos dar sentido à vida. Certas crenças são conscientes, ao passo que outras são inconscientes, mas juntas formam um quadro mais ou menos consistente da realidade. Os seres humanos "são incapazes de manter opiniões puramente arbitrárias ou tomar decisões sem quaisquer princípios", escreve Al Wolters num livro sobre cosmovisão. Porque somos por natureza seres racionais e responsáveis, sentimos que "precisamos de algum credo pelo qual viver, algum mapa pelo qual traçar nosso curso".[10]

A noção de que precisamos de tal "mapa" surge, em primeiro lugar, da visão bíblica da natureza humana. Os marxistas afirmam que, no final das contas, o comportamento humano é moldado pelas circunstâncias econômicas; os freudianos atribuem tudo a instintos sexuais reprimidos; e os psicólogos comportamentais encaram os seres humanos pela ótica de mecanismos de estímulo-resposta. Todavia, a Bíblia ensina que o fator dominante nas escolhas que fazemos é nossa crença suprema ou compromisso religioso. Nossa vida é talhada pelo "deus" que adoramos — quer o Deus da Bíblia quer outra deidade substituta.

O termo *cosmovisão* é tradução da palavra alemã *Weltanschauung,* que significa "modo de olhar o mundo" *(welt,* "mundo"; *schauen,* "olhar"). O romantismo alemão desenvolveu a idéia de que as culturas são conjuntos complexos nos quais certa perspectiva sobre a vida, ou o "espírito" da época, é expressa pelo painel da própria vida — na arte, literatura e instituições sociais, bem como na filosofia formal. O melhor modo de entender os produtos de qualquer cultura é entender a cosmovisão subjacente que se expressa. No entanto, a cultura muda ao longo do curso da história, e, assim, o uso original do termo cosmovisão denotou relativismo.

Mais tarde, a palavra foi apresentada nos círculos cristãos por pensadores holandeses neocalvinistas, como Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. Eles argumentavam que os cristãos não podem se opor aos princípios da época em que vivem, a menos que desenvolvam uma cosmovisão bíblica de igual modo abrangente — uma perspectiva sobre a vida que dê origem a formas de cultura distintamente cristãs —, com a qualificação importante de que não seja a mera crença relativística de uma cultura em particular, mas que esteja baseada na própria Palavra de Deus, a verdade para todas as épocas e lugares."

Não só Educacional

A medida que o conceito de cosmovisão se torna comum, é fácil ser mal compreendido. Alguns a encaram como outra matéria acadêmica a dominar — um exercício mental ou estratégia de "como fazer". Outros tratam a cosmovisão como se fosse uma arma na guerra cultural, uma ferramenta para o ativismo mais eficaz. Outros ainda (valha-me Deus!) a tratam pouco mais que uma nova palavra de efeito ou um recurso publicitário usado para deslumbrar o público e atrair doadores.

O pensamento da genuína cosmovisão é muito mais que estratégia mental ou nova informação nos acontecimentos atuais. Em seu cerne, é um aprofundamento de nosso caráter espiritual e do caráter de nossa vida. Começa com a submissão de nossa mente ao Senhor do universo — a disposição voluntária de sermos ensinados por Ele. A força motriz dos estudos da cosmovisão tem de ser um compromisso a: "Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu

entendimento..." (Lc 10.27)

É por isso que a condição crucial para o crescimento *intelectual* é o crescimento *espiritual,* pedindo a Deus a graça de levar "cativo todo entendimento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5). Deus não é apenas o Salvador de almas, é também o Senhor da criação. Um modo de reconhecermos seu senhorio é interpretar todo aspecto da criação, levando em conta a verdade divina. A Palavra de Deus torna-se os óculos que oferecem nova perspectiva sobre todos os nossos pensamentos e ações.

Como ocorre com cada aspecto da santificação, a renovação da mente é dolorosa e difícil. Requer trabalho duro e disciplina, inspirado por um amor sacrificai a Cristo e um desejo ardente de edificar o seu Corpo, a Igreja. Para termos a mente de Cristo, devemos estar dispostos a sermos crucificados com Ele, indo aonde quer que nos conduza — a qualquer preço. "Pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus" (At 14.22). A medida que nos submetemos ao refinamento no fogo do sofrimento, nossos desejos são purificados e acabamos desejando nada mais que curvar toda fibra de nosso ser, inclusive nossas faculdades mentais, para cumprir a Oração do Senhor:"Venha o teu Reino".Ansiamos por entregar todos os nossos talentos e dons aos seus pés a fim de promover os seus propósitos no mundo. Desenvolver uma cosmovisão cristã significa submeter nosso "eu" a Deus, em ato de devoção e serviço a Ele.

Formação em Cosmovisão

Este livro aborda o tópico da cosmovisão tecendo discernimentos provenientes de três linhas.[12] A Parte 1 leva em consideração a dicotomia secular/sagrado, o que restringe o cristianismo à esfera da verdade religiosa, criando mentes hipócritas e vidas fragmentadas. Para termos integridade pessoal, devemos estar propensos a desnudar todos os aspectos de nosso trabalho e vida à direção e poder de Deus. O pensamento da cosmovisão mostra-se uma esplendorosa via de acesso à alegria e satisfação; um modo de deixar que a faísca da luz da verdade de Deus incendeie cada canto e recanto de nossa vida.

Esta seção também proporciona a educação prática e envolvente da cosmovisão. Mediante etapas específicas e objetivas, conduzirá o leitor a fazer com perícia uma cosmovisão biblicamente fundamentada em qualquer campo que use os elementos estruturais da criação, queda e redenção. Também lhe dará a oportunidade de praticar apologética, analisando cosmovisões não-cristãs. Afinal de contas, toda filosofia ou ideologia tem de responder às mesmas perguntas fundamentais:

1. CRIAÇÃO: Como tudo começou? De onde viemos?
2. QUEDA: O que deu errado? Qual é a fonte do mal e do sofrimento?
3. REDENÇÃO: O que fazer a esse respeito? Como concertar o mundo?

Com a aplicação desta grade simples, identificamos as cosmovisões não-bíblicas e analisamos o ponto em que falharam.

A Parte 2 considera a atenção na criação, o ponto de partida fundamental para qualquer cosmovisão. No Ocidente, o mito da criação predominante é a evolução darwinista; assim, não importa qual seja nosso campo de trabalho, temos de começar fazendo comentários críticos ao darwinismo, tratando de suas afirmações científicas e implicações de cosmovisão. Nesta seção, o leitor descobrirá como os mais recentes achados da ciência desacreditam as teorias naturalistas da evolução, ao mesmo tempo em que apóiam o conceito do desígnio inteligente. Talvez você se surpreenda ao inteirar-se de como o darwinismo foi agressivo ao ultrapassar os limites da ciência, configurando de novo as

instituições sociais e legais dos Estados Unidos com efeitos devastadores.

A Parte 3 observa o espelho da história para perguntar *por que* os evangélicos não têm uma tradição de cosmovisão forte. Por que a dicotomia secular/sagrado é tão universal? Aqui, voltamos ao passado americano para fazer uma excursão na história e herança do evangelicalismo nos Estados Unidos. Ao fazer uma busca minuciosa no sótão do passado, diagnosticamos o modo como determinados padrões de pensamento continuam moldando nossas mentes hoje.Aprendemos a identificar e vencer as barreiras que derrotam o pensamento da cosmovisão.

A Parte 4 nos mostra que o âmago do pensamento da cosmovisão acha-se em sua aplicação prática e pessoal. A renovação da mente só ocorre pela submissão de nosso "eu" ao senhorio de Cristo. Devemos estar dispostos a nos sentar aos pés de Jesus e ser ensinados por Ele, como fez Maria de Betânia, conscientizando-nos de que "uma [coisa] só é necessária" (Lc 10.42). Dada nossa natureza humana caída, é típico não nos sentarmos de fato diante do Senhor até que sejamos forçados por crises advindas de tristeza, perda ou injustiça. É somente quando somos privados de nossos sonhos e ambições pessoais que verdadeiramente morremos para nossa própria maneira de fazer as coisas. A união com Cristo em sua morte e ressurreição é o único caminho para a santificação do coração e da mente, sendo conformados à semelhança de Cristo.

PARTE UM

O QUE HÁ NUMA COSMOVISÃO?

1
Destruindo a Grade

Domingos eram domingos,
muito diferentes do restante da semana,
pois atuavam por um conjunto próprio de regras.
Será que esses dois mundos que se mostram
tão distintos podem se unir?
John Beckett[1]

A universitária vestida nos rigores da moda entrou no escritório da conselheira com a cabeça em atitude de desafio. Sarah reconhecia o tipo. A clínica de controle de natalidade, onde ela trabalhava, atraía estudantes da universidade de elite que ficava ali perto, e a maioria eram pessoas ricas, privilegiadas e autoconfiantes.

— Por favor, sente-se. Tenho o resultado do teste.Você está grávida. A jovem meneou a cabeça e fez uma careta.

— Já pensou no que quer fazer? — perguntou Sarah. A resposta foi curta e segura.

— Um aborto.

— Revisemos primeiro as opções — disse Sarah. — E importante que você reflita bem em todas as possibilidades antes de sair daqui.

As vezes, as jovens em seu escritório ficavam impacientes, até hostis. Elas já tinham se convencido de que *não havia* outra opção viável. Depois de anos de experiência na profissão, Sarah sabia que quase todas as mulheres que fazem abortos são perseguidas pelas lembranças. Ela queria ajudar as estudantes a refletir sobre o impacto que um aborto poderia ter daqui a anos, a fim de que tomassem uma decisão baseada em fatos. Caso se recusassem a considerar, ela recorria ao protocolo:"Este é o meu trabalho, tenho de fazer isso".

Por que Sarah se importava? Porque era cristã praticante, como me explicou muitos anos depois.[2] Em sua ótica, ser crente era mostrar compaixão a mulheres que estavam pensando em fazer um aborto. Mas ela não era a única. A clínica de controle de natalidade, onde trabalhava, estava situada em região predominada por evangélicos, e quase todas as mulheres da equipe iam à igreja com freqüência. Durante os intervalos do trabalho, as conversas giravam em torno de grupos de estudos bíblicos ou lições de escola dominical dos filhos.

A história de Sarah ilustra que até crentes sinceros podem estar embrenhados em uma cosmovisão secular, ao mesmo tempo em que permanecem ortodoxos em suas crenças teológicas. Sarah crescera em uma denominação solidamente evangélica. Quando adolescente, passara por uma crise em suas convicções, porém saíra dela revigorada e mais confiante.

"Ainda tenho a Bíblia branca que minha avó me deu", disse-me ela."Sublinhei todas as passagens que falam sobre como ter a certeza da salvação."

Dali em diante, nunca mais duvidou das doutrinas básicas da Bíblia.

E como foi que acabou trabalhando na Paternidade Planejada e encaminhando mulheres ao aborto? Algo aconteceu com Sarah quando saiu de casa para estudar na faculdade. Lá, foi imersa no relativismo liberal, ensinado na maioria das universidades de

hoje. Em cursos de sociologia, antropologia e filosofia, presumia-se que a verdade é culturalmente relativa; que idéias e crenças emergem ao longo da história de forças culturais e não são verdadeiras ou falsas em qualquer sentido final.

E o cristianismo? Foi tratado como irrelevante para o mundo da erudição.

"Em uma aula de ética, o professor apresentou cada teoria possível, do existencialismo ao utilitarismo, mas nunca disse uma palavra sobre a teoria moral cristã, ainda que fosse a religião predominante por toda a história ocidental", recordou Sarah."Era como se o cristianismo fosse tão irracional, que não tinha sequer o mérito de ser relacionado ao lado das outras teorias morais."

Sarah não fazia idéia de como reagir a essas agressões à sua crença. Sua igreja a ajudara a ter a certeza da salvação, mas *não* lhe proporcionara nenhum recurso intelectual para confrontar as ideologias ensinadas na universidade. O ensino da igreja assumira uma divisão nítida entre os âmbitos sagrado e secular, cuidando apenas da vida religiosa de Sarah. Em conseqüência disso, com o passar do tempo, ela foi absorvendo a perspectiva secular ensinada nas aulas. Seu mundo mental dividiu-se, com a religião contida estritamente nos limites da adoração e moralidade pessoal, enquanto suas opiniões sobre quaisquer outros assuntos eram filtradas por uma grade de naturalismo e relativismo.

"Posso ter começado apanhando pedacinhos de uma cosmovisão secular para jogá-la em cima de minhas convicções cristãs", explicou Sarah. "Mas depois que me formei e passei a trabalhar na Maternidade Planejada, o padrão se inverteu: meu cristianismo foi reduzido a uma camada tênue em cima do cerne de uma cosmovisão secular. *Era quase como ter uma personalidade dividida!'*

Usando as categorias descritas na Introdução, sua mente absorvera os conceitos divididos da verdade, característicos da cultura ocidental: secular/sagrado, fato/valor, público/particular. Embora sua crença fosse sincera, foi reduzida à experiência puramente particular, ao passo que o conhecimento público estava definido em termos do naturalismo secular.

A história de Sarah é dramática, porém ilustra um padrão que é mais comum do que gostaríamos de imaginar. A fraqueza fatal em suas convicções religiosas foi aceitar as doutrinas cristãs estritamente como itens individuais de crença: a deidade de Cristo, seu nascimento virginal, seus milagres, sua ressurreição; algo que ela poderia marcar item por item. Todavia, lhe faltava certo senso do modo de funcionamento do cristianismo como sistema de verdade unificado e envolvente que se aplica a questões sociais, históricas, políticas, antropológicas e a todas as outras áreas de estudo. Em suma, ela não tinha uma cosmovisão cristã. Em sua opinião, o cristianismo era uma coletânea de verdades, mas não a Verdade.[3]

Só muitos anos mais tarde, após uma crise pessoal, os princípios relativísticos de Sarah foram confrontados.

"Quando o Congresso fez audiências abertas sobre aborto por nascimento parcial,* fiquei horrorizada. Foi quando percebi que se o aborto era errado aos nove meses, então era errado aos oito, aos sete, aos seis, e até à concepção."

Foi uma experiência perturbadora. Sarah achou que tinha de desmontar sua cosmovisão secular ponto por ponto para construir com esmero uma cosmovisão cristã. Foi trabalho duro, mas hoje ela descobriu a alegria de escapar da armadilha da divisão secular/sagrado, e ver a fé reviver em áreas em que antes ela nem imaginava que tivesse aplicação. Ela está aprendendo que o cristianismo não é apenas a verdade religiosa, mas é a verdade total que abrange o todo da realidade.

Mentes Divididas

Como Sarah, muitos crentes assimilam a dicotomia fato/valor, público/particular, restringindo a fé à esfera religiosa e adotando qualquer opinião que seja atual em seus círculos profissionais ou sociais.Todos conhecemos professores cristãos que indiscriminadamente aceitam as mais recentes teorias seculares de educação; homens de negócios cristãos que administram suas transações por teorias de administração seculares aceitas; ministérios cristãos que espelham as técnicas de marketing do mundo comercial; famílias cristãs em que os adolescentes assistem aos mesmos filmes e ouvem as mesmas músicas que os amigos não-crentes. Ainda que sinceros, eles absorvem por osmose as opiniões sobre quase tudo da cultura circundante.

O problema foi fraseado de modo sucinto por Harry Blamires, no clássico *The Christian Mina* (A Mente Cristã). Quando eu era nova convertida, o livro de Blamires era quase um modismo, e todos costumavam repetir sua dramática frase de abertura: "Não *há* mais uma mente cristã".[4]

O que Blamires queria dizer? Ele não estava dizendo que os cristãos são mal-educados e bregas, embora este estereótipo seja comum no mundo secular. Há alguns anos, o *Washington Post* publicou um artigo infame no qual descrevia os cristãos conservadores como "pobres, sem educação e facilmente influenciáveis".[5] Logo em seguida, o jornal recebeu uma enxurrada de telefonemas e fax de cristãos de todos os cantos do país, apresentando suas formações acadêmicas e extratos de conta bancária!

Entretanto, se não é isso que Blamires queria dizer, qual era a sua intenção? Afirmar que não há mente cristã significa que os crentes podem ser altamente educados em termos de proficiência técnica, porém, mesmo assim, não ter cosmovisão bíblica para interpretar a matéria de seu campo de atuação. "Falamos de 'mente moderna' e de 'mente científica', usando a palavra *mente* para se referir a um conjunto de noções e atitudes coletivamente aceito", explica Blamires. Mas não há "mente cristã", não há um conjunto de suposições compartilhadas e fundamentadas na Bíblia em assuntos como lei, educação, economia, política, ciência ou artes. Na qualidade de ser moral, o cristão segue a ética bíblica. Na qualidade de ser espiritual, ele ora e freqüenta cultos de adoração."Mas na qualidade de ser *pensante,* o cristão moderno sucumbe diante da secularidade", aceitando "um quadro de referência construído pela mente secular e um conjunto de critérios que espelham avaliações seculares".[6] Ou seja, quando entramos no fluxo de discurso em nosso campo de atuação ou profissão, participamos mentalmente como não-cristãos e nos servimos de conceitos e categorias vigentes, pouco importando quais sejam nossas crenças particulares.

Morando na região de Washington, D.C., testemunho um número cada vez maior de crentes trabalhando na política, fato que é tendência encorajadora. Contudo, também posso dizer por experiência que poucos mantêm uma filosofia política cristã de modo explícito. Como admitiu certo chefe de Estado-Maior do Congresso:"Percebo que mantenho certas opiniões porque sou politicamente conservador, mas *não* por saber que estão arraigadas na Bíblia". Ele tinha consciência de que deveria formular uma filosofia de governo fundamentada nas Escrituras, porém não sabia como.

De modo semelhante, durante décadas escrevendo sobre ciência e cosmovisão, interagi com cientistas que são crentes profundamente verazes; contudo, poucos elaboraram uma filosofia de ciência instruída na Palavra de Deus. Em ministérios cristãos, encontrei muitos que se esmeram para certificar-se de que a *mensagem* é bíblica, mas que nunca perguntam se os *métodos* são bíblicos. Certo professor de jornalismo me disse há pouco tempo que até os melhores jornalistas cristãos — crentes sinceros com habilidade

profissional excelente — não têm uma teoria de jornalismo tipicamente cristã. Na cultura popular, os crentes construíram uma cultura paralela de artistas e apresentadores; mesmo assim, como lamenta Charlie Peacock, poucos "pensam cristãmente" em arte e estética.[7] A expressão é copiada de Blamires, e, quando falei sobre isso a um grupo de artistas e músicos na casa de Charlie, ele me mostrou uma prateleira com meia dúzia de livros de Blamires — o suficiente para, de imediato, emprestar a quem quisesse.

"Pensar cristãmente" significa compreender que o cristianismo tem a verdade sobre o todo da realidade, uma perspectiva para interpretar todos os assuntos da vida. O livro de Gênesis fala que Deus criou todo o universo com sua Palavra — o que João 1.1 chama de *o Logos*. A palavra grega significa não só "Palavra" ou "Verbo", mas também "razão" ou "racionalidade", e os antigos estóicos a usavam com o sentido de estrutura racional do universo. Assim, a estrutura subjacente de todo o universo espelha a mente do Criador. Não há dicotomia fato/valor na narrativa bíblica. Nada tem identidade autônoma ou independente, separado da vontade do Criador. Em conseqüência disso, toda a criação deve ser interpretada levando em conta sua relação com Deus. Em qualquer área de estudo, estamos descobrindo leis ou ordenações da criação pelas quais o Criador estruturou o mundo.

Como diz a Bíblia, o universo fala de Deus — "os céus manifestam a glória de Deus" (SI 19.1) —, porque seu caráter está refletido nas coisas que Ele fez. Dizemos, às vezes, que é "revelação geral", porque fala em todo momento com todo o mundo, em oposição à "revelação especial" dada na Bíblia. Como explicou Jonathan Edwards, Deus se comunica "conosco pela voz nas Escrituras" e também na criação e nos acontecimentos históricos. "A criação inteira prega a Deus."[H] Entretanto, é possível que os cristãos sejam surdos e cegos à mensagem da revelação geral, e parte do aprendizado de ter a mente de Cristo envolve orar por sensibilidade espiritual para "ouvir" a mensagem da criação.

O grande historiador de religião, Martin Marty, disse que toda religião cumpre duas funções: primeira, é uma mensagem de salvação pessoal, que nos diz como ter uma relação correta com Deus; e segunda, é uma lente pela qual interpretamos o mundo. Historicamente, os evangélicos são bons na primeira função —"salvação de almas"; mas não são tão bons em ajudar as pessoas a interpretar o mundo, a fornecer um conjunto de conceitos relacionados que funcionem como lente que dê uma visão bíblica de áreas como ciência, política, economia ou bioética. Como disse Marty, os evangélicos "acentuam a devoção pessoal e a salvação individual, deixando as pessoas entregues a dispositivos próprios para interpretar o mundo".

Na verdade, muitos já não pensam que é *função* do cristianismo fornecer uma interpretação do mundo. Marty denomina isto "o cisma moderno" (num livro com esse título), e afirma que estamos vivendo no primeiro tempo da história onde o cristianismo foi encaixotado na esfera particular e em grande parte deixou de falar com a esfera pública.[9]

"Esta internalização ou privatização da religião é uma das mudanças mais momentosas que já ocorreu na cristandade", escreve outro historiador, Sidney Mead."' Em conseqüência disso, nossa vida está fraturada e fragmentada, com a fé firmemente trancada no âmbito particular da igreja e família, onde quase nunca tem a chance de instruir nossa vida e trabalho na esfera pública. A aura de adoração se dissipa depois de domingo, e ao longo da semana assimilamos, de modo inconsciente, atitudes seculares. Habitamos dois "mundos" diferentes, navegando numa divisão nítida entre nossa vida religiosa e nossa vida comum.

Desistentes de Escolas Bíblicas

Ao mesmo tempo, a maioria dos crentes acha isso altamente frustrante. Queremos mesmo integrar nossa fé em cada aspecto da vida, incluindo a profissão. Queremos ser pessoas completas, íntegras (a palavra provém do termo latino que significa "tudo"). Não faz muito tempo, conheci um novo convertido que se torturava em aplicar a fé ao seu trabalho como professor de arte.

"Quero que toda a minha vida reflita minha relação com Deus", disse-me. "Não quero que minha fé fique em um compartimento e minha arte em outra."

Todos concordamos com Dorothy Sayers que disse que se a religião não fala com nossa vida de trabalho, então não tem nada a dizer sobre o que fazemos a maior parte do tempo; portanto, não admira que as pessoas digam que a religião é irrelevante! "Como alguém pode permanecer interessado numa religião que não se interessa com 90% da vida?""

No dualismo secular/sagrado, o trabalho comum é denegrido, ao passo que o trabalho na igreja é exaltado como mais valioso. No livro *Roaring Latnbs* (Cordeiros que Balem), Bob Briner descreve seus dias de estudante em uma faculdade cristã, onde a suposição tácita referia-se à idéia de que o único modo de *realmente* servir a Deus era num trabalho cristão em tempo integral. Já sabendo que desejava uma profissão na administração esportiva, Briner, escreve:"Sentia-me como seu eu fosse um tipo de cidadão estudantil de segunda classe. Meus colegas que se preparavam para o ministério pastoral, ou serviço missionário, eram tratados como se estivessem fazendo o *verdadeiro* trabalho da igreja. Os demais eram os coadjuvantes".

A mensagem subjacente era que as pessoas em profissões comuns podem contribuir com suas orações e apoio financeiro; nada mais. "Quase nada em minha igreja ou experiências na faculdade apresentava a possibilidade de uma vida cristã dinâmica e envolvida fora do ministério", conclui Briner. "Ouvimos falar de ser sal e luz, mas ninguém nos diz como ser isso."[12] Ele recebia apoio insincero à idéia de dedicar seu trabalho a Deus, mas o que tudo isso parecia significar era: *Faça o melhor que puder e não cometa nenhum pecado hediondo.*

O mesmo dualismo secular/sagrado quase acabou com os talentos criativos dos fundadores de vídeos excentricamente engraçados, conhecidos nos Estados Unidos. Phil Vischer diz que sempre soube que queria fazer cinema, mas "a mensagem implícita que recebi enquanto crescia era que o ministério de tempo integral era o único serviço cristão válido. Cristãos jovens deviam almejar ser ministros ou missionários". Assim, com submissão, fez as malas e foi para a faculdade de teologia estudar, a fim de ingressar no ministério.

No entanto, quanto mais via a influência tremenda que os filmes exerciam nas crianças, mais se conscientizava de que era importante produzir filmes de alta qualidade. Por fim, resolveu: "Imaginei que Deus poderia usar um ou dois cineastas, a despeito do que as pessoas dissessem". Desistindo da faculdade de teologia, ele e seu amigo, Mike Nawrocki, abriram uma produtora. Enquanto seus ex-colegas se transformavam em líderes de mocidade e pastores, eles se transformaram nas vozes de dois personagens famosos:Tomate Bob e Pepino Larry.[13] Os vídeos são muito populares por suas mensagens bíblicas e humor ardiloso. Se estes dois desistentes de faculdade de teologia não tivessem por livre e espontânea vontade divergido da mentalidade secular/sagrado e não tivessem decidido que os cristãos têm uma chamada válida no campo da produção de filmes, talvez seus talentos nunca teriam sido úteis para a igreja.Todo membro do Corpo de Cristo tem um talento para o benefício do todo, e quando esses dons são anulados, todos perdemos.

A influência da divisão secular/sagrado é menos surpreendente quando percebemos

que muitos pastores e professores a assimilam. Um superintendente escolar me contou que a maioria dos pedagogos define o "professor cristão" estritamente em termos de comportamento pessoal: coisas como dar um bom exemplo e mostrar preocupação pelos alunos. Quase nenhum o define em termos de transmitir uma cosmovisão bíblica nas matérias que ensinam (literatura, ciência, estudos sociais ou artes). Em outras palavras, eles se preocupam em ser cristão *no* trabalho, mas não pensam a respeito de ter uma estrutura bíblica *sobre* o trabalho.

Em muitas escolas cristãs, a estratégia típica é inserir em sala de aula certos elementos "religiosos" estreitamente definidos, como oração e memorização da Bíblia, e depois ensinar as mesmas coisas que as escolas seculares. O currículo apenas estende uma camada de devoção espiritual em cima da matéria escolar, como algo supérfluo, enquanto o próprio conteúdo permanece o mesmo.

Tentação Sutil

O mesmo padrão se mantém até nos níveis acadêmicos mais altos. "Os cristãos no ensino superior são fortemente, embora de modo sutil, tentados a compartimentar a fé", diz um professor de sociologia depois de ensinar por muitos anos numa faculdade cristã. A religião é considerada pertinente a áreas específicas como igreja e atividades religiosas no campus universitário, diz ele. "Mas quando estamos ensinando e fazendo nossa pesquisa, centralizamos a atenção nas teorias, conceitos e outros assuntos que sejam convencionais em nossas respectivas disciplinas."

Vemos aqui o perigo da divisão secular/sagrado — ela concede "teorias, conceitos e outros assuntos" em nosso campo para os não-crentes. Os cristãos aceitam essencialmente um trato: contanto que tenhamos permissão para fazer estudos bíblicos e reuniões de oração, transmitimos o *conteúdo* dos campos acadêmicos para os secularistas.

Encontrei exemplo notório muitos anos atrás quando entrevistei um professor de física para um artigo que estava escrevendo. Por ser patrocinador de um famoso ministério estudantil de uma grande universidade secular, pedi-lhe que elucidasse a perspectiva cristã em seu campo, em especial sobre a "nova física" — a teoria da relatividade e a mecânica quântica. Argumentos e contra-argumentos eram feitos de um lado para o outro sobre o impacto supostamente revolucionário da nova física — que acabou com a cosmovisão newtoniana que predominara por trezentos anos, destruiu o determinismo e abriu espaço para o livre-arbítrio, minou o materialismo e muito mais. Na verdade, muitos livros populares sobre o assunto chegam a afirmar que a mecânica quântica confirma a metafísica oriental (o exemplo clássico é O *Tao da Física).*[n] Como jovem escritora, estava curiosa para saber como um professor cristão avaliaria as amplas implicações filosóficas que estavam sendo deduzidas da nova física.

Para meu espanto, o professor não tinha nada a oferecer. Disse-me que a física e a fé são domínios completamente distintos. As palavras exatas que usou ainda estão gravadas em minha memória:"A mecânica quântica é como mecânica de automóveis. Não tem nada a ver com minha fé".

Este homem estava bastante envolvido no ministério estudantil, porém mantinha a fé e a ciência em planos separados e paralelos, correndo lado a lado como trilhos de trem que nunca se tocam ou se cruzam. Ele era cristão e físico, mas não tinha uma cosmovisão cristã que unisse os dois campos.[13]

Desenvolver uma mente cristã envolve muito mais que somente ter uma formação superior. Muitos cristãos com Ph.D. apenas assimilam a abordagem de dois trilhos em suas áreas de atuação, tratando a ciência, a sociologia ou a história como se consistisse em

conhecimento religiosamente neutro, no qual a verdade bíblica não tem nada de importante a dizer. Pelo visto, a atitude nestas áreas é que a Palavra de Deus não é, afinal, a luz para nosso caminho, e que devemos nos acomodar ao que quer que seja que os peritos seculares decretem."'A Palavra de Deus é despojada de seu poder de transformar a mente, e ficamos intimamente divididos, destituídos da alegria de viver de maneira íntegra.

Ídolo do Iluminismo

Os secularistas reforçam esta mentalidade de divisão, afirmando que a teoria *deles* não espelha qualquer filosofia em particular, que é apenas "o modo como todas as pessoas racionais pensam". Dessa forma, promovem suas próprias opiniões como imparciais e racionais, adequadas à esfera pública, enquanto denunciam as opiniões religiosas como parciais ou preconceituosas. Esta tática tem intimidado os cristãos, fazendo com que eles fiquem na defensiva quanto à nossa crença, atitude que, por sua vez, abala nossa eficácia na cultura mais ampla.

O equívoco jaz em pensar que haja teorias imparciais ou neutras, que não são afetadas por qualquer suposição religiosa e filosófica. Sabemos, claro, que no reino *sagrado,* cada grupo tem seus próprios pontos de vista religiosos — cristão, judaico, muçulmano, da Nova Era e assim por diante. Todavia, no reino *secular,* é comum pensar que todos temos acesso a conhecimento neutro, no qual julga-se que os valores religiosos e filosóficos não interferem.

A ironia é que este ideal é produto de uma tradição filosófica em particular. A noção que advoga que é possível esvaziar a mente de todas as pressuposições e comprometimentos religiosos para obter verdades nuas e cruas da "razão" procede do Iluminismo. René Descartes, considerado o primeiro filósofo moderno, expressou-o vigorosamente no século XVII. O modo de encontrar a verdade, disse Descartes, era tirar da mente tudo que se possa duvidar até alcançarmos um fundamento de verdades firmes e asseguradas que não se possa duvidar. Segundo pensava, ele conseguira atingir esse fundamento infalível em seu famoso *cogito, ergo sum:* "Penso, logo existo". Afinal, mesmo quando estamos duvidando de tudo, ainda estamos pensando; portanto, a coisa mais segura que podemos saber é a existência da questão do pensamento.

A idéia que emergiu foi que, pelo método da dúvida sistemática, a mente humana ou a Razão (com a letra inicial em maiúsculo) pode atingir a objetividade e certeza divinas. Em um de meus cursos de filosofia na faculdade, o professor gostava de dizer que a objetividade é "o modo como Deus vê as coisas". Embora não fosse crente, ele queria dizer que a verdadeira objetividade só pode ser atingida por um Ser que transcenda este mundo e saiba tudo conforme de fato é.A insolência do Iluminismo acha-se no pensamento de que a Razão era esse poder transcendente que provia conhecimento infalível. A Razão tornou-se nada menos que um ídolo, assumindo o lugar de Deus como fonte da Verdade absoluta.

Ironicamente, o próprio Descartes era católico devoto; tinha tanta certeza de que Deus lhe revelara a lógica irrefutável do *cogito, ergo sum* que prometeu fazer uma peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Loreto, Itália — promessa que cumpriu alguns anos depois. Esse filósofo é exemplo trágico de como a pessoa pode ser cristã sincera e, mesmo assim, promover uma filosofia que com certeza *não* é cristã. Descartes ajudou a estabelecer uma forma de racionalismo que tratou a Razão não apenas como a capacidade humana de pensar de modo racional, mas como a fonte infalível e autônoma da verdade. A Razão foi vista como depósito de verdades independente de religião ou filosofia.

Duas Cidades

O projeto do Iluminismo estava em nítida oposição à tradição cristã clássica, que sugeria um ponto de vista de conhecimento (ou epistemologia) muito mais humilde e realístico. Reconhecia que o que contamos como conhecimento é profundamente moldado por nossa condição espiritual. Este discernimento foi mais bem expresso por Agostinho em sua imagem das duas cidades: a Cidade de Deus e a Cidade do Homem. Agostinho não estava falando sobre a divisão entre igreja e Estado, como pensam alguns; falava sobre dois sistemas de pensamento e lealdade. Ajudamos a construir a Cidade de Deus quando nossas ações são inspiradas e dirigidas pelo amor de Deus, sendo oferecidas ao seu serviço. Construímos a Cidade do Homem sempre que nossas ações são incentivadas por amor-próprio e servem de propósitos pecaminosos.

Aplicado à vida da mente, a imagem das duas cidades significa que todos chegamos ao mesmo ponto já possuindo motivação espiritual, a qual afeta o que iremos aceitar como verdadeiro. Longe de sermos folhas em branco, nossa mente está colorida por nossa posição, quer a favor de Deus quer contra Ele. Como declara Romanos 1, ou adoramos e servimos ao verdadeiro Deus ou adoramos e servimos às coisas criadas (ídolos). Os seres humanos são inerentemente religiosos, criados para ter um relacionamento com Deus. Caso o rejeitem, eles não deixam de ser religiosos; apenas encontram outro princípio básico sobre o qual fundamentar a vida.

Na maioria das vezes, esse ídolo é algo concreto, como segurança financeira ou sucesso profissional; em outros casos, é uma ideologia ou conjunto de crenças que substituem a religião. Qualquer que seja a forma que a idolatria tenha, segundo Romanos 1.18, os adoradores de ídolos *suprimem ativamente* seu conhecimento de Deus, procurando deuses substitutos. Tais indivíduos estão longe da neutralidade no que concerne à religião.

Claro que o cristianismo não é determinista. Ensina que, pela graça de Deus, o indivíduo pode ser iluminado pela verdade divina para curvar-se diante dEle, de modo a ser movido de um lado para o outro, ou seja, transferido do reino das trevas para o Reino de Cristo (Cl 1.13). Isso se chama conversão. Não obstante, em qualquer determinado ponto do tempo, estamos de um lado ou do outro. Sempre estamos interpretando nossa experiência levando em conta a revelação divina ou outro sistema de pensamento. Nosso chamado como cristãos é tirar progressivamente todos os "ídolos" que permaneçam em nossa vida de pensamento, a fim de exercermos cada aspecto de nossa vida como cidadãos da Cidade de Deus.[17]

Nas últimas décadas, esta visão cristã clássica tem recebido apoio de fonte talvez surpreendente. A filosofia da ciência contemporânea rejeita a definição antiga e positivista de conhecimento, a qual considerava os cientistas de jaleco livres de preconceitos e crenças no momento em que entravam no laboratório. Hoje, os filósofos estão muito mais propensos a reconhecer o fator humano ao decidir o que conta como conhecimento do que a admitir que seja impossível abordar os fatos de uma posição filosófica neutra em sua totalidade. Todos encaramos o empreendimento científico como pessoas inteiras, levando ao laboratório uma panóplia de experiências, pressuposições teóricas, crenças pessoais, ambições e interesses socioeconômicos. Estes preconceitos colorem praticamente cada aspecto do empenho científico: o que consideramos digno de estudo, o que esperamos encontrar, para onde olhamos e como interpretamos os resultados.[18]

"Todos os fatos estão carregados de teoria", é o *slogan* na filosofia da ciência hoje em dia. Um pouco exagerado, talvez, mas afirma que até o que consideramos "fato" é influenciado pelas teorias que levamos aos estudos científicos. Sempre processamos dados levando em consideração alguma estrutura teórica que adotamos para entender o mundo.

Absolutamente Divino

A conclusão é que não há sistema de pensamento que seja produto puramente da Razão, pois esta não é um repositório de verdades infalíveis e autônomas do ponto de vista religioso, como Descartes e os outros racionalistas pensavam.Trata-se de capacidade humana a habilidade de argumentar partindo de premissas. A questão importante é o que aceitamos como premissas básicas, pois são elas que moldam tudo o que vem depois.

Se pressionarmos um conjunto de idéias, acabaremos chegando a um ponto de partida. Algo tem de ser considerado como auto-existente — a realidade última e fonte básica de tudo mais. Não há razão para isso existir; apenas "é". Para o materialista, a realidade última é a matéria, e tudo é convertido em componentes materiais. Para o panteísta, a realidade última é uma força ou substrato espiritual, fazendo com que a meta da meditação seja religar-se com essa unidade espiritual. Para o darwinista teórico, a biologia é última, e tudo, até a religião e a moralidade, é reduzido a um produto de processos darwinistas. Para o empírico, todo o conhecimento é, no final das contas, determinável a dados perceptíveis, e tudo que não for conhecido pela sensação é irreal.

E assim por diante. Todo sistema de pensamento inicia-se em algum princípio último. Se não começa com Deus, começa com uma dimensão da criação — o material, o espiritual, o biológico, o empírico ou o que quer que seja. Algum aspecto da realidade criada será "absolutizada" ou proposta como base e fonte de tudo o mais — a causa não causada, o existente por si mesmo. Para usar linguagem religiosa, esta realidade última funciona como o divino, se definimos o termo com o sentido de uma coisa da qual todas as outras dependem para existir. Esta pressuposição inicial tem de ser aceita pela fé e não por raciocínio prévio. (Caso contrário, não é de fato o ponto de partida supremo para todo raciocínio; logo, temos de continuar procurando algo para começar dali.)

Neste sentido, diríamos que toda alternativa ao cristianismo é uma religião. Pode não envolver ritual ou cultos de adoração, todavia, mesmo assim, identifica algum princípio ou força na criação como a causa auto-existente de tudo. Até os não-crentes mantêm alguma base de existência última, que funciona como ídolo ou falso deus. É por isso que os "escritores da Bíblia sempre tratam o leitor como se já acreditasse em Deus ou em algum deus substituto", explica o filósofo Roy Clouser.[19] A fé é uma prática humana universal, e se não for dirigida a Deus será dirigida a outra coisa.

"A necessidade de religião parece estar implementada na forma de dispositivo permanentemente gravado no ser humano", escreve o filósofo John Gray (embora ateu, ele lamenta o fato)."Com certeza, o comportamento dos humanistas seculares apóia esta hipótese. Os ateus têm um envolvimento emocional tanto quanto os crentes. Em geral, eles são mais austeros no que concerne à intelectualidade."[2]" Em suma, não é como se os cristãos tivessem fé, ao passo que os secularistas fundamentassem suas convicções somente em fatos e na razão. A própria secularidade está fundamentada em crenças básicas, da mesma maneira que o cristianismo. Certas partes da criação — em geral, a matéria ou a natureza — atuam no papel do divino. A questão não é qual ponto de vista é religioso e qual é puramente racional; a questão é qual é o verdadeiro e qual é o falso.

É o que Agostinho quis dizer com sua imagem de duas cidades. Desde a queda, a raça humana foi dividida em dois grupos distintos: os que seguem a Deus e submetem a mente à sua verdade, e os que estabelecem um ídolo de algum tipo e organizam o pensamento para racionalizar sua adoração a esse ídolo. Com o passar do tempo, à medida que os compromissos supremos das pessoas moldam as escolhas que fazem, sua perspectiva é inevitavelmente moldada para apoiar essas escolhas. Um falso deus leva à formação de

uma falsa cosmovisão.

É por isso que os cristãos não podem entregar, de modo complacente aos não-crentes, áreas de estudo denominadas *seculares,* contanto que nos concedam alguma área sagrada restrita onde somos livres para cantar hinos e ler a Bíblia. Temos de identificar e analisar os ídolos intelectuais dominantes, e depois construir alternativas baseadas nas Escrituras.

A Chave de Fenda de Aristóteles

Com isto não negamos que crentes e não-crentes concordam com uma ampla gama de assuntos. Os não-crentes podem ser até mais capazes de construir edifícios, administrar bancos, fazer cirurgias ou compilar programas de computador. A razão está fundamentada na doutrina da criação: Todos fomos feitos à imagem de Deus para habitar no mundo de Deus, e nossas faculdades foram designadas a nos dar o verdadeiro conhecimento desse mundo. Assim, em muitos campos pode haver significativa extensão de concordância entre crentes e não-crentes.

A Bíblia ensina a doutrina da graça comum. Considerando que a *graça especial* refere-se à salvação, a *graça comum* significa o cuidado providencial de Deus — o modo como Ele sustenta ativamente a totalidade da criação. Deus "faz que [...] a chuva desça sobre justos e injustos", diz a Bíblia (Mt 5.45). Quer dizer, os talentos de Deus são dados até aos não-crentes, inclusive os intelectuais. Foi por isso que Jesus disse que até os pecadores "[sabem] dar boas coisas aos [seus] filhos" (Mt 7.11) e podem ser bons pais, e pôde também repreender aos seus oponentes por não interpretarem os sinais dos tempos — considerando que sabiam interpretá-los, Ele esperava que também soubessem discernir os significados da história (Mt 16.1-4). Portanto, a própria Bíblia ensina que os não-crentes têm a capacidade de operar o mundo com eficiência, incluindo a função cognitiva.

Assim que tentamos *explicar* o que sabemos, então nossas pressuposições espirituais e filosóficas entram em cena. Por exemplo, consideremos a matemática.Talvez você ache que não haja uma visão cristã da matemática, mas há.Todos concordam que 5 + 7 = 12. Entretanto, quando você pede para *justificar* o conhecimento matemático, as pessoas se dividem em vários campos concorrentes.

Os gregos antigos, por estarem no amanhecer da história ocidental, são famosos por terem descoberto a geometria euclidiana. Porém, não acreditavam que o próprio mundo material exibisse ordem matemática precisa, porque consideravam a matéria como substância independentemente existente e recalcitrante, que nunca "obedeceria" a regras matemáticas. Por isso, mantinham a matemática presa em um "céu" abstrato platônico.

Em contrapartida, muitos dos primeiros cientistas modernos eram cristãos; eles acreditavam que a matéria *não* era preexistente, mas que viera da mão de Deus. Assim não havia poder que resistisse à sua vontade senão "obedecer" às regras que Ele estabelecera — com precisão matemática. O historiador R. G. Collingwood escreve:"A possibilidade de uma matemática aplicada é uma expressão, em termos de ciência natural, da crença cristã de que a natureza é a criação de um Deus onipotente".[21]

Considerando que meu pai é professor de matemática, gosto de lembrar-lhe as palavras de Collingwood: "A própria *existência* de sua esfera de ação é produto da cosmovisào cristã".

Hoje, porém, a maioria dos filósofos sequer considera a matemática como corpo de verdades. A filosofia dominante da matemática a trata como construção social, como o jogo de beisebol. "Três *strikes* e você está fora" é regra arbitrária. Não é verdadeira ou falsa; é apenas o modo como escolhemos jogar o jogo. Justamente por isso, as regras matemáticas são consideradas apenas o modo como jogamos o jogo.[22]

Até as crianças americanas aprendem esta opinião pós-moderna da matemática. As escolas de Ensino Médio ensinam que os estudantes devem aprender que "a matemática é produzida pelo homem e é arbitrária, e que boas soluções são obtidas por consenso entre aqueles que são considerados especialistas".[23] Produzida pelo homem? Arbitrária? Está claro que as escolas públicas americanas entraram, de forma profunda, nas águas escuras do pós-modernismo.

Se a matemática é arbitrária, então não há resposta errada, somente perspectivas diferentes. No estado americano de Minnesota, os professores são instruídos a serem tolerantes para com as "cosmovisões matemáticas múltiplas".[24] No Novo México, conheci um jovem que recentemente se formara na escola de Ensino Médio, onde o professor de matemática o rotulara de "fanático" por pensar que era importante conseguir a resposta certa. Contanto que os estudantes trabalhassem em grupo e alcançassem um consenso, insistia o professor, o resultado era aceitável.

Isto significa que até a forma mais simples, mais universal de conhecimento — a matemática —, é por vezes sujeita a interpretações de cosmovisão radicalmente discrepantes. Lógico que o impacto da cosmovisão aumentará mais quando movermos a escala para cima, detendo-nos em campos mais complexos, como biologia, economia, lei ou ética.[25]

O perigo é que se os cristãos não desenvolverem de modo *consciente* uma abordagem bíblica para a matéria, então de maneira inconsciente assimilaremos outra abordagem filosófica. Um conjunto de idéias para interpretar o mundo é como uma caixa de ferramentas filosóficas abarrotada de termos e conceitos. Se os cristãos não desenvolvem suas próprias ferramentas de análise, quando surge um assunto que querem entender, eles têm de pedir emprestado as ferramentas de *outra pessoa* e acabam aceitando qualquer conceito em seu campo profissional ou na cultura em geral. Todavia, como escreve Os Guinness, quando fazem isso, os cristãos não percebem que "estão tomando emprestado não só uma ferramenta, mas uma caixa inteira de ferramentas filosóficas repleta de instrumentos com seu próprio preconceito específico para cada problema". No fim, acabam absorvendo um conjunto de princípios alienígenas sem nem mesmo perceber — como Sarah na história de abertura do capítulo. Usar ferramentas de análise em que estejam embutidas pressuposições não-cristãs é "como usar os óculos ou os sapatos de outra pessoa. *As ferramentas moldam o usuário".*[20]

Em outras palavras, não só falhamos em ser o sal e a luz para uma cultura perdida, mas nós mesmos acabamos sendo moldados por essa cultura.

Caixa de Ferramentas Bíblicas

Qual é o antídoto para a divisão secular/sagrado? Como ter a certeza de que nossa caixa de ferramentas contém as ferramentas conceituais fundamentadas na Bíblia para cada assunto que encontrarmos? Temos de começar estando completamente convencidos de que *há* perspectiva bíblica sobre tudo, não apenas sobre assuntos espirituais. O Antigo Testamento nos fala diversas vezes que "o temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Sl 111.10; Pv 1.7; 9.10; 15.33). De modo semelhante, o Novo Testamento ensina que em Cristo "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3). Interpretamos estes versículos no sentido de sabedoria espiritual, porém o texto não estabelece limitação ao termo. "A maioria das pessoas tem a tendência de ler estas passagens como se dissessem que o temor do Senhor é o fundamento do conhecimento *religioso",* escreve Clouser."Mas o fato é que fazem afirmação radical — a afirmação de que, de alguma maneira, *todo* o conhecimento depende da verdade religiosa."[27]

Esta afirmação é mais fácil de entender quando nos damos conta de que o cristianismo não é único sob este aspecto. Todos os sistemas de crença trabalham do mesmo modo. Como vimos, *o que quer* que um sistema proponha como auto-existente é, em essência, o que se considera divino. E esse compromisso religioso funciona como o princípio controlador para tudo o que vem depois. O temor de algum "deus" é o princípio de cada sistema de conhecimento proposto.

Assim que entendermos como o primeiro princípio trabalha, fica claro que toda a verdade tem de começar em Deus. A única realidade auto-existente é Deus, e tudo o mais depende dEle para sua origem e existência contínua. Nada existe separado da sua vontade; nada está fora do escopo dos pontos decisivos centrais na história bíblica: a criação, a queda e a redenção.

Criação

A mensagem cristã não começa com "Aceite a Jesus como Salvador", mas com "No princípio, criou Deus os céus e a terra". A Bíblia ensina que Deus é a fonte exclusiva de toda a ordem criada. Nenhum outro deus concorre com Ele; não existe força natural própria; nada recebe sua natureza ou existência de outra fonte. Sua palavra, ou leis, ou ordenanças da criação dão ao mundo ordem e estrutura. A palavra criativa de Deus é a fonte das leis da natureza *física* que estudamos nas ciências naturais. Também é a fonte das leis da natureza *humana* — os princípios da moralidade (ética), da justiça (política), do empreendimento criativo (economia), da estética (artes) e até do pensamento claro (lógica). É por isso que Salmos 119.91 declara:"... tudo está a teu serviço" (NVI). Não há assunto, tema, matéria que seja filosófica ou espiritualmente neutra.

Queda

A universalidade da criação é emparelhada pela universalidade da queda. A Bíblia ensina que todas as partes da criação — inclusive nossa mente — foram atingidas na grande rebelião contra o Criador. Os teólogos denominam isso de o efeito "noético" da queda (o efeito sobre a mente), e subverte nossa habilidade de entender o mundo sem a graça regeneradora de Deus. A Bíblia está repleta de avisos de que a idolatria ou a desobediência voluntariosa a Deus torna os humanos "cegos" ou "surdos". Paulo escreve:"... o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho..." (2 Co 4.4) O pecado literalmente entenebreceu o entendimento (Ef 4.18).[2it]

Claro que os não-crentes ainda atuam no mundo de Deus, portam a imagem dEle e são sustentados por sua graça comum, fatos que significam que têm a capacidade de descobrir segmentos isolados de conhecimento genuíno. E os cristãos devem acolher com alegria esses *insights*. Toda a verdade é a verdade de Deus, como diziam os pais da igreja, que também exortavam os cristãos a "saquear os egípcios" (cf. Ex 3.22),apropriando-se do melhor da erudição secular e mostrando como se ajusta de forma mais apropriada a uma cosmovisão bíblica. Pode haver ocasiões em que os cristãos estejam enganados em algum ponto, e os não-crentes, certos. Não obstante, os *sistemas globais* de pensamento formados pelos não-crentes serão falsos, pois se o sistema não é construído sobre a verdade bíblica, então o será sobre outro princípio básico. Até as verdades serão vistas pela lente distorcida de uma falsa cosmovisão. Em conseqüência disso, a abordagem cristã em qualquer campo precisa ser crítica e construtiva. Não podemos apenas tomar os resultados da erudição secular como se fosse território espiritualmente neutro, descoberto por pessoas cujas mentes estão de todo abertas e objetivas, ou seja, como se a queda nunca tivesse acontecido.

Redenção

Por fim, a redenção é tão abrangente quanto a criação e a queda. Deus não salva apenas nossa alma, deixando nossa mente a funcionar sozinha. Ele resgata a pessoa inteira. A conversão tem o propósito de dar nova direção a nossos pensamentos, emoções, vontade e hábitos. Paulo nos exorta a oferecer nosso "eu" a Deus como "sacrifício vivo", de forma a não sermos conformados com este mundo, mas sermos transformados pela renovação de nossa mente (Rm 12.1,2). Quando fomos remidos, *todas as coisas* se fizeram novas (2 Co 5.17). Deus promete nos dar "um coração novo" e "um espírito novo" (Ez 36.26), avivando nosso caráter com vida nova.

Isto explica por que a Bíblia trata o pecado, primeiramente, como questão de termos nos afastado de Deus para servir a outros deuses, e, em segundo plano, destacando uma lista de comportamentos imorais específicos. O primeiro mandamento é, afinal de contas, o *primeiro* — os demais vêm somente *depois* que estivermos certos sobre quem ou o que estamos adorando. E é por isso que a redenção consiste, de maneira fundamental, em expulsar nossos ídolos mentais para nos voltarmos ao verdadeiro Deus. E quando fazemos isso, experimentamos o seu poder transformador que renova cada aspecto de nossa vida. Falar sobre uma cosmovisão cristã é outro modo de dizer que, quando somos redimidos, toda nossa perspectiva de vida é recentralizada em Deus e reconstruída em sua verdade revelada.

Siga as Placas

Como começar a construir uma cosmovisão cristã? A passagem fundamental é a narrativa da criação em Gênesis, porque é o ponto que devemos examinar a fim de aprender qual era o propósito original de Deus ao criar a raça humana. Com a entrada do pecado, os seres humanos saíram do trajeto, afastaram-se do caminho, perderam-se. Porém, quando aceitamos a salvação em Cristo, somos recolocados no caminho certo e restaurados ao nosso propósito original. A redenção não é somente ser salvo *do* pecado, mas também ser salvo *para* algo — retomar a tarefa para a qual fomos originalmente criados.

E qual era a tarefa? Em Gênesis, Deus dá o que chamaríamos de a primeira descrição de cargo:"Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a..." (Gn 1.28) A primeira frase —"Frutificai, e multiplicai-vos" — significa desenvolver o mundo *social:* formar famílias, igrejas, escolas, cidades, governos, leis. A segunda frase —"enchei a terra, e sujeitai-a" — significa subordinar o mundo *natural:* fazer colheitas, construir pontes, projetar computadores, compor músicas. Esta passagem é chamada de o mandato cultural, porque nos fala que nosso propósito original era criar culturas, construir civilizações — nada mais.[29]

Isto significa que nossa vocação ou trabalho profissional não é uma atividade de segunda classe, algo que fazemos para pôr comida na mesa. É a grande obra para a qual fomos criados. O modo como servimos ao Deus Criador pode ser demonstrado ao utilizarmos, com criatividade, os talentos e dons que Ele nos deu. Poderíamos dizer que somos chamados a continuar a obra criativa de Deus. Claro que não criamos do nada, *exttihilo,* como Deus fez; nosso trabalho é desenvolver a capacidade e potencial que Ele construiu na criação, usando madeira para edificar casas, algodão para fazer roupas ou silício para fazer chips de computador. Embora as modernas instituições sociais e econômicas não se refiram explicitamente ao jardim do Éden, sua justificação bíblica está fundamentada no mandato cultural.

Nos primeiros seis dias da narrativa de Gênesis, Deus forma e enche o universo

físico: o céu com o sol e a lua, o mar com as criaturas natatórias, a terra com os animais terráqueos. Então, a narrativa faz uma pausa, como a enfatizar que o próximo passo será a culminação de tudo que fora criado. Esta é a única fase no processo criativo em que Deus anuncia com antecedência seu plano, quando os membros da Trindade consultam entre si: "Vamos fazer uma criatura 'à nossa imagem' que nos represente e continue nosso trabalho na terra" (cf. Gn 1.26). Em seguida, Deus cria o primeiro casal humano para ter domínio sobre a terra e governá-la em seu nome.

O texto deixa claro que os seres humanos não são governantes supremos, livres para fazer tudo que desejarem. Seu domínio é uma autoridade delegada — eles são representantes do Governador Supremo, chamados para refletir seu cuidado santo e amoroso para com a criação. Eles têm de "cultivar" (palavra que tem o mesmo radical que "cultura") a terra (Gn 2.15, ARA). O modo como expressamos a imagem de Deus pode ser demonstrado pela nossa criatividade e maneira de construir culturas.

Este era o propósito de Deus quando criou o ser humano, e até hoje continua sendo seu propósito para nós. O plano original de Deus não foi cancelado pela queda. O pecado corrompeu cada aspecto da natureza humana, mas não nos fez menos que humanos. Não somos animais. Ainda refletimos "por espelho" (1 Co 13.12),"obscuramente" (ARA), nossa natureza original como portadores da imagem de Deus. Até os não-cristãos executam o mandato cultural — eles "se multiplicam e enchem a terra", ou seja, casam-se, constituem famílias, abrem escolas, dirigem negócios. E também "cultivam a terra" — consertam carros, escrevem livros, estudam a natureza, inventam novos dispositivos.

Após uma conferência que dei, certa jovem me disse: "Quando você fala sobre o mandato cultural, não diz nada categoricamente cristão; essas são coisas que todo o mundo faz".

Mas é isso mesmo que quero dizer: Gênesis nos fala de nossa verdadeira natureza, das coisas que não podemos deixar de fazer, do modo como Deus criou cada ser humano com um fim específico. Nosso propósito é precisamente cumprir nossa natureza dada por Deus.

A queda não destruiu nosso chamado original, porém o tornou mais difícil. Nosso trabalho é marcado por tristeza e labores. Em Gênesis 3.16,17, o original hebraico usa a mesma palavra para referir-se à "dor" do parto e à "dor" de cultivar alimentos. O texto dá a entender que as duas tarefas centrais da maioridade — criar a próxima geração e ganhar a vida — estarão repletas da dor de viver em um mundo caído e despedaçado. Todos os nossos esforços serão distorcidos e mal orientados pelo pecado e egoísmo.

Quando Deus nos redime, Ele nos liberta da culpa e do poder do pecado, e restaura nossa plena humanidade, de forma que possamos cumprir as tarefas para as quais fomos criados. Por causa da redenção de Cristo na cruz, nosso trabalho assume um novo aspecto, pois torna-se um meio de participar dos seus propósitos redentores. Ao cultivarmos a criação, recuperamos nosso propósito original e trazemos uma força redentora para anular o mal e a corrupção que entraram pela queda. Oferecemos nossos dons a Deus para tomarmos parte em fazer com que seu Reino venha e sua vontade seja feita. Com coração e mente renovados, nosso trabalho pode ser inspirado pelo amor a Deus e deleite em seu serviço.

A lição do mandato cultural é que nosso senso de cumprimento depende de nos dedicarmos ao trabalho criativo e construtivo. A existência humana ideal não é lazer eterno ou férias infinitas — ou um recolhimento monástico em oração e meditação —, porém esforço criativo gasto para a glória de Deus e benefício dos outros. Nosso chamado não é somente "ganhar o céu", mas também cultivar a terra; não só "salvar almas", mas servir a Deus pelo trabalho que fazemos. Pois o próprio Deus está comprometido no trabalho de

salvação (graça especial) e no trabalho de conservação e desenvolvimento de sua criação (graça comum). Quando obedecermos ao mandato cultural, participaremos do trabalho do próprio Deus, como agentes da sua graça comum.

Este é o rico conteúdo que deve vir à nossa mente quando ouvirmos a palavra *redenção*. O termo não se refere ao episódio de conversão ocorrido em determinado tempo. Significa alistar-se no empenho vitalício de dedicar nossas habilidades e talentos à construção de coisas que sejam bonitas e úteis, ao mesmo tempo em que combatemos as forças do mal e do pecado que oprimem e distorcem a criação. O livro *E Agora, Como Viveremos?* acrescenta uma quarta categoria: criação, queda, redenção e *restauração,* para enfatizar o tema da vocação contínua. Certos teólogos sugerem que a quarta categoria deveria ser *glorificação,* pois assim atentaríamos para nossa meta final de morar nos novos céus e na nova terra, para a qual nosso trabalho aqui é uma preparação. Qualquer que seja o termo que usemos, ser cristão significa embarcar em um processo vitalício de crescimento na graça em nossa vida pessoal (santificação) e em nossa vocação (renovação cultural). Os novos céus e a nova terra serão a continuidade da criação que hoje conhecemos — purificados pelo fogo, mas reconhecidamente os mesmos, assim como Jesus era reconhecível no corpo da sua ressurreição. Como C. S. Lewis diz, em sua obra *As Crônicas de Nárnia,* começamos uma grande história de aventura que nunca terminará.Trata-se da "Grande História que ninguém na terra leu — que continua para sempre — na qual todo capítulo é melhor que o anterior".'"

Nascidos para Crescer

Em muitas igrejas, a mensagem de justificação — como ter uma relação certa com Deus — é pregada inúmeras vezes.Todavia, muito pouco é dito sobre a santificação — como viver *depois* que você se converte. Nas igrejas luteranas em que fui criada, parecia que sempre estávamos lidando com a Reforma — todo sermão era sobre a justificação pela fé. Logo após minha conversão, falando com minha tia-avó Alice, mulher temente a Deus e inteligente, comentei em tom de frustração que não precisávamos ouvir a mensagem básica da salvação pela fé todos os domingos.

Seus olhos se iluminaram ao me encarar por trás dos óculos de aro de arame, quando respondeu pacientemente: "Mas sempre precisamos nos lembrar, querida, por que a graça é tão contrária às nossas tendências humanas".

Claro que ela tinha razão, mas ainda é verdade que a maioria das igrejas é forte em ensinar acerca da conversão, mas fraca em ensinar sobre como viver depois da conversão. Pense na analogia: Em certo sentido, nosso nascimento físico é o acontecimento *mais* importante de nossa vida, porque é o começo de tudo. Ainda em outro sentido, é o acontecimento *menos* importante, porque é apenas o ponto de partida. Se alguém falasse todos os dias sobre a tremenda importância de termos nascido, acharíamos muito estranho. Já que entramos no mundo, a tarefa essencial é crescer e amadurecer. E é por isso mesmo que nascer de novo é o primeiro passo necessário em nossa vida espiritual, porém não deveríamos focar nossa mensagem constantemente em como ser salvo.[31] É crucial que as igrejas incentivem as pessoas à maturidade espiritual e equipem os santos para cumprir a missão que Deus nos deu no mandato cultural.

Cada um de nós tem um papel a desempenhar no cultivo da criação e na execução das normas de Deus para uma sociedade justa e humanitária. Por pura necessidade, grande porcentagem de nosso tempo é dedicada a administrar negócios, lecionar em escolas, publicar jornais, tocar em orquestras e tudo que for necessário para manter uma civilização em desenvolvimento. Mesmo quem trabalha no "serviço cristão em tempo integral" precisa

limpar a casa, cuidar dos filhos e cortar a grama. E imperativo que entendamos que ao realizarmos estas tarefas, não estamos fazendo trabalho inferior ou de segunda categoria em prol do Reino. Somos agentes da graça comum de Deus quando fazemos seu trabalho no mundo.

Martinho Lutero gostava de dizer que nossas ocupações são "máscaras" de Deus; é o modo divino de cuidar da criação de maneira secreta por meio dos seres humanos. Em nosso trabalho, somos as mãos, os olhos e os pés de Deus. Há ocasiões, afirma o escritor luterano Gene Edward Veith, em que Deus trabalha direta e milagrosamente, como quando alimentou os israelitas com o maná do céu. Mas, em geral, Ele alimenta as pessoas pela miríade de trabalhadores na agricultura, no transporte, no processamento de alimentos e na venda a varejo. Às vezes, Deus cura o doente de forma milagrosa, como fez Jesus no Novo Testamento. Todavia, é certo que Ele trabalha da mesma maneira através da habilidade de médicos, enfermeiras e especialistas da medicina. Deus, por vezes, derrota um exército inimigo de modo miraculoso, como fez no livro de Juizes. Entretanto, na vida cotidiana, Ele nos protege do mal por meio de policiais, advogados e juizes, e de ameaças externas pelo exército nacional. Ele cria filhos através de pais, professores, pastores e outros líderes. Até os não-crentes podem ser as "máscaras" de Deus, caminhos do seu amor e cuidado providencial.[32]

A metáfora da "máscara" de Deus ressalta o fato de que nossa vocação não é algo que *nós* fazemos para Deus, pois isso colocaria a responsabilidade sobre nossos ombros para a realizarmos e cumprirmos.Trata-se, antes, de um modo em que participamos do trabalho *de Deus,* pois Ele próprio está engajado no trabalho de salvação e de conservação e manutenção de sua criação.

Entender esta verdade profunda ajuda a evitar uma atitude triunfalista. Encontro pessoas que são avessas ao conceito de cosmovisão cristã, porque pensam que significa tentar assumir o controle do mundo e impor nossas convicções, de cima abaixo, sobre todos. É quando temos de lembrar-lhes (e a nós) que o meio de salvação de Deus foi, afinal de contas, a cruz. Ele veio em humildade e fraqueza humana, submetendo-se até a morte por mãos de pecadores. Em um mundo caído, pagamos um preço por sermos fiéis ao chamado de Deus. Se tomarmos partido pelo que é certo, opondo-nos contra a injustiça, talvez não sejamos tão prósperos em nossa carreira, ou obtenhamos o reconhecimento público e profissional, ou ganhemos tanto dinheiro quanto poderíamos. Os que seguem a Cristo acabam tomando parte em seu sofrimento. Lutero enfatizou esses temas na "teologia da cruz",[33] que nos ajuda a prevenir o triunfalismo, o orgulho e o farisaísmo.

Pela graça de Deus, *podemos* fazer diferença significativa em nossa esfera de influência, mas só quando "crucificamos" nossa apetência pelo sucesso, poder e aclamação pública. "Se alguém quer vir após mim", disse Jesus, "negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lc 9.23). Se nosso propósito é ter a mente de Cristo, devemos primeiro estar dispostos a nos submeter ao padrão de sofrimento que Ele modelou para nós. Devemos estar na expectativa de que o processo de desenvolvimento de uma cosmovisão cristã é uma luta árdua e dolorosa; primeiro interiormente, ao desarraigarmos os ídolos de nosso padrão de pensamento, e depois exteriormente, ao enfrentarmos a hostilidade de um mundo caído e descrente. Nossa força para a tarefa tem de vir da união espiritual com Cristo, reconhecendo que o sofrimento é a rota para sermos conformados a Ele e refeitos à sua imagem.

Uma Odisséia Pessoal

Para dar pessoalidade ao tema da cosmovisão cristã, gostaria de contar minha história

de conversão, e depois a história de outros que aplicaram a perspectiva cristã, na maioria das vezes, com impacto revolucionário. Para alguns, *cosmovisão* é um termo que soa por demais acadêmico e evoca imagens de professores birutas e salas de conferência poeirentas. Quando *E Agora, Como Viveremos?* foi publicado nos Estados Unidos, o ministério Prison Fellowship lançou uma campanha publicitária com uma conferência. Nessa ocasião, um dos preletores convidados era uma produtora de televisão que se sentia um tanto quanto frustrada por ter de falar em uma conferência de cosmovisão. Sugeri-lhe que falasse baseando-se em "Uma Estrutura Cristã para a Cultura Mundana". Ao longo da preleção, ela fez comentários repudiantes e quase zombeteiros sobre "estruturas", "cosmovisões" e "perspectivas", com audíveis nuanças de espanto em torno das palavras, como se fosse algo para CDFs. Claro que não era assunto para alguém ligado à mídia como ela!

Fui escalada para dar meu testemunho na manhã seguinte, por isso fiquei acordada metade da noite remodelando toda minha história pessoal para enfatizar que a cosmovisão não é algo abstrato e acadêmico, mas intensamente pessoal. Nossa cosmovisão é o modo como respondemos às importantes questões da vida com as quais todos temos de confrontar: Para que estamos aqui? Qual é a verdade suprema? Há algo pelo qual valha a pena viver?

Comecei me fazendo estas perguntas de modo sério como uma adolescente. Considerando que eu fora criada em um lar luterano escandinavo e freqüentara a escola primária luterana, minha formação era boa para saber *o que* o cristianismo ensina. Mas percebi que não sabia *por que* era a verdade.

Como muitos adolescentes, fui influenciada em parte por amigos não-cristãos, em especial uma moça judia. Ambas tocávamos violino na orquestra da escola, participávamos de acampamentos de música, e, com o passar do tempo, me dei conta de que *ela* era judia por causa da sua formação étnica e porque respeitava seus pais. Da mesma forma, *eu* era cristã por causa da *minha* formação familiar e porque queria agradar a meus pais. Ocorreu-me que se a mesma motivação guiasse a resultados contrários, então obviamente não era um princípio epistemológico adequado.

Claro que não pensei nisso nesses termos. Contudo, percebi que não tinha razão para crer que o cristianismo era verdadeiro em contraste com outros sistemas de crença que eu estava encontrando.

Quando comecei a fazer perguntas a meus pais e pastores, a resposta típica, infelizmente, era um tapinha protetor em minha cabeça. Certo pastor me disse:"Não se preocupe, todos temos dúvidas de vez em quando".

Ninguém entendia que eu não estava atormentada por "dúvidas" psicológicas, mas que saíra do círculo da fé e estava questionando a verdade de todo o sistema.

Manifesto de Incredulidade

Não achando respostas, dei um passo muito importante — resolvi que o procedimento intelectualmente honesto seria rejeitar minha fé e depois analisá-la de forma objetiva ao lado de todas as outras principais religiões e filosofias para decidir qual, de fato, era a verdadeira. Projeto bastante ambicioso para uma jovem de dezesseis anos! Passei a ir à biblioteca da escola de Ensino Médio e retirar livros da seção de filosofia para, por meio deles, me empenhar na busca. Minha falta de formação me impedia de entender muito do que lia, mas pensei que esse deveria ser o lugar onde as pessoas discutiam as grandes perguntas da vida — perguntas sobre a verdade e o significado da vida.

Quero enfatizar que este não era um estudo acadêmico, mas foi um período muito escuro e difícil de minha vida. As pessoas que crescem fora da igreja não sabem o que estão perdendo. No entanto, eu tivera uma fé genuína, embora fosse só a fé de uma criança. Eu

sabia que Deus me criara, me amava e tinha um propósito maravilhoso para a minha vida. Estes princípios parecem mesmo muito simples — até que os rejeitemos. De repente, percebi de forma muito clara que não tinha respostas para as perguntas mais básicas: De onde eu vim? A vida era só um acidente fortuito de forças cegas? Tinha propósito? Havia algum princípio de todo verdadeiro e real sobre o qual eu pudesse construir minha vida?

Acabei adotando o relativismo e o subjetivismo,e vários outros "ismos" da cultura moderna. Estava bastante determinada a ser honesta sobre as conseqüências lógicas da incredulidade. Se não houvesse Deus, então qual era a base para a verdade objetiva ou universal? Percebi que é impossível sair de nossa experiência limitada — nossa parte por demais pequena no vasto escopo da história do universo —, a fim de obter acesso ao conhecimento universal que é válido para todos os tempos e todos os lugares.

E se não há Deus, então qual é a base para os padrões morais universalmente válidos? Em certa ocasião, quando um colega de classe comentou que a ação de alguém estava "errada", neguei com a cabeça e argumentei que não há como sabermos o que é certo ou errado em qualquer sentido supremo.

Passei a me perguntar se era possível ter certeza da realidade fora de minha cabeça. Rabiscava pequenos desenhos do mundo em forma de uma bolha de pensamento em minha mente. Quando me formei na escola de Ensino Médio, escrevi um ensaio sobre o tópico "Por que não Sou Cristã". Descobri mais tarde que Bertrand Russell escrevera uma composição famosa com o mesmo título (o qual ainda não lera), mas este era o meu manifesto de incredulidade.

Como um Fazendeiro Suíço

Poucos anos depois, quando freqüentava uma escola na Alemanha e estudava violino no Conservatório de Heidelberg, fui parar em L'Abri, Suíça, onde ficava o ministério residencial de Francis Schaeffer. Fiquei fascinada pelo lugar. Foi a primeira vez que encontrei cristãos que de fato respondiam às minhas perguntas. Em vez de apenas me exortarem a ter fé, davam razões e apresentavam argumentos em prol da verdade do cristianismo. Quando cheguei, a observação mais óbvia que me ocorreu foi que a maioria dos convidados nem mesmo era cristã. O lugar estava abarrotado de hippies ostentando cabelos compridos, barbas e calças jeans de boca de sino. Na época, era bastante raro haver ministérios cristãos competentes em cruzar a fronteira contracultural para alcançar jovens alienados, e isso atiçou minha curiosidade. Quem eram esses cristãos?

O próprio Schaeffer costumava chocar as pessoas com sua aparência um tanto quanto estranha, de cavanhaque e bermuda tipicamente suíça. (Embora no contexto de L'Abri, nada parecesse estranho; afinal de contas, estávamos nos Alpes e ele se vestia como um fazendeiro suíço.) Mas quando abria a boca e falava, as pessoas ficavam pasmadas: tratava-se de um *cristão* falando sobre filosofia moderna, citando os existencialistas, analisando temas de cosmovisão nas letras de Led Zeppelin, explicando a música de John Cage e as pinturas de Jackson Pollock. E não nos esqueçamos de que era uma época em que os universitários cristãos não tinham permissão de ir ao cinema para assistir aos filmes da Disney, e ali estava ele, discutindo filmes de Bergman e Fellini.[14]

Ver cristãos engajados no mundo intelectual e cultural era uma novidade para mim. Na realidade, era uma novidade tão maravilhosa que meu medo era que isso me fizesse aceitar o cristianismo por emoção e não por crença genuína. Assim, depois de apenas um mês, voltei aos Estados Unidos (para falar a verdade, *fugi* para casa). Pensei: *Vou testar essas idéias nas aulas de filosofia para ver como se comportam em uma situação universitária secular.*

A resposta mais dramática veio imediatamente. Inscrevendo-me em meu primeiro curso de filosofia, descobri que era uma classe introdutória grande, com uns trezentos estudantes. Bastante intimidador. Em meu primeiro trabalho acadêmico importante, peguei o livro *A Morte da Razão,* de Schaeffer, e fiz uma combinação de alguns de seus temas. Uma ou duas semanas depois, o professor disse: "Tenho os trabalhos corrigidos para devolver. Mas primeiro gostaria de ler um deles para a classe inteira".

Era o meu trabalho.

Nem preciso dizer que fiquei surpresa. Mais ainda quando o professor disse:"Nunca vi pensamento tão amadurecido em um universitário".

Claro que não era o *meu* pensamento; era a análise da cosmovisão cristã que eu estivera aprendendo em L'Abri.[35] Testei muitas vezes essas idéias nas outras aulas, e constatei que o cristianismo tem mesmo os recursos intelectuais para posicionar-se em um cenário acadêmico secular.

Deus Vence

Enquanto ainda estava em L'Abri, aproximei-me de outro estudante e exigi que ele explicasse por que se convertera ao cristianismo. O rapaz pálido e magro, com forte sotaque sul-africano, apenas respondeu: "Eles venceram todos os meus argumentos".

Continuei olhando para ele de modo um pouco desdenhoso, esperando algo mais dramático.

"Nem sempre é uma experiência emocional", acrescentou com um sorriso apologético. "Só vim para saber defender melhor o cristianismo, mais do que as outras idéias de quando cheguei aqui".

Era a primeira vez que encontrava alguém cuja conversão fora estritamente intelectual, e na ocasião nem me passou pela cabeça que minha conversão seria igual.

De volta aos Estados Unidos, enquanto testava as idéias de Schaeffer em sala de aula, também lia as obras de C. S. Lewis, G. K. Chesterton, Os Guinness, James Sire e outros apologistas. Mas, em meu interior, também tinha a fome de um jovem pela realidade, e certo dia apanhei o livro de David Wilkerson, *A Cruz e o Punhal,* e o li. *Esta* era uma história muito emocionante para satisfazer o gosto por drama; histórias de cristãos enfrentando, de modo corajoso, os bairros pobres e testemunhando libertações sobrenaturais de viciados em drogas. Empolgada pela esperança de que talvez Deus fizesse algo igualmente espetacular em minha vida, pedi-lhe naquela noite que, se Ele fosse real, me fizesse algum sinal sobrenatural — prometendo acreditar nEle, caso atendesse ao meu pedido. Pensando que este tipo de coisa funcionasse melhor com uma abordagem agressiva, prometi ficar acordada a noite inteira até que Deus me desse um sinal.

A meia-noite passou, depois uma hora, duas horas, quatro horas... Meus olhos estavam se fechando contra minha vontade, e ainda não ocorrera nenhum sinal espetacular. Por fim, bastante desgostosa por ter me engajado em tal atitude teatral exagerada, abandonei a vigília. E quando o fiz, de repente percebi que estava falando diretamente com Deus sobre as profundezas do meu espírito, sentindo a sua presença de maneira muito íntima. Reconheci que não precisava de sinais e maravilhas externos porque, do fundo do meu coração, tive de admitir (com decepção e pesar) que já estava convencida de que o cristianismo era verdadeiro. Pelas discussões em L'Abri e leituras sobre apologética, percebi que havia argumentos bons e suficientes contra o relativismo moral, o determinismo físico, o subjetivismo epistemológico e muitos outros "ismos" com os quais eu estivera enchendo a cabeça. Como dissera meu amigo sul-africano, todas as minhas idéias foram vencidas.[36] O único passo que restava era reconhecer que eu fora convencida e, depois, entregar minha

vida ao Senhor da verdade.

Assim, mais ou menos às 4h30min daquela manhã, admiti, em silêncio, que Deus vencera a discussão.

O que espero que você ganhe com a minha experiência é que a *cosmovisão* não é um conceito acadêmico e abstrato. O termo descreve nossa procura por respostas às questões intensamente pessoais com as quais todos temos de lutar — o clamor do coração humano na busca de propósito, significado e uma verdade grande o bastante pela qual viver. Ninguém pode viver sem um senso de propósito e direção, um senso de que a vida tem significação como parte da história cósmica. Podemos prosseguir com dificuldade por certo tempo, extraindo pequenas frações de significado em metas de curto prazo, como cursar uma faculdade, arrumar um trabalho, casar-se, estabelecer uma família. Entretanto, em algum ponto, estas coisas temporais não satisfazem a fome profunda pela eternidade que há no espírito humano. Somos feitos para Deus e cada parte de nossa personalidade é orientada em direção a ter um relacionamento com Ele. Agostinho disse que nosso coração não pára quieto até que encontra descanso nEle.[37]

Assim que descobrimos que a cosmovisão cristã é de fato verdadeira, então vivê-la significa oferecer a Deus todas as nossas faculdades — práticas, intelectuais, emocionais, artísticas — a fim de viver para Ele em cada área da vida. A única expressão que essa fé assume é a que captura todo o nosso ser e redireciona cada um de nossos pensamentos. A idéia da divisão secular/sagrado fica inconcebível. A verdade bíblica se apodera de nosso ser interior, e reconhecemos que não é apenas a mensagem de salvação, mas é também a verdade acerca de toda a realidade. A Palavra de Deus torna-se luz para *todos* os nossos caminhos, proporcionando os princípios fundamentais para colocar cada parte de nossa vida debaixo do senhorio de Cristo, a fim de glorificá-lo e cultivar sua criação.

REPREENSORES E MORALISTAS

Olhando para trás depois de três décadas, aprecio L'Abri mais do que nunca, porque me deu a concepção de cosmovisão cristã desde o início de minha vida espiritual. Schaeffer não *ensinou* apenas sobre o mandato cultural, ele o *demonstrou.* Desde o momento em que cheguei a L'Abri, pedindo carona para subir a montanha e batendo na porta de um pitoresco chalé suíço, fiquei admirada ao ver o respeito pela arte e cultura evidente nas pequenas coisas — a beleza simples de um vasinho de flores do campo sobre a mesa de jantar, a elegância natural da decoração montesa suíça, a profundidade e gama das conversas, as leituras depois do jantar sobre literatura clássica.[3]" Ouvir as conferências de Schaeffer já era um ensino em si, visto que os temas variavam entre política, filosofia, educação, arte e cultura, mostrando pelo exemplo que pode haver uma perspectiva cristã em todas estas áreas.

Depois de me tornar cristã, voltei a L'Abri para um período de estudo mais longo, e descobri como é libertadora uma abordagem de cosmovisão. Não há necessidade de *evitar* o mundo secular e me esconder atrás das paredes de uma subcultura evangélica. Os cristãos podem *apreciar* obras de arte e a cultura como produtos da criatividade humana que expressam a imagem de Deus. Por outro lado, não há o perigo de ser ingênuo ou não-crítico sobre as mensagens falsas e perigosas embutidas na cultura secular, porque uma cosmovisão dá a ferramenta conceituai necessária para analisá-las e criticá-las. Os crentes podem aplicar uma perspectiva distintamente bíblica cada vez que apanham o jornal, assistem a um filme ou lêem um livro.

Schaeffer modelou esta abordagem equilibrada em suas conferências e escritos. Ele chamaria a atenção à qualidade artística de, digamos, uma pintura renascentista, ainda que

ao mesmo tempo criticasse a cosmovisão renascentista do humanismo autônomo expresso nela. Ele apreciaria a cor e a composição de uma pintura expressionista, ou a qualidade técnica de um filme de Bergman, ou a habilidade de um músico de uma banda de rock, mesmo identificando a cosmovisão relativística ou niilista que expressa.[39]

Os artistas são os barômetros da sociedade, e, ao analisarmos as cosmovisões embutidas em seus trabalhos, aprendemos bastante sobre como abordar a mente moderna de forma mais eficaz. Muitos cristãos criticam unidimensionalmente a cultura, apenas de uma perspectiva moral, e, por conseguinte, são encarados como pessoas desaprovadoras e censuradoras. Em certa faculdade cristã, a idéia que meu professor de literatura inglesa tinha de criticar as obras clássicas era apontando quantas vezes os personagens falavam palavrões ou se entregavam a relações sexuais ilícitas. Ele parecia cego à qualidade literária dos livros; se eram ou não bons como *literatura.* Nem nos ensinou a descobrir as cosmovisões expressas ali. De modo semelhante, certa personalidade americana cristã do rádio criticou Elvis Presley por causa do conteúdo imoral de suas canções, sem sequer

perguntar se as canções eram boas como *música* (o que certamente eram), ou levantar outra questão de cosmovisão, como por que a cultura mundana causa esse tremendo impacto. Quando a única forma de comentário cultural que os cristãos oferecerem for condenação moral, não admira que topemos com não-crentes exasperados e repreendedores.

Nossa primeira reação diante das grandes obras da cultura humana, na arte, na tecnologia ou na produtividade econômica, deveria ser celebrá-las como reflexões da própria criatividade de Deus. E até quando analisamos onde erraram, deveríamos fazê-lo com amor. Hoje, em programas evangélicos no rádio ou em cartas ministeriais de angariação de fundos, é comum os ativistas cristãos atacarem Hollywood, a televisão ou a música *rap* em tons de indignação, repreendendo seu conteúdo imoral ou escarnecendo de suas pretensões de correção política pós-moderna. Todavia, Schaeffer não teria feito nada disso. Mesmo quando fazia sérias críticas, expressava compaixão ardente pelas pessoas presas na armadilha de cosmovisões falsas e prejudiciais. Ao descrever o pessimismo e niilismo expresso em tantos filmes, pinturas e canções, demonstrava emparia profunda pelas pessoas que de fato viviam em tal desespero. Essas obras de arte "são a expressão de homens que lutam com sua perdição apavorante", escreveu ele. "Teremos a ousadia de rir dessas coisas? Ousaremos nos sentir superiores quando vemos na arte suas expressões torturadas?" Os homens e mulheres que produzem estas coisas "estão morrendo enquanto vivem; e onde está a nossa compaixão por eles?"[4]"

Hoje, os ativistas cristãos estão sempre prontos para organizar boicotes ou pressionar um político a não financiar determinado grupo artístico, e estas estratégias têm seu lugar. Mas quantos alcançam os artistas com compaixão? Quantos fazem o trabalho duro de elaborar as respostas reais às perguntas que eles fazem? Quantos clamam a Deus em favor das pessoas que lutam com os turbilhões das falsas cosmovisões?

Por Amor com Criatividade

O melhor modo de repelir uma cosmovisão ruim é oferecendo uma boa, e os cristãos devem deixar de *criticar* a cultura e passar a *criar* cultura. Esta é a tarefa para a qual Deus originalmente criou o ser humano, e um dos propósitos do processo de santificação é recuperar essa tarefa. Se trabalhamos com a cabeça ou com as mãos, se somos analíticos ou artísticos, se trabalhamos com pessoas ou com coisas, em cada vocação somos criadores de cultura, oferecendo nosso trabalho como serviço a Deus.

Certa igreja em Los Angeles, que ministra a artistas de Hollywood, tem entre seus princípios essenciais esta declaração maravilhosa: "A criatividade é o resultado natural da

espiritualidade".[41] Quem tem um relacionamento com o Criador deve ser o mais criativo de todos. Ao desenvolverem, de forma criativa, uma abordagem bíblica em sua área de estudo, os crentes podem transformar toda uma disciplina. Considere alguns exemplos inspiradores.

Filósofos Cristãos fora do Gabinete

O jornal filosófico *Philo* publicou um artigo lamentando o modo em que os cristãos estão ultimamente assumindo departamentos de filosofia em universidades americanas.[42] Pelo menos, é o que o autor afirma. Quentin Smith é proponente agressivo do naturalismo filosófico (ele debate em público os apologistas cristãos),[43] e neste artigo adverte seus colegas de que o campo da filosofia está sendo "dessecularizado". Smith relata que, em pesquisas informais, os professores dizem de forma constante que de um quarto a um terço dos seus departamentos estão sendo ocupados por teístas, em geral, cristãos.

Por que isto está acontecendo? Em grande parte, por causa do trabalho de um filósofo cristão —Alvin Plantinga. No passado, os cristãos que trabalhavam em filosofia mantinham seu teísmo restrito à"vida particular", nunca mencionando-o em "suas publicações e ensino", diz Smith. Então veio o trabalho influente de Plantinga, *God and Other Minds,[4]** que demonstrou que os teístas podiam se igualar aos seus colegas naturalistas em "precisão conceituai, rigor de argumentação, erudição técnica e defesa detalhada de uma cosmovisão original". Outros livros de Plantinga logo foram lançados, observa Smith, todos mostrando que os cristãos têm a capacidade de "escrever no mais alto nível qualitativo de filosofia analítica".

Assim, outras formas de realismo teísta, muitas influenciadas por Plantinga, começaram a inundar a comunidade filosófica. Segundo Smith, enquanto em outros campos os professores universitários cristãos ainda tendiam a compartimentar suas crenças, afastando-as do seu trabalho escolar por medo de cometerem suicídio acadêmico, "na filosofia, tornou-se, quase da noite para o dia, 'academicamente respeitável' apresentar argumentos a favor do teísmo".

Ele conclui de modo taciturno: "Deus não está 'morto' na educação. Ele voltou à vida em fins da década de 60, e hoje está vivo e passa bem em sua última fortaleza acadêmica: os departamentos de filosofia".

A vastíssima influência de Plantinga mostra que é possível os crentes trabalharem melhor que seus oponentes, chegando até a inverter a direção de toda uma disciplina acadêmica. É exemplo surpreendente do que os cristãos podem fazer quando obedecem ao mandamento de levar cativo todo pensamento a Cristo. Smith critica com severidade seus colegas filósofos naturalistas pelo "embaraço" de pertencerem ao único campo acadêmico que está sendo dessecularizado, e passa o restante do artigo exortando-os a inverter esta tendência perniciosa.[43] Oremos para que, pela graça de Deus, eles não sejam bem-sucedidos.

Religião: Bom para a Saúde

Outro exemplo inspirador é o trabalho do falecido David Larson, que mudou praticamente sozinho a opinião da comunidade médica sobre o tema da religião e saúde. Quando se formou em psiquiatria, Larson foi aconselhado a abandonar o campo. O estereótipo aceito era que a crença religiosa está associada à doença mental. Desde que Freud declarara que a crença em Deus é uma "neurose obsessiva universal",[46] tornara-se dogma que a religião é prejudicial à saúde mental, sendo até patológica.

Não obstante, Larson persistiu em seus estudos, e, com o passar do tempo, observou que o estereótipo negativo de religião não era apoiado pelos resultados das pesquisas. Na realidade, os fatos indicavam conclusão oposta — as pessoas pesquisadas que eram mais

religiosas tendiam a estar nos grupos saudáveis e não nos grupos doentes. Larson passou a fazer pesquisa própria e fundou o Instituto Nacional para Pesquisa dos Cuidados da Saúde (sigla em inglês NIHR), que publicou inúmeros estudos que confirmam que a crença religiosa (que nos Estados Unidos significa cristianismo) correlaciona-se com a saúde mental melhor. Hoje, é amplamente aceito que pessoas religiosas têm taxas mais baixas de depressão, suicídio, instabilidade familiar, abuso de drogas e álcool, e outras patologias sociais.

Como os cientistas negligenciaram por tanto tempo o fato de que a religião é fonte poderosa de bem-estar mental? Como chegaram a confundi-la com uma forma de alienação mental? Se o estudo da saúde mental é uma ciência, como seus profissionais gostam de afirmar, este não foi um "descuido de pequena monta", escreve Patrick Glynn, em *Deus: A Evidência.* "Mostra até que ponto o termo 'ciência' foi abusado pelos pensadores da modernidade para mascarar o que importa em não mais que preconceito contra a idéia de Deus."[47]

O mais surpreendente é que a crença religiosa também se correlaciona com saúde física melhor, revelando taxas mais baixas de quase tudo: câncer, hipertensão e doenças cardiovasculares. Quando as pessoas religiosas adoecem, elas se recuperam mais depressa. São as detentoras das taxas de mortalidade mais baixas, ou seja, vivem mais, que é a meta básica para os profissionais médicos (os demógrafos de hoje consideram que a expectativa de vida é o melhor indicador de qualidade de vida). No todo, as pessoas que freqüentam a igreja são mais contentes, mais saudáveis e vivem mais.

Que ironia atordoante, segundo escreve Glynn. Os arautos da modernidade "presumiram que ficaria comprovado que a espiritualidade tem um fundamento físico", mas "algo inverso aconteceu: Ficou comprovado que a saúde tem uma base protetora espiritual".[48]

Há apenas quinze anos, não se podia sequer publicar pesquisas sobre o tópico da religião e saúde. "Pesquisas deste tipo quase significavam atividade 'contra o direito de estabilidade no emprego'", observou Larson. "Pesquisas sobre religião mal eram conhecidas entre meus colegas que as consideravam perigosas para a saúde acadêmica do indivíduo."[49] No entanto, hoje estão obtendo aceitação cada vez maior. Mesmo os investigadores não-cristãos estão admitindo as correlações. Herbert Benson, de Harvard, que se diz sem crença religiosa, é famoso por ter dito que estamos todos "ligados a Deus".[3]" Segundo ele, nosso corpo funciona melhor quando cremos em Deus.

Guenter Lewy, autor de *Why America Needs Religion* (Por que os Estados Unidos Precisam de Religião), é outro não-cristão persuadido pelo puro peso das evidências. De forma interessante, Lewy se pôs a escrever um livro sobre o tema oposto — por que os Estados Unidos *não* precisam de religião. Muitos conservadores políticos argumentavam que a religião é fundamental para a moralidade e estabilidade social, e Lewy queria provar que eles estavam errados. O livro seria, em suas palavras, "uma defesa do humanismo secular e do relativismo ético".[31]

Entretanto, quando examinou as evidências, Lewy deu uma volta de 180°. Acabou escrevendo um livro que advoga que a religião, particularmente o cristianismo, correlaciona-se com taxas mais baixas de patologias sociais, como crime, vício em drogas, gravidez na adolescência e desentendimentos familiares. Ou, para dizê-lo de maneira positiva, o cristianismo motiva atitudes que sinalizam saúde social, como responsabilidade, integridade moral, compaixão e altruísmo. "Ao contrário das expectativas

Ao Iluminismo", conclui Lewy,"livrar os indivíduos das correntes da religião tradicional não resulta na exaltação de sua moral". Pelo contrário, as evidências mostram

com clareza que "nenhuma sociedade jamais teve êxito em ensinar moralidade sem religião".

Hoje, os fatos baseiam-se na idéia de que a própria ciência confirma que os princípios bíblicos trabalham no mundo real, o que é forte evidência de que são verdadeiros. A Bíblia descreve o modo como fomos criados para viver, e quando seguimos as suas prescrições, somos mais contentes e mais saudáveis. A melhor explicação dos dados positivos é que nossa vida está se alinhando com a estrutura objetiva da realidade.

Império Benevolente

Um último exemplo é Marvin Olasky, que de forma inesperada e decisiva transformou o debate sobre a assistência social. Magro, usando óculos e de formação judaico-russa, o ex-marxista Olasky é professor de jornalismo e editor da revista *World.* Em princípios da década de 90, recebeu a concessão para escrever um livro, levando a enfurnar-se em um pequeno escritório na Fundação Heritage, em Washington, D.C., a duas quadras de onde eu morava na ocasião. Quando fui lhe fazer uma visita, falou-me sobre o projeto que o levaria à fama alguns anos depois.

A política de assistência social americana ficara num impasse: embora tivesse ajudado os que precisavam apenas de um auxílio temporário para voltar a serem independentes outra vez, criara também uma subclasse permanente — os cronicamente pobres, cuja pobreza estava relacionada com patologias sociais, como alcoolismo, drogas, orfanatos e crime.Todos de ambos os lados da ala política americana concordavam que a assistência social precisava ser reformada, mas ninguém sabia como.

Foi Olasky que descobriu a resposta quando analisava a abordagem tradicional cristã acerca da caridade. Pesquisando a vasta proliferação das obras de caridade cristãs do século XIX, cognominada Instituição Beneficente,[53] Olasky constatou que as igrejas se especializaram em assistência pessoal que cumpria o significado literal da palavra *compaixão* — "sofrimento com" os outros. Elas não faziam apenas contribuições em dinheiro; ajudavam as pessoas a mudar de vida, concentrando-se na qualificação profissional e na educação. Exigiam que os pobres fizessem algum trabalho útil, enquanto lhes davam a chance de restabelecer a dignidade, contribuindo com algo lucrativo para a sociedade. Auxiliavam os proscritos a formar uma rede social que os religasse com a família e a igreja para continuidade do sustento e prestação de contas. Acima de tudo, tratavam das necessidades morais e espirituais que jazem no cerne do comportamento disfuncional.

Claro que isso é mais do que o governo pode fazer. Na verdade, a ajuda governamental piora as coisas. Ao entregar cheques assistenciais impessoalmente a todos que se qualificam, sem tratar dos problemas comportamentais subjacentes, o governo em essência "recompensa" os padrões anti-sociais e disfuncionais. E todo comportamento que o governo recompense terá a tendência a aumentar. Como notou certo crítico perceptivo do século XIX, a ajuda governamental é um "solvente poderoso para dissolver os laços de parentesco, extinguir as afeições familiares, suprimir nos pobres o instinto de autoconfiança e respeito a fim de convertê-los em indigentes".[54]

A abordagem bem-sucedida das igrejas é descrita no livro de Olasky, *The Tragedy of American Compassion* (ATragédia da Compaixão Americana), onde ele cunhou o termo *conservantismo compassivo.* O livro foi lido pelo ex-presidente do Congresso Americano, Newt Gingrich, que gostou tanto que o distribuiu a todos os estudantes novatos que chegavam ao Congresso. Da noite para o dia, Olasky começou a ser festejado como o "guru" que descobrira uma saída para o impasse da assistência social. Ele tornou-se conselheiro de George *W.* Bush, que fez campanha para a presidência usando o *slogan*

"conservantismo compassivo", prometendo criar um escritório especial para apoiar as iniciativas de base religiosa. Embora os analistas políticos continuem debatendo os detalhes, Olasky provocou uma decisiva troca de paradigma no tratamento que os Estados Unidos dão à assistência social.

O sucesso de pessoas como Plantinga, Larson e Olasky nos inspira a tirar do esconderijo nossas crenças teístas e colocá-las na esfera pública. Se o cristianismo for de fato verdadeiro, então proporcionará um tratamento melhor em cada disciplina.

Por que muitos cristãos ainda compartimentam a fé na esfera particular? Por que aceitam a divisão secular/sagrado que limita o impacto revolucionário da Palavra de Deus? O único modo de nos libertar desta grade limitadora é determinar sua raiz — diagnosticar de onde veio, como se desenvolveu com o passar do tempo e moldou a forma como grande parte dos cristãos pensa hoje. No próximo capítulo, vamos investigar a história americana em busca de pistas do motivo de pensarmos do modo como pensamos. Como recuperar a crença de que o cristianismo não é apenas uma verdade religiosa, mas a verdade absoluta?

** N. do T.: Aborto provocado até ao nono mês de gravidez em que o médico vira o nascituro no útero com um fórceps e puxa-o pelos pés, deixando apenas a cabeça no interior do ventre materno. Depois, perfura o crânio do nascituro com uma tesoura e introduz um cateter para sugar o cérebro, fazendo a cabeça do nascituro murchar. Em seguida, retira o bebê morto. Pelo direito consuetudinário americano, o parto de nádegas não é considerado "nascimento", cuja configuração se dá essencialmente com a passagem da cabeça. Se o bebê fosse morto após ter sido totalmente retirado do corpo da mãe, o médico estaria cometendo homicídio.*

2

Redescobrindo a Alegria de Viver

O problema não é só ganhar almas, mas salvar mentes.
Se você ganhar o mundo inteiro e perder a mente do mundo, logo
descobrirá que não ganhou o mundo.
Charles Malik[1]

Com apenas vinte e cinco anos de idade, SealyYates já tinha realizado todos os seus sonhos. Formara-se em Direito, fora aprovado no exame de admissão na ordem dos advogados e arrumara um ótimo trabalho. Casara-se com uma mulher maravilhosa, e ambos se ocupavam na criação do primeiro filho. A vida era boa.

Foi quando Sealy caiu em profunda depressão. Era muito jovem para uma crise de meia-idade, contudo as mesmas perguntas lhe vinham à mente com freqüência: *E tudo? Não há mais nada? É o que vou fazer pelo resto de minha vida? Qual é o significado de tudo isso?*

Sealy não era de índole depressiva, por isso sondou as razões por trás da depressão. E a resposta que descobriu nenhum psicólogo teria imaginado: a chave para recuperar a alegria e o propósito de vida foi entender que o cristianismo é a verdade absoluta; esta descoberta rompeu a represa e verteu as águas restauradoras do evangelho nas áreas sedentas de sua vida.

Com a idade de quinze anos, Sealy atendera ao chamado do Senhor numa Igreja Batista. Daquele momento em diante, ele estava absolutamente certo de que seu mais profundo desejo era servir a Deus. A princípio, imaginou que significava exercer um ministério na igreja, tornando-se pastor, missionário ou líder do departamento de música.

"Eu queria viver para Deus", contou-me" Sealy,"e meu único referencial dizia que eu tinha de trabalhar em tempo integral na obra do Senhor."

No entanto, havia um problema: ele não possuía as habilidades necessárias para cumprir qualquer função ministerial relacionada com a igreja. Revisando seus testes vocacionais, um conselheiro da escola de Ensino Médio sugeriu que ele cogitasse a hipótese de torna-se advogado. A idéia era eletrizante. Ninguém na família de Sealy tinha cursado uma faculdade, muito menos uma de Direito. Pensar nisso parecia ultrapassar de forma bastante estrondosa os limites da possibilidade. Não obstante, orou, empenhou-se arduamente e... conseguiu.

Então, por que ele não estava contente? O sonho impossível de Sealy tornara-se realidade, mas ele se sentia infeliz. Mantinha a agenda cheia de atividades na igreja, porém uma fome espiritual ainda lhe corroía o coração. Talvez ele se equivocara. Talvez *de fato* fora convocado para a obra de Deus em tempo integral, mas ignorara o chamado. Será que deveria sair do trabalho e ir para o campo missionário?

Os cristãos seriamente comprometidos com Cristo sofrem este cabo-de-guerra interior. Como Sealy, a maioria de nós assimila a idéia de que servir a Deus significa em primeiro lugar fazer a obra de Deus. Se estamos engajados em outras áreas de trabalho, pensamos que servir ao Senhor significa amontoar atividades na igreja — coisas como cultos, estudos bíblicos, evangelismo — em cima de nossas responsabilidades existentes. Todavia, como fica o trabalho secular? Nosso trabalho é só uma necessidade material, algo que põe comida na mesa, mas não tem significação espiritual intrínseca? É meramente utilitário? É um modo de ganhar dinheiro?

Sealy descobriu que eram essas as questões que alimentavam sua depressão: ele não

fazia idéia de como integrar a fé crista à sua vida profissional. Em suas aulas de direito na Universidade da Califórnia, campus Los Angeles (UCLA), nunca houvera menção do cristianismo; nenhum dos professores ou colegas partilhara seu compromisso com Cristo; nem qualquer colega de trabalho na empresa jurídica onde trabalhava. E, visto que sua atividade profissional tomava a maioria das horas em que estava acordado, significava que um segmento grande de sua vida estava fechado para o que era mais importante para ele.

Onde está Deus em minha vida?, Sealy se perguntava. O que julgara que fosse depressão era um desejo atordoante de que seu trabalho secular tivesse um significado espiritual. Acrescentar atividades eclesiásticas a um trabalho de todo secularizado era como pôr uma moldura religiosa em uma pintura secular. A tensão entre a fome espiritual e as exigências de tempo de um trabalho puramente "secular" estava dilacerando-o por dentro.

A procura de Sealy por solução foi recompensada quando ele descobriu um programa de estudos cristãos que lhe ensinou como abordar vida espiritual dos clientes. Logo, um mundo novo se abriu para ele, quando percebeu que a lei trata de assuntos ligados à totalidade da pessoa.

"As pessoas consultam advogados quando estão passando por dificuldades", explicou ele. "E uma oportunidade fenomenal para ajudá-las a fazer o que é certo."

Os advogados podem ministrar a cônjuges que procuram divórcio, orientar adolescentes em dificuldade com a lei, aconselhar homens de negócios em conflitos éticos para fazerem o que é certo, confrontar ministérios cristãos que estejam transigindo os princípios bíblicos. A advocacia não é somente um conjunto de procedimentos ou uma técnica argumentativa. É o meio de Deus confrontar o erro, estabelecer a justiça, defender os fracos e promover o bem público.

Em toda profissão, os pontos de vista prevalecentes originam-se da filosofia subjacente. São suposições básicas sobre o que, afinal de contas, é verdadeiro e certo. Isso significa que os cristãos não precisam se sentir fora de lugar ao apresentar suas próprias suposições ao campo em que atuam profissionalmente. Sealy passou a servir-se da liberdade de oferecer a visão bíblica sobre justiça, direito e reconciliação na área legal.

O Segredo de Sealy

O dilema que Sealy enfrentou não é incomum aos cristãos de qualquer profissão. Como vimos no capítulo anterior, a sociedade moderna é caracterizada por uma divisão distinta entre o âmbito sagrado e o secular, definindo que o trabalho e os negócios são estritamente seculares. Em conseqüência disso, os cristãos habitam em dois mundos separados, indo e vindo entre o mundo particular da família e da igreja (onde expressamos nossa fé com toda liberdade) e o mundo público (onde a expressão religiosa é suprimida com bastante firmeza). Muitos de nós nem sabemos o que significa ter uma perspectiva cristã em nosso trabalho. Sabemos que ser crente significa ser ético no trabalho, como disse Sealy: "Sem mentir ou enganar".

Mas o trabalho em si está tipicamente definido em termos seculares como levar dinheiro para casa, subir de posição na empresa, construir uma reputação profissional.

Para advogados como Sealy, o sucesso é, em primeiro lugar, definido como causas ganhas. A atitude na profissão legal de hoje é que a lei não tem nada a ver com moralidade. Advogados são pouco mais que "peões armados" que defendem seus clientes, certos ou errados, sem levar em consideração os princípios morais da verdade ou da justiça. São aconselhados a manter sua perspectiva moral firmemente comprimida na esfera particular, pois na pública, o trabalho é prestar orientações apenas legais.[3]

Entretanto, nenhum cristão, em qualquer profissão, sente-se feliz quando está

dividido em duas direções opostas. Todos almejamos que nosso trabalho conte para algo mais que pagar as contas ou impressionar nossos colegas. Como experimentar o poder completo de nossa fé cristã quando ela está hermeticamente fechada ao resto da vida? Como levar uma vida íntegra quando nos exigem que deixemos nossas crenças mais profundas a caminho do trabalho, atuando ali com uma mentalidade apenas "secular"?

As dicotomias de que falamos — secular/sagrado e público/particular — não são meras abstrações. Causam um impacto pessoal muito profundo. Quando o âmbito público é isolado como zona livre de religião, nossa vida é partida e fragmentada. O trabalho e a vida pública são despojados de significação espiritual, ao passo que as verdades espirituais, que dão à vida o significado mais profundo, são degradadas a atividades de lazer, adequadas somente para as horas de folga. O evangelho é preso e roubado de seu poder de "levedar" o todo da vida.

Como nos livrar das dicotomias que limitam o poder de Deus em nossa vida? Como tornar o amor e o serviço a Deus centelhas vivas que incendeiem toda a nossa vida? Descobrindo uma perspectiva de cosmovisão que unifique *tanto o* secular *quanto* o sagrado, *tanto* o público *quanto o* particular, dentro de uma única estrutura; entendendo que todo trabalho honesto e empreendimento criativo são um chamado válido do Senhor; e percebendo que há princípios bíblicos que se aplicam a cada campo de trabalho. Esses *insíghts* nos encherão de novo propósito, e experimentaremos a alegria que há em nos relacionarmos com Deus *em* e *através de* cada dimensão de nossa vida.

Para Sealy, significou descobrir que advogar é muito mais que um modo de ganhar dinheiro e casos. E fundamentalmente um modo de exercer os próprios propósitos de Deus no mundo: promover a justiça e contribuir para o bem da sociedade.

"Deus me mostrou como viver para Ele em minha vida profissional", disse-me Sealy. "Não é somente administrar um negócio ou ganhar a vida. Em nosso trabalho, estamos fazendo a obra de Deus. Foi quando redescobri a alegria de viver."

Culpa Política

É bem provável que ninguém tivesse ligado a idéia de cosmovisão cristã a encontrar alegria na vida. Sealy tem razão. Apenas quando oferecemos tudo que fazemos em adoração a Deus é que experimentamos seu poder percorrendo cada fibra de nosso ser. O Deus da Bíblia é tanto o Deus do espírito humano quanto o da natureza e da história. Nós lhe servimos quando o adoramos e obedecemos ao mandato cultural. As igrejas cristãs que querem fazer um bom discipulado devem ensinar os crentes a continuar vivendo para Deus após saírem da igreja aos domingo.

Não faz muito tempo, depois de discursar no Capitólio, certo chefe de Estado-Maior do Congresso me confidenciou, um tanto frustrado, que muitos jovens cristãos americanos que vão a Washington sentem-se "culpados" por estarem interessados em política.

— Culpados? — a noção me era incompreensível. — Mas por quê?

— Porque — ele explicou — sentem que se fossem *de fato* leais a Deus, não estariam aqui. Estariam no ministério.

Embora muitos desses jovens tivessem se formado em faculdades cristãs, ninguém lhes ensinara uma cosmovisão cristã. Ainda colocavam o trabalho profissional no lado *secular* da divisão secular/sagrado, considerando-o menos valioso que a atividade religiosa.

Um alto funcionário de Washington lamentou como era difícil encontrar pessoas para cargos governamentais que fossem cristãos verdadeiros e, ao mesmo tempo, profissionais excelentes. Segundo me disse, o problema é que a maioria dos cristãos não tem um senso bíblico de chamado em seu trabalho, e, assim, não o tratam como trabalho de linha de frente

para o Reino. Como exemplo, contou-me a história de um médico que parará de clinicar para juntar-se à equipe de uma organização cristã.

— Deixei de clinicar para trabalhar no ministério — disse-lhe o médico.

— Volte — interrompeu o funcionário.— Esse é exatamente o problema: a sua prática médica era um ministério, da mesma forma que muita coisa que você faz hoje.

Surpreso, o médico confessou que nunca pensara nisso nesses termos.

Cristãos comuns que trabalham no comércio, na indústria, na política, na fábrica e em outras áreas ocupacionais são "as tropas de linha de frente da igreja em sua guerra com o mundo", escreveu Lesslie Newbigin. Imagine como as igrejas seriam transformadas se considerássemos que seus membros são verdadeiramente as tropas de linha de frente na guerra espiritual. "Será que estamos cumprindo nosso dever de apoiar as tropas em suas batalhas?", perguntou Newbigin. "Já fizemos algo de concreto para fortalecer o testemunho cristão? Já os ajudamos a enfrentar os problemas éticos dificílimos com que eles têm de lidar todos os dias? Já lhes demos a garantia de que a igreja local está por trás na guerra espiritual diária em que empreendem?"[4] A igreja nada mais é que uma base de treinamento para enviar membros que estejam preparados para anunciar o evangelho ao mundo.

Tornando-se Bilíngües

De certo modo, os cristãos têm de ser bilíngües para traduzir a perspectiva do evangelho em uma língua que nossa cultura entenda. Por um lado, todos aprendemos a falar a língua que o mundo fala: se passamos pelo sistema educacional público, "fomos treinados a usar uma língua que afirma entender o mundo sem a hipótese de Deus", conforme disse Newbigin. Entretanto, "por uma ou duas horas por semana, usamos a outra língua, a da Bíblia".[5] Somos como imigrantes — como meus avós que emigraram da Suécia e se estabeleceram nos Estados Unidos. Durante o culto dominical na igreja luterana, eles falavam a língua materna com que estavam familiarizados; mas pelo resto da vida tiveram de empregar o inglês de som estranho da terra onde escolheram se estabelecer.

Nem todos os cristãos são chamados *apenas* para ser como imigrantes, mantendo alguns costumes e frases do antigo país. Temos de ser como missionários, traduzindo a língua da fé para a língua da cultura em que vivemos.

A incômoda verdade é que não estamos nos dando bem como lingüistas. O colunista Andy Crouch conta a história de um professor cristão da Universidade Cornell, que se preocupava com os alunos cristãos de suas aulas. Eles "quase não dizem nada", reclamou o professor. A única maneira de saber que eram crentes era quando "me procuravam depois da aula para furtivamente me agradecer". Este era um professor que procurava criar um ambiente amigável no qual os alunos cristãos se sentissem livres para participar — "mas eles não vão dizer nada!"[6]

Por que não? A resposta é que a maioria deles não sabe expressar a perspectiva da crença que professam usando uma língua adequada ao ambiente público. Como imigrantes que ainda não dominam a gramática do novo país, eles são tímidos. Em particular, falam uns com os outros na língua materna de sua religião, mas em sala de aula não têm certeza de como expressar a perspectiva religiosa na linguagem do mundo acadêmico.

Divisão Maior

As pesquisas de opinião pública mostram de forma constante que grande porcentagem dos americanos afirma crer em Deus ou ter nascido de novo, apesar de a repercussão dos princípios cristãos estar diminuindo na vida pública. Por quê? Porque a

maioria dos evangélicos tem pouco treinamento em como formar princípios de cosmovisão cristã em uma linguagem aplicável ao ambiente público. Embora o cristianismo esteja prosperando na cultura moderna, está a ponto de ser relegado à esfera particular cada vez mais firmemente.

Outro modo de dizer, é que a esfera particular está ficando cada vez mais religiosa, ao mesmo tempo em que a pública está ficando cada vez mais secular. Em pesquisa de 1994, 65% dos americanos disseram que a religião está perdendo sua influência na vida pública, ao passo que quase o mesmo número, 62%, disse que a influência da religião estava aumentando em sua vida pessoal.[7] Isto significa que a divisão entre os reinos público e privado alargou-se escancaradamente, tornando muito difícil aos cristãos levar ao cenário público os princípios fundamentados na Palavra de Deus.

A privatização também mudou a natureza da religião. No âmbito privado, a religião desfruta considerável liberdade, mas só porque este âmbito foi seguramente isolado do mundo "real", onde ocorrem as atividades "importantes" da sociedade. A religião não é mais considerada fonte de declarações sérias acerca da verdade as quais poderiam estar em conflito com programas de trabalho públicos. O âmbito privado foi reduzido a um'"pátio de recreio' inócuo", diz Peter Berger, onde a religião é aceitável para pessoas que precisam desse tipo de muleta, mas onde não transtornará nenhum plano importante no mundo maior da política e da economia.[8]

Ao permitirmos que a religião fique confinada a uma área segregada da vida, rebaixamos um de seus propósitos primários, que é precisamente prover um senso de significado da vida. Como escreve Berger, a privatização "representa ruptura severa da tarefa tradicional da religião, que era estabelecer um conjunto integrado de definições da realidade que poderia servir como universo comum de significado para os membros da sociedade".[9] Na realidade, muitos evangélicos já não pensam que é tarefa da religião prover um "universo comum de significado". Hoje, a religião atrai quase que exclusivamente porque atende às necessidades do campo particular — as necessidades de significação pessoal, vínculo social, apoio familiar, nutrição emocional, vida prática e assim por diante. Neste clima, as igrejas, de modo quase inevitável, passam a falar a língua das necessidades psicológicas, focando antes de tudo as funções terapêuticas da religião. Considerando que a religião estava ligada à identidade grupai e ao senso de pertencer a grupo, hoje é quase a procura de uma vida interior autêntica.

As pessoas gostam muito de uma religião que trate de suas necessidades emocionais e práticas desta maneira. Em um mundo público cada vez mais impessoal, as pessoas têm fome de recursos que sustentem seu mundo pessoal e particular. No entanto, isso representa uma visão truncada das reivindicações de o cristianismo ser a verdade acerca de toda a realidade. "A secularização não causou a morte da religião", diz o teólogo Walter Kasper, mas fez com que "se tornasse mero setor da vida moderna ao lado de muitas outras. A religião perdeu sua reivindicação à universalidade e seu poder de interpretação".'" Quer dizer, o cristianismo já não funciona como lente para interpretar o todo da realidade; já não é considerado a verdade absoluta.

Em essência, os cristãos aceitaram uma troca: consentindo no processo de privatização, diz Newbigin, o cristianismo "garantiu para si um lugar permanente à custa de entrega de território crucial"." Em outras palavras, o cristianismo sobreviveu no âmbito particular, mas à custa da perda da habilidade de fazer declarações acreditáveis no âmbito público ou desafiar as ideologias predominantes.

A razão de Newbigin ter tanta sensibilidade ao problema é que ele foi missionário na índia por quarenta anos — país que não está infestado pela mesma divisão secular/sagrado,

público/particular. Segundo a mentalidade dos cristãos indianos, é claro que a religião permeia a totalidade da vida. O mesmo se dá com os cristãos africanos. "Na maioria das culturas humanas, a religião não é um conjunto de atividades separadas do resto da vida", explica Newbigin. "Nessas culturas, o que chamamos de religião é uma cosmovisão inteira, um modo de entender o todo da experiência humana."

Em escala global, a dicotomia secular/sagrado é uma anomalia — mero distintivo da cultura ocidental. "O limite inequívoco que a cultura ocidental moderna traçou entre assuntos religiosos e seculares é uma das peculiaridades mais significativas de nossa cultura, e seria incompreensível para a maioria dos povos."[12] Para comunicar o evangelho no Ocidente, enfrentamos um desafio inigualável: precisamos aprender a libertar o evangelho do âmbito particular e apresentá-lo em sua plenitude gloriosa como a verdade acerca de toda a realidade.

Devoção Incoerente

O primeiro passo no processo é identificar a mentalidade dividida em nosso pensamento e diagnosticar o modo como funciona. Os cristãos estão tão familiarizados com a dicotomia que encontram dificuldade em identificá-la na própria mente. Isto me ocorreu quando lia sobre uma pesquisa feita anos atrás por Christian Smith, sociólogo da Universidade da Carolina do Norte (e crente).[1'] Os resultados da pesquisa destacam as notícias boas e as ruins sobre o evangelicalismo americano.

As notificações boas eram que, em diversas avaliações de vitalidade religiosa, os evangélicos se saíram constantemente bem. Está claro que eles são muito dedicados a Deus; falam a língua do evangelho com fluência. Por outro lado, quando eram solicitados a articular uma perspectiva da cosmovisão cristã em outros assuntos — áreas como trabalho, negócios e política —, tinham pouco a dizer. Não souberam traduzir uma perspectiva de fé numa língua satisfatória para o ambiente público.

A pesquisa comparou os evangélicos com quatro grupos: os fundamentalistas, os protestantes tradicionais, os protestantes liberais e os católicos. Vejamos alguns exemplos. Primeiro, as notícias boas. Quando perguntados sobre que opinião tinham da Bíblia, cerca de 97% dos evangélicos disseram que é inspirada por Deus e sem erros. Compare esse percentual com os outros grupos pesquisados:

97% de evangélicos
92% de fundamentalistas
89% de protestantes tradicionais
78% de protestantes liberais
74% de católicos

Os evangélicos também foram os que mais afirmaram ter entregado a vida a Jesus Cristo como Senhor e Salvador pessoal:

97% de evangélicos
91% de fundamentalistas
82% de protestantes tradicionais
72% de protestantes liberais
67% de católicos

Esta é a porcentagem dos que afirmam que sua crença religiosa é muito importante

para eles:

78% de evangélicos
72% de fundamentalistas
61% de protestantes tradicionais
58% de protestantes liberais
44% de católicos

Existem padrões morais absolutos? "Sim":

75% de evangélicos
65% de fundamentalistas
55% de protestantes tradicionais
34% de protestantes liberais
38% de católicos

Você tem dúvidas sobre a fé? "Nunca":

71% de evangélicos
63% de fundamentalistas
62% de protestantes tradicionais
44% de protestantes liberais
58% de católicos

Uma pergunta particularmente pertinente a este livro: Até que ponto é importante defender uma cosmovisão bíblica nos círculos intelectuais? "Muito importante":

63% de evangélicos
65% de fundamentalistas
46% de protestantes tradicionais
49% de protestantes liberais
(os católicos não votaram)

Os números deixam claro que em muitas avaliações de vitalidade religiosa, o evangelicalismo está indo muito bem.[15] Os historiadores e sociólogos são notórios por predizer o falecimento do cristianismo no mundo moderno. A maioria aceita a "tese da secularização", que declara que à medida que as sociedades se modernizam, inevitavelmente se secularizam. Todavia, a secularização dos Estados Unidos é exagerada ao máximo. As evidências mostram que o evangelicalismo está prosperando até na sociedade de hoje por demais modernizada.

Se estas são as notícias boas, então quais são as ruins? As notícias ruins são que quando solicitados a articular uma perspectiva de cosmovisão bíblica sobre assuntos da área pública, ninguém soube como fazer. *Nenhuma pessoa* da pesquisa inteira. Os respondentes falaram estritamente na língua da moralidade individual e da devoção religiosa; não souberam expressar uma filosofia cristã sobre negócios, política ou cultura.[16]

Este fato se destaca se lermos alguns exemplos nas próprias palavras dos respondentes. Quando questionados sobre como causar um efeito transformador na cultura em geral, uma mulher batista respondeu:"Acho que se cada pessoa vivesse a vida cristã...

isso influenciaria a sociedade. Temos apenas de viver da forma como Cristo quer que vivamos, da melhor maneira que pudermos, a fim de influenciar a sociedade como um todo". Um cristão carismático falou aos pesquisadores:"Para mim, a solução para os problemas do mundo é ficar crente, certo?" Um membro da Igreja de Cristo disse: "Crer em Cristo e fazer o possível para viver do modo que Ele deseja bastaria para mudar o mundo inteiro".[17]

Claro que estas respostas contêm muita verdade, mas essa verdade é limitada à conversão individual e influência pessoal. Nenhum dos respondentes falou sobre apreciar de modo crítico a cosmovisão que molda a vida pública atual, ou sobre desenvolver uma teoria cristã da ordem social.

Quando questionados sobre como o cristianismo deve afetar o mundo do trabalho e dos negócios, a maioria só pensou em injetar atividades religiosas no ambiente de trabalho. Certa mulher de uma igreja bastante orientada à evangelização disse:"Há oportunidades [...] para fazer estudos bíblicos durante o horário de trabalho, um café da manhã de oração, evangelismo de algum modo". Um pentecostal (pelo visto, com um trabalho difícil e árduo) respondeu:"Não os deixo dizer muitos palavrões no trabalho. [...] Nem beber, nem vir ao trabalho bêbados. Quase sempre oramos antes de começarmos a trabalhar pela manhã".[18]

Outros destacaram o próprio testemunho moral no trabalho. Os cristãos "devem ser os empregados mais honestos entre todos", respondeu um presbiteriano. "Se você estiver trabalhando para alguém, não deve roubar ou ficar dez minutos a mais no horário de almoço." Na realidade a honestidade foi o único fator mencionado na lista por mais de um entre três evangélicos. Quando os pesquisadores pressionaram o assunto, perguntando se os cristãos poderiam fazer outra coisa para a economia, um membro da Igreja de Cristo deu a seguinte resposta: "Não precisa, pois se todos forem honestos, bastará". Uma mulher batista disse: "Se você [é honesto], as demais coisas cuidarão de si mesmas".[19]

Claro que temos de elogiar os que fazem estudos bíblicos no local de trabalho ou mostram uma influência moral. Mas, e quanto a uma perspectiva bíblica sobre o trabalho em si? Está faltando algo quando ninguém fala sobre o trabalho como serviço a Deus ou como cumprimento do mandato cultural — o mandamento bíblico de sujeitar a terra (ver Capítulo 1). Mesmo quando pressionados, nenhum respondente ofereceu qualquer princípio bíblico de economia ou pareceu ciente do impacto de forças ou instituições econômicas sistêmicas.

Por fim, e quanto à política? Uma mulher que freqüenta uma igreja evangélica morávia disse à pesquisa: "O que o cristão pode fazer na política? Ser uma presença moral". Um membro da Igreja de Cristo disse: "Por que os cristãos deveriam entrar [para a política]? Porque penso que almas devem ser salvas. [...] Se posso ajudar alguém [a ir para o céu] estando no governo, [...] isso me deixaria feliz".[20]

Ninguém negaria que os cristãos são chamados para ser evangelistas *onde quer* que estejam — inclusive na política. Mas o ofício político não é mera plataforma para compartilhar o evangelho. Também somos chamados para elaborar uma perspectiva bíblica sobre o Estado e a política. Deus criou o Estado para um propósito, e precisamos perguntar qual é. Como os cristãos trabalham para promover a justiça e o bem público?

Nas ocasiões em que os respondentes trataram assuntos políticos específicos, mencionaram tipicamente o aborto e a homossexualidade. Por que estes assuntos em particular? Porque são fáceis de conceitualizar em termos de moralidade individual. E é por isso mesmo que as soluções para os problemas sociais eram fraseadas quase que de modo exclusivo em termos de atividades voluntárias — missões de caridade aos pobres, aos sem-teto, aos viciados. "Por mais meritórios que sejam estes projetos", comenta Smith, "nenhum deles transforma os sistemas sociais ou culturais, mas apenas suaviza os danos causados

pelo sistema existente."[21]

O estudo fornece uma imagem fascinante dos cristãos evangélicos contemporâneos, definindo com grande precisão suas forças e fraquezas.

por um lado, o coração está no lugar certo: são sinceros, sérios, comprometidos. Por outro, a fé está quase que privatizada: está confinada à área pessoal do comportamento, valores e relações. Mesmo quando os evangélicos procuram influenciar a esfera pública, a principal estratégia é importar atividades da esfera particular, como reuniões de oração e evangelismo. Amigos que trabalham no Capitólio contam-me que há vários grupos cristãos que ministram aos políticos e suas equipes, contudo praticamente todos limitam seu ministério à vida devocional pessoal — "Como está sua vida com Cristo?" Poucos desafiam os políticos a pensar nas questões em si a partir de uma perspectiva bíblica — "O que é uma filosofia política cristã? Como sua perspectiva de fé influencia o seu voto nos projetos de lei que estão na pauta do Congresso hoje?"

Antes de fazermos uma cosmovisão cristã, precisamos identificar as barreiras que nos impedem de aplicar nossa fé em áreas como trabalho, negócios e política. Precisamos entender por que os cristãos ocidentais perderam de vista o chamado abrangente que Deus deu a cada um de nós. Como foi que sucumbimos a uma grade secular/sagrado que impossibilita nossa eficácia na esfera pública? Para nos libertarmos deste padrão de pensamento destrutivo, precisamos entender de onde veio, identificar as formas que tomou e determinar o modo em que foi entretecido nos padrões difusos de nosso pensamento. Descobriremos que, desde o princípio, o cristianismo foi infestado por dualismos e dicotomias de vários tipos. E o único modo de nos livrarmos do pensamento dualístico é fazer uma diagnose clara do problema.

Esquizofrenia Cristã

Para fazermos essa diagnose, temos de nos voltar à Igreja Primitiva e seu encontro com o pensamento grego. Imagine os primeiros crentes: grupos pequenos e prontos para o combate, cercados por uma cultura estrangeira com idioma, literatura, instituição cívica próprios e aceitos, e, mais forte que tudo, a rica tradição intelectual da filosofia grega. Como a Igreja Primitiva defenderia sua fé na ressurreição de Jesus em oposição às filosofias altamente desenvolvidas dos seus dias?

Os pensadores clássicos transmitiram muitos ensinamentos bons. Conhecemos nomes: Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles. Eles enfatizaram a ordem racional do universo, que mais tarde tornou-se inspiração importante para o desenvolvimento da ciência moderna. Levantaram-se contra os materialistas e os hedonistas dos seus dias, afirmando os ideais eternos da verdade, bondade e beleza. Argumentaram que o conhecimento era objetivo e não somente uma crença social. Da mesma forma, Platão apresentou argumentos baseados na ordem cujos objetivos são direcionados à natureza.[22] Tudo isso e muito mais os pensadores cristãos acharam muito apropriados, e subseqüentemente adotaram diversos elementos da filosofia clássica como ferramentas intelectuais para dar expressão filosófica à fé bíblica que tinham.

Contudo, os pensadores gregos eram pagãos, e muitas de suas doutrinas eram incompatíveis com a verdade bíblica. Em vez de darmos uma descrição abrangente do pensamento clássico, nos concentraremos em alguns destes elementos problemáticos. Para sermos justos, os pais da igreja não deixaram de absorver boa parte do pensamento grego. Afinal, era o único idioma conceituai que havia quando trataram do mundo culto dos seus dias. Mas veio com certa bagagem negativa séria, sobretudo com o que SchaefFer denomina ponto de vista da realidade de "dois pavimen-tos".[23] O pensamento clássico traçou uma

dicotomia rígida entre matéria e espírito, tratando o reino material como se fosse menos valioso que o reino espiritual e, por vezes, mau. A salvação estava definida em função dos exercícios ascéticos que visavam a libertar o espírito do mundo material para que pudesse subir a Deus.

Talvez isso soe abstrato, por isso vamos concretizá-lo examinando as duas personagens-chave que causaram o maior impacto no pensamento cristão.

Por que Platão é Importante

O dualismo acima descrito foi particularmente forte em Platão, o filósofo que de longe causou o maior impacto nos pensadores cristãos durante a Idade Média (sobretudo, por uma adaptação posterior conhecida por neoplatonismo).[24] Platão ensinou que tudo é composto de matéria e forma — material bruto disposto em ordem por idéias racionais. Pense em uma estátua: consiste em mármore talhado em uma forma bonita de acordo com um desígnio ou projeto na mente do artista. A matéria em si era considerada desordenada e caótica. As formas eram racionais e boas, ocasionando a ordem e a harmonia.

Na realidade, o reino da forma pura era considerado mais real que o mundo material, por mais estranho que isso nos pareça. Platão pintou um quadro de palavras convincente para sugerir que o mundo da experiência ordinária — o mundo que conhecemos pela visão, som, toque — é apenas um jogo de sombras projetado na parede de uma caverna. Segundo ele, a maioria das pessoas é cativada pelo espetáculo da sombra e o confunde com a realidade. Mas o filósofo é o iluminado que consegue fugir da caverna e descobrir o mundo genuinamente real das formas imateriais, sendo as mais altas a bondade, a verdade e a beleza. O que Platão quer dizer com o quadro de palavras é que o mundo material é o reino do erro e ilusão. O caminho ao verdadeiro conhecimento é livrar-se de todo dos sentidos físicos para que a razão possa entender o reino das formas.

Por que Platão via que o mundo material era inferior? Como aprendemos em nossa discussão sobre matemática no Capítulo 1, Platão considerava que a matéria era preexistente desde toda a eternidade. O papel do criador fora somente impor a forma racional na matéria. Mas a preexistência da matéria significava que possuía propriedades independentes sobre as quais o criador não tinha controle; em conseqüência disso, a deidade nunca fora totalmente bem-sucedida em forçar a matéria a entrar no molde das formas. Isto explica por que sempre há um pouco de caos, desordem e irracionalidade no mundo.

Em essência, Platão propunha uma origem dupla para o mundo. Forma e matéria são eternas: a forma representa a razão e a racionalidade, ao passo que o fluxo eterno da matéria informe é por natureza mau e caótico. Este duplo ponto de vista das origens conduziu a um ponto de vista da realidade de dois pavimentos, com *a forma* no pavimento de cima e a *matéria* no pavimento de baixo.

Podemos representar o dualismo platônico assim:

FORMA
Razão Eterna

MATÉRIA
Fluxo Eterno Informe

De acordo com a perspectiva bíblica, o problema com o dualismo platônico era que

identificava a fonte do caos e do mal como parte da criação de Deus, a saber, a matéria. A criação foi dividida em duas partes: a espiritual (superior e boa) e a material (inferior e ruim). Esta concepção estava em nítido antagonismo com a cosmovisão bíblica, que ensina que *nada* existe desde a eternidade em oposição a Deus. A matéria não é uma substância preexistente com propriedades próprias e independentes, capaz de resistir ao poder de Deus. Deus a criou e, portanto, tem controle absoluto sobre ela. Este era o significado operativo da doutrina *exnihilo* que defende que nada é independente da criação de Deus, mas que tudo veio dEle e está sujeito a Ele.

Em contraste com os gregos, a Bíblia apresenta o mundo material, a princípio, como bom: considerando que foi criado por Deus, reflete seu caráter bom.[2] A Bíblia não identifica o mal com a matéria ou com outra parte da criação, mas com o pecado, que torce e distorce a criação de Deus originalmente boa. Por exemplo, a Escritura não trata o corpo como pecador ou menos valioso por natureza.[26] Quando Paulo nos exortou em Gaiatas 5 a evitar "a concupiscência da carne", não estava aludindo ao corpo, mas usava a palavra "carne" como termo técnico para referir-se à natureza pecadora.[27] Se o corpo fosse inerentemente pecador, a encarnação teria sido impossível, porque Jesus assumiu o corpo humano e nunca pecou. O fato absoluto e monumental que o próprio Deus assumiu a forma humana fala de modo decisivo sobre a dignidade do corpo. Para os pensadores gregos, a declaração mais tremenda que os cristãos fizeram foi que Deus tornara-se uma pessoa histórica que foi vista, ouvida e tocada. A inquirição racional não podia mais rejeitar o mundo dos sentidos, mas tinha de levar em conta a história — acontecimento no tempo e no espaço como a encarnação, morte e ressurreição de Cristo.[2]"

O *Malvado Agostinho*

Outro modo de dizer é que, segundo a Bíblia, o dilema humano é *moral* — o problema é que violamos os mandamentos de Deus. Porém, segundo os gregos, o dilema humano era *metafísico* — o problema é que somos seres físicos e materiais. E se o mundo material é ruim, então a meta da vida religiosa é evitar, suprimir e, no final das contas, fugir dos aspectos materiais da vida. O trabalho manual era considerado menos valioso que a oração e a meditação. O casamento e a sexualidade foram rejeitados em favor do celibato. A vida social ordinária estava num plano mais baixo que a vida em eremitérios e mosteiros. O alvo da vida espiritual era livrar a mente do mundo mau do corpo e dos sentidos, para que assim pudesse elevar-se a Deus.

Soa familiar? Descreve grande parte da espiritualidade dos pais da igreja e da Idade Média. O crente de fato verdadeiro era quem rejeitava o trabalho comum e a vida familiar, e retirava-se a um mosteiro para viver em oração e contemplação. Concebiam que a vocação cristã estava separada da vida humana habitual e da comunidade.

Estas idéias não foram derivadas da Bíblia, mas da filosofia grega. Muitos dos pais da igreja foram profundamente influenciados pelo platonismo, incluindo Clemente de Alexandria, Orígenes,Jerônimo e Agostinho. Por um lado, em seus escritos eles assumiram forte posição a favor da bondade da criação, rejeitando a origem dupla do mundo.Todo aspecto da criação vem da mão de Deus e traz o selo do seu trabalho manual. Por outro lado, na prática, a maioria deles assimilou ao menos parte da atitude negativa dos gregos pelo mundo material.[29]

O mais influente foi Agostinho, rapaz inteligente, mas malvado (como ele mesmo nos conta), pois se rebelou contra a fé cristã de sua mãe e se envolveu na busca intelectual pela verdade. Primeiramente, foi atraído pelo maniqueísmo (há dois deuses, um bom e o outro mal). Depois, tornou-se platônico, e, por fim, converteu-se ao cristianismo, porém

nunca abandonou por completo todos os elementos do platonismo. O ponto mais importante é que ele reteve uma noção adaptada da criação dupla, ensinando que Deus fez, em primeiro, as formas platônicas inteligíveis e, em seguida, o mundo material na imitação das formas.

O efeito desse dualismo modificado foi devastador. Embora Agostinho afirmasse de maneira explícita a bondade da criação, seu conceito de criação dual teve o efeito de rebaixar o que ele disse, levando a uma hierarquia de dois pavimentos: o mundo imaterial (as formas) funcionava como o pavimento de cima, que ele considerava superior à criação material no pavimento de baixo. "Apesar de suas asseverações da bondade e realidade da ordem criada", diz o teólogo Colin Gunton,"o mundo dos sentidos é para ele manifestadamente inferior ao mundo intelectual; o dualismo platônico nunca está ausente dos seus escritos."[30]

Esta visão dualística da criação levou com naturalidade a uma visão dualística da vida cristã. Agostinho adotou os princípios da ética do asceticismo, baseando-se na suposição de que o mundo físico e as funções físicas eram por natureza inferiores, uma causa do pecado. O modo de alcançar os níveis mais altos da vida espiritual era por renúncia e privação dos desejos físicos. Ele considerava que o trabalho ordinário no mundo •— o que denominou vida "ativa" — era inferior à vida "contemplativa" de oração e meditação nos mosteiros.Também tratou o casamento como inferior ao celibato, e até recomendou que cada membro do clero que fosse casado não vivesse mais com a esposa.[31]

Em parte por Agostinho ter sido personagem muito eminente na história da igreja, um tipo de platonismo cristianizado permaneceu a língua franca entre os teólogos ao longo de toda a Idade Média. E uma linha proeminente tecida pelos escritos de Boéciojoão Scoto Erigena,Anselmo e Boaventura, e não foi desafiado até o século **XIII,** quando os trabalhos de Aristóteles foram reapresentados na Europa.

Aristóteles e Aquino

O redescobrimento da obra de Aristóteles representou sério desafio ao cristianismo, pois propunha um sistema pagão abrangente com filosofia, ética, estética, ciência e política. Os cristãos ficaram tão impressionados que recorreram a uma dicotomia extrema de dois pavimentos.Trata-se da chamada teoria da verdade dupla, na qual o pavimento de cima e o de baixo eram, na realidade, considerados mutuamente contraditórios.

Aristóteles, por exemplo, ensinou que o mundo era eterno, ao passo que a Bíblia é clara ao ensinar que foi criado — e diziam que, de alguma maneira, *ambas* as interpretações são verdadeiras. O proponente mais notório da teoria da verdade dupla foi o teólogo francês Siger de Brabant, cujas opiniões são descritas em tons ardentes por G. K. Chesterton: "Há duas verdades: a do mundo sobrenatural e a do mundo natural, que se contradizem. Na qualidade de naturalistas, podemos supor que o cristianismo é um contra-senso; quando nos lembramos de que somos cristãos, temos de admitir que o cristianismo é a verdade mesmo que seja um absurdo". '

Claro que isso propriamente dito é um contra-senso, e a pessoa que se animou a opor-se a tal pensamento foi um dominicano chamado Tomás de Aquino. Homem muito gentil, Aquino era tão taciturno que seus amigos o apelidaram de Boi Mudo. Mas as palavras fluíam de modo fluente quando ele se levantava para atacar a teoria da verdade dupla. Aquino trabalhou com muito afinco para "cristianizar" a filosofia de Aristóteles, rejeitando o que estava em desacordo com as Escrituras e buscando reinterpretar o restante em uma forma compatível com o cristianismo (da mesma maneira que outros pensadores tinham feito com Platão).[13]

O resultado disso foi que Aquino reteve a estrutura dualística da filosofia grega, mudando a terminologia. No pavimento de cima, ele pôs a *graça,* e no de baixo, a *natureza* — não no sentido científico moderno, mas no sentido aristotélico da "natureza de uma coisa", significando sua forma ideal ou perfeita, seu potencial pleno, a meta para a qual se esforça, seu *telos.* Na filosofia de Aristóteles, todos os processos naturais são *ideológicos,* tendendo a um propósito ou meta.[34]

Esta adaptação de Aristóteles teve vários efeitos benéficos no pensamento cristão. Por exemplo, Aristóteles ensinara que os processos naturais são bons, porque são os meios pelos quais as coisas cumprem sua "natureza" e chegam ao seu ideal ou forma perfeita — como o fruto do carvalho que se torna um carvalho plenamente desenvolvido ou o ovo que se desenvolve num galo. Aquino serviu-se deste argumento e o apontou como uma arma contra a idéia platônica de que o mundo material (matéria) é por natureza inferior. Contra esse ponto de vista, Aquino argumentou que a criação (a natureza) é boa, porque é obra de um Criador bom. Como narra certo relato histórico, a mensagem do aristotelismo cristão "era que Deus é bom, que sua criação é boa [e] que a bondade e a causalidade da criação são evidências da bondade de Deus".[35]

Aquino desferiu tremendo golpe contra o asceticismo negador do mundo, doutrina tão comum durante a Idade Média, e recuperou um ponto de vista mais bíblico da criação. Isto teve efeito imediato nas artes, em cujo campo inspirou um estilo de pintura mais natural e realista nas obras de artistas como Cimabue e Giotto. Também incentivou o estudo da natureza, preparando o terreno para a revolução científica.[36]

Penugens de Graça

Contudo, o fato de Aquino ter retido um esquema bi-nivelado subseqüentemente rebaixou muito do bem que ele alcançou. A definição aristotélica da natureza que Aquino copiou escondia uma dinamite que fez o sistema explodir. Por quê? Porque definia a "natureza" das coisas — sua meta, propósito ou teleologia — como imanente no mundo. Isso significava que o mundo não precisava de Deus, mas era perfeitamente capaz de alcançar seu propósito ou potencial pleno sozinho, mediante recursos próprios. Isso era problemático no caso dos seres humanos: O propósito de nossa vida está circunscrito pelos horizontes deste mundo? Não temos um propósito mais alto? Podemos viver conforme o propósito que Deus nos criou somente por nossas faculdades naturais? Não precisamos ter um relacionamento com Deus para sermos de fato satisfeitos?

A resposta bíblica é que toda a criação é ordenada em direção a ter uma relação com Deus, como sabia Aquino. Mas onde encaixar esta verdade bíblica? A solução foi manter o conceito aristotélico da natureza, porém restringi-lo ao pavimento de baixo. No pavimento de cima, ele adicionou a *graça* sobrenatural de Deus. Quer dizer, além de nossas faculdades naturais, Deus dotara os seres humanos de um dom ou faculdade sobrenatural que os capacita a ter um relacionamento com Deus: "No estado da natureza pura, o homem precisa de um poder *adicionado* ao seu poder natural pela graça [...] para fazer e querer o bem sobrenatural".[37] O estado da "natureza pura" tinha de ser completado por um estado de graça adicionado. Em suas palavras, a graça era um *donum superadditum,* que significa um dom *(donum)* que é adicionado *(superadditum).*

A reelaboração de Aquino dos dois pavimentos pode ser diagramada assim:

GRAÇA

NATUREZA
Um Ideal ou Meta Embutida

No entanto, este esquema de duas camadas da natureza e graça mostrou-se instável. Depois de Aquino, as duas ordens de existência tinham a tendência de separar-se e ficar cada vez mais independentes. Por quê? Porque não havia interação ou interdependência verdadeira entre eles. A "natureza" aristotélica permaneceu completa e suficiente em si mesma, com a graça sendo mera adição externa. Por mais que a reelaboração seja aprimorada, ainda é uma substância separada. As coisas do mundo e as de Deus coexistiam em planos paralelos, sem se relacionar de maneira intrínseca. Os pensadores que surgiram depois de Aquino (os escolásticos) até tendiam a falar como se a vida humana tivesse duas metas ou fins distintos: um terreno e outro divino — ponto de vista ainda mantido por certos teólogos católicos romanos de hoje. Observe esta declaração recente:"Há em nós, visto que há dois fins, um natural e um sobrenatural, dois conjuntos de virtudes, dois conjuntos de hábitos, dois conjuntos de talentos, o natural e o sobrenatural".[38]

O problema é que esta dicotomia radical dividia a natureza humana ao meio. "O homem, como a cristandade medieval o concebia, está dividido em dois", escreve o filósofo católico,Jacques Maritain.

Por um lado, temos um homem de natureza pura, que necessita só da razão para ser perfeito, sábio e bom, e ganhar a terra; e por outro, temos um envelope celestial, um outro "eu" que crê, assíduo na adoração e oração ao Deus dos cristãos, que envolve e recheia com penugens de graça este homem de natureza pura e o torna capaz de ganhar o céu.

Desta forma, comenta Maritain com tremenda ironia: "Por sagaz divisão de trabalho que o evangelho não previra, o cristão pode servir a dois mestres ao mesmo tempo — Deus para o céu e Mamom para a terra —, e dividir a alma entre duas obediências, cada uma igualmente absoluta e suprema — a da Igreja, para o céu, e a do Estado, para a terra".[39]

O impacto prático deste dualismo natureza/graça foi reforçar a espiritualidade medieval de duas camadas: os leigos só podiam atingir fins naturais e terrenos, os quais eram de forma clara inferiores, ao passo que as elites religiosas podiam atingir a perfeição espiritual, definida principalmente em termos de executar rituais e cerimônias. Assim, os profissionais religiosos assumiram os deveres espirituais desses julgados incapazes de cumpri-los sozinhos — fazer orações, assistir à missa, fazer penitência, peregrinações e atos de caridade em nome do povo comum.

Os Reformadores se Rebelam

Um dos motivos motrizes dos reformadores foi vencer este dualismo medieval e recuperar a unidade de vida e conhecimento debaixo da autoridade da Palavra de Deus. Argumentaram que a escolástica medieval se amoldara demais aos filósofos pagãos, como Aristóteles, e exortaram a uma atitude mais crítica para com as alegadas verdades da razão, surgidas independentemente da revelação divina (é como temos de entender a acusação exagerada que Lutero fez quando disse que "a razão é a prostituta do Diabo"; ele não era contra a razão, mas contra a razão aplicada fora dos limites da Palavra de Deus). Os reformadores procuraram um retorno a um campo de conhecimento unificado no qual a revelação divina é a luz que ilumina todas as áreas de estudo.

Acima de tudo, rejeitaram o elitismo espiritual insinuado pelo dualismo

natureza/graça. Jogaram fora o sistema de duas camadas de profissionais rei igiosos *versus* crentes leigos, substituindo-o pelo ensino robusto do sacerdócio de todos os crentes (1 Pe 2.9).Ao rejeitar o monasticismo, pregaram que a vida cristã não é uma convocação a um estado de vida *separado de* nossa participação na ordem da criação pertinente à família e trabalho, mas está *embutida na* ordem da criação. Considerando que na Idade Média a palavra *vocação* era usada apenas para referir-se ao chamado religioso (padre, monge ou freira), Martinho Lutero escolheu deliberadamente o mesmo termo para se referir à vocação de ser comerciante, fazendeiro tecelão ou dona de casa. Conforme seus argumentos, dirigir um negócio ou uma casa não era nem um pouco inferior a ser padre ou freira, porque todas as ocupações eram modos de obedecer ao mandato cultural — de participar na obra de Deus mantendo e cuidando de sua criação.

Isto foi apoiado teologicamente, rejeitando a definição de graça como algo adicionado à natureza *(donum superadditum).* Essa definição presumia que a natureza humana, conforme Deus a criara, não era adequada para ter uma relação com Ele, mas que necessitava da infusão de um poder adicional. Esta interpretação dava a entender que a natureza humana era, de algum modo, defeituosa. Os reformadores estavam tão ansiosos para banir toda forma de dualismo que denegrisse a criação de Deus, que argumentaram que Deus criou a natureza humana *boa em si mesma.* A graça não era uma substância adicionada à natureza humana, mas era a aceitação misericordiosa de Deus concedida aos pecadores, por meio da qual Ele os redime e os resgata ao seu estado de perfeição original.

A Confissão de Augsburg oferece um quadro mais lúcido da razão de esta interpretação ter sido tão revolucionária e dá um vislumbre das atitudes daquela época. Antes da Reforma, diz: "Cremos que o cristianismo consiste inteiramente na observância de certos dias santos, ritos, jejuns e vestuários. Estas observâncias ganharam para si o título supremo de ser a vida espiritual e a vida perfeita". Em conseqüência disso, a obediência a Deus na vida comum foi desvalorizada. Como explica o texto:

Os mandamentos de Deus, de acordo com o chamado de cada um, estavam sem honra, a saber, que o pai criava sua descendência, a mãe gerava filhos, o príncipe governava a comunidade — estes trabalhos eram considerados mundanos e imperfeitos, estando muito abaixo daquelas magníficas observâncias.

Esse sistema de categorização dual criou angústia genuína nos crentes leigos espiritualmente fiéis: "Este erro atormentou muito a consciência dos crentes, que se afligiram por estar mantendo um estado imperfeito de vida, como o casamento [ou] o ofício de magistrado. [...] Eles admiravam os monges e pessoas com função semelhante, e imaginavam de maneira equivocada que as observâncias de tais pessoas eram mais aceitáveis a peus".[4]" O coração dos reformadores se afeiçoou a estes crentes leigos, mas desvalorizados, e se empenhou em restabelecer o significado espiritual das atividades da vida cotidiana, desempenhada na obediência ao mandato cultural.

Os reformadores compararam a chamada monástica *do* mundo com a chamada bíblica *no* mundo. Como diz Jesus ao Pai em João 17.15: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" enquanto estiverem aqui. Calvino elaborou uma interpretação do trabalho cotidiano em termos tão claros, que mais tarde passou a ser chamado por ética de "protestante de trabalho"."Ele ensinou que cada crente tem uma vocação para servir a Deus no mundo — em *cada* esfera da existência humana —, dando nova dignidade e significado ao trabalho cotidiano", explica o teólogo Alister McGrath.[41] Calvino ensinou que Cristo era o Redentor de todas as partes da criação, inclusive da cultura, e que lhe servimos em nosso trabalho cotidiano.

Apesar de tudo isso, a rejeição enfática do dualismo natureza/graça não bastou para

superar um padrão de pensamento antiqüíssimo. O problema foi que os reformadores não elaboraram um vocabulário *filosófico* para expressar o novo entendimento teológico que obtiveram. Não deram aos seus seguidores ferramentas para defender esse entendimento contra o ataque filosófico ou criar uma alternativa à filosofia dualística da escolástica.[42] Em conseqüência disso, os sucessores de Lutero e Calvino voltaram direto ao ensinamento escolástico nas universidades protestantes, usando a lógica e metafísica de Aristóteles como base dos seus sistemas. Assim, o pensamento dualístico continuou afetando todas as tradições cristãs.

Fuga do Dualismo

Claro que ao longo dos séculos a definição do que é sagrado e do que é secular, ou mundano, tem sido redefinida. Certos puritanos afirmaram que ser mundano é usar roupa de diversas cores e colarinho drapeado, e ser santo significava usar roupa escura e simples. Mesmo hoje, ao entrarmos em certas igrejas fundamentalistas, de imediato nos sentimos transportados de volta aos anos cinqüenta, em virtude de determinados costumes ainda serem mantidos.

O problema com este dualismo secular/sagrado é que faz exatamente o que fez Platão há tantos anos: identifica o pecado com alguma parte da criação (dança, cinema, tabaco, maquilagem). A definição de espiritualidade é evitar aquela parte da criação e passar tanto tempo quanto possível em outra parte (igreja, escola bíblica, grupos de estudo bíblico). Isto explica por que o trabalho no âmbito espiritual, como pastor ou missionário, é considerado mais importante ou valioso que ser banqueiro ou comerciante. Não admira que alguém como Sealy Yates assimilasse a atitude de que o único modo de realmente servir a Deus era no ministério cristão em tempo integral.

John Beckett, homem de negócios, conta no livro *Adoro Segunda-Feira* a luta para superar este pensamento dualístico. Tendo se tornado cristão quando era adulto, Beckett logo descobriu "um vasto golfo" entre a fé e o trabalho. Percebeu que princípios morais claros aplicam-se aos membros do ministério."Mas de modo geral", diz ele,"percebi que eu estava vivendo em dois mundos separados."[43]

Almejando "uma integração muito mais plena dos [seus] dois mundos", começou a ler os livros de Francis Schaeffer e descobriu, quase tudo que descobrimos neste capítulo, que desde os gregos o mundo do trabalho e ocupações foi degradado ao pavimento de baixo. A implicação óbvia desta perspectiva dualística achava-se no fato de que era "'impossível' servir a Deus sendo homem de negócios", escreve Beckett."Durante anos, pensei que meu envolvimento em negócios fosse um empreendimento de segunda classe, algo necessário para colocar pão na mesa, mas de alguma maneira menos nobre que os empreendimentos mais sagrados, como ser ministro ou missionário".[44]

A história de Beckett reforça que a perspectiva grega ainda está bem viva, roubando dos crentes a vida integrada que Deus promete. Como ele se livrou deste dualismo influenciador? Obtendo um entendimento acerca da extensão cósmica da criação, queda e redenção. E você e eu podemos vencer o pensamento dualístico da mesma maneira, ganhando assim a cura e inteireza para nossa vida.

Criação: As Impressões Digitais de Deus por toda Parte

O dualismo nasceu, você recordará, porque os gregos pensavam que a matéria era preexistente e eterna, capaz de resistir à ordem racional imposta pelas formas. A resposta óbvia a esse dualismo é a doutrina bíblica de que nada é preexistente ou eterno, exceto

Deus. Ele é a fonte exclusiva de toda a criação; cada parte da criação traz impressões digitais divinas e reflete o seu bom caráter na forma criada e original."Do SENHOR é a terra e a sua plenitude", escreve o salmista (SI 24.1).Tudo traz o selo de quem o criou. Gênesis enfatiza essa verdade repetindo-a inúmeras vezes acerca do mundo recentemente criado:"E viu Deus que era bom" (1.4,10,12, etc).

A conclusão é que não há parte da criação que seja má ou ruim por natureza. "Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças", diz Paulo (1 Tm 4.4). Ser espiritual não pode significar cercar e evitar certas partes da criação. Assim que entendermos isso, os cristãos nunca mais serão visto como desmancha-prazeres negativos. Ainda que odiemos o pecado, devemos mostrar profundo amor por este mundo como obra de Deus, vendo em sua ruína e pecado a bondade originalmente criada.Temos de ser um povo conhecido por sua forte apreciação das belezas da natureza e das maravilhas da criatividade humana.

Entre os reformadores, foi Calvino que examinou este tema com mais constância. Considerando que Platão explicou a ordem do universo em termos de ideais abstratos (a matéria é ordenada pelas formas racionais), foi Calvino que explicou que sua ordem era produto da palavra ou lei, ou decreto criativo de Deus. A palavra divina dá às coisas sua "natureza" ou identidade, governando a vida humana (lei moral) e o universo físico (leis da natureza). Hoje em dia, as pessoas tendem a colocar a moralidade e a ciência em categorias de todo diferentes, mas para Calvino ambas eram exemplos da lei de Deus. A diferença é que os seres humanos têm de *escolher* obedecer à lei moral, ao passo que os objetos naturais não têm escolha, senão obedecer às leis da física ou eletromagnetismo. Se olharmos o mundo com olhos calvinistas, veremos a lei de Deus governando cada elemento do universo, a palavra de Deus constituindo sua estrutura ordenadamente, a verdade de Deus que se pode descobrir em cada campo.

Queda: Onde Traçar a Linha

Da mesma maneira que temos de insistir na extensão cósmica da criação, ou seja, que toda a criação veio da mão de Deus, também temos de insistir na extensão cósmica da queda. Até o mundo natural foi afetado pelo pecado humano, como informa Gênesis 3 e Romanos 8. Pelo fato de os seres humanos terem sido criados para serem representantes de Deus, exercendo domínio sobre a criação, o pecado teve um efeito ondulatório que se estendeu ao mundo natural. Esta é apenas uma das conseqüências da autoridade: se o pai for severo, toda a família será infeliz; se o presidente é pouco ético, é provável que toda a empresa seja corrupta.

Contra a concepção grega, temos de insistir no fato de que o mal e a desordem não são intrínsecos ao mundo material, mas foram causados pelo pecado do homem, que toma a boa criação de Deus e a torce para satisfazer propósitos maus. "Quando Adão caiu, foi resultado de vontade rebelde, e não porque ele tinha um corpo", escreve o filósofo Gordon Clark.[43] É por isso que Paulo escreveu:"... nenhuma coisa é de si mesma imunda" (Rm 14.14).Torna-se imunda somente quando os pecadores a usam para expressar sua rebelião contra Deus. A linha entre o bem e o mal não é traçada entre uma parte e outra da criação, porém passa pelo coração humano — em nossa disposição de usar a criação para o bem ou para o mal.

Por exemplo, a música é boa, mas músicas populares podem ser usadas para glorificar a perversão moral. A arte é um presente bom de Deus, mas livros e filmes podem ser usados para transmitir cosmovisões não-bíblicas e promover a decadência moral. A ciência é uma vocação de Deus, mas pode ser usada para arruinar a crença em um Criador. A

sexualidade era a idéia primordial de Deus, mas pode ser distorcida e retorcida para servir a propósitos egoístas e hedonistas. O Estado é ordenado por Deus para estabelecer justiça, mas pode ser deturpado para fins tirânicos e injustos. O trabalho é um chamado de Deus, mas na cultura empresarial americana é um vício, uma escalada desvairada para conseguir uma posição mais alta na empresa, um salário maior, um currículo mais impressionante. Em cada área da vida, precisamos distinguir entre o modo como Deus originalmente criou o mundo e o modo como está sendo deformado e desfigurado pelo pecado.

Os pensadores da Reforma rotulam isto de estrutura *versus* direção. *Estrutura* diz respeito ao caráter criado do mundo, que ainda é bom mesmo depois da queda: a música, a arte, a ciência, a sexualidade, o estado, o trabalho (para usar os exemplos citados acima). *Direção* refere-se ao modo como "dirigimos" essas estruturas para servir a Deus ou a ídolos. Em todo empreendimento em que nos engajamos, precisamos perguntar: Qual a estrutura original que Deus criou, e como está sendo torcida e dirigida para fins pecaminosos?

Até as atividades religiosas podem ser dirigidas para o pecado. Todos provavelmente já tivemos a experiência trágica de conhecer pastores e líderes ministeriais que, apesar do comovente linguajar espiritual e pregação hábil, são dirigidos por orgulho espiritual, usando a posição como meio de exercer poder e influência em vez de demonstrar serviço. O pecado espiritual é difícil de determinar com precisão porque somos cegos pela divisão secular/sagrado que nos inclina a classificar o reino espiritual como a parte "boa" da criação. Isto torna fácil os líderes religiosos atenuarem os erros, dizendo que são necessários para "promover o ministério" ou "alcançar mais pessoas". Precisamos manter em mente as influentes palavras de Alexander Solzhenitsyn, quando escreveu: "A linha que separa o bem e o mal não passa por estados, nem entre classes, nem entre partidos políticos, mas pelo coração humano".[47]

Redenção: Depois do Grande Divórcio

Da mesma maneira que toda a criação era originalmente boa e tudo foi afetado pela queda, assim tudo será redimido. A promessa última de Deus é novos céus e nova terra, o que significa que a vida terrena não vai terminar, mas será de todo santificada. O céu não será um lugar de espíritos irreais e ilusórios ou com mentes desincorporadas flutuantes. Nosso corpo físico será ressuscitado e restaurado, e moraremos em uma nova terra. No credo apostólico afirmamos a ressurreição física de Jesus e a nossa. Sua ressurreição é a garantia de que também ressuscitaremos (1 Co 15). Como parte da boa criação de Deus, o mundo material participará da redenção final. Na eternidade, continuaremos cumprindo o mandato cultural, mas sem o pecado, criando coisas que são bonitas e benéficas com as matérias-primas da renovada criação de Deus.

Isto significa que toda vocação válida tem sua correspondente nos novos céus e na nova terra, o que dá ao nosso trabalho significação eterna. Não sabemos ao certo como será a vida na eternidade, porém o fato de a Bíblia a denominar nova "terra" e falar que viveremos lá num corpo físico glorificado significa que não será uma negação da vida que conhecemos na velha terra. Será um engrandecimento, uma intensificação, uma glorificação desta vida. Em *The Great Divorce* (O Grande Divórcio), C. S. Lewis descreve a vida após a morte reconhecidamente semelhante a este mundo, um lugar onde cada folha de grama parece mais real, mais sólida, mais significativa que qualquer coisa experimentada aqui na terra.[4"]

Certa jovem que trabalhava como escritora técnica disse-me que seu trabalho era somente um modo de estabelecer uma base financeira para fazer as coisas que ela de fato queria — que consistia principalmente em atividades na igreja. "Já pensei em voltar à escola

para aprender a escrever melhor", explicou ela. "Mas como essa ocupação não existirá no céu, não vale a pena estudar." O envolvimento desta jovem com as coisas espirituais é elogiável, porém ela estava enganada em considerar que sua vocação terrena fosse mero expediente temporário. Em nosso trabalho, participamos da atividade providencial de Deus hoje e também prenunciamos as tarefas que assumiremos para cultivar uma nova terra no fim dos tempos. O mandamento de Deus para Adão e Eva serem parceiros com Ele no desenvolvimento da beleza e bondade da criação revelou o seu propósito para a *totalidade* da vida humana. E assim que Ele tiver tratado do pecado uma vez por todas, reassumiremos com alegria essa tarefa como povo redimido em um mundo renovado.

Esta visão abrangente da criação, queda e redenção não deixa espaço para a divisão secular/sagrado. Toda criação era originalmente boa; não pode ser dividida em uma parte boa (espiritual) e outra ruim (material). De maneira semelhante, a criação inteira foi afetada pela queda, e, quando chegar o tempo do fim, a criação inteira será redimida. O mal não reside em alguma parte da boa criação de Deus, mas em nosso abuso da criação para fins pecadores (estrutura *versus* direção). Paulo definiu que pecado é "tudo o que não é de fé" (Rra 14.23), ou seja, *qualquer coisa* que não seja dirigida para a glória e serviço de Deus. O outro lado da moeda é que, na redenção, *"tudo* é vosso" (ver 1 Co 3.21; grifo do autor).

Este ponto de vista holístico pode ser maravilhosamente libertador. Quando John Beckett venceu a divisão secular/sagrado, pôde considerar que o trabalho "tem grande valor para Deus". Na função de "homem de negócios, eu já não era mais um cidadão de segunda classe", exultou ele. "Nem precisei deixar minhas crenças cristãs e valores bíblicos do lado de fora da entrada do escritório quando me dirigia ao trabalho às segundas-feiras pela manhã."[49] Esta mesma experiência libertadora estará acessível a todos nós, assim que nos desprendermos do pensamento dualístico e adotarmos uma cosmovisão cristã holística.

Cristianismo fora de Equilíbrio

A tarefa de identificar o pensamento dualístico pode ser um tanto quanto complicada, porque existem várias formas diferentes. Entretanto, a grade tríplice criação/queda/redenção nos dá uma ferramenta de análise eficiente. Ao longo da história da igreja, vários grupos tenderam a apoderar-se de um destes três elementos, enfatizando-o de modo exagerado em detrimento dos outros dois. Esse procedimento resulta em uma teologia assimétrica e desequilibrada. Por exemplo, acentuar a queda em demasia tende ao pessimismo e negativismo, ao passo que super-enfatizar a redenção pode levar ao triunfalismo e auto-contentamento.

Pratiquemos o uso da grade de três partes, aplicando-a a certas tendências comuns entre grupos cristãos. Talvez o desequilíbrio mais comum no evangelicalismo americano seja a ênfase demasiada na queda. Considere a mensagem evangelística típica: "Você é pecador; precisa ser salvo". O que poderia estar errado nisso? Claro que é verdade que somos pecadores, mas note que a mensagem começa com a queda e não com a criação. Começar com o tema do pecado dá a entender que nossa identidade essencial consiste em sermos pecadores culpados, merecedores do castigo divino. Certas literaturas cristãs vão ainda mais longe, afirmando que não somos nada, que não temos nenhum valor diante de um Deus santo.

Esta visão excessivamente negativa não é bíblica, e expõe o cristianismo à acusação de ter uma baixa opinião da dignidade humana. A Bíblia não começa com a queda, mas com a criação: nosso valor e dignidade estão fundamentados no fato de que somos criados à imagem de Deus, chamados para sermos seus representantes na terra. Na realidade, é só porque os seres humanos têm este tremendo valor que o pecado é tão trágico. Para início de

conversa, se não tivéssemos valor, a queda teria sido uma ocorrência trivial. Quando um objeto barato quebra, jogamos fora sem nem pestanejarmos. Porém, quando uma obra-prima inestimável é avariada, ficamos horrorizados. É porque os seres humanos são a obra-prima da criação de Deus que a destrutibilidade do pecado produz tamanho horror e tristeza. Longe de expressar uma baixa opinião da natureza humana, a Bíblia oferece um ponto de vista bem mais alto que a visão secular predominante hoje, a qual considera que os seres humanos são meros computadores complexos feitos de carne, produtos de forças cegas e naturalistas, sem propósito ou significado transcendente.

Se começarmos com a mensagem de pecado, sem darmos o contexto da criação, os não-crentes entenderão que somos negativos e reprovadores. Depois de extensa viagem feita pela África (narrada em *Dark Star Safari '*— Safari Estrela Escura), o escritor Paul Theroux declarou que um dos momentos mais tristes de sua viagem foi "ouvir uma moça [missionária] dizer-me que estava indo para Moçambique e acrescentar:'Todos eles são pecadores'". Theroux concluiu que os missionários só fazem as pessoas 'se diminuírem".[5]" Temos de começar nossa mensagem onde a Bíblia começa — com a dignidade e a grande chamada que todos os seres humanos possuem, porque eles foram criados à imagem de Deus.

Mais que Pecadores

Em nossa cultura secularizada, começar com a queda torna o restam da mensagem incoerente. Em tempos antigos, quando quase todos americanos eram criados na igreja, havia familiaridade com os conceitos teológicos básicos. Isto significava que a mensagem simples de pecado e salvação era adequada. Quando as pessoas ouviam: "Você é pecador" tinham o contexto para entender o que significava, e muitos foram instigados ao arrependimento. Mas os americanos contemporâneos não têm formação nos ensinos bíblicos. Este fato significa que o conceito de pecado não faz sentido para eles. É provável que a resposta que dêem seja: O que é pecado? Que direito tem Deus de me julgar? Como você sabe que Ele existe? Começar com o pecado e não *com* a criação é como tentar ler um livro abrindo-o ao meio: você não conhece os personagens e o enredo não faz sentido.

Em vista disso, é provável que um sermão pirotécnico sobre o fogo do inferno tenha, na melhor das hipóteses, apenas um efeito limitado. Na adolescência, em minha peregrinação de volta à fé, encontrei uma mensagem de pecado e julgamento no lugar menos verossímil — no livro semi-autobiográfico de James Joyce, *Retrato do Artista quando Jovem,* que era exigência de leitura da aula de inglês da escola de Ensino Médio. Quando li a descrição dos sermões de castigo eterno do padre Arnall, discorrendo com detalhes primorosos e longos sobre o sofrimento dos condenados ao inferno, tive de admitir que era um pouco amedrontador. Fiquei impressionada sentindo que se o cristianismo fosse verdadeiro, então a decisão para crer seria genuinamente uma questão de vida e morte. Falei com amigos que talvez devêssemos reconsiderar nosso relativismo sem limites. E se realmente existisse uma única e universal verdade? Foi, talvez, um passo pequeno na direção certa, mas não me fez crer ou me levou ao arrependimento. As imagens do fogo do inferno descritas por Joyce serviram nada mais que metáfora para a seriedade da busca pela verdade. Doutrinas isoladas tiradas do contexto bíblico não fazem sentido para as pessoas hoje em dia, porque elas não têm a formação que ofereça o contexto adequado.

Enfim, se começarmos com a queda e não com a criação, não poderemos explicar a redenção, porque sua meta é nos restabelecer ao estado original em que fomos criados. Se fosse verdade que não temos valor e que ser pecadores é nossa identidade nuclear, então, para ter algo de valor, Deus teria de destruir a raça humana e recomeçar tudo de

novo.Todavia, não foi o que Ele fez; o Criador nos restabelece à alta dignidade originalmente concedida na criação, recuperando nossa verdadeira identidade e renovando a imagem de Deus em nós.

Descendência de Deus

Vamos aprender com os apóstolos, vendo como trataram os diversos povos nos tempos do Novo Testamento. Os primeiros grupos eram formados por judeus dos seus dias — pessoas mergulhadas no Antigo Testamento, com firme entendimento dos conceitos fundamentais como concerto, lei, pecado e sacrifício. Ao falarem a este público, os apóstolos começaram com Jesus como o sacrifício supremo, o Cordeiro de Deus. Com pessoas que já esperavam pelo Messias, os apóstolos poderiam anunciar que Jesus era aquEle que eles estavam esperando.

Em contrapartida, quando Paulo discursou aos filósofos gregos seculares, aos estóicos e aos epicureus no Areópago, por onde começou? Pela criação. Note como ele constrói de forma cuidadosa o argumento, passo a passo. Primeiro, identifica Deus como a origem suprema do mundo: "O Deus que fez o mundo e tudo que nele há" é o "Senhor do céu e da terra" (At 17.24). Em seguida, identifica este Deus como a fonte de nossa própria humanidade:"... de um só fez toda a geração dos homens" (At 17.26). No fim, tira a conclusão lógica: "Sendo nós, pois, geração [descendência] de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata" (At 17.29). Quer dizer, Deus não pode ter afinidade com coisas materiais como ídolos. Considerando que Ele nos fez, é necessário que Ele tenha pelo menos as qualidades que possuímos como seres pessoais, morais, racionais e criativos. Como a água não pode subir acima da fonte, assim um objeto ou força impessoal não pode ter produzido seres pessoais como nós. É lógico concluir que Deus também é um ser pessoal.

Nesse caso, temos uma relação pessoal com Deus. Devemos-lhe submissão, da mesma maneira que os filhos devem honra e submissão aos pais que os trouxeram ao mundo. Na realidade, não reconhecer a Deus é falha moral que requer arrependimento: "Deus [...] anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam" (At 17.30). Note que foi somente *depois* de ter formado o argumento baseado na criação que Paulo apresenta os conceitos de pecado e arrependimento. Ao falar à cultura grega paga, primeiro ele fundamenta seus argumentos na doutrina da criação. Como comenta Robert Bellah:"Para pregar a Jesus Cristo e este crucificado aos atenienses leigos na Palavra de Deus, Paulo tem de convencê-los da noção fundamentalmente judaica de um Criador. [...] se nesse contexto, a encarnação, crucificação e ressurreição de Jesus Cristo fazem sentido".[51]

Hoje, ao falarmos aos indivíduos do século XXI que não têm conhecimento da Bíblia, precisamos seguir o modelo de Paulo, baseando nossos argumentos na criação antes de esperar que eles entendam a mensagem de pecado e salvação. Temos de praticar o "pré-evangelismo", usando a apologética para defender conceitos básicos de quem Deus é, quem somos e o que lhe devemos, antes de apresentar a mensagem do evangelho.

Vasos de Barro

Se começar com o pecado e julgamento é historicamente o desequilíbrio mais típico entre os protestantes, também é possível inclinar-se à direção oposta. Certos grupos cristãos dão mais importância à redenção que à queda, desembocando na doutrina da perfeição ou santidade cristã — a idéia de que podemos nos tornar completamente santos nesta vida. Por exemplo, uma doutrina central na tradição metodista e nazarena é a "santificação inteira". Este ensino diz que podemos nos tornar de todo santos ou ser livres do pecado nesta vida,

sem ter de esperar a vida eterna. Estas igrejas defendem que os crentes são "livres do pecado original, ou da depravação, levados a um estado de total devotamento a Deus e aperfeiçoados na santa obediência de amor" (segundo as palavras dos artigos de fé da Igreja dos Nazarenos).[32]

O erro aqui consiste em defender que a redenção supera por completo a queda nesta vida. A Bíblia ensina que o pecado será totalmente vencido com a volta de Cristo. Na cruz, Cristo derrotou o pecado e Satanás, e ganhou a vitória decisiva; contudo, grande parte do mundo permanece sob o poder do Inimigo até que Jesus volte como Rei conquistador. Precisamos unir ambas as verdades em equilíbrio apropriado. Quando os fariseus perguntaram a Jesus quando o Reino viria, Ele respondeu: "O Reino de Deus está entre vós" (Lc 17.21). Ele também instruiu os discípulos a orar: "Venha o teu Reino", e ensinou que a vinda do Reino ainda não se cumpriu de forma plena. Entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, temos de equilibrar os aspectos "já" e "ainda não" desta fase interina.[53]

Imagine o mundo como território de Deus por direito de criação. Por causa da queda, foi invadido e ocupado por Satanás e seus subordinados que em todo tempo empreendem guerra contra o povo de Deus. No ponto decisivo central da história, o próprio Deus, a segunda pessoa da Trindade, entra no mundo na pessoa de Jesus Cristo e, por sua ressurreição, desfere em Satanás um golpe mortal. O Inimigo foi fatalmente ferido; o resultado da guerra é certo; contudo, o território ocupado ainda não foi desocupado. Hoje, há um período em que o povo de Deus é chamado para participar na batalha subseqüente, repelindo o Adversário e recuperando o território para Deus. Este é o período em que vivemos — entre **a** ressurreição de Cristo e a vitória final sobre o pecado e Satanás. Nossa chamada é aplicar à nossa vida e ao nosso mundo a obra consumada de Cristo na cruz, sem esperar resultados perfeitos até que Ele venha.

Isto não é desculpa para nos acomodarmos. Ainda temos de nos esforçar para desenvolver um caráter de tamanha qualidade que as pessoas vejam a diferença entre os remidos e os não-remidos. Nossa vida deve mostrar uma dimensão sobrenatural que os não-crentes não possam explicar satisfatoriamente em termos de talento ou energia apenas natural.

Paulo expressou o equilíbrio apropriado quando disse que temos um tesouro espiritual poderoso, mas que é guardado em vasos de barro frágeis e quebráveis (2 Co 4.7). Neste lado do céu, devemos nos empenhar em viver com todos os três elementos em equilíbrio: reconhecendo a bondade criada do mundo de Deus (criação), lutando contra a corrupção contínua do pecado e da ruína (queda) e trabalhando para a cura da criação e restauração dos propósitos de Deus (redenção).

Maior Consciência?

Alguns grupos cristãos defendem um desequilíbrio mais extremo: a redenção vence a queda e a criação. Esta é a crença adotada por todos os tipos de movimentos utópicos, inclusive o monasticismo: a idéia de que a grande chamada não é recuperar o propósito de Deus para a criação, mas predizer a redenção final. O monasticismo reconhecia que o casamento faz parte da ordem da criação; não obstante, rejeitava o casamento por ser algo inferior e aspirava prefigurar o estado glorificado, onde não haverá casamento nem se darão em casamento, mas seremos "como os anjos nos céus" (Mc 12.25). Na interpretação monástica deste versículo, o celibato era exaltado como modo de predizer a redenção final.[34]

De maneira semelhante, o monasticismo reconhecia que possuir propriedades é um direito natural, fundamentado na criação e protegido pelo oitavo mandamento. Mesmo assim, ao abandonar toda propriedade, monges e freiras buscavam subir acima da ordem

natural para atingir um estado mais alto. O monasticismo reconhecia o direito natural de a pessoa proteger-se e, da mesma forma, a nação; contudo, reivindicava para si a chamada maior do pacifismo. E assim por diante. Igualmente, estas idéias não são restritas a monges e freiras. Ao longo da história, o cristianismo viu 0 surgimento de vários movimentos radicais e utópicos que rejeitavam a vida cotidiana, cujo fundamento está na ordem da criação, a favor de uma suposta espiritualidade maior que seria uma antecipação da eternidade.

O erro aqui é presumir que a ordem da redenção destrói a ordem da criação. E o antídoto é perceber que o propósito da redenção não é destruir a criação boa de Deus, porém completá-la. Como vimos, este era um tema dos escritos dos reformadores, e, antes deles, de Tomás de Aquino. Ele escreveu que a graça não *destrói* a natureza para, em seu lugar, colocar algo superior — a graça *aperfeiçoa* a natureza.Também usava o verbo "aperfeiçoar" no sentido bíblico de alcançar uma meta, atingir um propósito, cumprir um ideal, como quando Tiago exortou os crentes a serem "perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma' '(Tg 1.4).[55] Na redenção, Deus não nos chama para sermos algo *diferente* de humanos, mas para *recuperarmos* nossa verdadeira humanidade. Ele nos capacita a alcançar o propósito para o qual fomos originalmente criados — completar nossa natureza, que em Gênesis Ele declarou que era "muito boa".

Repare como o próprio Jesus respondeu quando os líderes judeus desafiaram o ensino do Mestre sobre o casamento. O que Ele respondeu? "No princípio, o Criador os fez macho e fêmea" (Mt 19.4). Em outras palavras, a ordem da criação que Deus estabeleceu "desde o princípio" (ARA) permanece normativa ao longo da história humana. Não é uma ordem inferior para ser superada ou destruída pela redenção. Desde o início, Gênesis revela qual era a intenção de Deus para a humanidade e o que isso ainda significa para que o homem tenha uma vida completamente humana hoje.

O Grande Drama

A tragédia é que ao aplicar este corretivo ao pensamento medieval, Aquino super-compensou e causou outro desequilíbrio. Já falamos sobre o que acontece quando um grupo cristão enfatiza demais a queda ou a redenção. Mas o que acontece quando alguém acentua de modo exagerado a criação? Foi o que Aquino fez, ocasionando uma visão truncada ou incompleta da queda.

Lembre-se de nossa análise sobre o dualismo natureza/graça de Aquino, flUe tratou a graça como adendo à natureza — uma faculdade sobre-humana dada a Adão na criação para completar suas faculdades naturais. *0* que isso insinuava para o ponto de vista de Aquino sobre a queda? A resposta é que quando os seres humanos caíram no pecado, eles perderam apenas o dom adicionado da graça sobrenatural (o pavimento de cima). Eles caíram do estado de graça para o estado de natureza pura, perdendo as faculdades extras e sobre-humanas, mas retendo as faculdades humanas (o pavimento de baixo) essencialmente intactas e inalteradas.[56]

No entanto, observe a implicação disto: Se foi somente o pavimento de cima que caiu, então somente o pavimento de cima precisaria ser redimido. O pavimento de baixo não. Espiritualmente, precisamos de uma reinfusão de graça sobrenatural, mas nossa natureza humana comum não participa da queda ou da redenção.[57]

Em conseqüência disso, o evangelho foi restrito ao reino da religião e teologia do pavimento de cima. Nessas áreas, os seres humanos precisam de revelação divina e da iluminação do Espírito de Deus. Mas no pavimento de baixo da ciência, filosofia, lei e política, julgava-se que a razão humana operava muito bem por conta própria. A razão era

considerada neutra ou autônoma do ponto de vista espiritual, não afetada antes da queda nem necessitada de direção da Palavra de Deus. Em outras palavras, nestas áreas de estudo, *não havia perspectiva distintamente bíblica.Todos* aceitariam o que quer que a "razão" decretasse.

De forma nítida, isto difere do ensino protestante clássico, que define que pecado é afastar-se de Deus no âmago de nosso ser, alterando *tudo* que pensamos ou fazemos.Todo o nosso ser é envolvido no grande drama do pecado e da redenção. Não há aspecto da natureza humana que não tenha sido afetado pela queda, inexiste algum reino independente que seja conhecido por uma razão espiritualmente neutra. E engano pensar que a razão seja neutra, no sentido de ser independente de toda ligação filosófica ou religiosa. Como vimos no Capítulo 1, todos os sistemas de pensamento começam com alguma premissa básica, um princípio supremo que é considerado auto-existente ou divino. A razão é mera capacidade humana de argumentar a partir dessas premissas iniciais.

Em suma, a razão sempre é exercida em serviço a uma visão religiosa suprema. As pessoas interpretam os fatos levando em conta a revelação bíblica ou outro sistema de pensamento concorrente. Quando os calvinistas usam a frase *depravação total,* não querem dizer que os seres humanos sejam desesperadamente maus, porém que cada aspecto da natureza humana foi afetado pela queda, inclusive nossa vida intelectual; portanto, *cada aspecto* precisa ser redimido. Nada foi deixado imaculado e inocente. Até nossa mente é tentada a adorar ídolos em vez de ao verdadeiro Deus.

Servindo a Dois Senhores

Esta análise explica por que há tanto tempo os pensadores protestantes argumentam que o dualismo medieval natureza/graça levou a uma visão incompleta da queda. Se foi apenas o pavimento de cima que caiu, então a gama da revelação e redenção de Deus está limitada à esfera religiosa. "Ao restringir a extensão da queda e redenção ao sobrenatural", escreve Herman Dooyeweerd, o dualismo natureza/graça roubou da mensagem cristã seu caráter integral e abrangente, de forma que "não pode mais se apoderar do homem com todo o poder e inteireza". Em termos práticos, o dualismo natureza/graça dava a entender que precisamos de regeneração *espiritual* no pavimento de cima da teologia e religião, mas não precisamos de regeneração *intelectual* para obter a visão certa da política, ciência, vida social, moralidade ou trabalho. Nestas áreas, a razão humana é tratada religiosamente como neutra, e podemos ir em frente e aceitar o que quer que os peritos seculares decretem. Não deveríamos nos surpreender que esta dicotomia levasse os crentes a acomodar-se com o mundo nessas áreas. (Também funcionou como trampolim para a secularidade, como veremos no próximo capítulo.)

Hoje, muitos estudiosos católicos concordam com esta crítica do dualismo natureza/graça. Por exemplo, Louis Dupré observa que o esquema dualístico permitiu que a *natureza pura* (do pavimento de baixo) fosse concebida como algo "independente dos estágios históricos da queda e redenção". E enaltece a teologia da Reforma por expressar "o envolvimento *total* do homem no drama do pecado e da redenção muito mais profundo que as recentes teologias medievais com sua visão dual de uma ordem sobrenatural 'adicionada' à natureza".[58]

Nunca nos esqueçamos de que o mesmo dualismo influenciou as denominações protestantes quase tão completamente quanto influenciou o catolicismo. Pelo fato de os reformadores protestantes não terem elaborado uma filosofia alternativa à escolástica (como vimos neste capítulo), muitos dos seus seguidores voltaram, sem perceber, ao mesmo dualismo medieval natureza/graça. Hoje, vemos as conseqüências quando os cristãos

presumem que podem freqüentar a igreja e participar de estudos bíblicos nos fins de semana e, durante a semana, aceitar quaisquer conceitos e teorias que sejam atuais em seus campos profissionais.

Na prática, a noção que a razão é religiosamente neutra significa que a secularidade e o naturalismo são promovidos sob o disfarce da "neutralidade". São apresentados como opiniões objetivas, racionais e pertinentes a todos, ao passo que os pontos de vista bíblicos são desdenhados como opiniões particulares e parciais. Esta equivocação criou enorme pressão nos cristãos para abandonar toda perspectiva distintamente bíblica em seu trabalho profissional. Certo filósofo cristão chega a insistir que seria "errado" aplicar os princípios bíblicos ao seu trabalho: "Eu mesmo tenho crenças religiosas definidas, mas considero errado fazer com que sejam introduzidas como pressuposições tácitas no verdadeiro processo de análise que empreendo".[59] É bastante óbvio que este estudioso consentia de forma clara com a idéia de que o trabalho intelectual pode ser autônomo dos compromissos religiosos ou filosóficos.

A conseqüência de tal posição é que os cristãos entregarão o mundo das idéias aos secularistas. Eles não perceberão que a secularidade já é em si um compromisso filosófico, e que se eles não levarem os princípios bíblicos para que tenham influência sobre os vários assuntos, então acabarão promovendo princípios não-bíblicos. É impossível pensar sem um conjunto de pressuposições sobre o mundo. Isto ilustra por que é crucial os cristãos entenderem as permanentes armadilhas do dualismo natureza/ graça, para que nos libertemos de padrões de pensamento defeituosos e abramos nossa vida inteira ao poder transformador da Palavra de Deus.

Agora, Tudo Junto

O que aprendemos deste breve exame das tradições teológicas é que a criação, a queda e a redenção são pontos decisivos fundamentais da história bíblica, além de servirem de ferramentas de diagnóstico muito úteis. Uma teologia genuinamente bíblica tem de manter todos os três princípios em equilíbrio cuidadoso: que toda a realidade criada vem da mão de Deus e era original e intrinsecamente boa; que tudo foi arruinado e corrompido pelo pecado; e que, mesmo assim, tudo pode ser redimido, restaurado e transformado pela graça de Deus.

Estes três princípios também provêem um modo de superar a dicotomia secular/sagrado em nossa vida. A mensagem bíblica não trata somente de uma parte isolada da vida rotulada de "religião" ou "atividades na igreja". A criação, queda e redenção têm extensões cósmicas, descrevendo os grandes eventos que moldam a natureza de toda realidade criada. Não precisamos aceitar uma fragmentação interna entre a fé e as outras áreas da vida. Podemos estar relacionados integralmente com Deus em todos os níveis de nossa existência, oferecendo tudo que fazemos em amor e serviço a Ele. "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus", diz Paulo (1 Co 10.31). A promessa do cristianismo é a alegria e o poder de uma vida integrada e transformada em todos os níveis pelo Espírito Santo, de forma que todo o nosso ser participa do grande drama do plano de redenção de Deus.

Quando trabalharmos para superar o dualismo secular/sagrado existente há tanto tempo no mundo cristão, nossos esforços aumentarão contra os dualismos poderosos do mundo secular, designados a privatizar e marginalizar a mensagem bíblica. Afinal de contas, no Ocidente, o pensamento secular desenvolveu-se do mesmo fluxo da história intelectual que analisamos. O dualismo natureza/graça foi secularizado, produzindo a dicotomia fato/valor que permanece potente até nossos dias. Para liberar o cristianismo de seu

cativeiro cultural, precisamos diagnosticar também o dualismo secular moderno. E o que faremos no próximo capítulo.

3
Mantendo a Religião em seu Lugar

Depois de tudo, ciência é sobre coisas;
teologia, sobre palavras.
Freeman Dyson[1]

Alan Sears, que trabalha no *Alliance Defense Fund* (ADF), bateu no bolso direito do casaco.

"A maioria dos advogados cristãos mantém a fé num bolso", disse-me ele. Depois, bateu no bolso esquerdo, e acrescentou: "E mantém a lei no outro. A habilidade de integrar as duas é extremamente deficiente".[2]

Sears estava explicando por que o ADF tinha feito um programa para ensinar os advogados a tratar a lei de forma cristã. Formados em faculdades de Direito não-cristãs, muitos advogados cristãos assimilam a visão secularizada da lei, a qual diz que é nada mais que um conjunto funcional de procedimentos que podem ser manipulados à vontade para promover os interesses dos clientes. A vida profissional desses cristãos permanece de todo separada do andar pessoal com o Senhor. Claro que como cristãos eles concluem que devem se comportar moralmente no trabalho, sem mentir ou roubar. Mas poucos têm formação em apologetica ou cosmovisão cristã que ofereça uma abordagem alternativa à filosofia legal.

"Nosso primeiro passo nos programas educacionais", explicou Sears, 'é desconstruir a filosofia legal que estes advogados absorveram no aprendizado secular."

Este processo é feito em grupos pequenos, conforme acrescentou:

— Usamos grupos pequenos porque é bastante doloroso ser feito em público.

— Doloroso? Por quê?

— Porque pode ser devastador descobrir como foram condescendentes para com a mentalidade secular — respondeu Sears.

No trabalho profissional, muitos advogados cristãos, sem perceber, concordam com uma mentalidade de relativismo e pragmatismo, apesar de suas crenças religiosas pessoais.

Exemplo particularmente surpreendente é um advogado cristão que trabalhava para uma companhia da Fortune 500. Ele era diácono, fiel nos dízimos, ensinava na Escola Dominical e era, em todos os sentidos, um membro-modelo da igreja. Porém, no trabalho, sua responsabilidade exclusiva era... quebrar contratos. Sempre que a empresa decidia que não lhe interessava mais trabalhar com alguém, a atividade deste homem era encontrar uma falha legal que permitisse a empresa quebrar o contrato. Pelo visto, ele não percebia que seu trabalho implicava violar princípios morais todos os dias — ideais de verdade, integridade e manutenção da palavra. Ele estava apenas "fazendo o seu trabalho". Como é que crentes fiéis podem ser tão cegos? É porque passaram muitos anos de formação profissional em situações seculares em que não há oportunidade para desenvolver uma cosmovisão bíblica. Na realidade, eles sabem que se expressarem uma perspectiva bíblica, terão dificuldade para entrar na maioria das escolas e faculdades de pós-graduação. Por isso, muitos crentes aprendem a compartimentar a vida pessoal, absorvendo as suposições seculares dominantes em seu campo de estudo, ao mesmo tempo em que mantêm a vida religiosa restrita à vida particular.

Sears citou o argumento que o presidente de um Supremo Tribunal Estadual americano contou a um grupo de advogados: "Se você acha que a lei tem algo a ver com moral, sua permanência nesta profissão é curta". Então, como é que a maioria dos cristãos

permanece na advocacia? Bloqueando suas convicções religiosas enquanto estão no trabalho e adotando os conceitos e procedimentos prevalecentes em seu campo de atividade.

Na verdade, o próprio conceito de ser "profissional" ganhou conotações de ser secular. Chrisdan Smith explica que, em fins do século XIX e princípios do século XX, havia a tendência de profissionalizar todos os campos de atividade. Na prática, isso significava livrar-se de uma cosmovisão cristã e desenvolver uma abordagem secular que fosse elogiada como *científica* e *livre de valores*. Segundo Smith, o processo não era nada menos que uma "revolução secular". No ensino superior americano, as faculdades que promoviam "uma cosmovisão e moralidade protestante geral" foram transformadas em universidades "onde os interesses religiosos foram marginalizados em favor da busca e transmissão de conhecimento 'objetivo', arreligioso e irreligioso".[1]

Esta "revolução secular" afetou todas as partes da cultura americana; não apenas o ensino superior, mas também as escolas públicas, a política, a psicologia e a mídia. Em cada uma destas áreas, o cristianismo foi privatizado como "sectário", enquanto as filosofias seculares, como o materialismo e o naturalismo, foram promovidas como "objetivos" e "neutros", colocando-os como as únicas perspectivas satisfatórias para a esfera pública.

Claro que não era nada disso. Não há nada neutro quanto a afirmar que o único modo de chegar à verdade é negar a existência de Deus. Em sua essência, esta é afirmação religiosa, da mesma forma que é afirmar a existência de Deus. Contudo, por causa da revolução secular, muitos crentes acreditavam que falar de uma perspectiva distintamente cristã era tendencioso. Julgavam que, para serem de fato objetivos, eles tinham de pôr a fé de lado por um momento e pensar como os não-crentes quando estivessem lidando com seu trabalho. Para adaptarem-se ao etos profissional de modernidade, os cristãos foram pressionados a adotar uma abordagem naturalista e secularizada ao tema do campo em que atuam.

Os cristãos (segundo a ilustração de Alan Sears) têm aprendido a manter a fé em um bolso e o trabalho no outro. Muitos aceitaram a idéia de que os conceitos secularizados em seu campo profissional constituem de fato conhecimento neutro, não exigindo nenhuma crítica bíblica. A fé é reduzida a uma adição distinta para a vida pessoal e particular — na qualidade de deleite particular, como o gosto por chocolate —, e não é um tópico apropriado no cenário público.

Hoje, os crentes têm tanto medo, "que fazem todo o possível para não parecer muito 'cristãos'", diz Kathleen Nielson, professora de inglês. Falando de suas experiências em lecionar literatura nas faculdades cristãs, ela diz que os evangélicos são tão ansiosos para ajustar-se ao ideal padrão da erudição neutra, que "tememos mencionar uma cosmovisão em um romance, [mesmo quando] é profundamente não-cristã, ou anticristã, porque não queremos dar a impressão de sermos condenatórios ou pessoas que não apreciam arte".[4] Em outras palavras, não queremos ser vistos como ingênuos. As regras da erudição profissional impingem de forma rígida a dicotomia público/particular, de forma que os cristãos sentem que não têm escolha, senão jogar de acordo com as regras.

Por que esta bifurcação entre o público e o particular tem tamanha força? No capítulo anterior, examinamos o dualismo natureza/graça que surgiu no cristianismo da Igreja Primitiva e fomos até a Idade Média. Neste capítulo, retomaremos a história desse ponto e reconstituiremos o modo como o dualismo foi secularizado, produzindo as atuais dícotornias entre o público e o particular, o fato e o valor. Quando pensarmos em sociedade medieval, a idéia que mais nos ocorre são as tremendas diferenças entre aquele período e o nosso. Por exemplo, apesar de sua cosmovisão dualística, a sociedade medieval permaneceu muito mais unificada e holística que a sociedade moderna que é institucionalmente dividida

entre as esferas pública e particular. Na Idade Média, o pavimento mais valorizado era o de cima, ao passo que na idade moderna testemunhamos uma reversão atordoante.Todavia, importantes coesões unem o processo histórico, como veremos. A fim de elaborar uma estratégia eficaz para trazer a verdade cristã de volta à esfera pública, temos de entender como os dualismos seculares surgiram, para que os ataquemos diretamente na base. Ao determinarmos seu desenvolvimento, estaremos nos equipando para diagnosticar o modo como funcionam hoje em dia. Com isso, desenvolveremos uma estratégia eficaz para o evangelismo na era pós-moderna.

Razão Solta

Se começarmos com uma visão geral do processo de secularização, será mais fácil destruí-lo e examinar os passos fundamentais ao longo do caminho. Retomaremos a história com o dualismo natureza/graça conforme se desenvolveu depois de Tomás de Aquino. Recorde que *graça* significava teologia e os mistérios da fé (o pavimento de cima), e *natureza,* conhecimento de coisas terrenas, supostamente conhecidas apenas pela razão, sem a revelação divina (o pavimento de baixo). Mas sérios problemas surgiram pela própria noção de razão solta ou autônoma, pois se os assuntos cotidianos da vida pudessem ser entendidos e administrados só pela razão, então o reino da graça ficaria cada vez mais irrelevante. As pessoas sabiam que prefeririam executar de modo correto os rituais da igreja para terem certeza de que entrariam na *próxima* vida em boas condições. Mas *nesta* vida, a verdade cristã começou a parecer supérflua. A razão humana foi considerada tão perfeitamente competente para entender o Estado, a sociedade, a ciência, a economia, a filosofia, ou seja, tudo fora da teologia. Assim, a mente cristã começou a se dividir. A Palavra de Deus foi confinada ao pavimento de cima, mas julgava-se irrelevante e desnecessária para administrar o pavimento de baixo.

Aquino conseguiu manter uma síntese equilibrada de ambos os pavimentos; mas sua síntese não durou muito tempo. Cada vez mais, a religião foi vista nada mais que um controle negativo sobre o que a razão tinha permissão de dizer. A revelação forneceu um conjunto de verdades que a razão não tinha o consentimento de contradizer, o que tornou um padrão de comparação útil para detectar o erro. Porém, não dava orientação positiva no pavimento.[15] Na época da escolástica, a fé e a razão foram divididas em categorias distintas e sem ligações. A religião foi degradada a uma questão de fé arbitrária, ao passo que a razão foi ficando cada vez mais autônoma da revelação, como se fosse fonte independente da verdade. Podemos imaginar isto dizendo que os primeiros pensadores medievais engrossaram a linha de demarcação entre o pavimento de cima e o de baixo até que se tornou uma parede densa e impenetrável.

Pouco antes da Reforma, a separação entre a fé e a razão foi estirada a ponto de romper-se. A pessoa fundamental foi William de Ockham, que negou de modo decisivo que Deus pudesse ser entendido em categorias racionais. Antes dele, muitos pensadores cristãos tinham se empenhado em mostrar que o plano de salvação de Deus era adequado, satisfatório e perfeitamente razoável. Por exemplo, no século XII, Anselmo apresentou argumentos concisos e lógicos a favor da salvação: *Porque* os seres humanos pecaram, então o ser humano teve de fazer o pagamento. Entretanto, a dívida que devemos a Deus é tão grande que só o próprio Deus pode pagá-la. *Então,* Ele se tornou um ser humano para pagar o preço exigido pela justiça divina. O que Anselmo quis dizer era que o plano de salvação de Deus fazia perfeito sentido.[6] Em contrapartida, Ockham argumentou que se aplicarmos princípios racionais a Deus, negamos sua liberdade absoluta. Da perspectiva da razão, o plano de salvação de Deus é de todo arbitrário; Deus poderia ter escolhido um

modo mais do que diferente para nos salvar. Segundo Ockham, em vez de se tornar ser humano, Deus poderia ter se tornado uma pedra ou um burro. Em questões de religião, não podemos considerar o que parece racional; a religião deriva somente de revelação, aceita pela fé.

Em suma, a fé e a razão foram divididas em duas categorias independentes. E desta dicotomia radical, bastou apenas uma pequena ação para inteirar a secularidade. Pois se quase tudo necessário à vida cotidiana pudesse ser conhecido pela razão, então as pessoas acabariam perguntando por que precisariam de revelação. Surgiu certo tipo de racionalismo que considerava a Razão como depósito de verdades autonomamente conhecidas sem a revelação divina.[7] Era como se estas verdades autônomas pudessem ser usadas até para julgar as afirmações da religião. Assim, o equilíbrio de forças mudou: em vez de a religião funcionar como padrão de comparação de erro, agora as pessoas mantinham a razão como padrão de comparação da verdade. E ao aplicar esse padrão, muitos concluíram que a religião não estava à altura.

Quando o período medieval se fundiu no Renascimento (que começou por volta do século XIV), uma chamada começou a soar em prol da separação completa entre a razão e a revelação, tornando-se um crescendo que irrompeu com força total no Iluminismo (que começou no século XVIII). O credo do iluminismo era a autonomia. Destronar toda autoridade externa e descobrir a verdade somente pela razão! Impressionado pelos sucessos atordoantes da revolução científica, o Iluminismo entronou a ciência como fonte exclusiva de conhecimento genuíno. Afirmando "libertar" o pavimento de baixo do pavimento de cima, insistia que a natureza era a única realidade, e a razão científica o único caminho para a verdade. Tudo que não fosse suscetível a estudo científico era decretado como ilusão. Embora a razão fosse angariada como filosoficamente neutra, na realidade começou a identificar-se com o materialismo científico.

Efeito Colateral

O materialismo científico, com sua visão de universo mecanicista, não era atrativo para muitas pessoas, e estimulou uma reação conhecida por movimento romântico. A religião não foi a única vítima do materialismo científico disfarçado de razão neutra. A moral e as artes também foram atacadas, pois, afinal de contas, coisas como ideais morais, beleza e criatividade não são sujeitas à investigação científica. Os românticos reagiram tentando conservar algum território cognitivo a coisas que não são redutíveis ao materialismo científico, inclusive a religião, a moralidade, as artes e as ciências humanas. O Romantismo rejeitou a filosofia do materialismo a favor da filosofia do idealismo, que diz que a realidade suprema não é material, mas mental ou espiritual — grafada, em geral, com inicial maiúscula: Mente, Espírito ou o Absoluto.

O Romantismo fez uma concessão fatal: concedeu o estudo da natureza em grande parte à ciência mecanicista, e só procurou esculpir um cenário paralelo para as artes e as ciências humanas. Assim, o materialismo científico continuou reinando incontestavelmente no pavimento de baixo, enquanto o idealismo romântico foi limitado ao pavimento de cima, deixando o esquema dualístico intacto.

Em um pequeno esboço, o Iluminismo e seus herdeiros intelectuais receberam a jurisdição do pavimento de baixo, onde lidamos com conhecimento racional, objetivo e científico — a esfera pública. O Romantismo e seus herdeiros receberam a jurisdição do pavimento de cima, onde lidamos com religião, moralidade e ciências humanas — a esfera particular. Este é um esquema da divisão.

As formas modernas de dualismo começaram com o Iluminismo:

ROMANTISMO
Religião e Ciências Humanas

ILUMINISMO
Ciência e Razão

Este é o quadro global do processo de secularização; porém, para entendê-lo melhor, precisamos determinar os passos fundamentais que foram dados ao longo do caminho.

Divisão Cartesiana

O começo do dualismo secular está relacionado a René Descartes, filósofo francês do século XVII, que propôs uma dicotomia nítida entre matéria e mente. O mundo material que ele imaginou era uma máquina enorme que se movia segundo um conjunto de padrões fixos pelas leis da natureza, sendo sujeita à necessidade matemática. Para Descartes, os animais eram máquinas como também o corpo humano. Em contrapartida, a mente humana ou o espírito estava no reino do pensamento, percepção, emoções e vontade.

Poucas pessoas percebem que ao delinear tal oposição acentuada entre matéria e mente, o propósito de Descartes era defender o reino da mente. Como comentado no Capítulo 1, Descartes era católico piedoso, e ao delinear uma distinção clara entre o universo mecânico e o espírito humano, ele esperava defender a crença neste último. Sua famosa frase: "Penso, logo existo", tinha o propósito de ser uma afirmação religiosa. Considerando que o pensamento é uma atividade espiritual, ele provara a existência do espírito humano.

No entanto, em uma das ironias da história, o impacto duradouro da filosofia de Descartes foi precisamente o oposto do que pretendera. O que permaneceu não foi sua defesa do espírito humano, mas sua concepção do universo mecanicista.A mente foi lançada no pavimento de cima onde foi degradada a uma substância sombria de todo irrelevante ao mundo material conhecida por ciência; um tipo de fantasma que só debilmente ligava-se ao corpo físico. O novelista Walker Percy fala da "brecha terrível que rasgou a alma do ocidental desde que o famoso filósofo Descartes arrancou à força a mente do corpo e transformou a alma em um fantasma que assombra a própria casa".[8]

Diagrama do legado do dualismo secular de Descartes:

MENTE
Espírito, Pensamento, Emoção,Vontade

MATÉRIA
Uma Máquina Mecânica e Determinística

Esta "brecha terrível" entre o pavimento de cima e o pavimento de baixo aumentou ainda mais depois do sucesso atordoante da física newtoniana.A lei da gravidade de Newton classificou grande número de processos naturais sob uma única fórmula matemática — a queda de uma maçã para a órbita dos planetas. A natureza passou a ser descrita como uma máquina enorme, governada pelas leis naturais tão estritamente quanto às engrenagens de

um relógio. Como poderia haver espaço em tal mecanismo para a alma ou o espírito humano? Embora estes conceitos fossem cruciais à religião e à moralidade, no mundo conceituai da ciência não havia lugar para eles na hospedaria.[9]

Se a pessoa tivesse de escolher entre as duas, talvez a ciência prometesse maior certeza do que a religião ou a metafísica. Durante as guerras religiosas do século XVI, os cristãos lutaram e mataram-se uns aos outros quanto a questões de diferenças religiosas, e os conflitos tremendos levaram muitos a concluir que as verdades universais não eram reconhecíveis na religião. A rota para a unidade não jazia na religião, mas na ciência. Esta convicção deu origem a filosofias como o positivismo e o materialismo científico, que deram à ciência o monopólio no conhecimento (o pavimento de baixo), enquanto consignava tudo o mais à crença particular e tradição cultural (o pavimento de cima).

Contradição Kantiana

Personagem fundamental na demolição do pavimento de cima foi Immanuel Kant, grande filósofo alemão. Magro e ossudo, Kant ordenava a vida pessoal com a regularidade de um relógio (dizem que seus vizinhos podiam acertar o relógio por seus passeios diários). Do Iluminismo, adotou a imagem do universo semelhante ao mecanismo de um relógio. Sentindo-se muito absorto nos novos achados científicos dos seus dias, Kant passou a maior parte da vida escrevendo sobre ciência e não sobre filosofia, e acabou desenvolvendo o primeiro relato inteiramente naturalista da origem do sistema solar (a hipótese nebulosa). Seu interesse em filosofia surgiu depois que ele encontrou os escritos de um escocês cético chamado David Hume, que parecia arruinar a credibilidade da própria ciência newtoniana.[10] Era uma afronta. Kant dedicou-se à filosofia como ferramenta para defender a física newtoniana de tal ceticismo escandaloso. No decurso dessas ações, redistribuiu os pavimentos de cima e de baixo em termos de natureza *versus* liberdade."

Versão de Kant da teoria da verdade em dois pavimentos:

LIBERDADE
O Eu Autônomo

NATUREZA
A Máquina do Mundo Newtoniana

O que significavam estes termos para Kant? *Natureza* não era mais a natureza aristotélica de Tomás de Aquino; agora, significava a máquina determinística da física newtoniana. Como escreveu Kant, é "necessário que tudo que aconteça seja infalivelmente determinado conforme as leis da natureza".[12]

Kant também percebeu o começo da reação romântica contra o determinismo newtoniano, fato que explica por que ele pôs a liberdade no pavimento de baixo. Ele estava consciente de que a imagem da máquina do universo estava ficando desagradável às pessoas criativas e sensíveis, como os artistas, escritores e pensadores religiosos. O modelo de máquina dava a entender que a intensidade das cores, sons e cheiros que fazem o mundo tão bonito não era real; porém, mero efeito secundário de átomos que invadem nossos sentidos. Pior, se a máquina incluísse tudo, até os seres humanos, então não poderia haver coisas como criatividade, moralidade liberdade ou espírito. A ciência do Iluminismo, com seu universo de mecanismo de relógio, começara a mostrar-se como inimigo dos valores

humanitários.

A primeira pessoa a rejeitar as noções de progresso e civilização do Iluminismo foi Jean-Jacques Rousseau, o extravagante rebelde suíço que gerou o Romantismo. Segundo declarou, os seres humanos não são parte da máquina; mas inerentemente livres e autônomos. O próprio Rousseau abandonou o ambiente das realezas de Paris e foi para o interior, onde poderia se livrar dos maneirismos refinados e viver em harmonia com a natureza.[13] Kant ficou fascinado com a idéia de autonomia apresentada por Rousseau (embora fosse de conduta excessivamente rígida para vivenciar a idéia de modo pessoal). Tendo sido criado em uma família beata e religiosa, Kant também cria de maneira muito firme na necessidade de moralidade, e moralidade pressupõe a liberdade de fazer escolhas morais. Assim, no pavimento de cima ele pôs a liberdade ou autonomia, dizendo que *autonomia* significa, em seu sentido literal, estar sujeito apenas às leis impostas em si mesmo por si mesmo. (Em grego, *autos* significa "ego, eu", *nomos* significa "lei".) Seu ideal seria influenciado por nada mais que a própria vontade moral do indivíduo.

Este conceito de autonomia era radical. Como comenta certo teólogo: "A criação da lei universal [moral] era tradicionalmente função exclusiva de Deus, e agora esta função é atribuída à vontade racional humana individual". Assim, poderíamos dizer: "Kant deu razão a Deus".[14]

E crucial perceber que os dois lados na dicotomia de Kant eram independentes e inteiramente contraditórios. Pois se a natureza é de fato a máquina do determinístico da física newtoniana, então como é possível a liberdade? Até Kant admitiu que este era um paradoxo (uma "antinomia") que ele nunca conseguiu solucionar. Segundo disse, o jeito é pensar em nós mesmos de ambos os modos ao mesmo tempo: por um lado, atuamos num mundo físico determinado pelas leis naturais (o pavimento de baixo); por outro, participamos de um mundo conceituai, onde nos imaginamos agentes morais livres (o pavimento de cima). Neste mundo puramente conceituai, Kant também colocou Deus, a alma e a imortalidade.

Por mais que tentasse, Kant *não* conseguiu manter ambos os lados do paradoxo de igual modo verdadeiros. No pavimento de baixo, ele falava sobre coisas que de fato existem, os componentes do mundo real; e, no pavimento de cima, ele falava sobre um reino de conceitos ou princípios, que presumimos só porque são necessários à moralidade. Considerando que moralidade requer liberdade da vontade, temos de *supor* que somos livres, pouco importando o que a ciência diga ao contrário. Visto que a correspondência da felicidade com a virtude não pode ser deixada para a mera coincidência, temos de *supor* que há um Deus que garante isso. E já que a perfeição moral não pode ser atingida nesta vida, temos de *supor* que vivemos para sempre. O próprio Kant admite que ele "não demonstrou que a liberdade é algo atual em nós mesmos e na natureza humana", mas algo que "temos de pressupor". É "somente uma idéia da razão cuja realidade objetiva é em si mesma questionável".[15]

Em suma, o pavimento de baixo é o que *sabemos* e o pavimento de cima é o que *não podemos deixar de crer.*

No fim, Kant desistiu e insistiu que, a despeito do que a ciência diga, temos de agir "como se" fôssemos livres. Mas essa pequena frase denuncia o pavimento: insinua que sabemos melhor, que estamos nos enganando e que a liberdade moral é pouco mais que uma ficção vantajosa. Na formulação de Kant, afirma o filósofo Colin Brown, a liberdade, Deus e a imortalidade "mostram-se de modo suspeitoso fragmentos de pensamento tendencioso".[16]

Ateus intelectualmente Satisfeitos

Outro modo de descrever a dicotomia de Kant é dizer que o pavimento de baixo tornou-se o reino dos *fatos* publicamente verificáveis, enquanto o pavimento de cima tornou-se o reino dos *valores* socialmente construídos. Esta é a terminologia que se espalhou em nossos dias pela obra dos cientistas sociais.

A terminologia mais comum hoje em dia é fato versus *valor:*

VALOR
Significados socialmente Construídos

FATO
Verdade publicamente Verificável

A divisão entre *fato* e *valor* foi rematada no século XIX com o surgimento do darwinismo. Embora Kant e outros tivessem especulado sobre urna origem naturalista do universo, o quadro não estava completo até qu$_e$ Darwin ofereceu um mecanismo naturalista plausível para a origem da vida. Ele forneceu a peça do quebra-cabeça que faltava para fazer do naturalismo uma filosofia completa e abrangente. É por isso que Richard Dawkins, biólogo contemporâneo, diz "que Darwin tornou possível o ateu estar intelectualmente satisfeito".[17] Como ele explica, antes de Darwin era possível ser ateu, mas não satisfeito do ponto de vista intelectual, porque não se podia ter uma cosmovisão completa e abrangente. Darwin deu a pincelada final que faltava no quadro naturalista do universo. Agora, o pavimento de baixo estava sem emenda e era auto-suficiente.

Por conseguinte, o pavimento de cima foi excluído de toda ligação com o reino da história, ciência e razão. Afinal de contas, se forças evolutivas produziram a mente humana, então coisas como religião e moralidade não são mais verdades transcendentes. São apenas idéias que surgem na mente humana quando esta evoluiu até atingir certo nível de complexidade — produtos da subjetividade humana. Criamos nossa própria moralidade e significado mediante nossas escolhas.

Claro que isso significa que também podemos recriar nossa moralidade e significado sempre que escolhemos. Nada justifica a definição normativa de, digamos, o casamento como união vitalícia entre marido e mulher. Esse padrão social não é inerente e original na natureza humana, porque *nada* é inerente e original na natureza humana. Os padrões culturais emergem gradualmente ao longo do curso da evolução humana, surgindo pelas causas naturalistas e durando somente enquanto são expedientes para a sobrevivência.[18]

Salto de Fé Secular

Hoje, a dicotomia fato/valor tornou-se parte bem conhecida do panorama da mente americana. As crianças a aprendem todos os dias em sala de aula. Campos como ciências humanas e estudos sociais foram dominados pelo pós-modernismo. Em aulas de inglês, os professores jogaram fora a caneta vermelha, e agem como se quesitos como ortografia ou gramática correta fossem formas de opressão impostas por quem está no poder.

Entretanto, paradoxalmente, se continuarmos em frente e participarmos da aula de ciências, descobriremos que o ideal da verdade objetiva ainda reina com autoridade suprema.Teorias como a evolução de Darwin não estão abertas à discussão, e os estudantes não são convidados a julgar por si mesmos se é ou não verdadeira. Esta teoria é tratada como conhecimento público que todos devem aceitar, independentemente de crenças

particulares.

Quando entram para a universidade,já aprenderam muito bem a lição. Descrevendo os estudantes que ano após ano freqüentam em grande número sua sala de aula, o filósofo Peter Kreeft diz: "Eles estão plenamente propensos a acreditar na verdade objetiva em ciência ou até na história, *mas claro que não na ética ou moralidade".*™ Reparou a dicotomia? A grande maioria dos estudantes já chega em sala de aula convencida de que ciência constitui *fatos,* ao passo que moralidade diz respeito a *valores.*

E o que aprendem na faculdade reforça esta divisão. Façamos uma análise detalhada de alguns pensadores contemporâneos para mostrar que a teoria da verdade em dois pavimentos ainda é muito difundida hoje.[20] Tomemos, por exemplo, Steven Pinker do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), líder no campo da ciência cognitiva, e o seu livro de grande aceitação *Como a Mente Funciona.* Pinker escreve que a mensagem da ciência é que a mente humana é nada mais que uma máquina de processamento de dados, um dispositivo computacional complexo. Ao mesmo tempo, segundo escreve, a própria possibilidade de moralidade depende da idéia de que somos *mais* que máquinas, de que somos capazes de fazer escolhas livres, espontâneas e sem determinação. Veja como ele declara o dilema: "A teoria ética requer idealizações como agentes livres, sensíveis, racionais e equivalentes, *cujo comportamento não tenha sido causado",* e mesmo assim, "o mundo, como visto pela ciência, não tem de fato eventos que não tenham sido causados".[21]

O que Pinker está dizendo? Vamos reformular para deixar bem claro: podemos resumir o dilema pós-moderno dizendo que a ética depende da *realidade* de algo que a ciência materialista declarou que é *irreal.*

Poderíamos pensar que Pinker está argumentando que a ciência contesta a premissa fundamental da ética. É o que pensaríamos se não tivéssemos lido Kant. Pois semelhante a Kant, Pinker quer manter ambos os lados da contradição, pondo conceitos como liberdade moral no pavimento de cima. Como cientista, Pinker aceita um modelo materialista e mecanicista da natureza humana: "A posição mecanicista nos permite entender o que nos faz tiquetaquear e como nos acertamos no universo físico". (Este é o seu pavimento de baixo.) Mas quando tira o jaleco e vai para casa, ele volta à língua tradicional da responsabilidade moral:"Quando 'acaba a corda' dessas discussões para o dia, voltamos a falar uns com o outros como seres humanos livres e dignos". (Este é o seu pavimento d cima.)

Não se trata apenas de um campo *dividido* da verdade, é uma contradição absoluta que Pinker não encontra meio de solucionar. Ele mantém ac mesmo tempo ambos os lados da contradição:"0 ser humano é *simultaneamente* máquina *e* agente livre sensível, dependendo dos propósitos da discussão". Ou, como também diz, dependendo de estarmos jogando "o jogo da ciência" ou "o jogo da ética"."

Representação da teoria de Pinker dos dois pavimentos:

O JOGO DA ÉTICA

Os Seres Humanos Têm Liberdade Moral e Dignidade

O JOGO DA CIÊNCIA

Os Seres Humanos São Máquinas de Processamento de Dados

Nunca nos esqueçamos de que se trata de uma pessoa real; não é somente a "Prova A" em uma taxonomia de idéias. É uma pessoa que vive em grande tensão existencial entre

dois modos de pensamento contraditórios. É impossível Pinker administrar sua vida *pessoal* com base na filosofia que orienta sua vida *profissional.* Pessoas reais recusam-se obstinadamente a agir de acordo com o paradigma mecanicista. Assim, ele é quase forçado a afirmar a realidade de coisas como liberdade e dignidade, *mesmo que não haja base para elas em sua própria filosofia.*

Schaeffer usa uma imagem bem interessante para descrever este dilema: ele diz que é comum os pensadores modernos fazerem um "salto de fé" do pavimento de baixo para o de cima. Intelectualmente, eles adotam o naturalismo científico; é sua ideologia profissional. Mas esta filosofia não se ajusta à experiência da vida real, por isso dão um salto de fé ao pavimento de cima, onde afirmam um conjunto de idéias contraditórias como a liberdade moral e a dignidade humana, *mesmo que estas coisas não tenham base em seu próprio sistema intelectual.*

Pinker quase diz que isso é um salto; ele o classificou de *misticismo.* "Pelo visto, a consciência e o livre-arbítrio inundam os fenômenos neurobiológicos em cada nível", escreve ele. "Os pensadores são condenados a negar a existência da consciência e do livre-arbítrio ou a espojar-se no misticismo."[21] Quer dizer, *ou* tentam ser consistentes com o naturalismo evolutivo no pavimento de baixo — nesse caso, terão de negar a existência da consciência e do livre-arbítrio —, *ou* afirmam que existem, embora careçam de base no sistema intelectual que defendem — constituindo puro misticismo. Um salto irracional.

O "salto de fé" secular:

"MISTICISMO" PÓS-MODERNO

Ideais Morais e Humanos não Têm Base na Verdade, conforme Define o Naturalismo Científico

MAS MESMO ASSIM OS AFIRMAMOS

NATURALISMO CIENTÍFICO

Os Seres Humanos São Máquinas

Agora entendemos por que Schaeffer intitulou um de seus livros de *A Morte da Razão.* Esta é a grande perda intelectual de nossos tempos: que muitos são forçados a depender todas as esperanças de dignidade e significado de um reino do pavimento de cima, o qual consideram não-cognitivo e inverificável.

Guerra de Cosmovisões

Para mostrar como é comum este padrão, consideremos mais alguns exemplos. Marvin Minsky, colega de Pinker no MIT, é famoso por sua frase facilmente lembrada de que a mente humana nada mais é que "um computador de um quilo e trezentos gramas de carne". Mas no livro *A Sociedade da Mente,* ele também dá um salto de fé. "O mundo físico não fornece espaço para a liberdade da vontade", escreve ele. E mesmo assim, esse conceito é essencial a nossos modelos do reino mental. Grande parte de nossa psicologia está baseada nesse reino para que jamais o abandonemos. [E assim] Somos praticamente forçados a defender essa crença, *mesmo que saibamos que é falsa".*[24]

Trata-se de declaração espantosa. Pelo fato de as pessoas terem sido feitas à imagem de Deus, elas não podem deixar de crer em coisas como a liberdade humana. Baseando-se

na filosofia materialista, elas "sabem" que essas idéias são falsas. O pavimento de cima foi reduzido a um reino de ilusões falsas, mas necessárias.

O filósofo John Searle afirma que há dois quadros do universo que "de fato estão em guerra" um com o outro. A ciência desenha um quadro do universo como uma máquina enorme e regular, e de comportamento segundo a lei. Mas a experiência cotidiana desenha um quadro de seres humanos como agentes capazes de tomar decisão consciente e racional. Esta experiência universal é tão coagente, diz Searle, que "não podemos abandonar a crença que temos em nossa liberdade, *embora não haja base para isso".*[25] Não há base, quer dizer, dentro do materialismo científico.

O que Searle está dizendo é que ele tem de dar um salto ao pavimento de cima, onde ele crê em coisas mesmo que não haja base racional para elas.

Esta é a tragédia da era pós-moderna: as coisas que são mais importantes na vida — liberdade e dignidade, significado e significância — foram reduzidas a nada mais que ficções vantajosas. Pensamento tendencioso. Misticismo irracional.

Sua Cosmovisão É muito Pequena

A chave para entender a dinâmica dos dois pavimentos é reconhecer a relação simbiôntica entre eles. É *porque* o pavimento de baixo foi definido em termos de naturalismo científico que "não há base" para crenças no pavimento de cima. O naturalismo conduz a um modelo mecanicista e determinístico da natureza humana que reduz idéias como liberdade e dignidade a ficções vantajosas. Poderíamos dizer que é *porque* o modernismo está no pavimento de baixo que o ceticismo pós-moderno assumiu o comando do pavimento de cima.

Sempre que ouvimos a expressão "reinos separados", estejamos certos de que um deles receberá o *status* de verdade objetiva, ao passo que o outro é degradado à ilusão particular. Desde o Iluminismo, o reino do *fato* vem ampliando seu território continuamente no reino do *valor,* até que pouco ou nada reste do seu conteúdo. Foi reduzido a palavras vazias que meramente expressam nossos desejos e fantasias irracionais, sem base na realidade conforme o naturalismo científico a define. Usando termos gráficos, Schaeffer adverte que o pavimento de baixo "come" o pavimento de cima, dissolvendo todos os conceitos tradicionais de moralidade e significado.[26]

Esta não é mera análise intelectual. Estamos falando sobre uma divisão que separa a vida interior da pessoa, criando enorme tensão. Quando evangelizamos indivíduos que aceitaram um campo dividido de conhecimento, temos de pressioná-los a enfrentar com honestidade a realidade terrível desta divisão pontiaguda que percorre o mundo do seu pensamento. O próprio fato de que as pessoas têm de dar um salto de fé mostra que o naturalismo científico que aceitaram no pavimento de baixo não é uma cosmovisão adequada. Não explica a natureza humana como todos a experimentam — nem como eles mesmos a experimentam.

Quando a cosmovisão é muito "pequena", sempre há elementos na natureza humana que não se ajustam ao paradigma. É como enfiar uma pessoa numa lata de lixo (segundo a analogia de Schaeffer) — um braço ou uma perna sempre fica de fora. [7] Os partidários do naturalismo científico reconhecem que na vida cotidiana eles têm de mudar para um paradigma diferente. Isso deve lhes dizer algo. Afinal de contas, o propósito da cosmovisão é explicar o *mundo,* e se não explica parte do mundo, então há algo errado com ela. "Embora o homem *diga* que não é mais que uma máquina", escreve Schaeffer, "sua vida interior o nega."[28]

No evangelismo, nossa tarefa é colocar as pessoas cara a cara com esta contradição

— entre o que a pessoa diz que acredita e o que sua *vida inteira* está lhe dizendo. O evangelho se torna de fato boas novas: a doutrina de que fomos criados à imagem de Deus dá fundamento sólido para a liberdade humana e significação moral. Não temos de recorrer a saltos irracionais para o pavimento de cima. Dado o ponto de partida de um Deus pessoal, nossa própria personalidade é inteiramente explicável. Já não "fica de fora da lata de lixo". A cosmovisão cristã proporciona base firme para os mais elevados ideais humanos.

Agora podemos entender por que é tão importante não pôr o cristianismo no pavimento de cima, porque então *não teremos nada a oferecer às pessoas presas na dicotomia de dois pavimentos.* Estaremos oferecendo apenas mais uma experiência irracional do pavimento de cima — "verdade para mim", mas não universal e objetivamente verdadeiro.Temos de insistir em apresentar o cristianismo como uma cosmovisão abrangente e unificada, que trata de todos os aspectos e áreas da vida e da realidade. Não é somente verdade religiosa, mas verdade absoluta.

"Fatos" Imperialistas

A dicotomia fato/valor nos dá as ferramentas para explicar numerosas tendências culturais e intelectuais. Por exemplo, tomemos o processo do reducionismo, ou o que Schaeffer denominou o pavimento de baixo "corroer" o de cima. Em nossos dias, este processo está bem adiantado. Se o pavimento de cima é tradicionalmente o reino para o espírito ou a alma — ou, como dizem os modernistas, o *self*—, hoje estes conceitos estão sob pesado bombardeio da ciência cognitiva (a filosofia da mente). Na melhor das hipóteses, nosso senso de *self* é considerado subproduto acidental da interação de partículas. "O mundo físico é um lugar perfeitamente natural", escreve Searle. "Consiste em partículas organizadas em sistemas, alguns dos quais evoluíram em consciência e intencionalidade."[29] Quer dizer, você e eu somos meras partículas que de alguma maneira evoluíram até formar uma consciência e um senso de identidade pessoal.

Muitos materialistas científicos até afirmam que o *self* absolutamente não existe, que não há um "eu" central que reside no corpo e toma decisões, assume opiniões, ama e odeia. A teoria computacional popular da mente fragmenta-se em uma ordem de módulos evoluídos de forma independente — um conjunto de computadores cada um dos quais executando uma função altamente especializada. Em um recente foro público, Pinker argumentou que o conceito de um *self* unificado é pura ficção:"É mera ilusão que haja um presidente em seu gabinete do cérebro que vigia a atividade de todas as coisas".[30] De forma apropriada, o foro tinha o título: "A Ciência Está Matando a Alma?"

Certa escola filosófica chamada materialismo eliminatório chega a ponto de rejeitar a consciência, reputando-a como algo ilusório. Os proponentes insistem que os estados mentais não existem, e exortam que substituamos a linguagem sobre crenças e desejos por declarações sobre o mecanismo físico do sistema nervoso — a ativação de neurônios e coisas assim.[31] Searle sugere que descrevamos o produto dos processos mentais como "mentação", da mesma maneira que o produto dos processos digestivos é digestão. Podemos *pensar* que agimos deliberada e conscientemente, mas na realidade o cérebro age por conta própria, e depois nos engana, fazendo-nos pensar que agimos de modo intencional. Daniel Wegner, psicólogo de Harvard, escreveu um livro com o título *The Illusion of Conscious Will* (A Ilusão da Vontade Consciente), no qual demonstra que as forças inconscientes controlam todas as nossas ações.[32]

Contudo, na verdadeira forma kantiana, até os materialistas eliminató-rios admitem que o conceito de *self* ainda é uma ficção conveniente — uma ficção que, na prática, não podemos dispensar. Como escreve Wegner, ainda que nossas ações sejam produzidas por

forças inconscientes, o *sentimento* de uma vontade consciente é uma ilusão vantajosa, porque nos ajuda a determinar quem fez o quê, para que aceitemos responsabilidade moral por nossas ações (embora na verdade não escolhemos fazê-las).

Está reconhecendo o salto de fé? O naturalismo científico exclui a existência objetiva da vontade consciente; mas na experiência cotidiana não podemos nos dar bem sem ela. E assim é lançada no pavimento de cima com outras ficções vantajosas.

Em tendência semelhante, o filósofo Daniel Dennett afirma que a linguagem acerca de propósitos, intenções, sentimentos e assim por diante não pertence à ciência, mas ao que ele denomina "psicologia popular" — a linguagem do discurso cotidiano. No entanto, isso é quase indispensável. Predizer com acerto o comportamento das pessoas é muito mais seguro se pensarmos nelas "como se" tivessem crenças, desejos e propósitos, do que se presumíssemos que elas são mecanismos físicos. (É mais fácil predizer que Sally irá à geladeira, se soubermos que ela *quer* um copo de leite e *acredita* que o leite está na geladeira.) Mas essa frase kantiana "como se" é unia denúncia certeira de que Dennett está descrevendo o conceito do pavimento de cima — conceito que é vantajoso, mas tecnicamente falso. Certo filósofo diz que a psicologia popular é vantajosa se mantermos em mente que é, "no sentido exato ou em certo sentido, um modo falso de ver as coisas".[33]

Não há dúvida de que o reino dos *fatos* ficou cada vez mais agressivamente imperialista e em pouco tempo colonizou o reino dos *valores,* reduzindo os conceitos tradicionais do *self* e da responsabilidade moral a ficções convenientes.

Conflitos Universitários

A dinâmica entre o pavimento de cima e o de baixo leva à hostilidade franca entre os representantes dos dois lados. No campus universitário de hoje, o antagonismo entre eles é quase palpável. No lado dos *fatos* em universidades, nas ciências físicas, um ideal de conhecimento objetivo ainda detém o controle. Muitos cristãos que freqüentam universidades seculares podem contar histórias horripilantes sobre professores darwinistas que [ri]dicularizam os alunos por crerem em Cristo. Em contrapartida, no lado dos *valores* em universidades, nas ciências humanas e ciências sociais idéia de verdade objetiva há muito ficou obsoleta, e o subjetivismo domina na forma de pós-modernismo, multiculturalismo, desconstrutivismo e justeza política. Dizem-nos que a verdade é relativa a comunidades interpretativas particulares, e que as afirmações do conhecimento são, na melhor das hipóteses, construções sociais e, na pior das hipóteses, nada mais que jogos de poder. Quando eu era estudante universitária, o desafio mais difícil para minha fé recentemente encontrada ocorreu em uma aula de sociologia: a suposição do relativismo era tão influenciadora que foi difícil manter esperança na simples possibilidade da verdade objetiva, sem falar na crença de que só o cristianismo era a verdade. Em recente pesquisa de opinião pública da Zogby, 75% dos universitários americanos prestes a concluir o curso disseram que os professores ensinam que não há a divisão entre certo e errado em sentido universal ou objetivo — "o que é certo e errado depende das diferenças em termos de valores individuais e diversidade cultural".[34]

Poderíamos explicar os conflitos universitários dizendo que à medida que o reino *dos fatos* fica cada vez mais imperialista, o reino dos *valores* reage. Os pós-modernistas visam aos conceitos iluministas de racionalidade e ciência para desmascará-los como expressões do poder ocidental, branco e masculino. Na álgebra feminista, a linguagem comum de "atacar" problemas matemáticos é denunciada como ato opressivo e violento. Na biologia feminista, o conceito de DNA como a"molécula-mestre"que dirige as atividades das células é denunciado como produto do preconceito masculino. O próprio método científico é

criticado por incorporar conotações machistas de domínio e controle masculino, o que justifica o "estupro da terra". A feminista Sandra Harding é notória por sugerir que os princípios da mecânica de Newton deveriam ser chamados de o "manual de estupro" de Newton.[35] As mulheres têm apresentado novas perspectivas úteis para a erudição, mas aqui estou falando sobre um feminismo radical e ideológico que trabalha falsamente com o pós-modernismo e o multiculturalismo para ridicularizar a própria idéia de racionalidade e objetividade.

Por que estes movimentos são impulsionados por tamanha hostilidade ao racionalismo ocidental? E importante recordar que o surgimento da linguagem científica do Iluminismo põe não só a religião na defensiva, mas também as artes e as ciências humanas. Tradicionalmente, as artes foram consideradas expressão da verdade. Embora façam uso do mito e da metáfora, as artes transmitem verdades profundas sobre a condição humana No Iluminismo, porém, os críticos racionalistas passaram a denunciar as artes. Argumentavam que a poesia e conto de fadas — com unicórnios e dragões, monstros e fadas — eram nada mais que ilusões prejudiciais. O "verdadeiro mundo" revelado pela ciência foi contrastado com o "falso mundo" inventado pelos poetas e pintores.

"A ciência persuadira os inteligentes de que o universo era nada mais que a interação mecânica de partículas de matéria sem finalidade", escreve o historiador Jacques Barzun. Em conseqüência disso, "pessoas pensativas dos anos noventa [década de 1890] disseram para si mesmas com toda a seriedade que já não deviam admirar um pôr-do-sol. Era nada mais que a refração de luz branca por partículas de pó em camadas de ar de densidade variável". [6] Justamente por isso, por que *pintar* um pôr-do-sol? Estaria pintando apenas uma ilusão. Na melhor das hipóteses, a arte não passava de uma falsidade agradável, uma mentira nobre.

Quando as artes perderam *status* e prestígio, os artistas e escritores se acharam à deriva, sem sua função histórica na sociedade. Muitos reagiram partindo para a ofensiva, atacando a ciência mecanicista e a sociedade industrial que eles consideraram desumanizadoras e que tornara suas condições tão precárias.[37] Hoje, continuam buscando solução demonstrando a superioridade de seu novo ferramental analítico de análise e desconstrução literária. E por que não aplicar estas ferramentas na área sacrossanta da ciência? Se todos os textos podem ser desconstruídos, o que torna os textos científicos imunes a esse processo?

Testemunhei há muitos anos altercação fascinante numa conferência realizada na Universidade de Boston sobre ciência e pós-modernismo. Os filósofos pós-modernistas começaram argumentando que "não há metanarrativas", querendo dizer que inexistem verdades abrangentes e universais. Respondendo em nome dos cientistas, Steven Weinberg, ganhador do Prêmio Nobel da Física, disse:"Mas claro que há metanarrativas. Afinal de contas, há a evolução, que é uma enorme metanarrativa do Big Bang para a origem do sistema solar e da vida humana. E visto que a evolução é verdadeira, prova que há pelo menos *uma* metanarrativa".

Diante disso, os filósofos pós-modernistas responderam, sempre muito educadamente: "Esta é apenas a *sua* metanarrativa". Disseram que a evolução é somente um construto social, como todos os outros esquemas intelectuais — uma criação da mente humana.

O pós-modernismo degrada até a mais apreciada das teorias científicas a construtos sociais relativísticos e presos à cultura. Além disso, age em nome da "libertação" dos bens inalienáveis do racionalismo e da sociedade impessoal e industrializada que o racionalismo produziu. Até irracionalidade pura, às vezes, é retratada como fuga da "máquina" naturalista

do pavimento de baixo. Isto explica a celebração da irracionalidade que testemunhamos na cultura de drogas dos anos sessenta, no movimento da Nova Era dos anos setenta e no pós-modernismo de hoje. Em 1978 um artigo do *New York Times* comentou que a Califórnia foi o primeiro Estado a mudar "do aço para o plástico, do hardware para o software, do materialismo para o misticismo, da realidade para a fantasia".[38] Misticismo? Fantasia? Exemplo atordoante de pós-modernismo romântico oferecido como alternativa redentora ao impacto mortal do materialismo.

A medida que o pavimento de baixo fica cada vez mais naturalista e mecanicista, o pavimento de cima compensa ficando cada vez mais irracional e fantasioso. O vôo da lógica e racionalidade foi adotado como fuga para uma experiência de maior significado.

Sobras do Liberalismo

A mudança para uma opinião da verdade em dois pavimentos também ajuda a explicar o surgimento da teologia liberal. O liberalismo pode ser difícil de determinar, porque cada teólogo retém fragmentos diferentes da doutrina cristã histórica. Um aceita que Jesus era divino, enquanto o outro nega. Um aceita a realidade da ressurreição, ou o nascimento virginal, ou os milagres de Jesus, enquanto o outro nega. E assim por diante. Por muito tempo, os teólogos conservadores tentaram opor-se ao liberalismo • passando apressadamente em pontos doutrinários discutíveis, ponto por ponto. Mas um modo muito mais eficiente de criticar o liberalismo é expor-se à sua epistemologia (teoria da verdade). A falha crucial no liberalismo é que adota o conceito da verdade em duas camadas. Aceita um relato naturalista da ciência e da história no pavimento de baixo, e relega a teologia ao pavimento de cima, onde é degradado à experiência pessoal e não-cognitiva.

Isto explica por que os teólogos liberais insistem que a Bíblia está cheia de enganos. Afinal de contas, a ciência e a história naturalista decretam que milagres e outros acontecimentos sobrenaturais são impossíveis. Convencidos de que têm de se acomodar ao naturalismo, os liberais negam os elementos sobrenaturais da Bíblia ou os traduzem em termos naturalistas. Por exemplo, certo ministro irlandês escreveu recentemente um artigo dizendo que "há possíveis explicações naturais" para todos os milagres bíblicos: "Uma explicação natural do milagre da multiplicação é ue as pessoas da multidão, movidas pelas palavras de Jesus, compartilharam de modo tão eficaz e generoso o pouco que tinham que bastou para todos". De forma surpreendente, o ministro pretendia que isso fosse uma *Mesa* do cristianismo contra os detratores científicos. Cheio de esperança, conclui:"Pense nisso, pode dar certo".[4] Duvido que os oponentes científicos tenham ficado impressionados.

Depois de aceitar o naturalismo no pavimento de baixo, a teologia liberal tenta reconstruir uma nova forma de cristianismo estritamente no pavimento de cima, sem qualquer raiz na natureza ou história. "Criação" não é algo que Deus fez; é mero termo simbólico para descrever nossa dependência de Deus. "Queda" não foi um acontecimento histórico; é mero símbolo de corrupção moral penetrante. "Redenção" diz respeito a um senso de significado e propósito, não tendo nada a ver se o túmulo de Jesus estava vazio como fato histórico. A teologia que sobra depois deste processo é tão tênue que o liberalismo tem de se servir da estrutura interpretativa de outra fonte: do existencialismo (neo-ortodoxia), ou do marxismo (teologia da libertação), ou do feminismo (teologia feminista), ou do processo de pensamento (teologia do processo), ou do pós-moder-nismo. As categorias cristãs são reinterpretadas em termos desta estrutura conceituai externa.

A característica definidora do liberalismo não está nos detalhes de sua interpretação bíblica, mas em sua visão da verdade em dois reinos. O liberalismo arranca o cristianismo de suas raízes no fato histórico e o lança no pavimento de cima, onde é degradado a

símbolos subjetivos e metáforas sem significado. Na prática, torna-se pouco mais que a janela espiritualizada ajustada a um outro sistema de pensamento mais significativo.

Esta segmentação do conceito da verdade é de todo alienígena ao cristianismo histórico que ensina que as verdades espirituais estão firmemente arraigadas nos acontecimentos históricos. Paulo foi tão longe quanto dizer que se a ressurreição de Cristo não tivesse acontecido na história real — se não tivesse havido o túmulo vazio —, então nossa fé teria sido inútil (ver 1 Co 15). Ele até afirmou conhecer umas quinhentas pessoas que foram testemunhas oculares do fato de que Cristo estava vivo depois da crucificação. Esta declaração significava que ele tratava a verdade religiosa como suscetível aos meios habituais de verificação de acontecimentos históricos. Claro que a ressurreição não é *apenas* um acontecimento histórico; tem implicações espirituais profundas e de longíssimo alcance. Mas o ponto é que os dois não estão separados um do outro: um aconteci mento que não ocorreu não pode ter implicação espiritual. Os cristão ortodoxos defendem um campo unificado da verdade, porque o De que age em nosso coração também é o mesmo que age na história.

EVANGELISMO HOJE

A unidade holística da verdade cristã tem de estar no centro de nossa mensagem quando nos engajamos em evangelizar em uma era pós-moderna. Para muitos, as formas tradicionais da apologética tornaram-se ineficazes. Por exemplo, argumentos baseados na fidedignidade histórica da Bíblia funcionam bem quando os não-crentes ainda vivem em uma estrutura mais antiga, na qual afirmações religiosas ainda são consideradas verdadeiras ou falsas.[42] Mas hoje, se dissermos que o cristianismo é verdadeiro ou historicamente verificável, muitas pessoas ficariam intrigadas. Presumem que a religião é produto da subjetividade humana, de forma que o teste de uma crença religiosa "boa" não é se é objetivamente verdadeira, mas se tem efeitos benéficos na vida de quem crê.

Durante minha fase agnóstica, assimilei esta atitude a granel. Karl, meu irmão mais velho, perguntou a uma amiga e a mim sobre nossas convicções religiosas. Hesitante em admitir suas dúvidas, a amiga estava sendo evasiva até que meu irmão disse:

—Você crê na ressurreição? Crê que Jesus ressuscitou historicamente dos mortos?

Minha amiga fez uma pausa.

— Esse é o "x" da questão, não é? — respondeu com um semblante meditativo.

— Não, não é — interrompi. — A ressurreição poderia ser um tipo de parábola, algo não historicamente verdadeiro, mas expressando alguma verdade espiritual para quem crê.

Nesta conversa, minha amiga representou o antigo cético racionalista, que ainda pensava em categorias de verdadeiro e falso, e verificabilidade empírica. Eu já fora arrastada ao subjetivismo pós-moderno, no qual a religião nem mesmo é suscetível a tais categorias. O presidente Eisenhower previu a mesma atitude, quando afirmou:"Nosso governo não faz sentido, a menos que seja fundamentado numa fé religiosa sentida de modo muito profundo, e pouco me importo qual seja".[43] Num mundo pós-moderno, não importa se a religião é objetivamente verdadeira, mas se exerce uma função benéfica.

Hoje, os americanos são menos propensos a usar o termo *religião,* preferindo o termo *espiritualidade.* A revista *American Demographics* observou que seis palavras estão se tornando o mantra do novo milênio: "Gosto de espiritualidade, não de religião".[44]

Qual é a diferença entre os dois termos? *Religião* refere-se ao reino público das instituições, denominações, doutrinas oficiais e rituais formais, ao passo que *espiritualidade* está associada ao reino particular da experiência pessoal. "Espírito é o aspecto interior e empírico da religião", explica Wade Clark Roof, e "instituição é a forma exterior e

estabelecida da religião."[45] Não é interessante que agora até o reino da fé foi dividido entre público e particular? E visto que a espiritualidade está firmemente situada no reino particular da experiência pessoal, muitas pessoas desconfiam de algo acerca da *própria noção* de instituições religiosas públicas e doutrinas religiosas oficias. Este senso de que fé é, por definição, individual e subjetiva, pode ser a principal razão para a perda de credibilidade por parte de instituições religiosas de nossos dias.

Esta divisão aparece em pesquisas de opinião pública que rastrearam a reação espiritual dos americanos aos ataques terroristas. Quando perguntaram como o 11 de setembro afetou os *sentimentos* religiosos das pessoas, os números da pesquisa subiram. Mas quando foram perguntados acerca de suas *convicções e práticas* religiosas habituais (por exemplo, com que freqüência vai você à igreja ou lê a Bíblia?), os números caíram ao mesmo nível que antes dos ataques. "O consenso emergente mostra que a espiritualidade vaga e reconfortante é saudável", conclui o colunista Terry Mattingly,"mas que a religião doutrinária e autorizada pode ser até perigosa."[46] O conceito de *espiritualidade* ganhou o significado de experiência destituída de conteúdo doutrinário e desinteressado de qualquer afirmação histórica analisável — algo que pertence estritamente ao pavimento de cima.

Espírito dos Tempos

Neste clima, o desafio crucial é apresentar o cristianismo como uma verdade unificada e abrangente, que não está restrita ao pavimento de cima.Temos de ter a confiança de que é a verdade em *todos* os níveis que resiste a rigorosas análises racionais e históricas, ao mesmo tempo em que satisfaz nossos mais sublimes ideais espirituais.

Os cristãos são chamados a resistir ao espírito do mundo, mas esse espírito muda constantemente. Os desafios que esta geração enfrenta não são os mesmos que a anterior enfrentou. Para resistir ao espírito do mundo, temos de reconhecer a forma como ele está nos dias de hoje. Caso contrário, não lhe resistiremos, correndo o risco de assimilá-lo de modo inconsciente.[47]

E muitos não fazem exatamente isso? Muitos evangélicos não mudaram suas crenças para o pavimento de cima, considerando-as verdades subjetivas e personalizadas ("verdade para mim", mas não universal e objetivamente verdadeira)? "Porcentagem significativa de americanos herdou de outras gerações um mundo teísta que eles 'sincretizaram' com o relativismo da elite cultural", escreve Bill Wichterman. Em vista disso, eles acabam "defendendo idéias fundamentalmente incompatíveis e afirmando ambas ao mesmo tempo".[48]

Por exemplo, uma pesquisa feita nos anos setenta entre os três maiores sínodos luteranos demonstrou que 75% de luteranos concordaram que a crença em Jesus Cristo é em absoluto necessária à salvação. Porém, 75% também concordaram que todos os caminhos levam a Deus, não fazendo diferença o caminho escolhido. Baseado nestes números, pelo menos metade dos luteranos pesquisados afirmou ao mesmo tempo duas posições teológicas mutuamente exclusivas. Como é possível? Os cristãos "bifurcam as mentes", explica o historiador Sidney Mead. "Quando um americano afirma que a crença em Jesus Cristo é essencial à salvação, fala como alguém programado por exposição à tradição ortodoxa da cristandade. [...] Mas quando afirma que todos os caminhos levam a Deus e são igualmente válidos, fala como criatura de uma perspectiva do 'Iluminismo' do século XVIII."[49]

Você e eu já fizemos da fé questão do coração, deixando que a mente fosse moldada por uma perspectiva do Iluminismo? Com certeza a resposta é sim, escreve Phillip Johnson: "Até os cristãos conservadores privatizam tanto a fé que não a consideram fonte de conhecimento, mas mera 'reflexão' teológica sobre tópicos dados pela educação secular".

Como ele explica: "A estratégia típica é ceder à ciência a autoridade para determinar os 'fatos', e depois tentar salvar alguma área da fé cristã no reino dos 'valores'".[51]

Entretanto, no fim, esta estratégia é causadora do próprio fracasso.Visto que os valores não recebem o *status* do conhecimento genuíno, acabam sendo rejeitados como subjetivos e arbitrários. A atração do termo *valores,* segundo escreve o historiador Douglas Sloan, é que dá a impressão de referir-se às "dimensões mais importantes da experiência humana", como o certo e o errado, o bem e o mal, o bonito e o feio. "Mas isto é uma ilusão", adverte Sloan;"na realidade, significa uma capitulação ao dualismo moderno entre [...] valor e fato, no qual os domínios mais importantes da experiência humana só podem ser tratados de modo arbitrário, irracional e no final das contas, dogmático."[52] Os cristãos têm de achar meios de deixar claro que estamos fazendo afirmações sobre a realidade e que não se tratam de nossa mera experiência subjetiva.

Depois de eu ter feito uma apresentação que explica a dicotomia fato/ valor em uma conferência de educação, certo professor se levantou e disse com muita satisfação: "Na educação cristã, temos os dois: o cristianismo refere-se a *valores,* ao passo que a educação diz respeito a *fatos.* Por isso acho que estamos indo muito bem".

Sem perceber, o professor assimilara a atual mentalidade dividida. Se de fato entendêssemos o que esses termos significam hoje, rejeitaríamos ambos em sua totalidade. Os cristãos não promovem *valores,* porque advogamos que o cristianismo é objetivamente verdadeiro, não apenas nossa preferência particular. Nem ensinamos *fatos* no sentido moderno, porque esse termo significa ciência "livre de valores", livre de qualquer estrutura religiosa. O que o cristianismo oferece é uma verdade unificada e integrada que está em nítido contraste com o conceito da verdade em dois níveis em voga no mundo secular.

O Verdadeiro Mito de C. S. Lewis

O evangelismo tradicional abordou a "perdição" *moral* do indivíduo, que pode ser método eficaz quando esse indivíduo está ciente da posição culpado diante de um Deus santo.Todavia, hoje, muitas pessoas não crêem em um padrão moral transcendente; se falamos sobre culpa, pensam que estamos falando sobre um problema psicológico que requer terapia e não sobre a verdadeira culpa moral que requer perdão.

Há também uma "perdição" *metafísica* que podemos abordar. A tragédia da divisão em dois pavimentos é que as coisas que mais importam na vida — dignidade, liberdade, identidade pessoal e propósito sublime — foram lançadas no pavimento de cima, sem instrução elementar sobre definições de conhecimento aceitas. Nunca devemos tratar o conceito dividido da verdade como algo somente acadêmico; tal conceito produz uma divisão interna entre o que a pessoa *pensa que sabe* (que somos meras máquinas em um universo determinístico) e no que desesperadamente *quer acreditar* (que a vida têm propósito e significado).

Este pode ser um dilema de exame de consciência, conforme ilustra de forma dramática a vida do amado escritor C. S. Lewis. Quando era jovem, Lewis abandonou a fé de sua infância e adotou o ateísmo e materialismo. Contudo, as filosofias novas e estimulantes que provocaram seu intelecto lhe deixaram a imaginação faminta. Como escreveu mais tarde: "Quase tudo que amei [poesia, beleza, mitologia] acreditei ser imaginário; quase tudo em que acreditei ser real, achei horrível e sem sentido".[53]

Reconheceu a divisão de dois pavimentos? O que Lewis *pensava* que era realidade era o mundo do materialismo científico do pavimento de baixo, mas era "horrível e sem sentido". O que ele *desejava* que fosse real era o mundo do mito e do significado do pavimento de cima, mas ele acreditava que era só "imaginário".

Este conflito interior criou tamanha agonia que impulsionou Lewis a uma busca religiosa. Ficou desesperado por encontrar uma verdade que satisfizesse toda a sua pessoa, incluindo o desejo de significado e beleza. No fim, abandonou o materialismo e aceitou o idealismo filosófico, acompanhado pelo panteísmo, no esforço sério de reunir os dois reinos contraditórios que ele denominou "razão" e "romantismo".

C. S. *Lewis falou da razão* versus *romantismo:*

ROMANTISMO
Bonito, mas Imaginário

RAZÃO
Repulsiva, mas Real

Que alegria quando Lewis descobriu que o cristianismo solucionava sua luta vitalícia. Ele viu que a encarnação de Cristo foi o cumprimento dos mitos antigos que ele sempre amara, ao mesmo tempo em que era um fato ratificável da história. O cristianismo era "o verdadeiro mito para o qual todos os outros mitos apontavam", explica um biógrafo."Era uma fé fundamentada na história e que satisfez até seu intelecto formidável."[5]

Para usar a própria frase de efeito de Lewis, a ressurreição de Cristo foi um mito que se tornou fato. Tinha toda a maravilha e beleza de um mito, satisfazendo as mais profundas necessidades da humanidade por contato com o reino transcendente. E, não obstante, que surpresa maravilhosa! — ressurreição acontecera de fato no tempo, no espaço e na história:

> *O centro do cristianismo é um mito que também é um fato. O antigo mito do Deus agonizante, sem deixar de ser mito, desceu do céu da lenda e imaginação para a terra da história. Aconteceu em determinada data, em determinado lugar, seguido por conseqüências históricas definíveis. Passamos de um Balder ou um Osíris, morrendo ninguém sabe quando ou onde, a uma Pessoa histórica crucificada (está tudo em ordem) sob o governo de Pôncio Pilatos.*[55]

Ironicamente, o ponto decisivo para Lewis ocorreu numa conversa com o ateu mais empedernido que jamais conhecera, que o chocou observando que a evidência da historicidade dos Evangelhos era por demais boa: "Toda essa asneira [de mitologia] sobre o Deus Aagonizante. Que coisa estranha. Até parece que de fato aconteceu".[56]

Essas poucas palavras puseram os pensamentos de Lewis em foco argutamente concentrado: Ele percebeu que o cristianismo fundamenta-se em acontecimentos históricos que são ratificáveis pela evidência empírica, e que, ao mesmo tempo, expressa os mais sublimes significados espirituais. Não há divisão em níveis contraditórios e adversários da verdade; portanto, também não há divisão na vida interior da pessoa. O cristianismo satisfaz nossa razão e nossos anseios espirituais. Estas são, com certeza, boas novas. Podemos oferecer ao mundo uma verdade unificada que é intelectualmente satisfatória, ao mesmo tempo em que satisfaz nossa fome mais profunda por beleza e significado.

A Verdade Inteira

Estamos preparados para apresentar nossas razões às pessoas pós-mo-dernas? Quando lemos a determinação de Tiago para o crente "guardar-se da corrupção do mundo" (Tiago 1.27), tendemos a compreender em termos rigorosamente morais — como uma proibição para não pecar. Mas também significa guardar-se "puro" dos caminhos errados do mundo filosófico, de sua cosmovisão defeituosa. Temos de aprender a identificar as falsas cosmovisões dominantes em nosso momento da história, e resistir-lhes. E o padrão de pensamento mais influente de nossos tempos é a visão da verdade em dois reinos. Se almejamos empreender a batalha onde ela esta ocorrendo, temos de achar meios de vencer a dicotomia entre o sagrado e o secular, o público e o particular, o fato e o valor, mostrando ao mundo que só a cosmovisão cristã oferece uma verdade inteira e integrante Não se trata de uma verdade relacionada apenas *com* um aspecto limitado da realidade, mas diz respeito à realidade total. E a verdade absoluta.

Como elaborar uma cosmovisão cristã abrangente? Por onde começamos? No próximo capítulo, você terá a chance de praticar análises envolventes de cosmovisão, aprendendo a lidar com as ferramentas básicas para construir uma cosmovisão cristã. Ao mesmo tempo, você se equipará com uma estratégia simples, mas eficaz, para examinar criticamente cosmovisões não-bíblicas. Assim, você estará preparado para ser usado por Deus a fim de libertar as pessoas do poder das falsas idéias.

4

Sobrevivendo no Período Espiritualmente Estéril

[Uma cosmovisão cristã] envolve três dimensões fundamentais: a boa criação original, a perversão dessa criação pelo pecado e a restauração dessa criação em Cristo.

Aldert Wolters[1]

Em minha adolescência,fui procurar livros sobre cristianismo na biblioteca da universidade, vagando pelos corredores como uma criança na floresta. Havia acabado de concluir o Ensino Fundamental, quando tivera uma aula de história intelectual ensinada por um professor que era ateu militante. Para mim, isso não tinha importância, visto que eu já rejeitara a fé cristã em que fora criada e estava à procura de minha própria verdade. Até tinha feito um trabalho acadêmico para a classe sobre as razões de eu não considerar o cristianismo digno de crédito.

Mas, para minha grande surpresa, quando ele leu o trabalho, o próprio professor ateísta me exortou a ir mais devagar:"Certifique-se de que você sabe o que está rejeitando antes de tentar algo novo", disse-me ele. "Por que você não pesquisa alguns livros sobre filosofia cristã antes de rejeitar o cristianismo?"

Ele me garantiu que era perfeitamente possível ser "cristão de inclinação liberal" (ou, de forma inversa,"ateu de mente fechada"), assim eu não precisava criticar com tanta severidade minha formação familiar para fazer uma investigação honesta e imparcial da verdade.

Sem nunca ter ouvido falar que havia filosofia (em vez de teologia) cristã, dirigi-me à biblioteca da universidade e procurei no fichado o título "Filosofia — Cristã". Indo em direção às estantes, tirei um livro intitulado *Behold the Spírit* (Eis o Espírito), de Alan Watts. Quem está familiarizado com a contracultura dos anos sessenta, reconhecerá de imediato que eu caíra numa armadilha: Watts foi figura fundamental na apresentação das religiões orientais para o ocidente, e apesar de o título soar cristão, o tema do livro era que se investigarmos além dos detalhes superficiais, o cristianismo de fato ensina as mesmas coisas que o misticismo oriental. Na realidade, Watts ensinava que *todas* as religiões são mera janela cultural que se ajusta a um centro comum de crenças — uma "filosofia perene" —, que considera que tudo é emanação do ser divino.

Eu freqüentara a igreja por toda a minha vida (meus pais cuidaram disso) e também a escola primária luterana. Ao longo dos anos, memorizara hinos, versículos bíblicos, os credos e o catecismo luterano, e sou imensamente grata por essa formação. Nunca aprendera nada sobre apologética, ou recebera ferramentas para analisar idéias, ou fora ensinada a defender o cristianismo contra os outros "ismos". Quando li o livro de Watts, fiquei encantada. Por repetidas idas à livraria, levei para casa mais de seus livros, e as obras de Aldous Huxley (que promovia a mesma "filosofia perene") e de Teilhard de Chardin (que oferecia um evolucionismo espiritual místico).[2]

A única pessoa que olhava por cima do meu ombro para ver o que eu lia e oferecia uma perspectiva crítica era meu problemático irmão mais velho Karl. Ele era irritante o bastante para dizer que o conteúdo desses livros divergia tremendamente do cristianismo ortodoxo. Mas claro que era por isso mesmo que eram fascinantes. Se eu pudesse explorar

as idéias religiosas exóticas e, ao mesmo tempo, agarrar-me ao genuíno cerne místico do cristianismo, como prometiam esses livros, tanto melhor seria.

O episódio ilustra uma das razões mais importantes para desenvolver uma cosmovisão cristã: proteger-se da assimilação inadvertida de filosofias estranhas. Como tantos jovens, eu conhecia o teor da Bíblia, mas não fazia idéia de como relacionar a doutrina bíblica ao reino das idéias e ideologias. Quando entrei no mundo intelectual fora do círculo da família e da igreja, eu era um alvo fácil. Não dispunha de nenhuma ferramenta conceituai para repelir os desafios à fé.

"Estai sempre preparados para responder [fazer uma defesa] com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós", diz Pedro (1 Pe 3.15). A palavra grega *apologia* (o radical da palavra *apologética)* quer dizer "defesa" e era em sua origem um termo legal; significava a resposta do acusado ao promotor público em sala de tribunal. Mais tarde, o mesmo termo foi usado para referir-se aos primeiros apologistas cristãos — teólogos treinados para defender a nova fé contra o paganismo excessivo do Império Romano.

Entretanto, defender a fé não era tarefa exclusiva dos apologistas profissionalmente treinados. Da mesma maneira que todos os cristãos são chamados para evangelizar, assim todos têm a responsabilidade de aprender a dar as razões (ou explicar, ou responder, ou fazer uma defesa) que apóiem a credibilidade da mensagem do evangelho. Ao "traduzir" a teologia cristã numa linguagem contemporânea, podemos pô-la lado a lado com outros sistemas de pensamento e mostrar que oferece um relato da realidade mais consistente e abrangente.

Há poucos meses vi um anúncio inteligente que apresentava um professor caracteristicamente universitário encarando o leitor com raiva, em cuja legenda se lia: "Conheça o primeiro professor universitário de seu filho. Ele é professor de inglês, ateísta e marxista, que arrasa os crentes calouros".[3] Esta é de fato a imagem que deveria vir à mente dos pais cristãos quando enviam seus filhos a universidades seculares. Hoje, a apologética básica tornou-se habilidade crucial para a simples sobrevivência. Sem as ferramentas da apologética, os jovens podem ter firmes bases de estudo e doutrina bíblica; porém, mesmo assim, tropeçam indefesos quando encaram o mundo secular sozinhos. A tragédia é representada inúmeras vezes quando os adolescentes cristãos arrumam as malas, despedem-se dos pais e vão para universidades seculares, apenas para perder a fé antes de se formarem, tornando-se presas das mais recentes novidades intelectuais.

O Mistério do Proibido

Como muitos outros apanhados na contracultura dos anos sessenta e setenta, mergulhei na filosofia oriental, explorei o existencialismo, li as feministas, experimentei drogas e "descobri" que a verdade era relativa e subjetiva. Claro que para alguns adolescentes a contracultura foi mera diversão e brincadeira, mas para mim foi uma procura séria pela verdade e significado. Experimentei drogas alucinógenas só depois de ler livros sobre o assunto escritos por filósofos como Aldous Huxley, que recomendava drogas como meio de entrar na consciência cósmica. Em *As Portas da Percepção, ele* prometeu que usar alucinógenos abriria a "válvula redutora" da racionalidade comum que restringe nossa percepção ao tedioso mundo cotidiano. Inspirado por Huxley, mergulhei em drogas psicodélicas como parte da busca filosófica por horizontes mais amplos da verdade.

E estranho quando olho da perspectiva de hoje, mas li *A Morte da Razão,* de Francis Schaeffer, primeiro porque pensei que era outro livro sobre drogas. Antes mesmo de ouvir falar em L'Abri, topei com a primeira

edição britânica do livro, cuja ilustração de capa era um pouco sombria e sinistra. E o

título prometia exatamente o que eu estava procurando —, liberação da grade tediosa da racionalidade comum. *Sim, eu quero "a morte da razão",*pensei quando apanhei o livro. Claro que logo vi que o tema de Schaeffer é de modo preciso o oposto: a irracionalidade pós-moderna é um beco sem saída, e só o cristianismo oferece uma resposta logicamente consistente às perguntas filosóficas básicas da vida.

Precisamos ter certeza de que nossos filhos tenham essa mesma convicção gravada na mente: o cristianismo é apto a defender os seus adeptos, quando desafiado no mercado de idéias. Não basta ensinar os jovens crentes a fazer regularmente o devocional, seguir um programa de memorização da Bíblia e unir-se a um grupo cristão na universidade.Também precisamos prepará-los para responder aos desafios intelectuais que eles enfrentam em sala de aula. Antes de entrarem para a faculdade, eles devem conhecer bem todos os "ismos" que encontrarão, desde o marxismo, passando pelo darwinismo até chegar ao pós-modernismo. É melhor que os jovens crentes conheçam estas idéias por pais, pastores e líderes de mocidade de confiança, que podem treiná-los em estratégias para analisar as outras ideologias.

Ao menos essas ideologias perdem o encanto do mistério de coisas proibidas. Quando eu era adolescente, minha irmã mais velha me contou em linhas gerais alguns mistérios da cultura — como a evolução e o relativismo ético —, e lembro-me de como estas idéias ficaram mais fascinantes só porque eram algo que "a mãe nunca me contou isso". A metodologia dominante em muitas escolas e igrejas cristãs é proteger as crianças de ideologias não-bíblicas, e em parte isso é educacionalmente sadio. Faz sentido proteger as crianças até que estejam prontas para lidar com idéias complexas.Todavia, em muitos casos, os estudantes nunca são expostos a outras idéias no ambiente familiar, nas igrejas ou escolas cristãs. Por conseguinte, vão para o mundo sem estarem preparados para as batalhas intelectuais que logo enfrentarão, sobretudo nas faculdades seculares.

Sem Cortina de Fumaça

Quando estes jovens são confrontados em sala de aula por idéias novas e plausivelmente íntegras, talvez percebam que as pessoas em quem confiavam estavam escondendo algo deles. Podem supor que os pais e professores não criticaram as outras idéias, porque não há boa crítica contra elas. Talvez concluam que eles não mostraram como defender o cristianismo, porque é indefensível.

Os estudantes também não obtêm muita ajuda de grupos cristãos na universidade. O grupo com que me associei depois de minha conversão era espiritualmente dedicado a Deus, mas excessivamente anti-intelectual. Como nova crente, havia lutas em minha alma contra os "ismos" que me foram tão sedutores nos dias anteriores à conversão, mas o grupo não sabia dar apoio. Certo dia, quase vencida pelo relativismo influente ensinado nas aulas de sociologia, busquei conselho de um dos líderes do grupo, pedindo de modo desesperado algumas ferramentas intelectuais para defender a opinião de que há a verdade genuína e objetiva; caso contrário, como ter certeza de que o *cristianismo* é a verdade? Sua resposta foi conduzir a conversa para fora do território intelectual e entrar no conhecido território espiritual: "Nancy, parece que você está com problemas relacionados à certeza de salvação".

Mas eu tinha certeza de que fizera o que era necessário para a salvação: em minha conversão, cumprira o procedimento necessário, pedindo a Jesus que pagasse o preço por meus pecados, que é tudo que Deus exige. Minhas preocupações não eram teológicas. Minha luta era com dúvidas e reconsiderações até sobre a existência de Deus, causadas pela atmosfera quase sufocante do relativismo em sala de aula.

Apesar do estereótipo comum, as questões intelectuais nem sempre são mera cortina

de fumaça para problemas espirituais ou morais. A fim de ser eficaz em preparar os jovens e profissionais para enfrentarem os desafios de uma sociedade secular altamente culta, a igreja precisa redefinir a missão de pastores e líderes de mocidade e incluir ensinamentos sobre apologética e cosmovisão. Precisamos parar de repelir objeções à fé ta-chando-as de mero subterfúgio espiritual.Temos de nos preparar para dar o que Schaeffer chamou de "respostas honestas a perguntas honestas".

Quando os Estados Unidos eram uma nação jovem, o ministério das igrejas era integrado por membros bastante cultos da comunidade. A congregação os observava e respeitava suas aptidões intelectuais.Todavia, hoje, as pessoas que estão nos bancos da igreja são tão cultas quanto o pastor; entre a população em geral, o ministério pode até ser menosprezado por ministros limitadamente formados. Neste clima, é imperativo que os seminários bíblicos ampliem a formação pastoral e incluam cursos sobre história intelectual, instruindo os futuros pastores a fazer comentários críticos sobre as ideologias dominantes de nossos dias. Os pastores têm de fornecer liderança intelectual às congregações, ensinando apologética no púlpito. Toda vez que o ministro evangélico apresenta um ensino bíblico, ele também deveria instruir a congregação sobre os modos de defender tal ensin contra as principais objeções que possam ocorrer. Uma religião que evi a tarefa intelectual e se retira para o reino terapêutico das relações e sentimentos pessoais não sobreviverá no campo da batalha espiritual de hoje.

Cosmovisão Envolvente

Passemos agora ao centro desta seção do livro. Vamos lhe dar a chance de praticar a construção de uma cosmovisão. A grade criação, queda, redenção é útil para diagnosticar as tradições teológicas, como vimos em capítulos anteriores.Também fornece o andaime para construir uma perspectiva cristã sobre qualquer tópico, além de servir de grade para analisar outras cosmovisões.

Em qualquer campo, o modo de construir uma perspectiva de cosmovisão cristã é fazer três conjuntos de perguntas:

1. CRIAÇÃO: Como este aspecto do mundo foi criado em sua origem? Qual era sua natureza e seu propósito originais?

2. QUEDA: Como a criação foi torcida e retorcida pela queda? Como foi corrompida pelo pecado e pelas falsas cosmovisões? Sem Deus, a criação tende a ser divinizada ou endemoninhada, ou seja, torna-se ídolo ou demônio.

3. REDENÇÃO: Como podemos colocar este aspecto do mundo sob o senhorio de Cristo, restaurando-o ao propósito para o qual foi originalmente criado?

Apliquemos estas categorias a algumas áreas-chave: educação, família e uma ampla teoria social cristã.

Consertando as Ruínas

As Escrituras exortam os pais a transmitir as verdades bíblicas à geração seguinte. Quando os israelitas estavam postados para entrar na Terra Prometida, Moisés enfatizou a necessidade de transmitir a herança religiosa aos filhos: "Ensinai-as [estas minhas palavras] a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te" (Dt 11.19). A linguagem descreve a imagem de famílias transmitindo a fé

por ensino formal e por conversas cotidianas.

Em todos os períodos da história, os cristãos têm se encarregado seriamente da educação, fundando escolas, promovendo a alfabetização e preservando a herança literária da cultura em que vivem. Depois da queda de Roma, foram os monges que preservaram as grandes obras-primas literárias e filosóficas do mundo clássico, copiando de modo meticuloso manuscritos antigos, bem como comentários e interpretações para explicar o significado do texto.[3] Os reformadores preconizaram o sacerdócio de todos os crentes — a responsabilidade de cada um saber e entender a Bíblia — e fundaram escolas de catecismo para ensinar os princípios da fé às crianças desde tenra idade. Quando os puritanos desembarcaram no litoral americano e começaram a clarear a mata, em apenas seis anos já tinham fundado a primeira universidade (Harvard) para instruir os jovens no ministério e liderança política.

Como aplicamos as categorias da criação, queda e redenção à educação? A criação afirma que as crianças são criadas à imagem de Deus, o que significa que elas têm a grande dignidade de ser criaturas com a capacidade ao amor, moralidade, racionalidade, criação artística e todas as outras aptidões exclusivamente humanas. A educação tem de discursar sobre *todos* os aspectos do ser humano. Não podemos nos contentar com uma metodologia behaviorista que trata os estudantes como máquinas complexas de estímulo-resposta. Nem podemos adotar uma metodologia construtivista, que trata os estudantes como organismos que se adaptam ao meio em que estão, usando conceitos como meras ferramentas para organizar a experiência subjetiva. O cristianismo oferece a base para uma visão mais sublime da natureza humana que qualquer outra cosmovisão que comece com forças impessoais que operam por acaso.[6]

A visão bíblica da natureza humana também é solidamente realística. A doutrina da queda nos ensina que as crianças são, como todos nós, propensas ao pecado e necessitadas de orientação moral e direção intelectual. Em conseqüência da queda, Deus deu revelação verbal que nos permite ordenar a vida segundo verdades infinitas e universais, que, do contrário, estariam indisponíveis a criaturas caídas e finitas. Os educadores cristãos não aceitarão o otimismo do Iluminismo que diz que a razão simples, sem a revelação divina, é capaz de alcançar uma visão divina do mundo. Nem aceitaremos a noção romântica de que as crianças vêm para a terra naturalmente inocentes,"arrastando nuvens de glória". Estas duas filosofias negam a realidade da queda e geram métodos progressivos de educação que se abstêm de ensinar aos estudantes o que é verdadeiro ou falso, o que é certo ou errado, e esperam que eles descubram suas próprias "verdades".[7]

Redenção significa que o alvo da educação é preparar os estudantes para assumir sua vocação em obediência ao mandato cultural. Cada criança deve entender que Deus lhe deu talentos especiais para fazer uma contribuição única para a tarefa da humanidade em inverter os efeitos da queda e ampliar o senhorio de Cristo no mundo. Como escreveu o poeta John Milton, a meta do aprendizado "é consertar as ruínas de nossos primeiros pais".[8] Para fazer isso, toda área de estudo deve ser ensinada segundo uma perspectiva solidamente bíblica, de forma que os estudantes entendam as interconexões entre as disciplinas e descubram por si mesmos que toda a verdade é a verdade de Deus.

Ao mesmo tempo, devemos estar alerta contra os falsos pontos de vista da redenção que formam várias teorias educacionais hoje. Os proponentes de quase toda ideologia buscam ganhar uma posição segura em sala de aula, porque sabem que a chave para moldar o futuro é moldar a mente das crianças. Talvez tenhamos de agir defensivamente em relação aos métodos de meditação e imagem dirigida da Nova Era aplicados em sala de aula (redenção pelo cultivo de uma consciência mais alta); ou o abuso de técnicas terapêuticas

para que os estudantes mudem de atitude e se ajustem a algum programa de trabalho progressivo (redenção por ajustes psicológicos); ou programas de justeza política e multiculturalismo (redenção por políticas esquerdistas).[4] Muitos pedagogos já não definem que educar seja ajudar os estudantes a aprender habilidades e obter conhecimento, mas capacitá-los a alistar-se em causas sociais aprovadas. A medida que a cultura americana se afasta de sua herança cristã, a sala de aula pública está se tornando um campo de batalha para ideologias concorrentes, de forma que uma de nossas tarefas mais importantes é ensinar os estudantes a identificar e comentar criticamente as cosmovisões.

Reequipando a Família com Ferramentas

Como a grade da criação, queda e redenção nos oferece ferramentas para elaborar um conceito bíblico da família? Na qualidade de instituição social básica, a família funciona de laboratório para numerosas experiências sociais.Todo visionário político sonha com um esquema que reequipe a família com novas ferramentas, abolindo-a completamente em prol de ou um estatismo radical ou um individualismo radical.

O estatismo é um tema recorrente desde o surgimento da cultura cidental. Até certo ponto surpreendente, o pensamento político e social ocidental é hostil ao papel da família no que propõe ser a sociedade ideal. Os intelectuais seculares desde Platão, Rousseau, B. F. Skinner a Hilary Clinton se encantam com a idéia de pôr a criança diretamente aos cuidados do Estado e não da família.

Para nos opormos a tais esquemas utópicos, temos de começar com a criação. A doutrina bíblica da criação fala que a família é o padrão social que é original e inerente à natureza humana. É normativa para todos os tempos e todas as situações históricas. Embora haja variedade nos detalhes, a natureza essencial da família não pode ser remodelada à vontade. Todo esquema utópico que busque lançar a família na lata do lixo da história estará trabalhando contra a própria natureza humana.

Os utopistas que negam a criação também rejeitam a queda, rejeitando totalmente a idéia de que a natureza humana é corrupta e propensa ao mal. Em vez disso, redefinem todos os problemas sociais como desordens temporárias que podem ser solucionadas pela educação e engenharia social. "Os utopistas são motivados pelo desejo de superar os efeitos da queda sem confiar na redenção divina", escreve Bryce Christensen em *Utopia Against the Family* (Utopia contra a Família). "A maioria dos utopistas deseja ser como deus' (ver Gn 3.5) pela obstinação e engenharia humana, e não pelas bênçãos dos céus."[1]"

Assim, nasce uma imagem sedutora de redenção pela criação de um novo jardim do Éden, um retorno ao estado original de inocência. No famoso romance de B. F. Skinner, *Walden II,* o fundador descreve que sua comunidade utópica é "uma melhoria do Gênesis"."

De modo irônico, quase que toda tentativa histórica de melhorar o Gênesis terminou em um estado coercitivo e totalitário. Por quê? Porque, ao contrário da visão utópica, o pecado é real e não pode ser simplesmente manejado fora da existência. Por isso, o Estado sempre tem *de forçar* as pessoas a cumprir seus esquemas utópicos. A destruição da família é mera ferramenta para aumentar o poder do governo sobre os indivíduos, eliminando lealdades concorrentes, no esforço de criar submissão total ao Estado. Para defender a família contra programas estatistas de trabalho, precisamos argumentar de maneira incisiva que só o drama bíblico da criação, queda e redenção oferece um relato realístico e humanitário da natureza humana e da estrutura e propósito da família na sociedade.

Por Amor das Crianças

Ao lado da tendência ao estatismo há a tendência aparentemente paradoxal de colocar todas as relações sociais à escolha individual.Temos exemplo dramático em *For the Love of Children* (Por Amor das Crianças), de Ted Peters, que advoga uma revisão completa da família americana. Peters recomenda que seja exigido que cada pai e mãe faça um contrato legal com cada um dos seus filhos, de preferência com uma cerimônia pública semelhante à de casamento. O propósito desta proposta estranha? Mudar a fundação da família passando da biologia para a escolha.[12]

"Quer gostemos quer não, o fim de uma sociedade liberal despedaçada é a escolha individual", argumenta Peters, dando a entender que não há alternativa senão prosseguir. Como luterano liberal, ele exorta os cristãos a descartar "todo formalismo pré-moderno que esteja baseado nas máximas divinas, na autoridade tradicional ou na lei natural que tente dar um fim à tendência de escolher";[13] ou seja, nem mesmo os mandamentos de Deus ("máxima divina") têm a força para nos deter de reconfigurar a família com base na escolha. A proposta de Peters transformaria a família em um grupo de indivíduos desunidos e atomísticos, sem ligações por lealdade ou obrigações que não escolheram para si. Isto se chama individualismo ontológico, que significa que os indivíduos são a única realidade suprema. As relações não são supremas no mesmo sentido, mas são derivadas, criadas por escolha individual.

É significativo que Peters comece rejeitando a doutrina bíblica da criação em prol da abordagem evolutiva da teologia do processo — ação que o livra de ter de abandonar a filosofia social cristã tradicional.[14] Pois a criação indica que não somos meras vontades desincorporadas, formando famílias por pura escolha; em vez disso, indica que somos seres holísticos que procriam "segundo nossa espécie". Exercemos nossa vontade escolhendo nos submeter a uma ordem moral objetiva que Deus ordenou, e não inventando alternativas para isso. A família proporciona rica metáfora para o Reino de Deus, precisamente porque é a experiência primária que temos de uma obrigação que transcende a mera escolha racional, sendo constitutiva de nossa própria natureza.

Mobilizando a Trindade

O cabo-de-guerra entre o estatismo e o individualismo com relação à família é mais fácil de entender se saltarmos para um nível mais alto e considerarmos a teoria social em geral. A Pedra Rosetta do pensamento social cristão é a Trindade: a raça humana foi criada à imagem de Deus, que corresponde a três Pessoas tão intimamente relacionadas quanto a constituir uma deidade, ou, segundo a formulação teológica clássica, *um etn substância* e *três em pessoa.* Deus não é "realmente" uma deidade que só ₛe manifesta de três maneiras, nem Deus é "realmente" três deidades, o que se configuraria em politeísmo. A unidade e trindade são de igual modo reais, supremas, básicas e integrantes da natureza de Deus.

O equilíbrio da unidade e diversidade na Trindade proporciona um modelo para a vida social humana, porque indica que a individualidade e a relação existem na própria deidade. Deus é *substância em comunhão.* Os seres humanos são feitos à imagem de um Deus que é uma tri-unidade, cuja própria natureza consiste em amor recíproco e comunicação entre as Pessoas da Trindade.'[3] Este modelo oferece solução ao antagonismo antiqüíssimo entre o coletivismo e o individualismo. Em oposição ao coletivismo radical, a Trindade indica a dignidade e singularidade das pessoas individualmente. Em oposição ao individualismo radical, a Trindade indica que as relações não são criadas por pura escolha, porém são construídas na mesma essência da natureza humana. Não somos indivíduos atomísticos, mas somos criados para relações.

Por conseguinte, há harmonia entre ser indivíduo e participar nas relações sociais que

Deus planejou para nossa vida. Talvez soe abstrato, mas pense comigo Todo casal sabe que o casamento é mais que a soma de suas partes, que a própria relação é uma realidade que é maior que os dois indivíduos envolvidos. A instituição social do casamento é uma entidade moral em si mesma, com definição normativa própria. Isto foi falado tradicionalmente em termos do bem comum: havia um "bem" para cada um dos indivíduos na relação (o propósito moral de Deus para cada pessoa), e um "bem comum" para a vida dos dois (o propósito moral de Deus para o próprio casamento).

Num casamento perfeito não afetado pelo pecado, não haveria conflito entre esses dois propósitos: o bem comum se expressaria e satisfaria a natureza da esposa e a do marido. Na realidade, certas virtudes necessárias [a] maturidade espiritual — como fidelidade e amor abnegado — só podem ser praticadas nas relações. Isso significa que os indivíduos não conseguem desenvolver toda a sua verdadeira natureza, a menos que participem nas relações sociais, como casamento, família e igreja.[16]

Desde a queda, as sociedades tenderam a inclinar-se para o indivíduo °u para o grupo. Nas culturas modernas, os laços familiares estão se dissolvendo rapidamente nos ácidos da autonomia pessoal. Em contrapartida em certas culturas tradicionalistas, o clã ou tribo ainda detém a precedência sobre o indivíduo. Quando freqüentei um seminário luterano em meados dos anos setenta, uma jovem colega japonesa estava sob enorme pressão de sua família budista para que renunciasse à fé cristã quando voltasse para casa. Conforme me disse, a principal barreira ao cristianismo em sua pátria era que a maior parte dos jovens se recusava a aceitar uma religião diferente da dos seus pais e família. Esta era uma idéia insólita para mim, visto que, como jovem americana, ser diferente dos pais me parecia ótima razão para aceitar uma religião ou qualquer outra coisa.

A doutrina da Trindade tem repercussões em nosso conceito de família e em praticamente todas as outras disciplinas. Em filosofia, a natureza trina de Deus soluciona a questão do Um e dos Muitos (também chamado de o problema da unidade e da diversidade). Desde os gregos antigos, os filósofos perguntavam: "A realidade suprema consiste em um único ser ou substância (como no panteísmo), ou em indivíduos sem ligações entre si (como no atomismo)?"[17] Na política, os pólos acabam nos dois extremos do totalitarismo *versus* anarquia. Na economia, os extremos são o socialismo ou o comunismo *versus* o individualismo *laissez-faire.*

Lógico que na prática a maioria das sociedades procura o meio-termo entre os dois pólos, como a economia "misturada" dos Estados Unidos atualmente. Contudo, pairar entre os dois extremos não é posição coerente do ponto de vista teórico. Uma cosmovisão consistente tem de oferecer um modo de reconciliá-los em um sistema consistente. Ao oferecer a Trindade como fundação da sociabilidade humana, o cristianismo proporciona a única base coerente para a teoria social.

Nem a resposta é meramente teórica. Na redenção, os crentes são chamados para formar uma verdadeira sociedade — a Igreja —, que mostra ao mundo uma interação equilibrada do Um e dos Muitos, da unidade e da individualidade. Em João 17.11, Jesus ora pelos discípulos que Ele está a ponto de deixar, pedindo ao Pai "que sejam um, *assim como nós".* Jesus está dizendo que a comunhão das Pessoas na Trindade é o modelo que os crentes da igreja têm de seguir. Isso nos ensina a promover a individualidade tão diversa dentro de relações ontologicamente reais."A igreja como um todo é um ícone do Deus Trindade, reproduzindo na terra o mistério da unidade na diversidade", escreve o bispo ortodoxo Timothy Ware."Os seres humanos são chamados para reproduzir na terra o mistério do amor mútuo que a Trindade vive no céu."[18] E à medida que aprendemos a praticar a unidade na diversidade na igreja, proporcionamos esse mesmo equilíbrio em todas as nossas relações

sociais — família, escola, vizinhança e trabalho.

Cosmovisão em Prática

Apologética diz respeito a defender a fé crista e fazer comentários críticos sobre outras crenças ou cosmovisões. Parte da tarefa de evangelismo é libertar as pessoas do poder das falsas cosmovisões, diagnosticando os pontos em que não condizem com a realidade. Da mesma maneira que Isaías teve de falar contra os ídolos de madeira nos tempos do Antigo Testamento, mostrando como era estupidez curvar-se diante do trabalho das próprias mãos (Is 44.6ss), assim, hoje temos de desconstruir os ídolos conceituais que mantêm tanta gente cativa.

Um método maravilhosamente simples e eficaz de comparar as cosmovisões é aplicar a mesma grade da criação, queda e redenção. Afinal de contas, toda cosmovisão ou ideologia tem de responder aos mesmos três conjuntos de perguntas:

l. CRIAÇÃO:Traduzido em termos de cosmovisão,a criação refere-se às origens básicas. Cada cosmovisão ou filosofia tem de começar com uma teoria de origens: De onde tudo veio? Quem somos nós e como chegamos aqui?

2. QUEDA: Cada cosmovisão também oferece um correlativo da queda, uma explicação da fonte do mal e sofrimento. O que deu errado com o mundo? Por que há guerras e conflitos?

3. REDENÇÃO: Para cativar o coração das pessoas, toda cosmovisão tem de instilar esperança oferecendo uma perspectiva de redenção — um programa de trabalho para inverter a "queda" e pôr o mundo em ordem outra vez.

Vamos aplicar a grade de três partes a algumas cosmovisões que todos enfrentamos. Nas passagens a seguir, oferecerei descrições breves e excertos de cosmovisões representativas, e, ao ler, pare e pense como você destruiria essas idéias sobre a criação, a queda e a redenção.

A Heresia de Marx

O marxismo ajusta-se às três categorias de criação, queda e redenção de forma tão nítida que muitos o denominaram heresia religiosa. Isso o torna amostra excelente para começarmos. Ao mesmo tempo, ainda ' filosofia importante para os cristãos entenderem. Embora a Cortina d Ferro tenha caído, o marxismo retém influência poderosa em muitos $l_u$gares do mundo, sobretudo nas universidades americanas. Certo filósofo político francês disse que hoje em dia quando quer debater com um marxista, tem de importar alguém de uma universidade americana.

Até mais importante que isso, todos já encontramos vários movimentos esquerdistas como o multiculturalismo, o feminismo e a justeza política. Estes movimentos de liberação também são chamados neomarxistas porque aplicam formas marxistas de análise a grupos identificados por raça ou gênero, exortando-os a tomar consciência e livrar-se dos que os oprimem. Os personagens mudam, mas ainda é a mesma peça.

Como vamos usar as categorias da criação, queda e redenção para analisar estas várias formas de marxismo?[19] Para Karl Marx, o poder criativo supremo era a questão em si. Tratava-se de nova forma de materialismo filosófico, porque as versões mais antigas permaneceram estáticas, retratando o mundo como uma enorme máquina. Segundo Marx, o

problema com essa concepção era que abria a porta à idéia de Deus: considerando que uma máquina é projetada para desempenhar determinada função, tem de haver um projetista, da mesma maneira que um relógio insinua a existência de um relojoeiro.[20] Para evitar essa conclusão, Marx propôs que o universo material não era estático, mas dinâmico, contendo em si mesmo o poder de movimento, mudança e desenvolvimento. É o que quis dizer por materialismo *dialético.* Ele embutiu a força motora na matéria como a lei dialética.

Em suma, Marx fez da matéria Deus. Seu discípulo, Vladimir Ilyich Lênin, não se esquivou de usar linguagem explicitamente religiosa: "Podemos considerar o mundo material e cósmico como o ser supremo, a causa de todas as causas, o criador do céu e da terra".[21] O universo tornou-se uma máquina auto-originada e auto-operante, movendo-se de modo inexorável para sua meta final da sociedade sem classe.

O correlativo de Marx ao jardim do Éden era o estado de comunismo primitivo. E como foi que a humanidade caiu deste estado de inocência para a escravidão e tirania? Pela criação da propriedade privada. Desta "queda" econômica surgiu todos os males da exploração e luta de classe.

A redenção ocorre pela inversão do pecado original — neste caso, destruindo a posse da propriedade privada. E o "redentor" é o proletariado, os trabalhadores de fábrica urbanos, que se revoltarão em revolução contra seus opressores capitalistas. Certo historiador, ainda que não se professe cristão, apresenta as implicações religiosas com precisão: "O proletariado salvador, por seu sofrimento, [vai] redimir o gênero humano e trazer o Reino dos céus para a terra".

Vamos aplicar a grade de três partes. Sem olhar as respostas, como você analisa"[3] o pensamento de Marx sobre a criação, a queda e a redenção?

CRIAÇÃO

P: Qual é o correlativo do marxismo para a criação, a origem suprema de tudo?

R: *A matéria autocriada e autoprodutiva.*

Outro ponto importante na categoria da criação é a visão que toda pessoa tem da natureza humana. A humanidade sempre é definida segundo sua relação com Deus, ou com o que quer que seja considerada a realidade suprema. No marxismo, somos definidos pelo modo como nos relacionamos com a matéria, o modo como a manipulamos e dela fazemos coisas para satisfazer nossas necessidades. Em suma, pelos meios de produção. O materialismo de Marx explica por que ele adotou o determinismo econômico, por que considerou tudo, desde política, ciência e religião, como mera superestrutura construída nas relações econômicas.

QUEDA

P: Qual é a versão do marxismo para a queda, a origem do sofrimento e tirania?

A: *O surgimento da propriedade privada.*

Note que Marx não identifica que a fonte suprema do mal é uma falha moral, pois isso implicaria que os seres humanos são moralmente culpáveis, significando que a solução tem de ser perdão e salvação. Ele determina o mal nas relações sociais e econômicas; portanto, a solução é mudar essas relações pela revolução. O marxismo presume que a natureza humana pode ser transformada mudando as estruturas sociais externas.

REDENÇÃO

P: Qual o método que o marxismo propõe para pôr o mundo em ordem outra vez?

R: *Revolução! Derrubem os tiranos e recriem o paraíso original do comunismo primitivo.*

O dia do julgamento no marxismo é o dia da revolução, quando a burguesia nociva será condenada. Marx e Engels até usaram o termo litúrgico *Dies Irae* (o Dia da Ira), na espera do dia em que os poderosos seriam subjugados.[23] O marxismo "é nada menos que um programa para criar uma nova humanidade e um novo mundo, nos quais todos os conflitos atuais serão resolvidos", diz o teólogo Klaus Bockmuehl. "Trata-se de uma visão secularizada do Reino de Deus."

Esta análise explica por que o marxismo ainda continua tendo tamanha influência, apesar de seu fracasso dramático em produzir, em qualquer lugar da terra, uma sociedade sem classe, e por que continua gerando movimentos neomarxistas. Ao reunir todos os elementos de uma cosmovisão abrangente, o marxismo atende a uma profunda fome religiosa de redenção. A idéia de Marx do fim da história, quando o comunismo triunfará e o conflito desaparecerá do mundo,"é transparentemente uma mutação secular das crenças apocalípticas cristãs", escreve o filósofo John Gray. É "mito mascarado de ciência".

E é por isso que o comunismo é mais poderoso que a ciência. Ele toma a esperança religiosa sobrenatural e a seculariza em zelo revolucionário mundano.[21] "Semelhante ao cristianismo, o pensamento de Marx é mais que teoria", escreve o filósofo Leslie Stevenson. "E para muitos uma fé secular, uma visão de salvação social."[26]

Rousseau e Revolução

Voltemos ao tempo anterior a Marx e nos detenhamos em uma das fontes de suas idéias —Jean-Jacques Rousseau. A maioria das ideologias que derramou sangue no século XX foi influenciada por Rousseau. Seus escritos inspiraram Robespierre na Revolução Francesa, bem como Marx, Lênin, Mussolini, Hitler e Mao. Até Pol Pot, que massacrou um quarto da população do Camboja, foi educado em Paris e leu Rousseau. Se conseguirmos entender algo do pensamento de Rousseau, teremos a chave para entender muito do mundo moderno.

O que exatamente tornou sua cosmovisão tão revolucionária? Rousseau disse que o modo de entender a essência da natureza humana era conjecturar o que seríamos se fôssemos privados de todas as relações sociais, moralidade, leis, costumes, tradição, ou seja, da própria civilização. Ele denominou esta condição original e pré-social o "estado da natureza". Nessa situação hipotética, tudo que existe são indivíduos isolados, sem ligações, autônomos, cuja força motivadora única é o desejo de auto-preservação, que Rousseau denominou amor-próprio *(amour de soi).* Enfim, as relações sociais não são reais; são

secundárias ou derivadas, criadas por escolha individual.

O que isso significava para a opinião de Rousseau sobre a sociedade? Se nossa verdadeira natureza é ser indivíduos autônomos, então a sociedade é contrária à nossa natureza: é artificial, limitadora, opressiva. E por isso que a obra mais influente de Rousseau, *Do Contrato Social,* começa com esta frase famosa: "O homem nasce livre, e em todos lugares ele está acorrentado". Ele não quis dizer as correntes da tirania *política,* como os americanos suporiam. Para Rousseau, as relações de fato opressivas eram as relações *pessoais,* como o casamento, a família, a igreja e o local de trabalho.

Esta linha de pensamento representava rompimento total com a teoria social cristã tradicional, que assume a Trindade como modelo de vida social (conforme vimos acima). O quadro das origens supremas apresentado pela Bíblia não é de indivíduos isolados e sem ligações, perambulando pela floresta em um estado da natureza. O quadro é de um casal — macho e fêmea —, que desde o princípio se relaciona entre si na instituição social do casamento para formar o fundamento da vida social.

O que a doutrina da Trindade denota é que as relações são tão supremas ou reais quanto os indivíduos; elas não são a criação de indivíduos autônomos, que as estabelecem ou as rompem a bel-prazer. As relações fazem parte da ordem criada e, portanto, são ontologicamente reais e boas. As exigências morais que as relações nos fazem não são imposições à revelia de nossa liberdade, mas expressões de nossa verdadeira natureza. Ao participarmos das instituições civilizadas da família, igreja, Estado e sociedade, cada uma com seu próprio "bem comum", cumprimos nossa natureza social e desenvolvemos as virtudes morais que nos preparam para ° propósito supremo: tornar-nos cidadãos da cidade celestial.

Isto explica por que foi tão revolucionário quando Rousseau propôs que os indivíduos são a única realidade suprema. Ele denunciou a civilização, com suas convenções sociais, tachando-a de artificial e tirana. E o que nos libertaria desta tirania?

O Estado. Este destruiria todas as ligações sociais, libertando o indivíduo da lealdade a quem quer que seja, exceto a si mesmo. Rousseau apresentou seu ponto de vista com detalhes e clareza surpreendente:"Cada cidadão seria completamente *independente* de todos os seus semelhantes e absolutamente *dependente* do Estado".[27] Não admira que sua filosofia tenha inspirado tantos sistemas totalitários.

Avaliemos estas idéias pela grade de três partes.

CRIAÇÃO

P: Qual é o ponto de partida para a filosofia de Rousseau, seu substituto para o jardim do Éden?

R: *O estado da natureza.*

Rousseau não foi o único a começar com o conceito de um estado da natureza. Outros pensadores políticos modernos, anteriores a ele, como Tomas Hobbes e John Locke, também tinham proposto o conceito, retratando a condição humana original em termos de indivíduos sem ligações e atomísticos. Eles estavam seguindo a sugestão da física newtoniana, que descreveu o mundo físico em termos de átomos que se combinam e se recombinam de acordo com a força da atração ou da repulsão. Espelhando o mesmo modelo no mundo social, estes primeiros pensadores políticos remodelaram a sociedade em termos

de "átomos" humanos que são logicamente anteriores aos arranjos sociais nos quais eles "se unem".

A noção de estado da natureza era de modo claro uma alternativa ao jardim do Éden, outra narrativa sobre as origens humanas. "É um novo mito das origens divergente da narrativa em Gênesis", diz a filósofa Nancey Murphy.[28] Estando no amanhecer da modernidade, estes pensadores percebiam que para propor uma nova visão de sociedade civil, eles precisavam oferecer primeiro um novo mito da criação. Por estarem escrevendo antes de Darwin, foram ambíguos quanto a um ponto: tratava-se de uma narrativa histórica verdadeira ou era apenas uma experiência filosófica. Porém, em todo caso, deduziram que para propor uma nova filosofia política tinham de esmigalhá-la em outra história da criação.

Rousseau foi mais longe que Hobbes ou Locke: no roteiro de *estado da natureza,* o indivíduo é tirado dos laços sociais e também dos laços da própria natureza humana. O primeiro ser humano é informe, indeterminado, nada mais que um animal — um animal dócil, pacífico e feliz (o posto com Hobbes), mas, enfim, um animal. Assim, a definição de Rousseau de natureza humana é, paradoxalmente, não ter uma natureza __ser livre para criar a si mesmo.[29] Os seres humanos têm a habilidade distintiva de se desenvolver e se transformar. A razão por que as relações sociais são tiranas é que interferem na liberdade de o indivíduo criar a si mesmo.

Com este conceito de natureza humana, a revolução no sentido moderno tornou-se possível — não apenas revolta contra um regime político, mas a tentativa de destruir toda a ordem social e reconstruir um ideal a partir do zero, um que transformasse a própria natureza humana e criasse "o Novo Homem". Como disse Rousseau, o legislador ideal "deve sentir dentro de si a capacidade de mudar a natureza humana".[30] Pois se esta natureza é indeterminada e não pode ser definida de maneira positiva, então há espaço ilimitado para o Estado impor sua própria definição de natureza humana.

QUEDA

P: Para Rousseau, qual é a queda, a fonte da tirania e sofrimento?

R: *A sociedade ou a civilização.*

No estado da natureza, os seres humanos são "eus" autônomos, sem laços com as pessoas exceto com quem escolhem ter. Praticamente por definição, toda relação que *não* seja produto de escolha é tirana, como os laços biológicos da família, os laços morais do casamento, os laços espirituais da igreja, ou os laços genéticos do clã e raça.

O único laço social em que os indivíduos retêm sua autonomia imaculada é o contrato, porque nesse instrumento as partes são livres para escolher por si mesmas como desejam definir as condições e extensão do acordo. As condições não são prefixadas por Deus, igreja, comunidade ou tradição moral, mas são estritamente voluntárias.[31] É por isso que Rousseau, Hobbes e Locke exigiam um estado fundamentado em "contrato social". Nele, todos os laços sociais seriam dissolvidos e reconstituídos como contratos com base na escolha. Isto sempre foi apresentado em termos de libertar o indivíduo da tirania da convenção, tradição, classe e bens inalienáveis do passado.[32]

REDENÇÃO

P: Qual é a fonte da redenção para Rousseau?

R: *O Estado.*

A idéia de que o Estado pudesse ser libertador era de todo inédita. Na experiência real, claro que o Estado é um lócus de poder, autoridade e coerção. Ninguém jamais havia sugerido que poderia ser um libertador. Certo teorista político cristão diz que Rousseau gerou "as políticas de redenção"."

Os historiadores falam que o século XX foi o mais sangrento de todos, mas o problema não é que grande número de pessoas subitamente sofreu alguma degeneração moral misteriosa. O problema é que as pessoas adotaram cosmovisões baseadas em definições equivocadas da criação, queda e redenção.[34]

Talvez seja paradoxal que uma filosofia de individualismo radical desemboque em estatismo radical. Mas como Hannah Arendt ressalta em *Origens do Totalitarismo,* indivíduos isolados e sem ligações são os mais vulneráveis a controle totalitário, porque não têm identidade ou lealdade concorrente.[35] É por isso que uma das melhores maneiras de proteger os direitos *individuais* é proteger os direitos de *grupos* como famílias, igrejas, escolas, negócios e associações voluntárias. Classes sociais fortes e independentes na verdade ajudam a limitar o Estado, porque cada uma reivindica sua própria esfera de responsabilidade e jurisdição, desta forma obstando que o Estado controle cada aspecto da vida. A filosofia política neocalvinista descreve a independência das esferas sociais usando o termo *soberania de esfera,* que significa o direito de cada uma ter sua própria jurisdição limitada em oposição às outras esferas.[36] O pensamento social católico usa o termo *subsidiaridade* para expressar quase a mesma idéia. Ao contrário de Rousseau, proteger os laços morais, sociais e de parentesco na verdade protege a liberdade individual.

Infelizmente, a maioria do pensamento americano político, tanto liberal quanto conservador, continua baseando-se na visão atomística de que a sociedade é composta de indivíduos autônomos. Esta é a suposição inconsciente que os estudantes levam para a sala de aula hoje, diz um professor cristão:"Sem nunca terem lido uma palavra sequer de Locke, eles conseguem reproduzir sem titubear a noção de contrato social no mundo".[37]

Em minha opinião, a suposição de individualismo autônomo é um fator central no desarranjo da sociedade americana de hoje. Considere a política pública: Em *Democracy's Discontent* (Descontentamento da Democracia), Michael Sandel afirma que a crença subjacente no liberalismo moderno é o conceito do "eu desimpedido", com o que ele quer dizer "desimpedido de laços morais ou cívicos que não escolheram".[38] No liberalismo, o indivíduo existe antes de associar-se em comunidades morais como casamento, família, igreja e política. O "eu" é até anterior a qualquer definição de sua própria natureza. Assim, para o liberalismo, o cerne de nossa personalidade é a habilidade de escolher nossa própria identidade — de criar a nós mesmos. E por isso que as relações e responsabilidades são consideradas separadas, e até contraditórias, de nossa identidade essencial, pois os indivíduos sentem que precisam se libertar dos seus papéis sociais (como marido, esposa ou pai) para encontrar o seu "verdadeiro eu". [9] E Rousseau trazido de volta.

Ou consideremos a filosofia legal: Em *Rights Talk* (Conversa sobre Direitos), MaryAnn Glendon afirma que é típico a lei americana hodierna descrever a pessoa humana

"natural" como indivíduo solitário. A lei americana está "baseada na imagem de que o portador de direitos é indivíduo auto-determinado e desimpedido, um ser ligado aos outros só por escolha".[40] Em outras palavras, as relações não são constituintes de nossa identidade, mas são criações de escolha individual — um eco direto da teoria de *estado da natureza* de Rousseau.

Por fim, a filosofia política: Em *Modem Liberty and Its Discontents* (Liberdade Moderna e seus Descontentamentos), Pierre Manent diz que a doutrina básica do liberalismo é que nenhum indivíduo pode ter uma obrigação com a qual não tenha concordado. Todas as relações humanas tem de ser dissolvidas e depois reconstituídas com base na escolha, ou seja, por contratos. "Pelos contratos que ele faz com seus semelhantes, cada indivíduo é o autor de todas as suas obrigações."[41] Agora entendemos por que Ted Peters quis dissolver a base biológica da família para reconstituí-la com base tão-somente na escolha.

Idéias como estas não permanecem puramente abstratas e acadêmicas. Elas passam dos professores para os estudantes, que podem pô-las em prática. Por exemplo, com o casamento reduzido à simples escolha, muito estudantes estão pensando duas vezes antes de dizer "aceito", ou que n|0 é negócio abrir mão de sua autonomia. Certo estudo do Projeto Nacional de Casamento, entidade americana da Universidade Rutgers, demonstrou que os jovens americanos de hoje vêem o casamento "como forma de exposição e risco econômico, em grande parte devido à prevalência do divórcio".Trata-se do fruto mortal da visão atomística da sociedade. Em vez de ser respeitado como bem social, o casamento é temido como risco econômico."A cultura dos solteiros não é orientada ao casamento", diz o estudo. "É mais bem descrita por cultura de baixo compromisso, com 'sexo sem restrições e relacionamento sem anéis'."[42] É óbvio que o individualismo ontológico de Hobbes, Locke e Rousseau permanece no âmago da crise social e política dos Estados Unidos. (Para mais informações sobre este assunto, ver Apêndice 1.)

A Religião Sexual de Sanger

Tendo tocado no assunto de "sexo sem restrições", apliquemos uma análise de cosmovisão a algumas questões sociais em voga atualmente. A divisão esquerda/direita na política americana costumava girar em torno de questões econômicas, como a distribuição de renda. Mas hoje, a divisão tende a ser sobre questões sexuais e de reprodução: aborto, direitos homossexuais, divórcio sem culpa, a definição da família, experimentação fetal, pesquisa com células-tronco, clonagem, educação sexual, pornografia.

Há poucos anos, *The Boston Globe* publicou um artigo relatando que os universitários americanos têm mais uma maneira de colar grau — assistir a filmes pornográficos. Muitas faculdades oferecem cursos nos quais os estudantes analisam pornografia explícita. Como dever de casa, os estudantes têm até de fazer seus próprios filmes explícitos para mostrá-los em sala de aula. E a nova tendência chamada "estudos sobre pornografia".

Como foi que os estudantes americanos deixaram de estudar Homero e passaram a estudar pornochanchada? A resposta é que a liberação sexual tornou-se nada menos que uma ideologia desenvolvida, com todos os elementos de uma cosmovisão.

Preste atenção a alguns dos arquitetos da revolução sexual, como Margaret Sanger, fundadora da Paternidade Planejada. Sanger foi uma das primeiras defensoras do controle de natalidade, mas nem todos sabem que ela também escreveu vários livros que apresentam uma cosmovisão completa. Sanger era darwinista dedicada, promotora do darwinismo social *e da* eugenia, que estavam muito em voga em princípios do século XX. Sua meta era construir uma abordagem "científica" para a sexualidade fundamentada substancialmente no

darwinismo.

Sanger retratou o drama da história como luta para livrar o corpo e a mente dos constrangimentos da moralidade, o que denominou a "moralidade cruel da abnegação e do pecado". Ela chegou a elogiar a liberação sexual como "o único método" para encontrar "a paz interior, a segurança e a beleza". Até a ofereceu como meio de vencer as mazelas sociais: "Acabem com os constrangimentos e proibições que impedem a liberação de energias internas [seu eufemismo para referir-se a impulsos sexuais], [e] a maioria dos grandes males da sociedade se extinguira".[44]

Sanger ofereceu esta promessa messiânica arrebatadora: "Pelo sexo, a humanidade atingirá a grande iluminação espiritual que transformará o mundo, e iluminará o único caminho para um paraíso terreno".[45]

Claro que esta é perspectiva religiosa, se é que chegou a ser. Analisemos pela grade de três partes:

CRIAÇÃO

P: Para Sanger, o que funciona como mito da criação?
De onde vieram os seres humanos?

R: *Evolução. Ela era proponente ferrenha do darwinismo biológico e social.*

O que isto significava para o ponto de vista de Sanger sobre a natureza humana? Se somos produtos da evolução, então nossa identidade humana suprema fica situada no biológico, no natural, no instintivo — sobretudo os instintos sexuais. Há alguns anos, o jornal *The New Yorker* publicou um artigo a respeito dos "estudos sobre pornografia", para o qual também entrevistou alguns professores que lecionavam estes cursos. Como um deles explicou: "Hoje, o sexo é visto como a força motriz de nosso ser"; nossa identidade "suprema".[46]

Nos dias de Sanger, os cientistas tinham descoberto as glândulas, e ela concluiu que o desenvolvimento humano saudável dependia do livre funcionamento das glândulas reprodutivas. Isto lhe sugeriu que a restrição sexual era danosa sob a ótica da fisiologia. Hoje, essas antigas noções são ridicularizadas; ninguém formado nesse campo acredita que a restrição sexual seja fisicamente danosa. Mesmo assim, os sexólogos continuam acreditando que a liberação sexual é o fundamento do desenvolvimento da personalidade saudável.

QUEDA

P: Para Sanger, qual é a fonte de nossas disfunções sociais e pessoais?

R: *O surgimento da moral cristã.*

É o cristianismo, com sua moral repressiva, que impede as pessoas de encontrar sua verdadeira identidade sexual — identidade essa que é o âmago do ser humano. Isto, por sua vez, causa todos os outros tipos de disfunções. Sanger condenou "os 'moralistas' que pregam

abstinência, abnegação e supressão".[47]

Claro que nem todos os liberais sexuais criticam e condenam de forma tão aberta a moral cristã. A estratégia mais comum é afirmar que eles querem ser científicos, e que a ciência exige uma posição moralmente neutra. Por exemplo, Alfred Kinsey inicia seu mais importante tratado científico *Sexual Behaviour in the Human Male* (Conduta Sexual do Homem), queixando-se dos cientistas que dividem o comportamento humano em categorias de normal e anormal. "Nada é mais eficiente em bloquear a livre investigação do comportamento sexual" que a aceitação desta distinção moral, desabafou ele; e exortou os cientistas a descrever "objetivamente" todas as formas de comportamento humano, sem fazer comentários éticos. Enfatizou de modo repetido que o sexo é "uma função biológica normal, *aceitável em qualquer forma que se manifeste".*

Entretanto, é lógico que essa declaração expressa uma posição moral. Kinsey era totalmente voltado para uma forma de relativismo ético baseado no naturalismo darwinista. O que ele estava fazendo era inserir de modo furtivo os seus *próprios* valores mascarados de ciência objetiva e neutra. Kinsey insistia que a ciência é apenas descritiva, incapaz de prescrever o que pessoas devem fazer. Mas na realidade, segundo escreve o historiador Paul Robinson, ele "tinha opiniões muito fortes sobre o que as pessoas deveriam ou não fazer, e seus esforços em disfarçar essas opiniões eram muito transparentes". As próprias categorias de análise que ele escolheu usar "trabalhavam de modo muito claro em arruinar a ordem sexual tradicional". Kinsey, por vezes, dava a entender que a apresentação de uma moral sexual baseada na Bíblia era o divisor de águas na história humana,[4]" um tipo de "queda" da qual temos de ser redimidos.

REDENÇÃO

P: O que pessoas como Sanger e Kinsey oferecem como meio de cura e inteireza?

R: *Liberação sexual.*

No artigo do *The New Yorker* acerca dos estudos sobre pornografia, certo professor explicou que "a esquerda cultural" passou de sociedade variável para "mudança interior", sendo definida primariamente como descoberta da verdadeira natureza da sexualidade do indivíduo."[0] Em suma, a liberação sexual tornou-se uma cruzada moral na qual o inimigo é a moralidade cristã, e a objeção a ela é a posição moral heróica.

Este é um conceito difícil de os cristãos entenderem, porque quando ouvimos a palavra *moral* pensamos na moral bíblica.Todavia, para muitos secularistas, a moral bíblica é nada menos que a fonte do mal e disfunções, ao mesmo tempo em que a posição que defendem tem todo o fervor e farisaísmo de uma convocação moral "às armas".

Michael Medved, judeu, conservador e crítico de cinema, aprendeu isto da maneira difícil. Ele elogiou publicamente o trabalho de um casal que fora produtor de cinema em Hollywood. Estando juntos há quinze anos e sendo pais de dois filhos, Medved disse que se tratava de pessoas casadas. De imediato, soube por amigos do casal que havia comentado que *de maneira nenhuma* eram casados e que ficariam "ofendidos" se alguém os descrevesse assim.[51]

Ofendidos? Por que alguém consideraria um insulto ser considerado casado? Ao rejeitar o casamento, este casal pretendia assumir posição de altos princípios pela liberdade

contra uma convenção moral tirânica. O filósofo John Stuart Mill escreveu: "O mero exemplo de comportamento rebelde, a mera recusa em submeter-se aos costumes, já constitui um serviço • Dando um exemplo de liberação, pessoas como este casal de Hollywood acham que estão prestando um serviço à humanidade. Quando em recente entrevista perguntaram a Madonna por que ela havia publicado seu livro nojento *Sex,* em 1992, ela respondeu: "Pensei estar prestando um serviço à humanidade, sendo revolucionária, liberando as mulheres".[5]

Esta atitude explica por que é tão difícil deter a sexualização da cultura. A liberação sexual não é questão de mera satisfação ou excitação sensual: é uma ideologia completa, com todos os elementos de uma cosmovisão Para confrontá-la, não podemos simplesmente expressar desaprovação moral ou dizer: "Isso é errado". Precisamos nos lembrar de que a moral sempre é derivativa — origina-se da cosmovisão da pessoa. Para sermos eficazes temos de atacar a cosmovisão subjacente.

Budista no Céu

Numa viagem de avião, sentei-me ao lado de uma tailandesa de rosto atraente e cabelos pretos que era budista devota. Determinada a não perder a chance de aprender em primeira mão mais sobre uma religião oriental, crivei-a de perguntas e descobri que as coisas são bem diferentes da versão em voga entre as celebridades de Hollywood. Consideremos a reencarnação. Na versão ocidentalizada, o ciclo por níveis cada vez mais altos tem o anel otimista do progresso evolutivo.[54] Mas para o verdadeiro budista, a reencarnação é a roda do *sofrimento.* O propósito da vida inteira é fugir disso.

Como? Pela abnegação e separação das coisas do mundo. Esta tailandesa sincera viajava para um mosteiro budista uma semana por mês para ficar numa cabana de chão sujo e sem eletricidade a fim de fazer meditação. Segundo me explicou, por longas horas de prática sua "mente barrenta" (cheia de preocupações mundanas) pode se transformar em uma "mente limpa" (livre de todas as ligações terrenas). Se conseguir atingir esse nível de consciência, ela se libertará do ciclo do sofrimento. Mas, como me disse, poucos conseguem em uma única vida, e a maioria que consegue é monge, porque rejeita as relações matrimoniais e familiares. Mesmo assim, entre centenas de milhares de monges apenas talvez um consiga.

— E você? — perguntei, sabendo que ela era casada e tinha filhos. — Já conseguiu?

— Não me preocupo com isso; apenas continuo fazendo meditação — respondeu a mulher, que em seguida passou a me explicar a lei do carma. — Pensamentos ruins atraem coisas ruins, pensamentos bons atraem coisas boas.

— E se você for uma pessoa boa, mas mesmo assim lhe acontecerem coisas ruins? — perguntei.

— Então estarei pagando pelo que fiz em outra vida. Ocorreu-me que o budismo é uma religião bastante fria. Tudo de ruim que acontece é culpa sua, causada pelo que você fez nesta ou em outra vida. Não há graça, não há real esperança de redenção nesta vida. E meditação não é contato com um Deus que responde ouvindo e amando; é apenas um conjunto de exercícios mentais para treinar a mente a se parar do mundo material.

Não há Deus pessoal nas religiões orientais como o budismo e o hinduísmo. O divino é um campo de força espiritual impessoal não-cognitivo. A meta suprema nestas religiões não é tanto a felicidade quanto o alívio do fardo do "eu". Nirvana é a fusão do espírito da pessoa com o substrato espiritual universal de todas as coisas, perdendo a individualidade no Um panteísta.

Quando o pensamento oriental entrou no mundo ocidental nos anos sessenta,

combinou-se com elementos ocidentais e formou o movimento da Nova Era. Porém, os conceitos panteístas nucleares permanecem essencialmente os mesmos. Apliquemos nossa grade de três partes ao pensamento da Nova Era.

CRIAÇÃO

P: Qual é a realidade suprema, a origem de todas as coisas, no panteísmo da Nova Era?

R: *O Absoluto, o Um, uma Essência Espiritual Universal.*

No panteísmo, a realidade suprema é uma mente ou essência espiritual unificada que impregna todas as coisas. É uma unidade não diferenciada acima de todas as categorias humanas de pensamento, acima das divisões do bem e do mal, da matéria e do objeto. Este não é um ser pessoal com consciência e desejos, mas uma essência espiritual impessoal da qual fazemos parte. Um Deus pessoal como a deidade cristã é considerada inferior, porque personalidade insinua diferenciação, que, para a mente oriental, sugere limitação. A idéia bíblica de um Deus que seja *tanto* pessoal *quanto* infinito é considerada incompreensível.

QUEDA

P: No panteísmo, qual é a fonte do mal e do sofrimento?

A: *Nosso senso de individualidade.*

No panteísmo, o grande dilema da existência humana não é o pecado-afinal de contas, uma essência espiritual inconsciente não pode se preocupar com o que os seres humanos fazem uns aos outros. O dilema humano é que *não sabemos* que fazemos parte de deus. Pensamos que somos indivíduos, com existência e identidade distintas. É o que gera a ganância e o egoísmo, conflitos e guerras. No hinduísmo, nosso senso de individualidade chama-se "maia", que significa ilusão. A meta dos exercícios espirituais é livrar a mente da ilusão da individualidade.

REDENÇÃO

P: Qual é a orientação que o panteísmo nos dá para resolvermos o problema do mal e do sofrimento?

R: *Reunirmo-nos com a Essência Espiritual Universal da qual todos viemos.*

A meta dos exercícios religiosos orientais é nossa reunião ao deus que está dentro de nós, a fim de recuperarmos o senso de que todos somos deus. Com esta análise entendemos a razão da proliferação desnorteante de técnicas do movimento da Nova Era: ioga, meditação transcendental, cristais, centralização, taro, dietas, visualização e todo o resto.

Apesar da grande variedade, o propósito de todas estas técnicas é dissolver os limites do "eu" e recuperar um senso de unidade universal.

Uma das importantes razões de aprendermos a analisar cosmovisão é proteger a nós e nossos filhos de sermos levados por falsas cosmovisões. Há alguns anos, uma amiga minha, mulher cristã muito dedicada, me indicou um livro: "E um clássico", disse-me ela. "Você tem de ler."

Mas quando comprei, fiquei aturdida ao descobrir que se tratava de anúncio claro de panteísmo oriental em forma de história. É bem possível que você conheça: *O Jardim Secreto,* de Francês Hodgson Burnett.

O personagem principal é um menino de dez anos chamado Colin, que Burnett usa como o principal porta-voz de sua filosofia panteísta. Colin conta aos outros personagens da história que tudo no mundo e feito de uma única substância espiritual que ele denomina "Magia". No livro, a palavra sempre é escrita com inicial maiúscula, em denúncia clara de que é palavra-código para aludir ao divino. Colin diz: "Tudo é feito de Magia, as folhas e as árvores, as flores e os pássaros. [...] A Magia está em mim. [...] Está em cada um de nós".[55] Esta Magia tem poderes maravilhosos e até milagrosos, faz as coisas crescerem, cura os doentes e torna as pessoas boas. É o poder supremo no universo, pois como diz um dos personagens, não pode haver "Magia maior". Significativamente, Colin chega a copiar a linguagem cristã de maneira explícita: "A Magia sempre r .1 está fazendo coisas do nada".

Isto não é um Deus pessoal que nos ama, mas uma força impessoal com a qual nos ligamos, da mesma forma que nos servimos da eletricidade. Como diz Colin: "Precisamos nos apoderar da Magia e fazer com que ela faça coisas para nós, como eletricidade, cavalos, vapor".[57] (Burnett respondeu por escrito em 1911.) E o modo de "nos apoderarmos" deste poder é por feitiços e encantamentos. Na história, as crianças cruzam as pernas, "como se estivessem sentadas em um tipo de templo", e Colin começa a cantar "em tom de Sumo Sacerdote": *"A Magia está em mim; a Magia está em mim. [...] Magia, Magia, vem me ajudar".*[58]

Se isto não for religião, então não sei o que é. Entretanto, conheço incontáveis pais e professores cristãos que leram o livro com os filhos *sem ter detectado a cosmovisão panteísta oriental.* Depois de ler o livro, escrevi um artigo que analisa seus temas religiosos não tão ocultos,[59] e não muito tempo depois, meu filho recebeu a tarefa escolar de lê-lo como dever de casa... de uma escola cristã.

Vários anos mais tarde, pesquisei a vida de Burnett e fiquei sabendo que ela se envolvera em espiritualismo e teosofia (filosofia de inspiração budista que envolve conceitos como carma, reencarnação e panteísmo).[60] Contudo, mesmo que os leitores não conheçam sua história pessoal, a cosmovisão oriental é reconhecível ao longo do livro. Esta é excelente ilustração do princípio de que se não aprendermos a analisar cosmovisões — bem como ensinar nossos filhos a analisá-las —, não teremos defesa contra cosmovisões estrangeiras que encontrarmos na cultura em que vivemos. E então é provável que as assimilemos sem nem ao menos perceber. (Para mais detalhes sobre o movimento da Nova Era, ver Apêndice 2.)

Missionários de Cosmovisão

Ao refletir sobre a razão de precisarmos de uma cosmovisão cristã, proponho que é nada menos que obediência à Grande Comissão. Como cristãos somos chamados a ser missionários no mundo, e isso significa ªprender a língua e formas de pensamento das pessoas que queremos dançar. Se não sairmos de onde moramos, não precisaremos dominar outra língua, mas temos de aprender as formas de pensamento da cultura em que estamos [61]

Precisamos falar com filósofos na língua da filosofia com políticos na língua da política e com cientistas na língua da ciência

Certa estudante em relações internacionais me disse que as matérias que estava fazendo, projetadas a preparar profissionais para trabalhar em outras culturas, concentravam-se quase inteiramente em cosmovisões Explicou-me que aprender outra língua era mero passo preliminar; para uma comunicação eficiente, a exigência mais importante era saber os hábitos de pensamento em determinada cultura. Não é por acaso que Paulo diz que os cristãos são chamados para ser "embaixadores" do Rei celestial para uma cultura estrangeira (2 Co 5.20). Para sermos embaixadores eficientes, precisamos nos preparar tão completamente quanto qualquer profissional em relações internacionais.

Se a grade criação, queda e redenção fornece ferramenta simples e eficiente para comparar outras cosmovisões, também explica por que o ensino bíblico da criação está sob ataque inexorável hoje em dia. Em qualquer cosmovisão, o conceito de criação é fundamental: como primeiro princípio, molda tudo o que se segue. Os críticos do cristianismo sabem que o conceito de criação permanece ou cai com seus ensinamentos sobre origens supremas.

A fim de nos tornarmos embaixadores mais eficientes para Cristo, temos de aprender a defender a visão bíblica da criação, tanto de forma científica quanto filosófica. Este é o tema dos próximos quatro capítulos (Parte 2).[62] A medida que você avançar nestes capítulos, aprenderá a defender a fé dos desafios do naturalismo darwinista, ao mesmo tempo em que estará formando argumentos positivos a favor do desígnio inteligente. Você aprenderá como a cosmovisão darwinista promoveu uma gama de tendências culturais danosas, desde a legalização do aborto ao declínio na educação pública. Para comunicar uma cosmovisão cristã, o primeiro passo é aprender a apresentar razões cativantes em prol da criação.

PARTE DOIS

COMEÇANDO DO COMEÇO

Darwin e os Ursos Berenstain

[O darwinismo] é apoiado mais por suposições filosóficas ateístas que por evidências científicas.
Huston Smith[1]

"Foi o darwinismo que suscitou dúvidas sobre minha fé", recorda Patrick Glynn, autor de *Deus:A Evidência.*[2] Criado em lar católico, Glynn diz que em sua infância foi uma criança séria e "muito devota". Tornou-se coroinha com a idade mais jovem permitida oficialmente, e relembra que, na escola católica que freqüentou, metade dos livros da biblioteca era biografia de santos.

Na sétima série, a professora apresentou a teoria da evolução e, como o menino perspicaz em *As Novas Roupas do Imperador,* o jovem Patrick de imediato reconheceu que contradizia tudo que até ali aprendera sobre religião. "Levantei-me em sala de aula e perguntei à freira: 'Se a teoria de Darwin é verdadeira, então como a história da criação na Bíblia pode ser verdade?'" A pobre freira ficou desconcertada... e assim as sementes da dúvida foram plantadas.

A mãe de Patrick insistiu que ele falasse com o padre da paróquia. Num jogo de beisebol, o padre comprou-lhe um cachorro-quente e aproveitou a oportunidade para ter a conversa. Nos intervalos da partida, o padre explicou como reconciliar Gênesis com uma origem evolutiva da raça humana: "Você não tem de acreditar que Adão e Eva eram os *únicos ser*es na ocasião", disse ele. "Você só tem de acreditar que Deus os tomou e lhes deu almas". A explicação lhe pareceu tão forjada, que só reforçou as duvidas crescentes do menino.

"Quando entrei para Harvard, tinha maturidade suficiente para aceitar sua atmosfera de naturalismo e secularidade", diz Glynn. Nas aulas, o pensamento dominante era que a crença religiosa se tornara impossível para o ser humano "racional". Afinal de contas,"Darwin demonstrara que não era necessário postular um Deus para explicar a origem da vida". Se as causas naturais atuando por si mesmas produzem tudo que existe, então a implicação óbvia é que não sobra nada para um Criador fazer. Ele está desempregado. E se a existência de Deus não serve de função explicativa ou cognitiva então a única função que lhe resta é emocional: a crença em Deus é reduzida a uma portinhola de fuga para pessoas com medo de enfrentar a modernidade. Em Harvard, segundo Glynn, a religião era considerada um construto humano inventado por culturas primitivas como mecanismo de defesa para ajudá-las a lidar com os rigores da sobrevivência. Ao final dos estudos de pós-graduação, ele chegara à conclusão de que não havia Deus, alma, vida após a morte, justiça inerente ao universo. "Eu me orgulhava de ser realista e até maquiavélico sobre minha visão do mundo."

Uns vinte anos depois, após uma crise pessoal, Glynn começou a questionar suas convicções sobre o racionalismo e naturalismo. Em *Deus: A Evidência,* ele narra as diversas linhas argumentativas que o persuadiram de que Deus existe, e fala também da evidência atordoante em prol do desígnio no universo físico (sobre a qual falaremos no Capítulo 6).

A história pessoal de Glynn ilustra o papel fundamental desempenhado por uma teoria de origens na formação de uma cosmovisão. Como vimos, toda cosmovisão começa com uma narrativa da criação que molda os conceitos sobre a queda e a redenção.[3] Em vista disso, quem tem a verdadeira autoridade para moldar o mito da criação de uma cultura é o "sacerdócio", com o poder de determinar o que será a cosmovisão dominante. Para vencer o

poder do "sacerdócio" secular de hoje, os cristãos precisam ter um entendimento básico da controvérsia das origens, com seu tremendo impacto no pensamento hodierno.

Como descobriremos ao longo dos próximos quatro capítulos, o principal impacto da evolução darwinista não está nos detalhes da mutação e seleção natural, mas em algo muito mais importante — um novo critério sobre o que se qualifica como verdade objetiva. Segundo explica certo historiador, o darwinismo induziu a uma visão naturalista de conhecimento, na qual "os dogmas teológicos e os absolutos filosóficos eram, na pior das hipóteses, totalmente fraudulentos e, na melhor das hipóteses, apenas simbólicos das profundas aspirações humanas".[4]Vamos simplificar essa frase: se o darwinismo é verdade, então a religião e os absolutos filosóficos (como bondade, verdade e beleza) são, no sentido exato da palavra, falsos ou "fraudulentos". Ainda podemos nos agarrar a eles se quisermos, as s ó se estivermos dispostos a colocá-los numa categoria de conceitos que não sejam genuinamente verdadeiros, mas "apenas simbólicos" das esperanças e ideais humanos.

Reconhece a divisão da verdade em dois pavimentos? A visão naturalista de conhecimento coloca o darwinismo no pavimento de baixo (o dos *(atos* públicos), banindo a religião e a moral ao pavimento de cima, onde são meros símbolos de *valores* particulares. Segundo consta em certo livro didático de filosofia, antes de Darwin, a maioria dos pensadores americanos presumia "a unidade fundamental do conhecimento" baseado na crença de uma única ordem universal estabelecida por Deus, abrangendo a ordem natural e a ordem moral. O impacto da evolução darwinista "tinha de destruir esta unidade de conhecimento", reduzindo a religião e a moral a "assuntos não-cognitivos".[5] Em suma, o darwinismo completou a divisão entre os pavimentos de cima e de baixo. Hoje, os dois pavimentos correm juntos em trilhos paralelos, nunca se encontrando ou se juntando. A medida que você ler a Parte 2, verá como esta bifurcação solidificou-se e consolidou-se, até que em nossos dias tornou-se instrumento potente para ridicularizar a objetividade das afirmações da verdade religiosa.

Para começar, examinaremos os argumentos e contra-argumentos científicos fundamentais. Este capítulo o deixará atualizado sobre a defesa científica contra o darwinismo, enquanto o próximo o equipará a fim de que possa defender de modo positivo o desígnio inteligente. Depois disso, determinaremos as amplas implicações da controvérsia das origens em todas as áreas da cultura ocidental — da ética à educação, do cinema à música. Praticamente todas as esferas da sociedade foram afetadas pela cosmovisão darwinista. Para sermos missionários de cosmovisão eficientes, temos de estar preparados para mostrar por que certa cosmovisão está errada e, ao mesmo tempo, oferecer uma alternativa digna de crédito.

ÁCido Universal

Durante uns trezentos anos depois da revolução científica, julgava-se que o cristianismo e a ciência fossem de todo compatíveis e mutuamente apoiadores. Muitos cientistas eram cristãos, e as pessoas conheciam um pároco que, nas horas vagas, colecionava espécimes biológicos. As complexidades atordoantes da natureza reveladas pela ciência não eram temidas como desafio à crença em Deus, mas saudadas como confirmação da sua sabedoria e desígnio. Estudiosos tão diversos quanto Copérnico, Kepler,

Newton, Boyle, Galileu, Harvey e Ray sentiam-se chamados para seus talentos científicos em louvor a Deus e a serviço da humanidade aplicação da ciência na medicina e tecnologia estava justificada com meio de inverter os efeitos da queda, aliviando o sofrimento e o enfado[6]

As tendências de secularização ameaçavam a harmonia entre a ciência e a religião,

mas seu colapso final ocorreu de forma repentina em fins do século XIX, quando Charles Darwin publicou a teoria da evolução O darwinismo era, de modo implacável, naturalista, explicando a origem e o desenvolvimento da vida através de causas estritamente naturais. Era (como vimos no Capítulo 3) a peça do quebra-cabeça que faltava para completar o quadro naturalista da realidade. Foi quando os historiadores passaram a tramar imagens de "guerra" entre a ciência e a religião, sobretudo os que esperavam que o vencedor do conflito fosse a ciência.

Muitos se surpreendem ao saber como é recente a construção do estereótipo de guerra, porque hoje faz parte da cultura do povo. Certo dia, eu estava preparando uma conferência enquanto esperava meu filho sair da aula de karatê. (É assim que mães de filhos em fase de crescimento fazem grande parte do trabalho: na pracinha ou na arquibancada.) Outra mãe se aproximou para conversar e, quando soube que meu tópico era cristianismo e ciência, ficou surpresa: "Por quê? A religião e a ciência não estão sempre em conflito? Elas não discordam em quase tudo?"

Há bem pouco tempo, uma estudante formada em engenharia aeroespacial disse-me que quando sua companheira de quarto não-crente soube que ela era evangélica, sua primeira reação foi: "Como você pode ser crente e estudar ciência?"

Histórias como estas nos fazem atentar para o fato de que muitas pessoas ainda presumem de forma irrefletida que ciência e religião estão em oposição mortal uma à outra.

Para sermos justos, é um estereótipo deliberadamente cultivado em certas áreas. Há poucos anos, um amigo meu decidiu instruir-se no assunto das origens e, vasculhando uma livraria, encontrou um livro intitulado *A Idéia Perigosa de Darwin. O livro certo,* pensou,*para uma boa crítica sobre o darwinismo.*

Para seu pesar, meu amigo descobriu que longe de oferecer uma crítica, o livro *endossa* de modo entusiástico o darwinismo. Segundo o autor, Daniel Dennett, a teoria é "perigosa" somente para superstições irracionais, como a religião e ética tradicionais. Ele diz que o darwinismo é um "ácido universal", alusão ao enigma das crianças sobre um ácido tão corrosivo que corrói tudo, inclusive o frasco em que está contido. O que ele quer dizer é que o darwinismo é extremamente corrosivo para ser contido. Espalha-se por todo o campo de estudo, corroendo todos os vestígios de propósito ou moral transcendente. Como diz Dennett, o darwinismo "corrói quase todo o conceito tradicional e deixa atrás de si uma cosmovisão revolucionada".[7]

As escolas públicas são exortadas a revolucionar as cosmovisões dos seus alunos aplicando o "ácido universal" de Darwin às convicções que trazem de casa. E se pais intrometidos persistirem em ensinar aos filhos que o darwinismo não é toda a história das origens humanas? Neste caso, diz Dennett com desaprovação, "diremos que seus ensinos propagam falsidades, e provaremos isto aos filhos deles na primeira oportunidade". Como insulto final, ele sugere pôr as igrejas e rituais tradicionais em "jardins zoológicos culturais", com outros artefatos de culturas extintas.[8]

Obviamente, o que Dennett está promovendo não é ciência objetiva, mas sua filosofia pessoal de materialismo ou naturalismo evolutivo. Fazendo uma aparição na série em oito episódios "Evolução", na rede americana PBS, Dennett informou aos telespectadores que a grande realização de Darwin foi reduzir o desígnio do universo a um produto de "matéria em movimento sem sentido e propósito".[9] Mas pense nisso: Há alguma maneira de essa declaração ser cientificamente testada? Existe um teste de laboratório que confirme que o universo surgiu de "matéria em movimento sem sentido e propósito"? Claro que não. Não é em absoluto uma teoria científica, mas mera filosofia pessoal de Dennett.

Contudo, é a filosofia que se tornou ortodoxia oficial no cenário público. Meio século

atrás, G. K. Chesterton já advertia que o materialismo científico se tornara o "credo" dominante na cultura ocidental, algo que começou com a evolução e terminou na eugenia". Longe de ser uma teoria científica, segundo observou ele, o materialismo "é nossa igreja estabelecida".[10]

Para defender uma cosmovisão cristã em nossa geração, temos de aprender a desafiar essa "igreja estabelecida". E o primeiro passo crucial é demonstrar precisamente que *é* uma forma de religião, ou seja, um sistema de crenças ou filosofia pessoal. Muito do que é acondicionado e apresentado sob rótulo de *ciência* não é ciência de verdade, mas materialismo filosófico. Quer dizer, não é verdade objetiva, porém mera expressão dos valores" pessoais de alguém. Podemos usar a dicotomia fato/valor para virar o jogo, argumentando que a evolução pertence à esfera dos valores particulares e subjetivos, o que significa que o resto de nós não tem razão de considerá-la autorizada. Os cientistas têm autoridade para nos dize como cruzar cereais ou fabricar medicamentos, mas não têm a aptidão especial de nos dizer em que cosmovisão acreditar. Todavia, quando dei xam os limites da ciência e fazem proclamações metafísicas de que universo é produto de "matéria em movimento sem sentido e propósito" perdem o direito de nos dizer o que fazer. Temos de desenvolver ferrenha resistência a tal proselitismo filosófico agressivo.

Naturalismo de Jardim de Infância

Atualmente, até as crianças precisam ser preparadas para pensar de mod crítico.Vários anos atrás, apanhei um livro de ciências para o meu peque no Michael, e fiquei chocada ao descobrir que com a ciência havia um dose gritante de naturalismo filosófico. Intitulado *The Bears' Nature Guid* (Guia da Natureza dos Ursos),[11] o livro apresentava os Ursos Berenstai da série extremamente popular de livros ilustrados para crianças. No começo da obra, a família de ursos nos convida a dar um passeio pela natureza. Depois de folhear um pouco o livro, chegamos a uma página dupl com um amanhecer deslumbrante e as palavras escritas em letras garrafais: "A natureza... é tudo que É, ou ERA, ou SEMPRE SERÁ!"

Onde ouvimos essas palavras? Na série de televisão "Cosmo", de Carl Sagan. Seu *slogan* conhecidíssimo era: "O Cosmo é tudo que é ou era ou sempre será".[12] Quem freqüenta uma igreja litúrgica reconhecerá que Sagan estava oferecendo um substituto ao *Gloria Patri* ("Como era no princípio, é agora e sempre será").[13] Os autores dos livros dos Ursos Berenstain reformularam a religião naturalista de Sagan em linguagem própria para crianças.

E no caso de uma criança não entender a mensagem naturalista, ao pe da página os autores desenharam um urso apontando para o leitor e dizendo:'^ natureza é você! A natureza sou eu!"

O ponto é que se o naturalismo filosófico aparece até em livros infantis, então sabemos que tomou conta da cultura inteira. Sob o pretexto de ensinar ciência, está sendo travada uma batalha filosófica. E se os cristãos não determinarem as questões filosóficas, outra pessoa o fará sem perder a chance de anunciar a mensagem até para crianças.

Fiandeiras em Ciência

Para entendermos o papel representado pela filosofia naturalista, temos de considerar como são limitadas as evidências da evolução darwinista.

Quando pressionados a apresentar evidências observáveis e empíricas da oria. os darwinistas invariavelmente servem-se dos mesmos exemplos f voritos, os quais podem ser entendidos com facilidade. Examinemos Iguns deles, seguindo de forma livre as orientações

de Jonathan Wells em *Jcons of Evolution* (As Ilustrações da Evolução),[14] que analisa as ilustrações mais usadas em quase todas as escolas de Ensino Médio e superior. São figuras muito simples, mas é crucial que aprendamos a avaliá-las.

Os Bicos dos Tentilhões de Darwin

Uma das evidências mais amplamente citada em prol da evolução é a variação entre os bicos dos tentilhões das ilhas Galápagos, ao largo da costa sul-americana. Os tentilhões são aves de pequeno porte, de aparência bastante simples. Nosso interesse prende-se ao tamanho do bico que difere de acordo com os hábitats onde vivem, sugerindo adaptação a condições discrepantes. Quase todo livro didático de biologia repete a história da viagem do jovem naturalista Darwin a Galápagos,[15] e que os biólogos contemporâneos foram lá para confirmar a teoria.

Certo estudo mostrou que durante um período de seca, o tamanho médio do bico entre os tentilhões aumentou um pouco. O único alimento que havia no período de seca era sementes maiores e mais duras, de forma que os pássaros com bicos ligeiramente maiores sobreviveram melhor. Note que estamos falando sobre mudança medida em décimos de milímetro, algo mais ou menos da espessura de uma unha. Mesmo assim, foi aclamado com entusiasmo como confirmação da teoria de Darwin. Como exultou certo escritor de ciência, trata-se de evolução acontecendo "diante dos [nossos próprios] olhos".[16]

Mas não foi tudo. Subseqüentemente, as chuvas voltaram, restabelecendo a gama original de sementes. E o que aconteceu? O tamanho habitual do bico voltou ao normal. Em outras palavras, a mudança que os darwinistas festejaram com tanto júbilo virou nada mais que uma flutuação cíclica. Essa configuração não pôs os tentilhões no rumo da evolução para um novo tipo de ave; foi uma pequena adaptação que permitiu as espécies sobreviverem na seca.

Isso quer dizer que a mudança foi um ajuste pequeno que permitiu [a]os tentilhões permanecerem tentilhões sob condições adversas. Não demonstrou que evoluíram originalmente de outro tipo de organismo, nem que estão evoluindo para algo novo (ver Figura 5.1).[17]

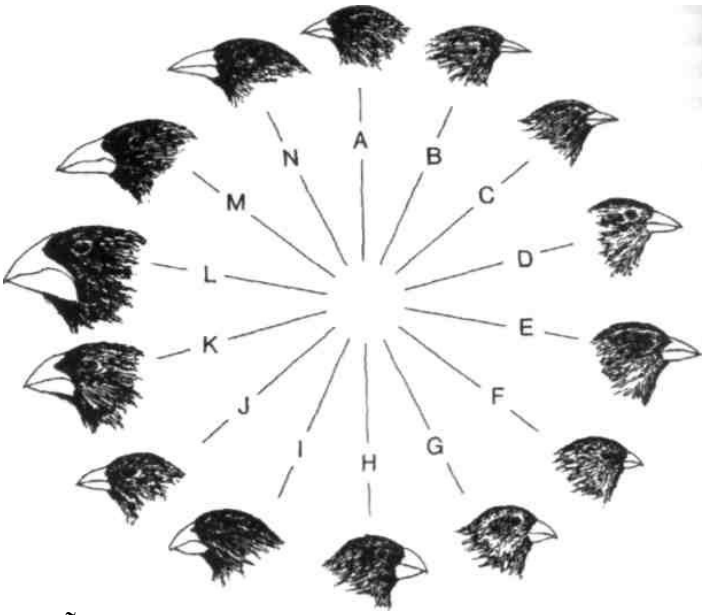


Figura 5.1. OSTENTILHÕES DE DARWIN: A mudança no tamanho dos bicos foi uma variação cíclica que permitiu que as aves permanecessem tentilhões sob condições adversas. (Copyright de Jody Sjogren. Usado com permissão.)

Quando a Academia Nacional de Ciências (sigla em inglês NAS) lançou a edição

para professores de uma brochura sobre evolução, decidiu que esta história precisava de uma interpretação mais positiva. Assim, a brochura *não mencionou* que o tamanho habitual do bico voltou ao normal. O texto especulou o que aconteceria se a mudança se mantivesse indefinidamente por uns duzentos anos — se o processo produziria uma "nova espécie de tentilhão".[18]

E evidente que esta foi uma análise equivocada dos fatos, sugerindo que se tratava de mudança direcional, e não reversível. O *Wall Street Journal* respondeu com uma réplica perspicaz de Phillip Johnson: "Quando nossos principais cientistas têm de recorrer a esse tipo de distorção que colocaria um falsário na prisão, sabemos que eles estão em sérias dificuldades".[19]

Nem o problema está limitado a bicos de tentilhões. Exemplos de diversificação pequena e reversível são necessários aos livros didáticos sobre evolução biológica. Outro exemplo comum é o desenvolvimento de resistência a antibióticos. Ponto de especial interesse da série de televisão “Evolução" era uma seção que explicava como o vírus HIV fica resistente à droga usada no tratamento da AIDS, aparentemente por causa de mutação. Uma vez mais essa constatação foi aclamada como evolução em ação. Mas assim que a droga foi retirada, a mudança se inverteu e o vírus voltou normal. (De novo, tornou-se sensível à droga.)[20] Tal mudança limitada e reversível dificilmente é evidência de uma teoria que advoga mudança ilimitada e direcional.[21]

Drosófilas com Disjunções Orgânicas

Para propor melhores evidências do que a natureza oferece, os cientistas tentam produzir mutações em laboratório usando as drosófilas. Estes pequenos insetos se reproduzem em questões de dias, o que significa que os investigadores podem expô-los à radiação ou substâncias químicas tóxicas para observar as conseqüentes mutações ao longo de várias gerações. Que tipos de mutações produziram? Asas maiores. Asas menores. Asas secas. Nenhuma asa. Conseguiram esquisitices como mosca com pernas no lugar das antenas.

O que resultou tudo isso? Para ser franca, drosófilas com disfunções orgânicas. Depois de meio século bombardeando drosófilas com radiação, os cientistas não conseguiram que se tornassem outro tipo de inseto, ou que pelo menos fossem drosófilas melhoradas. Nenhuma das formas transformadas voa tão bem quanto a forma original, e provavelmente não sobreviveria na natureza.

Há somente uma mutação que talvez fosse uma melhora: a série de televisão "Evolução" apresentou uma mutação que produz quatro asas em vez de duas (ver Figura 5.2). Isso poderia ser um avanço evolutivo. Mas se olhássemos a tela de televisão com mais atenção, teríamos visto que as asas extras não se movem. E porque não têm músculo; apenas ficam presas, imóveis, pesando sobre o inseto como uma couraça. Se, como afirma o darwinismo,[22] as mutações forem o instrumento que dirige a evolução, pelo visto não está *havendo* evolução em lugar nenhum.

A chave para a teoria de Darwin é a extrapolação. A teoria presume que o mesmo tipo de mudança que ocorre em pequena escala hoje na natureza possa ser extrapolado em sentido contrário ao tempo, permitindo explicar as diferenças principais entre grupos taxonomicos pela acumulação lenta de mudanças pequenas. O problema é que mudanças pequenas não se somam do modo como a teoria requer. Depois de fazer experimentos com drosófilas por quase meio século, o geneticista Richard Goldschmidt desistiu e disse que ainda que pudéssemos acumular ml mutações em uma única drosófila, mesmo assim seria nada mais que um drosófila extremamente estranha.[23] Para produzir novas espécies, não s

podem acumular mudanças nos detalhes. Precisamos de um novo desígnio global.

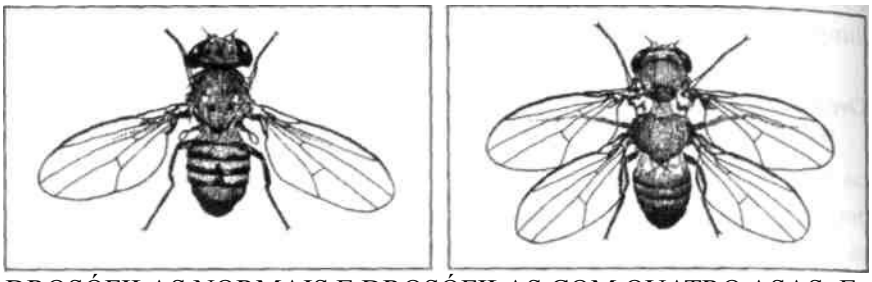


Figura 5.2. DROSÓFILAS NORMAIS E DROSÓFILAS COM QUATRO ASAS: Em virtude do fato de as formas transformadas serem mais fracas, a probabilidade de sobreviverem na natureza é menor. *(Copyright de jody Sjogren. Usado com permissão.)*

Há séculos, a natureza limitada da mudança orgânica é de conhecimento comum entre fazendeiros e criadores de animais. Por cruzamento, criamos cavalos mais rápidos ou produzimos maçãs maiores até alcançar um limite que não pode ser cruzado, pouco importando quão estrênuos sejam nossos esforços no programa de procriação. Um cavalo nunca será tão rápido quanto uma chita, ou uma maçã tão grande quanto uma abóbora. A medida que chegamos ao limite, os organismos ficam de maneira gradual mais fracos e mais propensos a doenças, até se tornarem estéreis e se extinguirem. Esta é a ruína dos esforços de procriação desde o início dos tempos. Luther Burbank, possivelmente o criador de animais mais famoso de todos os tempos, sugeriu que deve haver uma lei natural que "mantém todas as coisas dentro de limitações mais ou menos fixas"."

Durante o último século e meio, uma quantidade enorme de pesquisa tem sido feita segundo o paradigma darwinista. Mas o sucesso sempre e limitado a mudanças dentro dessas "limitações fixas", como as mutações nas drosófilas. As pesquisas não elucidaram quase nada a respeito das questões realmente importantes — por exemplo, por que há drosófilas?[25] Como troçou alguém, o darwinismo explica a *sobrevivência* do mais adequado, mas não explica a *chegada* do mais adequado.

Mariposas Adulteradas

Nos últimos anos, a defesa da evolução naturalista foi seriamente abalada por reversões na evidência fundamental. Consideremos certas espécies de mariposa na Inglaterra. Fotografias dessas mariposas são comuns em livros didáticos de ciência de escolas de Ensino Médio. As mariposas aparecem em duas variantes — uma cinza clara e outra cinza mais escura. O texto-padrão do livro didático é assim: Durante a revolução industrial, as fabricas despejaram fumaça e fuligem, que escureceram os troncos das árvores onde as mariposas pousavam, facilitando aos pássaros verem a variedade mais clara e comê-las. Com o passar do tempo, esse processo levou a uma proporção maior de mariposas mais escuras. Por muito tempo, este relato foi fragorosamente elogiado como *o exemplo* da seleção natural.

Nos últimos anos, porém, surgiu um problema: as mariposas não pousam em troncos de árvore. (Julga-se que pousem na copa das árvores.) Como explicar, então, as fotografias que aparecem nos livros didáticos? Foram colocadas: para compor as fotografias, os cientistas colaram mariposas mortas em troncos de árvore. Certo cientista que ajudou a fazer um documentário para a televisão admitiu que colou mariposas mortas nas árvores para produzir o filme (ver Figura 5.3).[26]

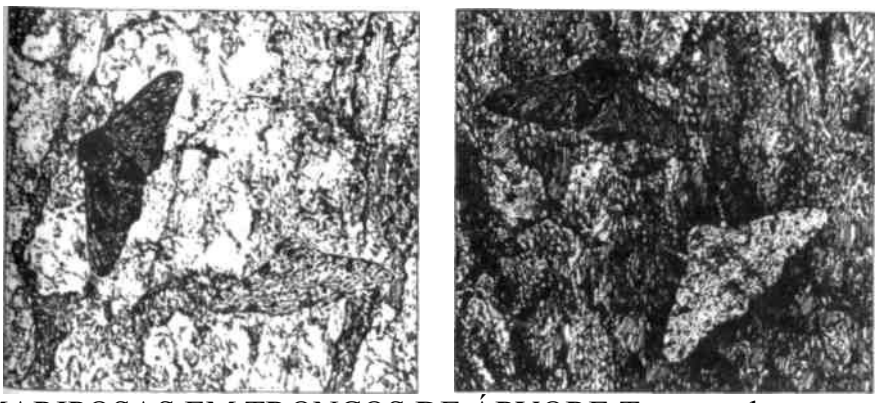


Figura 5.3. MARIPOSAS EM TRONCOS DE ÁRVORE:Trata-se de montagens para tirar fotografias. *(Copyright de jody Sjogren. Usado com permissão.)*

Por que essa pesquisa científica falsificada foi aceita? E como atingiu o *status* icônico na biolia evolutiva? Porque os cientistas queriam de modo desesperado crer nisso, conforme relevou recentemente a jornalista Judith Hooper. O problema com a teoria de Darwin é que a mudança evolutiva requer milhares ou milhões de anos, portanto nunca a vemos acontecendo. No caso da mariposa, a mudança evolutiva era rápida o suficiente para a observarmos. Era tudo o que os darwinistas estavam procurando, e logo se tornou "artigo irrefutável de fé".[27]

Hoje, o escândalo já se propalou na literatura científica, para vergonha dos evolucionistas.A mariposa era um "cavalo premiado em nosso estábulo de exemplos", lamentou certo biólogo evolutivo famoso.Ao inteirar-se da verdade, ele disse que foi como ficar sabendo "que era meu pai e não Papai Noel que trazia os presentes na véspera de Natal".[28]

O mais incrível é que as mariposas continuam ilustrando os livros didáticos de ciência. Certo repórter ousado entrevistou um escritor de livros didáticos que admitiu que *sabia* que as fotografias eram montagens, porém as usou mesmo assim. "A vantagem deste exemplo", disse o escritor, "é que é extremamente visual." E acrescentou: "Mais tarde", os estudantes "podem considerar o trabalho de forma crítica."" Pelo visto, até provas falsificadas são aceitáveis, caso reforcem a ortodoxia darwinista.

A Fraude mais Famosa

Quando eu tinha uns catorze anos, fiquei muito impressionada quando meus pais me levaram a um museu para ver uma exposição de embriões vertebrados alinhados lado a lado: peixe, anfíbio, réptil, ave e ser humano. A exposição queria mostrar que os embriões de cada espécie são muito semelhantes, dando a entender ascendência comum. O próprio Darwin disse que a semelhança entre os embriões vertebrados era "sem dúvida a mais forte classe de fatos simples a favor da" sua teoria.[30]

Entretanto, acontece que Darwin estava enganado. A série de embriões foi forjada por um dos seus mais ardentes defensores, o cientista alemão Ernst Haeckel. A meta era fundamentar a frase polissílaba que ele cunhara: *A ontogenia recapitula a filogenia,* que significa que cada embrião repete todas as fases evolutivas anteriores (ver Figura 5.4).

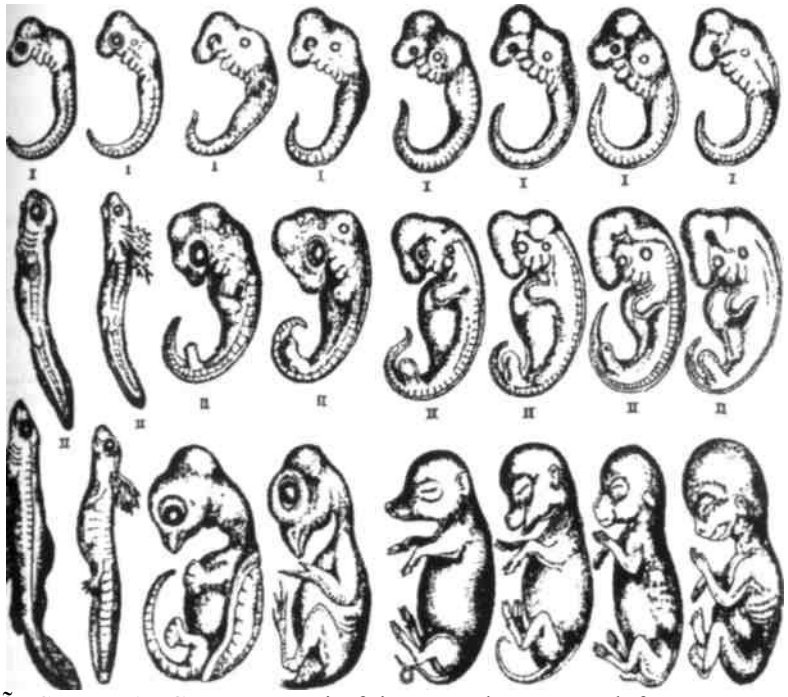


Figura 5.4. OS EMBRIÕES DE HAECKEL: Darwin foi enganado por seu defensor que estava por demais ansioso em "confirmar" a teoria evolutiva. *(Copyright de jody Sjogren. Usado com permissão.)*

E escandaloso, mas Haeckel falsificou os desenhos, fazendo com que fossem mais semelhantes entre si do que realmente são. Na Figura 5.5, compare as ilustrações dele com outras mais exatas.

O mais escandaloso é que nos dias de Haeckel, há mais de cem anos, os cientistas *já sabiam* que ele falsificara os desenhos, ocasião em que seus colegas o acusaram de fraude. Contudo, só recentemente a comunidade científica revelou a farsa ao público. Escrevendo para a revista *Science,* certo embriólogo disse que os desenhos de Haeckel eram "uma das fraudes mais famosas na biologia".[3] Mesmo assim, desenhos iguais ou semelhantes continuam sendo usados em livros didáticos de biologia.

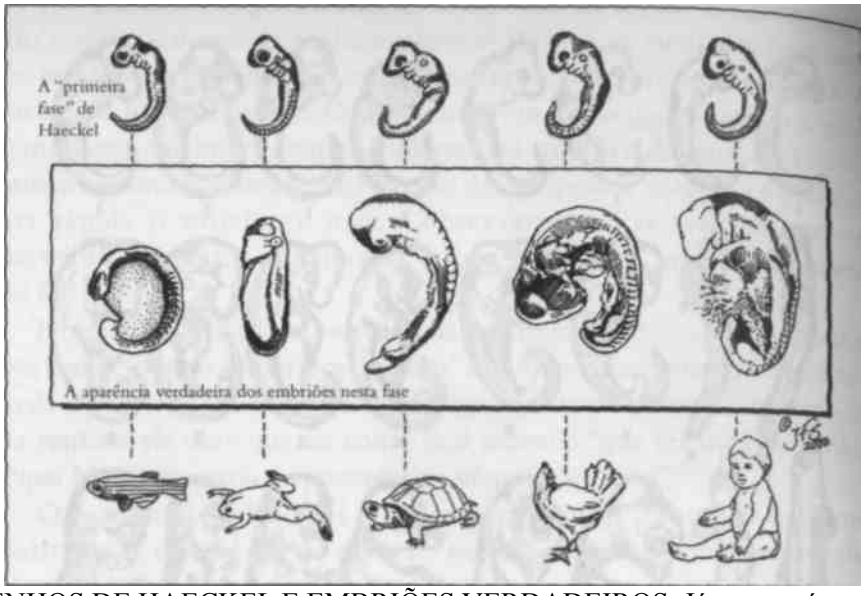


Figura 5.5. OS DESENHOS DE HAECKEL E EMBRIÕES VERDADEIROS. Já em sua época, Haeckel foi acusado de fraude. *(Copyright de jody Sjogren. Usado com permissão.)*

O princípio da recapitulação de Haeckel (que o embrião humano repete os estágios

da evolução) também já foi desmascarado. Entretanto, continua tendo um tipo de existência de zumbi, principalmente em argumentos usados para justificar o aborto. ("Afinal de contas, nesta fase é só um peixe ou um réptil.") O colunista Michael Kinsley usou o argumento no esforço de apoiar as pesquisas com células-tronco embrionárias. Falando *com* linguagem técnica, Kinsley reconheceu que o princípio de *a ontogenia recapitula a filogenía* foi desacreditado. Não obstante, argumentou que continha um núcleo de verdade. Redeclarado em linguagem comum, no desenvolvimento do ser humano, "algo semelhante" à evolução de fato acontece, a saber, "que cada um de nós começou como algo menos que humano, que a transformação ocorreu de maneira gradual"."

No entanto, se o princípio é falso, redeclará-lo no vernáculo não o torna verdadeiro. Falando biologicamente, é incorreto dizer que todos começamos como algo menos que humano. O embrião é humano desde o primeiro instante de existência; é um organismo auto-integrado cuja unidade, distinção e identidade permanecem intactas à medida que se desenvolve.

Não é coincidência que Haeckel, com sua opinião desfavorável à vida uterina, apoiasse a eugenia com base na raça, e fosse considerado progenitor do socialismo nacional. Mas é estranho que um liberal contemporâneo como Kinsley ressuscitasse o argumento a tanto tempo extinto declarado por um cientista alemão racista.

Detectores de Bobagens

Como os darwinistas reagiram ao descrédito dos seus desenhos jcônicos?[v] Por incrível que pareça, a maioria cerrou fileiras para defender o uso das histórias falsificadas. Por exemplo, Bassett Maguire, professor de biologia da Universidade do Texas, admite que as mariposas foram colocadas no tronco das árvores e que os desenhos dos embriões foram modificados. Todavia, em entrevista a um repórter, disse que os exemplos realmente não importam tanto quanto os conceitos que ensinam. De acordo com ele, os desenhos representam momentos falhos, mas históricos, da ciência, e os conceitos que ilustram permanecem válidos.[34]

É lógico que isto acaba com a imagem idealizada de cientistas como investigadores nobres em busca da verdade. Eles estão se tornando propagandistas prontos a empregar mentiras vantajosas.

Meus filhos têm a vantagem (se é que se pode dizer) de ter uma mãe que, por muitos anos, foi escritora de ciências. Desde pequenos suas antenas estão super-alertas a mensagens evolutivas. Quando meu filho mais velho Dieter tinha uns seis anos, ele pegou o hábito de falar cantando para chamar a atenção toda vez que encontrava conceitos darwinistas em livros ou programas de televisão sobre a natureza:"Ei, mãe, evoLUUUUção!" Juntos, examinávamos as declarações, contrastando-as com o que as evidências na realidade mostram. Minha meta era que meus filhos desenvolvessem (para imitar a expressão de Phillip Johnson[35]) "detectores de bobagens" perfeitamente afinados para que suas mentes jovens estivessem aptas a avaliar as declarações feitas em nome da evolução.

Vamos usar nossos "detectores de bobagens" para identificar as falhas na argumentação-padrão darwinista. A essência da teoria de Darwin é que as adaptações pequenas (também chamadas micro-evolução) podem ser extrapoladas ao longo de vastíssimos períodos de tempo para explicar as principais diferenças que dividem os grupos taxonômicos (*macro-evolução*). Mas, como vimos, pequenas mudanças não se acumulam para formar o que a teoria requer. O mais importante é que isto é do conhecimento público desde, pelo menos, 1980.

Naquele ano, lembro-me da surpresa ao abrir um exemplar do *Newsweek* e ler sobre

uma conferência de destaque intitulada "Macroevolução" realizada no Museu de Campo da História Natural em Chicago.[36] O que tornou a conferência tal divisor de águas foi que os paleontólogos contaram de forma corajosa aos biólogos o que eles menos queriam ouvir: qu o registro fóssil não apóia e nunca apoiará o enredo darwinista de um progresso contínuo e regular de formas de vida escrupulosamente classificadas do simples ao complexo. Pelo contrário, as pedras mostram um padrão difuso de lacunas: novas formas de vida surgem de repente, sem formas transitivas se conduzindo a elas, seguidas por períodos longos de estabilidade durante os quais mostram pouca ou absolutamente nenhuma mudança. O falecido Stephen Jay Gould, de Harvard, chamou isso de "o segredo comercial da paleontologia", revelando, talvez sem perceber, como é tremenda a pressão entre os colegas cientistas. (Por que perceberam que tinham a necessidade de guardar segredo?)

O próprio Darwin reconheceu que a evidência mais prejudicial contra sua teoria era a natureza descontínua do registro fóssil — a falta de formas intermediárias. Contudo, ele mantinha a firme esperança de que um dia todos os elos seriam descobertos. E quando isso acontecesse, o registro fóssil revelaria o fluxo contínuo de formas transitivas predito pela teoria.

O que tornou a conferência sobre macroevolução tão importante foi que muitos paleontólogos estavam dando-se por vencido. Desde Darwin, a procura por fósseis tem sido realizada intensivamente por mais de um século, mas em vez de preencher as lacunas, os novos achados tornaram as lacunas ainda mais pronunciadas. Por quê? Porque as formas fósseis tendem a ocorrer *dentro* dos grupos existentes, deixando lacunas claras entre os grupos, assim como há lacunas entre os animais modernos, por exemplo, entre cavalos e vacas, entre cães e gatos. Dito de outro modo, a variação tende a ser limitada a mudanças *dentro* dos grupos, em vez de passar gradualmente de um grupo a outro.

Dado este padrão consistente nas pedras, os paleontólogos na conferência sobre macroevolução anunciaram que é irracional ficar esperando que as lacunas venham a ser preenchidas. Está na hora de reconhecer que são permanentes. O quadro-padrão da evolução terá de ser revisado: em vez de uma cadeia contínua e regular de formas de vida, a evolução tem de ser reconfigurada na forma de processo irregular e por turnos. A nova visão foi cognominada o *equilíbrio pontuado* para denotar um padrão global de estabilidade interrompido por erupções ocasionais, onde novas formas aparecem de repente de lugar nenhum."Muitas espécies não exibem mudança direcional durante sua vigência na terra", explicou Gould. "Quando desaparecem no registro fóssil, sua forma física é muito igual a de quando apareceram.""

Isto está muito distante do gradualismo darwinista clássico, e incumbiu os biólogos de identificar algum novo mecanismo capaz de gerar mudanças súbitas, amplas e sistêmicas — procura que continua até hoje.[38] Usando uma ilustração das fábulas de Esopo, a mudança evolutiva foi modelada na tartaruga (lenta, porém constante), mas hoje é modelada na lebre (com arrancadas súbitas, seguidas por um longo cochilo). Pelo visto, não há mecanismo genético que produza semelhante padrão espasmódico. Mutações em larga escala são em geral danosas e fatais. (Pense: defeitos de nascença.) A evolução é, como diz o título de um livro influente, *A Theory in Crisis* (Uma Teoria em Crise).[3'] O gradualismo darwinista foi desacreditado, e ainda não há mecanismo alternativo amplamente aceito que o substitua.

Cientistas do Equilíbrio Pontuado

Com toda essa agitação científica, é surpreendente ver o que os principais cientistas respondem quando confrontados em público, como ocorreu há alguns anos durante as controvérsias sobre escola pública em Kansas e Ohio. Imediatamente citam todos os antigos

exemplos de variação limitada, como os bicos dos tentilhões, os experimentos com drosófilas e a resistência a antibiótico, como se nunca tivessem ouvido falar da controvérsia sobre macroevolução. Afinal de contas, o ponto da controvérsia era que variações pequenas como estas não são o motor que propele a macroevolução. "A questão central da conferência [sobre macroevolução] realizada em Chicago era se os mecanismos que formam a base da microevolução podem ser extrapolados para explicar os fenômenos da macroevolução", escreveu Roger Lewin na revista *Science.* Com algumas qualificações, "a resposta é um alto e sonoro 'Não'".[40]

Em vez de admitir que todas as evidências clássicas são hoje irrelevantes, [0] estabelecimento científico procura disfarçar a controvérsia usando a palavra *evolução* para envolver dois processos muito diferentes. Por um lado, o termo se aplica à variação *limitada* dentro de grupos *existentes,* como os tentilhões e as drosófilas, fato que é observado prontamente e que ninguém pode negar. Por outro, o termo também se aplica à mudança *ilimitada* que leva à criação de *novos* grupos, proposta que não tem apoio da observação das pessoas e é completamente especulativa. P_ei visto, trata-se de um equívoco deliberado dos termos, um truque verbal designado a aumentar a credibilidade dos enredos evolutivos especulativos unindo-os a pequenas variações bem conhecidas por todo o mundo. Nossos detectores de bobagens devem soar de forma ruidosa sempre que nos depararmos com este ardil.

Nem o mais novo paradigma do equilíbrio pontuado resolve o problema. Se na aula de ciências ressaltarmos os problemas com o darwinismo clássico, eles vão nos garantir que o equilíbrio pontuado os solucionou. Mas visto que não há mecanismo conhecido que produza mudanças evolutivas súbitas e em larga escala, os biólogos entram sorrateiramente no darwinismo clássico pela porta dos fundos. A tática é dizer que a evolução darwinista ocorre muito depressa e em populações bastante pequenas, de forma que não deixa registros nos fósseis. Em suma, o mecanismo ainda é variação darwinista mais seleção natural, com o processo meramente acelerado até que se torne invisível. Neste caso, o equilíbrio pontuado nada mais é que variação no mesmo velho tema, e está sujeito aos mesmos problemas do darwinismo clássico.

Pássaros, Morcegos e Abelhas

Onde está a evidência de que a seleção natural tem o poder de criar a amplíssima diversidade de seres vivos na terra? Onde vemos esse poder criativo em ação? Com certeza, não é nos exemplos comuns citados em livros didáticos de biologia.

E essa é indicação de outra coisa que está em ação: o convencimento não ocorre mediante evidências. A razão de as pessoas considerarem convincentes tais mudanças pequenas e reversíveis é que elas já estão convencidas em outro campo — no filosófico. Sentem-se seguras de que a natureza sozinha tem de ser capaz de criar todas as formas de vida. Em outras palavras, as pessoas já estão convencidas do naturalismo filosófico: que a natureza é tudo que existe, ou que pelo menos as forças naturais são o que restam a ser invocadas na ciência. E assim que as pessoas aceitam esse compromisso filosófico, podem ser convencidas com evidências relativamente pequenas.

O ponto a focalizar nossa atenção não é nos detalhes científicos, mas na filosofia do naturalismo. Será que a definição da ciência deve restringir a investigação às causas naturais? Ou a pesquisa deveria ser livre para seguir a evidência, para onde quer que ela conduza — quer indique unia causa natural quer uma causa inteligente?

As pessoas comuns mantêm uma imagem idealizada da ciência, como íima investigação empírica imparcial e equânime que se aplica estritamente a evidências. Esta é a

definição oficial encontrada nos livros didáticos de ciências, repletos de palavras que soam objetivas como *observação* e *teste.* O problema é que, na prática, a ciência é cooptada no campo dos naturalistas filosóficos, de forma que funciona como pouco mais que naturalismo aplicado.

Como sabemos disso? Porque as únicas teorias consideradas aceitáveis são as naturalistas. Considere estas palavras ditas por Richard Dawkins, famoso popularizador da ciência: *"Mesmo que não existam verdadeiras evidências* a favor da teoria darwinista, [...] ainda assim estaríamos justificados em preferi-la acima de todas as outras teorias".[43] Por quê? Porque é naturalista.

Eis o mesmo argumento, ao reverso. Certo professor da Universidade do Estado de Kansas publicou uma carta na prestigiosa revista *Nature,* declarando: *"Mesmo que todos os dados indiquem um designer inteligente,* tal hipótese é excluída da ciência porque não é naturalista".[44] Façamos uma pausa para absorvermos o que foi dito: Mesmo que *não* existam evidências a favor do darwinismo e que *todas* as evidências favoreceram o designer inteligente, ainda assim não deixaremos de considerá-lo na ciência. É óbvio que a questão não é fundamentalmente de haver ou não evidências, mas de compromisso filosófico já assumido.

Mais alguns exemplos para deixar o assunto bem claro. Durante a controvérsia de Ohio, um dos peritos em esboços das diretrizes estatais controversas escreveu uma carta à revista *Physics Today,* e afirmou que, para ser levada em conta, "o *primeiro critério* é que a teoria científica tem de ser naturalista".[4:i] Em outras palavras, a menos que a teoria seja naturalista, ela será excluída antes de outras considerações sobre seus méritos. O redator-chefe da revista *Scientific American* entrou na briga, declarando que "um princípio central da ciência moderna é o naturalismo metodológico, que procura explicar o universo inteiramente em termos de mecanismos naturais observados ou analisáveis".[46] Mas quem diz que temos de aceitar o naturalismo como "princípio central" da ciência? Como replicou certo professor que conheço: "Quem fez essa regra? Não me lembro de ter assinado nada!"

Em outras palavras, por que consentiríamos em deixar que os naturalistas filosóficos prescrevessem a definição de ciência? A única razão para restringir a ciência ao naturalismo *metodológico* é se presumirmos desde o início que o naturalismo *filosófico* é verdadeiro, que a natureza é um sistema fechado de causa e efeito. Mas se não é verdadeiro, restringir a ciência a teorias naturalistas não é boa estratégia para alcançar a verdade.[47]

Em todo o sistema de ensino público americano de hoje, ensina-se uma definição naturalista de ciência como dogma incontestado até mesmo para alunos jovens que não têm formação para confrontá-la. Leia esta citação retirada de um livro didático americano de Ensino Médio: "Muitas pessoas acreditam que uma força sobrenatural ou deidade criou a vida Essa explicação não está dentro do escopo da ciência".[48] Note que o livro não diz que a criação é comprovadamente falsa ou que foi desacreditada pelos fatos, mas só que está fora de certa definição da ciência. Foi excluída pela definição.

Outro livro didático afirma: "Ao atribuir a diversidade da vida a causas naturais e não à criação sobrenatural, Darwin deu à biologia uma base científica sadia".[49] Repare que o texto compara "ciência sadia" com naturalismo filosófico.

Mais um exemplo, desta vez relacionado ao nível universitário americano: "Os fenômenos biológicos, inclusive os que na aparência mostram desígnio, podem ser explicados por causas puramente materiais e não pela criação divina".[50] Uma afirmação invasiva de materialismo como esta se julga aceitável em um livro didático universitário americano. Porém, uma passagem paralela que afirme o desígnio seria julgada inaceitável.

É lógico que a filosofia ganhou primazia sobre os fatos. A primeira pergunta que

muitos cientistas fazem não é se a teoria é verdadeira, mas se é naturalista. Já não consideram apropriado perguntar *se* a vida evoluiu por forças naturais, mas *quais* processos naturais estavam em ação. E assim que a ciência for definida em termos de naturalismo, então algo muito perto do darwinismo tem de ser verdade.[51]

Todo aquele que acredita no naturalismo ou materialismo "deve, como questão de necessidade lógica, acreditar também na evolução", escreve Tom Bethell. "Não há necessidade de procurar fósseis, fazer testes em tubo de ensaio ou por microscópios, ou fazer outros experimentos." E explica:

> Pois existem pássaros, morcegos e abelhas. Eles vieram à existência de alguma maneira. O materialista consistente não tem escolha senão admitir que, sim, as moléculas em movimento foram bem-sucedidas, durante as eras, em se turbilhonar formando conglomerações cada vez mais complexas, algumas delas chamadas de morcegos, outras pássaros, outras abelhas. *Ele 'sabe' que isso é verdadeiro, não porque o vê nos genes, ou em laboratório, ou nos fósseis, mas porque está impregnado em sua filosofia.*

Exatamente. A evolução ganha o debate à revelia. Conseguir uma teoria exata de como o processo ocorreu é de menor importância.

É surpreendente que o próprio Darwin estava inclinado a apoiar outras teorias da evolução, contanto que fossem naturalistas. Ele não se apegou à sua teoria de seleção natural como único mecanismo de evolução, mas considerava outro mecanismo aceitável desde que estivesse livre do conceito da criação divina. "Se errei", exagerando o poder da seleção natural, escreveu ele, "pelo menos, como espero, prestei bom serviço ao ajudar a subverter o dogma de criações separadas." Depois de alistar algumas outras teorias oferecidas em seus dias, acrescentou: "Se o naturalista acredita em suas opiniões dadas por [estes outros escritores] ou por mim, significa extremamente pouco em comparação com a admissão de que as espécies descenderam de outras espécies e não foram criadas imutáveis".[53] É claro que, para Darwin, a evolução não era tanto uma teoria específica como uma posição filosófica. Poderíamos descrever essa posição assim: *Qualquer mecanismo é aceitável, contanto que seja naturalista.* A evolução darwinista não é tanto um achado empírico quanto é uma dedução de uma cosmovisão naturalista.

O Pé Divino na porta

Richard Lewontin, biólogo de Harvard, revelou o segredo em um artigo altamente esclarecedor publicado há alguns anos pela revista *New York Review of Books.* Lewontin começa admitindo o lado mais escuro da ciência (ela faz arrazoados extravagantes, causa problemas ambientais e assim por diante). Logo em seguida, afirma que ainda temos de preferir a ciência a qualquer forma de sobrenaturalismo. Por quê? Porque "temos um compromisso anterior, um compromisso com o materialismo".

E confissão atordoante dizer que o que dirige o espetáculo não são os fatos, mas a filosofia. (E quem é esse *nós* a quem Lewontin se dirige? Claro Rue ele presume que seus leitores são das elites que aceitaram aquele compromisso anterior com o materialismo".)

Não é que os métodos e instituições da ciência nos forcem a aceitar uma explicação material" do mundo, explica Lewontin."Pelo contrário", diz ele, "somos forçados por nossa aceitação *a priori* das causas materiais para criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzam explicações materiais".Tradução: Primeiro aceitamos o materialismo como filosofia, e depois reelaboramos a ciência em uma máquina de produzir

nossas teorias estritamente materialistas.

Por fim, ele adverte que este materialismo deve ser "absoluto, porque não podemos permitir que o pé divino se ponha na porta".[54] Essa frase final indica o que de fato está em jogo na controvérsia da evolução. Por que Lewontin nos exorta a definirmos a ciência como materialismo aplicado? Porque, do contrário, podemos deixar que "o pé divino se ponha na porta". E todos sabemos o que acontece: quando um vendedor consegue pôr o pé na porta, logo suas vassouras e escovas estarão espalhadas por toda sala de estar. Se o "pé divino" conseguir se pôr na porta da ciência logo fornecerá a base para a cosmovisão cristã com sua teologia e moral bíblica. E isso que dá um calafrio de medo na espinha de muitos secularistas.

Francis Crick e James Watson, famosos por descobrirem a estrutura de espiral dupla do DNA, admitem livremente que motivações anti-religiosas impulsionaram seus trabalhos científicos. "Não há dúvida de que entrei para a ciência por causa destas razões religiosas", disse Crick em recente entrevista. "Perguntei a mim mesmo quais eram as duas coisas que parecem inexplicáveis e são usadas para apoiar as crenças religiosas." A conclusão a que chegou foi que as duas coisas que apóiam a religião eram "a diferença entre coisas vivas e coisas não-vivas, e o fenômeno da consciência".[55] Assim, direcionou sua pesquisa de maneira específica com o objetivo de demonstrar uma visão naturalista de ambos.

A religião é um "mito do passado", interrompeu Watson na mesma entrevista. De acordo com ele, a descoberta da espiral dupla proporciona "a base para pensar que os poderes tradicionalmente considerados de propriedade exclusiva dos deuses possam ser nossos".[56]

Steven Weinberg foi até mais anti-religioso quando discursou na Fundação da Liberdade do Fundamento Religioso (sigla em inglês FFRF)-"Em minha opinião, o ensino da ciência moderna é corrosivo para a crença religiosa, e sou de todo a favor dessa corrosão!" E continuou, dizendo que a esperança de que a ciência libertasse as pessoas da religião e "uma das coisas que na realidade o impulsionou na vida". Se a ciência ajudar a provocar o fim da religião, "será a contribuição mais importante que a ciência fará", concluiu.[57] É evidente que os motivos que impulsionam muitos evolucionistas têm muito a ver com religião como ciência-

A Evolução Alcança a Religião

poderíamos dizer que o darwinismo funciona como religião alternativa. É exatamente o que diz Michael Ruse, filósofo de ciências. Ruse é evolucionista pugnaz e agressivo, que, em 1982, testemunhou em tribunal contra o estatuto criacionista do Estado de Arkansas. Nessa ocasião, conversou com Duane Gish, famoso criacionista, que o imprensou contra a parede. "O problema com os evolucionistas é que vocês não jogam limpo", disse-lhe Gish.Vocês nos acusam de ensinar uma opinião religiosa, mas "vocês, evolucionistas, são a seu modo igualmente religiosos. O cristianismo fala de onde viemos, para onde vamos e o que devemos fazer enquanto isso. Desafio-o a mostrar qual é a diferença com a evolução. A evolução fala de onde você veio, para onde vai e o que deve fazer enquanto isso."[1]* Em suma, a evolução funciona como religião.

O comentário irritou Ruse, que não pôde tirar isso da mente. No fim, deu-se conta de que Gish na verdade estava com a razão, que a evolução é "mais que mera ciência", como disse em recente artigo. "A evolução veio a ser como um tipo de ideologia secular, substituto explícito do cristianismo." Mesmo hoje,"é promulgada como ideologia, uma religião secular — uma alternativa madura ao cristianismo, com significado e moral".

Ruse se apressa em garantir aos leitores que ele continua sendo "um evolucionista

ardente e ex-cristão". Contudo,"tenho de admitir que nesta querela... os literalistas [bíblicos] estão absolutamente certos. A evolução é uma religião. Desde o princípio foi assim, e ainda hoje é verdade".[59]

Ruse anunciou seu novo discernimento na reunião anual de 1993 da Associação Americana para o Avanço da Ciência (sigla em inglês AAAS), onde sua apresentação foi recebida com um silêncio aturdido. Um relatório da conferência publicado por um grupo defensor da evolução ficou imaginando: "Será que Michael Ruse Entregou o Ouro?"[60]

Mas Ruse não estava fazendo alegações precipitadas. Ele as fundamentava com exemplos incontestáveis, citando pessoas como Stephenjay Gould, que afirmou que a evolução "liberta o espírito humano". Por pura provocação, acrescentou Gould, a evolução "bate qualquer mito das origens humanas por anos-luz".Visto que a história evolutiva é contingente de modo completo, "em sentido plenamente literal, devemos nossa existência, como mamíferos grandes e racionais, a nossas estrelas da sorte".

Se isto não for concorrente ao ensino judaico-cristão tradicional", comenta Ruse de maneira perversa, "não sei o que é." '

A análise de Ruse elucida a controvérsia sobre ensinar evolução n instituições de ensino. Os críticos acusam os defensores do desígnio inteligente de tentar injetar religião em sala de aula. Por exemplo, durante Controvérsia de Ohio um editorial num jornal do *Columbus Dispatch* disse: "O problema é que os proponentes do desígnio inteligente querem trazer a religião para as aulas de ciências, de onde não fazem parte".[63]

A resposta correta é que a religião já está em sala de aula, porque a evolução naturalista é, em si, uma religião ou cosmovisão. "A suposta guerra entre ciência e religião", escreveu o historiador Jacques Barzun, deveria "ser vista como guerra entre duas filosofias e, talvez, entre duas crenças" A batalha sobre a evolução é mero incidente "na disputa entre os crentes na consciência e os crentes na ação mecânica; os crentes no propósito e os crentes no puro acaso".[64] Promover uma fé à custa do Estado no sistema americano de escola pública, enquanto proíbe a outra fé, é exemplo de discriminação de ponto de vista, que o Supremo Tribunal americano declarou inconstitucional em diversos casos.[63]

De Berkeley para a Salvação

Se a controvérsia evolucionista de fato for uma "guerra entre duas filosofias", a próxima questão a determinar é se os cristãos estão preparados para lutar. Como vimos na Parte 1, os evangélicos americanos não têm historicamente tradição intelectual robusta. Quando em 1977 comecei a escrever sobre ciência e cosmovisão, o mundo cristão se dividira sobre o assunto. As pessoas envolvidas tinham sido treinadas como cientistas, e enquanto faziam (e continuam fazendo) excelente trabalho para desenvolver críticas sobre a teoria evolutiva, estavam perdendo a batalha. Por quê? Porque não pensaram em termos de cosmovisões subjacentes.

Em conseqüência disso, em vez de se unirem em oposição à hegemonia da cosmovisão naturalista, os cristãos são pegos em lutas freqüentes uns com os outros. Os debates mais amargos não ocorreram com os evolucionistas ateístas, mas entre os crentes com visões científicas conflitantes: os criacionistas da terra jovem e os da terra antiga, os geólogos do dilúvio, os criacionistas progressivos, os teoristas da "lacuna" e os evolucionistas teístas. Havia argumentos infindáveis sobre questões teológicas quanto, por exemplo, ao comprimento dos "dias" da criação e a extensão do dilúvio do Gênesis.

Enquanto isso, os secularistas estavam contentes em tentar amenizar a situação. Como disse Phillip Johnson: "Quase todos disseram: 'Deixem-nos segurar os casacos enquanto vocês brigam'"[66] Pois se os cristãos permanecessem em contínuas divergências,

então era claro que os secularistas venceriam.

Foi o próprio Johnson, mais que qualquer outra pessoa, que deu novo foco ao debate e provocou a aproximação dos acampamentos em guerra «ob a égide do movimento do desígnio inteligente.[67] Johnson converteu-se ao cristianismo com trinta e poucos anos, no ápice de uma carreira altamente bem-sucedida como professor de Direito, na Universidade da Califórnia em Berkeley. Talvez estivesse sofrendo o mal-estar daqueles cujo sucesso vem de forma bastante fácil e muito cedo na vida, pois eleja estava fazendo as clássicas perguntas de meia-idade: É tudo o que há na vida? Então sua esposa foi apanhada pelo feminismo tendencioso dos anos setenta e foi embora de repente, deixando-o com a casa e os filhos. Desiludido com a vida profissional e pessoal, Johnson começou a procurar algo mais que a ética de sucesso pragmático que até ali lhe governara o pensamento, e passou a considerar a opção pelo cristianismo.

Isso significava adotar o darwinismo. Se queremos saber se a cosmovisão cristã é "fato ou fantasia", disse Johnson em recente entrevista, então "o darwinismo é o lugar lógico para começar, porque, se o darwinismo é verdadeiro, a metafísica cristã é fantasia". Mais que qualquer outro fator, o darwinismo é a razão de o cristianismo ser marginalizado e ridicularizado na educação que está em voga.[68]

As críticas de Johnson da evolução (em livros como *Darwin on Trial* [Darwin em Julgamento] e *Reason in the Balance* [A Razão na Balança])[69] tem tido enorme impacto. Tendo passado grande parte da vida como secularista cínico, Johnson estava bem versado nas mais recentes tendências intelectuais e sabia falar a linguagem da educação secular. De igual modo importante, Johnson elaborou uma nova estratégia de batalha que se mostrou notavelmente eficaz em ganhar a atenção respeitosa a favor do conceito do desígnio inteligente. O que torna sua estratégia tão eficaz é que Johnson não entrou em rixa com outras posições para se defender. Ele introduziu uma mudança de paradigma: exortou os cristãos a parar de lutar *uns com os outros* e a se reunir sob o ponto crucial de confrontação com o mundo *secular,* a saber, a aceitação da filosofia naturalista.

Lutero disse que se lutarmos em todas as frentes de batalha, exceto na que está sob ataque no momento, então na verdade não estamos lutando [a] batalha. E hoje, qual é o ponto que está sob ataque? Os evolucionistas podem discordar uns com os outros sobre o mecanismo preciso e o tempo da evolução (se a seleção natural precisa ser complementada por outros mecanismos); mas todos concordam que aconteceu por causas naturais fortuitas e desgovernadas. No outro lado da divisão, os cristãos podem argumentar uns com os outros sobre questões de menor importância como *quando* Deus criou o universo (se é novo ou velho), mas todos concordam que o universo é o trabalho manual de um Deus pessoal Assim, o centro da batalha é se o universo é o resultado de agência inteligente ou de forças fortuitas e não-cognitivas, e é o ponto onde temos de concentrar nossas energias. Os cristãos precisam pôr de lado momentaneamente assuntos periféricos e concentrar-se no ponto crucial: Há evidência em prol do desígnio inteligente no universo?[7]"

Sistema Fechado, Mentes Fechadas

O modo de Johnson moldar o debate tem muitos paralelos com a abordagem que Francis Schaeffer fez da apologética cultural. Nos anos sessenta e setenta, quando jovens de cabelos compridos e barbas crescidas se reuniram em seu chalé nos Alpes procurando respostas para a vida, Schaeffer esboçou nitidamente quais são as escolhas básicas. Conforme observou, quando se trata de primeiros princípios não há muitas opções viáveis — na verdade, há só duas: o universo é um sistema fechado de causa e efeito ou um sistema aberto, o produto de um "agente pessoal". Tudo o que se segue origina-se dessa escolha

fundamental.

Durante o decurso de meus estudos em L'Abri, ouvi uma fita de uma das famosas conferências de Schaeffer: "Possible Answers to the Basic Philosophical Questions" (Possíveis Respostas a Questões Filosóficas Básicas),[71] tocando a fita inúmeras vezes, porque simplificava de modo extremamente hábil a busca pela verdade. Segundo Schaeffer, toda cosmovisão tem de começar em algum lugar: começamos com "tempo + casualidade + o impessoal" ou começamos com um ser Pessoal que pensa, deseja e age. Assim que entendemos estas duas categorias básicas e todas as suas implicações, então a análise da cosmovisão fica bastante simples. Ao mostrar que um ponto de partida não-pessoal não explica o mundo, eliminamos ampla variedade de sistemas filosóficos que caem nessa categoria — materialismo, determinismo, behaviorismo, marxismo, utilitarismo —, sem precisar investigar as miríades de detalhes que os distinguem.

De modo semelhante, o argumento do desígnio inteligente agiliza de modo maravilhoso o debate sobre as origens. Acaba com argumentos contraditórios de enorme variedade de posições, agrupando-os em duas categorias básicas: toda a natureza é um sistema fechado, e a ciência tem permissão de considerar só as forças fortuitas e materiais; ou então a natureza é um sistema aberto, e a inteligência é uma realidade irredutível ao lado das forças naturais. O darwinismo funciona como o suporte científico para a primeira visão: que o universo é um sistema fechado. É por isso que a classe cultural predominante não permite que isso venha a ser com seriedade questionado.

O site *Infidels* (Infiéis) na Internet cumprimenta os visitantes com uma declaração invulgarmente sincera de suas convicções: "Nossa meta é promover uma cosmovisão não-teísta, que sustente que o mundo natural é tudo que há, um sistema fechado sem necessidade de uma explicação sobrenatural e suficiente em si mesmo".[72] Direto ao ponto. A questão fundamental é se o universo é um sistema fechado ou um sistema aberto. Ao nos concentrarmos nesta antítese básica, estaremos seguindo a máxima de Lutero, pois orientamos nossas forças ao verdadeiro ponto de ataque.

Ganhando um Lugar à Mesa

Se a questão-chave é a filosofia naturalista, então a principal *conseqüência* do naturalismo, como vimos no começo do capítulo, é uma nova visão de conhecimento. Falando historicamente, foi o darwinismo mais que qualquer outra coisa que impediu o cristianismo de ser considerado verdade objetiva. Ele consolidou a divisão da verdade em dois pavimentos, a qual empurrou a religião ao pavimento de cima dos *valores,* definido como crenças irracionais de certas subculturas reacionárias.

Como explica certo historiador, o darwinismo causou uma mudança 'da religião como *conhecimento* para a religião como *crença". Visto* que não havia mais função para Deus exercer no mundo, "Ele era, na melhor das hipóteses, um conceito filosófico gratuito derivado de uma necessidade pessoal". Se ainda quiséssemos acreditar em Deus estava tudo bem, contanto que nos déssemos conta de que nossa crença era "particular, subjetiva e artificial".[73]

A menos que entendamos esta mudança, não poderemos decifrar os debates que estão ocorrendo. Por exemplo, veja se você consegue descobrir a divisão de dois pavimentos nestas palavras publicadas em 2001 num documento posicionai feito pela Associação de Professores de Ciências de Arkansas (sigla em inglês ASTA): "A ciência se empenha em explicar a natureza do cosmo, ao passo que a religião busca dar ao cosmo e à vida interior um propósito".[74] Repare que, por esta definição, a religião não dá verdadeiro conhecimento sobre o cosmo; trata apenas de questões de "propósito". Mesmo assim, não *revela* o

propósito do cosmo, mas lhe "dá" um propósito, linguagem esta que indica que o propósito não é objetivamente verdadeiro, mas só uma construção humana que impomos no mundo material.

O documento da ASTA conclui que as opiniões baseadas na religião são relativistas, e que devem ser restritas ao reino particular dentro de "casa ou do contexto das instituições religiosas". Em contrapartida, a evolução naturalista é universalmente verdadeira e deve ser ensinada a todos nas escolas públicas:"A meta da ciência é descobrir e investigar as explicações naturais aceitas de modo universal. Este processo de descoberta e descrição de fenômenos naturais deve ser ensinado nas escolas públicas".[75]

Portanto, a primeira barreira para os cristãos vencerem é a reintrodução do conceito de que a religião pode ser conhecimento genuíno. Julian Huxley disse: "O darwinismo removeu toda a idéia de Deus como Criador [...] da esfera da discussão racional".[76] Temos de aprender a colocar Deus de volta à esfera da discussão racional, a fim de ganhar um lugar à mesa do discurso público. Temos de achar um modo de falar sobre o cristianismo como conhecimento objetivo e não apresentar nossos valores pessoais. Temos de demarcar um território cognitivo e estar preparados para defendê-lo.

Toda Criança que Vai à Escola Sabe

É insensato os cristãos usarem a terminologia de *valores* em referência às nossas crenças. Muitos evangélicos estão ativos no cenário público hoje, proclamando a necessidade de defender "valores cristãos". Certos grupos até adotaram o termo em seu nome, como a Equipe de Ação de Valores, do Congresso Americano. Estes grupos fazem excelentes trabalhos. Contudo, ao adotar o rótulo de *valores,* eles involuntariamente apanham bagagem que pode desacreditar seus esforços. Como explica certo historiador: "Os valores são para a mente moderna preferências subjetivas, pessoais e sociais, em oposição às realidades objetivas fornecidas pelo conhecimento científico".[77] Allan Bloom (autor do livro de grande aceitação *The Closing of the American Mind* [O Fechamento da Mente Americana]) declara a idéia com mais concisão: "Toda criança que vai à escola sabe que os valores são relativos" e não verdades objetivas.™ Se este significado da palavra é tão óbvio a "toda criança que vai à escola" no mundo secular, por que os cristãos não o assimilam?

Quando usamos o termo *valores,* estamos transmitindo ao mundo secular uma mensagem que diz que *estamos falando sobre as idiossincrasias de nosso grupo, as quais o resto da sociedade deve tolerar, contanto que não transtornem nenhum programa de trabalho público importante.* Afinal de contas, todos «abem que as subculturas étnicas mantêm crenças irracionais e costumes pitorescos, e estes podem ser acomodados, desde que todos entendamos que ninguém mais acredita nessas bobagens — algo como condescender com uma tia idosa e excêntrica.

Alguns cristãos não só usam a linguagem, mas se renderam globalmente diante da dicotomia fato/valor. O Estado do Delaware esteve há pouco tempo nos jornais por instituir um programa particularmente agressivo para ensinar a evolução nas escolas de Ensino Médio. O repórter perguntou a uma estudante cristã de quinze anos que efeitos o curso estava tendo em suas crenças religiosas. A estudante respondeu que na verdade não estava tendo *nenhum* efeito. Por que não? "Porque a religião é o que você crê por causa *da fé",* explicou ela. "Com a ciência, você precisa de *evidências* e precisa apoiá-las."[79] Note a suposição de que a religião não tem nada a ver com evidência ou razão.

Em outro exemplo recente, o site da série de televisão "Evolução", da rede americana PBS, contém uma declaração de duas jovens identificadas como estudantes de ciências que freqüentam uma faculdade cristã conservadora. A declaração diz: "A ciência lida com o

mundo material dos genes e das células; a religião, com o mundo espiritual dos valores e significado".[80]Viram como os estudantes assimilaram a dicotomia fato/valor? A ciência é sobre fatos; a religião, sobre valores. E a declaração nem é exata: o cristianismo faz arrazoados sobre o mundo material, a origem do cosmo, o caráter da natureza humana e os acontecimentos da história — de modo preeminente, a ressurreição. Contudo, esses estudantes estavam dispostos a negar que a fé tivesse conteúdo cognitivo, reduzindo-a a questões subjetivas de "valor e significado".

Quando os cristãos mostram-se dispostos a reduzir a religião a categorias não-cognitivas, sem ligação com questões da verdade ou evidência, então já teremos perdido a batalha. Desperdiçamos a chance de evangelizar as pessoas que desejam uma verdade unificada que fuja da influente dicotomia fato/valor.

Se o impacto mais amplo do darwinismo foi tirar o cristianismo da esfera da verdade objetiva, então a importância mais ampla do movimento do desígnio inteligente será colocá-lo de volta. Fornecer evidências do trabalho de Deus na natureza restabelece o cristianismo ao *status* de r vindicação de conhecimento genuíno, dando-nos meios de exigj$_r$ lugar à mesa do debate público. Os cristãos estarão em posição de desaf a dicotomia fato/valor que tem marginalizado a religião e a moral, redn zindo-as a experiências irracionais e subjetivas.

Para atingir essa meta, temos de ir além das críticas negativas da evol$_u$ção naturalista e expor as evidências positivas em prol do desígnio, promovendo um programa de pesquisa viável. Dediquemo-nos agora aos novos modos empolgantes em que os cristãos estão defendendo o desígnio inteligente no cenário público.

6
A Ciência do Bom Senso

Quando comecei a estudar,
na minha ótica, o mundo era composto de partículas.
Mas, olhando com mais calma, descobri ondas.
Agora, depois de estudar a vida inteira,
parece que toda a existência é a expressão da informação.
John Wheeler[1]

Encontrava-me em uma biblioteca pública de Toronto, Canadá, conversando com um refugiado político da Ucrânia, a respeito de um artigo que eu estava escrevendo sobre evolução. De repente, Bogdan olhou furtivamente ao redor, como se temesse ser ouvido, abaixou a voz e perguntou: "Você crê no darwinismo?"

Assustada, e presumindo que ele fosse materialista marxista, lancei-me numa discussão divagadora sobre a falta de um mecanismo plausível... Então, ele me interrompeu, chegou mais perto e perguntou em tom mais urgente:

— Mas você *crê* no darwinismo? Fiz uma pausa e meneei a cabeça.

— Não.

Bogdan sorriu ligeiramente, deu uma olhada ao redor e sussurou:

— Nem eu.

O ano era 1986, antes da queda do Muro de Berlim, e antes de emigrar para o Canadá este homem fora funcionário da KGB, a polícia secreta soviética. Escolhido a dedo em tenra idade, Bogdan fora educado na Universidade Marxismo-Leninismo em Moscou, e quando concluiu os estudos era verdadeiro crente no comunismo ateísta. Quer dizer, até que viajou ao Canadá, a pretexto de visitar membros de sua família, mas na realidade em missão da KGB. Tendo sido encharcado com a propaganda marxista todos os dias de sua vida, a experiência de ver pessoalmente o Ocidente destruiu todas as categorias mentais que ele mantinha. Assim, logo q_{Ue} voltou para Moscou preencheu um requerimento para emigrar. Sua esposa logo se divorciou dele, e Bogdan foi posto de lado em um emprego sem perspectiva. Mas isto ocorreu depois da era de Stálin (quando então teria sido executado), e após muitos anos recebeu a permissão para emigrar.

A medida que ia conhecendo Bogdan, fiquei sabendo que ele estava no processo de desmontar dolorosamente a ideologia ateísta que tinha formado a estrutura básica do seu pensamento durante toda a vida. E a fundação crucial para tudo era a evolução. Durante décadas, as autoridades comunistas sustentaram que a evolução darwinista era o trunfo que apoia uma cosmovisão ateísta e materialista.

Não, repetia Bogdan pensativamente, *não creio nisso.*

E passou a falar sobre o desígnio óbvio e a complexidade do mundo. Seu senso de desígnio era intuitivo, e ele ainda não explorara todas as implicações. Estava apenas começando a abrir a mente diante da possibilidade de que havia mais coisas no céu e na terra do que Marx sonhara. Porém, de uma coisa ele tinha certeza: o darwinismo, com o edifício do materialismo ateísta que o apoiava, era simplesmente falso.

O senso de que o universo foi projetado é a consciência intuitiva encontrada em praticamente todas as culturas desde o início dos tempos. Até a política do ateísmo estatal oficial dos soviéticos não pôde reprimir de todo esse sentimento intuitivo. Nos Estados Unidos, uma pesquisa feita em 1998 pela Sociedade dos Céticos revelou que entre os

americanos altamente educados a primeira razão para crer em Deus era ver o "bom desígnio" e a "complexidade" no mundo. O desígnio foi citado por quase um terço dos respondentes (29%), ao passo que só 10% disseram que criam em Deus porque a religião trazia consolo. Os resultados foram bastante surpreendentes, sobretudo para os céticos que fizeram o estudo, porque derrubou o estereótipo comum de que a religião nada mais é que uma muleta emocional ou psicológica. Pelo contrário, para os crentes, a base de fé é uma intuição essencialmente racional: eles estavam convencidos de que há um Deus, porque o universo mostra uma ordem tão perfeita que sugere a mão de uma Mente ou Criador consciente.[2]

Esta convicção com certeza teria ressoado entre os fundadores da revolução científica — personagens como Copérnico, Kepler, Newton e Galileu —, que foram inspirados nas suas descobertas científicas pela crença d*e* que estavam revelando o plano intricado de um Artesão Divino.' Se a intuição do desígnio é tão comum e atrativa, podemos redeclarar o desígnio em termos científicos rigorosos? Podemos formalizá-lo em um programa de pesquisa científica? Este, em poucas palavras, é o alvo do movimento do desígnio inteligente.

HOMENZINHOS VERDES

O centro da teoria do desígnio é a reivindicação de que o desígnio pode ser descoberto empiricamente. Quando pensamos sobre isso, é algo que fazemos o tempo todo na vida cotidiana. Distinguimos sem demora entre os produtos da natureza e os produtos da inteligência. Caminhando na praia, admiramos o padrão adorável das ondulações que correm pela areia, mas sabemos que é mero produto do vento e das ondas. Porém, se encontrarmos um castelo de areia com muros, torres e um fosso, também presumimos que foi criado pelo vento e pelas ondas? Claro que não. Os componentes materiais do castelo são nada mais que areia, lama e água, da mesma forma que as ondulações na praia. Mas, de forma intuitiva, reconhecemos que esses materiais originais têm um tipo diferente de ordem imposto sobre eles. A teoria do desígnio formaliza esta intuição habitual, assim como tudo na ciência é bom senso em grande parte formalizado.[4]

Uma ilustração que os teoristas do desígnio usam é o monte Rushmore. Se estivermos viajando de carro pelas montanhas da Dakota do Sul, e de repente nos depararmos com os quatro rostos dos presidentes famosos esculpidos na rocha, nem por um momento pensaríamos que foram conseqüência da erosão por vento e chuva. De imediato, reconheceríamos o trabalho manual de um artista.

Um amigo meu viajou de navio da Costa Ocidental dos Estados Unidos ao Canadá, onde foi saudado por uma exibição colorida de flores que formavam as palavras: "Bem-vindo a Victoria". Era garantia certa de que as sementes não foram lançadas lá fortuitamente pelo vento.

Os críticos dizem que o conceito de desígnio não pertence à ciência. Argumentam que é uma "ciência-tampão" que acaba com a investigação científica. O chefe de um grupo defensor da evolução disse há pouco tempo à CNN que a teoria do desígnio não é "ciência muito boa, porque basicamente é como se estivessem desistindo e dizendo: 'Não sabemos explicar isso; então, Deus explica'".[6]

Mas essa acusação está fundamentada em equívoco. O processo de detectar o desígnio é de todo empírico. Já é elemento importante em várias áreas da ciência. Em 1967, fiquei admirada ao ler uma manchete H jornal que anunciava que os astrônomos podiam ter descoberto mensa gens de rádio vindo do espaço exterior. Eles apelidaram os sinais de "LGM" sigla que significa "Little Green Men" (Homenzinhos Verdes). Mais tarde

perceberam que os pulsos de rádio vinham em padrão regular e recorrente, como o lampejo de um farol, e não era um padrão irregular como a sucessão de letras numa mensagem. O que haviam descoberto não era um E.T., mas pulsares — estrelas giratórias.

Hoje, os astrônomos envolvidos na Busca por Inteligência Extraterrestre (sigla em inglês, SETI) elaboraram critérios extensos para reconhecer quando um sinal de rádio é uma mensagem codificada e quando é apenas um fenômeno natural, como um pulsar. Em outras palavras, desenvolveram critérios para distinguir entre produtos do desígnio e produtos de causas naturais.

A mesma distinção é feita em outros campos:

• Os detetives são treinados para distinguir entre assassinato (desígnio) e morte por causas naturais.

• Os arqueólogos têm critérios para diferenciar quando uma pedra tem as marcas de talhe distintivas de uma ferramenta primitiva (desígnio), e quando sua forma é o resultado de desgaste pela ação de agentes atmosféricos e erosão.

• As companhias de seguros têm medidas para saber se o incêndio foi premeditado (desígnio) ou apenas um acidente.

• Os criptologistas elaboram procedimentos para determinar se um conjunto de símbolos é uma mensagem secreta (desígnio) ou mera seqüência aleatória.

Em todas as disciplinas científicas, os pesquisadores precisam saber identificar os sinais que revelam que determinada experiência foi forjada, que alguém falsificou os resultados. Nos Estados Unidos existe o Ministério Americano de Integridade nas Pesquisas, cognominado Esquadrão contra Fraudes, cuja incumbência é examinar as pesquisas científicas em busca de indícios de dados falsificados — gráficos perfeitos demais, números aleatórios que não são completamente aleatórios, borrões de proteína que parecem muito iguais e assim por diante.[7]

Um caso estranho sobre detectar desígnio envolveu um teste padronizado usado no sistema educacional do Estado de Washington em 2001. Pediram que os estudantes identificassem uma rota de ônibus baseando-se nas distâncias entre quatro cidades, sendo que a resposta correta era a seqüência dos nomes das cidades: Mayri, Clay, Lee e Turno. Um garoto oerceptivo do Ensino Médio desconfiou que a seqüência soava de modo suspeitoso o nome de Mary Kay Letourneau, uma professora que fora condenada por molestamento de crianças. Quando as autoridades investigaram a empresa que produzira o teste, confirmaram que se tratava de um ato intencional e foram ao encalço do culpado.[8] O estudante que descobrira o padrão fez uma inferência de desígnio, corretamente, como se mostrou.

Deveria ser possível formalizar o processo de pensamento usado em todos estes exemplos, que é com precisão o que a teoria do desígnio faz. O princípio central é que as marcas características de desígnio podem ser empiricamente descobertas. Como diz o título de um livro, na natureza podemos descobrir os *Signs of Intelligence* (Sinais de Inteligência).[9]

Relojoeiro Cego?

Em certo sentido, o conceito de desígnio na natureza é em sua totalidade incontestável. A evidência de desígnio aparece em laboratórios o tempo todo. Os biólogos descobriram que a melhor forma de provocar as funções de várias moléculas na célula é praticar "engenharia inversa"— o mesmo raciocínio que usaríamos se quiséssemos entender como foi fabricado algum dispositivo.Trabalhando nos laboratórios, os biólogos desmontam as complicadas "máquinas moleculares" no interior da célula, e depois tentam reconstruir as "plantas" pelas quais foram projetadas.[10]

Se prestarmos atenção aos programas sobre natureza apresentados na televisão, verificaremos que o texto está repleto de referências a desígnio ou engenharia biológica. "A cada minuto o narrador fala sobre 'os desígnios da natureza' e 'o projeto da vida'", comentou um amigo meu depois de assistir a um programa sobre natureza. "Pelo visto, os cientistas não podem ficar longe da linguagem do desígnio."

De maneira inesperada, o próprio Darwin nunca negou a evidência do desígnio. Sua meta, porém, era mostrar que a mesma evidência era responsável por forças puramente naturais. Em outras palavras, ele queria provar que as coisas vivas *se afiguram* planejadas, quando na verdade são produtos de forças não-cognitivas. A seleção natural foi proposta como processo automático e mecanicista, que pode *imitar* os efeitos da inteligência. Como disse certo historiador, Darwin esperava mostrar "como a adaptação fortuita e gradual podia *falsificar* o desígnio claramente propositado" que se mostrava "uma função da mente" de forma tão óbvia."

Na realidade, o desígnio é uma característica tão definida das coisas vivas que o biólogo Richard Dawkins começa um de seus livros com esta frase surpreendente: "A biologia é o estudo de coisas complicadas que têm *a aparência de terem sido projetadas para um propósito".*[n] Sendo evolucionista, ele se estende pelo resto do livro procurando provar que sem fazer um exame pormenorizado, esta "aparência" de desígnio é falsa e enganosa.

Intitulado O *Relojoeiro Cego,* o livro de Dawkins usa uma metáfora famosa formulada há duzentos anos por um clérigo chamado William Paley. Se acharmos no chão um dispositivo, por exemplo, um relógio, não teremos dificuldade em determinar que é produto de fabricação humana feito por um relojoeiro. Pois um relógio tem todos os sinais diagnósticos de desígnio: é um conjunto de partes interconectadas e coordenadas dirigidas para um propósito (dizer a hora). Nas coisas vivas, encontramos o mesmo tipo de estrutura integrada e propositada: o propósito dos olhos é ver; dos ouvidos, ouvir; das barbatanas, nadar. Paley argumenta que eles devem ser de igual modo produtos de um agente inteligente. Dawkins afirma que este agente de Paley pode ser substituído por um processo fortuito e inconsciente — um processo que produz estruturas propositadas sem ter em si propósito ou intenção. A seleção natural é um "relojoeiro cego".

A mesma alegação foi apresentada em linguagem notavelmente clara por George Gaylord Simpson, soando bastante igual a Paley, com exceção da tendência a falar sobre o propósito "aparente", e não sobre a coisa verdadeira. Simpson admite que parece mesmo óbvio que os organismos são designados para um propósito — que "os peixes têm brânquias para respirar sob a água, as aves têm asas para voar e os homens têm cérebros para pensar". Fazendo eco a Paley, Simpson reconhece que as coisas vivas nos fazem lembrar convincentemente de máquinas:

Um telescópio, um telefone ou uma máquina de escrever é um mecanismo complexo que serve para uma função em particular. É óbvio que seu fabricante tinha um propósito em mente, e a máquina foi projetada e construída para servir a esse propósito. Um olho, um ouvido ou uma mão também é um mecanismo complexo que serve para uma função em particular. Parece também que foram feitos com um propósito. Esta *aparência de propósito* está em toda a natureza.

Simpson diz que o problema central para a biologia é determinar este "propósito aparente". Mas não devemos nos preocupar, conclui ele, por-nue Darwin já o solucionou. A seleção natural "alcança o aspecto do propósito *sem* a intervenção de um propositor, e produz um enorme pla-no *sem* a ação simultânea de um planejador".[13]

Em outras palavras, ambos os lados do debate da evolução concordam que,

considerado no valor nominal, as coisas vivas buscam todo o mundo como se tivessem um desígnio. Para salvar a noção de evolução, seus proponentes têm de provar que este desígnio óbvio não é verdadeiro, mas uma ilusão enganosa produzida pela seleção natural. Por outro lado, os teoristas do desígnio têm a vantagem de que, à primeira vista, o desígnio é plausível, e tudo que têm de fazer é identificar os marcadores empíricos confiáveis da agência inteligente.

Marcas de Desígnio

Existem três áreas importantes onde estão sendo descobertas evidências novas e empolgantes a favor do desígnio: 1) o mundo da célula (bioquímica), 2) a origem do universo (cosmologia) e 3) a estrutura do DNA (informação biológica) .Vamos conhecer as principais linhas argumentativas desenvolvidas em cada uma destas áreas.

A Montanha-Russa nas Células

Quando era jovem, Darwin ficou muito impressionado com o argumento de Paley sobre um relojoeiro. Na realidade, ele até formulou de forma explícita a sua própria teoria para contrapô-lo. Examinemos o argumento de Paley mais de perto. Quando inspecionamos um relógio, percebemos "que suas peças são fabricadas e montadas para um propósito", isto é, dizer a hora. A interação intricada das peças não faz sentido fora desse propósito a que serve. Por conseguinte, concluiu Paley que "a inferencia que deduzimos é inevitável, que o relógio deve ter tido um fabricante, [...] que compreendia sua construção e projetou seu uso".

Paley observou que os sistemas vivos são feitos igualmente de partes interconectadas que são ordenadas para um propósito; assim é razoável concluir que eles também foram projetados por um Fabricante. Como ele diz: "As marcas de desígnio são muito fortes para serem vencidas".

Paley citou muitos exemplos, alguns dos quais não apoiavam muito bem seu argumento, fazendo com que seu trabalho caísse no descrédito.

Mas o âmago do seu raciocínio continua tendo muita validade. O argumento central de Paley "nunca foi refutado", diz Michael Behe em seu livro influente *A Caixa Preta de Darwin.*[15] Behe refinou e atualizou o argumento do desígnio com novos achados no campo da bioquímica.

Behe é de estatura baixa, uma pessoa simples, de maneirismos afáveis e retraídos, raramente sendo visto com outra roupa senão calças jeans e camisa xadrez. Sendo católico romano, aprendeu a evolução em escolas paroquiais, por isso não teve motivação religiosa para rejeitá-la. Foi seu trabalho em bioquímica que o levou a questionar a ortodoxia darwinista, revelando a complexidade quase inconcebível contraída no minúsculo espaço de uma célula viva.

Mais de cem anos atrás, Darwin pensou que a célula viva era bastante simples, nada menos que uma bolha de geléia (protoplasma). Durante as últimas décadas, as novas tecnologias, como o microscópio de elétron, produziram uma revolução na biologia molecular. Hoje, sabemos que a célula está repleta de maquinaria molecular de alta tecnologia muito mais complexa que qualquer coisa inventada por meros seres humanos. Cada célula é semelhante a uma cidade industrial em miniatura, funcionando com usinas elétricas, fábricas automatizadas e centros de reciclagem. No núcleo, encontra-se uma biblioteca celular, alojando plantas e projetos que são copiados e transportados para fábricas, cada uma das quais cheias de máquinas moleculares que funcionam como motores computadorizados. Estes fabricam a imensa gama de produtos necessários dentro da célula,

com os processos todos regulados por enzimas que funcionam como cronômetros para assegurar que tudo seja feito exatamente no devido tempo.'

"A célula é uma fábrica minuciosa e atarefada com atividades químicas rápidas e organizadas", escreve Francis Crick, da dupla famosa do DNA. "A natureza inventou a linha de montagem alguns bilhões de anos antes de Henry Ford."'[7] A superfície externa da célula está cheia de sensores, portas, bombas e marcadores de identificação para regular o tráfico que entra e sai. Hoje, os biólogos não podem descrever a célula sem recorrer à linguagem de máquinas e engenharia.

Behe dá muitos exemplos, mas consideremos apenas um. Cada célula tem um "sistema de trânsito rápido" automatizado, no qual certas moléculas funcionam como minúsculos carrinhos de monotrilho correndo sobre trilhos com o objetivo de levar cargas de uma parte à outra da célula. Outras moléculas agem como máquinas de carregar, enchendo os carrinhos e prendendo etiquetas de endereço. Quando o carrinho chega ao "endereço" certo em outra parte da célula, é recebido por outras moléculas que agem como máquinas de descarregar, abrindo-as e retirando os materiais. Para fazer uma imagem mental da célula, imagine um esboço de trem-modelo grande e complexo, com riscos de trilhos por todos os lugares, seus desvios e sinais cronometrados de maneira perfeita, de forma que nenhum vagão colida e a carga chega ao seu destino precisamente quando necessário.

Para jovens criados na era de jogos de computador, uma boa imagem seria o nível mais alto do RollerCoastTycoon.* Este é um nível de complexidade com o qual Darwin nunca sonhou, e sua teoria falha totalmente ao explicá-lo. Por quê? Porque um sistema de partes coordenadas e sincronizadas só pode operar depois que todas as peças estejam juntas, o que significa que têm de aparecer ao mesmo tempo e não por processo gradual, parte por parte. Behe cunhou o termo *complexidade irredutível* para referir-se ao nível mínimo de complexidade que deve haver para que um sistema assim tão firmemente integrado possa funcionar.

A ilustração favorita de Behe é a ratoeira. Não podemos começar com a base de madeira para caçar ratos... e depois colocar a mola para pegar mais ratos... e em seguida colocar um martelete para apanhar mais ratos. Não, todas as partes têm de estar juntas ao mesmo tempo, ou não pegamos rato nenhum. Não podemos ter melhoria gradual de função adicionando as peças uma de cada vez. O sistema completo tem de estar no devido lugar desde o início para a execução da tarefa.

A seleção natural trabalha com melhorias minúsculas e aleatórias, o que significa que não inicia as atividades até que haja pelo menos alguma função da qual escolher. Todavia, sistemas irredutivelmente complexos não têm função até que um número mínimo de partes esteja no lugar, o que significa que essas partes não podem ser produtos de seleção natural. Estamos falando sobre um número mínimo de partes em interação para que a seleção natural comece a operar.

Como exemplo, consideremos o flagelo semelhante a uma corda preso como cauda em algumas bactérias. Quando a bactéria nada em seu ambiente, o flagelo movimenta-se com precisão como uma hélice. Olhando um diagrama, pensaríamos que se tratasse de máquina motorizada minúscula (ver Figura 6.1).Trata-se de um motor rotativo externo microscópico, equipado com uma junta em forma de gancho, um eixo motor, anéis O, um estator e um motor bidirecional movido a ácido que pode girar a 100 mil rotações por minuto. Estruturas como estas requerem dezenas de peças fabricadas sob medida exata e intricadamente interativas que nào surgem por processo gradual. Pelo contrário, as peças coordenadas têm de entrar em cena todas ao mesmo tempo, combinadas e coordenadas nos

padrões certos, para a máquina molecular funcionar.

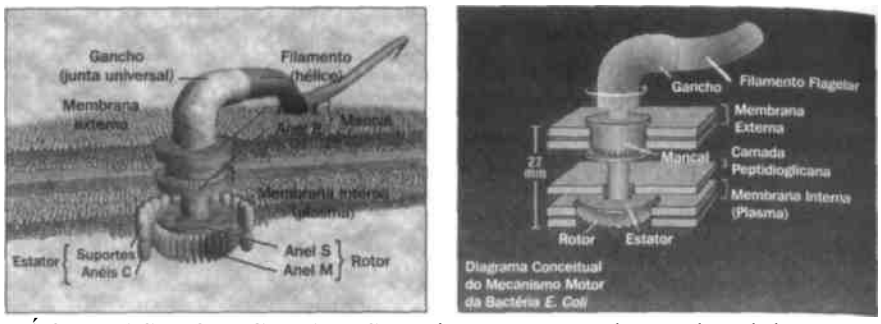


Figura 6.1. MÁQUINAS MOLECULARES: Muitas estruturas dentro da célula trazem semelhança fantástica com dispositivos mecânicos fabricados. *(Reimpresso com permissão da* Access Research Network, *em www.arn.org.)*

"Mais que outros motores, o flagelo se assemelha a uma máquina projetada pelo homem", escreve o biólogo David DeRosier.[19] Essa semelhança sugere que as máquinas moleculares minúsculas dentro da célula foram projetadas por um agente inteligente.

Behe e a Caixa Preta

Nos dias de Darwin, os cientistas não sabiam quase nada sobre bioquímica. As coisas vivas eram "caixas pretas", cujo funcionamento interno era um mistério — daí, o título do livro de Behe. Era fácil especular sobre amplos enredos, onde barbatanas transformavam-se gradualmente em pernas, ou pernas em asas, visto que ninguém tinha a mínima idéia de como membros e órgãos trabalhavam por dentro. É como se perguntássemos como é feito um aparelho de som, e a resposta fosse: "Conectando um conjunto de alto-falantes em um amplificador e colocando um CD player, rádio receptor e toca-fitas".[2]" Mas o que de fato queremos saber é como alto-falantes e CD players, por exemplo, foram feitos. O que tem dentro dessas caixas de plástico?

Hoje, com o uso do microscópio de elétrons, a "caixa preta" da célula foi aberta, e os biólogos estão muito bem familiarizados com seu funcionamento interno. As antigas especulações gerais sobre barbatanas transformando-se em pernas não terão mais peso. Hoje, qualquer teoria da origem da vida tem de explicar os sistemas moleculares.

O próprio Darwin admitiu que a existência da complexidade irredutível (embora não tivesse usado o termo) serviria de refutação à sua teoria. Até a ofereceu como teste: "Se puder ser demonstrada a existência de órgão complexo que não tenha sido formado por modificações numerosas, sucessivas e leves, minha teoria ficará de todo esfacelada".[21] Pelo visto, com a explosão do conhecimento da biologia molecular, a teoria de Darwin realmente esfacelou-se.

Os críticos dizem com um tom acusador que a complexidade irredutível é nada mais que um argumento da "incredulidade pessoal". Quando a vêem,pessoas como Behe afirmam:"Não conseguimos imaginar um modo naturalista que explique este alto nível de complexidade, portanto, isso não existe". Se é tudo o que Behe queria dizer, então seu argumento revela apenas a pobreza de imaginação. Afinal de contas, também houve um tempo em que ninguém pensava que seria possível voar.

Entretanto, os críticos não estão entendendo o essencial. O argumento da complexidade irredutível não é uma declaração sobre o que é psicologicamente possível imaginar. É um argumento lógico sobre como "inteiros" são construídos das "partes". Uma estrutura *agregada,* como um monte de areia, pode ser construída de modo gradual colocando uma parte por vez — um grão de areia depois do outro. Em contrapartida, uma

estrutura *organizada,* como o interior de um computador, é construída de acordo com uma planta, plano, projeto ou desígnio preexistente. Cada parte interligada é estruturada para contribuir ao funcionamento do todo, o qual, por sua vez, torna-se possível somente depois que certo número mínimo de partes esteja montado.

A pergunta lógica é se estruturas vivas são inteiros agregados ou inteiros organizados. E a resposta é clara: Não apenas no nível de sistemas corpóreos, mas também dentro de cada minúscula célula, as estruturas vivas são inteiros inacreditavelmente complexos e organizados. A teoria mais plausível é que as partes foram montadas de acordo com uma planta preexistente.[22]

Um Universo Construído para Você

Até pouco tempo, a controvérsia sobre a evolução centralizava-se no desígnio em biologia. Mas hoje, a evidência do desígnio está sendo descoberta na física e na cosmologia. O próprio cosmo está de maneira perfeita bem afinado para sustentar a vida.

Os cosmólogos descobriram que as forças fundamentais do universo estão intricadamente equilibradas, como se estivessem no fio de uma faca. Por exemplo, consideremos a força da gravidade: se fosse um pouco mais forte, todas as estrelas seriam anãs vermelhas, muito frias para sustentar a vida. Mas se fosse mais fraca, todas as estrelas seriam gigantes azuis, queimando em muito pouco tempo para que a vida se desenvolvesse. (A margem de erro na taxa de expansão do universo é de apenas 1 parte em IO^{60}.) Os cosmólogos falam de "coincidências cósmicas", querendo dizer que as forças fundamentais do universo têm *por coincidência* o valor numérico exato necessário para tornar a vida possível. A mais leve mudança tornaria o universo inóspito para a vida.[23]

Como estes valores numéricos não se mostraram nem muito alto nem muito baixo, mas exatamente os certos?

O que torna a questão tão intrigante é que não há causa física que explique por que estes valores estão tão bem afinados para sustentar a vida. "Nada em toda a física explica por que seus princípios fundamentais deveriam se amoldar com tanta precisão às exigências de vida", diz o astrônomo George Greenstein.[24] E considerando que não há causa *física* conhecida, parece suspeitosamente que são produto da *intenção,* como se alguém os tivesse projetado desse modo. "Por que a natureza é tão engenhosamente, poderíamos dizer até suspeitosamente, amigável à vida?", pergunta o astrofísico Paul Davies."É quase como se um Grande Designer tivesse imaginado tudo."[25]

Para tornar a lógica mais clara, imaginemos que tenhamos uma enorme máquina de criar universo, com milhares de mostradores representando a constante gravitacional, a força nuclear forte, a força nuclear fraca, a força eletromagnética, a relação da massa do próton e do elétron, e muitos outros. Cada mostrador tem centenas de possíveis configurações, e podemos girar os botões à vontade, não havendo nada que os prefixe a determinado valor em particular. O que descobrimos é que cada um dos milhares mostradores é ajustado *por mera coincidência* exatamente no valor certo para a vida existir. Mesmo a variação de um fio de cabelo em um dos botões cósmicos produziria um universo onde a vida seria impossível. Como disse certo repórter especializado em ciências: "Eles são como os botões na unidade de controle de Deus, e, pelo visto, foram quase milagrosamente configurados para permitir a vida".[26]

Considerando que os "botões" não estão restritos por lei natural, todos têm as marcas identificadoras de serem produto de desígnio ou intenção.

"Não sou religioso, mas poderia dizer que este universo foi *muito bem projetado* para a existência da vida", diz o astrônomo Heinz Oberhummer. "As forças básicas no universo

foram feitas sob medida para a produção de [...] vida fundamentada em carbono."[27]

Arno Penzias, ganhador do Prêmio Nobel e de formação judaica, é pronto em identificar as implicações religiosas: "A astronomia nos leva a um evento único, um universo que foi criado do nada, possuidor de um equilíbrio muito delicado e necessário, que proporciona com exatidão as condições exigidas para permitir a vida e detentor de um plano subjacente (poderíamos dizer 'sobrenatural')".[28] E acrescenta: "Os melhores dados que temos são exatamente os que eu teria predito, se não tivesse nada mais que os cinco livros de Moisés, os Salmos, a Bíblia como um todo".[29]

Coincidências Cósmicas

Os críticos admitem que a afinação perfeita do universo dá a entender desígnio, mas tateiam no escuro à procura de uma explicação alternativa. O astrônomo Fred Hoyle é citado por dizer: "A interpretação do bom senso dos fatos sugere que um superintelecto brinca com a física".[3]" Mas quem é esse "superintelecto"? Opositor ferrenho do ensino cristão da criação, Hoyle propôs que é uma mente alienígena proveniente de outro universo.[31]

Outros propõem a noção quase-panteísta de que o universo é inteligente, com mente própria. Por exemplo, Greenstein começa suas palavras parecendo concordar com o cristianismo:"Quando examinamos todas as evidências, o pensamento que insistentemente assoma à mente é que tem de haver uma agência — ou antes, Agência — sobrenatural. Será possível que, de repente, sem querer, tenhamos topado com provas científicas da existência de um Ser Supremo? Foi Deus que interveio e de modo providencial fez o cosmo para nosso benefício?"

Pouco importando quantas vezes esse pensamento "insistentemente" lhe assome à mente, Greenstein o suprime com firmeza. Ele não quer ter parte com um Deus pessoal. Fazendo uma extrapolação impetuosa da mecânica quantica, Greenstein afirma que o universo não poderia existir de forma plena se os seres humanos não tivessem surgido para observá-lo. Assim, para se tornar de todo real, o universo decidiu evoluir a consciência humana. O "cosmo não existe a menos que seja observado", escreve ele, e por isso "o universo produziu vida para existir."[32]

Esta noção implausível tornou-se surpreendentemente popular. Parecendo um místico oriental, o biólogo George Wald, ganhador do Prêmio Nobel, disse que a razão para a vida inteligente evoluir é que "o universo quer ser conhecido".[33] E o físico Freeman Dyson, observando "as muitas contingências da física e astronomia que concorrem para nosso benefício", escreveu estas palavras de tom sinistro: "E como se o universo de algum modo soubesse que estávamos chegando".[34] Como é irônico que os cientistas que rejeitam a idéia do desígnio por não a considerarem científica, acabem se voltando e adotando a noção bizarra e quase mística de um universo consciente que "sabia" que estávamos chegando.

Os astrônomos menos místicos assumem uma conduta diferente para explicar as "coincidências cósmicas", propondo burlar as baixas probabilidades, inflacionando o número das possibilidades. Para ajeitar as coisas, sugerem que há múltiplos universos além do nosso (a hipótese de "diversos mundos"). Muitos desses universos seriam lugares escuros e sem vida, mas uns poucos teriam as condições certas para a vida — e, por acaso, o nosso é um deles. Claro que se trata de pura e desenfreada especulação, visto que é impossível saber se existe outro universo. "A teoria de múltiplos universos requer tanta interrupção de descrença quanto qualquer religião", comenta Gregg Easterbrook."Vá a uma igreja que acredite na existência de objetos invisíveis de 50 bilhões de galáxias de largura!"[35] A única razão para propor semelhante idéia forçada é que faz o nosso universo parecer pouco menos que uma improbabilidade caprichosa.

Analisando todas essas especulações bizarras, o físico Heinz Pagels comenta que os cientistas mostram-se relutantes em fazer a mais direta conclusão indicada pelas evidências: "A razão de o universo parecer ter sido feito sob medida para nossa existência é que foi feito sob medida".[3]"A conclusão do desígnio é a leitura mais simples e direta que as evidências indicam. São surpreendentes as teorias exóticas que os cientistas propõem para evitar essa conclusão. David Gross, diretor do Instituto Kavli para a Física Teórica, admitiu que sua objeção ao conceito da afinação perfeita do universo é "totalmente emocional": é idéia perigosa, porque "cheira religião e desígnio inteligente".[37] Teorias convolutas de um cosmo consciente, ou de incontáveis universos incognoscíveis, são pouco mais que esforços desesperados em evitar a evidência óbvia do desígnio.

Quem Escreveu o Código Genético?

Em minha opinião, a evidência mais poderosa do desígnio é o código do DNA. Ainda nos lembramos do destaque que a mídia deu quando os cientistas anunciaram que tinham decodificado o genoma humano. Na entrevista coletiva da Casa Branca, o linguajar cerimonial feito para a ocasião ressaltou a analogia entre o DNA e uma linguagem escrita. O diretor do Instituto Nacional de Pesquisas do Genoma Humano, Dr. Francis Collins, evangélico, disse: "Conseguimos os primeiros vislumbres de nosso livro de instrução, conhecido anteriormente só por Deus". Sem se deixar ser vencido, o ex-presidente Clinton também mencionou Deus: "Hoje estamos aprendendo a linguagem na qual Deus criou a vida".[38]

Estas são analogias muito adequadas. A molécula do DNA é formada de quatro bases que funcionam como "letras" químicas — adenina (A), timina (T), citosina (C) e guanina (G) —, que se combinam em várias seqüências para escrever uma mensagem. A descoberta deste código químico significa que podemos aplicar ao DNA as categorias da teoria da informação. "O que aconteceu é que a genética se tornou um ramo da informática", escreve Dawkins."0 código genético é de fato digital, exatamente no mesmo sentido que os códigos de computador. Esta não é analogia vaga, é a verdade literal."[39]

O resultado é que a origem da vida foi remodelada como a origem da informação biológica: Como obtemos informação biológica altamente complexa e especificada?

Na vida cotidiana, quando encontramos uma mensagem, não temos dúvida de onde veio. Sabemos que causas naturais não produzem mensagens. Levei meu filho pequeno a um parque, onde nos sentamos debaixo de uma faia antiga e grande, com corações e dizeres esculpidos no tronco — "George ama Wendy" e "Turma de 95". Era indicação segura de que os rabiscos não eram produto de forças naturais. Quando os hieróglifos egípcios foram descobertos, por 1.400 anos ninguém soube decifrá-los (até que a Pedra Rosetta foi descoberta em 1799).Todos sabemos que os hieróglifos foram feitos por um agente inteligente, e que não eram padrões cauterizados na pedra por algum ácido naturalmente ocorrente.

Logo após o 11 de setembro, aconteceu um episódio divertido em Palm Beach, Flórida. Houve uma pequena agitação quando os residentes avistaram um avião pulverizador de colheitas voando e traçando letras ao ar com fumaça para escrever: "Deus é grande". Com medo de que o piloto pudesse ser um terrorista louvando Alá, várias pessoas chamaram a polícia. Mas o piloto era crente que periodicamente usava suas habilidades em publicidade aérea para enviar mensagens de inspiração e que se divertiu bastante com todo o alvoroço.[40]

O que quero dizer é que quando vemos uma mensagem, um idioma de imediato concluímos que não é produto de causas naturais. Quando os cidadãos de Palm Beach viram

formas brancas e fofas que pareciam letras no céu, nem por um momento começaram a discutir padrões interessantes de condensação de água. Deduziram de maneira correta que o padrão era produto de um agente inteligente, embora estivessem um tanto quanto preocupados sobre quem era o agente!

Este tipo de raciocínio é intuitivo; é natural para a mente humana. Mas como torná-lo lógica e cientificamente acurado? Quais são os marcadores empíricos do desígnio? Sob quais condições deduzimos o desígnio? E podemos aplicar o mesmo raciocínio à natureza?

Filtro Explicativo

Começamos fazendo a distinção entre três tipos de acontecimentos: os que acontecem por acaso, por lei e por desígnio. Em 1970, o geneticista francês Jacques Monod escreveu um livro intitulado *Chance and Necessity* (Acaso e Necessidade),[41] que na ocasião alcançou *status* de veneração entre os universitários. (Ainda tenho meu livro gasto daqueles dias.) Monod apresentava a teoria darwinista padrão, mas o fez de modo que ficou incrivelmente enxuto. Concebeu-a como a interação entre o acaso (aleato-riedade) e a necessidade (lei). A teoria do desígnio inteligente adota o mesmo esquema simplificado, mas tem uma terceira categoria: o desígnio.

Assim, 1) algumas coisas são resultado de processos aleatórios, acontecendo por acaso; 2) outras são o resultado de processos regulares e previsíveis, que podem ser formulados como leis da natureza; 3) ainda outras são o resultado do desígnio, como casas, carros, computadores e livros.

Qual categoria melhor explica a origem da vida? William Dembski formulou uma análise matemática rigorosa do raciocínio que usamos para atribuir coisas a cada categoria. Chamou essa análise de filtro explicativo e o descreveu em seu livro *The Design Inference* (A Inferência do Desígnio). Sua explicação é altamente complexa, como convém a um livro publicado pela Cambridge Press University. Mas vou oferecer uma análise muito mais simples, usando a analogia do Scrabble®.** Afinal de contas, se o DNA é composto por "letras" químicas, como uma linguagem, então é a *seqüência* dessas "letras" que tornam a função biológica possível, da mesma maneira que a seqüência das letras nesta página torna sua mensagem inteligível. Como melhor explicar a origem das seqüências complexas e específicas no DNA — por acaso, por lei ou por desígnio?

Mais que Acaso

Se tivermos um número infinito de macacos diante de máquinas de escrever e uma quantidade infinita de tempo, eles acabarão datilografando as obras de Shakespeare. Pelo menos essa é a teoria. Porém, pesquisadores na Inglaterra puseram a teoria em teste. Colocaram um computador numa iaula com seis macacos para ver o que acontecia. A principal reação dos macacos foi bater no computador com pedras; por alguma razão, acharam-no extremamente adequado como privada. Quando alguns apertarem algumas teclas, o resultado foi muitos "ss" e cerca de quatro outras letras. Depois de um mês, os macacos não haviam chegado nem perto de escrever uma palavra em linguagem humana. Shakespeare? Nem pensar.[43]

A experiência foi feita em parte como piada, mas sugere que um pouco de ceticismo está na ordem sobre a suposição padrão de que a vida surgiu por mero acaso. O próprio Darwin não escreveu muito sobre a origem da vida (seu interesse principal era a origem das espécies), todavia em carta particular ele fez um comentário casual sobre a vida que surge por interações químicas aleatórias em uma "pequena lagoa morna". Quando escrito com mais detalhes científicos por outras pessoas, esta se tornou a visão dominante até bem pouco

tempo. Pergunte a alguém o que é a teoria da evolução, e a resposta típica é que se trata da teoria de que a vida surgiu por puro acaso. Mas entre os cientistas profissionais, as teorias fundamentadas no acaso já foram todas rejeitadas.

O auge das teorias de acaso foi no início dos anos cinqüenta, quando os cientistas descobriram que podiam produzir certas combinações orgânicas simples (como os aminoácidos, que são os blocos de construção das proteínas) em experiências de laboratório. Porém, esses dias inebriantes acabaram. Os primeiros sucessos fracassaram; a empolgação se exauriu. Tendo criado alguns blocos de construção simples, os pesquisadores acharam muito mais difícil criar moléculas maiores (as macromoléculas, como as proteínas e o DNA) que são cruciais para a vida.[44] Ficou bastante claro que misturar substâncias químicas em tubo de ensaio e dar uma carga elétrica não produz resultados biologicamente importantes.

Mas se o cerne da vida fosse informação biológica, é isso mesmo que deveria ocorrer. E por que não ocorre? Porque processos aleatórios não produzem informação complexa. Consideremos nossa analogia do Scrabble®: com uma venda nos olhos, tiremos uma seqüência aleatória de letras do Scrabble®. Formamos uma frase inteligível? Claro que não. Obteríamos, talvez, algumas palavras curtas como "me" ou "ira", mas um processo aleatório não produzirá o *Hamlet,* de Shakespeare. O acaso não dá origem a informação complexa e especificada. O teólogo Norman Geisler oferece ilustração ousada:"Se você fosse à cozinha, visse a caixa de cereais com letras do alfabeto virada sobre a mesa e o seu nome e endereço escritos, você pensaria que foi o gato que bateu na caixa de cereais espalhando o conteúdo pela mesa?"[46]

Em vez de *criar* informação, acontecimentos aleatórios tendem a *misturar* informação. Pense em letras espalhadas aleatoriamente em uma página de texto: a probabilidade muito maior é que não façam sentido algum. Aplicado a teorias da origem da vida, isto significa que caso cadeias curtas de moléculas *surgissem* por processos aleatórios nessa pequena lagoa morna, logo se desfariam, porque os mesmos processos aleatórios continuariam inserindo "letras" no "texto" químico. É como se toda vez que escrevêssemos "me" ou "ira" com o Scrabble®, uma criança travessa trocasse algumas letras por quaisquer outras. O resultado final é que interações aleatórias de substâncias químicas nunca irão acumular concentração significativa de combinações biologicamente importantes. A lagoa primeva estaria tão diluída quanto está o oceano Atlântico hoje."[17]

Este não é um argumento proveniente da probabilidade, porque o ponto não é que a vantagem seja contra a formação aleatória da vida. O ponto é que, em princípio, acontecimentos aleatórios não criam informação complexa. Em vista disso, hoje em dia quase todos os pesquisadores da origem da vida abandonaram teorias fundamentadas no acaso.

Contra a Lei

A segunda possibilidade é que a origem da vida pode ser explicada pela lei da natureza. Este é o ponto de vista mais popular entre os cientistas hoje: a vida surgiu por forças naturais que estão dentro dos componentes da própria matéria. A idéia é que toda vez que as pré-condições certas existirem, a vida surgirá de maneira automática e inevitável. Não é coincidência que um dos livros didáticos universitários mais usados que expõe esta opinião tenha o título de *Biochemical Predestination* (Predestinação Bioquímica).[48] Mas, em vez de Deus,foi uma força dentro da matéria que "predestinou" que as combinações químicas se alinhassem às seqüências exatamente certas e criassem blocos de construção de vida.

A teoria está fundamentada no fato de que combinações químicas reagem com mais

facilidade a certas substâncias do que a outras, e propõe que estas preferências químicas expliquem as seqüências altamente específicas na proteína e no DNA. Os predestinacionistas revelaram-se melhores biólogos que teólogos. Quando os autores do livro didático, Dean Kenyon e Gary Steinman, fizeram as experiências para confirmar a teoria da predestinação bioquímica, as substâncias químicas eram arminianistas com vontade própria: De forma obstinada se recusavam a se alinhar às seqüências apropriadas para formar resultados biologicamente importantes. Quando entrevistei Kenyon em 1989, ele me disse:"Se examinarmos as experiências até agora, projetadas a simular condições na terra nos tempos primitivos, uma coisa que se sobressai é que não obtemos seqüências de aminoácidos. Estes não aparecem entre os produtos de qualquer experiência". E, olhando de esguelha, acrescentou:"Achávamos que íamos ver muita ordem seqüencial espontânea, por isso algo deve estar errado com nossa teoria".[49]

Quando as experiências fracassaram, Kenyon enfrentou as implicações com honestidade; mais tarde, rejeitou a teoria e tornou-se proponente do desígnio inteligente.[5]"

Se a vida consiste em informação, então as experiências fracassadas de Kenyon são exatamente o que deveria ter acontecido, pois, em princípio, as leis da natureza não dão origem à informação. Por que não? Porque as leis descrevem acontecimentos que são regulares, repetíveis e previsíveis. Se derrubarmos um lápis, ele cairá. Se colocarmos um papel no fogo, ele queimará. Se misturarmos sal na água, ele se dissolverá. É por isso que o método científico insiste que as experiências têm de ser repetíveis: sempre que reproduzirmos as mesmas condições, devemos obter os mesmos resultados, ou algo está errado com a experiência. A meta da ciência é reduzir esses padrões regulares a fórmulas matemáticas. Em contrapartida, a seqüência de letras em uma mensagem é *irregular* e *não-repetente,* o que significa que não podem ser o resultado de processo semelhante à lei.

Não Há Regras para *Hamlet*

Para ilustrar o ponto, invoquemos o nosso Scrabble® imaginário, mas desta vez quando organizarmos as letras, decidamos seguir certa fórmula ou regra (uma analogia às leis da natureza). Por exemplo, a fórmula diz que depois do D sempre tem de haver um E. Depois do E, sempre tem de haver um S, e depois um I, e depois um G, e depois um N, e depois outro I, e depois um O. O resultado seria que toda vez que começássemos com D terminaríamos sempre com DESÍGNIO, DESÍGNIO, DESÍGNIO, inúmeras vezes. É lógico que se as letras do alfabeto seguissem regras assim, estaríamos limitados a escrever apenas algumas palavras e não transmitiríamos muita informação. A razão de o alfabeto funcionar tão bem é precisamente porque as letras *não* seguem regras, fórmulas ou leis. Saber que uma palavra começa com T não nos capacita a predizer qual é próxima letra. Com raras exceções secundárias (em português, antes de » ou *b* sempre vem um *m),* as letras podem ser combinadas e recombinadas em milhares de arranjos diferentes para formar palavras e frases.

Em minha infância, quando os computadores ainda eram novidade meu pai usava o enorme e excelente computador no trabalho para criar papel de embrulho com os dizeres impressos "Feliz Aniversário!" Na ocasião, era uma novidade; hoje fazemos a mesma coisa com nosso computador pessoal usando uma macro. É questão de programar o computador para escrever "Feliz Aniversário!", e depois repetir o ciclo para fazer a mesma coisa inúmeras vezes. O resultado é um padrão ordenado, mas que transmite pouca informação. A página inteira contém tanta informação quanto as duas primeiras palavras. Por outro lado, se queremos que o computador escreva *Hamlet,* de Shakespeare, não há regra ou fórmula a programar. Temos de especificar cada letra, uma por uma.

O mesmo é verdadeiro acerca do código do DNA. Se as "letras" químicas no DNA seguissem uma lei ou fórmula, elas se alinhariam automaticamente a apenas alguns padrões repetidos, armazenando muito pouca informação biológica. Mas cada célula do corpo contém mais informação que os trinta volumes da Enciclopédia Britânica. Como pode ser possível? Porque com algumas exceções menos importantes, não há lei de atração química e repulsão que faça com que as "letras" no DNA se unam em qualquer padrão em particular. Se fôssemos decodificar uma seção do DNA, percebemos que não há regra ou fórmula que determine o que vem depois. As "letras" químicas são livres para combinar-se e recombinar-se em amplíssima variedade de seqüências.[51]

A que une a molécula de DNA é uma cadeia de açúcar-fosfato que funciona como coluna vertebral, e claro que há uma ligação química que prende as "letras" (bases) à coluna vertebral. Porém, não há ligações químicas que liguem uma letra à outra para formar uma seqüência em particular."© DNA é como letras magnéticas que seu filho coloca na porta do refrigerador", diz Steve Meyer."A força magnética explica como as letras magnéticas se mantêm fixas na porta da geladeira, mas não explica como as letras foram seqüenciadas para formar a frase:'Pai, te amo'".[52]

É fútil os cientistas continuarem procurando uma lei ou força natural dentro da matéria para explicar a origem da vida. A questão não é apenas que os experimentos para criar vida em tubo de ensaio têm fracassado até hoje; é que, *em princípio,* processos semelhantes à lei não geram conteúdo de alta informação.

Nem o problema é resolvido pelas mais recentes teorias de complexidade que estão em voga atualmente. No Instituto de Santa Fé, Stuart Kauffman oferece a esperança de que a teoria da complexidade revelará as leis que tornam a vida inevitável. Kauffman e seus colegas descobriram que podem construir estruturas complicadas no computador que se assemelham à geada, samambaia e flocos de neve. Este resultado foi aplaudido como evidência de que a complexidade da vida pode ser o resultado de forças auto-organizadoras na matéria.[53]

O problema é que estas estruturas representam o mesmo tipo de ordem que o papel de embrulho de aniversário — são produtos de instrução simples que repetem o ciclo em si mesmos diversas vezes. Nas palavras de Kauffman, essas estruturas são construídas pela aplicação de certas "regras incrivelmente simples" repetidas inúmeras vezes.[54] Ainda que os padrões vistos na tela do computador pareçam impressionantes, faltam conteúdo de alta informação.

O Meio não E a Mensagem

Se nem o acaso nem a lei explicam a informação biológica complexa, a opção final é o desígnio. A característica distintiva do desígnio é uma seqüência irregular que se ajusta a um padrão prescrito — o tipo de ordem encontrado nas palavras formadas no Scrabble®, livros, revistas e roteiros de rádio. A seqüência de letras e palavras que você está lendo transmite informação, porque se ajusta ao padrão prescrito para este idioma.

A analogia mais popular é um programa de computador. O DNA é o "software" que faz a célula "executar", e a seqüência de suas bases transmite informação da mesma forma que as seqüências de 0 e 1 transmitem informação em código de computador. "O código de máquina dos genes é esquisitamente semelhante ao computador", escreve Dawkins."Não levando em conta as diferenças de jargão, as páginas de um diário de biologia molecular poderiam ser trocadas com as de um diário de engenharia computacional."[55]

O resultado final é que hoje podemos aplicar a teoria da informação à biologia, o que abre novos e amplos panoramas sobre a origem da vida. [6] Por exemplo, a teoria da

informação diz que uma mensagem é independente do meio material que a transmite. As palavras que você está lendo foram impressas com tinta no papel, mas também poderiam ter sido escritas com creiom ou giz, ou até rabiscadas na areia com uma vara. A mensagem permanece a mesma, sem importar que tipo de material usemos para armazená-la e transmiti-la.

Entretanto, se a informação é independente do meio material, *então não foi criada por forças que estão dentro desse meio.* As palavras nesta página não foram criadas por forças químicas contidas na tinta e no papel. Se lermos no quadro-negro os dizeres "Prova de Matemática — Hoje", não pensamos que a mensagem é produto das propriedades químicas do carbonato de cálcio. Aplicado à origem da vida, este princípio significa que a mensagem codificada em DNA não foi criada por forças químicas que estão dentro da própria molécula.

Agora podemos explicar por que todas as experiências para criar vida em tubo de ensaio fracassam: porque tentam construir a vida de baixo para cima, reunindo os materiais certos para formar uma molécula de DNA. Mas a vida não é matéria, é informação. "Os biólogos evolutivos não percebem que trabalham com dois domínios mais ou menos incomensuráveis: o da informação e o da matéria", escreve George Williams, biólogo evolutivo. "A molécula de DNA é o meio, não a mensagem.'"[7] E a teoria da informação diz que o meio não escreve a mensagem.

Isto fica mais fácil de entender se insistirmos na analogia, indo um pouco mais adiante. Paul Davies escreve que o DNA é um "banco de dados genético" que transmite informação usando o código genético. Em vista disso, conclui:

Tentar fazer a vida misturando substâncias químicas em tubo de ensaio é como soldar interruptores e fios no esforço de produzir o Windows 98. *Não dará certo, porque trata o problema usando o nível conceituai errado.*

Esta é crítica devastadora aos enredos de origem da vida que estão em voga hoje em dia. Propor que a matéria deu origem à vida não é apenas um equívoco; é tratar a questão em "nível conceituai errado".

O argumento da teoria de informação foi desenvolvido pelo finado A. E.Wilder-Smith, talentoso cientista britânico-suíço com múltiplos doutorados. [M] Tive a grata sorte de conhecer Wilder-Smith quando ele lecionava em Ancara, Turquia, e eu havia acabado de me formar no Ensino Médio. (Meu pai lecionava na Universidade Técnica do Oriente Médio, em Ancara.) Encontrava-me em minha fase rebelde, quando não queria ter nada a ver com cristãos. E para minha grande surpresa, isso despertou *o* interesse de Wilder-Smith, que veio falar comigo. Seu rosto mostrava franqueza e cordialidade, com olhos que brilhavam intensamente por trás Jos óculos. Ao contrário da maioria dos cristãos que eu conhecia, ele não me condenou por minha falta de fé, mas mostrou interesse genuíno em minhas perguntas e objeções. Fiquei impressionada por ele arranjar tempo para falar com uma adolescente um tanto quanto petulante sobre coisas como DNA e a teoria da informação.

Depois de me tornar cristã, de imediato procurei os livros dele e os estudei a fundo. Foi quando percebi que ele estava desbravando o que se tornaria o cerne do argumento do desígnio: A informação não surge de forças naturais dentro da matéria, mas tem de ser imposta por um agente inteligente de fora *para dentro* da matéria.

Teste Positivo

Provas negativas de que a matéria não escreve mensagens não encerrará o debate. Precisamos identificar provas positivas de um agente inteligente. E uma vez mais, a teoria da informação fornece a solução: O sinal revelador de desígnio é o que os teoristas da

informação chamam de *complexidade especificada.*[60]

Para traduzir essa frase em termos simples, usemos o filtro explicativo de três partes para comparar o acaso, a lei e o desígnio: 1) o acaso pode explicar a ordem *simples* (em nosso exemplo do Scrabble®, palavras curtas como "me" e "ira"), mas os produtos do desígnio são *complexos; 2)* as leis descrevem padrões *regulam* ("DESÍGNIO, DESÍGNIO, DESÍGNIO"), mas os produtos do desígnio exibem padrão *irregular;* 3) esse padrão é pré-selecionado ou *especificado* com antecedência. Daí a marca distintiva do desígnio na *complexidade especificada.*

Consideramos o exemplo de um idioma. Não há lei da natureza que determine o significado da seqüência de sons como G-I-F-T. Em inglês, a seqüência significa *presente;* em alemão, *veneno;* em norueguês, *casado.* O idioma leva em conta o que, do contrário, é seqüência arbitrária de sons, como G-I-F-T, e por convenção lingüística — formalizada em dicionários, regras gramaticais e assim por diante — confere significado a essa seqüência. De todas as possíveis combinações de sons, um idioma seleciona só algumas e lhes confere significado.

O código do DNA é análogo com precisão. As seqüências de "letras" químicas são quimicamente arbitrárias. Não há força natural que determine o significado de certas combinações. De todas as possíveis combinações das "letras" químicas, só algumas ganham significado. Mas de onde veio a convenção lingüística da célula?

É claro que as convenções lingüísticas e as regras gramaticais não surgem das reações químicas. Vêm do reino mental da informação e inteligência.

Charles Thaxton e seus co-autores, Walter Bradley e Roger Olsen, no inovador livro *The Mystery of Lifes Origin* (O Mistério da Origem da Vida),[6"] foram os primeiros a aplicar o conceito da complexidade especificada ao debate das origens. Muitos anos antes da publicação do livro, eu ouvira Charlie apresentar suas argumentações sobre esse tema, quando ele fazia parte do pessoal em UAbri e eu ainda era agnóstica. Dissertando na capela de madeira, com os Alpes cobertos de neve brilhando pelas janelas, Charlie encheu um cavalete com símbolos para aminoácidos, proteínas e moléculas de DNA, enquanto eu rabiscava notas a toda. Logo me dei conta de que qualquer que fosse a objeção que ainda abrigasse contra o cristianismo, já não podia petulantemente argumentar que era contestado pela ciência.

O que tornou Thaxton inovador no movimento do desígnio foi que estava pouco propenso a, de repente, parar de apresentar razões negativas contra a evolução. Desde os dias de Darwin, muitas pessoas (não só criacionistas) haviam rejeitado a evolução, mas ninguém apresentara razões positivas a favor do desígnio inteligente. Thaxton argumentara que não bastava mostrar as insuficiências das causas *naturais,* mas que também tínhamos de demonstrar a plausibilidade das causas *inteligentes.* E a indicação de legitimidade da inteligência é a qualidade ilusória que há pouco discutimos: a complexidade especificada. A estrutura do DNA é precisamente análoga à estrutura dos idiomas e dos programas de computação. E certo concluir que a complexidade especificada no DNA é de igual modo o produto de um agente inteligente? A menos que desde o início definamos ciência em termos de filosofia naturalista, a resposta deve ser sim.

Três Categorias

Observe que a conclusão de desígnio não é argumento proveniente de ignorância; não diz: *Não sabemos* a causa de certo fenômeno, por isso desistimos e declaramos que é um milagre. O argumento está fundamentado no que de fato sabemos sobre os tipos de estruturas produzidas pelo acaso, lei e desígnio.[62] Diante de um fenômeno, o cientista pode

passá-lo pelo filtro explicativo. E um acontecimento aleatório? Então, tudo de que precisamos invocar é o acaso. Ocorre em padrão regular e repetido? Então, é exemplo de uma lei natural. E um padrão complexo e específico? Então mostra desígnio, e foi produzido pela inteligência.

O "filtro explicativo" também é útil para eliminarmos os detalhes superficiais e vermos o que as outras teorias estão propondo. Por exemplo, consideremos a teoria de Darwin. Despojado dos detalhes, seu arrazoado central é que a ciência deve se limitar as duas primeiras categorias da explicação .— o acaso e a lei. Na realidade, sua meta é precisamente eliminar o desígnio como categoria permissível dentro da ciência. Como? Mostrando que o acaso e a lei, trabalhando juntos, podem substituir o desígnio. O darwinismo propõe que, quando mutações aleatórias (acaso) passam pela peneira da seleção natural (lei), então com o decorrer do tempo os organismos ficam melhores e bem adaptados até que pareçam ter sido projetados. Deste modo, segundo a teoria, um processo inteiramente naturalista pode imitar os efeitos do desígnio inteligente, tornando desnecessário que o desígnio seja uma categoria distinta. Conforme disse certo filósofo, Darwin estava oferecendo "um esquema para criar desígnio do caos sem a ajuda da mente".[63]

Isto explica por que o próprio Darwin não tinha paciência com a evolução teísta ou orientada por Deus. Segundo a teoria, a seleção natural funciona como peneira de toda variação prejudicial, deixando passar apenas as variações benéficas. Se Deus estivesse orientando o processo, então Ele criaria apenas variações, tornando inútil a ação de peneiramento da seleção natural. Nas palavras de Darwin: "A opinião de que cada variação foi organizada de modo providencial me parece tornar a Seleção Natural inteiramente supérflua, e coloca a tese do surgimento de novas espécies fora do âmbito da ciência".[64]

Note que Darwin estava oferecendo duas objeções ao desígnio. Primeiro, que torna a seleção natural "inteiramente supérflua". Em outras palavras, se invocarmos a seleção natural *mais* o desígnio, então um dos dois é redundante e desnecessário. E a intenção de Darwin era certificar-se de que o desígnio é que seria rejeitado por ser redundante. Certo livro didático de ensino universitário muito usado nos Estados Unidos diz:"Ao juntar a variação despropositada e não-orientada [acaso] ao processo for-tuito e descuidado da seleção natural [lei], Darwin torna supérfluo as explicações teológicas ou espirituais dos processos de vida".

Segundo, e mais importante, as observações de Darwin mostram que ele quis transformar a definição da própria ciência. É por isso que ele contestou que atribuir a origem das espécies a propósito providencial a tiraria "do âmbito da ciência". A implicação é que a ciência não pode aprovar a causa inteligente de nenhuma forma. Na mente de Darwin a evolução teísta ou divinamente ordenada não era, em princípio, diferente da criação direta e nem era admissível na ciência. Usando nossas três categorias, o acaso e a lei eram permitidos na ciência, mas o desígnio não Como explica certo filósofo da ciência: "Darwin teimava em contar uma história naturalista de todo consistente, ou não contava com nenhuma".[66]

Hoje, porém, está claro que a história naturalista não teve sucesso. O acaso e a lei não imitam o desígnio. Aplicando o filtro explicativo à origem da vida, descobrimos que a seqüência no DNA não é aleatória (acaso) nem regular (lei). Exibe complexidade especificada, a marca de autenticidade do desígnio. O acaso e a lei podem explicar muitos outros acontecimentos na história do cosmo. Contudo, para explicar a origem da vida, precisamos colocar mais um instrumento no ferramental do cientista.[67]

Pelo visto, a chave para interpretar o mundo orgânico não é a seleção natural, mas a

informação. Na ciência, estamos ouvindo ecos de João 1.1: "No princípio, era oVerbo [Palavra]".A palavra grega *logos* significa inteligência, sabedoria, racionalidade ou informação. A genética moderna está nos dizendo que a vida é uma grande narrativa contada pela Palavra divina, ou seja, que há um Autor para o texto da vida.

Relativistas Cristãos

Se a meta de Darwin era livrar-se do desígnio, então é lógico que sua motivação não era estritamente científica, mas era também religiosa. Temos de evitar a dicotomia enganosa que diz que a evolução é científica e o desígnio é religioso. O darwinismo e a teoria do desígnio não são assuntos diferentes — ciência *versus* religião. São respostas concorrentes à *mesma* pergunta: Como surgiu a vida no universo? Ambas as teorias recorrem a dados científicos, ao mesmo tempo em que ambas têm implicações filosóficas e religiosas mais amplas.

Os cristãos só poderão apresentar suas razões com eficácia quando confrontarmos a dicotomia ciência/religião em nosso pensamento. Devemos ter a confiança de que o ensino bíblico na criação é objetivamente verdadeiro e não só mera questão de religião, no sentido moderno de valores apenas pessoais e subjetivos. Consideremos a declaração de abertura da Bí-blia:"No princípio, criou Deus os céus e a terra". Falso ou verdadeiro? Para muitos, só a ação de fazer tal pergunta corresponde a equivocar-se de categoria.'[x] Talvez diriam que Gênesis é religião, que não é questão de ser verdadeiro ou falso. A religião é um compromisso pessoal, uni modo de vida, uma fonte de significado supremo. Claro que o cristianismo é tudo isso. Mas estamos preparados para dizer que é *verdadeiro?*

Muitos cristãos chegam a pensar que religião é questão de experiência e não de verdade. Descobri isso logo após minha conversão, quando de L'Abri, voltei para os Estados Unidos. Morando no Novo México, ouvi falar que em Albuquerque havia uma casa cristã cujo ministério era abrigar pessoas durante a noite. De imediato, me desloquei para Albuquerque, e acabei morando na casa o verão inteiro. As pessoas que moravam ou se reuniam regularmente em Sua Casa, como era chamada, eram ex-hippies, "viciados em Jesus".Todavia, por causa de meus estudos em L'Abri, falei sobre minha recente conversão em termos de estar convencida de que o cristianismo é *verdadeiro* e explica as questões filosóficas básicas melhor que qualquer outro sistema de pensamento.

Meus novos amigos, de cabelos compridos e roupas surradas, me olharam com surpresa.Tendo o costume de ir às praças para evangelizar adolescentes drogados, disseram: "Falamos para as pessoas: 'Jesus deu certo para mim. Por que você não tenta?'" Isso não basta?[69]

Claro que *não,* e a fraqueza de reduzir o cristianismo a "algo que dá certo" ocorreu-me quando me juntei a eles nas expedições de testemunho. Certa noite, tive longa e cativante discussão com um adolescente que expressou interesse em se converter. Quando lhe perguntei se ele estava convencido de que o cristianismo era a verdade, franziu as sobrancelhas e disparou: "Claro que é a verdade. Se você crê nisso, é verdade pra você!"

Era óbvio que a mensagem evangelística estava sendo peneirada por uma grade relativista que reduzia todas as declarações da verdade a qualquer coisa que fosse "verdade pra você". A razão de os cristãos não vencerem essa estrutura relativista é que, em parte, nós mesmos assimilamos uma forma de relativismo religioso — na prática, mesmo que não seja na crença. Ao aceitar a dicotomia fato/valor, muitos chegam a pensar em religião e moral em termos de experiência particular e pertencente ao pavimento de cima.

Fadas

Se privatizarmos nossa fé, estaremos favorecendo de forma direta os naturalistas filosóficos que também relegam a religião ao pavimento de cima. Em vez de atacar a religião frontalmente tachando-a de *falsa,* ato que arriscaria despertar o protesto público, os naturalistas filosóficos a relegam de maneira primorosa ao reino dos "valores". Dessa forma, eles mantêm a questão verdadeiro/falso totalmente fora de discussão. Como escreve Johnson, a religião é consignada "à esfera particular, onde as crenças ilusórias são aceitáveis 'se dão certo pra você'".[70]

A menos que os cristãos ataquem essa atitude de cabeça, nossa mensagem continuará passando por uma grade que a reduz a uma expressão de necessidade apenas psicológica. Há alguns anos, testemunhei exemplo empolgante numa conferência científica feita na Universidade Baylor. Um dos conferencistas foi Steven Weinberg, ganhador do Prêmio Nobel, que iniciou sua apresentação anunciando que queria reunir todos os seres espirituais — Buda, Jesus ou quem quer que fosse — sob um único título: "fadas". E depois explicaria por que ele, como cientista, não acreditava em "fadas". Um murmurinho de risada constrangida passou pela audiência, em grande parte cristã. E não é para menos; é muito difícil defender suas crenças com dignidade quando elas acabam de ser rotuladas de contos de fadas.

Weinberg só estava declarando de forma grosseira a conseqüência lógica de redefinir religião em termos de experiência não-cognitiva, que é exatamente o que muitos cristãos fazem, pelo menos de modo implícito, quando aceitam a dicotomia fato/valor.

Da Cadeira do Naturalista

Outros cristãos o fazem explicitamente. Consideremos os cristãos que são evolucionistas teístas. Embora nunca venham a concordar com os ateus que a natureza é tudo que existe (naturalismo *metafísico),* eles concordam que a ciência deve estar limitada às causas naturais (naturalismo *metodológico).* Como escreve a filósofa Nancey Murphy, do Seminário Teológico Fuller:"Os cristãos e os ateus têm de abordar as questões científicas em nossa era sem invocar um Criador". Por quê? Porque é a decisão dos ateus: "Para o melhor ou para o pior, herdamos um ponto de vista da ciência *metodologicamente* ateísta".[71]

Mas quem diz que temos de jogar de acordo com as regras determinadas pelos ateus? Se o cristianismo é verdadeiro, então não é óbvio que a ciência verídica só possa ser exercida fazendo a suposição contrafactual de que o ateísmo é verdadeiro. Os evolucionistas teístas aceitam exatamente as mesmas teorias científicas que os ateus ou naturalistas; a única coisa que pedem é que lhes permitam propor um significado teológico por trás de tudo — conhecido somente pela fé e não detectável por meios científicos. Em essência, permitem que os ateus definam o conhecimento científico, contanto que a teologia tenha a permissão de dar uma interpretação religiosa ao que quer que a ciência apresente.

Nesse caso, em que incorre este significado teológico? É reduzido a m polimento subjetivo na história contada pela ciência naturalista. A existência de Deus não faz diferença cientificamente, porque Ele não age de modo a poder ser detectado. Em conseqüência disso, a teologia já não é considerada fonte independente de conhecimento; é mera cobertura de valor sobre fatos livres de valor.

"Quando o conceito científico da verdade passou a dominar a modernidade", explica o teólogo Ellen Charry,"os especialistas em teologia passaram a atribuir as declarações religiosas ao reino do mito e significado." A teologia perdeu seu *status"de* verdade e conhecimento genuínos", ao mesmo tempo em que "pequeno espaço foi entalhado para declarações teológicas como termos simbólicos que dão significado à vida".[72] Uma religião

meramente simbólica não ameaça o regime dominante da ciência materialista, e, por conseguinte, torna o estabelecimento científico propenso a tolerá-la. A religião é vista como ilusão inofensiva para quem precisa desse tipo de muleta, contanto que a mantenha restrita ao ambiente da adoração dominical e não a leve para a sala de aula de ciências, onde falamos sobre o que na verdade aconteceu. A atitude é resumida no provérbio de H. L. Mencken: "Temos de respeitar a religião dos outros, mas só no sentido e na proporção em que respeitamos sua teoria de que sua esposa é bonita e seus filhos, inteligentes".

Os evolucionistas teístas tendem a contentar-se com este arranjo, mas os secularistas bem entendem que são concessões mútuas insustentáveis. John Maddox, ex-editor da revista *Nature* e autodenominado ateu, apresentou a questão abruptamente quando revisou um livro escrito por um ministro liberal: "A explicação religiosa do mundo não é posição livre, mas acréscimo opcional", escreveu ele. Em outras palavras, a religião não é fonte independente de conhecimento, porém mera camada emocional opcional ao que já sabemos da ciência — algo como adicionar uma camada de cor a uma fotografia.[73]

O empenho de acomodar o naturalismo filosófico foi bem ilustrado por Francis Schaeffer na imagem das duas cadeiras. Segundo ele, quem se senta na "cadeira" do naturalista, vê o mundo filtrado pela lente que limita a visão ao mundo natural. Mas quem se senta na "cadeira" do sobrenaturalista vê o mundo por lente muito mais ampla, que o torna consciente de um reino não visto, existente fora do reino visto. Os cristãos são chamados a vivenciar a totalidade da vida, inclusive seu trabalho científico, da perspectiva da cadeira do sobrenaturalista, reconhecendo a extensa gama da realidade.[74] É o que significa: "Andamos por fé e não por vista" (2 Co 5.7), com a consciência diária da dimensão não vista da realidade.

E triste saber que até os crentes sinceros continuam vagando perto da cadeira do naturalista. Adotam a doutrina bíblica com a mente e seguem a ética bíblica no comportamento prático; e, todavia, ainda administram a vida profissional diária com base numa cosmovisão naturalista. Poderíamos dizer que ao confessar crenças, eles se sentam na "cadeira" do sobrenaturalista, mas ao tratar do trabalho profissional, caminham para o outro lado e se sentam na "cadeira" do naturalista. É o que acontece quando os cristãos aceitam o naturalismo metódico na ciência.

Em contrapartida, a teoria do desígnio demonstra que os cristãos podem se sentar na "cadeira" do sobrenaturalista até quando lidam com a vida profissional, vendo o cosmo pela lente de uma cosmovisão bíblica abrangente. O desígnio inteligente entra corajosamente no cenário científico para apresentar suas razões fundamentadas em dados empíricos.Tira o cristianismo do reino ineficaz do *valor* e delimita uma declaração cognitiva no reino da verdade objetiva. Restabelece o cristianismo a seu *status* de conhecimento genuíno, equipando-nos para defendê-lo no cenário público.

Por fim, ao disputar com o naturalismo na ciência, o desígnio inteligente fornece a base para disputar com o naturalismo também na teologia, moralidade, política e em todos os outros campos. E já não é sem tempo, porque o naturalismo está transbordando pelas margens da ciência e fazendo tremendas invasões no restante da cultura. No próximo capítulo, veremos como a evolução naturalista está sendo transformada em uma cosmovisão universal, que petulante e gradativamente toma conta de cada aspecto da vida humana e da sociedade.

**N. doT.: Simulador de montanha-russa em gráficos 3D com ferramentas e recursos para construir, criar e personalizar montanhas-russas.*

***N. do T.: Scrabble* é um jogo de palavras, no qual os participantes formam palavras que se interligam, como nas palavras-cruzadas, colocando sobre o tabuleiro peças representando letras com diferentes pontuações.*

Hoje Biologia, amanhã o Mundo

Os nossos genes se interessam pelo que parece "certo", moralmente certo.
ROBERT WRIGHT[1]

Depois da aula, o aluno da primeira série chegou em casa e perguntou: "Mãe, quem está mentindo: você ou a professora?"

Naquele dia, a professora contara à classe que os seres humanos e os macacos são descendentes de um antepassado comum. O pequeno Ricky era bastante inteligente para entender que essa informação não se encaixava com os ensinos bíblicos de sua mãe. Por isso, imaginou que uma das duas tinha inventado uma história. Claro que não podia ser a professora; afinal de contas, aos olhos do menino ela era a pessoa que tinha todas as respostas e entendia de tudo na vida. Não, só podia ser sua mãe. Com tristeza, ela percebeu que era melhor começar um longo processo de contra-educação.

E por causa de ocorrências assim, repetidas inúmeras vezes em sala de aula, que a controvérsia sobre ensinar evolução nunca acaba. Quando, em 2002, o Estado de Ohio debateu o tema, o Ministério da Educação americano recebeu a maior reação pública que qualquer outro assunto. O povo sente intuitivamente que há muito mais em jogo do que ciência. As pessoas percebem que quando a evolução naturalista é ensinada nas aulas de ciências, ela faz com que uma visão naturalista da ética e da religião venha a ser ensinada nas aulas de história, de estudos sociais, de vida familiar e em todos os outros cursos de estudos. Certo líder na controvérsia do Estado de Ohio foi feliz ao dizer: "A definição naturalista de *ciência* tem o efeito de doutrinar os estudantes em uma *cosmovisão* naturalista".[2]

O povo tem razão de estar preocupado, e o propósito dos próximos dois capítulos é mostrar o porquê.[3] O darwinismo funciona como base científica para uma cosmovisão naturalista envolvente, que está sendo promovida dinamicamente muito além dos limites da ciência. Há quem diga que estamos entrando na era do "darwinismo universal", quando não será mais mera teoria científica, porém uma cosmovisão abrangente. Para causar um impacto redentor em nossa cultura, os cristãos precisam se envolver com a evolução darwinista não só como ciência, mas também como cosmovisão.

Darwinismo Universal

Gostaria de começar com uma frase de um dos livros de Francis Schaeffer. Segundo ele, a razão central de nós, os cristãos, não termos sido mais eficazes no cenário público, é que tendemos a ver as coisas em "pequenas medidas". Preocupamo-nos com coisas como desentendimento familiar, violência nas escolas, entretenimento imoral, aborto, bioética e extensa variedade de assuntos *individualmente.* Mas não vemos o quadro geral que liga todos os pontos.

E qual é esse quadro geral? Schaeffer escreve que todas estas formas de dissolução cultural "ocorrem em virtude de mudança na cosmovisão [...] para uma cosmovisão baseada na idéia de que a realidade final é matéria ou energia impessoal moldada em sua forma atual pelo acaso impessoal". Em outras palavras, muito antes de haver o movimento do desígnio inteligente, Schaeffer viu que tudo dependia de nossa visão das origens. Se começarmos com forças impessoais que operam por acaso — em outras palavras, evolução naturalista —, então, com o passar do tempo (mesmo que leve muitas gerações), terminaremos com o naturalismo na ética e na filosofia social e política.

Hoje, muitos evolucionistas concordariam com isso. Uma das disciplinas que mais

cresce atualmente é a aplicação do darwinismo a assuntos sociais e culturais. Conhecido pelo nome de psicologia evolutiva (versão melhorada de sociobiologia), sua premissa é que se a seleção natural produziu o corpo humano, então também tem de explicar todos os aspectos da crença e comportamento humanos. A psicologia evolutiva está se espalhando depressa em quase toda área de estudo, com publicações de livros em uma velocidade difícil de acompanhar.

Um dos tópicos mais abordados é a moralidade. Afinal de contas, se o comportamento humano é programado basicamente por "genes egoístas"

(como argumenta Dawkins, em O *Gene Egoísta),* então fica bastante difícil explicar o comportamento desinteressado ou altruísta. Muitos livros publicados procuram explicar que a moralidade é produto da seleção natural- O tema é que aprendemos a ser amáveis e prestativos, só porque serve para nossa sobrevivência e gera mais descendência.[5]

"A base da ética não está na vontade de Deus", escreve E. O.Wilson e Michael Ruse. A ética é "uma ilusão que os genes impingem a nós para fazer com que cooperemos". Por alguma razão inexplicada, os seres humanos "vivem melhor se são enganados por seus genes, fazendo com que pensem que há uma moralidade objetiva desinteressada que os une e à qual todos devem obedecer".[6] Em outras palavras, a evolução pratica um tipo de enganação benigna para fazer com que sejamos gentis uns com os outros.

Se a seleção natural é a razão de sermos bons, então também é a razão de sermos ruins. E o que diz certo livro lançado recentemente *O Macho Demoníaco: As Origens da Agressividade Humana.* Os autores atacam o ensino bíblico do "pecado original", insistindo que até os atos terroristas do 11 de setembro não tiveram nada a ver com o "mal" moral. O fato mostra apenas que há uma predisposição à violência "escrita na química molecular do DNA". Os genes fizeram com que essas pessoas agissem assim.[7]

A religião é outro alvo favorito. Neste tópico, o tema básico é que a religião é uma disfunção a que o cérebro está suscetível quando o sistema nervoso evolui a certo nível de complexidade."

Evolução para Todos

Para todo campo de interesse — política, economia, direito — há livros sobre psicologia evolutiva.[9] Para pedagogos, Dean Keith Simonton nos oferece o livro *A Origem do Gênio: Perspectivas Danvinianas sobre a Criatividade.* Nele, o autor define que a inteligência é um processo darwinista de gerar uma variedade de idéias para depois escolher as que são "mais adequadas". Há inclusive livros escritos de modo específico para professores ingleses.[1]"

Numerosos livros foram lançados para os profissionais em medicina, como *Por que Adoecemos: A Nova Ciência Medicinal Darwinista,* de Randolph M. Nesse e George O Williams. Há lançamentos inclusive para os que trabalham profissionalmente na área da saúde mental.[11]

Há livros publicados para mulheres, pais e até homens de negócios, por exemplo. *Instinto Executivo: Por que alguns São Líderes e outros São Liderados,* no qual o autor Nigel Nicholson pergunta: "Como administrar pessoas cujos cérebros foram estruturados na Idade da Pedra?"[12]

Claro que para vender livros os tópicos têm de ser mais picantes, e os cientistas não mostraram pejo de tratar desse tema.[13] Pelo visto, a ciência está descendo ao nível das telenovelas.

A série de televisão "Evolução" apresentou o psicólogo evolutivo Geoffrey Miller, autor de *A Mente Seletiva: Como a Escolha Sexual Influenciou a Evolução da Natureza.*' No

programa, Miller disse aos telespectadores que a origem do cérebro humano "não era Deus, mas nossos antepassados [...] escolhendo seus parceiros sexuais". Enquanto ele falava, ouvíamos de música de fundo a melodia do "Messias", de Handel, quando uma voz se sobressaiu explicando que a expressão artística começou como forma de exibição sexual.

Depois do 11 de setembro, os psicólogos evolutivos tiveram a oportunidade real de aplicar suas teorias. Autoridades de todos os naipes apressaram-se a oferecer explicações para a tragédia terrível, e até o caderno de ciências do *The New York Times* entrou na dança. Este periódico declarou que o heroísmo dos voluntários e trabalhadores no resgate era produto da evolução, algo similar aos instintos cooperativos das formigas e abelhas.

O artigo asseverou que o comportamento altruísta é produto de "seleção parental", a idéia de que os genes passam para os filhos e também para os parentes próximos. Diante disso, podemos aumentar nosso sucesso reprodutivo cuidando de um grupo maior de parentes genéticos.[13] Certo evolucionista de renome, J. B. S. Haldane, explicou o cálculo da seleção parental, dizendo que estava preparado para sacrificar a vida por dois irmãos ou, possivelmente, por oito primos.[16]

Outras teorias do comportamento altruísta estão baseadas na teoria de jogos, a qual mostra que estratégias de cooperação — olho por olho — funcionam melhor para conseguir o que queremos. Lógico que nenhuma destas opções explica o altruísmo no sentido comum; são meras formas ampliadas de egoísmo. Dizem-nos que o que parece comportamento sacrificatório — por exemplo, da parte da mãe pelo filho — é apenas uma estratégia para passar os genes.

Poderíamos ir mais longe e afirmar que o altruísmo genuíno fornece tremendo argumento apologético a favor do cristianismo. O altruísmo heróico do tipo testemunhado por causa dos ataques do 11 de setembro só pode ser explicado pelo entendimento cristão da natureza humana como seres genuinamente morais, feitos à imagem de Deus.[17]

FUNDAMENTALISMO DARWINISTA SOBRE O ESTUPRO

Os cristãos não estão sozinhos quando permanecem céticos diante das firmações da psicologia evolutiva. Muitos cientistas também são críticos, final de contas, é fácil traçar enredos imaginários de como certo com-ortamento pode ser adaptativo sob determinadas circunstâncias, e depois concluir de modo precipitado que foi adaptativo, mesmo quando não há provas factuais. A literatura da psicologia evolutiva está cheia de especulações "livres" destituídas de dados reais da genética ou da neurologia. Certos críticos repelem a teoria tachando-a de "fundamentalismo darwinista", frase provocante que insinua que o próprio darwinismo se tornou uma ortodoxia rígida.[18]

"O fato ignóbil é que não temos sequer um fragmento de prova de que a moralidade nos seres humanos tenha evoluído ou não por seleção natural", diz o geneticista H. Allen Orr. Os psicólogos evolutivos arquitetaram quantidade enorme de enredos hipotéticos sobre questões como: *O que aconteceria se tivéssemos um gene que determinasse que fôssemos gentis com pessoas estranhas?"Mns* uma experiência no pensamento não é uma experiência", declara Orr com amargura. A realidade é:"Nâo temos dados".[19]

Temos de nos conscientizar de que assim que alguém aceita a premissa evolutiva, a questão de provas se torna quase irrelevante. Aplicar as explicações darwinistas ao comportamento humano é questão de lógica simples. Afinal, se a evolução é verdadeira, então de que outra forma a mente emergiu, se não pela evolução? De que outra forma surgiu o comportamento humano, se não por adaptação ao ambiente?

Este ponto ficou claro há alguns anos com a publicação de um livro que oferece um relato evolutivo acerca do estupro. O título era *The Natural History of Rape: Biological*

Bases of Sexual Coercion (A História Natural do Estupro: Bases Biológicas de Coerção Sexual), e os autores eram dois professores universitários que fizeram a declaração bastante inflamatória de que, falando biologicamente, o estupro não é patologia. É adaptação evolutiva para maximizar o sucesso reprodutivo. Em outras palavras, se flores e chocolate não resolverem, os homens podem recorrer à coerção para cumprir o imperativo reprodutivo. O livro diz que estupro é "um fenômeno natural e biológico que é produto da herança evolutiva humana", similar "às manchas dos leopardos e ao pescoço comprido das girafas".

Mostrando como muitos cientistas estão isolados, os autores disseram que estavam surpresos por toda a celeuma que o livro causara. Para um darwinista trata-se de lógica simples: todo comportamento que sobrevive hoje deve ter ganhado certa vantagem evolutiva, do contrário, teria sido extirpado pela seleção natural. Por conseguinte, os autores foram praticamente forçados a identificar certo benefício até no crime de estupro.[21]

Quando um dos autores, Randy Thornhill, compareceu a um programa de rádio de âmbito nacional nos Estados Unidos, recebeu toneladas de telefonemas irados, até que insistiu que a lógica é inevitável: se a evolução é verdadeira, então "cada característica de todos os seres vivos, inclusive os seres humanos, tem um fundo evolutivo subjacente. *Esse ponto não é questão discutível".*[12] *Três* vezes durante o programa, ele insistiu na mesma tecla: "Não é 'questão discutível'".

Isto explica por que os oponentes da psicologia evolutiva não conseguem deter seu crescimento constante. Muitos aceitam a mesma premissa evolutiva, o que significa, no fim das contas, que não têm defesa contra sua aplicação no comportamento humano. Por exemplo, os críticos da tese de estupro tendem a concentrar os argumentos no nível dos detalhes: muitas vítimas de estupro são muito jovens ou muito velhas para ter filhos, e em alguns casos são homens (por exemplo, estupro na prisão), fatos que claramente minam a idéia de que o estupro é dirigido por um imperativo biológico para a reprodução. A revista *Nature* disse que a teoria apóia-se na "prestidigitação estatística".[23]

Contudo, os críticos ficaram paralisados pelo fato de que muitos deles aceitam as mesmas suposições evolutivas apresentadas pelo livro, deixando-os sem meios probos de se opor à conclusão do livro. Citando frase distinta de Tom Bethell:"Os críticos foram desarmados por suas cosmovisões compartilhadas".[24]

Houve um episódio divertido no programa de rádio quando Thornhill enfrentou com descaro uma importante feminista, Susan Brownmiller, que há muito tempo escreveu um livro influente sobre estupro chamado *Against Our Wills* (Contra nossa Vontade). Não surpreendentemente, ela contestou com veemência a tese de estupro, levando Thornhill a revidar com o pior insulto imaginável: ele disse que ela parecia "a extrema direita religiosa".

Não há como duvidar que ela foi insultada, mas o que ele quis dizer foi muito mais sério. Thornhill estava dizendo que a *evolução* e a *ética evolutiva* fazem parte do mesmo acordo global. Se aceitarmos a premissa, então'temos de aceitar a conclusão. E se não gostarmos, podemos nos unir à "direita religiosa" e desafiar a própria evolução. É como disse SchaefFer: "Todos os pontos se ligam com a opinião que a pessoa tem das origens".

Mães como Animais

Anos atrás, Steven Pinker escreveu um artigo no *The New York Times* aplicando a psicologia evolutiva à outra questão moral problemática: o jnfanticídio. O artigo saiu logo depois que a mídia noticiara que uma adolescente deu à luz num baile da escola e depois jogou o recém-nascido no lixo. Mais ou menos na mesma época, um casal de adolescentes que não era casado matou o filho recém-nascido. As pessoas ficaram chocadas, e assim

Pinker apareceu para acalmá-las com a sabedoria da ciência.

Pinker começou dizendo que temos de "entender" os adolescentes que matam os filhos recém-nascidos, porque o infanticídio "é praticado e aceito na maioria das culturas ao longo da história". A simples ubiqüidade desse ato indica que deve ter sido preservado pela seleção natural, o que por sua vez significa que tem de ter uma função adaptável. Falando de mães humanas em termos mais adequados a mães-animais, Pinker disse: "Se um recém-nascido está doentio, ou se sua sobrevivência não for promissora, elas podem cortar despesas e favorecer o mais saudável da ninha-da ou tentar novamente mais tarde". Assim,"a evasiva emocional das mães evoluiu", em certas situações, ao infanticídio. Por causa da seleção natural, "a capacidade do neonato depende do desígnio biológico de nossas emoções parentais".[25]

A interpretação de Pinker não deveria causar surpresa para quem se lembra de um artigo publicado no *Newsweek* em 1982 sob o título surpreendente de "Assassinos de Filhotes da Natureza". Era um relatório sobre o primeiro grande simpósio que estudou o infanticídio entre animais, que tinha a esperança de explicar o comportamento semelhante em seres humanos. Muitos dos cientistas participantes concordaram que "o infanticídio já não pode ser chamado 'anormal'. Deve ser chamado 'normal' como os instintos parentais, os impulsos sexuais e a autodefesa", e até pode ser adaptação benéfica evolutiva.[26]

Mas tudo isso é pouco mais que ilusão e engano. Para início de conversa, não há prova de que o infanticídio seja uma característica genética, muito menos que seja uma característica selecionada pela evolução."Onde estão os estudos paralelos, os locais dos cromossomos e as seqüências do DNA que apoiem tal afirmação?", exige Orr."A resposta é que não temos nada. O que temos é uma história — há uma lógica darwinista inegável que apoia o assassinato de recém-nascidos em certas circunstâncias." E é esta lógica, mais do que provas factuais, que orienta a teoria: a história evolutiva soa persua-siva; a evolução requer genes; portanto, o comportamento é genético. "O movimento é tão fácil e tão sedutor", diz Orr,"que os psicólogos evolutivos se esquecem de uma dura verdade: uma história darwinista não é prova mendeliana. Uma história darwinista é uma história".[27]

A "lógica darwinista" é tão convincente que até o próprio Darwin foi levado por ela. Em *The Descent o/Man* (O Descendente do Homem), ele argumentou que o "assassinato de crianças prevalece em grandíssima escala por todo o mundo, e é encontrado sem repreensão". Na verdade, "pensa-se que o infanticídio, sobretudo de meninas, seja bom para a tribo".[28] Há mais de um século, Darwin já entendia aonde levaria a lógica da teoria.

A fraqueza fatal da psicologia evolutiva é que ela é tão elástica que pode explicar tudo. Dizem que a evolução explica por que mães matam seus recém-nascidos. Mas se perguntássemos por que a maioria das mães não os mata, a evolução também explicaria. Uma teoria que explica todos os fenômenos e também os seus opostos, na realidade não explica nada. É tão flexível que pode ser torcida para dizer qualquer coisa que os proponentes queiram.

O Tema *Animais* de Peter Singer

No passado, foram os cristãos que advertiram que a evolução darwinista acabaria destruindo a moralidade, reduzindo-a a padrões de comportamento escolhidos apenas por seu valor de sobrevivência. Naquela época, os evolucionistas respondiam com firmeza e confiança que livrar-se de Deus não poria em risco a moralidade, que "podemos ser bons sem Deus". Mas nos últimos anos, os próprios evolucionistas estão declarando abertamente que a teoria mina a base da moralidade.

Por exemplo, o biólogo William Provine, da Universidade Cornell, percorre o

circuito de conferências dizendo aos universitários que a revolução darwinista ainda está incompleta, porque até agora não adotamos todas as suas implicações morais e religiosas. Quais são essas implicações? Provine faz uma lista: "Não há fundação suprema para a ética, não há significado supremo para a vida e não há livre-arbítrio".[2]" Os psicólogos evolutivos estão completando a revolução darwinista, fazendo suas implicações totais. Eles estão ligando os pontos, mostrando o que o darwinismo consistente quer dizer para a moralidade.

Os resultados podem ser muito incompatíveis. Há alguns anos, os comentaristas conservadores levaram um susto coletivo, quando um professor universitário de Princeton publicou um artigo para apoiar — imaginem! — as relações sexuais entre seres humanos e animais. O professor chamava-se Peter Singer, já notório por seu apoio aos direitos dos animais. (Ainda não percebemos que tipo de direitos ele quis dizer.)

O artigo intitulava-se "Animais Grávidos", no qual Singer deixa claro que o seu verdadeiro objetivo é atacar a moralidade bíblica. Conforme ele escreve, no Ocidente temos a "tradição judaico-cristã" que ensina que "só os seres humanos são feitos à imagem de Deus". "Em Gênesis, Deus dá aos seres humanos o domínio sobre os animais." Mas Singer sustenta que a evolução refutou a narrativa bíblica: a evolução nos ensina que "somos animais", e a conseqüência é que "o sexo cruzando as barreiras das espécies [isso não é um eufemismo científico?] deixa de ser uma violação do nosso *status* e dignidade como seres humanos".[30]

Estes sentimentos não permanecem retidos cuidadosamente na área educacional, mas vazam para a cultura popular, onde causam impacto muito maior no público. Em 2002, a peça teatral da Broadway *A Cabra, ou: Quem É Sylvia?* apresentou um arquiteto bem-sucedido que confessa à esposa que ele se apaixonou por outra pessoa. O objeto do seu afeto era uma cabra chamada Sylvia.[31] Pelo visto, os dramaturgos já não sentem que há bastante tensão dramática em um caso amoroso comum; para criar mais dramaticidade, eles têm de vasculhar o tema da bestialidade.

A cultura é dirigida por um tipo de lógica: ela acaba expressando as conseqüências lógicas da cosmovisão dominante. Se a evolução é verdadeira, se há mesmo uma continuidade irrompível entre os seres humanos e os animais, então Singer tem razão absoluta sobre o que ele chama "sexo cruzando as barreiras das espécies".

Uma vez mais, todos os pontos se ligam à opinião que a pessoa tem das origens.

Em outro exemplo, há poucos anos uma música do grupo Bolldhound Gang subiu para a posição 17, no quadro das top 200 da Billboard. O refrão fácil de memorizar era repetido inúmeras vezes: Você e eu, baby, somos meros mamíferos; / então, vamos fazer sexo como eles fazem no Canal da Discovery. O vídeo mostrava os membros da banda fantasiados de macacos em posições sexuais grotescas.[32]

Nos anos quarenta, Alfred Kinsey, ferrenho darwinista, disse que a única fonte de normas sexuais para os seres humanos é o que os outros mamíferos fazem — seja o que for que se ajuste ao "padrão mamífero normal".[33] O que há meio século Kinsey declarou em jargão acadêmico, hoje surge em rimas musicais para adolescentes.

E não só adolescentes. Um amigo me disse que ouviu dois meninos cantando uma música a plenos pulmões, enquanto brincavam no parque. Quando se aproximou, entendeu as palavras: "Você e eu, baby, somos meros mamíferos..." Os meninos tinham cerca de oito anos.

Cultura Darwinizante

No passado, os cientistas sociais procuravam limitar as implicações da evolução

erguendo um muro entre a biologia e a cultura. Segundo diziam, a evolução criou o corpo humano, mas depois os seres humanos criaram a cultura que é independente da biologia.[34] Esta convicção proporcionou um apoio fundamental na defesa contra o determinismo biológico. Hoje, com o surgimento da psicologia evolutiva, esse muro está se esmigalhando. Os cientistas percebem que já não podem pôr limite arbitrário na lógica da evolução. A coerência exige que eles a apliquem a todas as áreas de estudo: religião, moralidade, política, tudo.

Como exemplo fascinante de mudança de perspectiva, consideremos a reviravolta dramática que Singer ocasionou no campo da sociobiologia. Quando a teoria apareceu, Singer assumiu ardente oposição. Como explicou mais tarde, a sociobiologia suscitou furor, porque era considerada um reavivamento do darwinismo social, com seu "sórdido determinismo biológico e direitista". O darwinismo social há muito subordinara a idéia da sobrevivência do mais adequado à busca implacável do interesse próprio; e parecia que a sociobiologia meramente substituíra o indivíduo egoísta pelo gene egoísta.[35]

No recente livro *A Darwinian Left* (Uma Esquerda Darwinista), Singer faz uma revogação espantosa, pressionando os liberais e os esquerdistas a aceitar a ramificação da sociobiologia: a psicologia evolutiva. A esquerda tem de "enfrentar o fato de que somos animais evoluídos", declara,"e que carregamos as provas de nossa herança, não só em nossa anatomia e no DNA, mas também em nosso comportamento."[36]

Pelo visto, Singer percebeu que é impossível limitar as implicações da evolução darwinista. Não há meio de isolar a política, ou a moralidade, ou seja o que for que nos interesse, e dizer:"Isto está imune às implicações da evolução". Assim que aceitamos a premissa darwinista, colocamo-nos sob a pressão lógica de sermos coerentes, aplicando-a a cada aspecto da cultura. Hoje, os psicólogos evolutivos publicam livros com títulos bem abrangentes, como *The Evolution of Culture* (A Evolução da Cultura) e

Danvinizing Culture (Cultura Darwinizante), nos quais sustentam que a cultura não pode mais ficar separada da biologia, pois é mero produto das forças evolutivas.[37]

Em outras palavras, os darwinistas estão ligando todos os pontos, seguindo o passado até chegar às origens. É por isso que seria melhor que os cristãos também ligassem os pontos. Se *eles* oferecem o "darwinismo universal", então é melhor que *nós* ofereçamos o "desígnio universal", mostrando que a teoria do desígnio proporciona apoio científico a uma cosmovisão cristã abrangente.

O Ácido Ataca de Novo

Considerando que a psicologia evolutiva leva a conclusões moralmente ultrajantes, por que está ganhando tamanha aceitação? A razão é que, para muitas pessoas, promete fornecer uma moralidade baseada no terreno firme da ciência, em vez de se escorar nos mitos da religião. Há uns vinte anos, o sociólogo Howard Kaye escreveu o que hoje é uma crítica clássica de sociobiologia. No texto, ele afirma que a sociobiologia é nada menos que teologia natural secularizada — o esforço de usar a natureza para justificar uma cosmovisão secular. A psicologia evolutiva emprega um processo de duas partes: primeiro, ridiculariza a moralidade tradicional reduzindo-a a egoísmo genético ("uma ilusão impingida a nós por nossos genes"); depois, se oferece para construir uma nova moralidade com toda a autoridade da ciência. Ao estender os princípios darwinistas do corpo para o comportamento, a psicologia evolutiva está afirmando que formas adaptativas de comportamento sobrevivem, ao passo que as formas mal-adaptativas são eliminadas pela seleção natural. [8]

Mas os exemplos que examinamos deixam bem claro que literalmente todos os

comportamentos hoje praticados têm o valor da sobrevivência. Afinal de contas, sobreviveram até chegar aos nossos dias. A evolução fracassa como guia moral, porque não fornece padrão para julgar as práticas existentes.

A falha de lógica na teoria é que ela é autodestrutiva. Pois se todas as nossas idéias são produtos da evolução, então a própria idéia da psicologia evolutiva também é. Como se dá com todos os outros construtos da mente humana, não é verdadeira, mas apenas útil para a sobrevivência. Daniel Dennett pode dizer que o darwinismo é um "ácido universal" que dissolve a religião e a ética tradicionais (como vimos num capítulo antecedente), porém é o cúmulo da racionalização tendenciosa presumir que o ácido dissolverá somente as opiniões das *outras* pessoas, deixando a sua intacta.[39] Assim que a possibilidade da verdade objetiva é solapada, então a evolução darwinista não pode ser objetivamente verdadeira.

Em certa ocasião, quando eu apresentava estas idéias numa faculdade cristã, um homem presente na audiência levantou a mão e disse: "Só tenho uma pergunta: 'Estas pessoas que pensam que todas as nossas idéias e crenças evoluíram... elas acham que as idéias delas evoluíram?'"

A audiência caiu na risada, pois é claro que o homem atingira o ponto crucial da questão em uma única e cativante pergunta. Se todas as idéias são produtos da evolução, não sendo de fato verdadeiras, mas apenas úteis, então a *própria* evolução também não é verdadeira. E por que deveríamos prestar atenção a isso?

Para usar terminologia filosófica, a declaração que mina a si mesma é causadora do próprio fracasso ou autoconcernentemente absurda. Outros exemplos são usar argumentos lógicos para refutar a validade da lógica; ou afirmar (em seu idioma materno) que você não sabe falar seu idioma materno; ou asseverar que não há absolutamente absolutos morais; ou dizer: "Meu irmão é filho único". Descobrir que uma filosofia é autoconcernentemente absurda é sinal certo de que, no fim das contas, é falha.

Dizendo aos Genes que Pulem no Lago

Outro modo de avaliar uma teoria é submetê-la a teste prático: Podemos viver por ela? Ela se ajusta à nossa experiência da natureza humana? Muitos proponentes da psicologia evolutiva admitem que é uma doutrina obscura com implicações repugnantes. Afinal de contas, se os seres humanos são nada mais que "máquinas de genes" ou "robôs" programados para portar-se de certo modo pela seleção natural, então o que acontece com a liberdade moral e a dignidade humana? Ironicamente, quando os psicólogos evolutivos atingem esse ponto, de forma súbita torcem as palavras e contradizem tudo que há pouco afirmaram. Exortam-nos a agir *contra* nossa programação genética, adotando ideais morais tradicionais de amor e altruísmo.

Nosso debate anterior sobre a visão da verdade em dois pavimentos nos ajuda a reconhecer a dinâmica que ocorre aqui. A medida que áreas da vida cada vez maiores são assimiladas no pavimento de baixo do determinismo darwinista, o único modo de defender o conceito de liberdade moral é pular para o pavimento de cima, sem importar se a teoria ficará autocontraditória e irracional.

Um exemplo importante é o livro *O Animal Moral,* onde Robert Wright começa com a premissa de que "nossos genes nos controlam"; que "todos somos máquinas, empurrados e puxados por forças [físicas]". Até nossas crenças mais nobres são produtos da seleção natural: "Cremos em coisas — moralidade, valor pessoal, verdade objetiva — que levam a comportamentos que entram em nossos genes na geração seguinte".As implicações de tudo isso são tão claras quanto perturbadoras: "O livre-arbítrio é uma ilusão", uma "ficção útil", parte de uma "cosmovisão obsoleta". O darwinismo até levanta a questão "do significado da

palavra *verdade".Todas* as afirmações da verdade "são, sob a luz darwinista, inflamadas lutas de poder". Wright não hesita em concluir que o darwinismo leva ao "cinismo" total.[4]"

E depois, ignorando tudo que acabou de dizer, ele dá um grande salto de fé, exortando-nos a trabalhar para "corrigir os preconceitos morais construídos em nós pela seleção natural "e praticar o ideal do "amor fraterno".[41] Mas se somos "máquinas" criadas por seleção natural, como podemos "corrigir" a força que nos criou?

Dawkins faz exposição semelhante de inconsistência atordoante em O *Gene Egoísta.* Repetidas vezes, ele insiste que os genes "nos criaram, corpo e mente"; que somos suas "máquinas sobreviventes"; meros "robôs" sofisticados construídos pelos genes para que estes se perpetuem. Contudo, ele incrivelmente torce o que diz e faz comovente declaração de independência de nossos mestres genéticos: "Temos o poder de desafiar os genes egoístas de nossa nascença", diz ele com floreio retórico. Embora sejamos "construídos como máquinas de genes, [...] temos o poder de contrariar nossos criadores. Nós, sozinhos na terra, podemos nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas".

Mas de onde veio este poder de rebelião? Como a máquina se levanta contra aquele que a criou? Como nós, Dawkins sabe por experiência própria que fazemos escolhas genuínas. Mas não há nada na psicologia evolutiva que explique este poder de escolha. Por isso, ele dá um salto de fé para chegar a uma conclusão de todo não comprovada por sua própria filosofia.

O que estes exemplos nos dizem é que a psicologia evolutiva fracassa no teste prático: ninguém pode viver por ela. Considerando que a experiência humana universal confirma a realidade da escolha moral, os psicólogos evolutivos não podem viver com base na teoria determinista que advogam. Tentam, mas quando a contradição entre a teoria e a vida fica por demais premente, eles de repente abandonam a teoria e proclamam que são autônomos do poder dos genes. Como escreveu Steven Pinker quando notou que suas escolhas contradiziam o imperativo genético: "Se meus genes não gostarem, que pulem no lago".[43]

Exemplo bastante humorístico surgiu quando o ex-presidente Bill Clinton estava em dificuldade por causa de suas"escapadinhas". Na época, se tornou de bom gosto oferecer explicações evolutivas ao seu comportamento, expressas em termos de "machos-alfa". Dawkins aderiu a essa prática, explicando que nossos antepassados evolucionários não eram monógamos (como os gansos do Canadá), mas formadores de harém (como as focas e as morsas). Nessa situação, todo macho que monopolizasse poder e riqueza, também monopolizaria as fêmeas, desta forma garantindo a sobrevivência dos seus genes. Por conseguinte, o comportamento de Clinton era mero resquício fossilizado de nosso passado genético.

Neste momento, Dawkins deu a impressão de ficar constrangido por oferecer uma desculpa genética à imoralidade. Assim, confidenciou aos leitores que ele mesmo fizera a "decisão pessoal não-darwinista" de ser "deliberadamente monógamo".[44] Mas pensemos nisso por um momento. Se de fato fomos programados por nossos genes pela seleção darwinista, como alguém pode tomar uma decisão "não-darwinista"? Na realidade, como alguém pode tomar decisões morais absolutamente livres? A noção de sermos livres para agir de modo não-darwinista é de todo irracional na cosmovisão darwinista.

A razão de as pessoas serem compelidas a dar um salto irracional é que, pouco importando em que acreditem, elas ainda são feitas à imagem de Deus. Mesmo quando rejeitam o testemunho da Bíblia, elas ainda enfrentam o testemunho constante de sua própria natureza humana. Em algum ponto, até os materialistas científicos mais inflexíveis descobrem que a característica humana resiste às implicações deterministas da cosmovisão

darwinista: que a natureza humana se recusa de maneira obstinada a ficar dentro dos parâmetros espasmódicos de qualquer filosofia mecanicista (o pavimento de baixo). Quando isso acontece, fazem uma declaração de independência do poder dos genes egoístas, e dão um salto de fé para um conceito tradicional de liberdade e responsabilidade moral (o pavimento de cima), embora tal procedimento não esteja devidamente comprovado em sua cosmovisão.[45]

E irônico que os críticos rejeitem o cristianismo tachando-o de irracional, mas que não exige um salto de fé irracional e autocontraditório.

Porque começa com um Deus pessoal, o cristianismo fornece uma cosmovisão consistente e unificada, que se mantém verdadeira *tanto* no reino natural *quanto* no reino espiritual e moral. A doutrina bíblica da imagem de Deus proporciona base sólida para a dignidade humana e a liberdade moral, base esta que é compatível com o testemunho vivo da experiência humana. Diferente dos psicólogos evolutivos, os cristãos vivem coerentemente com base em sua cosmovisão, porque ela se ajusta ao mundo real.

Mapas Mentais

Considerando que o salto de fé é endêmico na maneira como as pessoas pensam hoje, analisemos um exemplo final com mais detalhes. O tema do livro *A Darunnian Left* (Uma Esquerda Darwinista), de Singer, é que as pessoas ao longo do espectro político têm de aceitar uma narrativa darwinista da natureza humana. Contudo, ao final do livro, Singer contradiz tudo o que acabara de dizer, anunciando que a moralidade tem de estar baseada em um poder que transcende as forças darwinistas. Que poder é esse? A razão humana. De certo modo não explicado, a seleção natural nos fez "seres racionais", o que, paradoxalmente, nos permite transcender os impulsos instilados pela seleção natural. Segundo ele promete, desenvolveremos pela razão o altruísmo genuíno e não o mero pseudo-altruísmo da psicologia evolutiva (o egoísmo iluminado da seleção parental ou olho por olho)."Não sabemos", escreve ele com anelo,"até que ponto nossa capacidade de raciocinar [...] pode nos levar além das restrições darwinistas convencionais até chegarmos ao grau de altruísmo que a sociedade possa promover."[46]

Singer não explica esta capacidade inusitada que nos livra das "restrições darwinistas", ele apenas a tira da manga. No fim, espera que a razão "vença a atração dos outros elementos em nossa natureza evoluída", até que adotemos "a idéia de um interesse imparcial por todos os nossos semelhantes". Para esse fim, somos exortados a pensar em "desenvolver e fomentar de forma deliberada o altruísmo puro e desinteressado, algo que não tem lugar na natureza, algo que nunca existiu na história do mundo".[47]

Se isto não for um salto de fé, então não sei o que é. A razão é apresentada como capacidade misteriosa de criar algo novo, algo que nunca existiu, poderíamos dizer até *ex nihilo.* Este poder divino nos capacita a subir acima de nossas origens evolutivas. Aqui, a razão é tratada muito mais que um instrumento funcional: é nada menos que o meio de alcançar liberdade — liberdade metafísica e moral. "Em um futuro mais distante que mal podemos vislumbrar", Singer escreve, o conhecimento científico "virá a ser o requisito prévio para um novo tipo de liberdade."[48]

Tradução: Singer não encontra base para a moralidade e o altruísmo na cosmovisão darwinista no pavimento de baixo. Por isso, ele dá um salto a um hipotético reino do pavimento de cima, muito além das restrições de "nossa natureza evoluída". De alguma maneira, o processo evolutivo produz um poder que nos liberta do processo evolutivo. Singer soltou a humanidade de sua âncora darwinista na biologia, e a libertou para planar a alturas vertiginosas. Mas sua filosofia é deixada para trás no emaranhado de contradições

desesperadoras.

Dar um salto de fé é indicação segura de que a filosofia que o indivíduo advoga não explica a natureza humana *quando ele a experimenta.* Quando sua cosmovisão aponta para uma direção, ao passo que sua experiência vivida aponta para outra, ele não consegue viver coerentemente com base em sua cosmovisão professa.

Este é, por sua vez, indicador seguro de que a própria cosmovisão é defeituosa. Afinal, uma cosmovisão é um mapa mental do *mundo.* Se o mapa for exato, permite que nos orientemos na realidade com eficiência. Temos, por exemplo, um mapa mental de nosso quarto. Por isso, quando chegamos em casa à noite e entramos no quarto às escuras, não batemos ou tropeçamos nos móveis. Mas se formos passar a noite em lugar desconhecido, na mesma conjuntura estamos sujeitos a bater no canto da cama ou o nariz na mobília. Nosso mapa mental do lugar ainda não é exato; não se ajusta à realidade. E assim ficamos batendo contra a realidade de modo doloroso.

Justamente por isso, se nossa cosmovisão não se ajustar à realidade maior que estamos tentando explicar, então em algum ponto descobriremos que não podemos segui-la — que não é um guia praticável para nos orientarmos no mundo. C. S. Lewis escreveu: "O cristão e o materialista defendem crenças diferentes sobre o universo. Os dois não podem estar certos. Aquele que estiver errado agirá de certo modo não ajustável ao universo real".[w] E por isso que é tremenda crítica da psicologia evolutiva destacar que os proponentes não podem viver de maneira coerente com base em sua própria teoria. Porque agem de modo que não se ajustam ao universo real", em algum ponto, eles se chocam contra a realidade. E quando descobrem que as conseqüências são muito dolorosas, eles dizem aos genes que pulem no lago para que possam dar um salto ao pavimento de cima, onde, de modo subjetivo, os valores humanos ainda podem ser afirmados.

Cuidado com Cientistas que Usam Valores

O surgimento da psicologia evolutiva deixa claro que o debate acerca do darwinismo não é apenas sobre fatos científicos, mas sobre cosmovisões contraditórias — os mapas mentais que usamos para nos orientar no mundo. "A revolução darwinista não foi mera substituição de uma teoria científica por outra", escreveu o zoólogo Ernst Mayr."Foi a substituição de uma cosmovisão, em que o sobrenatural era aceito como princípio explicativo normal e pertinente, por uma *nova cosmovisão,* em que não havia lugar para forças sobrenaturais."[3]" Conflitos de cosmovisão são muitíssimo importantes para deixar que os cientistas deliberem a respeito.Todos precisamos entender o debate acerca da evolução darwinista e estar preparados para discuti-la com nossa família e vizinhos, e no cenário público. E nada menos que um debate sobre como devemos organizar nossa vida pessoal e nossa vida comunitária — e os riscos são na realidade muito altos.

Se o darwinismo for verdadeiro, então a religião e a moralidade são nada mais que crenças irracionais do pavimento de cima que habitam o reino dos *valores* em lugar do reino dos *fatos.* Por vezes, nos garantem que esta não é uma coisa ruim, porque, afinal de contas, a subjetividade do reino dos *valores* o torna imune ao escrutínio racional. A propaganda de marketing é bastante sedutora: Os naturalistas científicos dizem que reconhecerão que há certos sentimentos morais e religiosos que a ciência não consegue explicar, se, por sua vez, a teologia concordar em não se intrometer nos domínios investigados pela ciência. Em outras palavras, se os cristãos renunciarem todas as afirmações em prol da verdade objetiva, então eles ganhariam um espaço em que suas crenças estariam protegidas da crítica.

Mas ficou evidente que tal barganha oferece uma falsa segurança. É tão grande o imperialismo intelectual da evolução naturalista que não deixa o reino dos *valores* em paz. A

psicologia evolutiva está invadindo temerariamente o território dos valores e reivindicando posse de áreas da ciência outrora proibidas, procurando explicar o comportamento moral, as relações humanas, os costumes culturais e, claro, até a religião, como produtos da seleção natural. Um recente livro de Dawkins denuncia a religião como um vírus da mente — uma"infecção maligna" que invade a mente como um vírus de computador.[51] Lógico que o reino dos *fatos* está montando cerco permanente no reino dos *valores.*

É por isso que é perigoso engajar-se em barganha cognitiva que relegue o cristianismo ao reino dos *valores. A* mente humana tem um impulso natural por unidade e consistência, e para os darwinistas, isso significa arrastar tudo para o pavimento de baixo, de forma que a evolução se torne um sistema unificado e holístico. O único meio de opor-se a esse sistema é mostrar que o cristianismo é igualmente holístico. Não é um salto irracional ao pavimento de cima, mas uma verdade abrangente que satisfaz a fome humana de cosmovisão consistente e envolvente. Como cristãos, temos de deixar claro que não estamos oferecendo uma crença subjetiva e particular, que é imune ao escrutínio racional. Estamos fazendo declarações cognitivas sobre conhecimento objetivo que podem ser defendidas no cenário público.

O Dilema de Leo Strauss

A concepção histórico-cristã da moralidade baseia-se em uma declaração cognitiva sobre a natureza humana. Afirma que os seres humanos foram designados para um propósito — ser conformados a ideais espirituais de santidade e perfeição, de forma a viver em amor com Deus e os semelhantes. As regras morais são as instruções que nos dizem como cumprir esses ideais, atingir essa meta, viver de acordo com esse propósito divino. Na queda, saímos do caminho; mas, na salvação, Deus nos repõe de volta ao curso e nos capacita a retomar a viagem para desenvolver nossa plena humanidade, ser o povo que Ele originalmente designou que fôssemos. Usando um termo técnico, a moralidade cristã é *teleológka,* baseada no conceito de progresso humano visando ao propósito ou ideal *(telos)* para o qual fomos projetados.

Sob o regime darwinista, o próprio conceito de propósito ou teleologia está sob ataque. Pois se o mundo não foi feito por desígnio, então não pode haver desígnio ou significado para a vida humana. A moralidade é reduzida a um produto da biologia, uma expressão de nossos desejos e impulsos subjetivos, programados em nós pela seleção natural. É por isso que o filósofo político, Leo Strauss, disse que "o dilema fundamental" em determinar uma base moral para a vida pública de hoje "é causado pela vitória da ciência natural moderna". Pois "a visão teleológica do universo, da qual faz parte a visão teleológica do homem, teria a impressão de ter sido destruída pela ciência natural moderna".

Exatamente. Se a evolução estiver correta em retratar um mundo sem propósito, então a concepção teleológica tradicional da moralidade não pode ser sustentada. (Para mais informações sobre este assunto, ver Apêndice 3.) Strauss tomou a evolução darwinista como fato irrefutável, e jrocurou trabalhar em torno disso fundamentando a moralidade no reino Jos ideais platônicos. Mas não foi "solução adequada para o problema", como ele mesmo reconheceu, porque insinuava uma visão de conheci-íento em dois pavimentos — o "dualismo fundamental e tipicamente íoderno de uma ciência não teleológica natural" (no pavimento de bai-to), com "uma ciência teleológica do homem" (no pavimento de cima).[52] A mensagem libertadora da teoria do desígnio é que não temos de aceitar a evolução darwinista como fato irrefutável, nem nos resignar ao "dualismo fundamental e tipicamente moderno". Como vimos no capítulo anterior, o desígnio e o propósito tornaram-se mais uma vez conceitos nucleares para explicar a própria natureza no mundo orgânico (a célula e o

DNA) e no mundo físico (a afinação perfeita do universo). A teoria do desígnio fornece a base científica para a recuperação de uma cosmovisão holística e teleológica. Ela nos liberta do dualismo moderno, tornando racional outra vez falar de moralidade como forma de conhecimento objetivo.

Darwinistas Nascidos de Novo

O impacto destrutivo da cosmovisão darwinista na religião e na moralidade se tornou tão comum que raramente se registra como notícia. Por exemplo, quando apareceu em minha escrivaninha outro artigo falando sobre alguém que confrontou a exclusão de ateus e homossexuais do escotismo, quase o pus de lado sem ler. Porém, um pequeno detalhe atraiu minha atenção. Tratava-se de um escoteiro que estava sendo ameaçado de expulsão, porque era ateu e contra o lema do escotismo. A frase importante que me chamou a atenção foi:"0 jovem, de dezenove anos,'é ateu desde que estudou evolução nas últimas séries do Ensino Fundamental'"."[3] O fato foi informado como se fosse perfeitamente normal, até rotineiro, os estudantes perderem a fé religiosa quando ficam sabendo da

Iteoria da evolução em aulas de ciências. Pode-se admitir que o padrão é dolorosamente comum. "Na última série do Ensino Médio aceitei a Jesus como meu Salvador e me tornei cristão nascido de novo", diz certo escritor."Eu tinha encontrado a única religião verdadeira, e era meu dever — na verdade, meu prazer — contar aos outros sobre isso, inclusive a meus pais, irmãos e irmãs, amigos e estranhos."[54] Mas a crença religiosa deste jovem não sobreviveu a um encontro sério com a teoria evolutiva: ele passou por uma "desconversão na escola de pós-graduação seis anos depois de estudar biologia evolutiva".[33] Quem é o escritor? Michael Shermer, diretor da Sociedade de Céticos e editor da revista *Skeptic* (Cético). Hoje, Shermer faz a indústria caseira de ridicularizar o cristianismo, defendendo o darwinismo contra os teoristas do desígnio.

Outro ateu de destaque conta história semelhante. "Eu era cristão renascido. Quando tinha quinze anos, adentrei a Igreja Batista com grande fervor e interesse pela religião fundamentalista." Mas o fervor religioso não sobreviveu à confrontação com a evolução. "Deixei [a igreja] com dezessete anos, quando fui para a Universidade do Alabama e tomei conhecimento da teoria evolutiva."[36] O encontro foi nada menos que uma "epifania"."Fiquei encantado, não podia deixar de pensar nas implicações que a evolução tem [...] em praticamente tudo."[57] Quem é ele? E. O. Wilson, professor de Harvard e fundador da sociobiologia. Conforme afirma, depois de perder a fé cristã, a ciência se tornou o alvo dos seus desejos religiosos. Seus esforços visavam a canalizar o poder da religião a serviço do materialismo.A religião "tinha de ser explicada como processo material, de baixo para cima, dos átomos para os genes, dos genes para o espírito humano. Tinha de ser adotada por uma única grande imagem naturalista do homem".[58]

A Cozinha como Sala de Aula

Esta é a motivação metafísica que impulsionou a sociobiologia, e que hoje impulsiona seu descendente, a psicologia evolutiva: o desejo de elaborar "uma única grande imagem naturalista do homem". Como disse Abraham Kuyper, o único meio de nos postarmos contra tal cosmovisão naturalista abrangente é articular uma cosmovisão cristã "de poder igualmente abrangente e de longo alcance".[39] Temos de preparar os jovens *antes* de irem para a faculdade, ensinando-os que o cristianismo não é apenas verdade religiosa, mas a verdade sobre toda a realidade. É a verdade absoluta.

Um dos exemplos mais inspiradores que conheci foi meu avô, Oswald Overn. Com cinco filhos inquietos de idades próximas, ele estava determinado a prepará-los para

defender a fé no mundo lá fora. Assim, durante a noite transformou a mesa de jantar em sala de aula — um lugar para ensino e debate sério.

"Meu pai levava livros e artigos à mesa de jantar, para lê-los e debatê-los conosco", recorda meu tio Bill Overn."Ele nos ensinou latim, física, matemática. Também nos fez memorizar os credos, o catecismo luterano e passagens da Bíblia."

Na realidade, foi assim que todos os seus cinco filhos aprenderam a ler: "Líamos uma passagem bíblica passando o texto pela mesa, e todos, do mais velho ao mais novo, tinham de ler os versículos designados".

Ele também criou oportunidades para debates particulares.

"Meu pai levava um dos filhos consigo quando ia à cidade, ocasião em que sempre expunha algum tópico", diz Bill."Era uma caminhada de uns cinco quilômetros até a cidade, e ele aproveitava cada minuto."

Como físico, meu avô sempre estava atualizado em ciências, e era habitual levar recortes das últimas notícias de ciência à mesa do jantar para o debate. Ele ensinou os filhos a opor-se às provas-padrão da evolução, de forma que quando Bill ingressou na faculdade para estudar física, seguindo os passos do pai, ele estava muito bem fundamentado em apologética e sabia a fundo que a fé cristã era intelectualmente defensável.[60]

A menos que possamos dar aos nossos filhos esse mesmo nível de confiança, eles não sobreviverão à guerra cognitiva que enfrentam no mundo secular de hoje. Os psicólogos evolutivos, com as aplicações espalhafatosas e descaradas do darwinismo, são a tropa de choque da evolução. Contudo, também há um impacto mais sutil do darwinismo no pensamento mundial. É precisamente por ser sutil que é mais influente e, portanto, mais perigoso. No próximo capítulo, o levarei, por assim dizer, para trás dos bastidores a fim de mostrar como o darwinismo influenciou a mente americana em nível mais profundo, chegando a remodelar as instituições sociais, educacionais e legais dos Estados Unidos. Se os cristãos querem falar com eficiência à cultura moderna, precisam diagnosticar o modo como estas idéias reverberaram muito além das ciências.

8
Os Darwins da Mente

Querem nos fazer crer que tudo girava de maneira aleatória,
até que acidentalmente chocou-se cora a mente...
Robert Frost[1]

O impacto de Darwin na cosmovisão ocorreu-me um dia em que eu estava ensinando meu filho. Uma das alegrias de ensinar os próprios filhos é que temos a chance de ler todos os livros maravilhosos que não pudemos ler na infância. Quando Dieter cursava as últimas séries do Ensino Médio, líamos juntos biografias de pessoas famosas, inclusive a de Joseph Stálin. De repente, encontrei um diálogo surpreendente dos dias em que o jovem Stálin era seminarista e estudava para ser sacerdote da Igreja Ortodoxa Russa. Como relata um dos seus amigos, eles discutiam religião:

Joseph deixou que eu acabasse de falar e, após um momento de silêncio, disse:

— Eles estão nos enganando, não há Deus. [...] Fiquei surpreso com estas palavras. Nunca ouvira nada disso antes.

— Como você pode dizer essas coisas, Soso? — exclamei. —Vou lhe emprestar um livro que lhe mostrará que o mundo e todas as coisas vivas são bastante diferentes do que você imagina, e que toda essa conversa sobre Deus é pura tolice — disse Joseph.

— Que livro é esse? — indaguei.

— Darwin.Você tem de lê-lo —Joseph me convenceu.

Todos sabemos o que aconteceu depois: tendo se tornado ateu, Stálin se pôs a assassinar de forma literal milhões de pessoas do seu próprio povo no empenho de construir um estado oficialmente ateísta.

Aqui no Ocidente, o impacto do darwinismo foi mais sutil. Mesmo assim, tem efeitos bem mais profundos do que imaginamos. Nos anos cinqüenta, um grupo de estudiosos produziu um grosso volume intitulado *Evolutionary Thought in America* (O Pensamento Evolucionário nos Estados Unidos), onde apresenta um exame minucioso sobre seu impacto nos campos de estudo. O livro tem capítulos sobre a influência da evolução na sociologia, psicologia, economia, pensamento político, teoria moral, teologia e literatura. A simples leitura do sumário já deixa claro o impacto amplíssimo que o darwinismo causou em quase todo campo de estudo. É impossível entender os Estados Unidos do século XX, a menos que entendamos as implicações do pensamento evolutivo.

Na realidade, em fins do século XIX, quando o darwinismo cruzou o Atlântico, foi recebido em solo americano por um grupo de estudiosos que, baseado nesse sistema, fundaram uma escola filosófica. A escola chamava-se pragmatismo filosófico, e sua suposição nuclear era que se a *vida* evoluiu, então a *mente* humana também evoluiu. Portanto, todas as ciências humanas tinham de ser reconstruídas com base nessa escola: a psicologia, a educação, o direito e a teologia. O pragmatismo é a única filosofia "elaborada nacionalmente" pelos Estados Unidos (quase todas as outras foram importadas da Europa), e só por isso já foi muito influente. Fazendo um exame mais detido no pragmatismo filosófico, teremos um excelente meio de entender como o darwinismo alterou o modo como os americanos pensam e conheceremos a própria estrutura das instituições sociais americanas.

Holmes Perde a Fé

As figuras centrais no desenvolvimento do pragmatismo filosófico foram John Dewey,William James, Charles Sanders Peirce e Oliver Wendell Holmes Júnior. A meta

deles era expandir o naturalismo darwinista para compor uma cosmovisão completa que rivalizasse a religião tradicional. Como explica certo historiador, os pragmatistas "buscaram meios de preservar alguns dos valores nucleares da religião mais antiga", não retendo nada da verdadeira *essência* da religião, mas encontrando "versões ricas e inspiradoras do naturalismo para substituí-la". Quer dizer, transformando o próprio naturalismo darwinista em uma filosofia abrangente que satisfizesse a necessidade de dar sentido à vida.

As crenças nucleares dos pragmatistas podem ser ilustradas de modo dramático na odisséia pessoal de Oliver Wendell Holmes Júnior. Como estudante de Harvard antes da guerra civil, Holmes mantinha as visões religiosas de costume. Uniu-se a um grupo de estudantes chamado União

Cristã, e escreveu composições escolares com temas como "as relações do homem com Deus" e a necessidade de fundamentar a moralidade em idéias "na mente do Criador", e não sobre conceitos humanos arbitrários.[6] Mais tarde, envolveu-se profundamente na causa abolicionista. Quando estourou a guerra, arriscou a formação universitária abandonando a faculdade pouco antes de se formar para alistar-se na Milícia de Massachusetts.

Mas os horrores da guerra foram quase demais para Holmes — o sangue, o caos e os corpos mortos e feridos espalhados por todos os lados. Viu muitos dos seus amigos morrerem, e foi ferido três vezes. Na terceira vez, foi atingido no pé e esperava que este fosse amputado o mais rápido possível para receber baixa do exército. Foi por esse motivo que ele veio a odiar a guerra.

Em algum ponto no meio de tudo isso começou a perder a fé cristã, processo que atingiu uma crise na primeira vez que foi ferido. Sangrando profusamente, a equipe do hospital lhe disse que ele poderia morrer. Deitado em um hospital de campanha improvisado, com soldados morrendo por todos os lados, Holmes reexaminou suas crenças pessoais — ou antes, nessa época, sua falta de crenças pessoais. Ocorreu-lhe convincentemente, como escreveu mais tarde, que "o voto majoritário do mundo civilizado declarou que, com minhas opiniões, eu estava a caminho do inferno"— e ele estava apavorado. Deveria passar por uma conversão no leito de morte? Ao revisar as opções, resolveu que não, pressentindo que a conversão seria "nada mais que um modo covarde de entregar-se ao medo". Por isso, determinou adotar o credo bastante simplista:"Seja o que for que aconteça, será o melhor". E numa oração sussurrada, disse:"Deus, me perdoa se errei", e adormeceu.

Holmes fora para a guerra por causa de suas crenças morais (abolicionismo), mas voltou para casa um cético moral. "A guerra fez mais que fazê-lo perder essas crenças", escreve certo historiador."Fez com que ele perdesse a crença nas crenças." Ou seja, ele saiu da experiência relativa à guerra com a firme convicção de que firmes convicções só levam a conflitos e violência. Enquanto se recuperava da terceira ferida de guerra, começou a ler livros de Herbert Spencer, o divulgador de grande influência do darwinismo social, e tornou-se darwinista convicto. Dali em diante, passou a afirmar que a evolução se aplica a organismos físicos e também à esfera das crenças e convicções. Conforme escreveu, os grandes e sublimes princípios que moldaram as civilizações não foram as verdades transcendentes, mas as verdades que venceram a "luta pela vida entre as idéias concorrentes". Estes se tornariam os ensinos nucleares do pragmatismo filosófico.

A Nova Lógica de Darwin

Em seu cerne, o pragmatismo é uma visão darwinista de conhecimento (epistemologia). Os pragmatistas perguntaram: O que significa o naturalismo darwinista

para o modo como entendemos a mente humana? E responderam: Significa que a mente nada mais é que parte da natureza. Eles rejeitaram a visão mais antiga que dizia que a mente humana é *transcendente* à matéria, a favor da visão darwinista de que a mente é *produzida* pela matéria.

Em um único golpe, esta suposição arruinou as formas tradicionais e liberais do teísmo. Por quê? Porque ambas as formas tornam a mente anterior à matéria. Na teologia tradicional, um Deus transcendente cria o mundo de acordo com seu desígnio e propósito; na teologia liberal, uma deidade imanente exterioriza seus propósitos pelo desenvolvimento histórico do mundo. De qualquer modo, a mente precede a matéria, moldando e dirigindo o desenvolvimento do mundo material.

Darwin inverteu essa ordem: Na sua teoria, a mente emerge muito tarde na história evolutiva, como produto de forças puramente naturais. A mente não é uma força fundamental e criativa no universo, mas apenas um subproduto evolutivo. Em suma, Darwin "naturalizou" a mente.

Para os pragmatistas, esta naturalização da mente foi o impacto mais revolucionário da teoria darwinista. Dava a entender que as funções mentais são meras adaptações para solucionar problemas no ambiente. As idéias se originam como mutações do acaso no cérebro, análogo às variações do acaso de Darwin na natureza. E as idéias que ficam por aí e se tornam crenças firmes são as que nos ajudam a adaptar o ambiente — uma espécie de seleção natural mental. Os conceitos e crenças se desenvolvem como ferramentas de sobrevivência, não diferentes dos dentes dos leões ou das garras das águias.

John Dewey escreveu uma composição famosa chamada "A Influência de Darwin na Filosofia", na qual disse que o darwinismo nos dá uma "nova lógica para aplicarmos à mente, à moralidade e à vida". Nesta nova lógica evolutiva, as idéias são nada mais que ferramentas mentais para fazer com que as coisas sejam feitas. Não resolvemos se uma ferramenta é boa avaliando-a de acordo com um ideal transcendente e eterno; nós a testamos pelo sucesso em cumprir sua função, até que ponto funciona ao enfrentar o ambiente. Como disse Dewey, se um garfo serve, vamos em frente e o usamos. Se estamos tomando sopa e o garfo não serve, não nos ocupamos com disquisições filosóficas sobre a "natureza" essencial dos garfos; simplesmente vamos buscar uma colher. "

O Valor Disponível de uma Idéia

Os pragmatistas foram bastante influenciados pelos psicólogos experimentais dos seus dias, que estavam engajados no projeto semelhante de aplicar o darwinismo à mente. Pela maior parte do século XIX, a psicologia fora entendida como ciência da alma, e seu método era a introspecção — o exame de consciência. Mas a nova abordagem experimental era behaviorista, que afirmava que a mente só podia ser conhecida pelas ações externas do corpo para poder ser observada e medida. Essas idéias reforçaram a visão dos pragmatistas de que a mente não é substância espiritual distinta, mas somente parte da natureza.

Por exemplo, William James ficou muito impressionado com o trabalho laboratorial de um dos seus alunos, Edward Thorndike, que pôs galinhas e outros animais mansos em caixas, mediu quanto tempo levavam para aprender a apertar uma alavanca que abria uma portinhola e, assim, conseguir comida. Aprendemos isso no curso básico de psicologia. Com o passar do tempo, as galinhas aprenderam a apertar a alavanca no momento em que estivessem na caixa. O padrão ficara gravado na mente. James chegou à conclusão de que as idéias eram gravadas na mente humana do mesmo modo. Se acreditamos que algo produz resultados — se isso nos dá a "comida" que queremos —, então, com o passar do tempo, essa crença é gravada em nossa mente. Em sua frase famosa, a verdade é o "dinheiro

disponível" de uma idéia: se podemos sacar, então dizemos que é verdadeiro.

Em suma, as crenças não são reflexos da realidade, mas regras de ação. Peirce gostava de dizer que as crenças são um tipo de predição — uma aposta. Quando dizemos que algo é verdadeiro, estamos somente predizendo que se executarmos certa ação conseguiremos certa reação. O modelo para esta definição era o conhecimento científico: se dizemos que o quartzo é duro, queremos dizer que não vai ficar arranhado se o esfregarmos com madeira, cortiça ou plástico. Dado o significado da palavra *duro,* podemos predizer o resultado de várias operações em um pedaço de quartzo. Para Peirce, uma crença bem-sucedida é mera aposta ganha.

Para entendermos como isso era revolucionário, temos de perceber que até essa época a teoria de conhecimento dominante era baseada na doutrina bíblica da imagem de Deus. É porque a razão humana reflete a razão divina que confiamos que o conhecimento humano é em geral digno de confiança. Deus criou nossa mente para "ajustar-se" ao universo que Ele fez para nós habitarmos; e quando nossas faculdades cognitivas funcionam adequadamente, têm o desígnio de nos dar conhecimento genuíno. Mesmo os pensadores que agiram fora da esfera da teologia cristã tradicional retiveram a suposição filosófica de que a mente humana é semelhante a uma Mente superior, uma Mente absoluta, como garantia do conhecimento humano.

Entretanto, os pragmatistas enfrentaram de maneira honesta as implicações da evolução: Disseram que se forças naturais aleatórias, e não guiadas, produziram a mente, então não faz sentido perguntar se nossas idéias refletem a realidade. As idéias são mera estratégia mental de sobrevivência; continuações da luta pela existência por outros meios.'"A verdade' é apenas o expediente do modo de nosso pensamento", escreveu James, "da mesma maneira que'o certo' é apenas o expediente do modo de nosso comportamento."

O que a Religião Vale para Você?

James foi tolerante para com as crenças religiosas, pelo menos mais que outros pragmatistas. Seu pai se convertera ao cristianismo durante o segundo grande reavivamento, e depois se convertera tanto quanto entusi-asticamente ao swedenborgianismo, com o resultado que James quase nunca se livrou por completo da consciência do reino espiritual. Sua opinião era que se a religião dá um senso de felicidade e significado, então é "verda-deiro". Nas suas palavras: "Se a hipótese de Deus funciona de forma satisfatória no mais amplo sentido da palavra, então é verdadeira".

A verdade existe, pelo menos para o indivíduo que acredita nela. James era, talvez, o mais bem apessoado dos pragmatistas — charmoso, criativo, emocionalmente expansivo e totalmente insano para seus colegas, em virtude do seu individualismo extremo. Todos os outros pragmatistas advogavam que conhecimento é uma construção social; os indivíduos não criam conhecimento, os grupos criam. Em contrapartida, James estava inclinado a deixar que cada indivíduo resolvesse o que "funciona satisfatoriamente" para si, e depois crer de acordo.

Em alguns trechos, James dava a impressão de dizer que todo sistema de pensamento, científico ou religioso, é "verdadeiro", à medida que satisfaz as necessidades do indivíduo. Conforme escreveu, presenteados com I urn mundo complexo, é lógico que os seres humanos fiquem imaginando qual é a natureza básica desse mundo:"A ciência diz moléculas.A religião diz Deus". Como resolvemos qual declaração é verdadeira? Por um lado, respondeu James, "a ciência pode fazer certas coisas por nós". (Com isso, ! ele quis dizer que o raciocínio científico nos capacita a "deduzir e explicar" acontecimentos.) Por outro lado, "Deus pode fazer outras coisas por nós". (A religião pode nos "inspirar e

consolar".) A pergunta que cada indivíduo tem de fazer é: "Quais coisas valem mais?" Seja o que for a resposta, essa é a nossa verdade.

James estava brincando com idéias que hoje chamamos de pós-modernas, e provocou ardente repreensão do filósofo britânico Bertrand Russell. A defesa pragmática que James faz da religião "omite, por julgar sem importância, a questão se Deus de fato está no seu céu", contestou Russell; "se Ele é uma hipótese útil, basta". Que quadro de referência ridiculamente estreito, disse ele com irritação. Os pragmatistas agem como se tudo que importasse fosse o efeito que as idéias causam "nas criaturas que habitam nosso planeta insignificante"." Russell mostrou claramente que as crenças podem ser úteis e, mesmo assim, falsas; por isso é realmente importante determinar se uma religião é verdadeira, e não apenas se nos faz sentir bem.

Lógico que há um núcleo de verdade no pragmatismo. Se um sistema de crença for verdadeiro, então deve funcionar no real mundo, como discutimos no capítulo anterior. Um dos modos de confirmar uma declaração da verdade é submetê-la ao teste prático. Mas o sucesso pragmático não torna uma declaração verdadeira. Como se dá com todos os "ismos", o pragmatismo firma-se em um aspecto da realidade e o eleva a um sistema que reduz tudo o mais a uma única dimensão.

Dureza *versus* Brandura

Para entendermos uma filosofia, é crucial perguntarmos que questão as pessoas estavam tentando responder. O problema que os pragmatistas desejavam resolver era a divisão do conhecimento que infestou o pensamento ocidental durante séculos. Eles queriam acabar com a lacuna entre fato e valor — fundir o pavimento de baixo e o de cima — e ocasionar a reunificação do conhecimento.

Relembremos o esboço conciso apresentado no Capítulo 3: Quando a dicotomia de dois pavimentos foi secularizada, o pavimento de baixo estava ocupado pelo Iluminismo, e o de cima, pelo Romantismo. O que significavam estas categorias em fins do século XIX? No pavimento de baixo, o Iluminismo dera origem ao empirismo britânico e utilitarismo. A sociedade foi reduzida a um grupo de indivíduos que permanecia junto por simples escolha (atomismo). E os indivíduos, por sua vez, foram reduzidos a mecanismos complexos.

Enquanto isso, o pavimento de cima foi assumido pelo idealismo romântico. Aqui, estamos falando sobre pessoas como Hegel, que ensinou que o mundo material é o trabalho externo de um Espírito Absoluto, ou Mente, ou Deus. O Romantismo era veementemente oposto ao Iluminismo: em contraste com o utilitarismo, apoiava o idealismo moral. Em vez do atomismo, oferecia o holismo. Em vez do reducionismo físico, afirmava a realidade do Espírito.

Este dualismo está espelhado no conjunto de estudos universitário, na divisão entre as áreas científicas e humanas. Quando as ciências foram dominadas pelo naturalismo filosófico, as ciências humanas adotaram o idealismo filosófico e o historicismo (o Absoluto se exterioriza com o passar do tempo pelo processo histórico).

A verdade em dois pavimentos ocasionou uma divisão entre os campos de estudo universitário:

AS ARTES E AS CIÊNCIAS HUMANAS
Idealismo Filosófico

AS CIÊNCIAS
Naturalismo Filosófico

Em fins do século XIX, estes dois fluxos contraditórios estavam em tensa oposição mútua. Nem era apenas um problema acadêmico. Os dois quadros contraditórios da realidade foram sentidos por pessoas afeitas à reflexão, vendo a agonia da divisão interna e a tensão dolorosa que clamava por solução. Este era o dilema existencial que impulsionava os pragmatistas, sobretudo Dewey e James.

"A condenação do dualismo feita por Dewey era a característica central de sua filosofia", diz certo filósofo;"ele atacou vigorosamente isso em quase tudo que escreveu"." Dewey remontou a dicotomia às origens do dualismo forma/matéria dos gregos antigos (da mesma maneira que fizemos no Capítulo 2). Depois, ofereceu o pragmatismo como meio termo, um modo mediano que venceria a dicotomia que enterrou o naturalismo no pavimento de baixo contra o idealismo no pavimento de cima.

William James sentiu o conflito interno até com mais intensidade. Ele era particularmente sensível ao imperialismo da ciência no pavimento de baixo. Ainda que respeitasse a ciência legítima, James menosprezava o que via como filosofia naturalista agressiva mascarada de ciência que levava ao "determinismo, ateísmo e cinismo". Destruiu o *status* objetivo dos valores, levando os alunos ao desespero agnóstico (aqui,James falou de experiência pessoal dolorosa). Pego no conflito, ele caiu em profunda depressão, que, no fim, precipitou o que ele descreveu como um "colapso".

Mais tardejames descreveria que sua crise espiritual era a tensão entre os de mente dura (que se preocupam apenas com ciência e fatos) e os de mente branda (que anseiam por significado e valores). Os pragmatistas esperavam que sua própria filosofia acabasse com as diferenças:"Você quer um sistema que combine ambas as coisas: a lealdade científica aos fatos, [...] mas também a velha confiança nos valores humanos", escreveu James. As duas coisas ficaram "desesperadamente distintas", mas "ofereço algo esquisitamente chamado de pragmatismo como filosofia que satisfaz ambos os tipos de demanda".

Os Discípulos de Darwin

Como os pragmatistas esperavam realizar esta reunificação de conhecimento? Pegando um pouco de cada um dos dois fluxos contraditórios de pensamento e combinando-os. Do idealismo romântico (o pavimento de cima), os pragmatistas tomaram o historicismo — a definição de idéias como produtos do direito consuetudinário em evolução. Pois se a realidade era o desdobramento de uma Mente Absoluta, então tudo estava em processo de constante mudança e evolução — não só os seres vivos, mas também as culturas, os costumes e os conceitos.

Do empirismo britânico (o pavimento de baixo), os pragmatistas tomaram o instrumentalismo — a definição de idéias como ferramentas para atingir metas sociais. Combinando estas duas abordagens, os pragmatistas transformaram o historicismo de Hegel, passando de um processo *espiritual* a um processo inteiramente *naturalista.*

Em conseqüência disso, nunca tiveram sucesso em combinar *fato* e *valor,* mas só ofereceram um novo sabor de naturalismo. O modelo para a estratégia foi Darwin, que realizara praticamente a mesma fusão das duas tradições filosóficas na biologia.A teoria da

evolução proposta por Darwin era, em parte, produto do historicismo romântico aplicado à biologia (não há essência estável; tudo está em fluxo constante). Mas sendo bom empírico britânico, ele deu ao processo evolutivo um mecanismo de todo materialista. Em outras palavras, ele combinou o historicismo com o naturalismo. Como disse certo historiador: "Darwin deu a Hegel a respeitabilidade da ciência"." E exatamente o que os pragmatistas almejavam fazer em *áreas fora* da biologia — assumir o evolucionismo cultural de Hegel, mas dar a respeitabilidade da ciência tornando-o naturalista por completo.

Os pragmatistas não eram os únicos que queriam naturalizar o historicismo hegeliano. Muitos dos primeiros antropólogos e outros cientistas sociais do século XIX procuraram fazer a mesma coisa, sendo o mais notável Karl Marx. (É por isso que se diz que o Marx subiu à cabeça de Hegel.) A diferença era que estes primeiros pensadores tendiam a ser deterministas: eles decretaram que todas as sociedades têm de passar pelas mesmas fases inevitáveis da evolução cultural, governadas pelas "leis"imutáveis da evolução social. (Para Marx, as fases estavam baseadas nas relações econômicas.) O que tornou os pragmatistas únicos é que eles rejeitaram de forma plena o determinismo, e em seu lugar conceberam que a história era inteiramente contingente — espontânea, imprevisível, aberta à novidade genuína.

Por que os pragmatistas quebraram o molde do pensamento determinístico? A resposta, de novo, foi a influência de Darwin. Como vimos *no* Capítulo 6, a teoria de Darwin consiste em dois elementos: o acaso e a lei. Os pragmatistas pegaram o papel do acaso e o tornaram a base de uma filosofia da indeterminação, liberdade e inovação. Na interpretação deles, a "franqueza" do mundo toma a forma do *acaso* nos níveis mais baixos de complexidade, e toma a forma de *escolha* no nível humano. O mundo incompleto e indeterminado deixou espaço para os seres humanos desempenharem um papel na criação da realidade por seus livres-arbítrios.

Transformando os Estados Unidos

Como estas idéias afetam o mundo de hoje? A resposta é que elas reformaram de modo radical as instituições sociais americanas. Focalizemos quatro áreas cruciais: a teologia, a lei, a educação e a filosofia.

Evolua Deus

Na teologia, os pragmatistas perguntaram: Que tipo de Deus é compatível com a evolução? E responderam que se mantivermos uma noção mínima de Deus, terá de ser um Deus imanente — uma deidade finita que evolui no mundo e com ele. "Com o advento da evolução", escreve certo filósofo,"a tendência desses que levaram a ciência a sério era conceber Deus cada vez mais imanente no processo mundial."

Entre os pragmatistas, o mais influente nesta área foi Charles Sanders Peirce. O mais ardiloso do grupo, Peirce era de caráter irritadiço e arrogante, qualidades que dificultavam sua permanência no trabalho. Ele mexeu com a sensibilidade moral prevalecente em seus dias, ao se divorciar e em seguida viver com sua segunda esposa antes de se casar. Até então, esse tipo de escândalo era suficiente para fechar as portas das posições pedagógicas nas universidades, e Peirce teve de contar apenas com a generosidade dos amigos para sobreviver. Mas era talentoso pensador abstrato e fez contribuições significativas para a lógica e a teoria da probabilidade.

Peirce tinha fortes impressões quanto a religião, porém menosprezava suas formas tradicionais e ortodoxas. Em lugar disso, propôs uma forma de pampsiquismo (tudo no universo tem uma mente ou consciência). Previu o cosmo evoluindo para a Mente, ou o

Absoluto, ou Deus, em processo teleológico chamado de "amor evolutivo"."

Onde já ouvimos essas idéias em nossos dias? Na teologia do processo, que, dizem, é o movimento que mais cresce nos seminários em voga hoje. Seu fundador, Charles Hartshorne, disse que Peirce foi um dos poucos pensadores que lhe causaram mais influência.

A teologia do processo ensina que Deus e o mundo estão em processo de mudança e evolução constante. Deus é um espírito divino que evolui no mundo e com Ele, a alma do mundo, a vida cósmica evolutiva da qual nossa vida faz parte. No sentido pleno do termo, isso não é *panteísmo* (tudo é Deus), mas *panenteismo* (tudo está *em* Deus), onde o mundo físico é uma emanação concreta da própria essência. Essa teologia ensina que quando fazemos as escolhas que moldam nossa vida e experiência, também moldamos a Deus e suas experiências, visto que nossa vida dá forma concreta à vida divina. Em suma, somos co-criadores *com* Deus e co-criadores *de* Deus. Quando morremos, a vida que vivemos se torna mero estágio passado na própria vida contínua de Deus, ao passo que nós, como indivíduos, deixamos de existir. Não há vida após a morte.

Ao colocar o próprio Deus dentro do vínculo evolutivo, a teologia do processo rompe-se totalmente com o teísmo tradicional. Ela assevera que Deus é limitado, que não sabe o que vai acontecer de antemão (Ele não é Onisciente), nem tem o poder de impedir que o mal aconteça (Ele não é Onipotente). Deus simplesmente evolui com o mundo durante o curso da história.

É surpreendente que alguns destes *mesmos* temas respingaram em círculos evangélicos, no que é conhecido como teísmo aberto, promovido por Clark Pinnock e outros. O próprio termo imita a linguagem dos pragmatistas, quando descreveram que um universo em evolução é um "universo aberto" — um mundo de novidade, inovação, surgimento e possibilidades imprevisíveis, que *não pode* ser conhecido com antecedência nem mesmo por Deus.

Lógico que um dos motivos para confrontarmos a *ciência* evolutiva é que, do contrário, acabaremos vendo nossas igrejas e seminários ensinando *teologia* evolutiva.

Por que os Juizes Fazem Leis

Oliver Wendell Holmes Júnior influenciou o pensamento legal mais que qualquer outro no século XX. Aplicando o pragmatismo filosófico à lei, fundou um movimento chamado — não nos surpreendemos — pragmatismo legal. Como vimos no começo do capítulo, Holmes foi muito influenciado por Herbert Spencer, e polvilhou conceitos darwinistas sociais ao longo dos seus escritos, falando que a lei é mero produto da "sobrevivência do mais adequado" entre grupos de interesse concorrentes. Todavia, Holmes fez mais que usar metáforas darwinistas. Já vimos como o pragmatismo seguiu o modelo darwinista, combinando o idealismo alemão com o empirismo britânico, e Holmes seguiu exatamente a mesma estratégia no campo da jurisprudência. Ele tomou a escola histórica da jurisprudência (do idealismo alemão) e a combinou com a escola analítica da jurisprudência (do empirismo britânico).

Da escola histórica, Holmes tomou a idéia que a fonte da lei é nada mais que direito consuetudinário em evolução. Considerando que a filosofia legal ocidental tradicional fundamentara a lei em fonte imutável (na lei natural, derivada, no final das contas, da lei divina), Holmes tratou a lei como produto de culturas e tradições em evolução, completamente relativa a tempos e culturas em particular. Segundo ele, a razão para fazer pesquisa histórica não era defender os conceitos tradicionais da lei contra supostos reformadores, mas precisamente o oposto: ao determinarmos as idéias legais ao longo do

curso da história, podemos ver por nós mesmos que *não* foram baseadas em qualquer ordem moral universal e imutável, mas são sempre o produto de uma cultura local em particular e de sua história exclusiva. De acordo com Holmes, assim que entendermos isso, os juizes serão libertados do passado e ficarão livres para mudar a lei de modo que espelhe qualquer política social que achem que funcione melhor. Como disse Holmes: "A história nos liberta e nos capacita a compor nossa mente sem preconceitos" quanto a determinar se as antigas regras legais ainda servem para algum propósito.

E como determinamos se as antigas regras ainda servem para algum propósito? Por suas conseqüências práticas. Da escola analítica da jurisprudência, Holmes tomou a idéia de que o critério para a lei é a utilidade social, conforme medida pelas ciências sociais. Em suas palavras, a lei deve ser estabelecida "nos desejos sociais exatamente medidos". Esta é a fonte de um dos provérbios famosos de Holmes: "O homem do futuro é o homem das estatísticas e o mestre da economia". Em outras palavras, a lei deve ser julgada pelo que funciona; e o que funciona é determinado pelos estudos empíricos feitos por cientistas sociais. A lei é reduzida a uma ferramenta da engenharia social. Segundo escreveu, a justificação para determinada lei não é "que representa um princípio eterno" como a justiça, mas "que ajuda a exibir o fim social que desejamos".

Na prática, isto significa o fim social que o juiz deseja. Holmes, de maneira impassível, concordou que os juizes não interpretam meramente a lei, mas fazem a lei.

Onde foi que vimos estas idéias em ação em nosso tempo? A idéia de que a lei diz respeito a promulgar políticas sociais? Que os juizes não apenas interpretam a lei, mas fazem a lei? O exemplo mais importante é o caso *Roe contra Wade,* de 1973, que sentenciou a favor do aborto. Até os partidários da sentença concordam que o tribunal legislou essencialmente conforme a corte. Na opinião da maioria, o juiz Harry Blackmun escreveu que o aborto deve ser considerado quanto ao "crescimento populacional, contaminação, pobreza e questões raciais". Em outras palavras, o tribunal deu a sentença não pelo que a lei dizia, mas pelos resultados sociais que favorecia.

Esta é a herança do pragmatismo legal. E isso moldará o modo como os tribunais lidam com as novas questões bioéticas que surgem no horizonte, a menos que confrontemos a cosmovisão darwinista subjacente.

Os Dilemas de Dewey

John Dewey fez mais para moldar a metodologia educacional que qualquer outro do século XX. Nascido em 1859, o mesmo ano em que

Darwin publicou *A Origem das Espécies,* Dewey cresceu em lar evangélico (congregacional) e foi profundamente influenciado por sua mãe devota Com vinte e poucos anos, passou por uma conversão — uma "experiência mística", como a chamou — e depois freqüentou regularmente a igreja e deu aulas bíblicas.

No fim, Dewey se envolveu num processo lento e gradual de perda de fé — tão gradual que, pelo visto, nunca lhe causou trauma mental.Talvez em parte, por causa do seu temperamento inerente, pois Dewey tinha uma personalidade fleumática, calma e quase apagada. Em todo caso, seu declínio espiritual começou na faculdade, onde encontrou uma forma liberal de teologia moldada pelo idealismo alemão. Mais tarde, ele diria que Hegel "deixou um depósito permanente em meu pensamento". Seus primeiros escritos são esforços em combinar Hegel e Darwin, propondo um Deus imanente incorporado na matéria, como a alma no corpo — semelhante à teologia do processo. Depois, Dewey aceitou o evangelho social, que redefinia a salvação como progresso social. Conforme argumentou, Deus não dava graça a indivíduos, mas era imanente na cultura; se a cultura adotasse os valores

cristãos, o indivíduo seria redimido.

Com trinta anos, Dewey também repeliu esta forma atenuada de cristianismo e adotou uma filosofia coerentemente naturalista. Abandonou suas atividades na igreja e nas associações religiosas estudantis, e seus filhos deixaram de freqüentar a Escola Dominical. Agora, o próprio naturalismo seria sua religião. Ele se ofereceu "como evangelista de poucas palavras de uma forma redentora de humanismo e naturalismo", diz certo historiador. Dewey chegou a apresentar seu naturalismo "redentor" num livro intitulado *A Cotnmon Faith* (Uma Fé Comum), exortando seus seguidores a cultivar uma devoção "religiosa" aos ideais sociais. Esta era forma de religião consistente com sua crença de que os seres humanos eram meros organismos biológicos que buscam controlar o ambiente pela investigação científica.

Tais idéias se tornaram a base da filosofia educacional de Dewey. Ele reformou a investigação intelectual como forma de evolução mental, e disse que deveria agir no mesmo padrão que a evolução biológica: propondo problemas e deixando os alunos construir suas próprias respostas com base no que funciona melhor — um tipo de adaptação mental ao ambiente. Os professores não são instrutores, mas "facilitadores" que orientam os alunos quando experimentam as diversas estratégias pragmáticas para descobrir o que funciona para eles. Claro que isto é inerentemente relativista; afinal de contas, o que funciona para mim pode não funcionar para você (pode nem mesmo funcionar para *mim* o tempo todo). O pragmatismo leva de forma inevitável a um pluralismo de crenças, todas transientes e nenhuma eterna ou universalmente verdadeira.

Soa familiar? Dewey é a fonte de grande parte da educação moral de hoje, na qual todos os valores são tratados de igual modo como válidos e os alunos só esclarecem o que eles pessoalmente valorizam mais. Os professores são instruídos de modo rigoroso a não serem de nenhuma forma diretivos, mas apenas treinar os alunos no processo de avaliar as alternativas e tomar uma decisão. Qualquer valor que os alunos escolhem é considerado aceitável, quer convenham quer não aos padrões morais aceitos, contanto que eles passem pela série de etapas prescrita. Por quê? Porque, como diz certo livro didático: "Ninguém pode saber com certeza se nossos valores são certos para as outras pessoas". Cada indivíduo tem de ser um tomador de decisão autônomo, determinando seus valores estritamente por conta própria.

A suposição subjacente desta abordagem é o naturalismo filosófico. Uma abordagem naturalista da ética não reconhece nenhum padrão transcendente, de forma que o único padrão viável é o que quer que seja que o indivíduo valorize. Como arrazoou Dewey, todos experimentamos as coisas como boas ou ruins, aprazíveis ou dolorosas, recompensadoras ou perturbadoras. E visto que se espera que a ciência seja baseada na experiência, a investigação moral tem de começar analisando nossa experiência. Primeiro esclarecemos o que de fato valorizamos, e depois avaliamos os diversos cursos de ação para decidir qual levará seguramente às conseqüências que se igualem aos nossos valores.

Segundo Dewey, o primeiro passo — esclarecer o que valorizamos — parece fácil, mas talvez não seja tão simples assim. Pois nossa experiência é distorcida por dogmas religiosos e morais que nos dizem o que devemos querer ou fazer. É crucial que nos livremos de pensamentos e sentimentos de dogmas morais preexistentes para esclarecer o que realmente queremos. Isto explica por que muitos programas de educação moral começam apresentando aos alunos dilemas morais difíceis: têm o propósito de sacudir os alunos da estrutura moral preexistente, que eles assimilaram da família, igreja e outras fontes, a fim de que possam sondar seus verdadeiros sentimentos sobre o certo e o errado.

Por exemplo, certa mãe fala de um dilema usado na sala de aula de sua filha. A

professora pediu que os alunos imaginassem que estavam planejando assassinar o melhor amigo. Quais alternativas poderiam propor para atingir esse propósito? Alguns alunos ficaram horrorizados, contestando que não escolheriam nenhum método porque o assassinato é errado. Ponto final. Mas essa resposta não era aceitável. A professora exigiu que os alunos deixassem de lado suas convicções morais preexistentes e ensaiassem mentalmente o comportamento que consideravam errado. A meta dessas atividades é separar os alunos dos ensinos morais assimilados de fora para que entrem em contato com seus autênticos valores pessoais.

Incapacitando os Professores

Ao "libertar" os alunos dos padrões morais que eles trazem de casa e da igreja, a abordagem de investigação os deixa com nada mais do que seus próprios gostos e desgostos subjetivos — ou pior, com a pressão de amigos e colegas.Thomas Lickona, professor de pedagogia, conta a história de uma professora que usou a estratégia de esclarecimento de valores com uma turma da oitava série de baixo desempenho. Tendo cumprido as etapas exigidas, os estudantes concluíram que as atividades que mais valorizavam eram "sexo, drogas, bebida e gazear aula". A professora ficou paralisada: os alunos esclareceram seus valores, e o método não lhe deu poder para persuadi-los de que estes valores eram moralmente errados. A educação moral já não significa ensinar aos alunos os grandes ideais morais que inspiraram quase todas as civilizações, mas ensiná-los a sondar os próprios sentimentos e valores subjetivos.

Apesar da crítica, a abordagem de investigação continua muito popular entre os pedagogos. Outro professor de pedagogia.William Kilpatrick, fala com grupos de pais e professores ao redor do país, e faz a seguinte pergunta: Qual abordagem você prefere em sua escola: o Modelo A, em que os alunos são incentivados a desenvolver os próprios valores, sem respostas certas ou erradas; ou o Modelo B, em que os alunos são incentivados a desenvolver virtudes específicas como coragem, justiça e honestidade, com ilustrações inspiradoras da literatura e da história? A grande maioria *dos pais* escolhe o Modelo B, relata Kilpatrick. Em compensação, os *professores* quase que de modo invariável preferem o Modelo A, e muitos "dizem que não usariam a segunda abordagem sob quaisquer circunstâncias"![52] E óbvio que existe uma grande divisão entre o estabelecimento pedagógico e o público na questão sensível da educação moral.

Kilpatrick narra a história habilmente no livro intitulado *Why johnny Can'tTell Rightfrom Wrong* (Por que Johnny não Sabe Diferenciar o Certo do Errado). Os pedagogos americanos assimilaram muito bem as idéias de Pewey, e muitos se sujeitam a essa linha profissional mesmo quando suas experiências lhe dizem que o método não funciona.

Inventando a Própria Realidade

O mesmo método pedagógico está sendo aplicado a outras áreas de estudo. Uma das novidades mais em voga atualmente chama-se educação construtivista. Se o conhecimento for uma construção social, como disse Dewey, então a meta da educação seria ensinar os alunos a *construir* seu próprio *conhecimento.* Leia esta descrição feita por proponente do método:

> O construtivismo não presume a presença de uma realidade objetiva externa que é revelada ao aluno, mas admite que os alunos *construam* ativamente *a própria realidade.*[53]

Trata-se de dever muito difícil: Antes de as crianças terem idade suficiente para atravessar a rua, supõe-se que aprendam a "construir a própria realidade". Os professores

não devem dizer aos alunos que as idéias são certas ou erradas, mas apenas incentivá-los a "esclarecer e articular suas próprias compreensões". Da mesma maneira que se dá no esclarecimento de valores, o professor não tem mecanismo para julgar entre as respostas que os alunos venham a propor. Trinta alunos podem dar trinta respostas diferentes, mas cada uma deve ser considerada viável. Afinal, há muitos modos possíveis e diferentes de construir o mundo, e o construtivismo não pode excluir qualquer teoria viável que condense a experiência pessoal.

Isto explica por que hoje em dia as escolas têm classes onde as crianças constróem os próprios sistemas de ortografia ("ortografia inventada"), as próprias regras de pontuação e gramática, os próprios procedimentos matemáticos e assim por diante. Em certo Estado americano, os padrões de história dizem que, quando os alunos chegarem a escola de Ensino Médio, "devem ter um forte sentimento de como reconstruir a história". Esta não é uma frase orwelliana?

Quando comecei a escrever sobre assuntos pedagógicos em 1982 a um grupo de cidadãos de um Estado, eu enviava meus artigos para minha mãe, que tem doutorado em pedagogia.

"Mas, Nancy", dizia ela,"estas coisas são ensinadas aos professores somente como as mais recentes técnicas de ensino — como as metodologias educativas baseadas na experiência prática em sala de aula."

No entanto, a maioria das teorias educacionais não é inspirada pela experiência de ensino. São aplicações de uma filosofia, e o construtivismo não é exceção; é uma aplicação direta da epistemologia evolutiva de Dewey. Como escreve certo construtivista de renome: "Para o biólogo, um organismo vivo é viável contanto que sobreviva em seu ambiente. Para o construtivista, conceitos, modelos, teorias e assim por diante são viáveis se se mostram que são adequados nos contextos nos quais foram criados". Repare que a passagem fala de idéias que são viáveis, e não que são verdadeiras. O construtivismo está baseado na suposição de que somos meramente organismos que se adaptam ao ambiente, de forma que o único teste de uma idéia é se ela funciona.

E incrível que até professores cristãos aceitem o construtivismo, talvez sem discernir suas raízes filosóficas. Depois que falei sobre o assunto numa conferência de educação, certo diretor escolar cristão veio falar comigo:

— Todos os meus professores são construtivistas; todos.

— Mas eles não percebem o que isso significa para a fé? — perguntei surpresa. — Se o conhecimento for uma construção social, então isso também se aplica ao cristianismo; ele é, então, mero produto de forças sociais.

— Eu sei, eu sei — respondeu o diretor. — Mas eles aprenderam o construtivismo na universidade sob a orientação dos "especialistas" do assunto, e por isso não os questionam. Eles colocam as convicções religiosas em uma categoria mental separada dos estudos profissionais.

Em conseqüência desta compartimentalização, os professores adotam de maneira inconsciente um pós-modernismo radical que reduz todas as declarações da verdade a construções apenas sociais.

Guardando a Fé com Darwin

Se isto está parecendo uma aula de pós-modernismo, é exatamente isto. Um dos filósofos mais influentes nos Estados Unidos atualmente é o pós-modernista Richard Rorty; e o interessante é que ele se autodenomina neopragmatista. Segundo ele, se explicarmos de forma detalhada as conseqüências lógicas do pragmatismo de Dewey, teremos um pós-

modernismo muito semelhante ao pensamento de Jacques Derrida, Martin Heidegger e Michel Foucault.[59]

Para Rorty, o *slogan* fundamental do pós-modernismo é: "Nós fazemos a verdade, não a encontramos". Em outras palavras, a verdade não está "por aí", objetiva, esperando ser encontrada. As crenças são construções meramente humanas, como os dispositivos da tecnologia moderna.

E funcionam do mesmo modo que os artigos vendidos no comércio. Ecoando a metáfora econômica de William James do "dinheiro disponível" de uma idéia, Rorty diz que aceitamos idéias quando eles "pagam"; quando achamos que são "lucrativas".'

Como Dewey, Rorty acaba fundamentando sua filosofia na evolução darwinista. Ele escreveu que "guardar a fé com Darwin" (frase que por si só já revela tudo) significa compreender que todas as nossas crenças e convicções "são produtos do acaso da mesma forma que são as placas tectônicas e os vírus mutantes".' As idéias surgem pelas variações fortui-tas no cérebro, iguais às variações fortuitas de Darwin na natureza.

Rorty reduz todas as grandes idéias formativas da cultura ocidental a acidentes evolutivos: Da mesma maneira que "um raio cósmico rearranja os átomos numa molécula de DNA" e produz uma mutação, assim as grandes obras de Aristóteles, ou do apóstolo Paulo, ou de Newton, são "os resultados de raios cósmicos que rearranjaram a estrutura perfeita de alguns neurônios importantes em seus respectivos cérebros". " A razão de estas idéias mostrarem grande poder de sustentação não é que espelham a realidade, mas que ajudam as pessoas a organizar suas experiências e prosseguir na luta pela sobrevivência. A espécie humana, então, não é orientada "para aVerdade" (note oV maiúsculo), mas só "para a promoção de sua prosperidade". De acordo com Rorty, a própria noção de Verdade é, fran-camente, "antidarwinista". "

Tom Wolfe e a Dúvida de Darwin

Isso significa que, apesar de o pós-modernismo rejeitar a noção de objetividade, há de modo paradoxal *uma* idéia que ele trata como verdade inquestionável, qual seja, o próprio darwinismo.A evolução é tratada como fato objetivo e não como simples construção humana, pois a menos que seja verdade, não há razão para aceitarmos o pós-modernismo. Se a mente é produto da evolução darwinista, então as idéias e palavras são meras ferramentas para controlar o ambiente, inclusive as pessoas. Como diz Rorty, a língua evoluiu porque é uma "tática útil para predizer e controlar o comportamento futuro [das pessoas]".

Participei de um almoço com o famoso escritor Tom Wolfe, que entendia muito bem o que Rorty estava dizendo.Wolfe disse que, de acordo com o pós-modernismo, "a língua é meramente um animal usando palavras como ferramentas para ganhar poder sobre outro animal".

Exatamente.

O argumento mais devastador contra este reducionismo radical é qu$_e$ ele é autodestrutivo. Se idéias e convicções não são verdades, mas apenas ferramentas para controlar o ambiente, então o mesmo se aplica à idéia do próprio pós-modernismo. E se o pós-modernismo não é verdadeiro, então por que devemos lhe dar crédito?

É interessante observar que o próprio Darwin lutou com a mesma questão não somente uma, mas muitas vezes, dizendo que era sua "dúvida terrível". Num exemplo típico, ele escreveu:"Comigo, a dúvida terrível sempre surge se as crenças da mente humana, que foi desenvolvida da mente de animais inferiores, têm valor ou não são absolutamente confiáveis"." Mas claro que a própria teoria de Darwin era de igual modo

uma das "crenças da mente humana", e assim ele estava minando sua própria base de apoio.

Em suma, a evolução darwinista é autocontraditória. "O que a evolução garante é (no máximo) que nós nos *comportamos* de certo modo a promover a sobrevivência", explica Alvin Plantinga. Porém, "ela não garante as crenças na maior parte verdadeiras ou verossímeis". ' Roger Trigg, filósofo britânico, concorda: Para a evolução, "não importa se uma crença é verdadeira ou falsa, contanto que seja útil do ponto de vista genético".

Os pós-modernistas como Rorty mostram aonde vai dar a visão naturalista do conhecimento. Verificamos uma vez mais a natureza simbiôntica dos dois pavimentos: é pelo fato de o naturalismo darwinista ter sido posto no pavimento de baixo que hoje temos o pós-modernismo (ou neopragmatismo) no pavimento de cima.

A relação simbiôntica entre os dois pavimentos:

NEOPRAGMATISMO
A Verdade É aquilo que Funciona

NATURALISMO
A Mente Evoluiu pela Seleção Natural

Há quem ache difícil levar a sério o pós-modernismo e suas implicações radicais, tachando-os de artimanhas de radicais universitários. Contudo, modos de pensar que nos pareçam estranhos e fora do habitual têm raiz em suposições de cosmovisão muito comuns. As pessoas não entendem todas as implicações das idéias que aprenderam em sua formação educacional e na cultura em que vivem.

É por isso que um método eficaz de apologética é forçar as pessoas a enfrentar as conclusões lógicas de suas premissas. Francis Schaeffer denomina esta estratégia de "tirar o teto". Significa remover o escudo de negação que as pessoas erguem para se proteger das implicações perigosas e desestabilizadoras de seus pontos de vista. Sem essa defesa, tais implicações as atacariam violentamente. Ao conversar com não-crentes, temos de fazer com que reconheçam as conclusões lógicas do naturalismo. Se fossem de todo consistentes, os que defendem premissas naturalistas acabariam defendendo o ceticismo pós-moderno na ciência, na moralidade e em todos os outros campos de conhecimento. O fato de muitos não serem céticos pós-modernos significa que discordam das conseqüências de suas próprias premissas. E esta é excelente razão para voltarem e reconsiderarem tais premissas. (Para ler mais sobre darwinismo e pragmatismo, ver Apêndice 3.)

A Verdade do Cano de Arma

"Corre entre os filósofos a piada de que o problema com o pragmatismo é que ele não funciona", escreve Phillip Johnson. Afinal,"quem quer confiar em pessoas que pensam que a única verdade é nos esforçarmos em empregar os meios mais eficazes para conseguir seja o que for que venhamos a querer?" A única medida que o pragmatismo oferece para avaliar uma idéia é se ela funciona, se atinge os desejos e metas sociais. Mas como saber se *tais metas* são boas ou ruins, certas ou erradas?

Na prática, portanto, o pragmatismo endossa qualquer valor que determinada sociedade promova. Ou, mais de modo ameaçador, qualquer poder que venha a desejar.

Holmes, o mais cínico dos pragmatistas, viu estas implicações com clareza, e as endossava. Ele estava disposto a apoiar o poderoso mesmo quando as conseqüências fossem

socialmente destrutivas: "Concordo de forma plena que uma lei seja chamada boa se reflete a vontade das forças dominantes da comunidade, mesmo que isso nos leve ao inferno". E: "Sensato ou não, o teste mais certo de um bom governo é se o poder dominante faz o que quer". "Aplicando o mesmo princípio às relações internacionais, ele disse que, numa definição que ficou famosa, a verdade é "o voto da maioria da nação que pode vencer todas as outras".

Em suma, uma regra baseada no que os pragmatistas chamaram de "desejos sociais" é, no fim das contas, a regra de que os mais poderosos são os primeiros. Se o pragmatismo faz o que quer, advertiu sombriamente Bertrand Russell, então "os couraçados e as metralhadoras têm de ser os árbitros supremos da verdade metafísica".

O Deus que Intervém

Numa passagem notável, Rorty admite que a noção da Verdade com V maiúsculo é coerente apenas no contexto de uma cosmovisão cristã. De acordo com ele, "a sugestão de que a verdade [...] está por aí" (quer dizer é objetiva e universal), "é um legado de uma era em que o mundo era visto como criação de um ser que tinha uma linguagem própria", unia "linguagem não-humana" escrita no cosmo. Neste ponto, Rorty está se referindo à imagem mental que os cristãos usam desde os pais da igreja. Trata-se da idéia de dois livros: o da Palavra de Deus (a Bíblia) e o do mundo de Deus (a natureza). O que ele quer dizer é que a verdade objetiva só é possível se o mundo for um tipo de livro, criado pela palavra (linguagem, *logos)* de Deus, de forma que há uma mensagem e significado objetivo no próprio universo.

Claro que é precisamente esse ponto que a ciência está provando ser a questão, como vimos no Capítulo 6. A descoberta do DNA, as instruções codificadas em cada célula de todo o ser vivo, significa que no âmago da vida há uma linguagem, uma mensagem, uma informação. Em outras palavras, o mundo orgânico é de fato um livro, repleto de informação biológica complexa, e não apenas o mundo orgânico; a informação se tornou a chave para interpretar o universo físico. A sintonia fina das forças fundamentais pressupõe uma inteligência designadora.

"Pergunte a alguém de que é feito o mundo físico e receberá a resposta provável:'De matéria e energia'", diz um recente artigo na revista *Scientific American."*^ a engenharia, a biologia e a física nos ensinam que a informação é componente igualmente crucial." Hoje, há físicos que "consideram que o mundo físico é feito de informação, mais energia e matéria como componentes acidentais".

E de onde vêm as informações? Em toda a experiência humana, a informação não é gerada por forças materiais fortuitas, mas apenas por um agente inteligente. A realidade do *Logos* no reino material destaca a realidade do *Logos* fora da matéria; um Agente Inteligente que é a fonte de sua ordem e racionalidade.

Rorty concorda que a própria idéia da verdade e moralidade objetiva só é possível com base na doutrina do *Logos.* Segundo ele, a idéia de uma verdade fora da subjetividade humana "é resíduo da idéia de que o mundo é uma criação divina, o trabalho de alguém que tinha algo em mente, *Alguém que falou uma linguagem na qual Ele descreveu o próprio projeto".* Em outras palavras, a verdade objetiva só é possível se houver um Criador que fale conosco, dando-nos revelação divina. Como diz Schaeffer no título *de* um dos seus livros, só se Deus for O *Deus que Intervém.* O único meio de fugir do ceticismo pós-moderno é se Deus nos revelou algo de sua própria perspectiva, não apenas assuntos espirituais e não somente experiência emocional não-cognitiva, mas revelação da verdade objetiva sobre o cosmo em que vivemos.

Em suma, a doutrina bíblica da revelação é o único modo de acabar com o abismo entre fato e valor, entre os pavimentos de cima e de baixo. Os pragmatistas procuraram unir os dois, mas seus nobres esforços faliram. Assim que puseram a evolução darwinista no pavimento de baixo, as idéias foram reduzidas a mutações mentais escolhidas apenas por seu valor de sobrevivência. Em vez de unir os dois pavimentos, o pragmatismo lançou a rede do naturalismo ao pavimento de cima e o puxou para o de baixo, deixando somente o irracionalismo e o ceticismo pós-moderno no pavimento de cima.

Rorty declara a escolha com absoluta clareza: Ou "guardamos a fé com Darwin" e adotamos o pós-modernismo, ou guardamos a fé com um Deus pessoal que se revela, cujo *Logos* é a fonte da Verdade unificada e -universal, a Verdade comV maiúsculo.

A Guerra Cognitiva

E comum os americanos dizerem que estão envolvidos numa guerra cultural sobre padrões morais contraditórios. Mas não nos esqueçamos de que a moralidade é sempre derivativa; ela se origina de uma cosmovisão subjacente. Se os cristãos querem ser bem-sucedidos na guerra *cultural,* eles têm de estar dispostos a empreender a guerra *cognitiva* subjacente com as origens. O darwinismo foi o ponto decisivo que lacrou a cosmovisão naturalista no pavimento de baixo, reduzindo a religião e a moralidade a categorias não-cognitivas do pavimento de cima.

A chave para o restabelecimento de um conceito unificado de verdade é a recuperação de um conceito robusto da criação. O cristianismo sempre ensinou que há "uma realidade única", porque foi criada por um Deus único, Onipotente e Onisciente, explica certo relato histórico.*"Dada esta história da criação,* conclui-se que o conhecimento também consistia em um todo único." Foi a doutrina da criação que assegurou a confiança na unidade da verdade.

Para sermos leais às grandes declarações de nossa fé, não podemos mais consentir que o cristianismo seja posto forçosamente na esfera do *valor.*

Temos de nos livrar da timidez metafísica, nos convencer de que temos uma causa vitoriosa e tomar a ofensiva. Armados com oração e poder espiritual, precisamos pedir a Deus que nos mostre onde a batalha está sendo travada hoje para nos alistarmos no batalhão do senhorio e liderança de Cristo.

Por que os evangélicos são tão propensos à timidez metafísica? Por que não somos de tradição intelectual forte e robusta? Para avançar, às vezes precisamos primeiro recuar, repassando os passos dados para descobrir onde erramos. Assim, identificamos os padrões negativos e os substituímos por padrões mais positivos. Na próxima seção, examinaremos a história do evangelicalismo americano para descobrir o que não deu certo no *front* intelectual. Perguntaremos por que os cristãos não têm uma tradição de cosmovisão forte e o que fazer quanto a isso. Entender melhor o passado americano serve para ajustarmos a bússola, determinarmos uma direção melhor e avançarmos com confiança a fim de fazer a diferença no mundo de hoje.

PARTE TRÊS

COMO PERDEMOS A MENTE CRISTÃ

9

O QUE HÁ DE TÃO BOM NO

EVANGELICALISMO?

O cristianismo é algo que sentimos?
Se eu fosse convertido, sentiria e saberia?
JAMES MCGREADY[1]

Quanto Denzel era adolescente, sua oração fervorosa era pela perda de sua virgindade. Sendo talentoso jogador de basquetebol em uma escola de Ensino Médio no centro decadente da cidade, Denzel estava cansado de mentir sobre sua vida sexual inexistente para impressionar seus companheiros de equipe."Todos os meus amigos tinham muito mais experiência sexual que eu, e não queria que eles pensassem que eu não fazia sucesso entre as meninas", disse-me ele."Minha idéia de Deus é que Ele queria que eu fosse feliz. Por isso, orava para perder minha virgindade.""

Em sua infância, Denzel ia à igreja esporadicamente com sua mãe e irmão. (Seu pai era traficante de drogas e estava preso por ter roubado uma cooperativa de crédito quando Denzel era muito pequeno.) "Para mim, a igreja era um lugar santo e maravilhoso. Eu gostava das roupas domingueiras, do coral, dos rituais, dos batismos. Mas não sabia nada de Deus." Claro que não sabia, pois pensava que Deus responderia uma oração pedindo por relações sexuais ilícitas.

Mais tarde, Denzel conheceria melhor este Deus, mas só depois de passar pela experiência da conversão pessoal. Ele não abrigava nenhuma objeção intelectual contra o cristianismo. Respeitava a igreja e aceitava os princípios fundamentais ali ensinados: que a Bíblia é a Palavra de Deus, que Cristo ressuscitou e precisamos ser salvos. O que ocasionou sua conversão foi a mensagem simples de pecado e arrependimento, exposição que conquistou seu coração. De muitas formas, a história de Denzel ilustra as forças e fraquezas da mensagem evangélica antiga, e proporciona excelente início para entendermos a história e herança desse discurso.

A história de pecado e salvação de Denzel começa quando ele tinha dezesseis anos e arranjou a namorada pela qual tinha orado. Nessa época ele bebia muito. ("Meus amigos me consideravam alcoólatra.") Depois do Ensino Médio, tentou fazer faculdade, porém desistiu no primeiro semestre. Tentou trabalhar, mas depois de seis meses foi despedido. Além disso sua namorada anunciou que estava grávida.

As notícias abalaram Denzel. Abalaram tanto que, pela primeira vez em sua vida, fez uma avaliação de suas ações. "Eu tinha dezessete anos, e pensei: *Não posso criar uma criança.* Porém, mais importante que isso, é que eu sabia que decepcionaria minha mãe, e não queria isso."

Sua mãe tivera vários relacionamentos ruins com homens que, no fim, sempre eram viciados em drogas ou alcoólatras. Denzel desejava protegê-la de alguma forma. E ela, por sua vez, era protetora ferrenha de seus dois filhos. Durante anos, vivera fora dos limites da ética apenas para pôr comida na mesa e dar um teto para si e seus filhos: passando cheques sem fundo, falsificando sua situação financeira, abrindo contas bancárias com o nome de um parente. A cada ano, as coisas apertavam, e ela e seus filhos eram despejados.Tentou iniciar seu próprio negócio, mas não ia bem. Na mesma ocasião em que Denzel enfrentava a pior crise pessoal de sua vida jovem, ela estava sendo acusada de má administração financeira. Era provável que fosse condenada e terminasse atrás das grades.

Pensar em sua mãe na prisão, deixando-o totalmente por conta própria, deixava Denzel em pânico. E à medida que uma crise depois da outra o acossava, ele passou a orar,

desta vez com seriedade agonizante. "Por muitas noites me trancava no banheiro e clamava por horas. Eu não sabia orar, por isso lia os Salmos como orações."

Próximo da data do julgamento, sua mãe resolveu que eles precisavam tomar medidas drásticas: ela anunciou que eles iriam à igreja. Denzel concordou de pronto. "Enquanto me vestia, tive a nítida sensação de que era onde eu encontraria Deus. O mesmo Deus a quem eu estivera orando todas as noites. Meu coração estremecia de medo e emoção." Quando ele e sua mãe entraram de mansinho e se sentaram num banco, ele não pôde reter as lágrimas. "Chorei durante o culto inteiro. Não me lembro de nada do que foi dito."

Sua mãe foi sentenciada a uma pena de seis meses de prisão, e visto que seu irmão mais velho estava trabalhando, Denzel ficava sozinho em casa o dia todo com sua aflição e desespero. Buscando a Deus, ele se sentava e lia diariamente a Bíblia por horas. "Certo dia, li o livro de Apocalipse e fiquei muito maravilhado com a beleza dos novos céus e da nova terra. Mas também fiquei plenamente ciente do fato de que eu não iria para lá. Embora ninguém tivesse me dito, sabia que relações sexuais antes do casamento era pecado, que eu bebia muito, que não vivia para Deus. Senti-me bastante culpado. Caí de joelhos e clamei: *Deus, me perdoe! Deus, me perdoe!"*

De repente, Denzel se lembrou de uma velha caixa de livros guardada por seu pai há muitos anos, no canto de um armário escuro. Ele pegou a caixa, vasculhou-a e encontrou alguns livros e folhetos cristãos encardidos. Um folheto lhe chamou a atenção — apresentava a mensagem simples e antiga de culpa e perdão, com uma oração. "Li o folheto, fiz a oração e imediatamente senti o perdão de Deus. Fui tomado por uma alegria que satisfaz. Agora, eu tinha convicção de que iria para o céu." Desse momento em diante, Denzel era total e inteiramente leal à sua fé.

A conversão de Denzel é a história evangélica clássica de pecado e arrependimento. Ele não estava lutando com questões sobre positivismo ou pós-modernismo; ele só sabia que era pecador. Denzel não precisava de uma apologética complicada para persuadi-lo de que Deus existe; só queria a certeza de perdão. Ele não sabia deslindar as sutilezas teológicas que dividem as denominações; só desejava saber se ia para o céu. Sua conversão foi espiritual e emocional; uma experiência profunda de que a expiação de Cristo se aplicava a *ele* pessoalmente. Neste sentido, não foi diferente da conversão do grande evangelista João Wesley, que escreveu: "Senti um calor estranho em meu coração. [...] E recebi a certeza de que [Cristo] tinha levado os *meus* pecados, sim os *meus,* e *me* salvado da lei do pecado e da morte". Da mesma forma, a conversão de Denzel envolveu apropriação pessoal do perdão de Deus pelos seus pecados. Depois desse dia, Denzel falou à sua namorada, mais com alegria do que com precisão teológica:"Deus fez *algo* comigo!"

Historicamente, o evangelicalismo era um movimento de renovação que começou dentro das igrejas; não começou como denominação. Isso explica por que, a princípio, o evangelicalismo não desenvolveu uma tradição intelectual independente. Não precisava. Ele aceitou as estruturas teológicas e eclesiásticas herdadas das denominações de onde surgiu. Como fizeram os pietistas antes deles, os evangélicos se concentraram na apropriação pessoal dos ensinos teológicos, como o pecado e a expiação. A meta era cultivar uma experiência *subjetiva* das verdades bíblicas *objetivas.* Por isso, quando o evangelicalismo se tornou dominante em vários grupos, ou quando grupos evangélicos se afastaram das denominações existentes e se tornaram independentes, eles tinham certa fraqueza teológica Os evangélicos tendiam a subestimar o papel da teologia em prol da aplicação prática, como a devoção pessoal, a vida moral e a reforma social.

Denzel Perguntou à Diaconisa

Pouco depois da conversão de Denzel, ele passou a sentir a falta do elemento cognitivo que não havia nas igrejas que procurou.Tendo sentido Deus se mover em sua alma, agora estava ansioso para aprender mais sobre *quem* era esse Deus. Na época em que conheci Denzel, dois anos depois da conversão, sua fome de conhecimento espiritual era insaciável. No empenho de descobrir o que as várias denominações ensinavam, ele ia a três cultos todos os domingos, em três igrejas diferentes! (Sua namorada, filha de pastor, não queria nada com Deus; quando se separaram, ela revelou que nunca estivera grávida.)

Infelizmente, a fome de Denzel de conhecimento teológico não lhe foi em grande parte satisfeita. "No meu batismo, fiz algumas perguntas à diaconisa acerca da Trindade. Ela me disse que me concentrasse em crer que Jesus é Deus e que não me preocupasse com os detalhes." Ele contatou pastores, professores de Escola Dominical, qualquer um com quem conversasse na igreja, mas poucos tinham respostas à torrente de perguntas que ele disparava.

A pressão para encontrar respostas ficou mais forte depois que Denzel arrumou um emprego. Muitos dos seus colegas de trabalho eram muçulmanos ou membros das Testemunhas de Jeová que falavam bastante e abertamente acerca de suas crenças. "Todos no trabalho defendiam suas crenças espirituais, exceto os cristãos. Eles eram os únicos que pareciam não ter respostas." Ficou claro para Denzel que numa sociedade pluralista os cristãos precisam dominar a apologética a fim de defender a fé no cenário público.

Por fim, ele teve a idéia de trabalhar numa livraria cristã para ter acesso à literatura espiritual séria. Lá, ficou amigo de meu filho, Dieter, que há poucos meses tivera um encontro com Deus e estava trabalhando ali pelo mesmo propósito! No mundo dos livros, os dois jovens acharam escritores de teologia e apologética que os ajudaram a matar a intensa sede intelectual que sentiam: Francis SchaefFer, C. S. Lewis, R. C. Sprouljames Montgomery Boice e J. I. Packer. Procurando na Internet, Denzel também descobriu obras clássicas de Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino e Spurgeon.

A história de pecado e salvação de Denzel ilustra os pontos fortes e as falhas do evangelicalismo americano. Quando ele achou aquele folheto velho e encardido e leu a mensagem simples do evangelho, sentiu-se imediatamente livre do peso da culpa. A certeza de salvação tomou conta de sua alma como um rio que dá vida. A igreja o recebeu, o batizou e lhe deu um lugar para cultuar a Deus. Porém, quando procurou alimento teológico intelectual mais sólido — os ensinos teológicos e a apologética —, teve de procurar bastante até encontrar os recursos que lhe satisfizessem a fome. Hoje, ele ainda está procurando uma igreja que ministre à pessoa de forma completa, inclusive à mente.

Por que as igrejas evangélicas são tipicamente fracas em apologética e cosmovisão? Para responder a essa pergunta, precisamos abrir os arquivos da história do movimento evangélico. Na Parte 1, determinamos a importância crucial de termos uma cosmovisão cristã, de não permitir que sejamos conformados com este mundo (Rm 12.1) que divide a verdade em dois pavimentos. Na Parte 2, identificamos o papel primordial que o naturalismo darwinista desempenha na manutenção da divisão fato/valor em dois pavimentos, reduzindo a religião e a moralidade a produtos sem sentido de um processo aleatório. Agora, na Parte 3, examinaremos a história do evangelicalismo americano para descobrir por que ele consentiu na divisão da verdade em dois pavimentos. Por que o evangelicalismo aceitou a divisão secular/sagrado que encerra o cristianismo no pavimento de cima das experiências meramente pessoais? Como perdemos a concepção encorpada do cristianismo como verdade acerca de toda a realidade, ou seja, como verdade absoluta? Só retrocedendo no caminho que nos trouxe até aqui é que seremos capazes de traçar um curso

melhor para o futuro.

Avançando no Passado

A questão sobre a história do evangelicalismo se tornou premente para mim depois que escrevi o livro *E Agora, Como Viveremos*?Tendo mergulhado no tema da cosmovisão cristã pelo processo da escrita, a pergunta ardente que restou foi *por que* é tão difícil comunicar esta mensagem. Quais são as barreiras mentais que as pessoas têm contra o pensamento da cosmovisão? Por que os evangélicos aceitam uma crença em grande medida privatizada? Não se tratava de mera questão acadêmica, mas era assunto pessoal, porque meu desejo era entender como comunicar os temas do livro às pessoas que eu encontrava.

Pesquisei livros sobre evangelicalismo e, quando identifiquei os diversos paradigmas do passado, todas as peças se encaixaram. Muitas tendências que confrontamos hoje em dia eram desde o princípio características do movimento evangélico, e se as localizarmos nos tempos coloniais, elas se tornam mais reais. É comum não reconhecermos os padrões de nosso pensamento, a menos que nos coloquemos em certa posição externa, da mesma forma que um peixe não sabe o que é água, porque isso é tudo que ele conhece. Obter uma perspectiva histórica é como embarcar em um avião para tirar fotos aéreas. Quando, lá de cima, olhamos e identificamos as tendências revelando-se gradualmente, entendemos melhor o nosso tempo. Afinal, somos os herdeiros de mais de duzentos anos de história americana, e ainda hoje estes hábitos de pensamento formam nossas idéias e práticas.*

Não farei um relato histórico amplo, mas só procurarei indícios que diagnostiquem a fraqueza intelectual da igreja atualmente. A meta é definir padrões que lancem luz sobre a situação contemporânea da igreja. Um livro de Alister McGrath tem um capítulo intitulado "O Lado Escuro do Evangelicalismo"[5], e, de certo modo, é este nosso tema aqui. Embora haja muita coisa boa e louvável no evangelicalismo, nosso foco estará nos elementos de nossa história e herança que teimam em colocar barreiras no pensamento da cosmovisão cristã.

Histórica e toscamente, o movimento evangélico se dividiu em duas alas. A primeira, denominaremos populista — tinha forte estilo reavivalista que subestimava a doutrina e atraía o povo comum. Foi mais forte nos estados do sul dos Estados Unidos. Ocorreu principalmente entre os batistas, os metodistas e os membros do movimento da restauração (as Igrejas de Cristo, os Discípulos de Cristo e as Igrejas "Cristãs"). A segunda ala era racionalista e estudiosa. Concentrou-se no norte dos Estados Unidos. Ocorreu entre os protestantes das igrejas congregacionais, presbiterianas e episcopais que uniram o fervor evangélico à ênfase tradicional destas denominações em teologia e erudição.[6]

Neste e no próximo capítulo, examinaremos a corrente populista que se tornou dominante hoje em termos de quantidade e influência nas igrejas. Rememoraremos esta tradição com historietas vividas de reuniões ao ar livre e pregadores comoventes. No Capítulo 11, nos dedicaremos à corrente erudita, conhecendo algumas das figuras mais interessantes e inspiradoras da história do pensamento americano. Por fim, no Capítulo 12, faremos uma fascinante viagem secundária para ver como a religião nos Estados

Unidos foi remodelada pelas mudanças na vida social e econômica. Afinal de contas, religião não é somente idéias abstratas. E parte da estrutura da realidade concreta, e as novas idéias sobre religião foram tramadas com novas idéias sobre a família, a igreja, o trabalho e até a relação entre homens e mulheres.

Ficha de Identificação

O que significa ser evangélico? Costumamos aplicar o termo a todos os cristãos que

crêem na Bíblia e são pessoalmente fiéis. Com certeza usei a palavra neste sentido amplo por muitos anos. Quando comecei a pesquisar o assunto, fiquei confusa ao encontrar literatura produzida pelo clero luterano conservador (a igreja em que fui criada). Insisti que eles *não* eram evangélicos e adverti que o evangelicalismo estava se infiltrando nas igrejas luteranas!

Então, o que *significa* o termo? Os historiadores americanos usam-nos tipicamente em sentido mais técnico para se referir ao movimento que se desenvolveu no primeiro e segundo-grande despertamentos. Este movimento adotava o estilo de pregação reavivalista e punha ênfase na conversão pessoal (o "novo nascimento").[7] Por ser movimento de renovação dentro da igreja, sua meta não era tanto converter os não-crentes quanto estimular a fé dos crentes nominais, a fim de levar os indivíduos a uma experiência subjetiva das verdades salvadoras do evangelho. O protestantismo clássico que se originou da Reforma definiu a vida cristã em termos de participação na adoração e liturgia corporativa da igreja. Esta expressava sua identidade por meio de confissões e credos mantidos pela autoridade do ofício clerical. Mas o movimento reavivalista pôs de lado grande parte disso. Ele destacava o acesso direto do indivíduo a Deus independente da igreja; definia a vida cristã em termos de devoção e santidade individual. A retórica reavivalista tendia a ter um caráter antiautoritário e antitradicionalista, denunciando a liturgia e as cerimônias como ritualismo vazio e externo. Até hoje, diz certo historiador, não devemos "perder de vista este ponto central, qual seja, que todo protestante que enfatiza os aspectos subjetivos e éticos do cristianismo, em vez de ressaltar suas características oficiais e eclesiásticas, é evangélico".[8]

Certos grupos religiosos se mantiveram indiferentes ao movimento reavivalista, notavelmente os católicos, os luteranos, os membros da Igreja Reformada Alemã, os membros da Igreja Reformada Holandesa e os presbiterianos da velha ala. Estes são membros das chamadas igrejas confessionais. Contudo, os limites não são claros. Mesmo dentro das igrejas confessionais, alguns grupos eram mais simpatizantes ao reavivalismo.[9] O próprio fato de que hoje grupos como os luteranos precisam patrulhar suas fronteiras de forma tão diligente é prova de como se tornou influente o estilo evangélico de espiritualidade. Para o bem ou para o mal, durante um período de mais de duzentos anos de história americana, o evangeli-calismo populista triunfou sobre as igrejas confessionais.

"Hoje, os evangélicos constituem o maior e mais ativo componente da vida religiosa na América do Norte", diz o historiador Mark Noll. ' E não só nos Estados Unidos, mas também em todo o globo. Em *Tlie Next Christendom* (A Próxima Cristandade), Philip Jenkins mostra que os grupos cristãos que mais crescem na África, Ásia e América Latina tendem a exibir as características do evangelicalismo populista (são grupos que se funda-mentam na experiência, são teologicamente conservadores e dão ênfase à conversão pessoal e a sinais e maravilhas sobrenaturais). E por isso que o ramo populista do evangelicalismo é algo com que precisamos lidar, pouco importando qual seja nossa formação denominacional, a fim de comunicarmos uma mensagem de cosmovisão às pessoas de nossos dias.

E o Vencedor É

Avaliando o impacto do evangelicalismo, podemos dizer que há notícias boas e notícias ruins. As boas são que o movimento evangélico foi notavelmente eficaz em "cristianizar" a sociedade americana. Olhe a Figura 9.1, que mostra a porcentagem de membros da igreja nos Estados Unidos desde a era colonial. O gráfico é retirado de *The Churching of America* (Os Estados Unidos Vão à Igreja), de Roger Finke e Rodney Stark, ~ e mostra de forma surpreendente que a fidelidade religiosa nos Estados Unidos aumentou de

modo considerável desde o período colonial. Esses números provam que é falso o estereótipo comum que diz que nos tempos coloniais quase todos pertenciam a uma igreja. " Provam também que é igualmente falso o estereótipo correlativo que diz que no mundo moderno a religião está definhando. Em termos de adeptos, as igrejas estão indo muito bem hoje em dia.

TAXA DE FIDELIDADE RELIGIOSA
De 1776 a 1980

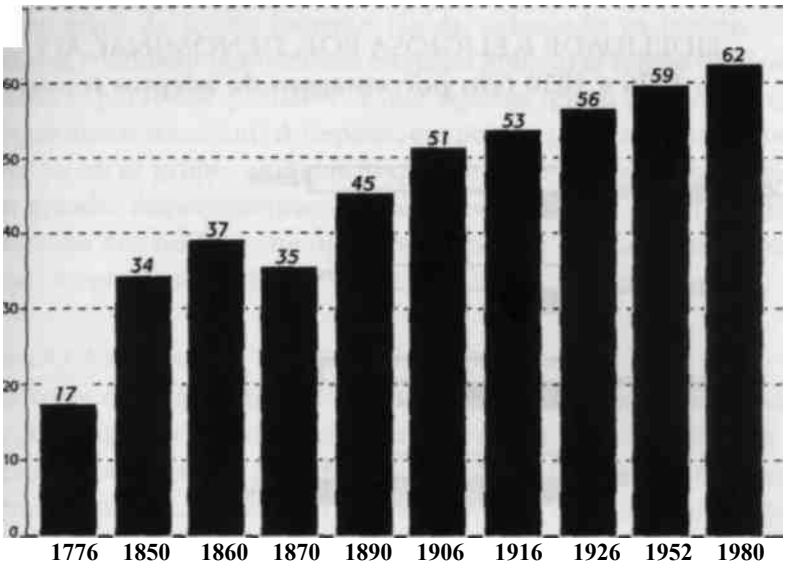


Figura 9.1. Os números contradizem a suposição comum advogada por sociólogos que dizem que, à medida que as sociedades se modernizam, elas inevitavelmente se secularizam. *(Finke e Stark, p. 16, adaptado com permissão.)*

A subida pura e simples dos números não conta toda a história.Veja a Figura 9.2, que mostra o desenvolvimento de algumas denominações entre 1776 e 1850 (da revolução americana [guerra pela independência dos Estados Unidos] ao clímax do segundo grande despertamento). Note as atordoantes reversões em termos de sucesso. Na época da revolução, mais da metade dos americanos que pertenciam a um grupo religioso (55%) era congregacional, episcopal ou presbiteriano. Na ocasião, parecia quase certo que estes grupos permaneceriam dominantes. Mas em 1850, os congregacionais tinham praticamente falido. Os episcopais tinham sofrido grande revés (em parte, porque apoiaram a Inglaterra durante a revolução americana; muitos voltaram para a pátria). Os presbiterianos tiveram certo crescimento, porém o aumento mostrado no gráfico apenas acompanhou o crescimento da população; na verdade, eles perderam terreno em termos de "participação de mercado", ou seja, de porcentagem de adeptos religiosos. Os católicos cresceram, mas pela imigração e não por conversão.

FIDELIDADE RELIGIOSA POR DENOMINAÇÃO
Em 1776 e 1850 (em porcentagem de adeptos totais)

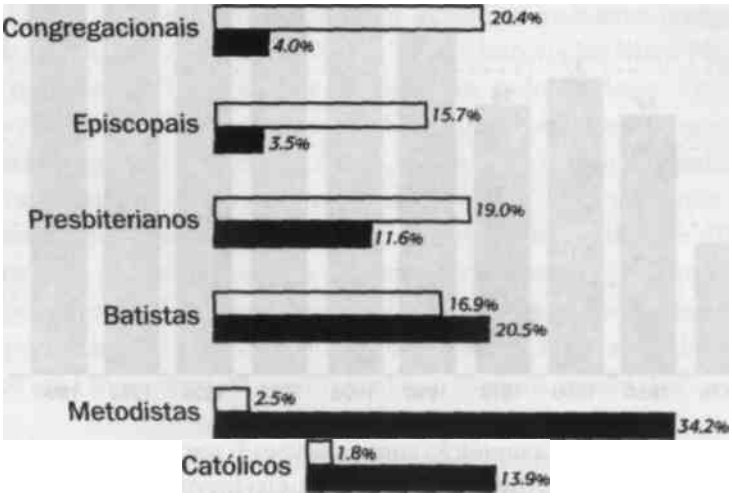


Figura 9.2. Por que algumas denominações diminuíram, ao passo que outras cresceram tanto? *(Finke e Stark, p. 55, adaptado com permissão.)*

O crescimento mais surpreendente ocorreu entre os batistas e os metodistas. Durante a *guerra* revolucionária, a maioria dos pregadores metodistas voltou à Inglaterra sob as ordens de João Wesley. Portanto, eles estavam recomeçando; mesmo assim, desfrutaram de sucesso fenomenal. Em 1850, se tornaram a maior denominação protestante, respondendo por 34% de todos os membros da igreja no país americano. Certos historiadores denominam o século XIX "a era metodista". Em 1906, eles foram englobados pelos batistas, fato que nos diz que a taxa de crescimento dos metodistas continuou firme.

Quando falamos sobre o "crescimento" da religião nos Estados Unidos, temos de entender que não foi uniforme. Depois da independência da nação americana, certos grupos caíram em declínio, ao passo que outros cresceram de forma bastante rápida, sobretudo os batistas e os metodistas, e também (embora não esteja no gráfico) as Igrejas de Cristo.

Como explicar este padrão? Por que algumas igrejas prosperaram, ao passo que outras recuaram? A resposta, em poucas palavras, é que os vencedores foram os grupos evangélicos que participaram do primeiro e segundo grandes despertamentos, enquanto os perdedores foram as igrejas estabelecidas que basicamente não competiram no mercado livre da religião que surgiu na nova nação.

Quando a Ajuda do Governo Prejudica

Por vezes, nos esquecemos de que, nos Estados Unidos pré-revolucio-nários, a paisagem religiosa era dominada por igrejas que se apoiavam no estabelecimento legal: os congregacionais na Nova Inglaterra, e os episcopais em Nova York, Virgínia, Maryland, Carolina do Sul e do Norte e Geórgia. O que significava o estabelecimento legal? É algo tão diferente de nossa experiência atual que não percebemos o papel intenso que o governo americano desempenhou ao administrar as igrejas. O Estado coletava dízimos (o qual todos os cidadãos tinham de pagar legalmente, quer comparecessem ou não à igreja estabelecida). O estado também determinava os novos limites dos distritos eclesiásticos, subsidiava a construção de novos templos, mantinha as propriedades dos distritos eclesiásticos, pagava os salários dos ministros, contratava-os e despedia-os, e até tomava medidas para suprimir os hereges. (Os pregadores batistas, por exemplo, eram às vezes encarcerados e maltratados. Sim, nos Estados Unidos!) Em muitos estados, as posições governamentais eram limitadas aos membros de igrejas; havia testes religiosos para o ofício.

Pelo visto, ter o governo a seu lado acarretava certa vantagem para as igrejas

estabelecidas, e até certo ponto, isso é verdade. Mas, no fim, isso as debilitou. Os monopólios tendem a ser pouco ativos, quer se trate de negócios, escolas ou igrejas. O clero estabelecido vivia como membro da pequena nobreza (a classe que não trabalhava, que vivia de investimentos e aluguéis), tendo bastante tempo para atividades de lazer. Por exemplo, na igreja estatal da Escócia, que era presbiteriana, Thomas Chalmers observou que depois de fazer os cultos de adoração, "o ministro gozava de cinco dias da semana de lazer ininterrupto".

Em contrapartida, os ministros evangélicos eram ativistas entusiásticos que não poupavam esforços em disseminar o evangelho. Realizavam outros cultos de adoração, iniciavam escolas dominicais, ensinavam em classes bíblicas, faziam visitas, fundavam instituições beneficentes e sociedades missionárias. Mais tarde, o próprio Chalmers se tornou evangélico e, segundo opinião geral, em um único ano, visitou 11.000 casas no distrito eclesiástico de Glasgow! Tornar-se evangélico fazia diferença significativa no estilo ministerial.

Na época, o povo estava perfeitamente ciente da diferença em etos. Um documento de 1837 (afinal, as igrejas americanas foram separadas do Estado) descreve o nítido contraste entre as igrejas livres dos Estados Unidos e a igreja estabelecida da Inglaterra. Tendo visto em primeira mão ambos os estilos, o escritor observou que o estabelecimento legal tornou o clero "indolente e preguiçoso", considerando que o indivíduo com renda garantida nunca "trabalharia tanto quanto quem tem de se esforçar para ganhar a vida". Em conseqüência disso, concluiu o escritor, os americanos tinham uma vantagem tripla: "Eles têm *mais pregadores;* eles têm pregadores *mais ativos* e têm pregadores *mais baratos* do que se pode ter na Europa".

Uma fé monopolizada cria indiferença religiosa não só entre o clero, mas também entre os membros. Esta é uma das razões de as taxas de fidelidade religiosa serem mais baixas nos tempos coloniais do que tipicamente supomos. Fazendo uma analogia moderna, teríamos sociedades como a Suécia, onde todos são luteranos, ou a Itália onde todos são católicos. O nível de participação religiosa nestes países é incrivelmente baixo comparado ao nível dos Estados Unidos.

Por fim, as igrejas estabelecidas tendiam a ser as primeiras a se voltar para o liberalismo teológico. Quanto mais rica a igreja, mais provável é que o seu clero desfrute de *status* social e tenha educação acadêmica formal. Por conseguinte, também é mais provável que aceite o liberalismo que apareça nas universidades européias dos seus dias. Muito antes da revolução americana, os principais estudiosos de Harvard eYale se tornaram unitários. Em vez de exortar suas congregações ao arrependimento e salvação, faziam conferências elegantemente chamadas de "religião racional", excluindo cada vez mais os elementos sobrenaturais. Quando desencadearam o primeiro e segundo grandes despertamentos, o clero liberal se lhes opôs com firmeza, declarando-se a favor da "razão" e contra a "religião do coração" dos reavivalistas.

Esta era receita certa para o fracasso. A suposição comum declara que, para sobreviver, as igrejas têm de se adaptar à época em que vivem. Porém, na realidade, o oposto é que é verdade. Em todo período histórico, os grupos religiosos que mais crescem são os que colocam os crentes em conflito com a cultura circunvizinha. Como princípio geral, quanto maior a tensão do grupo com a sociedade popular, mais alta é a taxa de crescimento.

"As organizações religiosas são mais fortes à medida que impõem custos significativos em termos de sacrifício e até de estigma em seus membros", escrevem Finke e Stark. Por quê? Porque as religiões que exigem muito também dão muito. A religião

francamente sobrenatural pode exigir mais de seus adeptos que o evangelho aguado da "religião racional" ou do ativismo social. Mas, em troca, dá recompensas muito maiores em termos de substância doutrinária, experiência espiritual intensa e senso de acesso direto a Deus. Como Finke e Stark comentam mordazmente, as pessoas vão à igreja "à procura de salvação, não de serviço de assistência social".

A Religião do Velho Oeste

Ainda que estes princípios sejam verdadeiros em toda sociedade, eles se aplicam de modo específico à história americana, visto que, ao longo da maior parte da história desta nação, houve uma fronteira extensa. O mapa da Figura 9.3 mostra a porcentagem de adeptos religiosos nos Estados Unidos em 1850, no ápice do segundo grande despertamento (o mesmo ano final do gráfico anterior). Note que o país está meio colonizado. Para dar concretude a estas datas, lembro-me de que nasci nos anos cinqüenta, o que significa que este mapa mostra as condições há meros cem anos antes do meu nascimento. E observe que estados estão na fronteira: Michigan, Missouri, Texas! Isto significa que grande parte da história americana pode ser mapeada segundo o movimento gradual em direção à fronteira oeste, processo que durou quase trezentos anos. A dinâmica da vida de fronteira continuou moldando grande parte da cultura americana até o início do século XX.

Quais eram as condições na fronteira? Primeiro, eram rústicas e perigosas. Pensemos assim: As pessoas estavam se mudando para o oeste mais rápido que as instituições sociais podiam acompanhar. Era freqüente não haver escola, igreja, autoridade local, até famílias (número elevado de homens solteiros iam para o oeste)." Muitos eram andarilhos e pessoas em dificuldade com a lei, que fugiam do passado. Repare neste relato de primeira mão, escrito em 1840 pelo nobre francês Alexis de Tocqueville, observador perceptivo da cultura americana. Ele comentou que os indivíduos que iam para o oeste eram "aventureiros avessos à autoridade, gananciosos de riqueza e, muitas vezes, párias dos estados em que nasceram. Eles chegam a pleno deserto sem se conhecer. *Não faziam caso de tradição, sentimento familiar ou exemplo; nada os continha".*

Quando pensarmos em fronteira, pensemos era Dodge City. Como escrevem Finke e Stark, devemos imaginar "cidades repletas de homens sem destino, andarilhos, jogadores, trapaceiros, vigaristas, prostitutas e taverneiros, e *sem* igrejas, escolas ou mulheres de respeito".

A questão que confrontava as igrejas cristãs era como tornar eficaz um apelo religioso para tais indivíduos incivilizados e brutos. Como levar religião para Dodge City? A resposta é fazer o mesmo que os metodistas e batistas fizeram nos movimentos de reavivamento: Agarrar as pessoas pela garganta com uma experiência emocional profunda a fim de persuadi-las do poder do sobrenatural, para então lhes dizer que deixem de beber, que parem de atirar uns nos outros e que tenham uma vida direita. Este tipo de experiência de conversão emocional profunda é exatamente o que as reuniões ao ar livre do primeiro e segundo grandes despertamentos almejavam produzir. Nada de ensino profundo, nada de cerimônias sublimes, nada de sutileza teológica, nada de hinos solenes. Os reavivalistas usavam a linguagem simples do povo, músicas populares fáceis de serem lembradas, e pregavam com atitude teatral exagerada para chamar a atenção das pessoas e mexer com as emoções. Os pregadores evangélicos descontinuaram o padrão antigo de usar sermões para ensinar, e usaram os sermões para pressionar as pessoas a um ponto de crise a fim de produzir a experiência de conversão. Em vez de falar de crescimento gradual na fé pela participação numa igreja, os evangélicos encaravam uma ocorrência de conversão do passado como base única e suficiente para afirmar ser cristão."

Cavaleiros na Tempestade

Outra chave do sucesso na fronteira é que os pregadores tinham de *estar* lá. Dispostos a sacrificar o conforto que tinham na cidade para ministrar entre pessoas rudes e grosseiras que viviam lá. Em geral, o clero estabelecido não estava disposto a fazer isso. Nas igrejas sustentadas pelo Estado (e nas igrejas mais ricas em geral), o treinamento para pastores era um processo longo e caro, que ocasionava uma escassez crônica de clero, dando-lhes assim considerável poder de barganha sobre o salário e o local. Muitos simplesmente recusavam ir às regiões fronteiriças inseguras.

Em contrapartida, os pregadores metodistas itinerantes se tornaram uma lenda na fronteira. Eles viajavam constantemente, quase que vivendo sobre a sela do cavalo, e estavam dispostos a pregar em minúsculos postos fronteiriços, mesmo onde tivesse apenas uma casa. Quase todos eram solteiros (as niuitas viagens os impediam de sustentar uma família), trabalhavam por quase nada e morriam literalmente jovens em virtude das condições adversas em que viviam. Certo ministro os apelidou de "a artilharia leve" de Deus, adaptados à fronteira de forma perfeita. Gozavam a reputação de enfrentar de modo corajoso situações terríveis e maus tempos, de forma que se costumava dizer durante tempestades particularmente severas:"Não há ninguém lá fora nesta noite, exceto corvos e pregadores metodistas".



Figura 9.4. REUNIÃO METODISTA DE FIÉIS AO AR LIVRE, 1 de março de 1819: As pessoas viajavam quilômetros para ouvir a mensagem sobre o e pecado e a graça pregada pelos reavivalistas. *(Gravura. Biblioteca do Congresso, Divisão de Estampas e Fotografias [LC-USZC4-772].)*

De maneira semelhante, quase todos os pregadores batistas eram fazendeiros simples que ministravam aos próprios vizinhos. Muitos tinham ensino teológico mínimo e falavam o mesmo linguajar que as pessoas a quem queriam alcançar. Não era incomum alguém ser convertido numa reunião de reavivamento e de imediato começar a trabalhar na obra, aprendendo algum ensino teológico apenas se tivesse tempo e dinheiro.[25] Tudo era uma total inovação. É comum nos esquecermos de que desde que o cristianismo se tornou a religião estatal do Império Romano no século IV, a igreja estivera associada com a classe governante. Enquanto os Estados Unidos estava se tornando uma nação, a maioria dos países europeus ainda tinha igrejas estatais, em que as autoridades eclesiásticas exerciam considerável poder político e até ocupavam chancelaria do governo. Na Inglaterra, por exemplo, os bispos anglicanos tinham cadeira na Câmara dos Lords (e ainda têm). Até na

América colonial, a autoridade cle-rical e a governamental estavam entrelaçadas, visto que itens como dízimo e freqüência dominical eram quesitos de coerção legal. Tipicamente, os ministros eram as pessoas mais bem educadas da comunidade, fato que significava que recebiam deferência como líderes.

Este elitismo era de todo detestável aos reavivalistas, que se levantaram *com* a intenção de "popularizar" a religião. Instigados por profunda preocupação pelo povo comum, eles proclamavam o direito dos iletrados para investigar a religião por conta própria. Tornaram o evangelho acessível usando linguagem simples e pregação espontânea. Faziam sermões emotivos e improvisados, novidade animadora numa época em que era habitual o clero simplesmente ler os sermões escritos de antemão. Nas palavras de João Wesley, os reavivalistas queriam pregar nada mais que "a verdade simples a pessoas simples".-' Os crentes comuns não eram mais considerados recebedores passivos, como ocorria no antigo modelo hierárquico, mas eram participantes ativos.

A preocupação dos reavivalistas com os pobres e párias alcançou até os escravos. Na época da guerra revolucionária, poucos negros, escravos ou livres, eram cristãos. "Bem no meio do século XIX, os episcopais e presbiterianos já estavam torcendo as mãos preocupados com o fracasso em cristianizar os próprios escravos", diz o historiador Nathan Hatch." Contudo, ao longo das três décadas seguintes, milhares de afro-america-nos se voltaram para o evangelho. O que os atraiu? O estilo de pregação simples e informal dos reavivalistas."Outras denominações pregavam com tanta exuberância que não conseguíamos compreender a sua doutrina", afirma Richard Allen, fundador da Igreja Episcopal Metodista Africana." Mas o estilo de pregação dos metodistas e batistas era simples, direto e comovente. Em vez de impor um estilo de adoração solene e discreto, eles promoviam os cânticos, os louvores e os brados espontâneos, afirmando a rica herança da expressão popular entre os afro-americanos.

Quando consideramos o crescimento da fidelidade religiosa nos Estados Unidos, a coisa mais notável é que não ocorreu entre as igrejas respeitáveis ou estabelecidas, mas entre os grupos evangélicos — os grupos "arrogantes", como eram chamados na ocasião. Estas são as notícias boas sobre o evangelicalismo. Mais tarde, as técnicas reavivalistas aperfeiçoadas na fronteira foram adaptadas nas cidades por homens como Charles Finney. Ele pegou o estilo de reunião ao ar livre, deu-lhe uma aparência mais apresen-tável, elevou-o a uma linguagem mais urbana e afinou seu apelo de acordo com as classes profissionais (advogados e homens de negócios)."

Enquanto isso, o que aconteceu com as igrejas estabelecidas? Entraram num processo de declínio lento, mas permanente, que continua até hoje. Por muito tempo, conseguiram mascarar o declínio: a população global nos Estados Unidos estava crescendo tão depressa que os números continuaram subindo em termos absolutos, embora não estivessem acompanhando o ritmo com o aumento de habitantes. Nos anos sessenta, as igrejas tradicionais não podiam negar o fato de que até os números absolutos estavam caindo. Em 1972, Dean Kelley, executivo do Conselho Nacional de Igrejas, entidade teologicamente liberal, escreveu um livro com o título *Why Conservative ChurchesAre Growing* (Por que as Igrejas Conservadoras Estão Crescendo). Nesse livro, ele declara de maneira muito franca e pela primeira vez que as igrejas liberais e tradicionais estão morrendo. Os colegas de Kelley lhe passaram uma descompostura por ventilar verdades desagradáveis em público. Todavia, hoje, até os liberais admitem que as denominações evangélicas baldaram todas as predições, recusando-se a desaparecer do mundo moderno e continuando a crescer e prosperar.[31]

De modo geral, os dois grandes despertamentos são em grande medida responsáveis pelo fato de os Estados Unidos permanecerem a mais religiosa das nações industrializadas.

Ao popularizar o cristianismo, o evangelicalismo se infiltrou em todas as camadas sociais. "Em 1790, algo em torno de apenas 10% dos americanos professavam ser membros de uma igreja cristã", escreve Noll, "mas na época da guerra civil [1861], a proporção se multiplicara várias vezes". "Os trabalhos ativos dos reavivalistas" ~ foram a causa principal deste aumento surpreendente.

Desavença de Fronteira

Se estas são as notícias boas sobre a ala populista do evangelicalismo, então quais são as ruins? O que aconteceu ao longo do caminho com o juízo evangélico? Por que o movimento evangélico ficou basicamente antiintelectual, com pouco senso de como se relacionar com a cultura popular? Por incrível que pareça, a resposta está em alguns dos mesmos fatores que o tornaram tão próspero. Esbocemos alguns dos principais fatores, e depois os observemos desenvolvendo-se mais dramaticamente numa série de narrativas curtas pelo restante deste capítulo e no próximo.

Em primeiro lugar, o foco na experiência de conversão profunda foi altamente eficaz em levar as pessoas a aceitar o evangelho. Mas isso também tendia a redefinir a religião em termos de emoção, ao mesmo tempo em que contribuía para negligenciar a teologia, a doutrina e o elemento cognitivo da crença. Esta tendência causou enorme dano ao reforçar a concepção do cristianismo como experiência não-cognitiva do pavimento de cima.

Em segundo lugar, o uso de linguagem simples do povo e músicas populares foi muito eficaz em alcançar as pessoas comuns. Entretanto, os reavivalistas foram muito longe, quase promovendo de forma aberta a ignorância do povo, como se ser teologicamente instruído fosse igual a estar espiritualmente morto. Um dos temas favoritos dos reavivalistas era ridicularizar o clero instruído "do leste".

Em terceiro lugar, tratar os indivíduos de maneira separada da família ou da igreja foi muito eficaz em forçar uma crise de fé. Mas também induziu a uma visão radicalmente individualista da igreja, que rejeitou as riquezas intelectuais desenvolvidas durante séculos pelos grandes pensadores ao longo da história da igreja, inclusive as destilações doutrinárias vigentes nas declarações corporativas de fé, como credos e confissões. Muitos evangélicos de modo indiscriminado absorveram o individualismo que estava em voga na vida *política* americana, e o transferiram à igreja. Nasceu uma eclesiologia atomística e voluntarista que não espelhava o ensino bíblico tanto quanto a filosofia política da época.

Por último, o reavivalismo causou um novo modelo de liderança. O pastor não era mais um professor que ensinava uma determinada congregação, mas era uma celebridade que inspirava o público em massa.

Claro que estas tendências não foram incorporadas a todos os grupos evangélicos, nem estavam totalmente desenvolvidas já de início. Encontramos sementes das novas atitudes sendo plantadas no primeiro grande despertamento (o restante deste capítulo) e tendo plena realização somente no segundo grande despertamento (o tópico do próximo capítulo) .Veja se você consegue determinar os temas característicos enquanto os delineio em breves esboços históricos.

Whitefield pelos Estados Unidos

O primeiro grande despertamento começou quando um jovem evangelista inglês chamado George Whitefield fez uma aparição sensacional nas colônias americanas. Ele pregou ao ar livre, nos campos, nas ruas, em qualquer lugar onde pudesse juntar pessoas.Tendo sido ator quando criança, Whitefield sempre reteve uma queda pelo talento dramático, que agora empregava em sua paixão de construir o Reino de Deus. Certo

biógrafo até intitula seu livro de *The Divine Dramatist* (O Dramaturgo Divino), e diz que Whitefield abriu caminho a um novo estilo de pregação:"o ator-prega-dor em oposição ao estudioso-pregador". Ele levantava os braços, batia os pés com força, representava as histórias bíblicas e chorava em voz alta.

Para entendermos a novidade disso tudo, temos de perceber como era contrário ao método de pregação sério e reservado em vigor naqueles dias. Morando na Europa, experimentei o estilo de pregação do velho mundo, quando visitamos uma igreja luterana de 700 anos no interior da Suécia. O pastor leu um sermão de uma hora, raramente olhando para a congregação. Foram os reavivalistas que abriram caminho à pregação improvisada, objetivando evocar uma resposta emocional e mudança nos corações. A pregação de Whitefield era tão eficaz, que as pessoas brincavam que ele podia fazer o público chorar apenas pela maneira como pronunciava a palavra *Mesopotâmia.*

Para promover suas viagens,Whitefield desbravou o uso de marketing em massa, copiando muitas técnicas de marketing do mundo comercial dos seus dias. Sempre presumi que as enormes multidões atraídas às cruzadas evangelísticas de Whitefield fossem ajuntamentos espontâneos, mas a maioria era orquestrada com bastante cuidado. Quando ele planejava visitar uma cidade, enviava assistentes — até com dois anos de antecedência — para distribuir panfletos e arranjar as instalações.Também divulgava de antemão um fluxo constante de publicidade: boletins de imprensa, anúncios em jornal, cópias impressas dos seus sermões. Ele "implementava uma estratégia de autopromoção e publicidade que era desconhecida nos círculos religiosos de sua época", diz certo historiador. Às vezes, inflacionava "os números para chamar mais a atenção da imprensa", ou "repetia os eventos para atrair multidões e publicidade em jornais". Enfim, estes eram alguns dos acontecimentos mais bem divulgados nos Estados Unidos, no período colonial.

O historiador Harry Stout resume a inovação de Whitefield, denomi-nando-o a "primeira celebridade moderna" dos Estados Unidos. Em que sentido? No sentido de que sua base para influenciar não se apoiava na validação institucional, ou seja, quesitos como formação e ordenação, pelas quais uma igreja ou denominação qualifica uma pessoa para representá-la. Sua base de credibilidade apoiava-se na personalidade e popularidade — a habilidade pura e simples de mover multidões. Diferente dos pastores locais, reavivalistas como Whitefield não pregavam a congregações regu-lares que os conheciam pessoalmente. Eles atraíam o público em massa composto de estranhos que não tinham meios de conhecê-los de perto, os quais só poderiam ser atraídos por publicidade e propaganda.

Reconhece alguns de nossos temas emergindo aqui? O foco na resposta emocional; o líder de estilo de celebridade; a publicidade criada; o indivíduo separado de sua congregação local. Meu propósito não é fazer um relato histórico completo, mas apenas realçar os padrões fundamentais que ajudam a explicar a perda da mente cristã em nossos dias. Não há dúvida de que em ambos os despertamentos, Deus fez um trabalho grandioso na terra. Elevado número de pessoas se deu conta dos seus pecados, e descobriu a alegria do perdão e da graça. Não podemos ler os relatos de Whitefield e outros reavivalistas sem ficar impressionados com o ardente amor que tinham por Deus e a fome de ver as pessoas levadas ao Reino. Mas se queremos fazer uma diagnose inflexível do antiintelectualismo em nosso meio, temos de admitir que sementes importantes estavam sendo semeadas.

Coração versus *Cabeça*

Os cristãos contemporâneos tendem a fazer uma imagem tão positiva dos grandes despertamentos que é difícil de entender por que provocaram tamanha controvérsia amarga na ocasião. No primeiro grande despertamento, certas igrejas, como a presbiteriana, se

dividiram entre grupos reavivalistas e confessionais, ao passo que outros grupos se dissolveram de forma plena para se tornar independentes (a maioria batista). O que impulsionava os dois lados era a discordância sobre o papel da emoção ou a experiência na conversão.

Os oponentes do despertamento tratavam a vida cristã como crescimento gradual na fé e santidade. Denominavam este método "alimentação cristã" ocasionada pela participação nos rituais e ensinos da igreja. Segundo insistiam, era um crescimento totalmente racional no conhecimento. Como disse certo crítico: "Os atos da alma na conversão" são "os atos mais racionais". Isto era reflexo da visão do Iluminismo (ressurgido da cultura grega clássica), que dizia que os seres humanos são proeminentemente criaturas racionais. As "paixões" eram rebaixadas como forças que interferem na razão. Os críticos acusavam os reavivalistas de estarem subvertendo a ordem social ao despertarem as paixões do populacho ignorante.

Em contrapartida, os partidários do despertamento insistiam que não bastava um mero consentimento intelectual às proposições teológicas. Fazia-se necessária uma "mudança de coração" ou um "novo nascimento". Este tema veio do pietismo europeu que tinha rejeitado o foco do Iluminismo na razão para adotar o emergente foco romântico nos sentimentos. "Nosso povo não precisa tanto de ter a cabeça cheia, quanto de ter o coração tocado", escreveu em 1743 Jonathan Edwards, o teorista preeminente do primeiro grande despertamento. Um dos seus protegidos descreveu que o excelente pregador era alguém "cujo coração se encanta com a glória das coisas divinas".

A ênfase na emoção era talvez inevitável, tendo em vista que a maioria dos americanos no tempo colonial era pelo menos nominalmente crista. Isso significava que a meta primária dos despertamentos era agir contra a frieza e indiferença espiritual.Tendo poucos ateístas declarados a converter, os reavivalistas não buscavam converter as pessoas ao cristianismo tanto quanto ao que eles chamavam de "religião experimental"— a idéia de que a verdade religiosa não deve ser somente crida, mas também experimentada.

Consideremos um típico relato de conversão ocorrido no início do segundo grande despertamento.James McGready estava estudando para o ministério presbiteriano, quando lhe ocorreu que, ainda que as suas convicções teológicas fossem ortodoxas e o seu comportamento moral fosse impecável, estas coisas não bastavam. "Quando examinou *os seus sentimentos* para prová-los de acordo com passagens como, ser 'cheio do Espírito; cheio de júbilo; cheio do Espírito Santo; alegria no Espírito Santo', [...] lhe pareceu que ele não entendia estas coisas experimentalmente", escreveu certo historiador. Depois de ser ordenado, McGready disse que a meta de sua pregação era fazer com que as pessoas se perguntassem: "O cristianismo é algo que *sentimos'?* Se eu fosse convertido, *sentiria* e saberia?"

A ênfase em tornar o cristianismo "algo que sentimos" não significava que os evangélicos fossem de todo antiintelectuais — pelo menos, não nas primeiras fases. Eles se opunham a um conhecimento meramente intelectual de Deus. Muitos souberam manter um equilíbrio entre devoção e racionalismo, sendo Jonathan Edwards o principal exemplo. De alta formação educacional, Edwards harmonizou de modo admirável a aprendizagem teológica e o fervor espiritual. Até os historiadores seculares reputam-no um dos maiores eruditos da história americana. Os defensores do reavivamento também fundaram várias universidades, inclusive Princeton, Rutgers, Brown e Dartmouth.

E apesar disso, o novo nascimento era descrito em termos emocionais, algo que produzia "súbitas alegrias arrebatadoras" e "felicidade ilimitada". Um convertido da época disse que a experiência era o mais seguro "caminho para a felicidade". Um historiador comenta, um tanto quanto sarcas-ticamente, que a procura incessante de êxtase emocional

através do novo nascimento "representava a versão evangélica da busca da felicidade". Poderíamos dizer que o protestantismo estava sendo dividido em dois pavimentos: os reavivalistas promovendo as conversões emocionais (pavimento de cima) e seus oponentes defendendo a religião racional (o pavimento de baixo).

Individualismo Desafiador

Os reavivalistas do primeiro grande despertamento se dedicaram a atacar a autoridade eclesiástica. Com o tempo, esta ação tendia a minar até a autoridade natural da cultura e conhecimento. Embora muitos fossem de boa família e instruídos, ironicamente eles costumavam a se identificar como pessoas de fora. Em toda oportunidade, eles diziam que seus oponentes eram "os nobres e os poderosos" da igreja, ao passo que se identificavam com os pobres e o "povo comum".

Diferente do pastor que pastoreava sua congregação estipulada, o reavivalista pregava a multidões de pessoas reunidas de várias congregações e denominações. Esta era mudança importante, pois significava que o indivíduo era tratado como *indivíduo,* independente de ser membro de uma igreja. Na verdade, os reavivalistas iam mais longe. Exortavam de maneira explícita as pessoas a que deixassem a igreja e procurassem ministros que fossem verdadeiramente convertidos. Esta idéia era escandalosa, levando em conta a teologia puritana convencionada.

Para entender por que esta mensagem era tão perturbadora, temos de perceber que a visão da ordem social em vigor no século XIX era muito comunal e orgânica. O indivíduo não concebia morar longe da família, da igreja, da comunidade local e assim por diante. Quando um pastor era chamado para pastorear um distrito eclesiástico, era quase como uma proposta de casamento: Esperava-se que ele se unisse permanentemente com a congregação e ficasse ali pelo resto da vida. Os membros, por sua vez, eram unidos por contrato ao distrito eclesiástico.

Tratava-se, portanto, de uma divergência radical de procedimento quando os reavivalistas dirigiram a mensagem a indivíduos. Eles os exortavam a tomar decisões independentes no que tange à religião e a agir de acordo com essas decisões a despeito do efeito causado na sociedade em geral. "A devoção já não era algo indissoluvelmente ligado à comunidade local e à espiritualidade congregada", explica Stout. "A ênfase passou para um sentimento mais individualista e subjetivo de devoção, que tinha sua expressão requintada na experiência interna e bastante pessoal do 'novo nascimento'."

Para libertar os indivíduos dos fortes laços tradicionais, os reavivalistas adotavam um tom contencioso e até desafiador. Por exemplo, Samuel Finley, que depois se tornou reitor da Faculdade de Nova Jersey (Princeton) exortava seus ouvintes a imediatamente tomar partido contra ou a favor dos ministros de seus respectivos distritos eclesiásticos:"Fora com sua prudência carnal! E sirvam a *Deus* ou a *Baal. Quem não ê contra nós é por nós"* E exortava os membros da congregação a agir de acordo com a decisão tomada, ainda que "dilacere a igreja, divida congregações e famílias, [e] ponha as pessoas em discórdia"; mesmo que "as pessoas murmurem de você e o reprovem". Estas palavras ilustram o que certo historiador denomina "o novo espírito do individualismo desafiador, que era uma das manifestações mais radicais do despertamento".

Os partidários do reavivamento também deram vazão a denúncias severas do clero local, afirmando que seus integrantes eram espiritualmente mortos e carnais. Um dos sermões mais famosos do primeiro grande despertamento foi um discurso feito por Gilbert Tennent, um dos líderes dos presbiterianos da nova ala. Esse discurso flamejante, intitulado "O Perigo de um Ministério Não-Convertido", exortava as pessoas a exercer a liberdade

cristã, abandonando o ministro do distrito eclesiástico e aceitando ministros que fossem genuinamente convertidos, ou seja, que tivessem passando pelo "novo nascimento". Não admira que tais declarações de independência religiosa fossem de modo específico populares entre os jovens. Insultar as autoridades religiosas se tornou tão comum nas universidades, que em 1741 os membros do conselho diretor da Universidade Yale tiveram de passar uma lei interna proibindo os estudantes de referir-se aos funcionários da faculdade como "carnais" ou "impenitentes".

Podemos sentir o choque e ultraje que estas ações produziram na ocasião por estas palavras angustiadas ditas por um oponente do despertamento: "Vocês não têm a liberdade, o direito de abandonar a comunhão destas igrejas. [...] Vocês não podem fazer isso sem quebrar o contrato [...] e incorrer em terrível culpa de causar divisão". O que estava surgindo era uma nova teologia de conversão. A antiga visão que dizia que os crentes são alimentados *na* igreja reunida como pessoas inteiras, inclusive a mente (pelo estudo e catequese), estava dando lugar a uma nova visão que dizia que os indivíduos passam por uma decisão emocional única que ocorre *fora* da igreja.

O foco na escolha e experiência individuais concorreria para a idéia de que a crença cristã é um fenômeno não-cognitivo do pavimento de cima. Apesar do legado positivo global do primeiro grande despertamento, não há como não concluir que as sementes do antiintelectualismo estavam sendo plantadas. Mas elas não atingiram plena pujança até o segundo grande despertamento. Os dois despertamentos foram divididos historicamente pela guerra da revolução. Por isso, dividiremos nossa narrativa para retomá-la com o surgimento do segundo grande despertamento.

N. doT.: A autora se refere,é claro, aos Estados Unidos. Quando ela usa pronomes na primeira pessoa do plural está, na maioria das vezes, aludindo primariamente ao seu país. (N. doT.)

Quando os Estados Unidos Encontraram a Cristandade, Adivinhe quem Ganhou?

Está em nosso poder começar o mundo de novo.
Thomas Paine[1]

Depois de nos mudar para outro bairro residencial fora da cidade, minha família e eu procurávamos uma igreja. Certo dia, visitamos uma igreja evangélica não muito longe de casa. No meio do sermão, o pastor fez a mais descarada declaração de antiintelectualismo que já ouvi: "Na faculdade, fiz o curso de filosofia, e quando fui ler o livro didático, descobri que não passava de mera tolice. Puro jargão afetado e sem sentido". E sorriu expansivamente para a congregação, orgulhoso de sua descoberta. "Desde então, sei que os cristãos não têm de se preocupar em ler livros sobre filosofia ou qualquer outra daquelas bobagens intelectuais. Esses filósofos não sabem o que dizem."

Meu marido e eu trocamos olhares de absoluto pasmo. Mas essa atitude que estávamos testemunhando, um desdém pelas coisas relacionadas à mente, criou raízes no primeiro grande despertamento, como vimos no capítulo anterior. E continuou crescendo mais pronunciadamente durante o segundo grande despertamento. Neste capítulo, retomamos a história e determinamos seu legado duradouro. O propósito não é fazer uma narrativa histórica completa ou abrangente, mas apenas concentrar a atenção em padrões que nos ajudem a entender por que hoje em dia grande parte do mundo cristão se encontra preso à visão da verdade em dois pavimentos.

Enquanto o segundo grande despertamento estava em andamento, as reuniões ao ar livre se tornaram acontecimentos grandiosos. As pessoas viajavam quilômetros para morar em tendas durante dias, e até semanas.

As pinturas da época mostram filas e mais filas de pontas de tendas brancas enchendo as clareiras da floresta, com o estrado do pregador no meio e cercado por bancos de madeira. Havia lugares em que se via diversos estrados espalhados por todo o acampamento, de forma que a qualquer hora se ouvia *alguém* pregar.



Figura 10.1. O SEGUNDO GRANDE DESPERTAMENTO: No segundo grande despertamento, as reuniões ao ar livre se tornaram enormes ajuntamentos sociais. *(The Camp Ground, cortesia do Billy Graham CenterMuseum, Wheaton, Illinois.)*

De muitas formas, o segundo grande despertamento carregou os temas do primeiro. Portanto, ao narrarmos as histórias deste, tenhamos em mente as principais características

alistadas no capítulo anterior: o foco na experiência de conversão emocional profunda; o modelo de liderança de celebridade; forte suspeita da cultura e conhecimento teológico, sobretudo em formatos de credos e confissões; e uma visão cada vez mais individualista da igreja, bastante inspirada na filosofia política vigente na época. Na realidade, o fator especialmente distintivo do segundo despertamento é a surpreendente falta de distância crítica da ideologia política da revolução americana (a guerra pela independência dos Estados Unidos). Isto proporciona uma maneira cômoda de distinguir os dois despertamentos: o primeiro veio *antes* da revolução americana; o segundo, *depois,* numa época em que a revolução estava se tornando o modelo do pensamento popular em quase todas as áreas da vida. Tornou-se comum os líderes no segundo despertamento transferir indiscriminadamente [a] retórica da independência americana, retirando-a da esfera política para a esfera religiosa.

Por exemplo, no primeiro despertamento, os reavivalistas não tinham atacado a estrutura da igreja ou os conhecimentos teológicos, mas apenas os abusos que tinham transformado o clero numa classe privilegiada. Em contrapartida, no segundo despertamento, a autoridade da igreja foi denunciada como "tirania". Credos e liturgias eram nada mais que"papismo" e "poder sacerdotal". (Charles Finney declarou que a Confissão de Westminster era um "papa de papel".) Muitos argumentavam que a revolução americana ainda não estava completa, diziam que tinham rejeitado a tirania *civil,* mas que precisavam rejeitar a tirania *eclesiástica.* Na concepção deles, o sacerdócio de todos os crentes significava a religião do povo, pelo povo e para o povo.

Esta agressão à autoridade e conhecimentos teológicos fazia parte de uma "democratização [geral] da verdade", diz o historiador GordonWood. O conceito de "direitos inalienáveis" foi transferido do âmbito político para o âmbito das idéias, em que os direitos inalienáveis significavam o direito de o povo comum pensar como quisesse sem se submeter à opinião das pessoas de boa descendência e altamente cultas. Em vista disso, "os americanos no começo da república experimentaram uma *crise epistemológica* tão severa quanto qualquer outra de sua história", escreve Wood. A verdade parecia estar despedaçada, deixando tudo para o indivíduo — o eleitor, o comprador, o crente religioso — tomar decisões por conta própria.

Infelizmente, muitos evangélicos foram apanhados pela mesma "crise epistemológica". Eles assimilaram o etos americano, e em certos aspectos mostraram o caminho para uma perspectiva antiautoritária, anti-histórica e individualista, a qual, como veremos, teve conseqüências devastadoras para a mente cristã.

A Democracia Vai à Igreja

Contar histórias é uma maneira de reavivar estes temas, método que Nathan Hatch faz notavelmente bem em *The Democratization of American Christianity* (A Democratização do Cristianismo Americano). Seu livro será nossa principal fonte à medida que inserirmos vinhetas de algumas das principais figuras do segundo grande despertamento.

Um Político por um Sacerdote

Lorenzo Dow desempenhou papel importante para o crescimento do metodismo. Ele viajou mais quilômetros, pregou a mais pessoas e atraiu maiores multidões às reuniões ao ar livre do que qualquer outro pregador dos seus dias. Desenvolvendo uma imagem semelhante a João Batista, ele ostentava cabelos longos e soltos, roupas rústicas e um rosto bronzeado pelo sol. Teatral ao extremo, ele conseguia manter as pessoas encantadas levando-as às lágrimas ou às gargalhadas com suas histórias cheias de vida. Ele era mestre

do estilo de pregação simples e popular, e tinha um senso de humor travesso, que usava sobretudo para fazer troça do clero distinto e educado.

O detalhe mais surpreendente sobre Dow era que seus pontos de vista religiosos estavam inteiramente entrelaçados com seus pontos de vista políticos. Sendo jefersoniano radical, ele começava um sermão citando Thomas Paine. Proferia palavras afrontosas contra "o jugo esfolador da tirania e do poder sacerdotal", desta forma, colocando a opressão política lado a lado com a autoridade eclesiástica. Em um dos seus muitos panfletos, Dow escreveu: "Se todos os homens 'NASCEM IGUAIS', e são dotados de DIREITOS inalienáveis pelo CRIADOR, [...] então não pode haver motivo justo [...] para que ele não possa pensar, julgar e agir por si mesmo nas questões religiosas". Note como ele aplica à igreja as palavras textuais da Declaração da Independência Americana. O título do folheto era *Rights of Man* (Os Direitos do Homem),frase do Iluminismo,se é que este momento tinha alguma frase. Em vez de oferecer uma perspectiva distintamente bíblica sobre a cultura política vigente, muitos evangélicos quase que igualavam a liberdade espiritual com a liberdade política.

Detectou nossos temas aparecendo? O apelo às emoções; a desconfiança dos conhecimentos teológicos e da cultura; a falta de distância crítica das filosofias seculares da época. Na realidade, a cópia de *slogans* políticos era tão comum entre os reavivalistas que quando Tocqueville visitou os Estados Unidos, escreveu que "encontraríamos um político onde esperaríamos encontrar um sacerdote".

Correntes para nossos Filhos?

Outra pessoa fundamental no segundo grande despertamento foi John Leland, um dos batistas mais populares e controversos do início do século XIX. Leland também era ardoroso jefersoniano. Para ele, o conceito de governo autônomo *na política* envolvia autonomia pessoal na *religião.* "Nós seremos livres, nós nos governaremos", escreveu ele. É adequado que a inscrição na lápide de Leland o elogie por proteger os direitos civis e re|jigiosos. (Diz: "Ancião John Leland, que labutou [...] para proteger a devoção e defender os direitos civis e religiosos dos homens".)

Leland foi tão longe a assumir o conceito de autonomia religiosa que chegou a se opor que os pais ensinassem os filhos. Ele advertiu que "é muito injusto [para o homem] prender a consciência dos filhos". E para inostrar que não estava se referindo apenas a crianças mais velhas, continuou: "É muito cruel fazer correntes para os filhos antes de eles nascerem". Esta era concepção bastante individualista da economia divina. Ele exortava as pessoas a se esforçarem deliberadamente para se livrar de todas as autoridades naturais; poderia ser igreja, estado, professores ou família.

O fato de Leland ter rejeitado a autoridade religiosa o levou a sustentar que os simples e ignorantes são mais competentes que o clero instruído que lê e estuda a Bíblia: "Não é o homem simples, que estuda a natureza e a razão, juiz competente das coisas?" Aqui, identificamos o início da expressão do conceito batista de *competência de alma.*

O problema com tudo isso é que o cristianismo não estava moldando a cultura tanto como a cultura estava moldando o cristianismo. Nas igrejas protestantes clássicas — luteranas, reformadas, anglicanas —, declarações de fé como credos, confissões e liturgias formais eram considerados meios necessários de expressar identidade comunal e estruturar a adoração comunal. Mas agora, todas as formulações teológicas estavam sendo denunciadas como nada mais que dispositivos artificiais para manter as pessoas "sob o domínio dos tiranos clericais". A medida que o individualismo liberal criava raízes na política, era aplicada sem critérios às igrejas, produzindo uma eclesiologia muito individualista e

democrática.Valores modernos como autonomia e soberania popular foram simplesmente admitidas nas igrejas evangélicas.

Meio-Americano

Os Discípulos de Cristo, as Igrejas de Cristo e as Igrejas "Cristãs" se juntaram para formar a primeira denominação americana nativa. Uma de suas figuras mais fascinantes foi Elias Smith. Tendo começado como ministro batista, Smith caiu sob o fascínio de um escritor político jefersoniano radical. Assim, passou a trasladar a idéia de soberania popular da esfera política para a esfera religiosa. Ele saiu de sua igreja como um manifesto de liberdade, e denunciou a religião formal de todo tipo.

Em um folheto, Smith escreveu: "Muitos são *republicanos* quanto ao *governo,* porém, mesmo assim, são meio-republicanos, pois nas questões religiosas ainda estão presos a um catecismo, credo, convenção ou sacerdote supersticioso". Em outras palavras, a revolução americana foi uma medida incompleta: nos livramos da tirania política, agora temos de nos livrar da tirania eclesiástica. (Smith usa a palavra *republicano* no sentido essencial do que diríamos hoje *democrático.)* E concluiu com este desafio estonteante: "Ousem ser tão independentes nas questões religiosas, como aqueles que respeitam o governo sob o qual vocês vivem".

Note como o paradigma é inspirado na política. De modo semelhante, vejamos Barton Stone (que fundou os Discípulos de Cristo): Quando se desligou da Igreja Presbiteriana, onde fora pastor, não resistiu e disse que sua saída era a "declaração de nossa independência"." Assim, a revolução americana foi tomada como precedente para derrubar a autoridade e elitismo de todos os tipos. Uma carta publicada em um jornal "cristão" traçou um paralelo explícito. Este documento dizia que o.conflito para libertar a Bíblia de "credos e confissões" era "perfeitamente análogo à guerra revolucionária entre a Inglaterra e os Estados Unidos". " Os temas democráticos estavam de modo tão íntimo entrelaçados com os temas bíblicos que qualquer análise política real entrava em curto circuito.

Salvação Agora

Para sermos justos, a inspiração não transitou apenas num sentido. Foram os hereges religiosos que inicialmente cunharam frases fundamentais como "direitos inalienáveis". A diferença no uso era esta: antes da revolução, *slogans* sobre direitos e autonomia eram usados por *grupos* divergentes contra as igrejas estatais coercivas; depois da revolução, os mesmos *slogans* foram usados por *indivíduos* dissidentes contra suas respectivas igrejas. Muitos declaravam o direito de cada pessoa rejeitar as igrejas históricas, os credos antigos e os conhecimentos teológicos para escolher estritamente por conta própria o que a Bíblia ensina. Por exemplo, Elias Smith argumentou que cada cristão tinha o "direito inalienável" de "seguir a Escritura onde quer que ela o conduzisse", mesmo que terminasse adotando posições "contrárias ao que os doutores em teologia chamam de ortodoxia".

O que estava emergindo no ramo populista do evangelicalismo era uma nova visão da igreja individualista e até atomística. Podemos ilustrar a mudança por meio de uma nova teologia de conversão. No início da Nova Inglaterra, para se tornar membro de uma igreja, o candidato passava por um processo longo a fim de aprender a Bíblia, os credos, a Oração do Senhor, os Dez Mandamentos, o catecismo. Depois, o candidato era submetido a um exame inicial pelos anciãos e ministro da igreja. Em seguida, tinha de fazer uma narrativa verossímil de sua experiência de conversão perante a congregação. Então, se seguia uma investigação da vida e conduta moral do candidato: as pessoas da cidade seriam interrogadas sobre o caráter e reputação do candidato. E assim por diante. Se o candidato passasse nesses

vários testes, seria recebido na comunhão. O processo era "uma espécie de rito de comunidade".

Esperava-se que a experiência de conversão levasse anos de labuta antes de o indivíduo sentir o testemunho interno do Espírito Santo, que dava certeza de ter sido perdoado e contado entre os eleitos. As biografias dessa época mostram que alguns sofreram anos de dúvida e ansiedade assombrosa antes de ter a certeza de salvação.

Em contrapartida, os reavivalistas ofereciam a certeza de salvação imediata. Em vez de passar por um longo processo, o indivíduo tomava uma decisão e era salvo instantaneamente. Em vez de ser ensinado e testado pela igreja, o convertido anunciava às pessoas o que havia experimentado.

É lógico que alguns procedimentos de filiação tiveram de ser recriados, mas a mente americana foi alterada. Que necessidade havia de coisas como catecismo, liturgia ou sacramentos, se o que contava para a salvação era a crise de conversão? A igreja não era mais uma comunidade orgânica na qual o indivíduo era recebido, e certamente não era uma autoridade espiritual à qual ele se submetia. Era um grupo de indivíduos iguais e autônomos que se reuniam por escolha.

Estados Unidos, os Naturais

Se você leu o Capítulo 4, a frase conclusiva da subseção anterior deve ter lhe lembrado algo: os evangélicos populistas estavam batendo na mesma tecla que os antigos teoristas do contrato social. Na ótica de Hobbes, Locke e Rousseau, as estruturas sociais eram questão de escolha, formadas pelo consentimento de indivíduos autônomos que vivem em um "estado natural". (Para inteirar-se de mais detalhes, ver Apêndice 1.) Depois da revolução americana, a teoria do contrato social ganhou enorme plausibilidade entre os americanos, pois parecia descrever o que eles estavam experimentando. Até os cristãos imitaram temas semelhantes nas opiniões que tinham da igreja.

Quando as teorias do contrato social foram inicialmente propostas, o estado natural era mero cenário hipotético, um mito de como a sociedade poderia ter se originado no passado nebuloso. Afinal, ninguém tem a verdadeira experiência de um estado natural; nascemos em uma família, igreja clã, aldeia, nação preexistentes. Mas a colonização do Novo Mundo quebrou a norma, e parecia se ajustar ao paradigma hipotético. Alguns diziam que nos Estados Unidos existira um estado natural genuíno; então, uma sociedade de fazendeiros e empresários independentes se reuniu e formou um estado por deliberação e escolha, precisamente como prescreve a teoria do contrato social. As próprias pessoas criaram as estruturas governamentais, distribuindo poder como quisessem.

Em suma, nos Estados Unidos parecia que o estado natural fora real e histórico. Por fim, havia uma igualdade natural genuína entre indivíduos independentes. A humanidade teve a chance de recomeçar e construir uma sociedade civil do zero. Para muitos americanos, o significado da revolução não era apenas ter eliminado um rei, mas começado um novo mundo do nada."Está em nosso poder começar o mundo de novo", exultou Thomas Paine. "Desde o tempo de Noé não ocorre uma situação semelhante à atual." Esta era comparação surpreendente, como se no Novo Mundo a terra tivesse sido limpa para que a civilização humana começasse outra vez.

Em outras palavras, pela primeira vez a teoria do contrato social se ajustava à experiência real das pessoas em vez de ser hipotética. Em conseqüência disso, o liberalismo se tornou a filosofia política dominante. Como explica Wood, muitos americanos adotaram uma imagem atomística da sociedade civil com base em "indivíduos isolados e hostis" que existem intrinsecamente "fora de todos os governos" (quer dizer, em um estado natural), e

que se reuniram e criaram poder por escolha própria.

Esta era uma visão nova e alegre da sociedade. No período colonial americano, a filosofia política dominante fora o republicanismo clássico e cristão, que era bastante comunal. Ela exigia que os indivíduos se submetessem a um conjunto de estruturas sociais preexistentes e normativas — família, igreja, estado —, as quais foram instituídas e sancionadas pelo Criador. Virtude era aceitar as responsabilidades ligadas ao papel prescrito no organismo social, praticando a abnegação para o bem comum. Mas no novo liberalismo, as estruturas sociais não foram instituídas por Deus; elas existiram quando os indivíduos as criaram para proteger seus interesses. O etos da abnegação foi substituído pelo etos da auto-afirmação e interesse próprio."

Movendo 1.800 Anos.

Esta era revolução intelectual momentosa. Logo, as idéias estavam ecoando por todas as esferas da sociedade, inclusive nas igrejas. Em vez de analisar as novas idéias de uma perspectiva bíblica, muitos evangélicos as adotaram indiscriminadamente. Se as pessoas podiam formar seu próprio Estado, por que não sua própria igreja? Havia a convicção geral de que o surgimento da democracia era o evento histórico mais significativo em dois milênios — um *novus ordo seclorum* (uma "nova ordem dos séculos", a frase que consta na parte de trás das cédulas de dólar). Da mesma maneira que os americanos percebiam que estavam estabelecendo uma "nova ordem" política, muitos também queriam começar uma nova igreja. Eles varreram o entulho dos séculos e recomeçaram do nada, recriando a igreja dos tempos do Novo Testamento.

Surgiu a convicção de que o cristianismo se corrompera irremediavelmente algum tempo depois da era apostólica, e que a grande tarefa imediata era voltar mais de 1.800 anos de história para restaurar a pureza original da Igreja Primitiva. Isto se chama suposição da igreja "caída", ou seja, que a igreja visível sofreu uma grande queda.Vários grupos determinaram a queda em pontos diferentes da história — alguns a colocaram na era de Constantino, com a fusão do Estado e da igreja; outros a colocaram na época do estabelecimento do papado, e assim por diante. O tema comum era que as formas e práticas que se desenvolveram na igreja ao longo dos séculos não eram normativas, nem mesmo valiosas. Representavam um processo de corrupção e degeneração, em que a pureza do cristianismo primitivo fora perdido." Itens como credos e cerimônias eram meras invenções humanas que tinham formado uma crosta no evangelho, como a craca de um navio, a qual devia ser raspada para que a autêntica adoração que houvera no Novo Testamento fosse restabelecida.

Esta atitude chama-se primitivismo. Isto está em nítido contraste com a posição dos católicos, ortodoxos e anglicanos, que até hoje competem uns com os outros ao afirmar que detêm a continuidade histórica ininterrupta desde a era apostólica, algo que consideram marca de autenticidade. Foi a Reforma que introduziu o novo tema. Era a idéia de que o passado era um pântano de corrupção e que a verdadeira igreja só apareceria jogando fora séculos de desenvolvimento histórico para recuperar um padrão mais antigo e mais puro. Até para os evangélicos populistas, o trabalho dos reformadores foi inadequado. Afinal de contas, eles ainda retinham muitas decorações igrejeiras como credos e liturgias. Os evangélicos queriam ir mais longe.

Eles atacaram vigorosamente os credos, confissões, cerimônias e estruturas eclesiásticas, denunciando-os como violações da liberdade cristã e que deviam ser arrancadas.

"As pessoas encararam o novo começo no Novo Mundo como urna oportunidade

providencial para recomeçar em um ponto selecionado da história, onde pensavam que a igreja cristã se desviara", escreve o historiador Sidney Mead. ~ É óbvio que isto era mais retórica que realidade. A maioria dos evangélicos reteve os ensinamentos básicos da ortodoxia cristã detalhados em declarações como o Credo Apostólico e o Credo Niceno. Contudo, havia o sentimento irrefletido de que da mesma maneira que a revolução americana tinha recomeçado o mundo, assim os evangélicos recomeçariam a igreja — reconstruindo-a, tábua por tábua, somente no Novo Testamento.

Por um lado, este tipo de primitivismo poderia ser libertador: levava ao conhecimento do indivíduo que ele não podia mais aceitar passivamente tudo o que a igreja ensinasse, mas que tinha de fazer seu estudo da Bíblia independente. O foco na Igreja Primitiva também inspirou uma fartura de estudos empíricos do contexto lingüístico e cultural original do Novo Testamento. Por outro lado, a rejeição arrogante do passado despojou a igreja das riquezas da reflexão teológica, meditação bíblica e experiência espiritual, as quais são de valor secular. Inculcou a atitude de que não havia nada a ser ganho em estudar o pensamento dos grandes sábios do passado: Agostinho e Tertuliano, Bernard de Clairvaux e Tomás de Aquino, Martinho Lutero e João Calvino. Tratava-se de abordagem sentenciada, quase por definição, ao antiintelectualismo e superficialidade teológica.

Não estou fazendo uma observação teológica para que a tradição receba autoridade religiosa, mas faço uma observação histórica dos efeitos que uma atitude anti-histórica teve na vida da mente. "O maior perigo que ataca o cristianismo evangélico americano é o perigo do antiintelectualismo", avisou Charles Malik na cerimônia de dedicação do Billy Graham Center, na Universidade Wheaton. Malik disse que os evangélicos estão com pressa em pregar o evangelho, mas "não têm idéia do valor infinito de gastar anos de ócio conversando com os grandes sábios e pensadores do passado, para amadurecer, aguçar e aumentar o poder do pensamento". Esta rejeição arrogante do passado teve raízes nos grandes despertamentos. Os evangélicos estavam "se libertando" avidamente da sua própria herança cristã, sem reconhecer o quanto ficaram empobrecidos.

Cristãos para Jefferson

Por que estas idéias ficaram tão populares? Por que esta concepção atomística e anti-histórica da igreja se espalhou tão depressa? De muitas formas, os evangélicos foram pegos pelas grandes transformações que ocorreram na cultura dos seus dias. As idéias se encorparam quando combinaram com a experiência das pessoas. A experiência mais comum nos Estados Unidos era uma democracia em expansão, tanto na esfera política quanto na econômica.

Primeiro, a esfera política. Antes da revolução, como mencionamos, os colonos mantinham a visão republicana clássica da sociedade. Na sua concepção, as instituições sociais, como família, igreja e estado, eram "todos" orgânicos, cada um com um bem comum que transcendia os interesses individuais dos seus membros. Neste contexto, certas palavras tinham um significado muito diferente do modo como as entendemos hoje. Por exemplo, a virtude era primariamente pública e não particular: significava cumprir as responsabilidades impostas sobre o indivíduo pelo seu papel em determinado grupo social — marido e esposa, pai e filho, pastor e membro, magistrado e cidadão. (Pense no modo como Paulo conclui muitas das suas cartas do Novo Testamento com instruções para cada um destes grupos.) A liberdade também era definida em termos públicos, como o direito de cada instituição social de governar a si mesma. A liderança era um "oficio" com sanção divina; e a pessoa no ofício tinha de ser "altruísta", sacrificando os interesses pessoais e as

ambições egoístas para proteger e promover o bem comum do grupo.

Como bem sabemos, semelhante sacrifício e abnegação não são característicos da natureza humana. Por isso, o republicanismo clássico era tipicamente hierárquico e elitista — apenas certas classes de pessoas estavam qualificadas por nascimento, educação e gênero a praticar o ideal sublime de liderança altruísta." A maioria das pessoas era considerada egoísta, rebelde e incapaz de governo autônomo. Isto parecia estar de acordo com o ensino bíblico de que as pessoas são propensas a pecar, dificultando a manutenção da ordem civil. Em conseqüência disso, um tipo de republicanismo cristão se espalhou entre os calvinistas que predominou na América colonial. Wood diz que se tratava de uma "versão secularizada" do puritanismo."

Depois da revolução, muitos americanos rejeitaram o republicanismo clássico (representado politicamente pelos federalistas) e o substituíram pelo liberalismo moderno (representado pelos jefersonianos). Baseado na teoria do contrato social, o liberalismo dizia que a sociedade civil era u reunião voluntária de indivíduos. Não havia um "todo" orgânico fora d indivíduos envolvidos. Em vista disso, também não havia o bem comum ou seja, não havia propósito ou valor para o grupo fora dos objetiv distintos de cada membro do grupo. Por isso, não havia necessidade de uma classe de liderança responsável em *proteger* o bem comum. Com esta lógica, os liberais rejeitaram o elitismo do republicanismo clássico.

Atacaram também a doutrina bíblica de pecado, porque em suas mentes isso agora estava associado com a idéia de que as pessoas eram incapazes de governar a si mesmas, o que proporcionara base lógica para o elitismo e o governo paternalista.' No lugar do antigo elitismo, os liberais promoveram a nova proposta de que o povo comum era perfeitamente capaz de fazer escolhas racionais e construtivas por conta própria, se tivesse a liberdade para tal. O liberalismo negava que o governo fosse o lugar certo da virtude pública, incumbido de fazer justiça. Em vez disso, o Estado era produto de escolhas individuais, o que significava que o seu valor era apenas funcional, medido em termos de eficácia em facilitar a busca individual da felicidade e prosperidade."

E lógico que estas novas idéias foram adotadas pouco a pouco, de forma que as idéias republicanas e liberais tiveram muitas combinações diversas. Com este pano de fundo, é mais fácil entender por que o ramo populista do evangelicalismo se espalhou tão depressa. Os *oponentes* do movimento reavivalista, quer calvinistas ortodoxos quer unitários, tendiam a ser federalistas na filosofia política, mantendo a antiga visão do republicanismo clássico. Em contrapartida, os *adeptos* do movimento reavivalista, sobretudo os metodistas, batistas e discípulos, tendiam a ser jefersonianos, tomando parte na profunda aversão ao elitismo e na confiança do povo comum. Eles sabiam que o próprio Jefferson era deísta, que pegou a "tesoura" e "cortou" do Novo Testamento todos os elementos sobrenaturais, deixando intacto somente os ensinamentos morais de Jesus. Contudo, apoiaram a candidatura presidencial de Jefferson em 1800. Samuel Miller, presbiteriano evangélico, resumiu essa atitude quando anunciou que "preferia ter Jefferson como Presidente dos Estados Unidos a ter um cristão aristocrático". Isaac Backus, líder dos batistas da Nova Inglaterra, considerou a eleição de Jefferson como um precursor do milênio."

Neste contexto, é possível compreender por que o evangelicalismo popular rejeitou a antiga concepção da igreja como orgânica e hierárquica (que reflete o republicanismo clássico), em favor da igreja como mística e igualitária (que reflete o liberalismo). Isto se chama eclesiologia *A* igreja de crentes ou da igreja livre, e compartilha a concepção liberal *A* instituições sociais como mero agrupamento de membros, sem o "todo" rgânico abrangente. Noll fala do "triunfo da igreja dos crentes, definido mo a soma de seus membros,

cujas escolhas próprias lhe deram existência"-[29] Já ⁿã° ˢᵉ pensava que a autoridade da igreja fosse um dom espiritual conferido por Deus através do ofício em si, mas como simples diferença funcional entre iguais.

Sem Guarda de Trânsito

Esta revolução igualitária na filosofia *política* foi apoiada por uma revolução *econômica* que ocorria ao mesmo tempo. Ao longo da vasta extensão da história humana, muitas sociedades viviam ao nível da subsistência. Eram necessários uns 90% do trabalho das pessoas só para produzir os alimentos da comunidade. Isto deu origem a uma visão orgânica da sociedade, que focalizava a sobrevivência do todo em lugar da liberdade do indivíduo. Com escassa defesa contra condições climáticas adversas e quebra de colheitas, "a sobrevivência do todo estava de forma clara unida à diligência de cada indivíduo", diz certo historiador. E "com tantas vidas correndo perigo, a preocupação pelo bem público predominava". A precariedade da vida justificava o controle autoritário das relações econômicas.

Com o surgimento do capitalismo e da Revolução Industrial, as pessoas pela primeira vez ficaram livres do medo de passar fome e necessidade — ponto de referência verdadeiramente histórico. A nova rede econômica que cobria o país estava sendo criada por homens e mulheres comuns: fazendeiros, artesãos, mercadores, negociantes, lojistas, condutores de gado. Parecia que as pessoas comuns eram capazes de fazer escolhas racionais para promover interesses próprios, ao contrário do antigo pessimismo calvinista relativo à natureza humana. E, quando fizeram isso, criaram riqueza. *A Riqueza das Nações,* de Adam Smith, foi apenas a expressão mais clara do que naquela época se tornara uma "descoberta" usual: pessoas comuns, atuando com liberdade e autonomia, eram suficientemente competentes e capazes.

Em meados do século XVIII, a riqueza *per capita* das colônias americanas maiores era, por incrível que pareça, muito mais alta que em qualquer outro lugar do mundo.' Não havia mais necessidade de um governo autoritário para se posicionar como guarda de trânsito sobre os recursos limitados. As oportunidades de empreendimento estavam crescendo à velocidade muito maior do que a capacidade governamental de supervisioná-las. "Estava ficando cada vez mais claro que ninguém estava encarregado desta nação gigantesca, empreendedora e irrequieta", escreve Wood. Pelo visto, a ordem surgia de maneira espontânea à medida que os indivíduos buscavam interesses próprios."Era impressionante ver a harmonia surgir desse caos, e eram abundantes os comentários falados e escritos a respeito." ~ Neste clima econômico, as teorias radicais sobre liberdade individual repentinamente ganharam plausibilidade. Elas davam sentido às verdadeiras condições de vida que as pessoas estavam passando.

Com este pano de fundo, entendemos melhor por que o cristianismo se tornou questão de "aceitar a Jesus". O foco estava na escolha individual e não em se ajustar a uma tradição herdada. Não é coincidência que o ramo populista do evangelicalismo tenha vicejado na era de Thomas Jefferson, na política, e Adam Smith, na economia. A experiência das pessoas nestes campos de ação as deixou susceptíveis a uma mensagem religiosa que rejeitasse o elitismo e a autoridade, ao mesmo tempo em que lutasse pelo direito de o povo comum se afirmar e tomar suas próprias decisões. Em vez de desafiar de modo crítico a cultura emergente da modernidade, os evangélicos populistas reformaram o cristianismo para se ajustar às categorias da experiência moderna.

Povo que Vencia por Esforço Próprio

O sociólogo Gary Thomas oferece excelente ilustração textual a esse respeito. Segundo Thomas, nos Estados Unidos pós-revolucionários, o ministro calvinista se punha diante do púlpito na manhã de domingo e pregava à congregação. No sermão, ele anunciava que eles eram por natureza moralmente corruptos e escravos do pecado, não tinham a capacidade de escolher a salvação, Deus elegera alguns e rejeitara outros, e não havia nada que pudessem fazer quanto a isso. O problema é que esta mensagem calvinista não se ajustaria com a experiência da congregação no dia a dia. Eles não nasceram em uma sociedade estática, em que as pessoas não tinham escolha quanto ao *status* e na qual a virtude estava definida em termos dos deveres ligados à sua posição imutável na vida. Agora, eram participantes ativos numa sociedade móvel, que estavam criando por escolhas próprias. Eles estavam vencendo por esforço próprio numa economia em expansão, na qual o sucesso jazia em grande medida nas escolhas, tendências e ambição que tivessem. De acordo com Thomas, a mensagem calvinista "se opunha à autodeterminação do indivíduo na vida cotidiana no comércio e no sistema de governo". Em vista disso, o sermão simplesmente não pareceria plausível. Não fazia sentido.

Por outro lado, o reavivalista metodista itinerante chegava à cavalo na cidade e falava às mesmas pessoas naquela mesma noite de domingo em uma reunião de reavivamento ao ar livre. Ele pregava que as pessoas tinham o poder de escolher a Deus, que a salvação dependida de aceitação pessoal, pois estava disponível a todo aquele que invocasse ao Senhor. Dada a experiência cotidiana dessas pessoas, esta mensagem fazia sentido. Uma mensagem arminiana e uma eclesiologia de igreja livre se ajustavam à sua experiência como atores independentes e autônomos em um sistema de governo democrático e uma economia capitalista em expansão.

Isto explica por que os historiadores caracterizam o evangelicalismo como religião fundamentalmente moderna. A primeira vista, essa afirmação soa implausível, opondo-se ao estereótipo típico de que o cristianismo é uma força conservadora, até reacionária, na sociedade ocidental. Mas consideremos isto: Embora o evangelicalismo populista pregasse a antiga mensagem de pecado e salvação, ao mesmo tempo sua espiritualidade e eclesiologia eram de todo modernas — anti-históricas, antiautoritárias, individualistas e voluntaristas (que dependem da decisão do indivíduo). Wood escreve que ao "desafiar a unidade clerical, despedaçar as igrejas comunais e libertar as pessoas dos antigos laços religiosos", os reavivalistas religiosos se tornaram "oposição maciça à autoridade tradicional". Em comentário semelhante,Michael Gauvreau diz que o evangelicalismo ajudou a afirmar "a independência do indivíduo das coações sociais da antiga ordem", promovendo "uma visão rival de comunidade fundamentada na livre associação de indivíduos iguais e autônomos". Em suma, o evangelicalismo não forneceu uma postura crítica da qual avaliar os novos desenvolvimentos na política e economia, mas de muitas formas era em si uma força poderosa para a modernização.

Pregador, Ator, Contador de Histórias

O novo modelo de comunidade humana também estimulou um novo modelo de liderança. Quando Richard Hofstadter escreveu o livro vencedor do Prêmio Pulitzer *Anti-Intellectualism in American Life* (O Antiintelectualismo na Vida Americana), a quem você acha que ele destacou como Prova A? Acertou: os evangélicos. Ao traçar a história do reavivalismo, como fizemos aqui, ele concluiu que uma de suas conseqüências mais significativas foi um novo estilo de liderança. O ramo populista do movimento evangélico pôs de lado o modelo antigo de líderes corno homens santos e no seu lugar deu origem a líderes que eram empresários — marqueteiros pragmáticos dispostos a usar tudo que

funcionasse para conseguir conversões. Hofstadter citou o evangelista Dwight L. Moodv que disse: "Não faz diferença como você leva uma pessoa a Deus, contanto que a leve". E Washington Gladden, ministro congregacional, disse que sua teologia foi "elaborada com muito esforço para uso diário no púlpito. A prova pragmática era a única prova que se podia aplicar: “Funciona?”[38] Muito antes de o pragmatismo se tornar uma filosofia americana plena (ver Capítulo 8), já fora formulado e praticado por líderes evangélicos.

O reavivalismo também alterou os seminários: "O ideal puritano do ministro como líder intelectual e educacional ficou cada vez mais debilitado em face do ideal evangélico do ministro como cruzado e exortador popular", escreve Hofstadter. A educação teológica se concentrou mais em técnicas práticas e menos em treinamento intelectual.

Até o estilo de pregar foi transformado: os sermões expositivos de textos bíblicos deram lugar a sermões tópicos sobre as necessidades da congregação. "Antes, esperava-se que o ministro proporcionasse à congregação um sistema intelectual [teológico] abrangente", explica o historiador Donald Scott. O sermão tradicional era em sua essência uma argumentação formal. O pregador avançava ponto por ponto em uma progressão lógica para mostrar que certa doutrina em particular estava fundamentada na Bíblia. Depois, concluía com uma aplicação. Mas agora as congregações não esperaram mais ensinamentos sobre teologia; elas queriam um ministro que as comovesse emocionalmente e lhes desse orientação prática para a vida cotidiana. Ninguém mais esperava que o pastor "enunciasse uma estrutura intelectual geral pela qual a vida em todas as suas facetas fosse compreendida"."O papel do pastor se tornara quase que de modo exclusivo devocional e confessional."

Scott oferece exemplo notável no conhecido sermão intitulado "Como se Tornar Cristão", feito por Henry Ward Beecher, famoso pregador congregacional. Em sua descrição, Beecher disse que a conversão era como um passo simples que em absoluto não exigia conhecimento ou consentimento doutrinário. O sermão era quase inteiramente uma ampla ilustração textual de Jesus convidando os famintos a participar de um banquete. Não "espere por explicações", exortava Beecher. "Experimente você mesmo agora." O sermão estava quase livre de conteúdo teológico, focalizando o apelo pragmático de apenas "experimentar".

Cada vez mais o pregador populista se tornava um ator, que costurava histórias e experiências, a maioria de sua própria vida. Este método prendia as emoções das pessoas, ao mesmo tempo em que aumentava a própria imagem do pregador, pois realçava sutilmente seu ministério e experiências espirituais.

Estilo de Celebridade

O resultado de tudo isso foi o surgimento de cultos de personalidade, o sistema de celebridade que se tornou tão forte no evangelicalismo. O clero tradicional ganhara autoridade passando por um longo processo de formação educacional e testemunho. Eles eram reconhecidos por um corpo religioso e falavam em seu favor. Mas os líderes do movimento evangélico populista acabaram com as estruturas denominacionais e construíram movimentos fundamentados inteiramente na personalidade — a habilidade de comover as pessoas e ganhar sua confiança. Começando com Whitefield, como já vimos, eles se tornaram as celebridades cristãs. A autoridade não vinha pela satisfação de padrões aceitos de educação ou treinamento, mas do magnetismo pessoal e capacidade de reunir grandes multidões e seguidores. Como consta em certo relato, os reavivalistas saíram "armados apenas com o sentimento do chamado divino e o puro talento de mexer com as multidões", confiando em quase nada, além da "presença e carisma". Não admira que Hofstadter

dissesse que "o sistema de 'estrela' prevaleceu na religião antes de chegar ao teatro". "

Estes autodesignados líderes tendiam a ser empresários astutos e artistas talentosos, peritos em despertar (ou manipular) as emoções das pessoas. Eles tornaram o sermão um "dispositivo de recrutamento" eficaz, usando a linguagem salpicada de expressões provincianas e coloquialismos. Eram prontos para usar a tecnologia crescente do jornalismo impresso para publicar enorme quantidade de jornais, livros e folhetos, fazendo com que muitos se tornassem famosos muito longe de qualquer congregação local.

A radicação local do clero tradicional fornecia pelo menos certa medida de prestação de contas genuína: o seu caráter era conhecido e testado pelo contato direto, contínuo e longo com a mesma congregação. Em contrapartida, o evangelista falava ao público em massa formado por indivíduos estranhos que, por não o conhecerem pessoalmente, não podiam julgar o seu caráter. Ele podia fasciná-los com histórias, testemunhos e propaganda espalhafatosa. Muitos líderes evangélicos se tornaram "políticos bem-sucedidos e polidos", diz Hofstadter, "hábeis na manha secular da manipulação.

Confiamos nas Relações Públicas

Alguns evangélicos deram a entender que os reavivamentos poderiam ser produzidos pela aplicação simples de técnicas certas e de forma quase mecânica. Durante o primeiro despertamento e nas fases iniciais do segundo, muitos julgavam que os reavivamentos eram movimentos do Espírito que não podiam ser preditos ou controlados. Ninguém sequer pensava em usar técnicas especiais para produzi-los. Muitos pregadores tinham anos de trabalho no púlpito quando o reavivamento de repente estourou, pegando de surpresa a eles bem como a todos os demais.Jonathan Edwards falava em nome de muitos quando denominou o despertamento "obra surpreendente de Deus".

Enquanto prosseguia o segundo grande despertamento, os pregadores empregaram métodos calculados para pressionar as pessoas a aceitar a Jesus. O mais agressivo foi Charles Finney, advogado que se tornou evangelista, abrandou o estilo reavivalista e adotou um tom de persuasão racional para torná-lo agradável ao público culto da classe-média. Entre suas inovações também havia táticas de argumentação bastante persuasivas, que acabariam se tornando bastante controversas. Finney "tinha uma queda pela arte dramática no púlpito", comenta Hofstadter. "Mas sua maior habilidade física eram seus olhos intensos, fixos, eletrizantes e tremendamente proféticos", os quais usava para causar grande efeito ao confrontar os pecadores por nome nas reuniões de reavivamento. Este era um dos seus truques especiais. Outro era o uso do "banco dos convencidos" que ficava na frente da multidão: as pessoas que se sentiam convencidas dos seus pecados eram convidadas a ir à frente e se sentar num banco. Esta técnica concentrava a atenção da multidão nessas pessoas, criando pressão para que tomassem uma decisão (forma primitiva da chamada ao altar, inovação que também começou por essa época).

O fato de ir à frente tornava os convertidos visíveis. Pela primeira vez, podiam ser contados. Não é surpreendente que a prática de contar os convertidos alimentava a mentalidade orientada a resultados. Já em 1817, um crítico dos reavivalistas escreveu:"Eles medem o progresso da religião pelos números, que se reúnem de acordo com o seu padrão; não pela prevalência da fé, devoção, justiça e caridade".

Finney insistia que os reavivamentos tinham de ser cuidadosamente organizados. "Um reavivamento não é um milagre", declarava ele; é meramente "o resultado do uso certo dos meios apropriados". Segundo ele, usando os métodos certos, um reavivamento podia ser produzido da mesma maneira que os agricultores usam métodos científicos "para aumentar a safra de grãos e trigo". Entre suas recomendações havia técnicas para manter reuniões

"prolongadas" (reuniões noturnas durante várias semanas), garantir boa ventilação, fazer uso eficaz da música, e assim por diante, a fim de gerar conversões em massa. Uma das declarações famosas de Finney era: "Religião é trabalho de homens", e é claro que, para ele, o *reavivamento* da religião era trabalho de homens.

Os adeptos diziam que Finney estava apenas mostrando que o reavivamento tem de usar os meios que Deus ordenara. E Deus abençoava os esforços: Finney foi o instrumento na conversão de milhares de pessoas, além de inspirar uma onda de movimentos de reforma social. Mas suas "novas medidas", como eram chamadas, despertaram considerável oposição e foram rejeitadas pela maioria dos outros reavivalistas, sobretudo entre os seus colegas presbiterianos. Em face da crítica, sua defesa era amplamente pragmática: "Os resultados justificam os meus métodos".[3] Esta mesma atitude pragmática se mantém hoje em dia. As organizações cristãs montam grandes máquinas de relações públicas internas que se fiam de forma plena nas mais recentes técnicas seculares de marketing e publicidade. O resultado natural desta mentalidade mecânica, ontem e hoje, é a tendência de medir o sucesso por números e impacto, em vez de avaliá-lo pela virtude e fidelidade pessoal do ministro ao evangelho.

Mexendo os Pauzinhos

Um dos perigos nos cultos de personalidade é que eles levam à demagogia. Os reavivalistas eram líderes energéticos que, de modo irônico, acabaram exercendo maior grau de dogmatismo e controle que os pastores das denominações tradicionais, a quem denunciavam. Um crítico do despertamento, o teólogo reformado John Nevin, que vivia naquela época, argumentou que as "frases fortemente ressonantes" de liberdade e busca livre que os reavivalistas diziam, eram máscaras de uma nova forma de dominação. Segundo Nevin, embora exigissem ruidosamente "liberdade", muitos grupos evangélicos pressionavam cada membro a "pensar nas noções particulares [do grupo], a gritar suas senhas e contra-senhas, a dançar suas músicas religiosas e a ler a Bíblia pelos seus óculos de proteção teológicos". Nevin comparou estas restrições aos "arames [que movem bonecos], que são conduzidos pelas mãos de pessoas importantes, capaci-tando-as a exercer um verdadeiro despotismo hierárquico sobre todos os que se colocam sob seu poder". Assim, ironicamente, os líderes magnéticos que incentivavam as pessoas a abandonar a estrutura tradicional teológica, acabaram se tornando líderes autoritários em seus grupos, às vezes tendendo à demagogia.

Tratava-se de conseqüência quase inevitável por ter consertado o papel do líder cristão. O ministro tradicional confiava na autoridade institucional do seu ofício para influenciar o rebanho. Mas visto que os reavivalistas rejeitavam a noção de autoridade institucional, tudo que sobrou era a confiança no carisma e poder pessoal. Henry Ward Beecher insistia que os sermões não deviam ter o objetivo de dar conhecimento tanto quanto ganhar"poder direto na mente e coração das pessoas". Como escreve certo historiador, o ministro se tornou não tanto um mestre espiritual quanto "uma personalidade que exerce poder"."

Não É um Álbum Fotográfico de Tratantes

De que forma os padrões que traçamos elucidam o evangelicalismo hoje? Não faz muito tempo, conheci um jovem que se mudara para Washington, D.C., por fazer parte da equipe de um evento a ser realizado por importante evangelista, marcado a ocorrer em dois anos. Dois anos? Pensei não ter ouvido direito. Sim, garantiu-me ele, a organização do palestrante enviou uma equipe que trabalha em tempo integral para preparar o evento com

dois anos de antecedência. Não pude deixar de pensar que os primeiros reavivalistas começaram a orquestrar eventos com antecedência de um ano ou dois anos. O padrão foi estabelecido desde o princípio. As práticas contemporâneas ficam mais fáceis de entender quando determinamos sua primeira ocorrência na história.

Como avaliar o impacto duradouro do ramo populista do evangelicalismo? Por um lado, com sua linguagem simples e apelos emocionais, os reavivalistas tiveram sucesso fantástico em cristianizar amplos segmentos da população. Eles deram um senso de dignidade e independência ao laicato. "Um tema constrangedor na pregação popular ao longo dessa época foi a noção jefèrsoniana de que as pessoas deveriam se livrar de todo preconceito servil e aprender a provar as coisas por conta própria", escreve Hatch. A profunda preocupação dos reavivalistas pelos pobres e oprimidos continua inspirando respeito em todos que conhecem o seu trabalho.

Até os críticos mudaram. O escritor católico Ronald Knox era muito crítico quando começou a fazer pesquisas para o livro *Enthusiasm* ([Entusiasmo] antigo termo pejorativo aplicado ao movimento dos reavivalistas). Mo início, sua intenção era que o livro fosse uma "banda de artilharia", um "toque de trombeta", um "álbum de fotografias de fichados pela polícia", mostrando pregadores desgrenhados, excêntricos e de olhar desvairado que propagavam discórdia e confusão. Mas, para sua grande surpresa, à medida que conhecia seus promotores — por exemplo, Wesley e Whitefield —, ele não pôde deixar de respeitar a sinceridade e franqueza, o compromisso com a verdade, a preocupação desses grandes homens com o povo simples. Quando Knox terminou de escrever o livro *Enthusiasm,* tinha feito um retrato bastante positivo dos primeiros evangélicos.[3] Posteriormente, traduziu a Bíblia católica para o inglês mais acessível, na esperança de inspirar mais "entusiasmo" entre os católicos!

Por outro lado, à medida que os Estados Unidos deixavam de ser uma nação de colonos, fazendeiros e vilarejos, uma "religião do coração" não bastava para responder aos desafios intelectuais que surgiram no século XIX, sobretudo o darwinismo e a alta crítica. Mais tarde, evangelistas como Dwight L. Moody e Billy Sunday tentaram se opor às novas idéias com puro fervor reavivalista. Contudo, o fervor assumiu uma posição ineficaz e defensiva. Quanto mais os cristãos buscavam apoiar a fé com mera intensidade emocional, mais se mostrava uma convicção irracional que pertencia ao pavimento de cima da experiência particular.

Incapazes de responder às grandes perguntas intelectuais da época, muitos cristãos conservadores deram as costas à cultura em voga e desenvolveram uma mentalidade de fortaleza. Isto conduziu à era fundamentalista do início do século XX, quando foi adotado o separatismo como estratégia positiva, e o cristianismo foi reduzido ao jargão de uma subcultura distinta. "O resultado foi uma quase abdicação de qualquer voz universitária numa época em que os fundamentos intelectuais do teísmo judaico-cristão estavam sendo ferrenhamente questionados", escreve o historiador Joel Carpenter."Os líderes fundamentalistas foram pegos despreveni-dos para responder às críticas do naturalismo científico, quer aplicadas à história natural [darwinismo] quer ao estudo da Bíblia [alta crítica]."

Todavia, não negligenciemos a vitalidade grandiosa e realizações meritóri-as do movimento rundamentalista. No zelo de proteger os ensinos básicos da ortodoxia cristã histórica, esse movimento fundou inúmeras escolas, seminários, programas radiofônicos, organizações de mocidade, grupos de estudo bíblico, missões e assim por diante. Mesmo assim, o fundamentalismo tendia a ser marcado por uma atitude de defesa desafiante contra a cultura popular.

Hoje, o evangelicalismo ainda está emergindo da era fundamentalista; ainda está trabalhando para recuperar um entendimento mais holistico do senhorio de Cristo em tudo acerca da vida e cultura.[11] Nas últimas décadas, os evangélicos subiram na posição social e econômica. A probabilidade de sermos instruídos e ter altos rendimentos é maior. Contudo, em minha opinião, ainda encontramos em nossas igrejas e ministérios paraeclesiásticos muitos dos padrões básicos de uma era antiga: a tendência a definir a religião primariamente em termos emocionais; a atitude anticredo e anti-histórico que ignora as riquezas teológicas do passado; a asserção da escolha individual como determinante final da crença; a visão atomística da igreja como mera congregação de indivíduos que incidentalmente acreditam nas mesmas coisas; a preferência do ativismo social acima da reflexão intelectual. Acima de tudo, talvez, o evangelicalismo ainda produza um modelo de celebridade de liderança. Homens que são empresários e pragmáticos, que manipulam de forma deliberada as emoções do povo, que sutilmente realçam a própria imagem por testemunhos pessoais que atendem a interesses próprios, cujo estilo de liderança em sua congregação ou ministério paraeclesiástico tende a ser imperioso e dominante, que calculam o sucesso pelos resultados e estão dispostos a empregar as mais recentes técnicas seculares para impulsionar os números.

Pela lente da história vemos estes padrões com mais clareza. Com essa visão privilegiada identificamos como tais padrões persistem em nossa igreja e grupos paraeclesiásticos."Hoje censuramos energicamente o sistema de celebridade dentro do cristianismo, pensando que foi importado da cultura hollywoodiana", disse-me um universitário recentemente. "Mas quando examinamos o passado histórico, descobrimos que o sistema de estrelato começou nos círculos cristãos."

Exatamente. Só reconhecendo a origem das tendências é que estaremos aptos a confeccionar as ferramentas para corrigi-las. Precisamos diagnosticar como os padrões históricos continuam moldando o modo como operamos nossas igrejas e ministérios. A história espelha a maneira como pensamos e agimos hoje.

Subida do Eu Soberano

Atualmente, o ramo populista representa a forma dominante do evangelicalismo nos Estados Unidos. "Hoje, estamos iniciando um novo capítulo da história evangélica", escreveu Carpenter em 1997, "no qual o movimento pentecostal-carismatico está suplantando a passos largos o movimento fundamentalista-conservador como o impulso evangélico mais influente da atualidade." Por movimento *pentecostal-carismatico,* ele quis dizer o movimento populista, experimental e anticredo. De forma especial, em certas megaigrejas e igrejas evangelísticas, o estilo de adoração está ficando menos doutrinário, mais experimental, mais ajustado ao gosto contemporâneo.

Este mesmo estilo de adoração está cruzando as fronteiras religiosas. “Agora todos nós somos evangélicos", diz um livro novo e provocante, scrito pelo sociólogo Alan Wolfe. O que ele quer dizer é que o padrão vangélico está tomando conta de todas as religiões nos Estados Unidos, e acordo com ele, esse padrão é "mais personalizado e individualista, enos doutrinário e devocional". O evangelicalismo está ficando "teolo-icamente amplo a ponto de ser incoerente", acrescenta; podemos estar estemunhando "o desaparecimento gradual da doutrina".

Segundo Wolfe, este estilo pode não ser tão distintamente cristão quanto é distintamente americano, no sentido de que seu individualismo e experimentalismo se alinha de modo estreito ao etos americano moderno. ' Muitas igrejas consideram que o indivíduo sozinho com a Bíblia é o cerne da vida cristã. Uma pesquisa feita pelo sociólogo Wade

Clark Roof em meados dos anos noventa demonstrou que 54% dos cristãos evangélicos disseram que "estar sozinho e meditar" era mais importante que "adorar com outras pessoas". E mais da metade concordava que "igrejas e sinagogas perderam a genuína parte espiritual da religião". Roof concluiu que "a verdadeira história da vida religiosa americana neste meio século é o *surgimento de um novo "eu"soberano* que define e fixa limites no próprio significado do divino". Em outras palavras, em vez de desafiar a noção do "eu" autônomo promovido pelo liberalismo moderno, o evangelicalismo tende a espelhar o mesmo tema na linguagem religiosa.

Como diz Wolfe: "Em cada aspecto da vida religiosa, a fé americana encontra a cultura americana — e a cultura americana triunfa". O evangelicalismo se entregou em grande parte à divisão de dois pavimen-tos que torna a religião questão de experiência individual, com pouco ou nenhum conteúdo cognitivo.

Se queremos reter o que há de melhor da herança evangélica, temos também de avaliar sobriamente suas fraquezas, orando por sabedoria e força para ocasionar a reforma. E um dos melhores lugares para buscar ajuda é de outros recursos dentro do próprio evangelicalismo — do seu ramo mais erudito. No próximo capítulo, conheceremos alguns líderes intelectuais da história do evangelicalismo — professores e mestres que procuraram moldar o pensamento da nação americana desde suas posições em universidades e seminários. Para diagnosticar o que aconteceu com a mente evangélica americana, examinemos os indivíduos que mais fizeram para desenvolvê-la. Eles tiveram sucesso em fugir da divisão da verdade em dois pavimentos? Que recursos desenvolveram, que podemos utilizar hoje para desenvolver uma cosmovisão cristã?

11
A Verdade dos Evangélicos em Dois Pavimentos

As forças religiosas aceitaram a divisão de trabalho; elas foram compartimentadas.
MARTIN MARTY[1]

Vários anos atrás,uma tremenda controvérsia fulgurou nas páginas do periódico *Christian Scholar's Review* acerca do modo correto de definir *evangelicalismo.* Quais grupos fazem parte do evangelicalismo? Quem tem direito ao rótulo?

Dois historiadores se opunham tenazmente, enquanto os outros torciam por um ou pelo outro. De um lado estava Donald Dayton, que traçou uma linhagem "metodista" ao evangelicalismo. Começando com a Reforma, esta linha passa pelo pietismo europeu, João Wesley na Inglaterra, os dois grandes despertamentos nos Estados Unidos, Dwight L. Moody e chega a Billy Graham. O foco estava na conversão individual e na experiência subjetiva da fé. Agora você reconheceu o padrão: Dayton identificou o evangelicalismo com o ramo populista descrito nos dois capítulos anteriores.

Assumindo o outro lado no debate do periódico estava George Marsden, que traçou uma linhagem "presbiteriana" ao evangelicalismo. Começando com a Reforma, esta linha passa pela ortodoxia protestante, os presbiterianos da velha escola, em especial Charles Hodge e B. B.Warfield de Princeton, e chega aj. Gresham Machen do Seminário Westminster. O foco desta linha está na ortodoxia teológica e na autoridade bíblica.

Qual definição de evangelicalismo está correta? Resposta As duas. Como mencionamos no início, historicamente o movimento evangélico consistia em duas alas, a populista e a erudita. Precisamos ser versados em ambas para elaborar uma estratégia eficaz e reavivar a mente evangélica em nossos dias. O exame da ala populista revelou as raízes dos padrões do antiintelectualismo há muito existentes. O exame da ala erudita revelará por que até uma abordagem racional não teve êxito total em confrontar os desafios da educação secular. Também descobriremos os recursos importantes que constam na herança americana para reavivar uma cosmovisão cristã na atualidade.

A ala erudita do evangelicalismo tinha mais que a linha "presbiteriana" que Marsden traçou. Com o decorrer das décadas, a ala populista do evangelicalismo superou a fase adolescente de repelir toda autoridade religiosa e deu origem a seus próprios estudiosos. Ao lado de pregadores fogosos se levantaram mestres distintos ensinando em seminários e universidades. Com adeptos intransigentes entre os presbiterianos da velha escola, eles trabalharam para o desenvolvimento de filosofias morais e políticas; aprimoraram argumentos apologéticos contra deístas, unitários e não-crentes; reagiram às mais recentes teorias científicas; e em geral procuraram relacionar a fé evangélica com as correntes intelectuais dos seus dias.

Foram, em grande medida, bem-sucedidos. Segundo certo historiador, a ala erudita do evangelicalismo se tornou "a mais poderosa influência modeladora" na cultura americana do século XIX. Só os presbiterianos fundaram quarenta e nove universidades antes da guerra civil, mais do que qualquer outra denominação. Dessa forma, dominaram a educação americana. Embora em termos numéricos fossem logo suplantados pela ala populista, em termos de influenciar a vida pública americana foram mais eficazes. "Os presbiterianos conservadores eram batalhadores ardorosos contra o antiintelectualismo" em vigor nesse período, diz certo historiador. Eles "se consideravam missionários para o intelecto americano".

O que podemos aprender hoje ao conhecer estes "missionários para o intelecto"? Em todas as épocas, os cristãos procuram lidar com os assuntos do dia, "traduzindo" as infinitas verdades bíblicas para a linguagem contemporânea. Eles recomendam a fé antiga usando

termos atualizados entendidos pelo povo em geral. O ardil é encontrar uma linguagem que comunique eficazmente *sem* comprometer o evangelho. Como os evangélicos do século XIX tiveram sucesso nesta tarefa? Que linguagem filosófica adotaram? Eles comprometeram a mensagem espiritual? Que legado duradouro nos deixaram?

Informação Escocesa

Para dar expressão filosófica à fé, os evangélicos dos séculos XVIII e XIX recorreram aos serviços de uma filosofia trazida da Escócia, chamada de realismo do bom senso. Na ocasião, essa filosofia era imensamente popular em todo o cenário intelectual dos Estados Unidos. Os adeptos e críticos dos dois despertamentos a adotaram. Os unitários e outros liberais teológicos a aceitaram. Até os deístas, comoThomasJefferson (que negavam todos os elementos sobrenaturais da Bíblia), a adotaram."O iluminismo escocês foi a única tradição mais potente no iluminismo americano", conclui um relato.[1] O realismo do bom senso foi denominada "a filosofia oficial dos Estados Unidos do século XIX".'

Quantos sabem deste aspecto da história americana? Quando eu fazia o curso de filosofia na universidade, li as obras dos grandes pensadores europeus — Descartes, Kant, Hegel e assim por diante. Mas nunca li sobre a filosofia que dominou por mais de um século no país americano. Isto é uma omissão surpreendente e uma falta crucial a ser corrigida para que entendamos a história americana.

O realismo do bom senso foi levado aos Estados Unidos por John Witherspoon, que em 1768 saiu da Escócia para ser reitor da Universidade de Princeton (então chamada Faculdade de Novajersey). De Princeton, a filosofia do bom senso se espalhou pelo mundo acadêmico da época. "Tornou-se uma *cosmovisão evangélica* que se infiltrou em toda sala de aula e influenciou centenas de ministros, incontáveis professores e dezenas de cientistas e médicos experimentados", diz certo historiador."Praticamen-te se identificou com o ponto de vista evangélico."

Se esta filosofia foi nada menos que a "cosmovisão evangélica" por tanto tempo, então temos de saber mais a respeito. O que era esta filosofia e por que foi tão popular?

O realismo do bom senso foi elaborado por Thomas Reid, filósofo escocês, em resposta ao ceticismo radical de um colega escocês, David Hume (discutido de forma breve no Capítulo 3). O ceticismo de Hume foi tão radical que Immanuel Kant disse excelentemente que o despertou de sua "soneca dogmática". Pelo visto, também despertou Reid, porque ele objetivou seus esforços filosóficos em refutar Hume e formular um novo fundamento para o conhecimento. O modo de evitar o ceticismo, segundo propôs Reid, é dar-se conta de que certos conhecimentos são "auto-evidentes, evidentes por si mesmo", ou seja, nos são impingidos pela maneira como a natureza humana é constituída. Por conseguinte, ninguém de fato duvida ou nega tais conhecimentos. Fazem parte da experiência imediata e são inegáveis.

Por exemplo, ninguém duvida que existam (não na prática, pelo menos). Ninguém duvida que o mundo material seja real (sempre olhamos para os dois lados antes de atravessar a rua). Nem duvidamos de nossas experiências interiores como as recordações ou a dor. (Se digo que estou com dor de cabeça, ninguém pergunta: "Como você sabe?") Se alguém nega estes fatos básicos, dizemos que ele é insano — ou um filósofo. E até os filósofos os negam apenas teoricamente. O próprio Hume afirmou que, depois de racionar sobe o ceticismo radical na solidão dos seus estudos, ele ventilaria a mente jogando gamão com os amigos.

Na vida prática, todos temos de tomar por certo boa quantidade de proposições. Como disse Reid: "Os estadistas continuam labutando, os soldados lutando e os

comerciantes exportando e importando, sem estar sequer comovidos com as demonstrações oferecidas da não-existência dessas coisas às quais eles se dedicam com tanta seriedade".

A reivindicação nuclear do realismo do bom senso era que estas verdades inegáveis ou patentes da experiência fornecem a fundação firme sobre a qual construir o edifício do conhecimento. (Por "bom senso", Reid não quis dizer natureza prática ou senso prático, como usamos o termo hoje em dia. Ele se referia às verdades conhecidas pela experiência humana universal; a experiência *comum* a toda a humanidade.) Diversos pensadores do século XIX incluíram entre as verdades evidentes por si mesmas muitos dos ensinos básicos do cristianismo, como a existência de Deus, a sua bondade e a sua criação do mundo. Eles consideravam estes ensinos evidentes por si mesmos para as pessoas sensatas.

Tendo posto a fundação nas verdades evidentes por si mesmas, como o realismo do bom senso construiu a casa em cima? Para esta tarefa, Reid recomendava a obra de Francis Bacon, pensador do século XVII, a quem se atribui o estabelecimento do método indutivo da ciência. De acordo com Bacon, a ciência fora entendida de maneira errônea nos tempos primitivos, porque as pessoas deduziam suas idéias sobre a natureza a partir das especulações metafísicas. A ciência genuína não deve começar com filosofia, mas com fatos, depois razão estritamente por indução. "Ensinado por Lord Bacon", escreveu Reid, o povo ficou livre do trabalho árduo e monótono da "dedutibilidade" medieval, e se colocou no "caminho rumo ao conhecimento das obras da natureza".

Para muitos americanos, esta ligação do realismo do bom senso com a indução baconiana se afigurava combinação insuperável para contrapor o ceticismo de Hume e outros filósofos radicais do Iluminismo. Logo, estava sendo aplicada em praticamente todo campo de pensamento: ciência, filosofia política, teoria moral e até interpretação bíblica (hermenêutica).

Seu conceito central chegou a ser incrustado na Declaração da Independência Americana: "Nós consideramos que estas verdades são evidentes por si mesmas". De onde veio esta idéia de verdades evidentes por si mesmas? Do realismo do bom senso.

Para avaliar estas idéias, primeiro nos concentremos em como o método baconiano foi aplicado aos estudos bíblicos e a muitas outras disciplinas. Depois, nos moveremos para trás a fim de ganhar uma perspectiva mais ampla sobre o realismo do bom senso como um todo, focalizando como até hoje continua sendo desenvolvido por cristãos. Não darei uma descrição abrangente destas idéias ou dos personagens que as propuseram. Nossa meta aqui é extrair os padrões fundamentais que contribuíram para o declínio da mente evangélica. Assim obteremos um melhor meio de ocasionar o reavivamento intelectual em nossos dias.

A Ciência das Escrituras

O que significava baconismo quando aplicado à interpretação bíblica? Para Bacon, estando no amanhecer da revolução científica, o principal inimigo fora a filosofia aristotélica. Por isso, ele ensinou que a ciência tem de começar limpando a mesa, ou seja, livrar a mente de todas as especulações metafísicas, todas as noções de verdade já aceitas, todas as superstições acumuladas ao longo dos tempos."Com a mente limpa de opiniões" (nas palavras dele), nós nos sentamos diante dos fatos "como criancinhas", deixando-os falarem por si mesmos e compilando-os indutivamente em um sistema.

A própria noção de os fatos "falarem por si mesmos" colocaria os filósofos contemporâneos em acessos murmurantes sobre *mudanças de paradigma* e *estruturas conceituais.* Contudo, esta abordagem positivista ao conhecimento se tornou um ideal poderoso entre quase todos os pensadores do Iluminismo. Aplicado à interpretação bíblica, o método baconiano estipulava que o primeiro passo é livrar a mente de todas as formulações

teológicas históricas (calvinista, luterana, anglicana, o que fosse). Com a mente limpa das especulações apenas humanas, confrontamos o texto bíblico como uma coletânea de "fatos" que falam por si mesmos. Em seguida, compilamos indutivamente os versículos em um sistema teológico. As declarações bíblicas eram tratadas como análogas aos fatos na natureza, reconhecível exatamente do mesmo modo.

Os mais influentes a adotar o método baconiano foram os presbiterianos da velha escola, de Princeton. Por exemplo, James Alexander disse: "O teólogo deve proceder em sua investigação precisamente como o químico ou o botânico procede", que "é o método que leva o nome de Bacon".[15] Charles Hodge comparou as proposições bíblicas com os "oceanos, continentes, ilhas, montanhas e rios" estudados pela geografia. É por isso que ele disse: "A Bíblia é para a teologia o que a natureza é para o cientista. É o seu depósito de fatos".

É importante salientar que o termo *ciência* ainda não tinha adquirido o significado estrito e especializado que tem hoje. Nessa época, significava toda forma de conhecimento (em latim, "conhecimento" é *scientid)* sistematizado, de maneira que o termo era aplicado a assuntos como política, moralidade e teologia ("a rainha das ciências"). Isto explica por que tantos ministros daquela época presumiram que um método científico como o de Bacon podia ser aplicado à teologia. Não significava necessariamente que estavam se vendendo ao cientificismo, como sugerem alguns críticos.

Significava que eles estavam procurando satisfazer o desafio da ciência moderna, em parte argumentando que a teologia seguia o mesmo método indutivo. Em outras palavras, eles tentavam cooptar o Iluminismo. Depois da revolução americana, todas as autoridades tradicionais e herdadas foram desacreditadas ao nível da "tirania" e "opressão". A única autoridade pública que gozava de credibilidade era a ciência, porque, ao menos idealmente, a ciência era democrática. Seguir o método científico não significava se curvar a alguma autoridade estabelecida; cada indivíduo examinava as evidências e decidia por si mesmo. Aplicado à teologia, o método baconiano afirmava que a Bíblia era acessível a todos que se interessassem em olhar os "fatos", idéia atrativa a uma cultura democrática nascida há bem pouco tempo.

A Sopa Racionalista de Campbell

Vamos detalhar alguns destes temas por meio de uma história pessoal. Poucos adotaram a hermenêutica baconiana mais entusiasticamente que os membros do movimento da restauração (Discípulos de Cristo, Igrejas de Cristo e a Igreja "Cristã"). Na realidade, os teólogos desta tradição até hoje continuam debatendo os méritos do método. Há alguns anos, quando digitei as palavras "baconismo" e "hermenêutica" num site de busca da Internet, surgiu meia dúzia de artigos do periódico trimestral *Restoration Quarterly.* Por conseguinte, estamos falando sobre uma questão que ainda vigora.

Um dos fundadores do movimento de restauração foi Alexander Campbell. Nascido na Irlanda, Campbell passou por intensa experiência de conversão quando era jovem. Depois de vaguear sozinho durante semanas pelos campos em oração, ele escreveu: "Por fim, depois de muitas lutas interiores, tive a permissão de pôr minha confiança no Salvador, e *fentir* minha confiança nEle como o único Salvador dos pecadores". Vários anos mais tarde, ele partiu para os Estados Unidos e começou a pregar.

Em muitos aspectos, Campbell era tão evangélico quanto qualquer dos reavivalistas que já discutimos. Como eles, tratou a revolução americana como paradigma para inaugurar um novo tempo na igreja. Ele sustentava que a "regeneração política" dos Estados Unidos deu à igreja a responsabilidade de conduzir uma "renovação eclesiástica". Totalmente

anticlerical e populista, ele exigiu "o direito inalienável de todos os leigos examinarem os escritos sagrados por conta própria".Também favoreceu a abolição da distinção tradicional entre clero e laicato: "A liberdade não está segura em lugar algum, exceto nas mãos do próprio povo".

Campbell criticava o sentimentalismo do movimento reavivalista, e tornou-se conhecido por dar uma abordagem altamente racionalista à teologia, fundamentando-se na aplicação hermenêutica baconiana. "Na ciência e na filosofia somos baconianos", afirmava com orgulho."Nós nos firmamos em fatos e documentos bíblicos, e não em teorias e especulações."" Como tantos outros dos seus dias, Campbell disse que a Bíblia era um livro de "fatos simples", que definia "sua ciência ou doutrina [como] mero significado dos fatos, [...] indutivamente reunidos e organizados sozinho por todo estudante"."

A principal atração do método baconiano para Campbell era sua promessa de gerar unidade cristã. A meta suprema do movimento de restauração era reverter a fragmentação das denominações, reunindo-as em uma única igreja. O seu modelo de unidade era a ciência:"A maioria das ciências obtém grande unanimidade, por causa da adoção de certas regras de análise e síntese", escreveu ele; "pois todos os que trabalham pelas mesmas *regras,* chegam às mesmas *conclusões'"*. Campbell estava convencido de que a principal causa da desunião na igreja era que cada um lia a Bíblia da perspectiva de um sistema teológico individual. Segundo afirmou, era como ler de "óculos coloridos", pois eles distorcem nossa percepção. Se limparmos os óculos (limpar a mente), então todos observaremos os fatos bíblicos de modo correto e chegaremos à mesma interpretação. Usando a si mesmo como exemplo adequado, Campbell escreveu: "Empenhei-me em ler as Escrituras como se ninguém as tivesse lido antes de mim"." A doutrina baconiana da perspicuidade da natureza para a ciência dava a impressão de realçar a doutrina protestante da perspicuidade bíblica para a teologia.[24]

Livros Antigos para o Homem Moderno

Quais são os efeitos duradouros de os evangélicos terem adotado uma hermenêutica baconiana? O método tinha vários pontos fracos graves, que precisamos saber para entender como continua moldando o modo como lemos a Bíblia hoje." Em primeiro lugar, a noção de que os cristãos precisavam de uma exegese "científica" da Bíblia representava certo grau de acomodação cultural com a época. Quando adotaram a teoria científica mais amplamente aceita em seus dias e a aplicaram-na à teologia, os evangélicos chegaram perto de perder a distância crítica que os cristãos devem ter em todas as épocas.

A insistência empírica de que a teologia era uma coletânea de "fatos" conduzia a uma interpretação unidimensional e desajeitada da Bíblia. Os significados metafóricos, místicos e simbólicos foram subestimados a favor do significado "simples" do texto. E quando trataram os versículos bíblicos como "fatos" isolados e discretos, o método produzia pouco mais que textos de prova, arrancando versículos isolados e alinhando-os sob determinado tópico, com pouca consideração pelo contexto literário ou histórico, ou pelos grandes temas organizacionais das Escrituras."

O mais grave era, talvez, a hostilidade baconiana à história, ou seja, a rejeição dos credos e confissões que foram custosamente elaborados pela igreja no decurso dos séculos. Quando Campbell admoestou os crentes a retirar os "óculos coloridos" e ler as Escrituras "como se ninguém as tivesse lido antes", estava sugerindo que cada indivíduo tinha de recomeçar do nada para entender o que a Bíblia ensina. Mas note a que isto acarreta: significa que a igreja perde a sabedoria dos brilhantes intelectos que despontaram ao longo da história da igreja — Agostinho, Aquino, Lutero, Calvino. Quando adotaram o método

baconiano, muitos evangélicos americanos perderam as riquezas intelectuais de dois milênios de reflexão teológica. Como observamos no capítulo anterior, a idéia de que uma única geração possa rejeitar indiscriminadamente toda a história cristã e recomeçar de novo está fadada a ter pouca profundidade teológica. A linguagem e conceitos em vigor hoje — como a *Trindade* ou a *justificação* — foram definidos e desenvolvidos durante séculos de controvérsia e luta com a heresia. A menos que conheçamos algo dessa história, não saberemos o significado dos termos que estamos usando.

Em nossos dias, com o seu senso mais aguçado do contexto histórico do conhecimento, reconhecemos que é irreal pensar que as pessoas têm a capacidade de abordar a Bíblia com a mente totalmente limpa e em branco. Aqueles que tentam jogar fora o passado têm probabilidade maior de sancionar os próprios preconceitos e discriminações como verdades incontestes. Eles perdem a distância crítica proporcionada pela checagem de suas idéias contra as dos estudiosos cristãos, através de uma gama extensa de culturas diferentes e períodos históricos. Em vez de ver mais longe por estar nos ombros de gigantes, eles se limitam pelo que podem ver segundo a própria perspectiva estreita de um segmento minúsculo da história.

É por isso que C. S. Lewis exortava os cristãos a ler "livros antigos", não apenas livros contemporâneos. Ele escreveu que é difícil *não* ser levado pelos preconceitos de nossos dias, a menos que tenhamos acesso a outras perspectivas, que nos fornecem os livros antigos." As grandes figuras da história da igreja são nossos irmãos e irmãs no Senhor, membros do Corpo de Cristo ao longo dos séculos. Podemos aprender muito ao aprimorar nossa mente com os problemas que eles enfrentaram e as soluções que deram."

Sola Scriptura?

A primeira vista, parece que os evangélicos do século XIX estavam seguindo o princípio da Reforma de *sola Scriptura.* Mas não estavam. O individualismo anti-histórico era um grito distante do significado da frase da Reforma. Apesar de insistirem que a Bíblia era clara a quem quer que a lesse, os reformadores retiveram a submissão aos credos e concílios ecumênicos dos primeiros cinco séculos da igreja (inclusive o Credo Apostólico, o Credo Niceno, o Credo Atanasiano e o Concilio de Calcedònia, o Concilio de Orange e o Concilio de Constantinopla), pois foi nessa época que doutrinas fundamentais, como a Trindade e a deidade de Cristo, foram deliberadas e definidas. Depois de romperem com Roma, os reformadores e seus seguidores prontamente se puseram a trabalhar, escrevendo suas próprias confissões e catecismos (inclusive a Confissão de Augsburgo, a Confissão deWestminster, a Confissão Belga, o Catecismo Luterano e o Catecismo de Heidelberg)." Para os reformadores, *sola Scriptura* significava que a Bíblia era a autoridade final, mas é lógico que não significava a rejeição radical da história ou de declarações de fé.

Os reformadores também não negaram a importância do estudo teo-ló gico ou da autoridade natural da erudição e do conhecimento. Para os igualitários radicais dos seus dias, Lutero respondeu de modo sarcástico que só das Escrituras se poderia provar algo: "Hoje sei que basta colocar muitas passagens juntas e de qualquer jeito, quer se ajustem quer não" disse ele. "Se for assim que se faz, então provarei com a Bíblia que a cerveja Rastrum é melhor que o vinho Malmsey."João Calvino também se levantou contra a idéia de que a leitura particular da Bíblia feita por uma pessoa é tão válida quanto a leitura feita por outra: "Reconheço que a Bíblia é fonte riquíssima e inesgotável de toda a sabedoria; mas nego que sua fertilidade consista nos vários significados que qualquer pessoa atribua, como lhe apraz".

Em suma, entre os reformadores, o princípio de que a Bíblia é a autoridade final não

tinha o propósito de negar outras formas de autoridade religiosa. Quando os evangélicos do século XIX exortaram as pessoas a pôr de lado a rica herança de credos, confissões e teologias sistemáticas, estavam embarcando em um afastamento radical da herança da Reforma. O princípio mais distintivo entre os evangélicos era: "Nada de credos, só a Bíblia", algo que ia além da posição dos reformadores.

A Visão de Lugar Nenhum

De forma irônica, assim que os evangélicos do século XIX adotaram inteiramente o método baconiano, para sua grande consternação os próprios cientistas passaram a desconsiderá-lo. No início da revolução científica, quando Francis Bacon propôs a abordagem empírica ao conhecimento, ele prestou bons serviços, pois afastou a atenção das pessoas das especulações teóricas e a concentrou nos fatos da natureza. Como filosofia científica plena tinha falhas sérias. Em primeiro lugar, a ciência não age por pura indução, coletando e organizando fatos. Age propondo hipóteses e depois testando-as (o método hipotético-dedutivo).As teorias são aceitas com base em extensa gama de fatores, desde a simplicidade até o modo como se mantêm coesas com o conhecimento existente. "

Mais fundamentalmente, a idéia de que nossa mente possa ser "limpa de opiniões", como disse Bacon, foi rejeitada por ser o ideal do Iluminismo ilusório. O método baconiano presume que é possível repelir todos os desempenhos metafísicos e se posicionar fora de nossa abertura limitada na história e cultura para observar os "fatos" simples, despojados de toda estrutura filosófica. Esta posição imaginária às vezes é chamada de "a visão dos olhos de Deus" ou "a visão de lugar nenhum", como se os indivíduos fossem capazes de transcender o local particular no tempo e espaço para ganhar perspectiva universal da realidade.Tal objetividade divina é obviamente impossível para a razão humana. No mínimo, temos de fazer algumas suposições iniciais. Até a investigação científica sempre age sob a orientação de controles de crença, ou seja, de um conjunto de premissas que indica quais idéias valem a pena procurar e, depois, fornece uma estrutura para interpretar os resultados.

Ao acentuar a necessidade de repelir todas as pressuposições, o ideal baconiano de objetividade cegou as pessoas para as pressuposições que continuavam em vigor. No século XIX, os grupos religiosos afirmavam com tom acusador que, no que tange à interpretação da Bíblia, *todos* impunham uma estrutura preexistente e humanamente formada, mas *eles* não. *Eles* aceitavam apenas o significado evidente por si mesmo do texto. Como explica certo relato histórico,"a confiança que tinham no baconismo os convencera de que eles haviam escapado das restrições da história, cultura e tradição, e estavam ao lado dos apóstolos da primeira era cristã", entendendo o texto de forma precisa como os apóstolos queriam que fosse originalmente entendido.

O paradoxo é que a noção de que podemos nos livrar de sistemas humanos de pensamento já era o produto de um sistema humano, qual seja, o sistema herdado de Francis Bacon. Os historiadores realçaram "a ironia de afirmar a destruição de todas as tradições e esquemas humanos de interpretação, ao mesmo tempo em que se está apegado a um método teológico empírico retirado do antigo pensamento iluminista". Por exemplo, Campbell e seus colegas "nunca se deram conta de que, além de serem discípulos de Cristo, eles também se tornaram discípulos do empinsmo baconiano .

O legado do baconismo foi um ponto de vista de interpretação bíblica anti-histórico e um tanto quanto positivista. Era a idéia de que podemos ignorar com segurança a sabedoria da herança da igreja formada ao longo dos séculos; que o melhor modo de ler o texto bíblico é lê-lo na posição de indivíduo isolado.A beleza e maravilha de abordar a Deus pessoalmen-

te é que Ele *fala* com os indivíduos quando eles se voltam para Ele em humildade e franqueza, lendo a Bíblia conforme a entendem. O Espírito Santo ilumina nosso coração para aplicar a verdade bíblica à nossa vida pessoal. Como método formal de determinar qual a verdade bíblica está em primeiro lugar, o baconismo foi irreal e ilusório, ao mesmo tempo em que tendia a reforçar o mesmo primitivismo e desdém pela história que encontramos com tamanho destaque no evangelicalismo populista.

De acordo com certo historiador, o tema definidor no cristianismo americano do século XIX foi um profundo senso de "falta de historicidade". ' Pessoas artísticas se serviram desta atitude e a retrataram na literatura da época. No romance de Anthony Trollope, *As Torres de Barchester,* um ministro evangélico anuncia diversas vezes que chegou o tempo de "jogar fora o lixo inútil dos séculos passados".' Poderíamos dizer que o evangelicalismo se caracterizou pela rejeição do conselho de C. S. Lewis sobre ler livros antigos.

Tornando-se Inconstante

Aplicado a outros campos de estudo, o baconismo produziu resultados ainda mais perniciosos. Seu efeito primário foi reforçar a divisão da verdade em dois pavimentos, promovendo um tipo de naturalismo metodológico no pavimento de baixo.Ao prometer que o conhecimento podia ser fundamentado em fatos empíricos não filtrados pela grade religiosa ou filosófica, o baconismo persuadiu os cristãos a pôr de lado a sua *própria* estrutura religiosa. Ao mesmo tempo, permitiu que estruturas filosóficas *estrangeiras,* como o naturalismo e o empirismo, fossem introduzidas sob a égide da "objetividade" e "investigação livre". Ao insistir que a ciência atuava sem estrutura filosófica, o baconismo desarmou os evangélicos, cegando-os destas novas estruturas anticristãs, até que ficou muito tarde.

Outro modo de descrever o processo é que o baconismo expulsou as perspectivas cristãs do pavimento de baixo, onde lidamos com assuntos como ciência e história, e as colocou no pavimento de cima. O ideal baconiano de conhecimento como religiosamente neutro fez os crentes sentirem que era ilegítimo levar a fé à sala de aula ou ao laboratório de ciências, pois significaria que desconsiderar eram parciais. Para ser objetivo e imparcial, o indivíduo tem de tratar o mundo como se fosse um sistema naturalista conhecido por métodos estritamente empíricos. O desfecho foi que a religião ficou limitada ao pavimento de cima, enquanto o naturalismo metodológico recebeu rédeas soltas no pavimento de baixo.

Uma Ciência do Dever

Acrescentemos mais detalhes acerca do modo como isto funcionava examinando alguns exemplos. Comecemos com a ética. O auge da influência dos evangélicos foi em meados do século XIX, quando eles controlavam muitas universidades da nação americana. Naquele tempo, o ponto crucial da carreira universitária de um estudante era o curso de ética ou, como se chamava nos Estados Unidos,"ciência moral". Em geral, o curso era ensinado pelo reitor da faculdade e era um curso sênior. O objetivo era reunir tudo o que os estudantes tinham aprendido, integrando-o a uma visão moral enaltecedora da vida.

Mas o rótulo *ciência* revela involuntariamente que a definição de moralidade tinha mudado. Surgira uma nova abordagem à ética que rejeitou a ética aristotélica (a que fora ensinada pelo escolasticismo cristão até àquele tempo) a favor do que fora anunciado como abordagem científica. E isso significava uma abordagem baconiana. De acordo com Mark Noll, empregaram-se esforços "para construir a ética como Francis Bacon tinha definido a

feitura da ciência". Os dados iniciais seriam nosso senso de certo e errado; ao examinar o senso moral, poderíamos reunir os dados formando leis gerais para criar uma ciência. Em 1859, um reitor de faculdade metodista escreveu que a ética era uma "ciência do dever" para investigar as "leis da moralidade" pelos métodos racionais.

A fim de tornar a moralidade em ciência, supunha-se que causa e efeito operassem exatamente como na física newtoniana, ou seja, que a virtude leva à saúde e felicidade, ao passo que o vício causa miséria. Assim, Witherspoon exortava que haveria progresso "ao tratar a filosofia moral [ética] como Newton e seus sucessores trataram a [filosofia] natural".' E Francis Wayland, ministro batista que se tornou reitor da Universidade Brown, ensinou que as leis da moralidade consistem em "seqüências ligadas por nosso Criador" (comportamentos seguidos por recompensa ou castigo), que são "tão invariáveis quanto a ordem da seqüência na física".

Rotular a ética de *ciência* era bom movimento de relações públicas, porque dava ao clero cristão um aumento de credibilidade numa época em que as autoridades tradicionais e históricas estavam sendo postas de lado. Afirmar que era científica, punha essas autoridades "em posição de prescrever uma ordem moral cristã sem parecer *muito* cristã", como comenta certo historiador. Eles não apelavam para a Bíblia ou para a revelação, mas procuravam fundamentar a ética na indução da experiência. Por exemplo, Witherspoon disse que sua ética agia "pela razão, diferente da revelação". "

Por conseguinte, o que os estudiosos evangélicos ofereciam ao público era *uma ética não explicitamente fundamentada em uma cosmovisão cristã.* "O texto de Wayland e de outros semelhantes, também escritos por clérigos não expunham uma ética especificamente cristã", explica um relato. "Eles encontraram a base da ética [...] na ordem natural e na experiência de criaturas racionais em lugar de fundamentá-la na vontade revelada de Deus."[43]

Em certo sentido, claro que não havia nada de novo nesta abordagem. Tratava-se apenas da colocação de uma janela "científica" adequada ao antigo conceito da lei natural. Desde tempos antigos, os cristãos reconheciam que todos os seres humanos, por terem sido criados à imagem de Deus, têm um senso básico de certo e errado. C. S. Lewís se referia a isto como o *tao,* ou seja, a convicção encontrada em quase toda cultura de que há ordem moral objetiva, e que a sabedoria consiste em alinhar nossa vida pessoal a essa ordem.

O senso moral não basta para estabelecer uma ética desenvolvida. Nosso senso de certo e errado é meramente um dado da experiência, que deve ser explicado e considerado por uma cosmovisão dominante. E se a cosmovisão cristã for excluída como estrutura explicativa, então as cosmovisões anticristãs se apressarão em preencher o espaço vazio.

Do ponto de vista histórico, foi isso que aconteceu. Por causa da visão baconiana de conhecimento, os evangélicos do século XIX tentaram formar uma ética que fosse religiosamente autônoma, ou seja, uma ciência do pavimento de baixo fundamentada em bases empíricas e racionais. Como diz certo livro didático de filosofia, foi uma abordagem fundamentada "em *uma visão completamente naturalista da natureza humana"'.* * É lógico que os estudiosos evangélicos presumiam que os achados da ética se mostrariam paralelos aos ensinos da Bíblia e, assim, dariam confirmação ao cristianismo. Mas na disciplina, eles adotaram uma forma de naturalismo metodológico.

Ao fazerem assim, abriram a porta ao naturalismo *filosófico* de todo desenvolvido (a natureza é tudo o que existe). E não demorou muito para que os estudiosos que adotaram essa filosofia entrassem pela porta aberta para eles. Eles aboliram os cursos de ética, substituindo-os por cursos empiricamente orientados à psicologia e sociologia experiencial, que explicavam de forma detalhada as amplas implicações de uma visão naturalista da

natureza humana. A universidade americana estava sendo secularizada.

Matemático Celestial

O mesmo processo de secularização estava agindo de modo rápido nas ciências naturais. Desde que Isaac Newton estabeleceu a física clássica, a ciência estava criando uma imagem do universo como um enorme mecanismo de relógio, posto para funcionar no começo, mas desde então trabalhando por forças mecanicistas. Surgiu inevitavelmente tensão entre este modelo de máquina do universo, que retratava a Deus como um tipo de matemático celestial, e a crença em um Deus pessoal que de maneira afetuosa supervisiona cada evento por sua providência direta. Se todos os fenômenos físicos pudessem ser explicados pela lei natural, o que sobraria para a causalidade divina? Dava a impressão de que o mundo natural operava autonomamente por leis naturais embutidas conhecidas pela ciência (o pavimento de baixo), ao passo que o mundo sobrenatural estava limitado ao reino invisível do espírito, só conhecido pela religião (o pavimento de cima).

O resultado foi o que certo historiador denomina de "uma concepção esquizofrênica de Deus". Por um lado, "a garantia intelectual vinha do Engenheiro Divino", e por outro, "a experiência religiosa pessoal presumia o Pai Celestial". A relação entre ambos estava longe de ser igual, pois a ciência fora definida como fonte exclusiva do conhecimento genuíno, o que significava que a religião foi degradada a sentimentos subjetivos. Assim, à medida que a ciência progredia,"o Deus pessoal se retirava para um mundo espiritual impalpável".

Em suma, uma brecha estava abrindo na mente dos crentes. Muitos lutavam para manter unidos os pavimentos de cima e de baixo, insistindo que, no fim, os dois reinos se mostrariam complementares, ou seja, que o conhecimento científico se harmonizaria com os ensinamentos bíblicos. O argumento do desígnio era grandemente popular durante este período, sobretudo a analogia de William Paley de que o universo é como um relógio de excelente qualidade, e que, portanto, requer a existência de um relojoeiro. Mas isto não impediu que o cristianismo fosse reduzido a pouco mais que uma bênção cerimonial pronunciada nos resultados da ciência. Ao término da pesquisa, o cientista típico daria o retoque final com um floreio, elogiando a Deus por seu desígnio sábio e benevolente. Porém, negaria que as suposições bíblicas fossem fundamentais para tornar a ciência possível, ou que elas desempenharam algum papel como crenças de controle na orientação do seu trabalho científico.

"Ao final do século XVIII, os protestantes americanos de quase todos os naipes tinham adotado a cosmovisão de dois pavimentos, fundamentado numa epistemologia empírica, com as leis da natureza em baixo, apoiando a crença sobrenatural em cima", escreve George Marsden. Os cristãos tratavam os campos de estudo fora da teologia como disciplinas essencialmente autônomas, que operavam pela metodologia da ciência de "valor livre". Isto se refletiu no aumento da especialização na grade curricular universitária, de forma que quando o Duque de Argyll fez seu discurso inaugural como chanceler da Universidade de St. Andrews em 1852, advertiu que a teologia não fornecia mais uma unidade dominante de conhecimento:"Foi declarada uma separação absoluta entre a ciência e a religião; e os teólogos e os [cientistas] fizeram um tipo de acordo tácito pelo qual cada um fica livre e desimpedido pelo outro dentro de sua esfera de ação e competência". De acordo com sua advertência, tratava-se de desenvolvimento perigoso, pois se o verdadeiro significado de natureza e história não é reconhecido, então "um falso é inventado".

Exatamente. Se uma filosofia cristã não fornecer as crenças de controle para a ciência, então falsas filosofias preencherão o espaço vazio — o naturalismo e o materialismo. A asseveração do Iluminismo, de que a ciência opera sem qualquer premissa

filosófica, era, no final das contas, uma cobertura para descartar as premissas cristãs, ao mesmo tempo em que contrabandeava as premissas naturalistas. Como escreve Marsden, o ideal de "investigação livre" se tornou mera tática para desiludir a religião tradicional, enquanto a ciência era elevada à "nova ortodoxia".

Cegos por Bacon

Infelizmente, uma vez mais a visão baconiana da ciência impediu muitos cristãos de reconhecer o que estava acontecendo. Um exemplo é o modo como alguns cristãos reagiram ao aparecimento do darwinismo em 1859. A razão de a evolução darwinista ter sido tão revolucionária não foi seu conceito de seleção natural, mas sua definição de conhecimento ou epistemologia. A antiga epistemologia presumia um universo aberto, em que conceitos como desígnio e propósito (teleologia) faziam sentido e eram considerados perfeitamente racionais. Mas como vimos no Capítulo 6, Darwin quis estabelecer uma epistemologia naturalista que presumia um sistema fechado de causa e efeito, uma que colocasse o desígnio e o propósito para fora dos limites. Assim, o centro do conflito girava em torno de duas epistemologias rivais: Qual definição de conhecimento deveria governar a ciência?

A tragédia não é apenas que os evangélicos fracassaram ao enfrentar o desafio — a grande maioria deles sequer reconheceu que havia um desafio. Como bons baconianos, os evangélicos negaram o papel das suposicões filosóficas na ciência e, assim, ficaram impotentes para criticar e se opor às novas suposições quando surgiram no horizonte intelectual. Quase todos aceitaram os fatos que Darwin apresentava e os inseriram na antiga *filosofia* natural como um sistema aberto. Pelo visto, não perceberam que *era precisamente a antiga filosofia que estava sob ataque.* Em fins do século XIX, explica o historiador Edward Purcell, os pensadores não se deram conta de que o darwinismo insinuava "uma cosmovisão de todo naturalista". Eles inseriram o darwinismo em uma estrutura religiosa e providencial, tentando ajustá-la de alguma maneira a uma "crença na natureza como parte de uma ordem divina abrangente, e na ciência como parte de uma filosofia natural maior e moralmente orientada".[1]

Temos um exemplo no teólogo de Princeton B. B. Warfield. Quando jovem, criara gado *shorthorn* na fazenda do seu pai, onde notou que o gado selvagem desenvolvia características distintivas pela interação com o ambiente. Em suma, testemunhara a seleção natural. Por isso, quando tomou conhecimento do conceito da evolução, aceitou-a de pronto, dizendo que era "um darwinista da mais pura gema". Mas quando Warfield explicou o que *queria dizer* por evolução, falou da supervisão constante da providência divina, pontuada por "interferência sobrenatural ocasional".[1]" Alguém que expressasse tais opiniões hoje seria tachado de criacionista ardente.

James McCosh, reitor de Princeton, também se dizia darwinista. Contudo, afirmou que muitos eventos básicos não podiam ser explicados apenas pelas causas naturais, que Deus trabalhou pela "ordem imediata" na origem da vida, inteligência e moralidade.[1] Por fim, um dos evolucionistas teístas mais influentes do século XIX, Asa Gray, também inseriu o conceito darwinista da seleção natural na antiga cosmologia teísta aberta à supervisão e desígnio divino. Pelo visto, ele não entendeu que a intenção de Darwin era substituir essa cosmologia por uma naturalista.

Charles Hodge foi um dos poucos a reconhecer o que estava filosofi-camente em jogo. Ele escreveu que "o elemento distintivo" no darwinismo não é a seleção natural, mas a negação do desígnio ou propósito. E "a negação do desígnio na natureza é praticamente a negação de Deus".

Apesar do protesto de Hodge, o debate não ocorreu no nível filosófico até o

surgimento do movimento do desígnio inteligente em nossos dias. Quando nos anos setenta comecei a escrever sobre ciência e cosmovisão, o debate ainda estava ocorrendo quase que de modo exclusivo no nível dos detalhes científicos (fósseis, mutações, estratos geológicos). O movimento do desígnio inteligente tem tremendo impacto, porque Phillj$_D$ Johnson foi bem-sucedido em mudar o argumento para a definição naturalista de ciência dada por Darwin. "Os cristãos pensam que a controvérsia é a princípio uma disputa sobre fatos científicos, e assim ficam presos na discussão de detalhes científicos em vez de se concentrar nas suposições fundamentais que geram a história evolutiva", Johnson escreve em seu mais recente livro. O surgimento do movimento do desígnio inteligente sinaliza que os cristãos estão saindo de uma visão baconiana de ciência, reconhecendo o papel formativo que as suposições filosóficas desempenham no que conta como conhecimento genuíno. Como vimos na Parte 2, evidências eficazes são importantes, mas não chegarão a persuadir a menos que, ao mesmo tempo, desafiemos a epistemologia naturalista que domina a ciência.

Religião nas Horas Vagas

A medida que o século XIX progredia, o esquema baconiano de dois pavimentos se infiltrava no reino das idéias abstratas e se expressava na estrutura institucional universitária. Universidades fundadas como escolas cristãs (por exemplo, Harvard, Princeton eYale), empurraram a teologia para um departamento separado em vez de permitir que influenciasse a grade curricular universitária como um todo. A religião se tornou atividade extracurricular, na qual os estudantes se ocupavam em suas horas vagas, como ir à capela da universidade ou participar de grupos de estudantes cristãos. A divisão público/particular se tornou parte vistosa da estrutura institucional: a religião foi tirada da grade curricular, a qual ensinamos conhecimento público, e banida à esfera particular da experiência subjetiva.

Na grade curricular, a religião foi substituída pelas ciências humanas, as quais esperavam que preenchesse o espaço vazio no tratamento dos importantes assuntos de significado, moralidade e vida espiritual. Todavia as ciências humanas permaneceram estritamente no pavimento de cima, deixando a ciência no pavimento de baixo. Em 1906, Daniel Coit Gilman, o primeiro reitor da Universidade Johns Hopkins, escreveu: "Ainda que a antiga linha entre a ciência e as ciências humanas esteja invisível como equador, tem uma existência não menos real". Segundo ele, a diferença entre elas é que a ciência é "verdadeira em todos os lugares e em todas as épocas", ao passo que as ciências humanas dependem de "nossas preferências estéticas, nossas tradições intelectuais, nossa fé religiosa". Repare que neste tempo Gilman apenas presumia a divisão fato/valor. A ciência é miversalmente verdadeira, mas as ciências humanas são questão de preferências, tradições e fé.

A divisão da verdade em dois níveis passou a ser interiorizada também oor indivíduos. Quando o mundo do intelecto foi secularizado e se divorciou da experiência espiritual, os cristãos passaram a falar sobre uma divisão entre *cabeça* e *coração.* Em 1817, um alemão discursava para muitas pessoas cultas e instruídas, quando disse: "Sou pagão em minha razão e cristão de todo o meu coração.

É nada menos que trágico que os próprios cristãos fossem em parte responsáveis pela privatização da religião, quando aceitaram a definição baconiana de ciência como religiosamente neutra. Segundo o historiador Douglas Sloan, o evangelicalismo fomentou uma divisão entre "a experiência de conversão emocional como o coração da religião" (pavimento de cima) e "a razão utilitária estrita e técnica para lidar com este mundo" (pavimento de baixo).' Em outras palavras, para as coisas deste mundo, eles adotaram uma

forma de naturalismo *metodológico,* que acabou abrindo a porta para o naturalismo *metafísico.* Afinal de contas, se podemos interpretar o mundo de forma bem perfeita sem nos referir a Deus, então sua existência se torna hipótese supérflua, e os que forem intelectualmente sinceros e ousados se livrarão disso de uma vez por todas. Do ponto de vista histórico, é isso mesmo o que aconteceu: "A definição naturalista da ciência", escreve Marsden,foi "transformada, passando de uma *metodologia* para uma *cosmovisão* acadêmica dominante".

Para promover a restauração da mente cristã, faríamos bem em seguir o movimento do desígnio inteligente, desafiando o modelo baconiano de conhecimento autônomo ou neutro em todos os campos de estudo. Temos de rejeitar a presunção de que manter crenças cristãs nos desqualifica como "parciais", ao passo que os naturalistas filosóficos ganham passe livre para apresentar suas posições como "imparciais" e "racionais". Acima de tudo, precisamos libertar o cristianismo da divisão de dois pavimentos que o reduziu a uma experiência particular do pavimento de cima, e aprender a restaurá-lo ao estado de verdade objetiva.

Dando Sentido ao Bom Senso

Para esta tarefa, podemos obter recursos de outras vertentes do pensa-rnento do século XIX. O método baconiano era apenas um elemento do realismo do bom senso. Quando elevamos nossa visão para outro nível, descobrimos novo terreno intelectual que produz valiosos *insights* e estratégias para hoje.

Como vimos, o realismo escocês ficou imensamente popular nos Estados Unidos do século XIX. Foi aplicado a quase toda disciplina na grade curricular universitária, tornando-se a língua franca daqueles dias. O que exatamente ensinava? Thomas Reid disse que todo conhecimento começa com as coisas que não podemos deixar de acreditar, por causa do modo como a mente humana é constituída (verdades evidentes por si mesmas). Nossa consciência interior de dor e prazer, nosso senso moral de certo e errado, nossa convicção instintiva na realidade do mundo físico são coisas que não precisam de justificação filosófica. São praticamente impingidas a nós pela constituição de nossa natureza para atuar no mundo que Deus criou.

Poderíamos dizer que o realismo do bom senso não é tanto uma filosofia quanto é uma antifilosofia, porque descreve o conhecimento experiencial que forma a matéria-prima para a filosofia formal. Usando a ilustração de uma planta, Reid disse que a filosofia "não tem outra raiz, senão os princípios do bom senso; cresce desses princípios e tira sua nutrição deles". ' O bom senso é a *experiência pré-teórica* que fornece o material inicial às nossas *teorias* em filosofia, ciência, moralidade e assim por diante. O papel da filosofia é explicar *por que* é possível saber as coisas que já sabemos por experiência.

Este conhecimento experiencial também serve de teste de erro. Quando os filósofos preparam sistemas abstratos que contradizem as verdades evidentes por si mesmas do bom senso, podemos estar certos de que algo deu errado. Afinal, o propósito da filosofia é explicar o que sabemos por experiência direta e não contradizer ou negar isso. "Quando o homem se deixa persuadir pelos princípios do bom senso através de argumentos metafísicos", disse Reid, "podemos chamar isto de loucura metafísica." Quer dizer, adotar uma filosofia que nega as verdades conhecidas pela experiência é arrematada loucura.

O realismo escocês era particularmente atraente para os cristãos, porque era uma filosofia teísta que se apoiava na suposição da criação divina. Reid era um ministro presbiteriano moderado, e argumentou que a razão de nossa mente e sentidos serem dignos de confiança é que Deus os projetou para trabalhar confiantemente no mundo que Ele

criou.James Henley Thornwell, presbiteriano da velha escola, explicou que Deus criou a mente para saber a verdade, da mesma maneira que Ele fez "os olhos para ver, os ouvidos para ouvir, ou o coração para sentir".'

Reid Romanos 1

Qual é o legado do realismo escocês para nossos dias? Os críticos acusam que promovia um tipo de preguiça intelectual entre os evangélicos do século XIX, causando curto-circuito na reflexão teórica cuidadosa. Pelo visto, indicava que os evangélicos não precisavam investir no trabalho árduo de defender suas crenças nucleares, pois essas crenças eram inegáveis e evidentes por si mesmas. "Durante grande parte da história dos Estados Unidos", escreve Noll,"os evangélicos negaram que tivessem uma filosofia. Eles estavam apenas procurando o bom senso." ' O que é mais grave é que incluíam nessa categoria um bom número de proposições teológicas que, para uma geração depois, não parecia nenhum pouco evidentes por si mesmas; eram crenças que requeriam defesa em um ambiente intelectual novo e mais hostil.

A filosofia do bom senso continua tendo vitalidade notável e até desfruta certo ressurgimento em nossos dias, sobretudo entre os pensadores reformados. Desde fins do século XIX, houve essencialmente duas vertentes principais no pensamento reformado. O realismo do bom senso era a tradição reformada *escocesa.* Promovia uma forma evidencialista de apologética, enfatizando as verdades conhecíveis por crentes e incrédulos, que atuam como bases de prova para avaliar cosmovisões rivais. Outra vertente posterior é a tradição reformada *holandesa.* Consistia no neocalvinismo de Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. Promovia uma forma pressuposicionalista de apologética, enfatizando o impacto formativo das cosmovisões em si e a necessidade de avaliá-las como inteiros unificados; começava com primeiros princípios e traçava de forma cuidadosa suas conclusões lógicas."Em quase todo campo de estudo hoje em dia", observa Marsden,"os estudiosos evangélicos estão divididos basicamente em [estes] dois grupos, com certos híbridos entre ambos."

Francis Schaeffer propôs um híbrido, quando mostrou como os elementos evidencialista e pressuposicionalista podem trabalhar em tandem no evangelismo prático. O seu método mostrou-se notavelmente eficaz para uma geração de jovens. O método me foi muito persuasivo há vários anos quando cheguei à entrada de L'Abri como não-crente. Hoje, sempre que dou meu testemunho em público, algumas pessoas vêm me contar depois como o ministério e escritos de Schaeffer as levaram à conversão, ou as ajudou em tempos de crise de fé. Façamos uma análise mais detida do seu método híbrido para ver como ele elaborou um método de apologética que ainda hoje é pertinente e executável.

Por um lado, Schaeffer concordava com a doutrina básica do realismo do bom senso, que diz que todos tem conhecimento imediato e pré-teórico derivado da experiência direta. Todos fomos feitos à imagem de Deus, vivemos no universo de Deus e somos sustentados pela graça comum de Deus. Assim, compartilhamos certas experiências, *insights* e modos de pensar universais. Os mais básicos seriam as verdades do senso comum: nosso senso fundamental de identidade pessoal, de certo e errado, as regras da lógica e assim por diante.

Estas verdades não se interpretam sozinhas. São meros *dados* que precisam ser explicados e considerados por um sistema metafísico global. Por outro lado, Schaeffer concordava com o neocalvinismo que até nossas crenças básicas devem ser interpretadas em uma estrutura cristã. Ao falar com não-crentes, nossa meta é mostrar-lhes que o cristianismo é o único sistema *teórico* que dá a razão das verdades que sabemos pela experiência *pré-teórica.Toàz* verdade é a verdade de Deus, onde quer que a encontremos, como há muito

disseram os pais da igreja; mas essas verdades só fazem sentido em uma cosmovisão cristã.

Esta abordagem está baseada em Romanos 1.19,20. A passagem começa afirmando que todos têm conhecimento genuíno de Deus pelo mundo que Ele fez: "O que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis". Em outras palavras, as experiências mais influentes e inevitáveis — de nossa natureza humana e de um universo ordeiro e bonito — dão amplas razões para crermos em Deus. Por quê? Porque só a sua revelação explica essas experiências.

Os não-crentes tentam "suprimir" o seu conhecimento de Deus, continua dizendo Romanos, inventando todos os tipos de explicações alternativas para o mundo. Mas nenhuma delas é adequada. Por conseguinte, em algum momento a explicação que os não-crentes dão do mundo será contradita pela experiência vivida. Essa contradição deveria lhes dizer algo. O termo traduzido por "inescusáveis" (Rm 1.20) significa literalmente "sem uma apologética". A tarefa do evangelismo começa ajudando os não-crentes a enfrentar diretamente as inconsistências entre as crenças professas e a experiência real. Como explica o filósofo Roy Clouser, um teste de cosmovisão implica "verificar se certos dados podem ter *alguma razão plausível* em seu ponto de vista". Depois de mostrar que a cosmovisão do não-crente não pode dar "alguma explicação plausível" *Aos* dados da experiência, então podemos apresentar o cristianismo como a única cosmovisão que dá uma explicação consistente e lógica.

Ou, para virar o argumento ao contrário, queremos ajudar as pessoas a ver que, se a cosmovisão que elas sustentam contradiz a experiência do bom senso, então não pode ser verdadeira. Como disse Dooyeweerd, a experiência é "um dado pré-teórico" e "toda teoria filosófica da experiência humana que não explique este dado de modo satisfatório deve ser errônea". Usando a frase colorida de Reid, é loucura metafísica.

Cores e Formas

Quais são os exemplos práticos de como usar esta linha de argumentação na apologética? O realismo do bom senso mostra que ninguém pode negar o testemunho dos sentidos. Para atuar no mundo, temos de ter a confiança básica nas coisas que vemos e ouvimos. O empreendimento científico está baseado na probidade dos dados dos sentidos, e entraria em colapso sem a garantia de que nossas sensações fornecem um quadro seguro da realidade. Mas como saber se as imagens ou impressões de nossos sentidos correspondem ao mundo real? A falha fatal na filosofia empírica é que não podemos nos colocar *fora* de nossas sensações para obter uma posição vantajosa e independente, da qual possamos testar os dados dos sentidos contra o mundo exterior. Como explicar a probidade de nossos sentidos?

A única base adequada para nossa confiança é o ensino bíblico de que há um Criador que projetou nossa capacidade mental de atuar confiante-mente no mundo que Ele criou. A doutrina da criação é a garantia epistemológica de que a constituição de nossas faculdades humanas se conforma com a estrutura do mundo físico. Como escreve Alvin Plantinga, faz parte do "plano de desígnio humano" confiar em nossas percepções pelos sentidos. Quando nossas faculdades perceptuais estão em boa ordem de funcionamento e atuantes no ambiente para o qual foram projetadas, confiamos naturalmente que as cores e formas que percebemos representam objetos reais em um mundo real.

Udo Middelmann (genro de Schaeffer) usa uma frase esplêndida para explicar por que os cristãos podem ter confiança epistemológica: Pela razão de Deus ter nos criado à sua

imagem, para atuar no seu mundo, há uma "continuidade de categorias" entre a mente de Deus, a nossa mente e a estrutura do mundo.

O conceito de criação ou desígnio é a suposição crucial que os crentes do século XIX negligenciaram quando pensaram que a ciência podia agir sem pressuposições distintamente cristãs. Sem a doutrina da criação ou desígnio, não há base para confiarmos que as idéias em nossa mente têm correlação com o mundo exterior. Se a mente humana é produto de eventos fortuitos, preservada pela seleção natural, então não há base para confiar em nossas idéias. Recorde a "dúvida terrível" de Darwin de que se possa confiar na mente humana, se esta for produto da evolução (Capítulo 8). O não-cristão que prossegue em sua pesquisa não tem escolha, senão confiar nos sentidos, da mesma maneira que todos fazem; mas ele não tem *base* filosófica para fazê-lo. Ele não está sendo coerente com sua própria cosmovisão.

Só um Hábito?

Tomemos outro exemplo. Ninguém pode atuar na vida diária sem assumir padrões regulares de causa e efeito. Todas as nossas ações estão baseadas na crença de que se executarmos a ação A, produziremos o efeito B. Se pomos comida no fogão, esperamos que cozinhe. Se pomos combustível no carro, esperamos que ande. A ciência depende de igual modo da realidade de uma ordem consistente na natureza. "A crença no poder absoluto das leis da natureza faz parte profundamente arraigada da cultura científica", escreve certo astrofísico. "Para fazer ciência, temos de ter fé de que algo é sacrossanto e de todo seguro."

Os céticos argumentam que nossa crença na causação é mero hábito, resultante do fluxo de impressões do sentido em nossa cabeça. Quando percebemos que depois do evento A ocorre o evento B, então com o passar do tempo passamos a esperar que o padrão se repita. Não há, porém, base real para essa expectativa, visto que não podemos saber se a natureza tem um plano ou ordem que justifique nosso pensamento. Se o universo é produto do acaso, então não há garantia de que o sol nascerá amanhã, ou que *qualquer* uma das regularidades que observamos hoje se repetirá no futuro.

Hume declara o problema em uma passagem famosa: "O pão que comi ontem me alimentou, [...] mas isto quer dizer que outro pão também tem de me alimentar em outro momento?" Em outras palavras, o simples fato de que no passado sempre experimentamos que o pão nos alimenta, ou que o sol se levanta, ou que o fogo queima, não dá base para projetar o mesmo padrão no futuro. De acordo com Hume, a tendência de pensar indutivamente está fundamentado em nada mais que "costume" e "hábito". Não há justificação racional.

A ciência oferece fórmulas matemáticas para expressar as relações de causa e efeito na natureza, mas isso só intensifica o dilema. Pois se o universo evoluiu por ação de forças materiais e irracionais, agindo de maneira fortui-ta, por que se ajustaria de modo tão perfeito às fórmulas matemáticas que inventamos em nossa mente? Enfim, por que a matemática funciona? Em uma composição analítica famosa intitulada "A Eficácia Irracional da Matemática nas Ciências Naturais", Eugene Wigner afirma que o fato de a matemática funcionar tão bem para descrever o mundo "é algo que chega às raias do mistério". De fato, "não há explicação racional para isso".

Quer dizer, não há explicação *no materialísmo científico.* Mas na cosmovisão cristã há uma explicação perfeitamente racional, qual seja, que um Deus racional criou o mundo para operar como progressão ordenada de eventos. Esta era a convicção que inspirou os primeiros cientistas modernos, diz o historiador Morris Kline: "Os primeiros matemáticos estavam certos da existência de leis matemáticas que estão por baixo dos fenômenos naturais, e persistiram na busca delas, porque estavam dedutivamente convencidos de que

Deus as incorporara na construção do universo".

E é por isso mesmo que Deus equipou os seres humanos com a habilidade de descobrir essa ordem na natureza. Nossa tendência instintiva de fazer predições para o futuro baseado no passado é parte do "plano de desígnio" humano. Para agir no mundo, os não-crentes não têm escolha, senão argumentar de forma indutiva, mas sua cosmovisão não fornece *base* para crer nas regularidades de causa e efeito. Para viver no mundo real, eles têm de ser incoerentes com a cosmovisão que sustentam.

Você não É Ninguém?

O mesmo argumento pode ser aplicado ao nosso senso de identidade pessoal ou personalidade. "Eu tomo por certo que todos os pensamentos de que estou consciente ou me lembro são os pensamentos do mesmo princípio de pensamento que chamo *eu* ou minha *mente",* escreveu Reid. "Todo o indivíduo tem uma convicção imediata e irresistível, não só de sua existência atual, mas também da continuação de sua existência e identidade desde quando ele pode se lembrar."

Parece óbvio, mas a razão de Reid fazer alarde disso era que os céticos estavam contestando. Sua nêmesis, Hume, tinha mostrado que, em premissas estritamente empíricas, não podemos justificar crer em algo tão básico quanto a existência de um "eu" unificado. Esquadrinhando o conteúdo de nossa consciência, tudo que descobrimos é uma série fluente de percepções e impressões. "Quando entro mais intimamente com o que chamo *eu,* sempre tropeço em uma ou outra percepção em particular, de calor ou frio, luz ou sombra, amor ou ódio, dor ou prazer", escreveu Hume. "Eu nunca pego o *eu* em determinada hora sem uma percepção, nunca consigo observar algo, exceto a percepção." Como vimos no Capítulo 3, certos cientistas cognitivos hoje tomam partido com Hume, negando a realidade de um "eu" unificado e isolado.

Mas o propósito de uma cosmovisão é *explicar* os dados da experiência, e não *negá-los.* Todo sistema filosófico que não ofereça um relato plausível de nosso senso de personalidade pessoal deve ser rejeitado por ser inadequado. E isso inclui o materialismo científico (que define a realidade em termos de forças *naturais* não-pessoais) e o pensamento oriental e da Nova Era (que define a realidade em termos de forças *espirituais* não-pessoais). Todo sistema que comece com forças não-pessoais deve, no fim, reduzir as pessoas a componentes de uma matriz inconsciente de ser.

Só o cristianismo, com seu ensino de um Criador pessoal, fornece uma explicação metafísica adequada de nossa experiência irredutível de personalidade. Só ele responde pela matéria-prima da experiência em uma cosmovisão inclusiva. No mundo moderno, com suas instituições gigantescas e impessoais, onde as pessoas são tratadas como cifras de máquina, a mensagem cristã é realmente as boas novas. A realidade suprema não é a máquina; é um Ser pessoal que ama e se relaciona com cada indivíduo de maneira pessoal.

Mera Química?

Uma das características centrais da natureza humana é a capacidade para relações de amor e entrega. Crianças privadas de amor não se desenvolvem. Os reducionistas nos dizem que sentimentos de "amor" são meros efeitos de reações químicas no cérebro; ou, como diz a ciência cognitiva, uma ilusão causada por padrões de atividade neural.

Os psicólogos evolutivos (como vimos no Capítulo 7) afirmam que o comportamento altruísta é mera estratégia calculada de ajudar os outros para que eles, por sua vez, sejam ajudados. Olho por olho. É a estratégia do "altruísmo recíproco", programado em nossos genes pela seleção natural para que nos demos bem e tenhamos melhor sobrevida. Porém,

seria mais honesto dizer que isso é "pseudo-altruísmo" (como diz Daniel Dennett), porque a suposição é que os indivíduos praticam cooperação e autocontrole só quando garantem seus interesses maiores.Toda boa ação é, no final das contas, egoísta.

O que fazem estes mesmos cientistas quando tiram o jaleco e vão para casa ao seio da família? Eles tratam o amor pelo cônjuge e filhos com o mesmo ceticismo? Se eles têm emoções humanas comuns, são forçados a viver de modo incoerente com a filosofia que adotam profissionalmente.

A única cosmovisão que apoia as mais altas aspirações do coração humano é o cristianismo. Ele oferece uma base para crer que o amor é real e genuíno, porque fomos criados por um Deus cujo caráter é amor. A Bíblia ensina que desde toda a eternidade há amor e comunicação entre os membros da Trindade. O amor não é uma ilusão criada pelos genes para promover nossa sobrevivência evolutiva, mas é um aspecto da natureza humana que espelha a estrutura fundamental da realidade suprema. Ao nos submetermos ao plano de salvação de Deus e nos tornarmos seus filhos, temos a possibilidade surpreendente de participar desse amor eterno.

Ministro da Desinformação

O princípio que se nota nestes exemplos é que, por um lado, o realismo do bom senso tinha razão em defender as experiências humanas universais e inegáveis. A natureza humana é constituída de certo modo que não podemos deixar de agir na suposição de que nossos sentidos são dignos de confiança, que as relações de causa e efeito são reais, que temos um "eu" pessoal e assim por diante. Crentes e não-crentes, todos fomos criados à imagem de Deus para vivermos no universo dEle, sustentados por sua graça comum. Por isso, todos compartilhamos certas experiências fundamentais. A chuva cai sobre justos e injustos.

Entretanto, as verdades da experiência não são óbvias. Constituem meros dados que imploram por explicação em uma cosmovisão dominante. *Por que* será que pedacinhos de matéria que chamamos de corpo têm consciência e transitam no mundo com tanta eficácia? *Por que* somos capazes de formar sociedades com certa medida de justiça e compaixão? Enquanto escrevo, a NASA acaba de divulgar fotografias surpreendentes da superfície de Marte. Mas por que é possível os seres humanos calcularem uma trajetória e pousar uma astronave em outro planeta? Que tipo de mundo permite estas realizações fascinantes? Nossa declaração como cristãos é que somente uma cosmovisão biblica-mente fundamentada oferece explicação completa e consistente da razão de sermos capazes de saber verdades científicas, morais e matemáticas. O cristianismo é a chave que se ajusta à fechadura do universo.

Levando em conta que todas as outras cosmovisões são chaves falsas, podemos ter a mais absoluta confiança, quando falamos com não-crentes, que eles sabem de coisas que *não se coadunam* com sua cosmovisão — seja ela qual for. Ou, dizendo ao contrário, eles não conseguem viver coerentemente fundamentados na cosmovisão que professam. Considerando que suas convicções metafísicas não se ajustam ao mundo que Deus criou, a vida dessas pessoas será mais ou menos incoerente com tais convicções. Viver no mundo real requer que eles ajam de modo que não é apoiado pela cosmovisão que advogam.

Isto gera um estado de dissonância cognitiva. É nesse ponto de tensão que o evangelho pode ter uma entrada. No evangelismo, podemos chamar a atenção das pessoas para o conflito entre o que elas *sabem* por experiência e o que *professam* em suas crenças. Esse antagonismo é sinal certo de que algo está errado com suas crenças. "

O nível de tensão dependerá da coerência lógica que a pessoa mostre. Durante a invasão do Iraque, o Ministro da Informação iraquiano aparecia todos os dias diante de um

monte de microfones para repetir inúmeras vezes:

"Não há nenhum infiel americano em Bagdá! Jamais haverá!"

Enquanto isso, os soldados americanos estavam tomando edifícios governamentais há poucas quadras dali. Presumindo que o ministro não estava simplesmente mentindo, ele estava sendo total e inabalavelmente coerente em face de evidência contrária.

A maioria das pessoas, porém, é menos coerente. Elas advogam uma filosofia de materialismo ou naturalismo darwinista, contudo na prática vivem de maneira que contradizem essa cosmovisão. Afinal, quem de fato trata suas crenças como produtos da seleção natural, e não realmente verdadeiras, mas só úteis à sobrevivência? Quem sobreviveria emocional-mente se acreditasse que o amor abnegado nada mais é que "pseudo-altruísmo"? Por serem criados à imagem de Deus, a força da natureza humana compele os não-crentes a viver de modo incoerente com a cosmovisão que professam. No evangelismo, nossa meta é destacar essa dissonância cognitiva — identificar os pontos em que a cosmovisão dos não-crentes entra em contradição com a realidade. Depois, mostramos que só o cristianismo é plenamente coerente com as coisas que por experiência todos sabemos que são verdadeiras. (Para inteirar-se de mais detalhes sobre como isso funciona, ver Apêndice 4.)

"Trapaça" Filosófica

As pessoas, por vezes, não têm consciência das conclusões lógicas de suas crenças. Neste caso, temos de pressioná-las para que vão até o fim em suas asseverações. Não podemos deixar que "trapaceiem", movendo-se de maneira furtiva a conclusões que não são racionalmente apoiadas por suas premissas iniciais. Lembro-me dos debates regulares de sábado à noite na capela de L'Abri, quando Schaeffer se sentava em frente à lareira de pedras grandes e interagia com estudantes e convidados, muitos dos quais não-crentes ou pessoas que buscavam a verdade. Eles tentavam defender alguma base puramente secular de moralidade, liberdade ou o que fosse, e ele incansavelmente os pressionava a voltar às premissas iniciais. "Se você deseja sustentar que algo é real, então tem de dizer o que é e de onde veio", como disse certa vez durante um debate. Um sistema fechado de causa e efeito naturalista não dá base para coisas como liberdade moral ou dignidade humana — como declarou de maneira tão enérgica B. F. Skinner no título do livro *Para Além da Liberdade e Dignidade.* Na realidade, se os não-crentes fossem de todo coerentes, eles seriam céticos amorais.

Pouquíssimas pessoas no Ocidente são completamente amorais ou completamente céticas. Por quê? Porque elas "trapaceiam" laçando mão de idéias da herança cristã.

Temos exemplo no mais recente livro de Daniel Dennett, *Freedom Evolves* (A Liberdade Evolui),no qual ele procura reconciliar o darwinismo com a crença na liberdade moral. O filósofo britânico John Gray escreveu uma revisão mordaz, acusando Dennett de ser incoerente com a filosofia de naturalismo que professa. Afinal, explicou Gray: "A noção de que os seres humanos são livres de certo modo que os outros animais não são não vem da ciência. Suas origens estão na religião, sobretudo no cristianismo". E acusou Dennett de "procurar salvar uma visão do gênero humano derivada da religião ocidental".

Usando nossa terminologia, Dennett está "trapaceando" ao se servir de conceitos da herança cristã que não têm base no sistema naturalista que preconiza.

Isto é mais comum do que pensamos. Gray argumenta que a totalidade do liberalismo ocidental é na verdade parasitária do cristianismo. De acordo com ele, a sublime visão da pessoa humana no liberalismo é derivada de modo direto do cristianismo: "O humanismo liberal herda várias crenças cristãs importantes, sobretudo, a crença de que os seres humanos

são categoricamente diferentes de todos os outros animais". Nenhuma outra religião deu origem à crença de que os seres humanos têm uma dignidade exclusiva.

Pensemos assim: Se Darwin tivesse anunciado a teoria da evolução na índia, China ou Japão, mal teria sido percebida. "Se, juntamente com centenas de milhões de hindus e budistas, você nunca tivesse acreditado que os seres humanos diferem de todos os demais no mundo natural, no ponto em que possuem uma alma imortal, você acharia difícil elaborar uma teoria que mostrasse o quanto temos em comum com outros animais." A sublime visão ocidental da dignidade humana e dos direitos humanos é tirada diretamente do cristianismo. "A cosmovisão secular é mera tomada cristã sobre o mundo com Deus deixado de lado", conclui Gray. "O humanismo não é uma alternativa para a crença religiosa, mas uma versão degenerada e inconsciente dela."

Cremos nisso? Estamos convencidos de que conceitos como liberdade moral e dignidade humana não têm base fora do cristianismo? Precisamos pressionar as pessoas a que deixem de "trapacear" e enfrentem de maneira honesta a falência dos seus sistemas de crença. Para os pós-modernos, talvez seja isso que o Espírito Santo use para criar a consciência de que precisam e a franqueza à resposta bíblica. A conscientização da "perdição metafísica" pode ser o meio pelo qual Deus os leve à salvação.

Sinais de Vida Inteligente

O método de evangelismo de Francis SchaefFer, que acabamos de descrever, foi altamente eficaz com o caudal de inquiridores pela verdade que paravam em seu chalé na Suíça. Mas o seu método não era a única adaptação possível do realismo do bom senso. No Capítulo 1, contamos a história de tremendo sucesso de Alvin Plantinga em restaurar a filosofia teísta ao respeito acadêmico nos últimos anos. Porém, não mencionamos que a filosofia que ele expôs de forma tão brilhante é versão atualizada do realismo de Thomas Reid. "Os seres humanos são formados de acordo com certo plano de desígnio", argumenta Plantinga, inclusive nossas faculdades cognitivas. Não precisamos formar uma defesa filosófica complexa das crenças básicas do bom senso. Essas crenças estão garantidas, se nossas faculdades cognitivas estão funcionando corretamente no ambiente para o qual foram designadas. Este reavivamento da filosofia do bom senso é compartilhado por outros pensadores reformados (como William Alston e Nicholas Wolterstorff), e sua abordagem foi rotulada de epistemologia reformada.

O trabalho de SchaefFer, Plantinga e muitos outros são testemunhos do fato de que o realismo do bom senso escocês e o neocalvinismo holandês permanecem tradições filosóficas viáveis entre os pensadores evangélicos de hoje, aptos para sustentar trabalho filosófico significativo. Até os passantes param para tomar conhecimento. Há alguns anos, a revista *Commonweal* publicou um artigo intitulado "A Mente Evangélica Acorda", onde observa que muitos estudiosos evangélicos que alcançaram reconhecimento acadêmico na educação em voga têm ligações com o neocalvinismo. Três historiadores mencionados no artigo — George Marsden, Mark Noll e Nathan Hatch — são tão prolíficos em sua erudição, que um professor deYale advertiu que a "tese evangélica" pode estar assumindo o controle do estudo da história americana!

Os crentes comuns estão expressando a fome de recuperar uma herança mais rica, familiarizando-se com os clássicos espirituais. Quando visitei uma pequena livraria cristã próximo de casa, o dono me disse que os livros que mais saem são os clássicos, de Agostinho a St. John of the Cross. Este é sinal encorajador de um novo interesse em cultuar a Deus com a mente e com o coração.

Crentes Compartimentados

Resumamos o que aprendemos da história do evangelicalismo americano nos últimos três capítulos. Para começar, não podemos deixar de reconhecer seu impacto positivo global. Inspirar um compromisso veementemente pessoal ao cristianismo é a principal razão de os Estados Unidos permanecerem a nação mais religiosa do mundo industrializado de hoje.Também precisamos nos dar conta de que o evangelicalismo não venceu a antiga divisão de dois pavimentos do conhecimento. Pelo contrário, intensificou a divisão. A ala populista do evangelicalismo contribuiu para a idéia de que a religião é uma experiência emocional particular (pavimento de cima), ao passo que a ala erudita reforçou a idéia de que o conhecimento público deve ser religiosamente neutro e autônomo (pavimento de baixo). Em vista disso, a religião foi retirada do reino público e inserida no reino particular. Lá poderia se desenvolver, como na realidade aconteceu. Mas seria mantido de modo cuidadoso em sua gaiola. Enquanto isso, as ideologias seculares tiraram proveito do espaço vazio e rapidamente preencheram o cenário público.

O que aconteceu no século XIX, explica o historiador Martin Marty, foi que a religião nos Estados Unidos "aceitou uma divisão de trabalho".

Por um lado,"a religião consentiu na tarefa de se dedicar aos setores pessoal familiar e livre da vida" (a dimensão particular). Por outro, "as dimensões públicas — política, social, econômica, cultural — tinham de ficar autônomas", e acabaram sendo assumidas por ideologias não-cristãs.

Segundo Marty, esta divisão de trabalho foi "uma concessão momen-tosa". Ainda hoje, os americanos estão tão acostumados com isso que já não percebem que desenvolvimento moderno foi. Ele o denomina cisma moderno e diz que foi uma completa "novidade na cultura ocidental". Claro que, como vimos, o pensamento cristão tinha sido marcado pela dicotomia de dois pavimentos durante séculos. Mas no século XIX, essa dicotomia passou a ser expressa externamente nas instituições sociais. A sociedade foi dividida, por um lado, em "uma cultura externa e abrangente", e por outro, em "uma cultura religiosa eclesiástica interna e amplamente isolada por dentro". Os crentes começaram a habitar dois mundos, comutando de um para o outro pelo cisma moderno.

Os líderes religiosos já não eram os porta-vozes públicos da sociedade, como eram outrora.Tiveram a permissão de aparecer em público somente para desempenhar o papel limitado de inspirar e legitimar a cultura em geral. Eles poderiam fazer preces e dar bênçãos — como fazer uma oração de abertura no Congresso Americano —, mas não eram bem-vindos para fazer comentários sobre a substância da legislação; isso seria "intromissão" na política. Os visitantes de outros países estavam pasmos pelo modo como o clero nos Estados Unidos foi compartimentado. O sempre observadorTocqueville comentou:"Nos Estados Unidos,a religião é uma esfera distinta, em que o sacerdote é soberano, mas fora da qual ele jamais se preocupa em sair .

Richard Hofstadter resumiu de maneira brilhante em uma única oração o padrão global da história do evangelicalismo. Ele escreve que, em grande parte,"as igrejas *se retiraram* dos embates intelectuais com o mundo secular, *desistiram* da idéia de que a religião faz parte da vida da experiência intelectual e *abandonaram* o campo de estudos racionais na suposição de que eram da competência natural e exclusiva da ciência". Vamos dividir essa oração, pois ela resume a história do que aconteceu com a mente evangélica americana. Note que Hofstadter menciona três fatores: 1) as igrejas e seminários *se retiraram* da confrontação intelectual com o mundo secular, limitando a atenção ao reino da vida cristã prática; 2) eles *desistiram* da idéia de que o cristianismo fornece uma estrutura abrangente para interpretar a totalidade da vida e erudição, permitindo que fosse

compartimentado no pavimento de cima; 3) com isso, *abandonaram* uma gama inteira de inquirição intelectual ao pavimento de baixo. Eles cederam ante a demanda de que as disciplinas universitárias devem ser religiosa e filosoficamente autônomas, sem perceber que era apenas um disfarce para introduzir *novas* filosofias, como o positivismo e o naturalismo.

Mas esta não é toda a história. As idéias não permanecem no reino do abstrato; elas também influenciam o modo concreto como as pessoas formam a sociedade e suas instituições. O cisma moderno não era apenas um conjunto de idéias sobre religião; era também uma mudança profunda no modo real como as pessoas viviam e organizavam a vida. Fazia parte de uma reordenação maior da sociedade que afetou a estrutura do local de trabalho, da família e até das relações entre os sexos. Vamos ao próximo capítulo para fazer uma excursão fascinante sobre as conseqüências pessoais e sociais da divisão público/particular na vida americana — conseqüências que incluem a religião, mas que vão muito mais longe que isso.

12
Como as Mulheres Começaram a Guerra

Cultural

A modernização provoca uma dicotomização insólita da vida social.
A dicotomia está entre as maiores e mais poderosas instituições da
esfera pública [...] e da esfera particular.
Peter Berger[1]

Eu havia acabado de falar em um painel de debate numa grande universidade secular, quando uma mulher no plenário se levantou e disse:"Não sou feminista, mas...", esta era indicação clara de que ela iria dizer algo segundo a perspectiva feminista. "Por que este programa não mencionou nenhuma mulher? Nenhum dos palestrantes citou obras escritas por mulheres. Por que vocês estão ignorando a metade da raça humana?", a mulher olhou ao redor com raiva e ferocidade, e acrescentou: "Não se incomodem em responder", e começou a sair do plenário com arrogância e gravidade, encenando uma saída dramática. Agarrei o microfone e disse: "Não saia!"

Naquela noite, eu falara sobre o conceito dividido da verdade que corre como uma brecha por todo o pensamento ocidental. "A divisão fato/valor não é meramente acadêmica", disse eu. "Foi incorporada nas instituições sociais modernas como uma divisão entre a vida pública e a vida particular. Isso afeta até as relações entre homens e mulheres."

Isso prendeu a atenção da mulher, e o ambiente foi ficando em silêncio. Expliquei que a concepção do conhecimento em dois pavimentos reestruturou não apenas a grade curricular universitária, mas também a casa, a igreja e o local de trabalho. Este é aspecto importante da divisão da verdade em dois pavimentos, porque chama nossa atenção para o fato de que não é só questão de idéias, mas é também uma força poderosa que remodela o modo como vivemos.

As Mulheres e os Despertamentos

Voltemos à metade do segundo grande despertamento. Em 1838, apareceu um artigo controverso exortando as pessoas a "pensar por si mesmas" nos assuntos de religião. Habitualmente, uma mensagem como esta mal teria sido notada. Como vimos, a chamada para as pessoas comuns ler e interpretar a Bíblia por conta própria era tema central no movimento evangélico daquela época. O que tornou o artigo tão controverso foi ter sido escrito por uma mulher — uma mulher que pedia às *mulheres* que lessem a Bíblia por conta própria: "Acredito que é o dever solene de toda mulher examinar as Escrituras por conta própria, com a ajuda do Espírito Santo, e não ser governado pelas opiniões de homens ou grupos de homens .

Assim que o movimento evangélico adotara o populismo espiritual, foi difícil conter a lógica de igualdade limitada a homens brancos. Em termos de números absolutos, os despertamentos alcançaram mais mulheres que homens, sobretudo mulheres mais jovens. Os reavivalistas permitiam que elas orassem e falassem em público, e até se tornassem "exortadoras" (assistentes de ensino), fato que escandalizava os críticos. Tendo em vista que os reavivalistas acentuavam o lado emocional da religião, a mensagem parecia ter sido feita em especial para mulheres. Eles diziam que as mulheres eram mais naturalmente religiosas que os homens, e exortavam as esposas a serem o meio de conversão para os maridos mundanos.

Semelhantes às outras tendências que determinamos, esta continua até hoje. As igrejas americanas atraem mais mulheres que homens, dando origem ao estereótipo de que

religião é para mulheres e crianças. Este padrão está tão disseminado que há quem fale em "feminização" da igreja. "Os homens ainda *administram* a maioria das igrejas", conclui certo estudo, mas "nos bancos de igreja as mulheres excedem numericamente os homens em todos os países da civilização ocidental".

É interessante que isso não ocorra em outras religiões: na ortodoxia oriental, a sociedade é mais ou menos equilibrada, sendo que no judaísmo e no islamismo os homens predominam. O padrão não pode ser explicado dizendo que os homens são naturalmente menos religiosos que as mulheres. O fato é que o cristianismo ocidental é incomum neste aspecto. Por quê?

A resposta está na divisão entre o público e o particular, o fato e o valor, que lançou o cristianismo para o pavimento de cima. Não se tratava de mera mudança de conceito sobre religião; acarretava também mudanças no mundo material, ou seja, nas estruturas institucionais da sociedade. Assim que nos inteirarmos deste processo, ficará mais fácil entender o estado do evangelicalismo atual e as questões como o papel da igreja na sociedade e o papel do homem e da mulher no lar.

Casas Trabalhando

Falando historicamente, o ponto decisivo fundamental foi a Revolução Industrial, que causou a separação entre o reino particular da família e da fé e o reino público dos negócios e da indústria. Para entender estas mudanças com mais clareza, comecemos fazendo um quadro da vida *antes* da Revolução Industrial.

No período colonial, as famílias viviam de maneira muito semelhante ao modo como viveram por milênios nas sociedades tradicionais. A maioria das pessoas morava em fazendas ou em aldeias rústicas. O trabalho produtivo era feito em casa ou em seus anexos. O trabalho não era feito por indivíduos sós, mas por famílias ou casas. Uma casa era uma unidade econômica relativamente autônoma, abrangendo parentes, aprendizes, criados e trabalhadores assalariados. Lojas, escritórios e oficinas ficavam na parte da frente da casa, enquanto a família morava em cima ou nos fundos. Isso significava que o limite entre casa e mundo era bastante permeável: O "mundo" entrava continuamente na forma de fregueses, colegas de profissão, clientes e aprendizes.

Esta integração entre vida e trabalho sobrevive em bolsões da sociedade moderna. Quando tinha doze anos, minha família morou por um ano em uma pequena aldeia próximo a Heidelberg, Alemanha. Para fazer compras, pegávamos uma cesta grande e, na mesma rua, íamos ao padeiro, ao açougueiro, ao merceeiro e assim por diante. Cada frente de loja era a parte da frente da casa, e a família morava em cima ou na parte de trás. O marido e a esposa trabalhavam juntos o dia inteiro. A escola acabava ao meio-dia (até à escola de Ensino Médio) para que as crianças fossem para casa ajudar a abastecer estantes e operar a caixa registradora. Cada negócio era um genuíno empreendimento familiar.

Certo fim de tarde, quando fui a uma lojinha de presentes, uma mulher saiu do compartimento dos fundos com um bebê no colo. Ela me atendeu segurando o bebê com um braço, depois acenou adeus e voltou a fazer o jantar. Até os anos sessenta, nas aldeias alemãs, ainda se podia experimentar a forma pré-industrial do empreendimento familiar.

O que significou a integração colonial de trabalho e vida para as relações familiares? Significou que marido e mulher trabalhavam lado a lado todos os dias, tomando parte no mesmo empreendimento econômico Para a mulher colonial, escreve certo historiador, casamento "significava se tornar colega de trabalho do marido, [...] aprender novas habilidades em açougue, ourivesaria, impressão ou estofaria, qualquer que fosse a habilidade especial que o trabalho do marido requeresse". Medida útil do tratamento de uma

sociedade de mulheres é o estado civil das viúvas. Os registros históricos mostram que nos dias coloniais não era incomum as viúvas continuarem o empreendimento familiar depois da morte do marido. Isso significava que elas tinham aprendido as habilidades necessárias para manter o negócio andando por conta própria.

É lógico que as mulheres também eram responsáveis por uma multidão de tarefas domésticas que exigiam ampla gama de habilidades: fiar lã e algodão; tecer tecidos; coser as roupas da família; cuidar da horta e conservar alimentos; preparar as refeições sem ingredientes pré-processados; fazer sabão, botões, velas, remédios. Muitos dos bens usados na sociedade colonial eram fabricados por mulheres e, como escreve Dorothy Sayers, elas "trabalhavam com a cabeça e também com as mãos".

O fato de tudo isso ocorrer em casa significava que as mães combinavam trabalho economicamente produtivo com criação de filhos. Significava também que os pais estavam muito mais envolvidos na criação dos filhos que hoje. Não podemos entender a mudança no papel das mulheres, a menos que ao mesmo tempo consideremos a mudança no papel dos homens.

Masculinidade Comunal

No período colonial, o marido e pai era considerado o cabeça da casa. A autoridade tinha uma definição muito específica: era um ofício divinamente sancionado que conferia o dever de representar, *não* seus interesses particulares, mas os da casa toda. Esta era uma extensão da teoria política republicana clássica analisada no Capítulo 10. Esta condição considerava a instituição social (família, igreja ou estado) como unidade orgânica, em que todos tomavam parte de um bem comum. Havia um "bem" para indivíduos, mas também havia um "bem" do todo, o qual era mais que a soma de suas partes. E este bem do todo era da responsabilidade do indivíduo em posição de autoridade. Ele foi chamado para sacrificar seus interesses particulares — a ser desinteressado — e representar os interesses do todo. " Maridos e pais não deviam ser dirigidos por ambição pessoal ou egoísmo, mas tinham de assumir a responsabilidade pelo bem comum da casa inteira.

Poderíamos dizer que a definição culturalmente dominante de mascu-linidade era "masculinidade comunal", termo cunhado por Anthony Rotundo em *American Manhood.* Significava que o homem devia classificar o dever acima da ambição pessoal. Usando uma frase comum daqueles dias, ele tinha de se satisfazer por "utilidade pública" mais que por sucesso econômico.

Na vida do dia-a-dia, o pai desfrutava a mesma integração de trabalho e responsabilidades de criar filhos que a mãe. Com a produção centrada no círculo familiar, o pai era "uma presença visível, ano após ano, dia após dia", enquanto treinavam os filhos para trabalhar ao lado dele. Ser pai não era atividade separada que tinha de voltar para casa depois de um dia no trabalho; fazia parte integrante da rotina diária do homem. Os registros históricos revelam que a literatura colonial sobre cuidados paternais e maternais — como sermões e manuais de criação de filhos — não era direcionada à mãe, como a maioria é hoje. Era direcionada tipicamente ao pai. O homem era reputado como o pai primário e particularmente importante na educação religiosa e intelectual dos filhos. [3]

Cada casa era uma pequena comunidade chefiada por um *Hausvater* (literalmente,"pai da casa"). Em meados do século XIX, escreve o historiador John Gillis,"não só artesãos e fazendeiros, mas homens de negócio e profissionais administravam muito o seu trabalho em casa, auxiliado pela esposa e filhos". Em conseqüência disso, "não havia diferença entre o tempo [do Hausvater] e o da sua esposa, filhos e criados.Todos comiam e oravam juntos; eles se levantavam e iam dormir no mesmo horário". Por mais que

seja surpreendente,"os homens [...] se sentiam tão à vontade na cozinha quanto as mulheres, porque tinham a responsabilidade de abastecer e administrar a casa. Até o século XIX, os livros de receitas e os de gestão doméstica eram dirigidos principalmente para eles, e tão dedicados à decoração quanto à hospitalidade".

Em termos da presença constante do pai em casa, os Estados Unidos do século XIX estavam de fato mais próximos do mundo de Martinho Lutero do que do nosso."Quando o pai lava as fraldas e faz outra tarefa simples para o filho, e alguém o ridiculariza dizendo que é um tolo efeminado", escreveu Lutero, ele não deve se esquecer de que "Deus com todos os seus anjos e criaturas estão sorrindo".[17]

Não estamos idealizando a vida colonial, que era uma vida árdua de trabalho opressivo. Em termos de relações familiares, não há dúvida de que as famílias se beneficiavam da integração de vida e trabalho, algo extremamente raro em nossa época de fragmentação.

O Lar como Porto Seguro

Tudo isso mudou com a Revolução Industrial, pois o seu principal impacto foi levar o trabalho para fora de casa. Esta mudança a princípio simples — no local físico do trabalho — desencadeou um processo que levou a um declínio acentuado na significação social outorgada à casa, alterando de forma drástica o papel do homem e da mulher.

A industrialização aconteceu nos Estados Unidos em velocidade vertiginosa, aproximadamente entre 1780 e 1830. Nas primeiras fases, famílias inteiras iam trabalhar nas fábricas ou trabalhavam por empreitada em casa. Afinal de contas, as pessoas estavam acostumadas a trabalhar juntas como uma unidade. Mas logo ficou claro que o trabalho industrial era muito diferente da cultura de trabalho centrada na família.

Considerando que crescemos acostumados com um local de trabalho industrializado, temos de usar um pouco de imaginação histórica para entender as diferenças. O antigo padrão estava fundamentado nas relações *pessoais* entre o fazendeiro, seus filhos e trabalhadores contratados, ou entre o artesão e aprendizes. Na revolução industrial, isso deu espaço a relações *impessoais* fundamentadas em salários. Na antiga tradição relativa às habilidades manuais, um único artesão planejava, projetava e executava o projeto. Porém, no capitalismo surgiu uma classe cada vez maior de gerentes e empreiteiros, que assumiu todo o planejamento criativo e a tomada de decisão, enquanto deixou aos trabalhadores as tarefas mecânicas divididas em etapas simples e repetitivas — a linha de montagem. Na sociedade agrária tradicional, a agricultura e as habilidades manuais eram "voltadas à tarefa", estruturadas pela necessidade humana e exigências de acordo com a estação. Mas, na sociedade industrial, o trabalho de fábrica era "voltado ao tempo", estruturado pelo relógio e regularidade da máquina.

O novo local de trabalho fomentou uma filosofia econômica de individualismo atomístico, quando os trabalhadores foram tratados como unidades intercambiáveis que são conectadas no processo de produção — cada um lutando para se promover à custa dos outros. Para muitos, o mundo da indústria se afigurava a uma guerra darwinista social de um contra todos. (Há quem sugira que o conceito de Darwin da luta pela sobrevivência fosse mera extrapolação na biologia do etos competitivo do começo do industrialismo.)

Logo, um grande clamor social se levantou contra este estilo de trabalho novo e hostil, ao mesmo tempo em que amplos esforços foram mobilizados para restringir seus efeitos desumanizadores. A estratégia primária era delinear um posto avançado, em que os "antigos" valores pessoais e éticos fossem protegidos e preservados, a saber, a casa. Esse lugar representava os valores e ideais duradouros que as pessoas queriam desesperada-

mente manter a despeito da modernidade: coisas como amor, moralidade, religião, altruísmo e abnegação.

Para proteger estes valores em extinção, foram aprovadas leis que limitavam a participação de mulheres e crianças nas fábricas. Em seguida, a partir do início da década de 1820, houve uma enxurrada de livros, folhetos, manuais de aconselhamento e sermões que delineou o que os historiadores denominam doutrina de esferas separadas: a esfera pública dos negócios e finanças seria isolada da esfera particular do lar e família. Assim, a casa se tornaria um refúgio, um porto, do mundo cruel e competitivo, um lugar de conforto e renovação espiritual.

Por que os Homens Saíram de Casa

Como estas mudanças afetaram os homens e as mulheres? A mudança mais óbvia foi que os homens não tiveram escolha senão acompanhar o trabalho fora das casas e campos, e entrar em fabricas e escritórios. Por conseguinte, a presença física dos homens em casa caiu drasticamente. Ficou difícil eles continuarem agindo como o pai primário. Os pais já não passavam bastante tempo com os filhos para educá-los, impor disciplina regular ou treiná-los em habilidades manuais e profissões de adulto.

A característica mais surpreendente dos manuais de criação de filhos de meados do século XIX é o desaparecimento de referências a pais. Pela primeira vez, encontramos sermões e folhetos sobre o tópico da criação de filhos dirigidos exclusivamente a mãe, e não a pai ou a ambos. Os homens passaram a se sentir ligados aos filhos mais por suas esposas. Conta-se a história de um pai vitoriano com dezesseis filhos que não reconheceu a própria filha numa festa de Natal na igreja:

— E você garotinha, de quem você é filha? — perguntou ele. Diante do que a pobre criança respondeu:

— Eu sou sua filha, Papai.

O incidente foi provavelmente excepcional, contudo não há dúvida de que o pai de classe média estava se tornando pai secundário."

O impacto sobre as mulheres foi, no mínimo, muito mais dramático.

Depois da Revolução Industrial, a casa deixou de ser o local de produção e se tornou o local de consumo. Isso significava que as mulheres em casa foram aos poucos passando de produtoras a consumidoras. As indústrias em casa com sua gama de serviços mútuos foram substituídas por fabricas e trabalho assalariados. Em vez de desenvolver inúmeras habilidades manuais

— fiar, tecer, coser, tricotar, conservar, fermentar, assar e fazer velas —, as tarefas das mulheres foram mudando progressivamente para a administração básica da casa e o cuidado dos filhos. Em vez de desfrutar um senso de indispensabilidade econômica, as mulheres passaram a ser dependentes, vivendo do salário dos maridos. Em vez de trabalhar num empreendimento econômico comum com os maridos, as mulheres ficavam excluídas em um mundo de "retiro" particular. Em vez de trabalhar com outros adultos ao longo do dia — criados, aprendizes, clientes, fregueses e parentes —, as mulheres ficavam socialmente isoladas com crianças pequenas o dia todo."

O papel das mães na criação dos filhos ficou mais saliente do que fora no passado, quando compartilhavam a tarefa com outros adultos na casa

— avós, parentes solteiros, irmãos mais velhos, criados e, sobretudo, os pais. Quando estes saíram de casa para ir ao local de trabalho, criar filhos se tornou responsabilidade quase exclusiva da mãe.

Em poucas palavras, as mulheres experimentaram *diminuição* drástica na gama de

trabalho que faziam em casa, ao mesmo tempo em que experimentaram *aumento* tremendo de responsabilidade pela estreita extensão de tarefas que restaram. Os registros históricos atestam a mudança dramática: As mulheres "desapareceram quase que totalmente de diversas profissões; elas apareciam com menos freqüência em registros públicos como tipógrafas, ferreiras, fabricantes de armas ou proprietárias de pequenos negócios"." Como mencionei anteriormente, as viúvas coloniais assumiam o negócio quando os maridos morriam, mas isso não acontecia mais. "No começo do século XIX", escreve certo historiador, "as viúvas eram vistas como lamentáveis casos de caridade", pois elas não tinham as habilidades trabalhistas para se sustentar.

O Homem Apaixonado

Até os retratos de caráter masculino e feminino passaram por redefinição social. No antigo ideal de "masculinidade comunal",a palavra-chave era *dever,* dever aos superiores e a Deus. A definição de virtude máscula era manter as "paixões" em submissão à razão (sendo que *paixão* tinha a definição principal de egoísmo e ambição pessoal). O homem bom era aquele que exercia autodomínio e abnegação em prol do bem comum.

Mas o mundo emergente do capitalismo industrial promoveu nova definição de virtude. O mundo capitalista exigia que todo homem agisse como indivíduo em competição com outros indivíduos. Neste novo contexto, era apropriado, até necessário, agir sob o impulso do egoísmo e da ambição pessoal. Surgiram teorias econômicas — como o livro *A Riqueza das Nações,* de Adam Smith — que trataram o egoísmo como força natural universal, análoga à força da gravidade na física.

Ao mesmo tempo, a teoria política estava mudando da casa para o indivíduo como unidade básica da sociedade. A filosofia política republicana clássica, com sua visão orgânica de um bem comum dominante e unificador, deu lugar a uma visão atomística da sociedade como agregado de indivíduos rivais e egoístas. Surgiu uma nova visão do indivíduo como livre de laços sociais firmes e de ligações de gerações passadas, livre para encontrar seu lugar na sociedade por competição aberta.

Já falamos sobre essas tendências em relação ao movimento evangélico, mas elas também causaram enorme impacto na família. Os valores do período colonial acabaram sendo virados de cabeça para baixo: na ótica dos puritanos, as "paixões" eram ameaça à ordem social, exigindo controle e autodomínio para o bem público. Todavia, em fins do século XIX, as "paixões" e egoísmo masculinos passaram a ser vistos sob luz positiva — como fonte de igualdade e prosperidade econômica.

Foi nessa época que a palavra *competitivo* entrou no idioma inglês. Até então, o inglês não tinha uma palavra para descrever a pessoa que apreciava o desafio da competição. Mas em fins do século XIX, a competição se tornara obsessão entre os homens americanos. Era crença firme que a competição livre era a máquina da prosperidade e vida política." "Por extraordinária inversão", escreve Lesslie Newbigin, as pessoas encontraram "na cobiça uma lei da natureza e a máquina do progresso, pelos quais o propósito da natureza e do Deus da natureza seria implementado"." E quando os homens saíram para batalhar no mundo cruel e competitivo do comércio e da política, o caráter masculino em si foi redefinido como endurecido, competitivo, agressivo e egoísta.

DOMESTICANDO HOMENS

Para as mulheres, a doutrina de esferas separadas significava uma história totalmente diferente. Elas foram chamadas para manter a casa como cenário isolado do etos competitivo e cruel da economia e da política, *fc* mulheres tinham de cultivar as virtudes

mais amenas — de comunidade moralidade, religião, sacrifício de si mesma e afeto. Elas foram exortadas a agir como guardiãs morais do lar, tornando-o lugar onde os homens ganhassem forças, se refizessem, se disciplinassem e se purificassem — urn lugar de "retiro" do mundo competitivo e amoral lá fora. Como escreveu Francês Parkes em 1829: "O mundo corrompe; o lar deve purificar".[28]

A divisão público/particular também se mostrou em nítido contraste entre os sexos. Como escreve Kenneth Keniston, do *Massachusetts Institute ojTechnohgy* (MIT):"A família se tornou um lugar protegido e especial, o repositório de sentimentos brandos, puros e generosos (incorporados na mãe), e uma fortaleza e baluarte contra o mundo desumano, competitivo, agressivo e egoísta do comércio (incorporado pelo pai)"."

Tratava-se de reversão surpreendente. Nos tempos coloniais, maridos e pais eram admoestados a agir como líderes morais e espirituais do lar. Mas agora se dizia que os homens eram naturalmente rústicos e brutos, e que precisaram aprender a virtude com suas respectivas mulheres. E muitos homens concordaram com o etos novo. Por exemplo, durante a guerra civil, o general William Pender escreveu à sua esposa: "Sempre que minha mente divaga em pensamentos ruins e pecaminosos, tento pensar em minha boa e pura esposa, e eles imediatamente me deixam. [...] Você é mesmo o meu anjo bom". As mulheres foram chamadas para ser as guardiãs da moralidade, a fim de tornar os homens virtuosos.

Esta é a origem do padrão duplo, e superficialmente dá a impressão de capacitar as mulheres. Afinal, isso lhes conferia o *status* de promotoras da virtude. Mas a dinâmica subjacente era laboriosa. Como explica Rotundo, os Estados Unidos estavam, em essência, libertando os homens da exigência de serem virtuosos. Pela primeira vez, a liderança moral e espiritual não era mais vista como atributo masculino. Agora se tornou trabalho das mulheres. "As mulheres tomaram o lugar dos homens como guardas da virtude comunal", escreve Rotundo, mas, ao fazerem assim, "estavam livrando os homens de seguir o egoísmo". Em outras palavras, os homens estavam sendo ajudados a sair de uma situação difícil.

Com o decorrer do tempo, esta "desmoralização" do caráter masculino não seria no melhor interesse das mulheres, como veremos. Nem era no melhor interesse dos homens, porque eles estavam se satisfazendo com uma definição raquítica de masculinidade como durões, competitivos e pragmáticos, que negava suas aspirações morais e espirituais.

FEMlNIZANDO A IGREJA

Onde estava a igreja cristã em tudo isso? Ela manteve pulso firme contra a "desmoralização" do caráter masculino? E triste dizer que não. A igreja americana consentiu em grande parte com a redefinição de mascu-linidade. Depois de séculos ensinando que maridos e pais eram divinamente chamados ao ofício da autoridade no lar, a igreja passou a fazer seu apelo mais a mulheres. Os ministros diziam que elas tinham um dom especial para a religião e a moralidade. Se olharmos com atenção as ilustrações de reuniões ao ar livre, veremos mulheres preenchendo as primeiras fileiras dos bancos, desmaiando e caindo em êxtase (ver Figura 12.1). Em muitas igrejas evangélicas, as mulheres excediam em número os homens, na proporção de duas para um. Quando em 1832, a romancista britânica, Francis Trollope, visitou os Estados Unidos, comentou que nunca tinha visto um país "onde a religião causava uma impressão tão forte nas mulheres ou uma impressão mais leve nos homens".

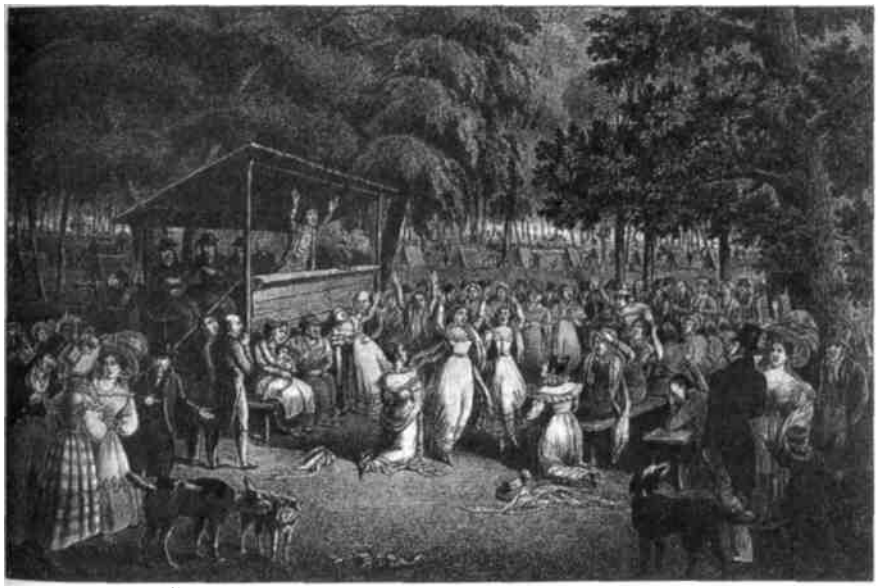


Figura 12.1. A "FEMINIZAÇÃO" DO CRISTIANISMO: Os dois despertamentos tenderam a atrair mais mulheres que homens. *(Biblioteca do Congresso, Divisão de Estampas e Fotografias [LC-USZC4-4554].)*

Até o tom de religião se tornou feminizado. Em um clássico sobre o assunto, *The Feminization of American Culture* (A Feminização da Cultura Americana), Ann Douglas escreve que o ministério perdeu "uma firmeza uma severidade, um rigor intelectual que desde então nossa sociedade foi acostumada a identificar com 'masculinidade'", e em seu lugar assumiu características "femininas" de cuidado, alimentação, sentimentalismo e se afastou do etos cruel e competitivo do cenário público. A tendência era em especial comum nas igrejas liberais. "A religião no antigo senso viril desapareceu, e foi substituída por uma sensibilidade unitarista fraca", lamentou Henry James, pai do famoso romancista de mesmo nome.[34] Um ministro congregacional reclamou que "a espada do espírito" foi "abafada e enfeitada com flores e fitas".

A dinâmica subjacente é que a igreja estava adotando uma estratégia defensiva em face da cultura em geral. Muitos ministros deixaram de fazer declarações cognitivas em prol da religião para que pudesse ser defendida na esfera pública. Eles transferiram a fé para a esfera particular da experiência e sentimentos, ação que a colocou diretamente no domínio das mulheres. Em 1820, o ministro unitarista Joseph Buckminster escreveu:

Em minha opinião, se o cristianismo for obrigado a fugir das mansões dos poderosos, das academias dos filósofos, dos corredores dos legisladores ou da multidão de homens ocupados, nós o encontraremos no último e mais puro retiro com mulheres em frente de lareiras; seu último altar seria o coração feminino.

A palavra operativa aqui é "fugir". Havia a presunção de que a religião estava fugindo do reino público de homens teimosos e se retirando para o reino particular das mulheres generosas.

Em suma, em vez de enfrentar a secularidade crescente entre os homens, a igreja em grande parte aquiesceu, voltando-se para as mulheres. Pelo visto, os ministros ficaram aliviados em encontrar pelo menos uma esfera, a casa, onde a religião ainda dominava. Levando em conta que o ensino tradicional da igreja sustentara que os pais eram responsáveis pela educação dos filhos, no início do século XIX, diz certo historiador, "os ministros da Nova Inglaterra reiteraram fervorosamente o consenso de que as mães eram mais importantes que os pais na formação das 'inclinações, sentimentos e hábitos dos filhos', e mais eficazes em ensiná-los". Por conseguinte, "as mães assumiram cada vez mais a tarefa antigamente paterna de fazer as orações em família".

Uma vez mais, descobrimos uma dinâmica perturbadora: as igrejas estavam libertando os homens da responsabilidade de ser líderes religiosos. Eles estavam colocando a religião e a moralidade no domínio da mulher __ algo macio e confortante, e não tônico e exigente. Charles Eliot Norton, de Harvard, expressou a idéia da maioria daquela época quando reclamou da flacidez intelectual — ele a chamou "efeminação"— da religião.

Moralidade e Misericórdia

Uma transformação similar estava ocorrendo no cenário da reforma social. Se as mulheres eram as guardiãs morais do lar, parecia lógico que também fossem as guardiãs da sociedade. Afinal de contas, concluíram muitas mulheres, era impossível selar hermeticamente a vida particular para impedir a entrada da vida pública.Vícios públicos como embriaguez e prostituição têm conseqüências no âmbito particular. Como disse a líder da União Feminina da Temperança Cristã, as mulheres têm de procurar "tornar o mundo inteiro um lar".

Foram, então, as mulheres que em grande parte abasteceram os muitos movimentos reformistas da era progressiva do século XIX. Trabalhando em primeiro lugar pelas igrejas, as mulheres se puseram a reformar a esfera pública distribuindo benevolência cristã. Elas se uniram ou estabeleceram sociedades para alimentar e vestir os pobres. Apoiaram o movimento da Escola Dominical e as sociedades missionárias. Filiaram-se ou fundaram organizações para a abolição da escravatura, o banimento da prostituição e do aborto, a supressão da embriaguez e da jogatina pública. Mantiveram orfanatos e sociedades como a Associação Cristã Feminina (YWCA) para ajudar as mulheres solteiras nas cidades. Inauguraram movimentos para a abolição da mão-de-obra infantil, estabeleceram tribunais de menores e fortaleceram as leis sobre alimentos e remédios.

Esta rede interligada de sociedades reformistas foi cognominada o império benevolente, e na ocasião certo reformista de destaque creditou sua construção às mulheres: "Quase sem exceção", disse ele,"foram os membros das organizaçõs das mulheres [...] que garantiram todas as melhorias na legislação [...] para a proteção do lar e das crianças".

A era progressiva também marcou o começo do movimento feminista secular, que analisarei mais tarde. Mas a maioria destas primeiras expedicionárias não era feminista: elas não fundamentaram a reivindicação de trabalhar fora de casa no argumento feminista de que não há diferença importante entre homens e mulheres.Justamente o oposto: elas aceitaram a doutrina de que as mulheres são mais amorosas, sensíveis e piedosas e depois argumentaram que eram *precisamente essas qualidades* que as equipavam para o trabalho benevolente fora dos limites da casa. Como disse uma mulher daquela época,"por muito tempo" os assuntos governamentais e industriais "são dominados pelas qualidades rudes, hostis, gananciosas, pertinazes e amorais dos homens", e agora eles "não devem mais ser privados da influência temperante da compaixão, espiritualidade e sensibilidade moral das mulheres".

O local de muitas destas atividades reformistas foi a igreja, as quais foram apoiadas impulsivamente pelo clero, que declarou que a influência piedosa das mulheres era crucial para a sociedade. Mais uma vez Joseph Buckminster nos dá exemplo eloqüente:

Contamos com vocês, senhoras, para elevar o padrão do caráter de nosso sexo [i.e., dos homens]; contamos com vocês para vigiar e fortalecer essas barreiras que ainda existem na sociedade, contra a usurpação do descaramento e da licenciosidade. Contamos com vocês para a continuação da pureza nos lares, o reavivamento da religião nos lares, o aumento de nossas instituições beneficentes e para o apoio do que resta da religião em nossos hábitos particulares e instituições públicas.

Mas observe a mesma dinâmica perigosa que notamos anteriormente: Quando as

"senhoras" recebem a responsabilidade de "elevar o padrão do caráter" dos homens, então estes ficam livres para ser menos responsáveis. Eles são ajudados a sair da situação difícil. "O cuidado das populações dependentes" era "antigamente o dever cívico dos pais em cidades e dos professores pobres", escreve certo historiador. Mas no século XIX, se tornou "conhecido como instituições beneficentes [...] e esfera de ação das mulheres".

Padrões Femininos, Ressentimento Masculino

O padrão duplo acabou gerando tensões nas relações entre homens e mulheres. Afinal, quem eram os objetos de todos estes movimentos reformistas? Quem eram os vilões tão pervertidos que as mulheres tinham de tomar conta? Eram... os homens. O movimento de temperança mobilizou esposas e mães contra maridos e pais beberrões a fim de tirá-los dos bares e colocá-los de volta ao seio familiar. A retórica das abolicionistas femininas se concentrou nos donos de escravos que se aproveitavam das escravas.[45] O movimento para banir a prostituição e o aborto lançou as mulheres arruinadas como vítimas e os homens como sedutores cruéis. A historiadora Mary Ryan resume a dimensão sexual dos movimentos reformistas: "Quase todas as associações femininas de reforma eram condenações implícitas dos homens; havia pouca dúvida sobre o sexo dos donos de escravos, taberneiros, bêbedos e sedutores".

A mensagem enviada pela doutrina das esferas separadas era "que as mulheres têm de controlar os homens moralmente", explica o historiador Carl Degler. As mulheres foram exortadas a "trabalhar juntas para controlar a tendência masculina à lascívia". Pois se a mãe era "o árbitro moral no lar", esse papel "concedeu às mulheres o direito — não, a obrigação — de regular o comportamento sexual dos homens".

A ideologia das esferas separadas era nada menos que "um plano para o governo feminino das paixões masculinas", concorda Rotundo. E observa que causou um efeito paradoxal: "Deu aos homens a liberdade de serem agressivos, gananciosos, ambiciosos, hostis e egoístas, e deixou às mulheres o dever de refrear este comportamento".

Estes temas aparecem na literatura da época. No início do século XIX, uni terço de todos os romances publicados nos Estados Unidos foi escrito por mulheres (inspirando a famosa declaração de Nathaniel Hawthorne de que os Estados Unidos foram tomados por uma "turba de mulheres escrevinhando"). Um dos temas mais comuns nestes romances é o triunfo das mulheres contra os homens maus. "A principal história repetida", escreve um professor de inglês, "é a luta da mulher bondosa contra a tirania e crueldade encobertas e descaradas dos homens." A mensagem era que os homens são inerentemente ordinários e imorais, e que a virtude é característica feminina, imposta nos homens apenas por grande labu-ta. O mesmo conceito de virtude, que antes fora característica primariamente masculina, definida como coragem e dever cívico desinteressado, foi transformado em característica feminina, focalizada na pureza sexual.[3]

Homens Másculos

No final das contas, a tentativa de fazer das mulheres reformadoras morais dos homens foi frustrante. Por quê? Porque definiram a virtude como qualidade *feminina,* em vez de qualidade *humana,* e depois exigiram que os homens fossem virtuosos. Os homens viram esta atitude como nnposição de um padrão feminino — padrão que é estranho à natureza masculina. Ser virtuoso assumiu conotações efeminadas em vez de varonis. William Ellery Channing, ministro unitarista, foi elogiado por um amigo que disse que ele era "quase feminino" e admirou seu "temperamento feminino".

Em fins do século XIX e começo do XX, houve uma reação. Os homens se rebelaram

contra os esforços femininos de reformá-los. Uma nova palavra entrou no vocabulário inglês: *supercivilizado.* Os homens se preocupavam com os meninos, pois estavam sendo criados muito exclusivamente sob a tutela de mães e professoras. Em conseqüência disso, estavam ficando meigos e efeminados.

Em reação a esse contexto, voltou a ter realce a natureza masculina selvagem e indomita. Foi quando lendas da fronteira perdida se tornaram populares — a vida de Davy Crocket e de Daniel Boone. Theodore Roosevelt foi para o oeste exaltar a "vida estrênua" dos homens que viviam ao ar livre. Ernest Thomas Seton se vestiu de forma bastante elegante de índio e fundou o escotismo americano. O manual dos escoteiros de 1914 expressa graficamente a nova filosofia:

O deserto acabou, o soldado americano que lutou pela independência foi embora, o índio pintado seguiu a trilha e cruzou a fronteira, as privações e dificuldades da vida pioneira, que muito contribuíram para produzir a genuína masculinidade, hoje são lendas. Temos de depender do movimento do escotismo para produzir os HOMENS do futuro.

As obras literárias soaram o tom de rebelião masculina contra os padrões femininos de virtude. Pela virada do século, diz certa narrativa histórica, surgiu "novos gêneros de ficção de aventuras e de *cowboys,* escritos por autores como Owen Wister [autor do primeiro *western]* e Jack London" — livros que "enalteciam o homem que escapara dos confins da domesticação". Os livros de "meninos travessos" se tornaram gênero popular. O mais conhecido é o *Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn,* de Mark Twain. Este último, termina com Huck partindo para terras desconhecidas, "porque a tia Sally vai me adotar e me civilizar, e eu não quero isso". Note que "civilizar" é algo feito por criadas velhas chamadas de tias. Os livros de Twain expressam a ambivalência pungente de "reverência e ressentimento do lar e dos padrões femininos".

Alguns escritores ligaram a masculinidade com ser primitivo e bárbaro, elogiando os "instintos animais" e a "energia animal". Os livros deTarzan, que apresentam um homem selvagem criado por macacos, ficaram imensamente comuns. Em parte, esta nova definição da virtude masculina espelhava a influência da teoria da evolução de Darwin. Pois se os seres humanos evoluíram do mundo animal, a implicação era que a natureza animal é o cerne do nosso ser. Tratava-se de conceito espantosamente novo. Desde a antigüidade, a virtude era o exercício da restrição das paixões "mais baixas" exercida pelas faculdades "mais altas" do espírito racional e da vontade moral. Mas agora, em reversão atordoante, enalteceram as paixões animais como o verdadeiro "eu"."É uma nova sensação ver o homem como animal — o animal mestre do mundo", escreveu John Burroughs (filho do autor de *Tarzarí).* O surgimento do darwinismo social exaltou "o triunfo do homem sobre o homem na luta primitiva".[3]

Até as igrejas sentiram o problema e remodelaram a religião em tom mais masculino. Por muito tempo, a religião fora o domínio das mulheres com um toque de devoção sentimental. Em 1858, um artigo na revista *Atlantic Monthly* repreendeu os pais, dizendo que se um filho fosse "pálido, franzino, sedentário, inanimado e triste", então era dirigido ao ministério, ao passo que, por outro lado, o filho "corado, valente e forte" era dirigido às profissões seculares. A resposta? "Cristianismo muscular", conceito que combinava masculinidade física forte com ideais de serviço cristão.

O mais famoso defensor do cristianismo muscular foi o evangelista Billy Sunday. Em suas proclamações, dizia que Jesus "não [era] de proposição covarde e bajuladora",mas"o maior briguento que já existiu". Sunday oferecia aos seguidores uma "religião tonificante e briosa", e não uma "devoção delicada, efeminada e fraca". Publicaram livros com títulos de *A Masculinidade de Cristo, O Cristo Varonil* e *O Poder Masculino de Cristo.* Nasceu o

Movimento Promotor dos Homens e da Religião que operava na igreja e durou até os anos cinqüenta, ressaltando a imagem de Jesus como homem de negócios ou vendedor bem-sucedido. Os organizadores compravam espaço de jornais na seção de esportes, ao lado de anúncios de carros e uísque, e proclamavam que as mulheres "tinham se encarregado do trabalho da igreja por bastante tempo". Eles promoveram uma religião máscula que enfatizava a força e a responsabilidade social.

Pais Brincalhões

Esta ênfase bem-vinda na força masculina foi estragada pelo tema contínuo de que a masculinidade genuína só era atingida resistindo aos "padrões femininos". Em 1926, um livro influente chamado *The Mauve Decade* (A Década Lilás) começa com um ataque feroz ao que o autor chamou de "a Titanesse" — a mulher americana como árbitro da preferência e moralidade pública. O autor se preocupava com a masculinidade dos meninos que eram criados em casas e escolas dominadas por mulheres.[62]

Nos anos quarenta, Philip Wylie escreveu o *best-seller* chamado *A Generation o/Vipers* (Uma Geração de Víboras), no qual acusou as mulheres de "mãeísmo", ou seja, sufocar, controlar e manipular os filhos.[M] Em minha adolescência, ainda me lembro de ver artigos nas revistas femininas sobre os perigos do "mãeísmo". A revista *Playboy* foi lançada nos anos cinqüenta, avisando que as mulheres são parasitas econômicas e o casamento, uma armadilha que "esmaga o espírito aventureiro e amante da liberdade dos homens". Uma das primeiras edições apresentava uma página dupla retratando uma noiva e noivo sorridentes, mas na página seguinte, o nariz e o queixo da noiva se encompridou, o véu ganhou nervuras semelhantes às das asas de morcego, e o pobre homem descobre que se casou com uma harpia. O tema era que a vida e os valores da família são impostos por mulheres, mas são opressivos para os homens.

Pela primeira vez, tornou-se socialmente aceitável o pai não ter envolvimento com a família. Nas áreas urbanas, ao longo dos anos vinte e trinta, o pai se tornou o pai secundário que tomava conta dos "extras": passatempos, esportes, idas ao jardim zoológico. Como descreve certo historiador, os pais foram reduzidos a artistas — pais que brincam de cavalinho com os filhos.

Surgiu, então, a imagem hoje familiar do pai estabanado e incompetente em casa, que é tratado com condescendência pela esposa paciente e filhos inteligentes. Esta imagem se popularizou na personagem da história em quadrinhos Dagwood Bumstead, em Al Bundy da série de televisão "Casado com as Crianças", e no Papai Urso importunador dos Ursos Berenstain, série popular de livros ilustrados. Quando a Mamãe Urso decide que a família tem de parar de comer porcaria, é o Papai Urso que surrupia seus lanches favoritos. Quando a Mamãe Urso decide que a família tem de parar de ver televisão, é o Papai Urso que à noite desce as escadas bem devagarzinho para assistir TV. Os livros apresentam o estereótipo em que a mãe impõe regras e o pai imaturo e infantil as quebra. Até as crianças repreendem o Papai Urso por suas infrações. É claro que tudo é apresentado como humor. Que engraçado! Ah, ah, ah, ah! Vamos ensinar as crianças a se sentirem superiores aos seus pais incompetentes.

Quando eu estava no seminário, um professor iniciou a aula contando que foi deixado sozinho — *sozinho!* — com seus dois filhos pequenos numa manhã de sábado, enquanto a esposa foi fazer compras. Incapaz de conter o comportamento inquieto dos filhos, impôs a ordem colocando os meninos sentados no sofá, um em cada canto, enquanto ficava sentado de maneira rígida entre eles, proibindo que se movessem ou falassem até que a esposa voltasse e o salvasse. Todos os estudantes (masculinos) na classe riram. E fiquei

imaginando: *Quando se tornou socialmente aceitável a um homem cristão admitir que ele é incompetente como pai?*

A medida que a paternidade perdia *status,* não é surpresa que os homens mostrassem investimento decrescente em ser pai. De 1960 a 1980, houve uma queda drástica de 43% na quantidade de tempo que os homens passam no ambiente familiar, onde haja crianças. Para muitas mulheres hoje em dia, em nível pessoal, o problema não é tanto o domínio masculino quanto a deserção masculina.

A Fúria Feminista

Como já comentamos, o movimento feminista começou aproximadamente no mesmo tempo em que as mulheres estavam assumindo posições do império benevolente. Por isso, voltemos um pouco para ver onde isso se ajusta ao padrão cultural. Desde o princípio, o feminismo foi marcado por considerável raiva e inveja, não tanto do homem em si quanto das oportunidades disponíveis aos homens na esfera pública. Em 1912, uma feminista escreveu:

Desde que comecei a pensar por mim mesma não tive dúvida de qual esfera mais me atrai. Os deveres e prazeres da mulher comum entediam e irritam. Os deveres e prazeres do homem comum são interessantes e fascinantes.

Quando as feministas perceberam isso, o problema começou quando o trabalho foi tirado das casas. A solução, então, era óbvia: as mulheres deveriam acompanhar o trabalho no cenário público. Foi o que os homens fizeram; por que não as mulheres? Até a ciência apoiava a idéia da saída de casa. Os darwinistas sociais daqueles dias explicavam que a razão de os homens serem superiores às mulheres (premissa que elas não questionaram) era que, desde o começo em condições cruéis, os homens tinham lutado pela sobrevivência no mundo onde estavam sujeitos à competição e seleção natural — processo que elimina os fracos e inferiores. Em contrapartida, as mulheres ficavam em casa alimentando as crianças, fora do alcance da seleção natural. Esta situação fez com que elas evoluíssem com mais lentidão.

Ironicamente, até os defensores das mulheres contra as teorias darwinistas sociais de inferioridade biológica as defenderam denegrindo a casa. O sociólogo Lester Frank Ward argumentou que as mulheres não eram *inerentemente* inferiores; suas faculdades estavam apenas subdesenvolvidas por causa da restrição ao lar. Considerando que nada de significativo ocorre em casa, quem passa tempo em casa tem somente assuntos triviais nos quais exercitar a mente. Assim, não admira que elas sejam retardadas no seu desenvolvimento.

Feministas como Charlotte Perkins Gilman (aluna da Ward) concluíram que as mulheres nunca teriam progresso evolutivo enquanto permanecessem isoladas no ambiente pré-científico do lar. Gilman exortou que todas as funções que restassem na casa deveriam ser removidas e postas aos cuidados de profissionais cientificamente orientados. De acordo com ela, só quando tiradas das mãos amadoristas da dona-de-casa, é que haveria progresso no cozinhar, limpar ou criar filhos. Talvez isso tenha soado radical na ocasião, mas em nossos dias muitas mulheres seguem basicamente as recomendações de Gilman: Muitas se servem de alimentos pré-preparados ou de restaurantes *fast-food* para alimentar a família; contratam pessoas para limpar a casa; e entregam os filhos para serem criados por funcionárias de creche.

O que as Mulheres Perderam?

Como esta perspectiva histórica nos ajuda a entender melhor os "assuntos das

mulheres" contemporâneas? Que princípios podemos extrair para elaborar uma visão mais bíblica do casamento e da família?

Em primeiro lugar, é lógico que não podemos entender as mudanças nos papéis e circunstâncias das mulheres sem relacioná-las para compararmos as mudanças nos papéis dos homens. Os dois estão entrelaçados numa interação dinâmica. A Revolução Industrial causou a contração do trabalho dos homens e das mulheres que se tornou mais especializado; o trabalho de ambos os sexos perdeu amplitude e diversidade, e ficou mais intensamente concentrado. Os homens perderam a integração tradicional na vida da casa e da família (acabaram os livros de receitas escritos para homens!). Eles perderam o contato íntimo que desfrutavam com os filhos ao longo do dia e, por conseguinte, não atuaram mais como pai e professor primário dos filhos.

De sua parte, as mulheres em casa perderam a participação que tinham na produção econômica, com extensa gama de habilidades e atividades relacionadas. A perda do papel produtivo tradicional das mulheres as colocou em nova dependência econômica. Considerando que antes da Revolução Industrial a casa era sustentada por uma interação de serviços mútuos, agora o serviço não remunerado das mulheres se destacou de forma inédita, alimentando-se do estereótipo do caráter feminino como abnegadas e generosas, ou mais negativamente, como dependentes e desamparadas. As mulheres também ficaram mais isoladas: perderam o contato fácil com o mundo dos adultos, ao mesmo tempo em que a responsabilidade na criação dos filhos aumentou, visto que já não era partilhada com o pai e outros adultos da casa.

Poderíamos perguntar: Em vista de ambos os sexos terem perdido muito da integração da característica da vida e do trabalho da casa anterior à Revolução Industrial, por que só as mulheres protestaram? Por que houve o movimento das mulheres, mas não o movimento dos homens (pelo menos, não até agora)? A resposta é que a contração da esfera das mulheres foi mais onerosa, porque elas foram confinadas à esfera particular. Isso significa que sofreram da *desvalorização geral* da esfera particular. A casa foi extirpada do "verdadeiro" trabalho da sociedade, isolada da vida intelectual, econômica e política, ao mesmo tempo em que atingiu a igreja. Proponho que assim como não é bom para a religião ser compartimentada no reino particular, da mesma maneira não é bom para as mulheres.

Remoralizando os Estados Unidos

O segundo tema que podemos extrair da história é que a meta dos movimentos reformistas do império benevolente era "remoralizar" a esfera pública com os valores da esfera particular — da religião e família. Poderíamos dizer que esta foi a fase primitiva da "guerra cultural" de hoje: a política, economia e educação estavam declarando autonomia dos antigos controles da religião e moralidade, e os cristãos evangélicos estavam resistindo.

Houve uma dimensão sexual para este conflito. Levando em conta que os homens trabalhavam na esfera pública, eles foram os primeiros a absorver o etos da modernidade. Enquanto isso, a reforma social estava sendo promovida pelos esforços das mulheres (com o apoio do clero). Assim, para sermos mais precisos, foi em grande parte a tentativa de as mulheres remoralizar a esfera pública e atrair os homens de volta aos valores tradicionais.

O terceiro tema deveria ser óbvio: Esta estratégia não funcionou e deveria ter sido abandonada. Os homens perceberam que a tentativa de remoralização era empenho em impor os valores "femininos", o que eles acabariam descobrindo. A conseqüente rebelião masculina contra a religião e a família ocasionou a desvalorização de ambas, tendência que continua até hoje.

Apesar das conseqüências adversas, é incrível que alguns comentaristas sociais

persistam em afirmar que as mulheres são responsáveis por "do-mesticar" os homens. Num artigo intitulado "Mulheres que Domesticam Homens", o colunista William Raspberry diz que o crime e as drogas entre homens afro-americanos são culpa das mulheres afro-americanas! "Enquanto as mulheres tolerarem este comportamento dos homens, isso continuará", escreve Raspberry. Em defesa de sua teoria, ele argumenta que foram as mulheres que "criaram o casamento" e "domesticaram" os homens, e que "são as civilizadoras da sociedade".

O registro histórico dos Estados Unidos mostra que esta abordagem não deu certo. A verdade é que os homens serão atraídos de volta à vida familiar, quando se convencerem de que ser bom marido e pai é uma coisa *máscula* a fazer; que o dever e sacrifício parental são virtudes masculinas; que o amor e fidelidade marital não são padrões femininos impostos externamente sobre os homens, mas que fazem parte do caráter masculino — algo inerente e original, criado por Deus.

Sem Duplo Padrão

Finalmente, o fracasso da estratégia de esferas separadas esclarece por que o movimento feminista cresceu tanto nos anos sessenta. Significava que muitas mulheres não estavam mais dispostas a ser "guardiãs morais" dos homens ou a "regular o comportamento sexual dos homens". Em suma, elas se recusaram a manter o duplo padrão. Nem estavam propensas a permanecer isoladas numa esfera particular que fora desvalorizada e esvaziada de grande parte do seu trabalho produtivo e pessoalmente satisfatório. As feministas exortaram as mulheres a abandonar a casca vazia da casa e fazer valer seus direitos no cenário público, onde o "verdadeiro" trabalho era feito e poderiam recuperar um pouco de respeito.

É lógico que só havia um pequenino problema, na verdade muitos pequeninos problemas: as crianças. Quem cuidaria das crianças? E por isso que ficou tão importante as feministas ganhar controle de sua vida reprodutiva através da contracepção e do aborto; e quando tiveram filhos, exigir creches patrocinadas pelo Estado. Estas medidas eram cruciais para ganhar acesso relativamente igual aos homens no reino público.

Claro que estas "soluções" são, do ponto de vista moral, censuráveis para a maioria dos cristãos evangélicos. Poucos propõem alternativas realistas às tendências históricas e econômicas que lhes deram origem. Segundo escreve Dorothy Sayers, nos círculos conservadores as mulheres são "exortadas a ser femininas e voltar para casa, da qual toda ocupação inteligente é continuamente afastada".

Reconstituindo o Lar

Um curso melhor seria desafiar a tendência a esvaziar a casa de suas funções tradicionais. Em nível conceituai, precisamos de economistas cristãos que repensem a economia moderna do zero, e elaborem de forma criativa uma filosofia de economia inspirada na Bíblia Sagrada. Qual é a função própria da família e das instituições econômicas, e como elas podem ser correlacionadas de modo a apoiar, em vez de impedir, o chamado que cada esfera tem diante do Senhor?

Os cristãos precisam desafiar o padrão de "operário ideal" na cultura corporativa americana, que decreta que o empregado deve estar disponível para trabalhar em período integral (inclusive serão) sem permitir que a vida pessoal e familiar interfira, visto que ele deixou esta parte a cargo da esposa que fica em casa. O padrão de operário ideal não funcionou bem mesmo quando esposas e mães ainda estavam em casa, preenchendo a ausência dos esposos e pais. Entre as muitas causas da cultura da juventude rebelde dos anos

sessenta estava a "fome de ter pai". O operário ideal também ajudou a criar a sociedade móvel e sem raiz dos Estados Unidos, porque exigiu que os trabalhadores tivessem a disponibilidade de se mudar para qualquer lugar e a qualquer hora, forçando a separação de parentes e comunidades de bairro estáveis. A vida familiar ficou pobre e mais difícil de sustentar sem a tradicional rede de sistemas de apoio.

As organizações cristãs deveriam ser as primeiras a acabar com a ilusão do padrão de operário ideal por ser prejudicial às famílias. Elas deveriam estar na vanguarda, oferecendo alternativas práticas para reintegrar as responsabilidades familiares com trabalho rendoso por meio de opções como trabalho em casa, empregos de meio período com benefícios divididos proporcionalmente, horários flexíveis e trabalho pela Internet.

Heidi Brennan, da organização Mães em Casa, sediada na Virgínia, diz que a pergunta que as mães mais fazem é: Como posso ter uma renda própria e ao mesmo tempo ficar em casa com minha família? Muitas mulheres estão descobrindo que um modo eficaz de combinar trabalho e família é começar um negócio em casa. Hoje é cada vez maior o número de microempresárias. Trabalhar em casa tem o benefício de prover meios para as crianças participarem. Assim, os pais cumprem outra vez o papel de treinar os filhos nas habilidades e valores básicos de trabalho, exatamente como era na casa antes da Revolução Industrial.

E estas sugestões também não são apenas para mulheres. Uma pesquisa revelou que os homens (entre 20 e 39 anos) com crianças disseram que ter tempo com a família era a questão mais importante em seus trabalhos. Plenos 82% disseram que um horário propício às relações familiares era "muito importante", ao passo que apenas 56% quiseram mais segurança no emprego, 46% mencionaram um salário maior e 27% desejaram *status.*[77]

E quanto às mães solteiras, às famílias que vivem na pobreza e a outros que não têm escolha, senão trabalhar? Até estes se beneficiariam de medidas que lhes permitissem conciliar o trabalho com a criação de filhos, em vez de pô-los em creche. Alguns grupos descobriram que estratégias desenvolvidas inicialmente entre os mais pobres dos pobres, em lugares como Bangladesh, funcionam bem nas cidades interioranas dos Estados Unidos. Por exemplo, o Projeto de Auto-Emprego das Mulheres em Chicago trabalha com mulheres pobres — a maioria mães solteiras —, usando um sistema de crédito rotativo desenvolvido em países do Terceiro Mundo para apoiar a criação de microempresas em casa. Muitos programas de especialização de trabalho oferecidos a mulheres de baixa renda as encaminham à faxina de hotéis, digitação e outras posições que oferecem relativamente pouca criatividade ou responsabilidade. Em contrapartida, o auto-emprego dá à mulher a oportunidade de desenvolver a iniciativa e de tomar conta da vida sozinha. Também oferece muito mais flexibilidade para administrar as responsabilidades familiares.

Ao mesmo tempo, os cristãos não devem cair na armadilha de presumir que emprego pago é a única coisa que dá às mulheres um senso de dignidade. Trata-se de equívoco que as feministas seculares cometem. Os cristãos precisam desafiar a ideologia prevalecente de sucesso, insistindo que os indivíduos ficam mais satisfeitos quando desfrutam um senso de vocação — quer o trabalho seja pago, quer não. Todos almejamos ter o sentimento de que estamos contribuindo para algo maior que nós mesmos, um bem maior, os propósitos de Deus no mundo.

Particular e Pessoal

Para resumir as mudanças históricas que recordamos, no século XIX a teoria da verdade em dois pavimentos acabou sendo refletida numa profunda divisão social. Considerando que em tempos coloniais a ordem social era vista como um todo orgânico, em

meados do século XIX foi dividida em um conjunto de domínios separados. De acordo com Donald Scott, a sociedade foi segmentada em "sagrado e secular, doméstico e econômico, masculino e feminino, particular e público".

Todos estes eram aspectos de uma única divisão fundamental."A fissura na sociedade dividiu os sexos", explica Newbigin."0 homem lidava com fatos públicos, as mulheres com valores pessoais." Leia esta frase de novo e repare como descreve de forma sucinta a divisão entre público e particular, fatos e valores, homens e mulheres. Podemos entender melhor o feminismo secular, constatando que foi uma tentativa que as mulheres fizeram de transpor esta divisão incômoda para se juntar aos homens na esfera pública. Um caminho melhor, entretanto, seria encontrar meios de acabar com a divisão, recuperando certa medida de integração de trabalho e adoração para homens e mulheres.

Obviamente, também poderíamos levantar questões exegéticas sobre o modo como a Bíblia lida com as relações entre maridos e esposas, a liderança das mulheres na igreja e assim por diante. Mas tais questões vão além do escopo deste livro. Minha meta é mostrar como o contexto social e intelectual molda a maneira que essas questões são concebidas. Embora já não vivamos no século XIX, a tensão entre as esferas pública e particular continua tendo profundas conseqüências pessoais, sobretudo para as mulheres. Hoje em dia, a maioria das mulheres é treinada, como os homens, para a vida e trabalho na esfera pública. Por conseguinte, talvez nem mesmo tenham muito contato com a esfera particular até que tenham filhos, quando então se torna uma transição difícil e até traumática.

Meu próprio interesse neste assunto surgiu dos conflitos que experimentei ao ficar grávida de meu primeiro filho. Como estudante de seminário, sentia-me profundamente ambivalente sobre esta gravidez. O que significava para o meu futuro o fato de eu ter um filho? Como ser mãe e continuar crescendo profissionalmente? O único modo que eu conhecia de buscar meus mais profundos interesses, de atender ao chamado que eu tinha do Senhor, estava no mundo das idéias através do estudo acadêmico. Mas ter um filho me parecia séria ameaça à possibilidade de continuar meus estudos. Minha sensação era de estar enfrentando o buraco negro da incerteza.

Para adiantar, quero dizer que eu apreciava imensamente me tornar mãe, participar de modo ativo na educação de meu filho, pois meu desejo era estar mais do que envolvida em sua vida. Além disso, na maior parte de minha profissão, trabalho meio período num escritório em casa, o que me permite combinar trabalho e responsabilidades maternais. Porém, durante meus dias de estudante, incapaz de prever tudo isso, passei por um dilema agonizante. Foi esta experiência que me fez pensar nas pressões que as mulheres enfrentam quando se tornam mães.

Deixe-me realçar a questão olhando-a de outra perspectiva: Meu marido ia ser pai pela primeira vez, mas não teve de lutar com o medo de abandonar uma importante fonte de satisfação e o exercício de suas aptidões em prol de porção significativa de sua vida. Quando os homens têm filhos, a maioria pode continuar trabalhando nos seus campos de atividades que escolheram (embora, admitamos, façam difícil negociação entre a família e o avanço profissional). Na ocasião, confesso, me pareceu extremamente injusto que as mulheres tivessem de experimentar tão intensa pressão para escolher entre as duas tarefas principais da vida adulta: seguir uma carreira ou criar a próxima geração.

Rachel Cusk, no livro *A Life's Work* (Um Trabalho de Vida), afirma que muitas mulheres descrevem que se tornar mãe foi um "choque". Suas vidas viraram de cabeça para baixo pela constância das exigências de um bebê. Ao mesmo tempo, ficam embevecidas pela intensidade do laço de amor que formam com o recém-nascido. Sentem-se como estrangeiras que entram no mundo estranho do lar e criação de filhos.

Por que tudo isso é tão surpreendente? Porque ao longo da fase adulta jovem, a maioria das mulheres americanas foi preparada de maneira cuidadosa para participar do mundo *público,* crescendo sem contato com o mundo *particular* de bebês e famílias. É bem provável que nunca tenhamos cuidado dos filhos de uma vizinha quando éramos adolescentes. Nossa identidade e senso de valor próprio foram construídos primariamente em nossa pessoa e realizações públicas, em especial no trabalho. Em contrapartida, a maternidade ainda é individual, pessoal e particular. Como diz Cusk: "Na maternidade, a mulher troca sua significação *pública* por uma gama de significados *particulares"*, para os quais ela não estava preparada. Ela comenta que os manuais de criação de filhos "começam com um tipo de roteiro apocalíptico, em que o mundo que conhecemos acabou e surgiu outro, em cujos princípios devemos ser instruídas".

Aqui, a tremenda divisão entre as esferas pública e particular se torna questão pessoal, quando as mulheres são lançadas em um novo mundo desconhecido e subestimado. Se forem feministas, como eu quando tive meu primeiro filho, elas se sentirão culpadas por assumir papéis e responsabilidades femininos "tradicionais" no lar. As mulheres enfrentam muita pressão do mundo externo, incluindo de ex-colegas que as exortam a voltar ao mundo "real" do trabalho profissional. Por causa da porcentagem alta de mulheres profissionais em Washington, D.C., a região onde moro, não há menos de três organizações de apoio que ajudam as mães que querem deixar o local de trabalho, ou pelo menos reduzir a freqüência, enquanto os filhos são pequenos. A pressão é tão inexorável para as mulheres profissionais ficar na força de trabalho e intercalar longas horas longe da família, que as mulheres desejosas de passar mais tempo com os filhos precisam de apoio de pessoas que entendam a tensão.

Projeto de Vida

Não somente este tópico, mas todos os que analisamos até aqui têm profundas implicações pessoais. Estas não são meras questões intelectuais abstratas próprias para filósofos e historiadores debaterem na atmosfera rarefeita da educação. As idéias e desenvolvimentos culturais afetam pessoas reais, moldando o modo como pensam e vivem a vida. Por isso que é crucial desenvolvermos uma cosmovisão cristã — não apenas como um conjunto de idéias coerentes, mas também como um projeto de vida. Os crentes precisam de um esquema para a vida cristã plena e coerente.Também precisamos entender o pensamento moderno para identificar como nos bloqueia de viver o evangelho do modo que Deus designou. Esse entendimento diz respeito às barricadas intelectuais, como vimos neste capítulo, e às mudanças econômicas e estruturais que dificultam vivermos o evangelho através dos princípios bíblicos. Numa sociedade industrializada moderna, é extremamente difícil o pai atuar como pai primário, segundo a exigência das Escrituras e conforme ele fazia em períodos históricos anteriores. É igualmente difícil a mãe criar bem os filhos e, ao mesmo tempo, ser fiel em desenvolver suas outras aptidões na vocação cristã. A distância entre a casa e o local de trabalho, entre a esfera pública e particular, significa que temos de nos especializar em um ou outro, pelo menos por período significativo de nossa vida.

A dimensão pessoal para vivenciar uma cosmovisão cristã recebe pouca atenção na maioria dos livros sobre o assunto. Mas este é o aspecto mais importante. Que benefício último ganharíamos ao investir tempo e esforço em desenvolver uma cosmovisão cristã, se fosse apenas outro modo de pensar? Um exercício mental? Um conjunto de argumentos persuasivos? Idéias novas têm valor limitado a menos que elas transformem o modo como vivemos — as decisões diárias que tomamos, como interagimos com as pessoas, a forma que administramos nossas organizações. A aplicação prática da cosmovisão cristã é tão

importante que é o assunto do próximo capítulo. Estaremos nos iludindo, a menos que demos o passo final e reestruturemos toda nossa vida segundo as verdades vivificantes da Palavra de Deus.

PARTE QUATRO

E AGORA?
VIVENDO INTENSAMENTE

13

A Verdadeira Espiritualidade e a Cosmovisão Cristã

O caráter moral não é avaliado pelo que o homem sabe, mas pelo que ele ama.
Agostinho[1]

Enquanto Tony me contava a história de sua vida, eu me perguntava como alguém que sofreu tanto ainda conseguiu crer em Deus. Onde ele encontrara um testemunho que fosse autêntico e suficientemente convincente para pôr fim ao sofrimento que suportara?

Os pais de Tony se diziam cristãos, mas se contentavam em fazer pouco mais que cumprir o ritual de freqüentar a igreja de forma rigorosa. O tom da vida em família não poderia ter sido mais bem calculado para tornar ateus todos os filhos. E quase se tornaram.

O pai de Tony era trabalhador compulsivo, tão empenhado em prosperar profissionalmente que quase não estava em casa. E quando *estava,* poucas vezes deixava de trabalhar. Ele organizou os filhos num círculo constante de afazeres domésticos e projetos caseiros. Menino calado e pensativo, Tony nunca conseguia agradar ao seu pai irascível, que reagia batendo nele. "Eu era desajeitado e não tinha coordenação. Quando não conseguia satisfazer suas expectativas, minha recompensa era uma bordoada."

As próprias palavras de Tony contam a história com uma repetição inflexível, que evidencia os maus-tratos que ele suportou:

Eu era castigado muitas vezes. Era castigado por não entender o que meu pai queria que eu fizesse. Era castigado quando fazia perguntas de esclarecimento. Era castigado quando não trabalhava suficientemente rápido. Era castigado quando minha falta de jeito me fazia bater nas coisas ou derrubá-las. Era castigado quando dizia a verdade e quando dizia uma mentira para evitar mais castigo. Eu era castigado! Eu era castigado!

A história de Tony, com seu refrão trágico, ecoava em minha mente muito tempo depois de termos conversado. Com o passar dos anos, ele vivia com pavor do seu pai. Não eram só as surras. Com os maus-tratos físicos, havia uma torrente constante de linguagem ofensiva. Com o rosto contorcido de raiva, seu pai se elevava sobre o menino trêmulo e dizia aos berros o quanto ele era um idiota estúpido e incompetente, enquanto o esmurrava muitas vezes.

Quando tinha quatorze anos, Tony resolveu cometer suicídio. "Meus pais me diziam que eu era ruim, e que um bom menino cristão lhes obedeceria. Mas eu não conseguia satisfazer suas expectativas, por isso desisti. Minha vida era uma desgraça. Eu não via esperança alguma."

A única coisa que o deteve foi o pensamento de que Deus podia ser real e mandá-lo para o inferno por se matar. "A única saída que eu via para minha desgraça era o suicídio, mas tinha um pavor medonho da possibilidade do inferno. Esse medo foi o que me impediu de concretizar meu intento."

Tony começou a pesquisar a questão da existência de Deus, não com a esperança de salvação, mas para metodicamente pôr as coisas em ordem antes de tirar a vida. "Eu tinha de descobrir: Deus existe? Não que eu visse prova de sua existência, mas o suicídio não dá segunda chance. Antes de me matar, tinha de ter certeza de que Deus não existia."

Certo domingo, um homem magro e mal trajado, com forte sotaque estrangeiro, surgiu na porta da igreja onde Tony, com a insistência dos pais, ainda freqüentava. Tony o recepcionou no santuário, sem nem imaginar que este estranho alto tinha a chave para as

respostas que ele estava buscando. O homem tinha boas razões para parecer tão abatido e pálido, pois tinha sobrevivido quatorze anos naquele inferno na terra, conhecido por campo de prisioneiros na Romênia comunista. Por qual delito? Pelo crime de ser pastor luterano. No pescoço e na cabeça do ministro, Tony via cicatrizes profundas da tortura que ele suportara nas mãos dos captores comunistas.

O nome do homem era Richard Wurmbrand, que recentemente fora libertado da Romênia comunista. As histórias que ele contou sobre a perseguição comunista chocaram os americanos, que naquela época pouco sabiam sobre as condições por trás da Cortina de Ferro. (Este episódio ocorreu bem antes de Alexander Solzhenitsyn contrabandear o volumoso livro *Arquipélago Gulag,* que documenta o extenso sistema de campos de prisioneiros da União Soviética.) Mais tarde, Wurmbrand daria depoimento interessantíssimo a um subcomitê do senado norte-americano. A mídia teve acesso a esse documento e o divulgou ao redor do mundo.

Enquanto Tony ouvia as narrativas de Wurmbrand, acerca dos anos mie passou atrás das grades, um lânguido brilho de esperança tremeluziu em seu interior. Ali estava um homem que fora surrado da mesma maneira que ele (na verdade, bem mais) e que entendia o que significava suportar dor tão ferrenha que acaba com o desejo de viver. Ele voltara da beira do abismo com uma fé profunda em um Deus bom, em um Deus que nos ama. "Humanamente falando, ele deveria estar cheio de ódio dos seus captores, que o trataram com tanta injustiça", disse-me Tony. "Isso eu entendia. Mas ele reagiu em amor."

Eis algo totalmente diferente da experiência de Tony: "Não era mais apenas um ritual dominical matutino. Este era um poder vivificador". Logo ele se deu conta de que este era o único poder que poderia salvar sua vida arruinada. "Eu já conhecia a reação natural da pessoa diante de sofrimento injusto. Mas isto era totalmente diferente. Foi algo que ofereceu uma alternativa ao que eu tinha experimentado." Depois daquele domingo memorável, Tony começou a ler a Bíblia e, com o passar do tempo, descobriu uma fé forte o suficiente para o arrancar da beira do abismo. "Depois desta experiência de ver a realidade de Cristo na vida de uma pessoa, comecei a crescer lentamente na fé."

A Liberdade de Wurmbrand

A razão de estar tão fascinada com a história de Tony é que eu também tinha visto Richard Wurmbrand poucas semanas após sua liberação da Romênia. Wurmbrand foi libertado em 1965, quando a Missão Luterana Norueguesa pagou um resgate de dez mil dólares ao governo romeno para comprar sua liberdade. Logo depois, viajou para a Noruega. Na ocasião, minha família morava em Oslo. No primeiro domingo que estava ali, visto que não sabia falar norueguês,Wurmbrand resolveu ir à Igreja Luterana Americana onde freqüentávamos.

Com as bochechas afundadas e os olhos encovados, vestidos com roupas de segunda mão, Wurmbrand e sua esposa (que também tinha sido presa) se destacavam de modo nítido dos diplomatas ocidentais abastados que compunham a maioria da congregação de fala inglesa. Não obstante, o casal irradiava um forte magnetismo pessoal que chamava bastante a atenção. Quando viram pessoas cultuando de forma livre e sem medo de serem perseguidas, eles desataram a chorar incontrolavelmente.

Foi o que fizeram. O pastor da igreja entregou o culto ao reverendo Wurmbrand para contar sua história invulgar de perseguição indizível. A imagem mais nítida que permanece em minha mente são as lágrimas correndo pelo rosto quando ele visitou a Escola Dominical e viu crianças aprendendo abertamente a Palavra de Deus. Abertamente! Na Romênia, isso era contra a lei. Muitos crentes estavam na prisão naquele exato momento por terem sido

pegos ensinando, em segredo, o cristianismo a jovens.

Embora eu tivesse apenas treze anos, nunca esqueci as histórias terríveis que Wurmbrand contou: prisioneiros marcados com ferro em brasa, ou pendurados de cabeça para baixo num poste enquanto batiam nos pés até virar uma massa sangrenta, ou fechados em armários estreitos com pontas de metal nas paredes. Para prisioneiros religiosos, havia torturas especiais. Wurmbrand contou de pastores forçados a dar a Ceia do Senhor em forma de urina e fezes. Ele próprio suportou a pior provação de todas: três anos na solitária, numa cela a nove metros debaixo da terra.

Lançando minha mente de volta a estas recordações, eu entendia por que o testemunho de Wurmbrand tinha surtido efeito tão forte no coração de Tony. A mensagem do pastor romeno transmitia autenticidade e convicção, porque ele tinha sofrido e passado pelo sofrimento com um novo espírito. O seu caráter era um testemunho do princípio bíblico de que o sofrimento é um crisol que testa a qualidade da fé do crente.

"Com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorifica-dos", escreveu Paulo em Romanos 8.17. Os cristãos ocidentais gostam de pular para a segunda metade do versículo, em busca da garantia de que tomaremos parte na sua glória. Mas o crescimento espiritual não funciona assim. A santificação genuína começa com sofrimento e morte com Cris-to."Já estou crucificado com Cristo", escreveu Paulo,"e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Note a seqüência de novo: só quando enfrentamos provas tão severas que somos espiritualmente crucificados para este mundo é que Cristo pode nos dar de fato a sua vida ressurreta.

No fim das contas, esta experiência é a meta do desenvolvimento de uma cosmovisão cristã, que não é apenas o estudo e debate de idéias, mas a morte e ressurreição em união com Cristo. Sem esta realidade espiritual interior, tudo o que dissermos sobre cosmovisão se torna pouco mais que um exercício mental — um modo de resolver quebra-cabeças intelectuais, ou, pior, uma maneira de impressionar as pessoas, "mostrando" que somos inteligentes e muito instruídos. Praticamente qualquer pessoa pode aprender a papaguear frases de efeito, pronunciar certas palavras de verificação, repetir citações fortes para criar a imagem de ser culto e intelectual. Até estudos de cosmovisão podem se tornar um terreno fértil para o orgulho, em vez de ser um processo de submeter nossa mente ao senhorio de Cristo.

Na realidade, eu iria mais longe e diria que o primeiro passo para conformar nosso intelecto à verdade de Deus é morrer para a vaidade, o orgulho e o desejo por respeito dos colegas e das pessoas.Temos de abandonar as motivações mundanas que nos impulsionam, orando para sermos motivados somente pelo desejo genuíno de submeter nossa mente à Palavra de Deus e, depois, usar esse conhecimento a serviço dos outros.

Podemos fazer o ótimo trabalho de provar intelectualmente que o cristianismo é a verdade absoluta, mas as pessoas não acharão nossa mensagem persuasiva, a menos que possamos dar demonstrações visíveis dessa verdade em ação. As pessoas devem enxergar, pelo padrão do dia-a-dia de nossa vida, que não tratamos o cristianismo como um retiro particular, uma manta de conforto, um castelo de crenças de conto de fadas que nos faz sentir bem.

É quase impossível que as pessoas aceitem novas idéias puramente na teoria, sem ver uma ilustração concreta do que elas são quando vivem na prática. Os sociólogos denominam esta situação "estrutura de plausibilidade" — o contexto prático em que as idéias são postas em ação. O chamado da Igreja é ser a "estrutura de plausibilidade" para o evangelho. Quando as pessoas vêem uma dimensão sobrenatural de amor, poder e bondade no modo como os cristãos vivem e tratam uns aos outros, então nossa mensagem de verdade bíblica

torna-se plausível.

E se as pessoas virem os cristãos praticando o erro e concordando com o mundo? Quem vai acreditar em nossa mensagem? A apresentação verbal da mensagem de cosmovisão cristã perde seu poder se não foi validada pela qualidade de nossa vida.

A Crise de Schaeffer

Na pesquisa para este livro, reli vários clássicos cristãos que tinham moldado meu pensamento nos primeiros anos depois de minha conversão. Entre eles, o livro *Verdadeira Espiritualidade,* de Francis Schaeffer, que ele considerava fundamental para o restante dos seus escritos. Por quê? Porque explica como aplicar os princípios bíblicos à experiência diária. Ele sabia que sem integridade ao nível pessoal, uma cosmovisão cristã facilmente se deteriora em um conjunto inanimado de idéias ou um sistema cognitivo simples. E ainda que seja verdade que o cristianismo ofereça o melhor sistema cognitivo para explicar o mundo, nunca é apenas um sistema. *Conhecer* a verdade só tem significado como primeiro passo para *viver* a verdade no dia a dia.

E como implementar nossas crenças na realidade da experiência diária? Morrendo para nós mesmos, a fim de vivermos para Deus. De minhas leituras iniciais de *Verdadeira Espiritualidade,* não me lembrava de que iniciava com o tema do sofrimento. Gigantes espirituais, como Richard Wurmbrand, não são os únicos que crescem espiritualmente pelo sofrimento. Todos acabamos descobrindo que o crescimento espiritual mais profundo ocorre por meio de aflições. Por sermos criaturas caídas, que moram em um mundo caído, a ciranda de nosso caráter é um processo doloroso.

O próprio Schaeffer sofreu uma crise de fé depois de ser pastor, trabalhador em missão, por mais de dez anos. Nessa época, ficou frustrado pela falta de realidade espiritual na vida de tantos cristãos que conhecia — inclusive a dele —, e começou a perguntar: Como conhecer experiencialmente a vida cristã descrita no Novo Testamento? Como nos apoderarmos do amor, do poder, da vida abundante que Deus promete?

"Eu andava pelas montanhas quando o tempo estava bom", recordou Schaeffer mais tarde, "e em dias de chuva eu andava de um lado para o outro no celeiro que tínhamos no antigo chalé em que morávamos." Andando e orando, ele rememorou o passado até à juventude, quando fora agnóstico, reconsiderando perguntas básicas como se a Bíblia é a verdade ou não. Depois de obter nova certeza de que é a verdade, ele pediu a Deus que lhe mostrasse como a mensagem redentora bíblica poderia se tornar demonstrável e real em sua vida.

Com o passar do tempo, descobriu que a chave para a transformação interior é a aplicação da obra de Cristo na cruz para *esta* vida, e não só para a vida por vir. Teologicamente falando, ele tinha descoberto que a morte e ressurreição de Cristo são a base para a justificação e a santificação, que é o crescimento em santidade, projetado para ocorrer nos crentes aqui e agora.

Ídolos do Coração

Um tema influente ao longo do Novo Testamento é que a morte e ressurreição de Cristo não são eventos meramente objetivos que aconteceram na história — embora sejam em primeiro lugar *históricos.* Nunca elevemos deixar de crer que as verdades objetivas da morte e ressurreição de Cristo são a base para nossa justificação. Todavia, o próximo passo é tomar Cristo como modelo permanente para nossa vida. Como disseram cristãos medievais, somos chamados a praticar "a imitação de Cristo". iSfão no sentido moralista de moldar nosso comportamento por certos preceitos éticos, mas no sentido místico de que

nosso sofrimento se torna participante dos sofrimentos de Cristo. É por isso que Paulo escreveu:"O nosso velho homem foi com ele crucificado" (Rm 6.6); e:"0 mundo está crucificado para mim e eu, para o mundo" (Gl 6.14).

Só depois de tomarmos parte na morte de Cristo é que há a promessa de tomarmos parte no poder da sua ressurreição. Mais uma vez, a seqüência é crucial. "De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte"— Paulo escreve —"para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6.4). É impossível recebermos a nova vida até abandonarmos verdadeiramente a velha. Claro que fazemos isso na nossa conversão, em um procedimento único, em que Deus, como Juiz, nos declara perdoados de nossos pecados e nos adota em sua família. Mas ser declarado justo no sentido judicial é só o início. Depois, somos chamados para começar um processo em que morremos espiritualmente, dia a dia, para os padrões pecaminosos inerentes, de forma a sermos libertos do pecado e crescermos espiritualmente numa nova pessoa.

Momento após momento, temos de aprender a dizer não ao pecado e às motivações mundanas. Em um mundo de relativismo moral, onde tudo é reduzido à escolha pessoal, dizer "não" já é um ensinamento muito difícil. Se não parece difícil, então sem perceber estamos nos conformando com o mundo. Se não estamos dizendo "não" de modo a nos colocarmos de joelhos para buscar o poder capacitante de Deus, então não estamos nos levantando contra o sistema pecador do mundo como devemos.

O princípio de morrer para os sistemas mundanos não se aplica somente aos pecados óbvios. Em uma cultura que mede tudo em termos de tamanho, sucesso e influência, também temos de dizer "não" a estes valores mundanos. Em uma cultura de fartura material, temos de dizer "não" ao desejo de uma casa melhor, um carro mais confortável e bonito, um bairro de prestígio mais elevado, um ministério mais impressionante. Em uma cultura que julga as pessoas pela reputação e realizações, temos de resistir à fascinação de viver por reconhecimento e avanço profissional. Estas coisas não são erradas em si mesmas, mas quando enchem nosso coração e definem nossa motivação, então se tornam barreiras em nossa relação com Deus. Isso significa que elas se tornam pecado para nós. Como diz Paulo, *tudo* o que não é de fé é pecado, porque bloqueia nossa devoção sincera a Deus e impede nosso crescimento em santidade.

Deus denomina essas barreiras "ídolos no [...] coração" (ver Ez 14.1-11). Podem até ser necessidades genuínas que são inteiramente corretas e justas em si mesmas. É aqui que o princípio fica de fato difícil. Quando nossas necessidades naturais se tornam causa de raiva e amargura, ou a razão para oprimir ou atacar os outros, então temos de dizer não a elas. Por exemplo, é perfeitamente adequado querer intimidade e respeito no casamento. Mas as pessoas são pecadoras, e às vezes até cônjuges cristãos se sentem solitários e não amados. Então acontece uma de duas coisas: ou ficamos com raiva e rejeitamos a outra pessoa, ou aprendemos a morrer para as nossas necessidades pessoais válidas e a confiar que Deus está trabalhando para o nosso bem em uma situação imperfeita. E próprio e adequado querer um trabalho que satisfaça nossos talentos dados por Deus, onde desfrutemos o respeito de colegas e supervisores. Mas em um mundo caído, talvez tenhamos de aceitar trabalho que é menos satisfatório; ou que nem tenhamos sucesso; ou talvez trabalhemos para chefes que nos humilham e exploram. E depois? Ou sacudimos o punho contra Deus, ou colocamos nossos talentos no altar e morreremos para eles, confiando em Deus para honrar nosso sacrifício a Ele.

Pôr nossas necessidades válidas no altar não significa fechar a boca e os olhos em uma situação pecadora. Se alguém está verdadeiramente no erro, então a reação amorosa é

não ceder, mas confrontar a pessoa. Não se trata de ato de amor permitir que alguém peque contra você com impunidade. O pecado é um câncer na alma da pessoa, e o amor genuíno deve ser forte e corajoso para trazer esse pecado à luz, onde ele será diagnosticado e tratado.

E muito fácil fazer a coisa certa no espírito errado. Somente quando oferecemos a Deus nossa raiva, medo e impulso por controle é que desenvolvemos o tipo de espírito que Deus usa para confrontar os outros. "Pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas", escreveu Pedro, com o propósito supremo de "levar-nos a Deus" (1 Pe 2.21; 3.18). Assim, quando sofremos, mesmo injustamente, o propósito supremo é nos preparar para levar as pessoas a Deus. Momento após momento, ao sofrermos os efeitos do pecado e miséria em um mundo caído, precisamos lhe pedir que use essas tribulações para nos unir a cristo em seu sacrifício e morte, a fim de sermos usados para levar os outros ao arrependimento e vida nova.

A Teologia da Cruz

Pedro está nos dizendo que a cruz de Cristo é um modelo para a estrutura entranhável de nosso progresso espiritual. Jesus faz esta ligação nos Evangelhos: "É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado dos anciãos e dos escribas, e seja morto, e ressuscite ao terceiro dia". E imediatamente acrescenta: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lc 9.22,23).

Note a seqüência: rejeitados e mortos vêm primeiro, antes de sermos ressuscitados.' No caso de Jesus, a rejeição veio dos líderes religiosos corruptos dos seus dias, cujo coração, escondido sob o manto da religiosidade e o linguajar piedoso, estava impulsionado pela ambição e ciúme mundano. Eles representavam o mundo em sua rebelião contra Deus e rejeição do seu Filho. Em nossa vida, a rejeição pode vir do mundo ou de crentes com motivações mundanas no coração — pais negligentes ou abusivos, como os do Tony; um cônjuge desamoroso ou infiel; um filho que se rebela contra a criação cristã; uma igreja que não oferece acolhida; um chefe desrespeitoso e aviltante; um amigo íntimo que trai. Por vivermos no mundo que ainda está sob o domínio do pecado, cada um de nós será rejeitado e ferido de algum modo.

Como disse Martinho Lutero, os cristãos abraçam uma teologia da cruz, e não uma teologia da glória. O mistério de nossa salvação não foi efetuado pela descida de Jesus à terra como herói conquistador, mas como servo — escarnecido, surrado, pendurado na cruz. O verdadeiro conhecimento de Cristo vem quando abandonamos nossos sonhos de glória, orando para sermos identificados com Ele na cruz. Enquanto ensinava meu filho Dieter as matérias da escola, costumávamos gravar este hino comovente cantando em dueto:

Jesus, tomo minha cruz,
Para deixar tudo e te seguir;
Destituído, menosprezado, abandonado,
De agora em diante tu serás o meu tudo.

Tente aplicar esta perspectiva a Washington, D.C., região onde moro, ou em outro lugar onde seja implacável a pressão de prosperar, causar boa impressão, conseguir os contatos certos, promover sua causa. Destituído? Menosprezado? Será que deixaremos que Deus nos leve por períodos de derrota e desespero, quando experimentarmos comunhão com Ele na sua crucificação?

A maravilha da bondade de Deus é que Ele pode usar estas "cruzes" para nossa santificação, da mesma forma que Ele usou a morte de Jesus para promover o seu plano

redentor. "Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem", disse José aos seus irmãos (Gn 50.20). Os cristãos às vezes pensam que é questão de devoção negar o mal que lhes é feito; para encobri-lo, dizem que não é tão ruim assim, ou usam um sorriso em público. Mas José não se esquivou de dizer que as ações dos seus irmãos eram *más,* e nem nós devemos nos esquivar. Neste mundo, também seremos rejeitados por pessoas imbuídas de motivos pecaminosos, e, pelo bem da verdade, devemos dizer as coisas exatamente da maneira que são. Mas podemos tornar isto em bem, conscientizando-nos de que o sofrimento nos dá a oportunidade de entrar espiritualmente na jornada que Jesus traçou para nós: rejeição, morte (espiritual) e, finalmente, ressurreição.

Rejeitado, Morto, Ressuscitado

Em um mundo caído, onde a natureza ficou fora de harmonia, a maior fonte de sofrimento para certas pessoas é o sofrimento físico. A força que despedaça e ameaça o curso normal da vida pode ser a doença. Nestes últimos anos, uma querida amiga teve câncer, a ponto de pairar entre a vida e a morte durante vários meses. Sabendo que ela é uma pessoa espiritualmente sensível, perguntei o que tinha aprendido com esta experiência horrível. "Aprendi que tenho de estar disposta a morrer", respondeu ela, com os olhos marejados de lágrimas."Eu procurava me agarrar deses-peradamente à vida, à minha família, e tive de abrir mão de tudo para deixar Deus tomar tudo de mim."

E a este ponto que Deus tem de levar cada um de nós. Quer o sofrimento seja físico, quer seja psicológico, o método que Deus usa para vermos em que estamos realmente fundamentando nossa vida é a perda. Quando perdemos a saúde, ou a família, ou o trabalho, ou a reputação, e a vida desmorona e nos sentimos perdidos e vazios, é quando percebemos o quanto nosso senso de propósito e identidade estava de fato ligado a essas coisas. É por isso que temos de estar dispostos a permitir que Ele tire essas coisas de nós.Temos de estar "dispostos a morrer".

Este princípio soa negativo demais, e há vertentes do cristianismo que ensinam um asceticismo inflexível e de poucas palavras, como se a santidade consistisse em dizer "não" à diversão e ao prazer. Mas a morte espiritual genuína não tem uma brisa de asceticismo. Não tem nada a ver com fuga monástica do mundo. É escolher obedecer aos mandamentos de Deus em todos os aspectos da vida, mesmo quando for doloroso ou custoso. É clamar por Ele quando o coração é crucificado pela traição ou sofrimento. É abrir mão das coisas que mais amamos ou desejamos, se ao nos agarrarmos a elas ficamos com raiva de Deus ou atacamos os outros. É acreditar na bondade de Deus, às vezes por puro ato voluntário, diante do mal que domina. E é a oração sussurrada que Deus dá para nos unirmos a Cristo quando nos submetemos ao modelo que Ele nos deu — rejeitado, morto, ressuscitado.

Nossa tendência é limitar a morte espiritual a dizer "não" às coisas que queremos ou almejamos — os prazeres culpados e as ambições egoístas. Porém, na realidade significa morrer interiormente a tudo que exerce controle sobre nós. E talvez a coisa que nos controla não é o que queremos, mas o que tememos. O medo pode dominar nossa vida de modo tão forte quanto o desejo. Pode ser ódio. Ou orgulho. Ou até desejos fúteis — a pessoa desapontada com a vida continua desejando que as coisas fossem diferentes, e acha quase impossível abrir mão dessas esperanças frustradas e sonhos arruinados. Seja o que for que nos controle, é isso que temos de colocar no altar para ser morto. Só então seremos livres das compulsões internas e descobriremos a liberdade em que nada mais que "o amor de Cristo nos constrange [controla]" (2 Co 5.14).

Máquinas Produtoras de Vida

O oferecimento dos ídolos de nosso coração é só um passo no processo. O próximo passo é orar por libertação espiritual, pois sempre que cedemos a padrões antigos e incrustados de pecado, damos a Satanás uma base em nosso ser interior e nos tornamos espiritualmente escravizado a ele. Como escreve Paulo, nosso corpo pode se tornar "instrumentos de iniqüidade" (Rm 6.13). Este é um pensamento sério: significa que é possível que o cristão seja controlado por Satanás e faça sua obra. Não há terreno neutro na batalha espiritual entre as forças de Deus e as forças do Diabo. Se alguma área de nossa vida não estiver submissa inteiramente em obediência a Deus, então na prática estamos sob o controle de Satanás nessa área — dando-lhe a lealdade que só a Deus pertence.

Pelo visto, Paulo percebeu que esta é declaração difícil para os cristãos aceitarem, pois mais adiante ele expõe o princípio. "Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" (Rm 6.16) Paulo está dizendo que até quem é salvo por Cristo pode, em suas palavras e ações do dia-a-dia, produzir vida ou morte. A realidade terrível é que podemos freqüentar a igreja de forma regular, ler a Bíblia diligentemente, trabalhar em um ministério cristão e, mesmo assim, ser o que SchaefFer denomina "máquinas produtoras de morte"— "vivendo contrário à nossa vocação, entregando-nos ao Diabo e, assim, produzindo morte neste mundo pobre".

Como saber se estamos produzindo vida ou morte? Se nossa vida exibe a beleza do caráter de Deus. Quando as pessoas vêem o modo como você vive, elas são atraídas para mais perto de Deus ou são afastadas de Deus? Quando observam o modo como você trata os outros, elas acham o evangelho mais acreditável ou menos acreditável? Este é o padrão por que devemos medir nossas ações. Os cristãos são chamados para ser "máquinas produtoras de vida", demonstrando por nossas ações e caráter que Deus existe. Podemos pregar a um Deus de amor, ter oportunidades para alcançar milhares de pessoas por nossos ministérios e igreja, mas se os não-crentes não observarem o *amor visível* nesses ministérios, igrejas e organizações cristãs, então arruinamos a credibilidade de nossa mensagem.

"O meio é a mensagem", usando a famosa frase de Marshall McLuhan. E para os cristãos, o meio é o modo como nos tratamos uns aos outros. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos", disse Jesus, "se vos amardes uns aos outros" (Jo 13.35). A estratégia de Deus para alcançar um mundo perdido, pelo exemplo da igreja, é agir como demonstração visível de sua existência.

Sua Obra, seu Jeito

Quando os cristãos falam sobre a importância de desenvolver uma mensagem de cosmovisão, eles querem dizer *aprender a discutir persuasiva-mente* contra os "ismos" de nossos dias. Mas ter uma cosmovisão cristã não é só responder a perguntas intelectuais.Também significa seguir princípios bíblicos nas esferas pessoais e práticas da vida. Os cristãos podem ser infectados por cosmovisões seculares em suas *crenças* e em suas *práticas*.

Por exemplo, uma igreja ou ministério cristão pode ser bíblico em sua *mensagem,* porém, mesmo assim, não ser bíblico em seus *métodos*. Hudson

Tavlor, o grande missionário da China, disse que a obra do Senhor deve ₛer feita do jeito do Senhor, para ter a benção dEle.Temos de expressar a verdade no *que* pregamos e em *como* pregamos. Uma organização cristã está fazendo a obra do Senhor, mas se age por zelo humano e força de vontade, usando métodos seculares de promoção e publicidade, sem amor visível entre os membros da equipe e colaboradores, então é apenas outra forma de empreendimento humano, realizando pouco para o Reino de Deus.

Relembre a imagem das duas cadeiras (analisada no Capítulo 6). Para o não-crente que se senta na cadeira do naturalista, tudo que existe é um sistema fechado de causas naturais. A própria definição do que conta como conhecimento é limitada pelo naturalismo e utilitarismo. Mas para o crente que se senta na cadeira do sobrenaturalista, o mundo natural é somente parte da realidade. Uma perspectiva completa abrange os aspectos vistos e não vistos da realidade. Os cristãos são chamados a concordar intelectualmente com a existência de ambas as partes da realidade e a *agir de modo prático* com base nisso. Dia a dia, eles têm de fazer escolhas que não fariam sentido, a menos que o mundo não visto fosse de igual modo real como o mundo visto.

A Bíblia oferece uma ilustração dramática das duas cadeiras na ocasião em que Eliseu estava rodeado por tropas sírias (2 Rs 6.15-17). "Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles", disse Eliseu ao seu criado ansioso. Mas o criado não via ninguém. Então Deus abriu os olhos do criado, e ele viu que "o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo". O mesmo conceito ecoa no Novo Testamento: "Maior é o que está em vós do que o que está no mundo" (1 Jo 4.4). Somos chamados para tomar nossas decisões, sabendo que o mundo invisível tem um efeito poderoso no mundo visível, desempenhando um papel ativo na história humana.

O que isto significa na prática? Significa que às vezes agimos de modo irracional aos que se sentam na cadeira do naturalista, que só vêem o mundo físico. Significa que fazemos o que é certo mesmo a grande custo, porque estamos convencidos de que o que ganhamos no reino não visto é muito maior do que o que perdemos segundo a perspectiva mundana.

Infelizmente, muitos cristãos vivem como se o naturalista tivesse razão. Eles dão consentimento cognitivo às grandes verdades da Bíblia, mas tomam suas decisões práticas do dia-a-dia fundamentados no que vêem, ouvem, medem e calculam. Quando confessam suas convicções religiosas, se sentam na cadeira do sobrenaturalista. Mas na vida comum, se levantam e vão se sentar na cadeira do naturalista, vivendo como se o sobrenatural não fosse real em qualquer senso prático, confiando em sua energia, talento e cálculos estratégicos. Eles podem ser sinceros no desejo de fazer a obra do Senhor, mas a fazem do jeito do mundo, usando métodos mundanos e motivados por desejos mundanos de sucesso e aclamação.

A Bíblia chama isto de viver na "carne" em vez de viver no Espírito, e Paulo trata o problema no livro de Gaiatas:"Tendo começado no Espírito estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?" (Gl 3.3, ARA). Muitos crentes agem como *se ficar* crente fosse questão de fé, mas depois *ser* crente é questão do seu impulso e força de vontade. Eles se esforçam em ir se "aperfeiçoando na carne".

Trabalhando na carne, podem produzir resultados impressivos no mundo visível. Igrejas e ministérios paraeclesiásticos podem gerar muita publicidade, manter conferências fascinantes, atrair multidões enormes, ocasionar doações volumosas, produzir livros e revistas, e exercer influência política na capital do país. Mas se essa obra é feita na carne, então não importa o sucesso que tenha, pouco contribui para construir o Reino de Deus. Quando a obra do Senhor é feita em mera sabedoria humana, usando métodos humanos, então não é mais a obra do Senhor.

O único modo de a igreja estabelecer credibilidade genuína com os não-crentes é mostrar algo que eles não podem explicar ou imitar por seus métodos naturais e pragmáticos. Algo que só possam explicar evocando o sobrenatural.

Ouro, Prata, Pedras Preciosas

Se pensamos que podemos fazer a obra do Senhor do jeito do mundo, como se as

armas mundanas fossem adequadas, então estamos subestimando de forma drástica a natureza da batalha. Pois a verdadeira batalha não está no mundo visível, mas primariamente no mundo invisível. A batalha não é "contra carne e sangue", diz Paulo (Ef 6.12). Se tentarmos lutar na carne, estaremos lutando com oponente imaginário. O simples ativismo ocasiona resultados que parecem impressivos aos que se sentam na cadeira do naturalista, cujo único quadro de referência é o mundo visível. Mas não serão os resultados que o Senhor quer.

Podemos ir mais longe e dizer que se os cristãos ganharem as batalhas por métodos mundanos, então *eles perderam.* Os resultados visíveis podem ser enganosos, e até parece que houve grande avanço: ganho de reconhecimento profissional, atração de pessoas para a nossa causa, aumento de dinheiro para nosso programa, distribuição de toneladas de literatura, ganho de passagem de importante projeto de lei. Mas se foi feito por confiança humanista em métodos técnicos, sem a direção do Espírito, então realizamos algo de pouco valor no mundo não visto.

O oposto é igualmente verdadeiro: se os cristãos usam as armas que Deus ordenou — se pomos nossos talentos aos seus pés, morrendo para o orgulho e ambição, obedecendo aos princípios morais bíblicos, sendo capacitados por seu Espírito, guiados pela perspectiva da cosmovisào cristã .—, então mesmo que segundo padrões externos pareça que perdemos, *na verdade, ganhamos.* As pessoas que olham de fora podem concluir que fracassamos. Até amigos e líderes cristãos podem menear a cabeça com desaprovação e nos advertir de um erro que cometemos. Mas se entregamos nossa vida verdadeiramente aos propósitos de Deus e somos conduzidos por Ele, então ganhamos uma batalha no mundo não visto.

Um antigo clássico espiritual diz que a vida cristã começa quando entendemos, pela real experiência, que "sem mim nada podereis fazer" (Jo 15.5). E um versículo que memorizamos e citamos sem pensar. Contudo, raramente se torna real na prática até que confrontemos uma crise tirânica que nos impele para o fim de nossos recursos. Para pessoas com muitos recursos, isso pode ocorrer na meia-idade ou até mais tarde. Mas em algum ponto, ocorre-nos a conscientização de que a vida não é o que tínhamos esperado, e perguntamos: *É só isso?* Percebemos que, em um mundo caído, até as coisas boas podem não satisfazer de todo nossas mais profundas fomes, e tudo que amamos e pelo que vivemos vira areia que se esvai por nossos dedos. Se formos honestos, temos de admitir que nossas relações pessoais são impulsionadas pelo que *nós* queremos e precisamos dos outros, não por um amor genuinamente desinteressado por eles. Até nossos esforços no ministério cristão são incentivados mais por zelo e ambição pessoal que pelo Espírito de Deus. E quanto maior nosso zelo natural, maior a situação angustiosa que Deus tem de permitir para nos levar ao fim de nossas forças. Só depois de morrer para tudo pelo que já vivemos é que acreditaremos, como uma realidade prática, que "sem mim nada podereis fazer". E só então Deus pode derramar sua vida e poder em nosso trabalho.

Quando a vida terminar e comparecermos ao julgamento dos crentes, descrito em 1 Coríntios 3, alguns de nossos projetos mais prósperos e impressionantes podem ser nada mais que madeira, feno e palha — materiais devorados pelas chamas. Entretanto, as atividades que foram verdadeiramente conduzidas e capacitadas por Deus, em obediência à sua verdade, quer os resultados sejam visíveis, quer não, brilharão como ouro prata e pedras preciosas. E, como jóias, Deus fixará esses materiais em nossa coroa.

Resultados Garantidos

Examinando com atenção a história do evangelicalismo, entendemos por que houve a

forte propensão em separar a crença da prática, ou seja, fazer a obra do Senhor com o jeito do mundo. Como vimos no Capítulo 11, no século XIX, os estudiosos evangélicos adotaram o naturalismo metodológico quando lidaram com os assuntos no pavimento de baixo. Eles os trataram como religiosamente neutros, como questões apenas técnicas, nas quais a verdade bíblica não se aplicava de modo integrante. Em conseqüência disso, tiveram a tendência de aceitar uma abordagem amplamente funcional e utilitária a áreas como ciência, engenharia, política, negócio, administração e marketing.

Em fins do século XIX, os evangélicos deixaram de enviar seus filhos para as faculdades de belas-artes liberais cristãs, onde os clássicos ainda eram ensinados (eles desconfiavam dos pagãos gregos!). Eles enviavam os filhos para as universidades estatais fundadas há pouco tempo, a fim de que recebessem o treinamento técnico necessário para serem bem-suce-didos numa sociedade cada vez mais tecnológica. Estudos mostram um declínio constante nas faculdades ligadas a igrejas, enquanto os números nas instituições estatais subiam de modo vertiginoso. E os estudantes que freqüentavam essas faculdades estatais eram de forma predominante os evangélicos: metodistas, batistas, membros dos Discípulos de Cristo, presbiterianos. "Ironicamente", diz o historiador Franklin Littell, "foi a devoção mal-orientada do protestantismo reavivalista, que [...] deu o primeiro grande impulso para as faculdades e universidades estatais".

Littell é preciso quando diz que foi "mal-orientada", porque foi moldada pela divisão do conhecimento em dois pavimentos. Os estudantes cristãos evitavam campos como filosofia, literatura e os clássicos, nos quais teriam de lidar com idéias, ao mesmo tempo em que buscavam treinamento técnico e vocacional em campos que julgavam serem neutros de forma segura. Eles estavam propensos a aceitar um conceito exclusivamente tecnológico e utilitário de conhecimento nos campos técnicos (o pavimento de baixo), contanto que lhes permitissem completar os estudos com atividades religiosas no campus designadas a nutrir a vida espiritual (o pavimento de cima).

Isto explica por que hoje muitas igrejas e ministérios cristãos continuam tratando certas áreas *(e.g.,* negócio, marketing, administração) como campos essencialmente neutros.Vêem como campos técnicos em que as mais recentes técnicas podem ser implementadas em seus próprios programas, sem sujeitá-las à crítica da perspectiva da cosmovisão cristã. Abrem as reuniões de negócios com uma oração, mas depois empregam todas as estratégias modernas aprendidas nas faculdades de pós-graduação seculares. Douglas Sloan diz que isto é "a modernização interna do evangelicalismo". Quer dizer, resistimos ao modernismo em nossa *teologia,* mas aceitamos o modernismo em grande parte em nossas *práticas.* Queremos empregar as mais recentes técnicas e métodos quantitativos, pelos quais podemos calcular e predizer os resultados.

Por exemplo, certo ministério cristão contratou um jovem que recentemente fizera mestrado em marketing para chefiar o departamento de angariação de fundos. De imediato, implementou as técnicas-padrão que tinha aprendido na faculdade, inclusive o aumento acentuado no envio de cartas de angariação de fundos. Quando os outros membros do pessoal questionaram a nova estratégia, perguntando se o aumento de mala-direta era um bom uso do dinheiro recebido com sacrifício para o ministério, a resposta foi:

"Mas isto funciona." E exibindo ostensivamente gráficos e estudos, acrescentou:

"As estatísticas comprovam que se enviarmos um número *x* de cartas, receberemos uma taxa y de retorno. É negócio certo."

Mas se uma organização secular pode alcançar os mesmos resultados usando os mesmos métodos por ser "negócio certo", onde está o testemunho da existência de Deus? Como a confiança em padrões estatisticamente seguros convence um mundo vigilante que

Deus está em ação?

Fazer a obra do Senhor do jeito do Senhor significa formar uma perspectiva bíblica sobre os aspectos práticos de administrar uma organização, em vez de confiar em fórmulas mecânicas derivadas de suposições naturalistas. Podemos rejeitar o naturalismo como filosofia, mas se nosso trabalho é dirigido por métodos racionalizados que aprendemos do mundo, então somos naturalistas na prática, pouco importando em que afirmemos acreditar.

"O problema central de nossos dias não é o liberalismo ou o modernismo", escreve Schaeffer; nem mesmo as questões sociais intrigantes como a evolução, o aborto, o feminismo radical ou os direitos dos homossexuais A ameaça primária para a Igreja é a "tendência de fazer a obra do Senhor no poder da carne e não no poder do Espírito". Muitos líderes de igreja almejam um "grande nome", continua ele; Eles "se firmam nas costas dos outros" para alcançar poder, influência e reputação, em vez de exibir a humildade do Mestre que lavou os pés dos discípulos. Eles "plagiam o mundo" em sua publicidade e técnicas de marketing, manipulando as emoções das pessoas para induzi-las a dar mais dinheiro. Não admira que os não-crentes vejam pouco na igreja que não possa ser explicado por forças sociológicas comuns e princípios de administração empresarial. E não admira que eles achem nossa mensagem não convincente.

Comercializando a Mensagem

Quais são os exemplos de "plagiar o mundo"? Em suas estratégias de marketing, muitas organizações cristãs copiam as empresas comerciais, criando imagens idealizadas do seu "produto" para motivar as pessoas a "comprar". Para citar um exemplo comum, pense nas cartas de angariação de fundos que dão a impressão de terem sido escritas pela mesma pessoa, porque foram escritas por funcionários muito bem treinados nas mesmas técnicas. Cada carta cria um estado mental de dificuldade que é realçada por descrições melodramáticas, fraude que se lê nas entrelinhas e uma assinatura produzida por máquina. Colocam até um cartãozinho anunciando um prêmio, num truque para nos induzir a pegar o talão de cheques.

Onde está a autenticidade em tudo isso? O nome do líder do ministério aparece no fim da carta, mas claro que não é uma mensagem autêntica dessa pessoa. Foi produzido por um comitê de escritores, marqueteiros e profissionais em aumentar fundos, calculado de modo cuidadoso para extrair uma resposta. Em geral, a dificuldade é semi-inventada e as descrições e parcialmente ficção com vistas a causar maior impacto emocional. Um jovem que viajou uma vez na equipe de um respeitado líder cristão me disse que quando as experiências eram escritas depois como descrições de angariação de fundos, as histórias eram muito tendenciosas, estavam "praticamente irreconhecíveis a quem testemunhou o fato".

Devemos dar de ombros como trapaça benigna? Ou se trata de séria falha moral que pode espalhar a corrupção por todo o ministério? Podemos transigir com a verdade sem arruinar nossa eficácia para o Senhor?

Vários meses atrás, chegou uma carta de angariação de fundos à minha caixa postal, convidando-me a "tomar um café da manhã com fulano, um líder cristão famoso. Era óbvio que a carta tinha o propósito de instigar sentimentos cordiais associados a uma conversa íntima e pessoal à mesa da cozinha. Mas a realidade? O ministério estava oferecendo um produto que envolvia leitura diária — algo completamente diferente da imagem oferecida no lero-lero de marketing. E mais, as leituras foram preparadas por membros da equipe. A imagem de tomar café com o autor era pura invenção designada a manipular a emoção dos leitores.

Onde está nossa paixão pela verdade e autenticidade? Onde está nosso respeito pelo leitor como pessoa feita à imagem de Deus, não um amontoado de emoções a ser manipulado? Em suma, onde está a perspectiva de cosmovisão cristã sobre marketing e angariação de fundos? *Isto é tão importante quanto moldar uma perspectiva de cosmovisão sobre os "ismos"de nossos dias.*

Sua importância é negligenciada nas discussões de cosmovisão cristã. Pelo fato de os evangélicos terem aceitado o naturalismo metodológico historicamente no pavimento de baixo, em sua mente não há perspectiva distintamente cristã em campos como marketing e administração. Assim, eles têm de aceitar de modo indiscriminado todo método e técnica que o mundo secular desenvolva. Ao fazerem assim, sem perceber, eles limitam o próprio pensamento às categorias conceituais permitidas no naturalismo. Eles absorvem o que H. Richard Niebuhr denomina perspectiva "despersonalizada e desencantada" que carece de vocabulário conceituai para lidar de maneira adequada com a pessoa humana. Nesta estrutura naturalista, as pessoas se tornam meros "objetos para manipulação objetiva no mercado e no cenário político". Embora os cristãos nunca aceitem o naturalismo como filosofia, muitos assimilam uma abordagem naturalista ao marketing, adotando técnicas que tratam o público-alvo essencialmente como "consumidores" passivos a serem manipulados para comprar um "produto".

Mais Dinheiro, mais Ministério

Certa feita, discursei a um grupo de estudantes cristãos que concluíam cursos de pós-graduação em algumas das principais universidades da na-Çao americana em campos como filosofia, literatura e teoria política. Quando levantei a necessidade de desenvolver uma abordagem de cosmovisão cristã aos campos práticos, como negócios e marketing, fica-^{ra}m assustados. Tendo definido o estudo da cosmovisão em termos de *idéias,* eles nunca tinham considerado sua relação com áreas práticas. Os campos práticos não são religiosamente neutros; são moldados por suposições fundamentais sobre a realidade de modo muito semelhante às outras áreas da vida.

Ao negligenciar este fato, muitos líderes ministeriais assimilam sern critérios uma visão não-bíblica de negócio e sucesso. "Eles estão profundamente infundidos em uma cultura capitalista americana relativa ao evangelho", escreve o historiador Joel Carpenter. Presumem de modo inconsciente "que Deus mede o sucesso por números, que mais dinheiro significa mais ministério, mais sucesso para o Reino de Deus. Assim, tendem a medir o sucesso como discípulos e servos do Senhor pelo tamanho do ministério .

Reconhecemos um padrão aqui? Estamos testemunhando a história se repetindo. Nos primeiros capítulos sobre o reavivalismo, observamos as sementes serem plantas. O apelo às emoções. A atitude pragmática de usar tudo que funcione. O hábito de copiar técnicas de marketing do mundo dos negócios. O estilo de celebridade de liderança. O foco nos resultados mensuráveis."Religião é trabalho de homens", disse Charles Finney, querendo dizer que as conversões podem ser induzidas pela manipulação das condições certas. Hoje, os ministérios exibem a mesma atitude naturalista, com a única diferença que eles têm acesso a marketing muito mais sofisticado e técnicas promocionais.

"A economia sem fins lucrativos se tornou mais semelhante ao mundo com fins lucrativos", escreve Thomas Berg.A angariação religiosa de fundos se tornou "extremamente veloz e sofisticada, confiando cada vez mais em alta tecnologia [e] campanhas de mala-direta com alvos certos." Muitas grandes organizações religiosas têm departamentos de marqueteiros treinados e credenciados para criar um fluxo constante de cartas e promoções de angariação de fundos. Eles administram as pesquisas de marketing a

fim de saber como posicionar melhor o seu "produto". Organizam grupos de foco para determinar onde concentrar os esforços. Apanham artigos e perfis em revistas cristãs. Contratam escritores para escrever em nome do líder para colunas, boletins, jornais, devocionais diários e sites. A pergunta dominante não é:"É moral e espiritualmente correto?", mas: "Funciona?"

Às vezes, propagandas enganosas disfarçam trapaças sutis. As estatísticas são citadas sem um grupo de controle para tornar os números cientificamente confiáveis. Os sucessos são realçados, ao passo que os fracassos são varridos para debaixo do tapete. Ken Blue conta a história de um ministério que ele começou, que incluía só as histórias de sucesso mais notáveis em seu relatório até que se sentiu culpado por criar uma "imagem distorcida" do impacto ministerial. Quando procurou se aconselhar com outro pastor, este pareceu confuso. "Qual é o problema?", perguntou ele. "Ninguém no ministério conta a verdade sem enfeitar. Nós automaticamente levamos em conta o exagero." Mas se isso for verdadeiro, observa Blue,"então a igreja mente com regularidade para si mesma e tolera usar as pessoas para suas necessidades de relações públicas".

Este é o maior perigo de fazer a obra do Senhor na carne: pode levar ao pecado franco.Talvez sejamos tão impulsionados por metas ministeriais que fiquemos cegos ao uso de métodos pouco éticos. Sem pensar, espichamos a verdade para aumentar nossa imagem e atrair doadores. Um ex-executivo de alta posição de uma organização paraeclesiástica me disse que tinha se demitido depois de descobrir uma "cultura de mentira" interna, um padrão regular de disfarçar a verdade e economizar a ética para parecer melhor e ganhar influência.Tudo para o bem do ministério, claro. Esta é forma moderna de pensar que podemos" [falar] mentiras em nome do Senhor" (Zc 13.3).

Imagine que você tivesse de acordar amanhã de manhã, diz Schaeffer, e que por mágica, tudo o que a Bíblia ensina sobre oração e capacitação do Espírito Santo desaparecesse — foi apagado da história e nunca mencionado. Isso faria diferença na prática em que administramos nossas igrejas e organizações? O fato trágico, segundo Schaeffer, é que em muitas organizações cristãs, "não haveria diferença alguma". Agimos dia a dia sentados na cadeira do naturalista, como se o sobrenatural não fosse real."

Instruções Operacionais

O mesmo padrão contraditório emerge do modo como igrejas e organizações cristãs operam — em sua administração do local de trabalho, no tratamento com os empregados e no estilo de liderança. Muitos grupos são cristãos no que *professam,* mas não no modo como *operam*.

Por exemplo, consideremos os ministérios que exigem horas excessivamente longas no emprego. Esta prática comum produz uma série de efeitos-dominó destrutivos: destrói casamentos, corrói a vida familiar e elimina as fontes externas de renovação, como o envolvimento em uma igreja local. Privados dos recursos emocionais externos, as pessoas se tornam muito dependentes das relações no trabalho e, assim, vulneráveis ao controle e manipulação.

Depois de trabalhar oito anos no Congresso Americano, uma talentosa gerente de escritório mudou para uma posição executiva num ministério paraeclesiástico cristão. "Eu queria ficar longe das funções congressionais típicas, em que todos se concentram bastante no político de 'grande nome'" disse-me ela. "Esperava-se que os membros da equipe sacrificassem a vida pessoal, a família, sua identidade profissional." E acrescentou: "Odeio usar a linguagem do movimento de recuperação, mas muitos membros do pessoal tinham relações co-dependentes com seus membros do Congresso. Eles viviam vidas derivadas,

alimentando-se da sua fama e identidade pública."

Quando começou seu novo trabalho, porém, ficou desapontada ao descobrir exatamente a mesma dinâmica em operação no ministério paraeclesiástico. "Esperava-se que os membros do pessoal vivessem para o ministério, ou seja, trabalhassem longas horas, não tivessem vida lá fora, fizessem todas as suas relações sociais dentro da organização. Era a mesma relação co-dependente com o 'grande nome'". O padrão emocionalmen-te insalubre era quase reconhecível, e com sabedoria ela deixou o novo cargo apenas dois meses depois.

Estes padrões podem *ser fisicamente* insalubres, produzindo doenças relacionadas ao estresse em absentismo e produtividade reduzida. Um executivo, que era solucionador de poder em Washington, trabalhou para um ministério cristão, em que a atmosfera era tão negativa que desenvolveu sintomas físicos relacionados ao estresse. Quando procurou tratamento, o médico disse: "Por que será que todos em que diagnostico esta determinada doença *trabalham no mesmo ministério?"*

As experiências negativas são tão comuns em igrejas e grupos paraeclesiásticos que surgiu no mercado um gênero de livros de auto-ajuda com títulos como *The Subtle Power of Spiritual Abuse* (O Poder Sutil do Abuso Espiritual) e *Abuso Espiritual. '* Estes livros descrevem os sinais de um sistema organizacional insalubre, marcado por líderes controladores e dominadores, que levam as pessoas a agir com vistas a construir a imagem de celebridade. Os crentes que estão nesse sistema, quer no trabalho voluntário, quer em emprego remunerado, encontram-se sujeitos a muitas formas clássicas de abuso no local de trabalho.

De Bons para Grandes

Felizmente, há muitos exemplos positivos. Um estudo feito em 2003 pelo *Best Christian Workplaces Institute'* identificou vários desses exemplos positivos. O estudo descobriu quarenta organizações americanas que estão entre as maiores em termos de satisfação dos empregados. Segundo o estudo, os líderes mais eficazes são os que consideram os empregados como parte de sua missão, e não como simples meios de atingir metas maiores. £m vez de perguntarem:"O que esta pessoa pode fazer para o meu ministério?", esses líderes perguntam: "O que eu posso fazer para ajudar esta pessoa a crescer espiritual e profissionalmente?"

Nas principais organizações, o estudo descobriu que os empregados dizem que seus líderes são *humildes, acessíveis, atenciosos* e *tementes a Deus.* No Seminário Phoenix, o reitor Darryl DelHousaye é conhecido por perguntar aos seus empregados:"Como posso ajudá-los? Como posso abençoá-los? Como posso ajudá-los a ter sucesso?"" As melhores organizações consideram o crescimento dos seus empregados como um mandato espiritual.

Na Faculdade Whitworth, outra organização de destaque identificada pelo estudo, o reitor Bill Robinson diz: "Procuro liderar 'de entre'". A referência é João 1.14 ("o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...] cheio de graça e de verdade"). Robinson tem o hábito de ir ao refeitório sem ser anunciado e se sentar com os estudantes para descobrir o que eles pensam da faculdade. "Espero que se possa dizer de mim que *habitei* entre as pessoas, levando graça e falando a verdade.""

Exemplos como estes são provas concretas de que a liderança de servo não é um ideal abstrato; é inteiramente prático e viável.Ter uma cosmovisão cristã significa estar convicto de que os princípios bíblicos são verdadeiros e funcionam bem nas condições vigentes no mundo real."

Até as empresas seculares estão reconhecendo estes princípios. O livro *Good to Great* (De Bom para Grande), *best-seller* de uso comum nos círculos administrativos

cristãos, foi baseado em um estudo de líderes que começaram com um negócio *bom* e o transformaram em *um grande* negócio, propelindo-o aos mais altos escalões do sucesso. Ao contrário do estereótipo comum, diz o autor, Jim Collins, estes líderes de sucesso "não são carismáticos, nem são celebridades". Não são líderes "linha dura", que sentem necessidade de estar em cima do trabalho para que os empregados trabalhem. Pelo contrário, são humildes, modestos, até retraídos, que partilham a decisão que tomam com os empregados. Conforme conclui Collins, uma das tendências mais prejudiciais na história recente é escolher líderes de celebridade deslumbrante. É uma estratégia que cria negócios medíocres e, no fim, entram em declínio.

Está claro que os princípios bíblicos não são meras devoções de Escola Dominical. Por serem verdades para o mundo real, funcionam bem em tornar as pessoas e empresas mais produtivas.

Amando bastante para Confrontar

Outro abuso comum do local de trabalho envolve assumir o crédito pelo trabalho ou idéia de outra pessoa. No filme de 1988, *Uma Secretária de Futuro,* estrelando Harrison Ford, Melanie Grifiith e SigourneyWeaver uma brilhante secretária chamada Tess propõe uma idéia criativa para um negócio com um cliente. Mas depois de ganhar a confiança dela, a chefe lhe rouba a idéia e planeja fazer passá-la por sua. Claro que não era só um projeto que estava em jogo, mas toda a carreira de Tess, a qual poderia decolar se os clientes tivessem a chance de reconhecer sua capacidade.

É difícil de acreditar, mas às vezes os cristãos exploram os empregados do mesmo modo, negando-lhes o reconhecimento das aptidões dadas por Deus. Ocorre no trabalho, quando alguém comenta uma idéia com o colega, que então a apresenta ao chefe. Acontece quando o líder ou supervisor recebe o crédito pelo sucesso de um empreendimento, sem mencionar o trabalho criativo dos integrantes da equipe. Ou quando o chefe diz que é o autor de um trabalho escrito por um dos seus empregados. Em todo caso, o ofensor está essencialmente cooptando os dons espirituais e a chamada de outra pessoa dizendo que são seus.

Em uma aula de jornalismo que dei, uma estudante estava sofrendo quanto ao que fazer. Logo após ter feito mestrado, conseguira o trabalho de fazer análise política para uma organização cristã de nível estadual. No seu primeiro grande projeto, tinha trabalhado durante meses,analisando os dados e preparando um relatório excelente. Quando terminou, ficou chocada quando o chefe anunciou que ia pôr o nome dele no produto final. "A mensagem será mais bem aceita com meu nome" disse ele. "Receberemos mais atenção, venderemos mais livros, causaremos maior impacto."

Pouco importa que seja mentira e ele esteja enganando o público ao afirmar que é o autor. Pouco importa que a escritora, que fez todo o trabalho, seja reduzida a alguém que escreve em nome de outra pessoa. O pior é que a desonestidade foi racionalizada em linguagem religiosa como o melhor meio de "promover o ministério". No fim, o chefe graciosamente concordou em incluir o nome da escritora na capa, mas o público continuou sendo enganado ao pensar que as idéias foram dele, ao passo que ela nada mais era que uma escritora-assistente.

É escandaloso que ministérios e editoras cristãos fechem os olhos a fraudes como estas, sobretudo quando envolve nomes que favorecem a venda. Não faz muito tempo, o editor de uma grande editora cristã americana me disse que tinha conseguido que um grande nome escrevesse o prefácio de um livro. E acrescentou casualmente:"Mas é claro que não foi ejе que escreveu".

Há pouco tempo conheci uma palestrante e escritora que por certo tempo tinha trabalhado para um líder ministerial proeminente. Fiquei pasma quando ela revelou que eram os integrantes do pessoal que escreviam tudo que era publicado no nome desse líder: livros, artigos, programas de rádio. "A atitude entre os integrantes do pessoal é: não vamos aborrecê-lo com estas tarefas.Vamos tomar conta disso para ele." Enquanto isso, o público é ludibriado pensando que está comprando os pensamentos e *insights* deste líder venerado.

É lógico que toda prática que engane o público tinha de ser área proibida, pouco importando quanto dinheiro traga ao ministério. "Melhor é o pouco com justiça do que a abundância de colheita com injustiça" (Pv 16.8). Não há nada de errado e vergonhoso contratar alguém para fazer coisas que você não sabe ou pode fazer, diz o destacado jornalista David Aikman. Contratar um escritor profissional para ajudá-lo é como contratar um contador para fazer sua declaração de imposto de renda. Mas é moralmente errado fingir para o público que você escreveu algo que não escreveu." Quando uma organização cristã viola princípios éticos para obter resultados, não se pode esperar que Deus use tais resultados. Não podemos "estruturar o pecado em nosso método de fazer negócio" (usando uma frase que meu marido cunhou), e esperar que Deus abençoe.

Sem Pessoas Comuns

O princípio em operação é que cada membro do Corpo de Cristo recebeu um dom exclusivo. E o Corpo funciona melhor quando cada membro é reconhecido, honrado e permitido que cresça. Toda organização cristã deve ter o objetivo de desenvolver as aptidões e dons de cada empregado, e não abafá-los ou promover líderes à custa dos outros. Como disse Schaeffer: "Com Deus não há pessoas comuns", que significa que não podemos tratar as pessoas como simples meio de atingir alvos."

Certo comentarista político de alto-perfil foi abordado por um editor cristão para escrever um romance.

— Mas sou colunista — protestou ele. — Não sou novelista.

— Não se preocupe — respondeu o editor. — Arranjaremos alguém para escrever por você.

Para seu crédito, o colunista recusou a oferta. Mas o incidente revela como muitos editores estão dispostos a usar escritores como simples meio de pôr um grande nome na capa de um livro. Pelo visto, eles se esqueceram de que os líderes cristãos são chamados a alimentar e edificar as "pessoas comuns", e não a usá-las para ganho pessoal.

Se você quer saber como é de fato um líder cristão, não pergunte aos seus colegas de ministério, ou membros da diretoria, ou fãs incontestes Pergunte como ele trata a sua equipe de apoio. Esta é uma lição q_{Ue} Jerram Barrs passa para os seminaristas do Instituto Francis Schaeffer do Seminário Covenant. "Quando eu visitar sua igreja, não perguntarei às pessoas sobre o grande pregador ou líder que você é", diz Barrs. "Mas conversarei com as secretárias, o pessoal do escritório, os porteiros, os zeladores e os faxineiros, e lhes perguntarei como é trabalhar com você. Isso me dirá muito mais sobre o tipo de ministério que ocorre na igreja, e se você é o tipo de líder que Cristo deseja para a igreja."

Para usar linguagem bíblica, Deus encarrega os pastores (quer no púlpito quer em outras formas de liderança) para alimentar as ovelhas, e não para tosquiá-las. Ele brada contra os líderes do antigo Israel: "Corneis a gordura, e vos vestis da lã, e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas" (Ez 34.3). Pastores ruins são os que exploram os dons e talentos das pessoas para atender às necessidades próprias e promover seus programas de trabalho, em vez de busca o que é bom para as ovelhas.

Paulo tinha o cuidado de não levar crédito pelo trabalho dos outros: "Não nos

gloriando [...] nos trabalhos alheios" (2 Co 10.15). No Corpo de Cristo, o olho não é o ouvido (1 Co 12.14ss.),e nem *deve fingir* que é, dizendo que o trabalho do ouvido é seu.

Aprendamos uma lição do campo político. Hoje, é padrão as pessoas darem reconhecimento público aos escritores de discurso. Todos sabem que o principal escritor dos discursos do presidente George W. Bush é Michael Gerson, porque há muitos artigos sobre ele publicados em revistas e jornais. Não há tentativa de esconder o fato. Há alguns anos, fui ouvir uma conferência feita pelo senador Rick Santorum na Heritage Foundation. "Antes de começar" — disse ele — "quero agradecer a duas pessoas da minha equipe: Mark Rodgers e Sydney Leach. Foram eles que fizeram a pesquisa para esta conferência e a escreveram." Em seguida, fez a preleção.' Há muitas maneiras de falar a verdade a fim de edificar quem nos rodeia.

Há o outro lado da moeda. E bastante adequado os membros do Corpo de Cristo reivindicarem seus direitos. Salmos 95.5 é uma passagem fundamental na defesa bíblica da propriedade particular: "Seu é o mar, pois ele o fez, e as suas mãos formaram a terra seca". A dedução é que a terra pertence ao Senhor, porque Ele a fez. O mesmo princípio se aplica aos seres humanos, feitos à imagem de Deus: o que criamos nos pertence. Assumir responsabilidade por nosso trabalho — aceitando o crédito e a culpa, os benefícios e as perdas — é elemento crucial na dignidade humana. O trabalho é um dos modos mais importantes no qual expressamos o nosso "eu" e o nosso caráter. É um "fruto" importante, pelo qual as pessoas conhecem o que realmente somos. É por isso que é tremendamente desumano separar a pessoa do "fruto" do seu trabalho. Diversas vezes, na Bíblia, um sinal da bênção de Deus é: "Comerás do fruto do teu trabalho", ao passo que um sinal do castigo divino é: "Outros comerão o que tu plantaste" (por exemplo, Dt 28.30; Mq 6.15; Mq 4.4; SI 128.2). No Novo Testamento, Paulo aconselha: "Mas prove cada um a sua própria obra e terá glória só em si mesmo e não noutro" (Gl 6.4).

O princípio bíblico dominante é que temos a responsabilidade de praticar a mordomia dos dons que Deus nos deu. Quando o rei Davi desejou construir um altar no campo de um lavrador, o lavrador ofereceu dar o campo, com os bois e a madeira para a oferta. Mas Davi recusou, e apresentou esta razão interessante:"Não tomarei o que é teu, para o SENHOR, para que não ofereça holocausto sem custo" (1 Cr 21.24). A aplicação para os nossos dias é que não podemos "tomar para o Senhor" trabalho feito por outra pessoa. Nem podemos fazer uma oferta "sem custo". Quem faz o trabalho paga o custo em termos de organizar o projeto, a pesquisa, a análise criativa e assim por diante, sem mencionar os anos sacrificais de estudo e preparação investidos no trabalho. Cada um de nós tem a responsabilidade de desenvolver nossas aptidões, e não podemos desculpar práticas exploradoras dizendo: "Mas é para o Senhor".

As conseqüências de práticas exploradoras e enganosas reverberam em círculos cada vez mais amplos. Há muitas "pessoas comuns" a quem Deus agraciou com uma mensagem ou ministério importante, que poderiam beneficiar um segmento mais amplo da igreja, caso o trabalho dessas pessoas fosse devidamente e mais bem conhecido. Todavia, quem pode competir com o chefe de uma organização que dispõe de recursos para contratar meia dúzia de escritores, editores e profissionais de relações públicas para publicar material com o nome de celebridade? Eles fixam um padrão lendário que atrai formas de apoio financeiro e apoio de outro tipo proveniente de doadores e empresas, subsídios estes que poderiam ter sido destinados a causas mais dignas. A igreja como um todo perde o benefício desses dons. O propósito em atribuir o crédito apropriado é identificar os dons no Corpo de Cristo, em prol de um ministério mais eficaz.

Os Verdadeiros Líderes Servem

Kurt Senske tinha apenas trinta e seis anos quando assumiu a liderança de um grupo empresarial que estava perdendo dinheiro. Em parcos três anos, ele formou uma equipe que colocou a empresa em direção reversa. A chave do sucesso? "Seguimos estratégias íntegras de liderança cristã, entre elas incorporar os princípios de liderança de baixo para cima, a fim de gerar uma cultura salutar que valorizasse os empregados."

O que é um líder-servo? É alguém que, nas palavras de Senske, se recusa a usar pessoas como meio para um fim; é quem sempre pergunta:"Estou edificando as pessoas, ou me edificando e meramente usando quem está perto de mim?" O líder-servo cria uma atmosfera de "transparência", em que toda a informação pertinente é compartilhada de maneira aberta, de forma que todos têm a oportunidade de tomar decisões responsáveis. Por fim, o líder-servo abandona métodos de comando e controle, e cria uma cultura que permite que todos se desenvolvam em líderes e exerçam os talentos dados por Deus.

Estes princípios bíblicos não eram meras frases bonitas para Senske. Ele dedicou meses de suor, oração e noites sem dormir para torná-los real. E seus esforços renderam em termos de sucesso empresarial.

Todo cristão precisa ser igualmente persuadido de que os princípios bíblicos não são verdades apenas no sentido abstrato, mas na realidade de nosso trabalho, negócios e vida pessoal. Se ficamos sabendo que um ministério ou empreendimento está violando os princípios bíblicos, precisamos deixar de ser coniventes e chamar as pessoas à responsabilidade, mesmo que signifique que tenhamos de pagar um preço. O empregado que toma posição firme pode não ter sucesso em mudar as coisas. Na verdade, corre o risco de perder o emprego. A função da igreja é ter certeza de que ele não corra esse risco sozinho. Como escreve Lesslie Newbigin, os cristãos devem estar prontos a apoiar quem fala a verdade aos poderosos e paga um preço por esta atitude. Eles devem dar ajuda financeira a essas pessoas, cuja coragem moral lhes custa o sustento.

Nunca nos esqueçamos de que concordar com práticas não-bíblicas e errado e desamoroso. Consentir em uma situação injusta não se origina do amor, mas do medo de possíveis repercussões negativas. Se aspiramos a um amor piedoso e santo para os outros, temos de estar dispostos a correr o risco e confrontar em amor.

Há muito em jogo para sermos complacentes. Se você e eu não tivermos a coragem de confrontar as práticas mundanas e pecaminosas que ocorrem em nosso meio, o que nos faz pensar que teremos a coragem de nos posicionar contra líderes seculares poderosos? Se não podemos correr com homens à pé, estamos nos enganando ao imaginar que conseguiremos correr com cavalos (ver Jr 12.5). Só se nos sentarmos na cadeira do sobrenaturalista é que teremos a coragem de fazer o que é certo mesmo a grande custo.

Acertando Fazendo "Errado"

Foi este tipo de coragem que Schaeffer demonstrou quando deixou tudo para fundar L'Abri (em francês, o *abrigo).* Ao agir assim, desenvolveu um modelo alternativo de ministério que até hoje permanece instrutivo. Não nos detenhamos apenas ao que ele escreveu; vamos examinar o modelo prático que construiu com sua vida e trabalho.

Em comparação com as estratégias empregadas por muitos ministérios atualmente, poderíamos dizer que *Schaeffer fez tudo errado.* Ele evitou o circuito de celebridade, e não via problema em ministrar no outro lado do oceano, em uma aldeia obscura da qual ninguém jamais tinha ouvido falar. Enquanto muitos líderes cristãos são obcecados em receber publicidade, visibilidade e reputação para levantar dinheiro, Schaeffer começou um ministério pequeno completamente invisível ao público, escondido nos Alpes suíços.

Quando escreveu sobre "morrer" para nossas ambições naturais, não estava papagueando uma doutrina teológica; seus discernimentos brotaram de experiência pessoal ganha a duras penas.

Nem usou técnicas de marketing de massa para projetar seu nome e formar um fã-clube. Ele não tinha um departamento de levantamento de fundos para produzir em grande quantidade e em tempo reduzido um dilúvio infinito de cartas de angariaçào de fundos, folhetos de propaganda e ofertas de prêmios. Ele começou com uma lista modesta de apoiadores de oração, enquanto sua esposa, Edith, datilografava as cartas pessoais que enviava.

O mais incrível é que ele estava disposto a começar simplesmente falando com os amigos dos seus filhos. Quando seus filhos cresceram, desceram a montanha para freqüentar a universidade em Lausanne. Quando seus amigos levantavam questões espirituais, diziam: "Vocês devem falar com meu pai". Considerando que a casa era quase inacessível — um chalé empoleirado ao lado da montanha —, quando os estudantes chegavam, tinham de passar a noite. Depois, esses estudantes falariam aos *seus* amigos sobre o pequeno homem sério com cavanhaque e uma mensagem de tremendo impacto, escondido nos Alpes. E *esses amigos* falariam para os *seus* amigos, e pouco depois os Schaeífers tinham estudantes dormindo em todos os cantos: sofás, chão e corredores.

Foi assim que L'Abri se transformou em um ministério baseado em casa: foi um processo completamente orgânico, à medida que os Schaeífers falavam com pessoas reais sobre questões reais. Sem planos mercadológicos de cinco anos, sem lista de metas e objetivos, sem doadores "animados" para grandes ofertas, sem campanha de relações públicas para projetar uma imagem. O ministério cresceu quase totalmente boca a boca, enquanto os Schaeífers oravam para que Deus lhes trouxesse as pessoas que Ele escolhesse.

Muitos dos ex-colegas de Schaeffer achavam que era loucura ele abrir mão de oportunidades de falar nos Estados Unidos para grandes audiências e construir uma megaorganização. Outros ficavam indignados e críticos, acusando-o de desperdiçar seus talentos. Que tipo de ministério é esse em que só *se fala* com as pessoas? Mais tarde, Schaeffer diria em um sermão que se falamos a milhares de pessoas, talvez tenhamos de morrer para isso e falar com uma ou duas pessoas de cada vez. É claro que seus discernimentos não eram abstratos, mas o fruto de sua ousadia em seguir a direção de Deus diante de crítica, por vezes, perversa.

Este ministério inigualável só foi possível porque L'Abri foi um esforço de equipe. Francis e Edith trabalhavam lado a lado, convidando as pessoas para sua casa e se dispondo como pessoas inteiras. Incansavelmente cortês, Edith dava um toque de elegância e beleza a tudo que fazia, sempre servindo as refeições à mesa com velas e flores recém-colhidas. Ela também trabalhava ao lado do marido no ministério evangelístico, ensinando, aconselhando, segurando a mão das pessoas quando sentiam a dependência das drogas ou quando sofriam dores agonizantes sobre o significado da vida. Uma de minhas melhores amigas em L'Abri era uma musicista (nós tocávamos juntas) que fora lésbica, usara drogas e praticara ocultismo. Foi Edith que a levara ao Senhor através de uma sessão tempestuosa de lágrimas e orações.

Quando uma celebridade surge numa cidade para fazer uma conferência e depois desaparece, o público não tem meio de saber se o caráter dessa pessoa condiz ou não com a mensagem. Mas os Schaeífers viviam junto dos estudantes, dando demonstração viva de que a mensagem cristã é genuína sob as mais árduas pressões da vida real. E por isso que o seu ministério ajudou a transformar toda uma geração de jovens. Quando os estudantes iam embora, muitos diziam que a experiência de comunidade cristã genuína foi, no mínimo, tão

importante para sua conversão quanto as respostas intelectuais dadas em conferências e debates.

Em muitos ministérios, há a pressão inexorável de crescimento constante: todos os anos, os números têm de ser maiores, os resultados mais impressivos, de forma que os doadores sejam movidos a preencher outro cheque. Em contrapartida, certa vez estava numa conferência dada por Schaeffer, quando lhe perguntaram o que aconteceria se chegasse o tempo em que não entrasse mais dinheiro. Ele simplesmente respondeu:"Acho que teríamos de diminuir de tamanho."

A sala de conferência em massa irrompeu em aplausos por tamanha despretensão revigorante. Sua mentalidade era que Deus tinha um tempo e um propósito para L'Abri, e quando esse tempo e propósito se cumprissem, sua tarefa findaria.

Como é diferente a atitude impulsionada e voltada ao sucesso que impregna tantos ministérios hoje em dia.Talvez seja por isso que Schaeffer teve de se separar, diz o filósofo John Vander Stelt, ou seja, "teve de 'fugir' para as montanhas da Suíça, para poder invadir as fortalezas de nossa cultura ocidental". Em sua mensagem e métodos, Schaeffer deixou um modelo constrangedor que é até mais pertinente hoje do que foi durante sua vida.

A Verdadeira Espiritualidade

Em recente pesquisa de opinião pública, a agência Zogby/Forbes ASAP perguntou aos entrevistados: Pelo que você mais gostaria de ser conhecido? Por ser inteligente? Por ter boa aparência? Por ter senso de humor? A metade dos entrevistados assinalou uma resposta inesperada: Disseram que gostariam de ter a reputação de "serem autênticos". Em um mundo de informações distorcidas e propaganda enganosa, a geração pós-moderna procura desesperadamente algo verdadeiro e autêntico. Eles não levarão os cristãos a sério, a menos que nossas igrejas e organizações paraeclesiasticas demonstrem um estilo de vida autêntico, que sejam comunidades que exibam o caráter de Deus em suas relações e maneira de viver.

Técnicas publicitárias que meramente transmitem uma imagem podem trazer dinheiro, mas não são o meio de realizar uma obra espiritual genuína."A maneira [da igreja] de falar a verdade não deve estar alinhada com as técnicas publicitárias modernas", escreve Newbigin, "mas tem de ter a modéstia, a sobriedade e o realismo próprios a um discípulo de Jesus." A igreja é chamada para testemunhar do evangelho por demonstração autêntica de amor e unidade.

Nos dias da igreja primitiva, o fato que mais impressionava as pessoas do império romano era a comunidade de amor que a Igreja testemunhava entre os crentes. "Vejam como eles amam uns aos outros", dizia-se. Em todos os tempos, a prova mais convincente a favor do evangelho não são palavras ou argumentos, mas a demonstração viva do caráter de Deus pelo amor dos cristãos uns pelos outros, expresso em palavras e ações. O evangelho não foi feito para ser "uma mensagem sem expressão corporal", escreve Newbigin. Foi feito para ser vivenciado em "uma congregação de homens e mulheres que crêem e vivem pelo evangelho", que mostram em suas relações a beleza do caráter de Deus.

Em certo sentido, este capítulo deveria ter sido o primeiro, porque sua mensagem mostra o trajeto para tudo que foi dito aqui. A realidade espiritual do *rejeitado, morto, ressuscitado* acha-se no cerne de tudo na vida cristã, inclusive no trabalho de desenvolver uma mente cristã. Só quando cooperamos com Deus, morrendo para o pecado e para o eu, é que estamos abertos a receber "a mente de Cristo" (1 Co 2.16). Que Deus nos dê a graça de sermos missionários de cosmovisão, edificando vidas e comunidades que dêem testemunho autêntico da sua existência diante de um mundo que nos observa.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Como a Política Americana se Secularizou

A teoria do contrato social está no âmago do liberalismo político nos XA- Estados Unidos de hoje. No Capítulo 4, analisamos a versão de Rousseau do contrato social, e, nos Capítulos 10 e 11, falamos sobre o tremendo impacto que a teoria causou nos Estados Unidos depois do nascimento desta nação. Examinamos como a visão liberal da sociedade, com o seu individualismo atomístico, foi aceita por muitos evangélicos, e, no Capítulo 12, verificamos como alterou a configuração da família americana. Portanto, é crucial que entendamos esta tradição filosófica mais plenamente.

E a questão mais importante a entender é por que se desenvolveu. A força motriz por trás do surgimento da teoria do contrato social foi a secularização do pensamento político.

No decorrer da Idade Média, houve um cabo-de-guerra constante entre a igreja e o Estado, entre o papa e o imperador, com um ganhando predominância por certo período, seguido pelo outro compensando o equilíbrio. Um ponto decisivo ocorreu depois da Reforma. A divisão na igreja medieval fragmentara a unidade religiosa da cristandade, embora ambos os lados continuassem mantendo uma visão territorial da igreja. Eles simplesmente presumiram que todos que habitassem em certa nação ou região geográfica pertenceriam à mesma religião. Em vista disso, por mais de cem anos, começando em fins do século XVI e continuando ao longo da maior parte do século XVII, a Europa se envolveu em guerras religiosas. Muitas pessoas tiveram de fugir da perseguição em sua pátria, tornando-se refugiados religiosos.

Como um século de guerra religiosa afetou as atitudes das pessoas concernentes à moralidade e política? Quando as pessoas viram que os cristãos *estavam dispostos a derramar sangue por causa de diferenças religiosas,* procuraram outra base para firmar a ordem social. Buscaram um campo de discurso puramente secular e autônomo da religião, que funcionasse como território "neutro" e levasse paz às facções religiosas em guerra Como explica Jeffrey Stout, muitos pensaram que "poderiam conter os efeitos violentos da discordância religiosa apenas criando significados não-religiosos para debater e resolver as questões de importância pública".[2]

Até essa época, as pessoas consideravam o Estado como entidade moral e espiritual, embora fosse institucionalmente independente da igreja. Ordenado por Deus, seu dever era proteger o "bem comum" do corpo constitucional, concebido em termos morais como justiça, misericórdia e retidão (com a definição destes termos derivada, no fim das contas, da revelação divina). Os soberanos se consideravam mediadores ou participantes do governo justo de Deus sobre a nação, o que incluía o dever de proteger a "verdadeira religião" e apoiar a igreja.

Depois da Reforma, as pessoas perguntavam: *Que igreja?* Então, depois de cem anos de guerra entre igrejas conflitantes, muitos responderam que o Estado não deveria ter a função de apoiar *qualquer* igreja. Chegaram até a contestar a função moral do Estado: Considerando que a moralidade é derivada da religião, toda concepção religiosa do "bem comum" que fosse proposta poderia ser desafiada por uma religião rival. Não, uma base puramente secular teria de ser estabelecida.

O primeiro a aceitar o desafio foi Thomas Hobbes. Ele propôs que a base suprema para a ordem política era o medo de morte violenta. O "estado da natureza", como Hobbes o descreveu, era hostil e violento — uma guerra de todos contra todos. A ameaça de morte pairava sobre todas as coisas e (segundo sua frase famosa) a vida é "solitária, pobre, sórdida,

bruta e curta". Cada indivíduo tem o "direito" natural de preservar a própria vida, tomando tudo que precise, mesmo que signifique roubar ou matar. O Estado surge quando os indivíduos decidem que a vida seria mais agradável se abrissem mão de certos direitos, como o de se defender, e transferem esses direitos a uma autoridade civil. Esta transferência de direitos chama-se contrato, e para Hobbes é a base de todas as obrigações morais.

A questão crucial é que os deveres sociais não surgem mais de um "bem comum" para a sociedade civil, constituídos por princípios transcendentes como a justiça. Eles são o produto da escolha individual, quando as pessoas resolvem que é do seu interesse contratar alguns dos seus direitos. Esta é uma forma de naturalismo pré-darwinista, na qual a fundação da sociedade cívica não é o bem maior, mas apenas o desejo biológico do indivíduo à autopreservação.

John Locke apresentou um enredo semelhante, exceto que na sua ótica a fonte suprema da ordem civil é a fome. O direito mais básico é o direito *de* comer, e a ameaça de morte não vem de outras pessoas (como considerava Hobbes), mas da fome. Ao exercer o seu trabalho de achar alimentos, ou de cultivá-los, o indivíduo cria a propriedade privada. E para proteger sua propriedade com mais eficácia, ele entra em um contrato social com os outros. Agora, Locke atribuiu uma função muito mais limitada ao Estado do que Hobbes ou Rousseau, que é a razão de ele se tornar o favorito dos conservadores políticos. No entanto, como os outros teoristas do contrato social, ele não fundamentou a sociedade civil no bem maior. Ele a modelou como criação dos indivíduos, motivada pelo egoísmo culto. O quadro de Locke da sociedade é atomístico, no qual desconsiderar tudo que existe são os indivíduos e suas necessidades ou desejos.

Rousseau, como vimos no Capítulo 4, derivou a sociedade civil do instinto natural de "amor-próprio" *(amour de sof)* ou autopreservação. Para todos os teoristas do contrato social, a base suprema para a ordem política é puramente secular. Eles não fundamentaram a sociedade civil em ideais morais derivados da religião, mas do instinto natural e biológico de autopreservação. A fonte exclusiva da legitimidade política é o consentimento de indivíduos isolados e autônomos.

De modo irônico, a teoria do contrato social pressupõe uma concepção completamente irreal da natureza humana. A criatura atomística que povoa os cenários do estado da natureza se afigura um indivíduo independente, desenvolvido e autônomo por completo."A teoria começa com uma imagem de, digamos, um rapaz de vinte e um anos de idade", comenta o teorista político cristão Paul Marshall. É claro que ninguém entra no mundo assim. Cada um de nós começa a vida como um bebê dependente e indefeso, nascido numa família e numa complexa ordem social, religiosa e civil. Somente pelo amor e sociabilidade exercidos para nós por outros é que nos desenvolvemos em criaturas maduras e independentes. Como comentou Bertrand de Jouvenal, as teorias do contrato social "são as opiniões de homens sem filhos que devem ter se esquecido da infância". A biologia e a história ensinam que os seres humanos são intrinsecamente seres sociais.

Apesar de sua premissa inicial irreal, a teoria do contrato social se tornou a teoria política dominante nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que era força poderosa para a secularização. Como vimos, o que unia as várias versões teóricas do contrato social era a rejeição dos ideais morais transcendentes, para serem substituídos por um desejo biológico de denominador comum mais baixo como fundamento da ordem política As perspectivas religiosas foram marginalizadas, enquanto o Estado assumia como a instituição central na sociedade moderna.

Talvez a maior tragédia seja que muitos evangélicos dos séculos XVIII e XIX não reconheceram o que estava acontecendo. Tendo adotado o conceito da verdade em dois

pavimentos, eles presumiram que a filosofia política fosse uma ciência "do pavimento de baixo" que poderia ser seguida de maneira separada de qualquer perspectiva distintamente cristã. Por conseguinte, muitos evangélicos na ocasião adotaram a filosofia política secular, sobretudo a de John Locke. Seja qual fosse a crença religiosa pessoal de Locke (ponto de infindáveis debates), não há dúvida de que sua teoria política era, em essência, secular, fundamentando a sociedade civil não em bens morais, como justiça e direito, mas no egoísmo individual.

Como foi que os evangélicos não entenderam isso? Segundo explica George Marsden,"a teoria do contrato de governo formulada por Locke era, na prática, suficientemente igual ao conceito puritano de contrato, que ninguém, na era revolucionária, julgou importante criticar sua base teórica em essencial secular". Ao tratar o pavimento de baixo como neutro do ponto de vista filosófico, os cristãos não reconheceram as filosofias estranhas, e, por vezes, até as adotaram sem perceber.

Nos dias hodiernos, este mesmo processo de secularização explica por que a política deixa tantas pessoas desiludidas e espiritualmente insatisfeitas. "O liberalismo de Hobbes e Locke está fundamentado nas metas humanas relativamente 'baixas' de autopreservação e do desejo de riqueza", escreve Stanley Kurtz. Isso que explica "o desencanto crônico no cerne da modernidade". Em seu âmago, os seres humanos são seres morais, e almejamos ver nossos mais sublimes ideais morais expressos em nossa vida conjunta. No fim das contas, a versão secular de vida cívica não satisfaz o desejo humano de as pessoas viverem juntas em comunidades morais, comprometidas com a justiça e a retidão.

APÊNDICE 2

O Islamismo Moderno e o Movimento da Nova Era

Os cristãos por vezes acham fácil pôr de lado o movimento da Nova Era, tachando-o de ornamento fútil que sobrou da contracultura dos anos sessenta. Mas semelhante atitude seria subavaliação perigosa. O âmago do movimento é uma religião panteísta (ver Capítulo 4), derivada de uma tendência religiosa extraordinariamente ampla que surge em quase toda época e cultura — no Ocidente, no Oriente e no Oriente Médio (islamismo). Em conseqüência do 11 de setembro, quando o mundo concentrou a atenção nas culturas islâmicas, os cristãos precisam estar preparados para identificar esta tendência religiosa mais ampla a fim de entender os atuais acontecimentos culturais e políticos.

Começando com o Ocidente, as idéias quase-panteístas de que estamos falando criaram raízes no século III com os gregos antigos. Este era um período em que as religiões asiáticas eram a moda na antiga cultura grega, muito semelhante ao que ocorreu nos Estados Unidos nos anos sessenta. O resultado foi uma escola de pensamento conhecida por neoplatonismo, que fundiu a filosofia de Platão com o panteísmo indiano. *Neo* quer dizer "novo", é claro, pelo que devemos reputá-lo como a forma do mundo antigo do movimento da Nova Era.

O principal porta-voz desta fusão do Oriente e do Ocidente foi Plotino. Ele ensinou que o mundo era uma "emanação" ou radiação do ser, proveniente de um Espírito ou Absoluto não-pessoal — algo como a luz é radiação do sol. O nível mais baixo desta radiação era a matéria; e por estar no ponto mais distante da Bondade Infinita, isso a tornou má. Em outras palavras, ter um corpo físico e material era considerado um tipo de pecado, algo negativo do qual devemos ser salvos. Como? Por práticas ascéticas que suprimem os desejos físicos. A meta era libertar o espírito da "casa-prisão" do corpo para ser reabsorvido pelo Infinito do qual veio.

Estas idéias têm paralelos óbvios com o panteísmo oriental. Alguns hindus de nossos dias reconhecem Plotino como um espírito congênere. Swami Krishnananda escreve: "Plotino, o místico célebre, no que tange aos seus pontos de vista, aproxima-se muito da filosofia Vedanta, e está praticamente em total acordo com os sábios orientais"." Outros estudiosos concordam: um livro de ensaios intitulado *Neo-Platonism and Indian Philosophy* (Neoplatonismo e a Filosofia Indiana) observa a "extraordinária semelhança entre o sistema filosófico de Plotino (205-270 d.C.) e dos vários filósofos hindus em vários séculos". Para ambos, Deus não é um ser pessoal, mas uma essência não-pessoal.

Desde o princípio, o neoplatonismo não só era uma filosofia, mas também uma religião mística. Na realidade, foi feito em parte em oposição ao cristianismo — como arma a ser brandida pelo paganismo antigo em sua batalha polêmica contra o cristianismo. No século IV, o imperador Juliano, o Apóstata, tentou desalojar o cristianismo como a religião oficial do Império Romano substituindo-o pelo neoplatonismo.

É surpreendente que muitos dos cristãos primitivos fossem simpatizantes do neoplatonismo e muito influenciados por ele — notavelmente Clemente de Alexandria, Orígenes e Agostinho. Ao término do século V, esta filosofia semi-oriental foi sintetizada com o cristianismo por um escritor desconhecido chamado Dionísio, o Areopagita, que se fez passar por convertido do século I de Paulo. Depois conhecido por pseudo-Dionísio, ele apresentou uma forma cristianizada de neoplatonismo que ficou bastante influente na Idade Média. Seus escritos foram traduzidos para o latim por João Escoto Erigena em meados do século IX, e desde então o neoplatonismo se tornou o principal canal do pensamento grego

para as eras posteriores. Influenciou grandemente muitos movimentos místicos no Ocidente, incluindo os de Meister Eckhart e Jacob Boehme. Era popular entre os humanistas do Renascimento, como Ficino e Pico delia Mirândola. Até muitos dos primeiros cientistas modernos postularam uma filosofia neoplatônica da natureza, que inspirou grande parte do seu trabalho científico.

Mais tarde, o neoplatonismo se tornou influência importante no movimento romântico do século XIX com seu idealismo filosófico, em que se dizia que a realidade suprema era o Espírito, a Mente ou o Absoluto. No historicismo alemão, o Absoluto recebeu uma flexão evolutiva; dizia-se que evolui por uma série de estágios dos níveis mais baixos do ser a níveis cada vez mais altos. Em princípios do século XX, esta noção foi modernizada no processo do pensamento, no qual o próprio Deus se encaixou no processo evolutivo — uma deidade imanente e quase-panteísta que evolui com o mundo (ver Capítulo 8). Em torno da mesma época, foi lançada uma nova mistura de religião oriental e ocultismo ocidental sob o nome *filosofia perene* — as mesmas idéias que encontrei em minha adolescência quando li o livro *A Filosofia Perene,* de Aldous Huxley (ver Capítulo 4).

O que quero dizer com esta pequena pesquisa histórica é que muito antes de os Beatles se tornarem discípulos de Maharishi, várias formas de pensamento quase-panteísta já eram vertentes proeminentes na tradição cultural ocidental. O movimento da Nova Era se tratava meramente de uma expressão mais recente de uma tendência há muito existente de importar o panteísmo oriental para a cultura ocidental, que começou com Plotino e o neoplatonismo.

E quanto ao Oriente Médio? Muitos de nós não percebemos que, historicamente, os pensadores islâmicos se serviram de fontes gregas antigas de forma tão intensa quanto os pensadores ocidentais, de maneira que o neoplatonismo também se espalhou nas culturas árabes. Durante a Era Dourada do Islamismo nos séculos VII e VIII, os exércitos de Maomé devastara tudo desde a Península Árabe, anexando territórios da Espanha à Pérsia. Com esta ação, poderíamos dizer, eles também anexaram as obras de Platão, Aristóteles, Plotino e outros pensadores gregos. Por conseguinte, o mundo árabe tinha uma rica tradição de comentários sobre os filósofos gregos muito antes que a Europa. Nos cursos universitários de história, aprendemos que o Renascimento foi despertado pela recuperação dos antigos escritos clássicos. Mas raramente aprendemos que foram os filósofos *muçulmanos* que tinham preservado esses documentos e que os reintroduziram no ocidente.

Em conseqüência disso, o neoplatonismo se tornou forte influência no pensamento islâmico. Hoje, os principais filósofos muçulmanos adotam a filosofia perene, com sua fusão do panteísmo ocidental e oriental. Na realidade, os primeiros proponentes desta filosofia, que eram europeus, acabaram se convertendo ao islamismo! Para completar o círculo, a pessoa que lançou a filosofia perene (um francês chamado René Guenon) acreditava que havia um âmago comum que unia todos os três: o neoplatonismo, no Ocidente, o hinduísmo, no Oriente, e o islamismo, no Oriente Médio.

Desde o 11 de setembro, ouvimos repetidas vezes que o islamismo é apenas outra fé abraâmica, algo não muito diferente do cristianismo. Assim, pode ser surpreendente saber que o Deus do islamismo é mais parecido com o Absoluto não-pessoal do neoplatonismo e hinduísmo do que com o Deus da Bíblia.

Porém é verdade. E a razão central é que o islamismo rejeita a Trindade. Sem este conceito, não há como advogar a concepção de um Deus inteiramente pessoal. Por que não? Porque muitos atributos da personalidade só podem ser expressos numa relação — coisas como amor, comunicação, empatia e abnegação.

A doutrina cristã tradicional sustenta a concepção de um Deus pessoal, porque ensina que desde a eternidade estes atributos interpessoais foram expressos entre as três Pessoas da Trindade. Um Deus genuinamente pessoal requer "Pessoas" distintas, porque só isso torna possível a existência de amor e comunicação dentro da deidade em si.

O islamismo nega a Trindade, fato que significa que não há meio de incluir estes atributos relacionais na concepção que fazem de Deus. (Pelo menos, não até que Ele criasse o mundo, mas neste caso Ele seria dependente da criação.) É por isso que é correto dizer, como afirmam certos filósofos islâmicos, que o islamismo é parecido com o neoplatonismo e o hinduísmo.

Esta concepção não-pessoal de Deus também explica por que os muçulmanos expressam sua fé em rituais quase mecânicos: os fiéis muçulmanos recitam o Alcorão repetidamente, em uníssono, palavra por palavra, no original árabe. Eles não oram a Deus como um ser pessoal, derraman-do-lhe o coração como fez Davi, ou debatendo com Ele como fez Jó. Como consta num site muçulmano, "entender [o Alcorão] é inferior" à recitação e ao ritual. Isso só faz sentido se Deus não for um ser pessoal. Como explica o sociólogo Rodney Stark, as religiões com deuses não-pessoais tendem a realçar a precisão no desempenho de rituais e fórmulas sagradas; em contrapartida, as religiões com um Deus altamente pessoal se preocupam menos com tais coisas, pois um Ser pessoal responderá a uma abordagem pessoal feita por súplica improvisada e oração espontânea.

Em nossos esforços em defender o cristianismo, é possível sermos vencidos pelo enorme número de religiões e filosofias apregoadas no cenário público das idéias atualmente. A tarefa fica mais fácil quando percebemos que todas podem ser agrupadas em duas categorias fundamentais: a característica mais crucial se dá entre sistemas que começam com um Deus pessoal e sistemas que começam com uma força ou essência não-pessoal. Tipicamente, usamos o termo *não-pessoal* para nos referir aos "ismos" seculares, como o naturalismo e o materialismo. Mas devemos ter em mente que a mesma categoria também abrange as crenças religiosas — aquelas que começam com uma essência espiritual não-pessoal. E embora o naturalismo seja a moda entre as pessoas bem instruídas, entre as pessoas comuns talvez haja um espiritualismo genérico e vago muito mais difundido.

Todavia, já estava tão difundido há meio século, que C. S. Lewis disse que é freqüente sermos confrontados "não pela *falta* de religião de nossos interlocutores, mas por sua *verdadeira* religião". Com estas palavras, ele se referia às formas diluídas de panteísmo. As pessoas tendem a gostar da idéia de que Deus não é um ser pessoal, mas "uma grande força espiritual que permeia todas as coisas, uma mente comum da qual todos fazemos parte, um concentrado de espiritualidade generalizada para o qual todos podemos afluir". Este conceito é tão universal que Lewis o considerou "a propensão natural da mente humana", "a atitude a que a mente humana passa automaticamente quando fica por conta própria", sem a revelação divina. Se Lewis tiver razão, então o panteísmo sempre vai ressurgir como oponente natural do cristianismo.

Com o decorrer do tempo, é improvável que a secularidade dure. Considerando que a humanidade é naturalmente religiosa, no fim a cultura ocidental se espiritualizará de novo. Tendo cumprido o propósito de minar o cristianismo, a secularidade se extinguira, dando vez a uma espiritualidade panteísta que já está no cerne do pensamento coletivo no Ocidente, no Oriente e no Oriente Médio. E crucial os cristãos aprenderem a analisar estas cosmovisões não-pessoais e panteístas para se proteger e alcançar, pelo evangelismo, os espiritualmente perdidos.

APÊNDICE 3

A Longa Guerra entre o Materialismo e o Cristianismo

Algumas das figuras mais importantes na história americana que os cristãos devem entender são os pragmatistas, pois muito contribuíram para o desenvolvimento das implicações filosóficas do darwinismo (ver Capítulo 8). E um modo de aferir o impacto de suas idéias é situá-las em um contexto histórico maior. Charles Sanders Peirce costumava atribuir suas idéias sobre o acaso ao filósofo Epicuro, comentário que nos manda de volta aos pensadores gregos antigos. Visto pela lente histórica mais ampla, o pragmatismo foi uma fase na longa guerra entre o materialismo e o cristianismo que começou com os gregos antigos.

Praticamente toda posição filosófica concebível pode ser encontrada, em alguma forma, no amanhecer da cultura ocidental entre os filósofos gregos. No Capítulo 2, determinamos o impacto enorme que Platão e Aristóteles causaram no pensamento cristão. Mas também havia outro fluxo de pensamento grego, representado por Epicuro e Demócrito (e mais tarde pelo poeta romano Lucrécio). Eles eram os materialistas dos tempos antigos que ensinaram que o universo se compunha de átomos em movimento, que se combinavam e se recombinavam para formar seres vivos por mero acaso. Como declarou Lucrécio em *On the Nature of the Universe* (Sobre a Natureza do Universo), os seres vivos foram ocasionados pela "congregação e coalescência despropositada de átomos"."

Este linguajar soa estranhamente moderno, muito semelhante ao materialismo de nossos dias. E com exceção da falta do mecanismo darwinista da seleção natural, o materialismo antigo tinha *todos* os mesmos elementos básicos, sobretudo a idéia central de que a matéria é capaz de produzir tudo que vemos pelas colisões casuais de átomos, sem plano ou propósito.

Na realidade, já nos tempos antigos, Epicuro traçara de forma minuciosa uma cosmovisão completa com base no materialismo. Em primeiro lugar, se a matéria é tudo que existe, então devemos ser empíricos: o conhecimento é limitado ao que sabemos pelos sentidos (átomos que impingem nossos órgãos do sentido). Em segundo lugar, a moralidade também deve estar baseada nos sentidos: o bem e o mal são definidos pelas sensações de prazer e dor. O princípio exclusivo da moralidade é que devemos maximizar o prazer e minimizar a dor — em uma palavra hedonismo. Os estudantes que entravam no jardim de Epicuro, onde ele dava aula, eram saudados por uma inscrição no portão que dizia: "Estranho, aqui você fará bem em ficar; aqui nosso bem maior é o prazer". Epicuro não equiparou o termo *hedonismo* com indulgência desenfreada, como fazemos hoje. Ele instava a moderação e até o asceticismo, com base em que a maioria dos prazeres traz por conseqüência a dor (como beber demais). A principal característica de sua moralidade era que não estava baseada em padrão transcendente do bem; mas em nossa preferência natural por certas sensações.

Estas idéias eram tão controversas no mundo antigo quanto são hoje. Depois do período helenístico (em que viveu Epicuro), a filosofia pendeu mais uma vez ao pensamento clássico (Platão e Aristóteles), cujos seguidores se opunham vigorosamente ao materialismo sensual. Eles argumentavam que se o mundo fosse mesmo composto por configurações casuais de átomos, então o conhecimento seria impossível. O fluxo constante de impressões que entram em nossa mente pelos sentidos não seria ordenado em padrão racional, mas seria uma dispersão sem sentido de visões, sons, gostos e texturas. Segundo afirmavam, a razão de podermos saber algo é precisamente que a realidade não é um fluxo casual de átomos,

mas é ordenada em padrão inteligível — o qual eles chamavam formas ou idéias. É esta ordem racional que nossa mente teme. Os seres vivos não são resultado de uma colação casual de átomos; compõem-se de matéria organizada por formas inteligíveis (formas, em latim, é *espécies).* (Recorde o dualismo forma/matéria analisado no Capítulo 2.)

Os filósofos clássicos também argumentavam que esta ordem racional é teleológica, ou seja, dirigida por uma meta ou propósito *(telos,* em grego). Quando uma semente se torna árvore, ou um ovo vira galinha, seu desenvolvimento é um processo dirigido que se desdobra de acordo com um plano ou propósito incorporado na própria semente ou ovo. A meta ou forma final é a árvore ou a galinha em sua forma adulta. (Aristóteles tinha um entendimento criterioso muito claro do que hoje chamamos genética.)

De acordo com o pensamento clássico, o próprio argumento teleológico faz a vez da moralidade. Esta não está baseada nos sentimentos (dor e prazer), como ensinaram os epicureus; mas nas formas transcendentes, como bondade e justiça. Estas são teleológicas no sentido de que expressam o propósito ou ideal para o qual os seres humanos devem estar se desenvolvendo — devemos nos esforçar para sermos cada vez melhor e mais justo.

O mundo intelectual dos tempos antigos era um campo de batalha entre estas filosofias rivais (com várias outras), até que o cristianismo surgiu em cena. Quando os primeiros pensadores cristãos inspecionaram o debate em andamento, eles não tinham dúvida de que lado era o certo: eles se alinharam firmemente com Platão e Aristóteles, enquanto atacavam de modo vigoroso o materialismo epicurista. Epicuro se tornou o bode expiatório favorito entre os primeiros apologistas cristãos.[3] Contra o seu materialismo, eles afirmaram a realidade do reino espiritual, com a aptidão de a mente saber os ideais abstratos fora do mundo empírico — a verdade, a bondade e a beleza. O conceito de formas inteligíveis foi reinterpretado por "idéias na mente de Deus" — os planos ou desígnios que Ele usou para criar o mundo. O resultado foi um tipo de classicismo cristianizado que se tornou a posição filosófica dominante na Europa desde fins da antigüidade até depois da Idade Média, ao passo que o epicurismo foi quase esquecido.

Então, mais de um milênio depois, no amanhecer da revolução científica, ocorreu uma mudança sísmica. Buscando estruturar uma nova filosofia da natureza, alguns dos primeiros cientistas modernos reconsideraram de forma cautelosa o atomismo epicurista. Muitos eram cristãos que romperam com o julgamento negativo pronunciado pelos primeiros apologistas cristãos acerca do epicurismo. De modo otimista, estes pensadores científicos esperavam que o atomismo pudesse ser extraído do seu contexto filosófico materialista e batizado numa cosmovisão cristã. O primeiro a ressuscitar o atomismo epicurista foi o padre Pierre Gassendi, seguido pelo químico devoto Robert Boyle e pelo incomparável Isaac Newton.

Ao ressuscitar o atomismo epicurista na *ciência,* eles escancararam a porta para o materialismo epicurista na *filosofia.* Sem demora, o materialismo escancarou a porta e entrou contaminando tudo. Por fim, com a teoria evolutiva de Charles Darwin, o materialismo dominou o pensamento ocidental. Darwin jogou fora o conceito de formas inteligíveis (relembre que "forma" em latim é *espécies),* argumentando que não há espécies verdadeiras na natureza, mas só um fluxo constantemente inconstante de indivíduos. A razão de *parecer* haver espécies é que a mudança evolutiva é muito lenta, da mesma forma que parece que a terra é plana, porque sua curvatura é muito gradual. É irônico que o livro de Darwin fosse titulado *A Origem das Espécies,* porque o seu propósito era negar a existência real das espécies. Ele considerava as categorias taxonômicas como meros construtos mentais úteis que nós impomos no fluxo da natureza. O mundo orgânico é constituído, no final das contas, de indivíduos em interações casuais constantemente inconstantes. Não é

exagero dizer que o darwinismo representa o triunfo do atomismo epicurista nos tempos modernos.

E se não há espécies ou formas na natureza, então também não há espécies ou formas na moralidade ou metafísica — não há ideal eterno de bondade, verdade ou beleza. Foram os pragmatistas que deram este próximo passo: o que Darwin fez para as espécies, eles fizeram para as idéias. Jogando fora o conceito de formas ou idéias, eles concluíram que tudo que sabemos são o fluxo constantemente inconstante de experiências. Em seu famoso ensaio *The Injluence of Darwin on Philosophy* (A Influência de Darwin na Filosofia), John Dewey disse que temos de abandonar a abordagem grega clássica de explicar as coisas por referência às formas inteligíveis, e substituir tal abordagem por conhecimento que é "genético e experimental". Agora, a explicação é que tudo se originou por processos históricos ("genéticos") que são conhecíveis pela investigação empírica ("experimental").

Por exemplo, em vez de fundamentar a moralidade na natureza humana em sua forma original e ideal (o modo como Deus nos criou no princípio), o pragmatismo explica que a moralidade é algo que surge com o passar do tempo por um processo naturalista: à medida que os seres humanos experimentam os vários comportamentos, aqueles que produzem resultados satisfatórios são gravados na memória. Afinal de contas, de acordo com a evolução, não há natureza humana original e ideal, normativa para todos os tempos e lugares. As práticas morais entram em existência ao longo do curso da história como respostas às pressões ambientais, e só são mantidas se passam no teste da conveniência e resultados pragmáticos.

Justamente por isso, à medida que a evolução avança e as condições mudam, as práticas morais têm de mudar também. O ponto importante não é identificar os princípios normativos duradouros, mas aprender as estratégias para administrar a mudança. Pois se as espécies não são reais, então os limites que definem a natureza humana tornam-se plásticos e maleáveis — e quem pode designar para os seres humanos qualquer estado

Imoral especial? Por que não assumir o controle do curso da evolução humana pela engenharia social? "O homem, como ele é,é obsoleto", anunciou em 1968 Mary Calderone, ex-diretora executiva do Conselho da Educação e Informação da Sexualidade nos Estados Unidos (SIECUS). De acordo com ela, a principal questão que os pedagogos enfrentam é "que tipo [de homem] queremos produzir em seu lugar e como projetar a linha de produção?" Calderone conclamou as escolas a começar a produzir "seres humanos de qualidade por meio de processos tão conscientemente criados quanto as melhores mentes da sociedade puderem projetar".

Estas conclamações feitas à engenharia social são deprimentes. Pior, talvez logo tenhamos a capacidade científica de executar engenharia *genética,* condição que dará poder muito maior nas mãos de tecnocratas ávidos de se encarregar da evolução. "A natureza humana desaparece como conceito do neodarwinismo", explica o embriólogo Brian Goodwin, "e assim a vida se torna um conjunto de peças, mercadorias que podem ser trocadas aqui e ali." Se não há natureza humana normativa, por que não fazer experiências? Por que não trocar os genes aqui e ali e manipular as formas de vida de qualquer maneira que pareça vantajoso?

Ao pesquisarmos o debate sobre o darwinismo até Epicuro, colocamos a teoria em um contexto muito maior. O darwinismo não era algo de todo novo, feito de uma peça inteira. De muitas formas, representava um ressurgimento do antigo epicurismo.Tendo sido terminantemente derrotado pelos primeiros apologistas cristãos, o materialismo epicurista permaneceu dormente por um milênio e meio, e só se levantou para lutar com o cristianismo nos tempos modernos. " Os pragmatistas aplicaram o darwinismo à vida da mente. Assim, o

pragmatismo representa uma fase na longa guerra entre o materialismo e o cristianismo.

APÊNDICE 4

Os Ismos em Retirada: Apologética Prática em L'Abri

Quando cheguei a L'Abri, caminhando com dificuldade pela neve de início de primavera até a minúscula aldeia alpina aconchegada nos Alpes, eu tinha desenvolvido um conjunto diversificado de "ismos" — do determinismo passando ao subjetivismo e indo ao relativismo moral. Mas quando me sentei em uma rodada de estudos e debates, fiquei chocada quando essas convicções ficaram sob ataque cerrado e vigoroso. Rememorando, percebo que o que me persuadiu da verdade do cristianismo foi o método apologético de Schaeffer, que era um hibridismo do realismo do bom senso com o neocalvinismo holandês (ver Capítulo 11).

Como este método se portou na apologética com uma pessoa cética — eu, por exemplo? Em poucas palavras, Schaeffer argumentava que uma das maneiras de testar as declarações de verdade é confrontá-las com o padrão do que já sabemos por experiência direta, ou como ele diria, pela experiência humana universal (o realismo do bom senso). Então, ele se empenharia em mostrar que só o cristianismo nos oferece um relato teórico do que sabemos por experiência *pré-teórica* (o neocalvinismo holandês). Conforme disse um filósofo contemporâneo de ciências, as verdades conhecidas pela experiência são "conclusões em busca de uma premissa". Para dar sentido a essas conclusões, temos de achar uma "premissa" ou cosmovisão sistemática que as explique.

Máquinas Sobreviventes?

Para melhor entendermos esta linha de argumentação, acompanhe-me em alguns exemplos. Como poderíamos responder ao reducionismo e determinismo tão difundidos hoje em dia, sobretudo no campo da ciência cognitiva? Recentemente, um artigo na revista *Nature* recitou a ortodoxia vigente, insistindo que a mente é "uma máquina sobrevivente com escolhas predeterminadas" e que o livre-arbítrio é uma ilusão subjetiva.

"A verdadeira história causai por trás do comportamento humano ' determinística", concorda outro artigo recente. O livre-arbítrio é auto ilusão, porque "somos peritos em nos iludir que somos agentes ideais. \ 1 Confabulamos histórias que mantêm o 'eu' no banco do motorista".[3]

Daniel Dennett, com quem nos encontramos nos capítulos anteriores não vacila em descartar a consciência como ilusão. Ele argumenta que visto que nosso cérebro é nada mais que um computador complicado somos meros robôs; e como qualquer robô, podemos funcionar perfeitamente bem sem uma consciência subjetiva (o que chamamos mente, alma ou consciência). Assim, ele conclui que os seres humanos são em essência zumbis — não são os monstros do cinema, porém "os zumbis do filósofo", criaturas que mostram todos os comportamentos de um ser humano, mas sem consciência.

Quando cheguei a L'Abri, estes eram alguns conceitos que eu tinha adotado. O que mudou minha opinião? O contra-argumento é que o determinismo contradiz os dados da experiência. Todos temos a consciência imediata de estar em situações em que temos de deliberar sobre cursos alternativos de ação, e depois fazer uma escolha. E freqüentemente divertido e ao mesmo tempo agonizante, mas na prática ninguém pode negar a consciência direta de que fazemos escolhas.

"Achamos impossível não acreditar que somos de modo radical livres e responsáveis por nossas escolhas e ações", diz o filósofo Galen Strawson. Na vida comum, somos forçados a acreditar que temos a "responsabilidade última e detentora pelo que fazemos, da

mesma espécie que torna a culpa, o castigo, o elogio e a recompensa verdadeiramente justos e legítimos". Temos testemunho desta convicção na literatura de todas as eras e culturas ao longo da história. Faz parte da experiência humana universal.

Para ser consistente, o determinista é forçado a negar o testemunho da experiência. Mas este não é lance válido no jogo da cosmovisão: a finalidade de oferecer uma cosmovisão é *explicar* os dados da experiência, não *negá-los*. Qualquer coisa menos que isso é tirar o corpo fora. Assim, temos a certeza de que toda filosofia que conduza ao determinismo é simplesmente falsa. Não explica a realidade da natureza humana conforme a experimentamos.

Outro modo de enquadrar o argumento é dizer que ninguém pode viver de maneira constante com base em uma cosmovisão determinística. Na vida cotidiana, somos forçados a agir na suposição de que a liberdade e a escolha são reais, pouco importando no que acreditemos teoricamente. Isto cria um ponto de tensão para o não-crente. "Construímos a con-f yicção da liberdade em nossas experiências; não podemos simplesmente abrir mão disso", disse o filósofo John Searle em uma entrevista. "Se tentamos, não conseguimos viver. Podemos dizer:'Tudo bem, eu acredito no determinismo'; mas quando entramos em um restaurante temos de decidir o que vamos pedir, e isso é livre-arbítrio." Nos seus escritos profissionais, Searle reduz toda a realidade a partículas que se movimentam por forças físicas aleatórias. Mas, quando ele sai do laboratório e age no mundo real, não pode viver com base no que advoga. A experiência lhe fornece uma contradição prática da sua filosofia.

Em contrapartida, o cristianismo é de forma plena consoante com a experiência humana. Oferece uma explicação racionalmente consistente da liberdade humana, colocando-a como aspecto da imagem de Deus. Se a realidade suprema for um Deus pessoal que tem vontade e escolhe, então a pessoa humana não é mais um desajustamento em um mundo determinístico. O cristianismo não só explica a liberdade, mas também as outras dimensões da personalidade humana que derivam da liberdade: a criatividade, a originalidade, a responsabilidade moral e até o amor. A ampla gama da personalidade humana só é explicada pela cosmovisão cristã, porque começa com um Deus pessoal. Não precisamos dar um salto irracional ao pavimento de cima para afirmar os mais altos ideais da natureza humana; eles são inteira e logicamente consistentes com a cosmovisão cristã.

Batendo contra a Realidade

E quanto ao subjetivismo? Durante minha segunda visita a UAbri, tive o privilégio de ficar na casa de Udo e Debby Middelmann. Um dos temas freqüentes de Udo durante as conversas à mesa do jantar era a objetividade da verdade. Segundo Udo, trata-se de uma lição que aprendemos, gostemos ou não, desde o momento em que nascemos. Quando um bebê engatinha até à extremidade do berço e bate a cabeça nas barras de madeira, ele aprende de modo doloroso que a realidade é objetiva. Quando a criança inclina a cadeira de bebê para trás até cair no chão, ela aprende que há uma estrutura objetiva para o universo. A realidade não se submete aos nossos desejos subjetivos — lição dolorosa de aprender até para adultos. Desta forma, rejeitamos com firmeza toda posição filosófica que conduza ao subjetivismo. Por quê? Porque não explica o que a experiência cotidiana nos ensina dia a dia. O subjetivismo está em tensão com os dados da experiência.

O cristianismo, em contrapartida, trata a verdade de forma objetiva e dá explicações: o mundo é a criação de Deus, não de minha mente. A doutrina da criação fornece a base lógica para nossa crença de que existe um mundo objetivo e externo, com estrutura e desígnio inerentes.

O Criador não está calado. Ele fala, dando-nos a revelação divina na Bíblia.Visto que

Deus vê e conhece tudo como verdadeiramente é, o que Ele comunica na sua Palavra é uma base objetiva e confiável para o conhecimento.

Esta é afirmação revolucionária no mundo pós-moderno de hoje, com seu subjetivismo e relativismo influentes. Não estamos trancados na"casa-prisão da linguagem", como os pós-modernistas disseram. Por *linguagem* eles querem dizer os sistemas de convicção que são expressos em linguagem, os quais consideram nada mais que produtos da história e evolução cultural. Em oposição a esta forma radical de historicismo, o cristianismo afirma que temos acesso à verdade (raKi-histórica, porque o próprio Deus falou.

Não É Justo

Se há uma característica prevalecente na cultura moderna, é o relativismo moral. Contudo, este é um dos "ismos" mais fáceis de abater. Por quê? Porque, apesar do que a pessoa diga em que acredita, ninguém confrontado com a crueldade genuína continua sendo um relativista moral.

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando as atrocidades dos campos de concentração nazistas vieram à tona, houve uma crise entre os indivíduos cultos. Imersos no cinismo e relativismo típico de sua classe, pela primeira vez perceberam de modo visceral que o mal é real. Contudo, suas filosofias seculares não lhes deram base para fazer julgamentos morais objetivos e universais, visto que tais filosofias reduziram os julgamentos morais a meras preferências pessoais ou convenções culturais. Assim, eles se acharam presos em contradição prática, o que gerou tremenda tensão interna.

O dilema é que os seres humanos de forma irresistível e inevitável fazem julgamentos morais. No entanto, as cosmovisões não-bíblicas não fornecem base para eles. Quando os não-crentes agem de acordo com a natureza moral intrínseca e pronunciam que algo é certo ou errado de modo verdadeiro, eles estão sendo incoerentes com a filosofia que professam. Desta forma, a condenam por suas ações. "Sempre que você encontrar alguém que diz que não acredita em certo ou errado, no momento seguinte esse indivíduo voltará ao que disse", escreve C. S. Lewis. "Ele pode quebrar a promessa que lhe fez, mas se você quebrar a promessa que fez para ele, num abrir e fechar de olhos ele reclama:'Não é justo'."

"Pelo visto, somos forçados a acreditar em certo e errado", conclui Lewis. "Às vezes, as pessoas se equivocam a esse respeito, da mesma maneira que as pessoas às vezes erram ao fazer contas de somar; mas não é questão de mero gosto e opinião mais do que tabuada." Qual é a base lógica para esta crença inevitável sobre certo e errado? A única base para uma moralidade objetiva é a existência de um Deus santo, cujo caráter fornece o fundamento básico para os padrões morais. O cristianismo explica por que somos criaturas morais, e estabelece a validade de nosso senso moral.

Estas eram algumas questões com que tive de lutar pessoalmente em meus estudos em L'Abri antes de me tornar cristã. A forma de apologética que ali encontrei tratava como critério a experiência humana comum. O propósito de uma *cosmovisão* (ou visão do mundo) é explicar nossa experiência do *mundo.* Qualquer filosofia pode ser julgada quanto ao sucesso dessa explicação. Quando testamos o cristianismo, descobrimos que só ele explica e dá sentido às experiências humanas mais básicas e universais. Esta é a confiança que nos sustenta quando colocamos nossa perspectiva de fé no cenário público, quer no evangelismo pessoal quer em nosso trabalho profissional.